

ANNE JACOBS

A HERANÇA DA VILA DOS TECIDOS





Dear Portuguese readers
I hope, you will enjoy
the third volume of
"A vila dos Tecidos"!
Warm greetings to you all!

Anne Jacobs

ANNE JACOBS

A
HERANÇA
DA
VILA
DOS
TECIDOS

Tradução
Ana Pinto Mendes

 Planeta

A ação e as personagens são fictícias.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou reais
é pura coincidência.

Setembro de 1923

Leo estava com pressa. Na escada, o rapaz, que andava na primeira classe, correu pelo lado e tentou forçar a passagem por entre um grupo de meninas à conversa; mas depois viu-se obrigado a parar, já que alguém lhe agarrou a mochila por trás.

– Tens de respeitar a ordem na fila – disse Willi Abele, maldosamente. – Interesseiros e amiguinhos dos judeus lá para trás.

Era uma acusação dirigida ao seu pai. E também a Walter, o seu melhor e único amigo, que naquele dia estava doente e não se podia defender.

– Larga-me, senão vais pagá-las! – avisou ele.

– Vá lá, orelhas de abano... Vê lá se tens coragem...

Leo tentou libertar-se, mas o outro segurava-o com punho de ferro. À direita e à esquerda, ia sendo acotovelado pela torrente de alunos que descia as escadas em direção ao pátio da escola e que daí se derramava na rua junto ao Portão Vermelho. Leo conseguiu arrastar o seu oponente até ao pátio, até que uma correia da mochila se rompeu. Teve de se voltar rapidamente para a agarrar, caso contrário Willi deitaria mão à sacola com todos os seus livros e cadernos.

– Leo, leão, cheira a caca de cão... – zombou Willi, tentando abrir a fivela da mochila de Leo.

Leo ficou então vermelho de fúria. Já conhecia aquela ladainha, eram sobretudo as crianças dos bairros dos trabalhadores que gostavam de lhe chamar maldades daquelas atrás das costas. Porque se vestia melhor e porque, às vezes, Julius o ia buscar à escola de carro. Willi Abele era mais alto do que

Leo pelo menos uma cabeça e era dois anos mais velho. Mas, naquele momento, isso não tinha importância. Com um forte pontapé no joelho de Willi, pô-lo a gritar, fazendo-o largar a sua presa. Leo teve apenas tempo de pousar no chão a mochila acabada de recuperar e já o outro se lançava sobre ele. Foram os dois ao chão. Golpes e mais golpes jorraram sobre Leo, o tecido do casaco rasgou-se, ouviu o seu oponente a arquejar e lutou obstinadamente contra o adversário mais forte.

– Mas que vem a ser isto? Abele! Melzer! Afastem-se!

Confirmou-se aquela máxima que diz que os primeiros serão os últimos, já que Willi, que estava por cima como lutador superior que era, foi o primeiro a sentir a mão castigadora do professor Urban. Já Leo foi apenas puxado pelo colarinho para se pôr de pé – o nariz a sangrar protegeu-o da devida bofetada. Em silêncio e de rostos crispados, os dois rapazes ouviram a repreensão do professor, mas muito pior era o sorrisinho maldoso e os sussurros dos colegas que haviam formado um círculo de espectadores em torno dos dois galos de luta. Sobretudo as raparigas.

– Aquele levou uma bem dada...

– Quem bate nos mais pequenos é cobarde...

– Bem feito para o Leo, é cá um convencido...

– E o Willi Abele é um grande canalha...

Enquanto isso, o sermão do professor Urban entrava por um ouvido e saía pelo outro. Assim como assim, ele dizia sempre a mesma coisa. Leo teve então de tirar o lenço de assoar e limpar o nariz, constatando que a bainha da manga do casaco se rasgara um pouco. Enquanto limpava o rosto, Leo foi alvo dos olhares piedosos e de admiração das raparigas, o que era absolutamente

embaraçoso. Willi, pelo contrário, afirmou que Melzer se «estava a armar», o que lhe deu direito a uma segunda bofetada do professor Urban. Bem feito.

– E agora estendam as mãos...

Já conheciam o ritual do costume depois de qualquer briga e que não fazia efeito absolutamente nenhum. Ainda assim, assentiram com a cabeça diante das advertências e prometeram que, de imediato, passariam a entender-se. A pátria alemã, que fora tão gravemente abalada, precisava de jovens ponderados e aplicados, não de arruaceiros.

– Já para casa!

Era a ordem de soltura. Leo pendurou a mochila danificada a tiracolo e teria preferido desatar a correr dali para fora, mas não podia de modo nenhum dar a impressão de que estaria a fugir do seu atacante, pelo que avançou a passo lento em direção ao portão da escola. Só então começou a correr. Na Remboldstrasse, parou por breves instantes e, cheio de ódio, olhou para trás, para o grande edifício de tijolo. Porque tinha ele de frequentar a estúpida da escola primária junto ao Portão Vermelho? O pai contara-lhe que ele fora diretamente para o Liceu de Santo Estêvão. Para uma classe preparatória. Havia lá apenas rapazes de boas famílias, que podiam usar gorros coloridos. Também não havia raparigas. Mas a república queria que todas as crianças frequentassem primeiro uma escola primária. A república era uma grande porcaria. Todos diziam mal dela, especialmente a avozinha. Ela dizia sempre que, com o imperador, tudo era muito melhor.

Assoou-se de novo ao lenço e viu que, por sorte, o nariz já não sangrava. Mas tinha de se despachar, estavam já de certeza à sua espera. Correu por ali acima junto a Santo Ulrico e Santa Afra, passando por algumas ruelas até Milchberg, para depois chegar à Maximilianstra...

Estacou no meio da rua como que pregado ao chão. Ouvia-se um piano a tocar. Alguém estava a tocar uma peça que ele conhecia. Os olhos de Leo subiram pelas paredes de reboco cinzento do prédio. A melodia ecoava do segundo andar, havia ali uma janela aberta. Leo não conseguia ver nada, pois estava tapada por uma cortina de tule branco, mas quem quer que estivesse a tocar piano soava magnificamente. Onde já ouvira antes aquela música? Se calhar num concerto do Grémio das Artes a que a mamã o levava tantas vezes? Era tão fenomenal e, ao mesmo tempo, tão triste. E depois uma pessoa era verdadeiramente atravessada por um raio quando os acordes desatavam a correr. Teria passado horas ali parado a ouvir, mas então o pianista parou de tocar para examinar uma passagem com mais atenção. Repetia-a vezes sem conta, o que se tornou aborrecido.

– Lá está ele!

Leo assustou-se. Era inconfundivelmente a voz estridente e penetrante de Henny. Ah, elas tinham vindo ao seu encontro. Na verdade, fora sorte a delas, porque ele poderia ter muito bem seguido por outra rua. De mãos dadas, as meninas corriam agora pelo passeio na sua direção, Dodo com as suas tranças louras a voar, Henny no seu vestido largo cor-de-rosa que a mamã lhe costurara. Na sua mochila baloiçava ainda uma esponja, já que Henny só naquele ano começara a ir à escola e estava a aprender a escrever ainda na ardósia.

– Porque é que estás para aí a olhar para o ar? – quis Dodo saber quando pararam à sua frente quase sem fôlego.

– Estamos há cem anos à tua espera! – exclamou Henny em tom acusador.

– Cem anos? Se assim fosse, estavas morta há muito tempo! – Henny não se deixou vencer pela objeção. Em todo o caso, só ouvia mesmo o que lhe

convinha.

– Da próxima vez vamos sem ti...

Leo encolheu os ombros e olhou cautelosamente de soslaio para Dodo, mas esta não estava ainda disposta a defendê-lo. Todavia, os três sabiam que o único motivo para Leo as ir buscar era porque a avó assim o queria. Era sua opinião que duas meninas de sete anos não podiam andar pela cidade desacompanhadas, muito menos em tempos tão agitados. Leo recebera por isso a incumbência de, no final da escola, se dirigir imediatamente a Santa Ana para trazer a irmã e a prima em segurança até à Vila dos Tecidos.

– Olha-me só para ti! – Dodo reparara agora na manga rasgada. E também no sangue que caíra para o colarinho.

– Então, porquê?

– Andaste outra vez à luta, Leo!

– Uuuii! Isso é sangue? – Henny tocou no seu colarinho com o dedo indicador esticado. Não era possível discernir exatamente se achava os pontinhos vermelhos nojentos ou empolgantes. Leo afastou-lhe a mão.

– Larga isso. Agora temos de ir para casa.

Dodo inspecionou-o ainda ao pormenor, de olhos semicerrados e lábios para a frente.

– Foi outra vez o Abele Willi, não foi? – Ele assentiu, mal-humorado.

– Ah, se eu lá tivesse estado. Começava por lhe puxar os cabelos com força e depois... cuspia-lhe na cara!

Disse-o com um ar muito sério, abanando a cabeça duas vezes. Leo ficou sensibilizado, mas ao mesmo tempo era também embaraçoso. Dodo era sua

irmã, era corajosa e apoiava-o sempre. Mas não deixava de ser apenas uma rapariga.

– Vá, vamos lá então – chamou Henny, para quem a briga há muito perdera o interesse. – Ainda tenho de ir à Merkle.

Era um desvio que já não se podiam dar ao luxo de fazer.

– Hoje não. Estamos atrasados...

– A mamã deu-me dinheiro de propósito para comprar café.

Henny queria sempre mandar em todos. Leo prometera a si mesmo estar sempre muito atento para não voltar a cair na armadilha. Mas não era fácil, já que Henny achava sempre um motivo que soava sensato. Como hoje: comprar café!

– A mamã não vive sem café, foi o que ela disse!

– Queres que cheguemos atrasados ao almoço?

– Queres que a minha mamã morra? – perguntou Henny de volta com indignação.

Conseguira de novo. Viraram para a Karolinenstrasse, onde a senhora Merkle vendia «café, compotas e chá» numa pequena loja. Nem toda a gente podia comprar tais iguarias, Leo sabia que muitos dos seus colegas de escola comiam apenas um prato de caldo de cevada ao almoço; nem sequer traziam merenda para a escola. Tinha muitas vezes pena deles e algumas vezes partilhava o seu pão de enchido de fígado com outros. A maior parte das vezes, com Walter Ginsberg, o seu melhor amigo. A sua mãe também tinha uma loja, lá ao fundo, na Karlstrasse, onde vendia partituras e instrumentos musicais. Mas o negócio não andava bem. O pai de Walter morrera na Rússia, e agora havia a inflação. Porque tudo estava sempre cada vez mais caro e –

como dizia a mamã – o dinheiro já não valia nada. Ontem, a cozinheira, a senhora Brunnenmayer, queixava-se de ter sido obrigada a pagar 30 000 marcos por meio quilo de pão. Leo já sabia contar até mil. Era trinta vezes mil. Ainda bem que, desde a guerra, já praticamente não havia moedas, mas sim notas, caso contrário a senhora Brunnenmayer teria de alugar uma carroça puxada a cavalos.

– Olha ali, a casa de porcelanas Müller fechou – disse Dodo, apontando para as montras com papéis de jornal colados. – A avó vai ficar triste. Ela compra sempre aqui as chávenas de café quando alguma se parte.

Entretanto, já nada disto era de admirar. Muitas lojas em Augsburg estavam fechadas e as que ainda se mantinham abertas exibiam nas montras apenas monos antiquíssimos. Recentemente, o papá dissera ao almoço que os vigaristas retinham as mercadorias boas para esperar por melhores tempos.

– Olha, Dodo. Têm ursinhos...

Leo ficou a olhar com desdém para as raparigas de rosto encostado à montra da pastelaria. Ursinhos peganhentos de goma de frutas verde e vermelha não tinham para ele atrativo nenhum.

– Compra lá o café, Henny – resmungou ele.

– A Merkle está mesmo ali.

Leo hesitou, já que só agora percebera que, junto à pequena loja da senhora Merkle, ficava a loja de sanitários de Hugo Abele. Que pertencia aos pais de Wilhelm Abele. Willi, o canalha. Estaria ele em casa? Leo avançou mais uns passos e espreitou para o outro lado da rua, para a montra da loja de sanitários. Não tinha grande coisa em exposição, havia apenas meia dúzia de tubos e torneiras de água encostados ao vidro da montra. Mais atrás, erguia-se uma sanita de porcelana branco-mate. Protegeu os olhos do sol oblíquo de

setembro e constatou que aquela nobre peça, primeiro, ostentava um símbolo azul de marca e, segundo, já estava bastante cheia de pó.

– Estás com vontade de comprar uma retrete? – perguntou Dodo, que o seguira.

– Naaa.

Também Dodo olhava agora para o outro lado, torcendo o rosto.

– É a loja do pai do Willi Abele, não é?

– Hum...

– O Willi está lá dentro?

– Talvez. Tem sempre de ajudar.

Os irmãos olharam um para o outro. Algo cintilou nos olhos azul-acinzentados de Dodo.

– Eu vou entrar.

– Para quê? – perguntou ele, preocupado.

– Vou perguntar quanto custa a retrete.

Leo abanou a cabeça.

– Nós não precisamos de nenhuma retrete.

Mas Dodo já atravessara a estrada e logo depois ouviu-se a campainha da loja de sanitários a tocar. Dodo desapareceu para lá da porta.

– Que está ela a fazer ali? – quis Henny saber, esfregando à frente do nariz de Leo um saco de papel cheio de moedas de alcaçuz e ursinhos.

Ui, não teria restado lá muito dinheiro para o café. Ele tirou uma moeda de alcaçuz e ficou de olhos postos na loja de sanitários.

– Ela foi saber da retrete...

Henny fitou-o, indignada, mas depois tirou um ursinho verde do saco e enfiou-o na boca.

– Deves achar que sou parva – e fez uma careta, ofendida.

– Pergunta-lhe tu então...

Do outro lado, a porta da loja abriu-se e viu-se Dodo a fazer uma vénia muito cortês e a sair para a rua. Teve de esperar um instante, porque estava a passar uma carroça de cavalos, e depois correu para eles.

– O pai do Willi está na loja. Um homem enorme de bigode grisalho. Olha para as pessoas de uma forma estranha, parece que nos quer comer.

– E o Willi?

Dodo fez um sorriso matreiro. O Willi estava sentado lá atrás e tinha de separar parafusos em caixinhas pequenas. Dodo virou-se brevemente para ele e deitou-lhe uma comprida língua de fora.

– Se calhar ficou furioso. Mas como o paizinho dele estava ali, não pôde dizer nada.

E a retrete custava duzentos milhões de marcos. Preço especial.

– Duzentos marcos? – perguntou Henny. – Isso é muito caro para uma retrete tão feia.

– Duzentos milhões – retificou Dodo. Nenhum dos três sabia contar até tanto.

Henny cerrou as sobrancelhas e pestanejou pensativamente na direção da montra, cuja vidraça refletia agora, reluzente, o sol do meio-dia.

– Eu também vou perguntar...

– Não! Fica mas é aqui... Henny! – Leo quis agarrá-la pelo braço, mas ela esgueirou-se habilmente por entre duas senhoras idosas e Leo ficou a ver navios. Abanando a cabeça, ficou para trás a ver uma Henny de caracóis louros e vestidinho cor-de-rosa a desaparecer pela porta da loja adentro.

– Vocês as duas enlouqueceram? – rosnou ele para Dodo.

Atravessaram a rua de mãos dadas e olharam para dentro da montra da loja. Efetivamente, o pai de Willi tinha um bigode grisalho e tinha mesmo um ar estranho. Teria ele os olhos inflamados? Willi estava sentado lá ao fundo, junto a uma mesa repleta de caixas de cartão grandes e pequenas. Só se lhe viam a cabeça e os ombros.

– Foi a minha mamã que me mandou vir aqui – ouviu-se Henny lá dentro com a sua voz esganiçada, presenteando o senhor Abele com o seu mais belo sorriso.

– E como se chama a tua mamã?

Henny sorriu ainda mais. E ignorou simplesmente a pergunta.

– A minha mamã queria saber quanto custa a retrete...

– A da montra? Trezentos e cinquenta milhões. Queres que te escreva o número?

– Seria muito simpático da sua parte.

Enquanto o senhor Abele procurava um papel, Henny virou-se rapidamente para Willi. Não se conseguiu ver o que ela fez, mas os olhos de Willi saltaram cá para fora como os de um peixe. Com um pedacinho de papel na mão, Henny saiu orgulhosa da loja e achou inacreditável que Dodo e Leo a tivessem estado a observar através da montra.

– Mostra lá! – Dodo tirou o papel da mão de Henny. Estava lá escrito 350 em algarismos e a seguir a palavra «milhões».

– Que aldrabão! Ainda agora eram duzentos milhões! – disse Leo, indignado.

Henny não sabia sequer contar até cem, mas que aquele homem era um vigarista, isso ela compreendera. Mas que patife!

– Eu vou lá dentro! – exclamou Dodo, determinada.

– Deixa estar – avisou Leo.

– Agora é que tem mesmo de ser!

Leo e Henny ficaram do lado de fora da loja e espreitaram pelo vidro. Tiveram de se chegar muito perto e usar as duas mãos para fazer sombra, já que o vidro refletia o sol. Ouvia-se lá dentro a voz enérgica de Dodo, depois a voz muito grave do senhor Abele.

– Mas que queres tu outra vez? – ribombou a voz grave.

– O senhor disse que a retrete custa duzentos milhões.

Ele olhou para ela, embasbacado, e Leo começou a imaginar as rodas dentadas dentro da cabeça do senhor Abele a movimentarem-se com esforço.

– Eu disse o quê?

– O senhor disse: duzentos milhões. Foi isso que disse, não foi?

Ele olhou para Dodo, depois para a porta e, por fim, para a montra, onde estava a sanita branca de porcelana. Nesse momento, descobriu as duas crianças lá fora, de cara colada ao vidro.

– Malditos miúdos! – gritou ele, furioso. – Já daqui para fora. E ainda gozam comigo... Fora, ou quem vos põe a correr sou eu!

– E eu tenho razão! – insistiu Dodo destemidamente. Mas depois apressou-se a dar meia-volta, já que o senhor Abele se havia aproximado ameaçadoramente e até tinha o braço esticado para a agarrar pelas tranças. Mesmo junto à porta da loja, ele quase a teria apanhado se Leo não tivesse aberto a porta para proteger a irmã, colocando-se à sua frente.

– Canalhada, danados – gritou o senhor Abele. – Querem fazer-me de parvo, é isso? Não esperas pela demora, rapazinho.

Leo agachou-se, mas o senhor Abele agarrou-o pela gola do casaco e a bofetada acertou-lhe na nuca.

– Não bata no meu irmão – berrou Dodo. – Senão, cuspo-lhe em cima.

E cuspiu mesmo, mas, mesmo tendo acertado no casaco do senhor Abele, atingiu também a nuca de Leo. Dentro da loja surgira entretanto a mãe de Willi, uma senhora baixinha e magrinha, de cabelo negro, e atrás dela vinha Willi a correr.

– Eles deitaram-me a língua de fora, papá! Esse é o Leo Melzer. Foi por causa dele que hoje levei um tabefe!

Ao ouvir o nome «Melzer», o senhor Abele parou, Leo agitava-se com toda a força porque ele não lhe soltava a gola.

– Melzer? Os Melzers da Vila dos Tecidos? – perguntou o senhor Abele, virando-se para Willi.

– Oh, céus! – exclamou a mulher, levando as mãos à boca. – Não te desgraces, Hugo. Larga o rapaz. Peço-te!

– És um dos Melzers da Vila dos Tecidos? – gritou o dono da loja na direção de Leo. Este assentiu. O senhor Abele soltou-lhe então a gola do casaco.

– Nesse caso, não me leves a mal – murmurou ele. – Engano meu. A sanita custa trezentos milhões. Podes dizer isso ao teu pai.

Leo esfregou a nuca e endireitou o casaco. Dodo olhou para o homem alto com rancor.

– Na sua loja – disse ela majestosamente – é que não vamos de certeza comprar uma sanita. Nem que fosse de ouro. Anda, Leo!

Leo ainda estava muito atordado. Sem contestar, deixou que Dodo lhe pegasse na mão e o conduzisse pela rua fora em direção à Porta de Jakob.

– Se ele contar ao papá... – gaguejou ele.

– Ora essa! – tranquilizou-o Dodo. – Ele também tem medo.

– Mas onde é que está a Henny? – perguntou Leo, parando no caminho.

Foram dar com Henny na loja da senhora Merkle. Com o que restara do dinheiro, lá acabara por conseguir comprar uns cem gramas de café.

– Porque somos tão bons clientes! – disse ela, radiante.

2

Marie levantou os olhos do desenho quando a porta se abriu.

– Paul! Oh, céus, já é meio-dia? Perdi totalmente a noção do tempo!

Ele aproximou-se atrás dela, encostou um beijo no seu cabelo, ao mesmo tempo que pousava os olhos curiosos no seu bloco de desenhos. Ela estava a desenhar vestidos de noite. Muito romântico. Sonhos de seda e tule. E nos tempos que corriam...

– Não deves espreitar-me por cima do ombro – queixou-se ela, tapando a folha de desenho com as duas mãos.

– Mas porque não, meu amor? O que desenhas é lindíssimo. Um pouco... vistoso, talvez.

Ela levantou a cabeça para trás, apoiando-a na nuca, e ele tocou-lhe ternamente na testa com os lábios. Mesmo passados três anos, sentiam que era uma grande e feliz dádiva terem a oportunidade de estar novamente juntos. Por vezes, ela acordava a meio da noite, atormentada pela terrível sensação de que Paul ainda estava na guerra, mas depois aconchegava-se no seu corpo repousado, sentia-lhe a respiração, o seu calor e voltava a adormecer tranquilamente. Ela sabia que ele sentia o mesmo, já que, com frequência, lhe agarrava a mão antes de adormecerem, como se quisesse ter a certeza de a ter sempre a seu lado, mesmo em sonhos.

– São vestidos de baile. Têm o direito de ser vistosos. Queres ver os fatos e as saias que desenhei? Olha... – Marie tirou uma pasta para fora da pilha. Desde que Elisabeth se mudara para a Pomerânia, o seu antigo quarto ficara à disposição de Marie como ateliê de trabalho, onde desenhava as suas criações e também costurava uma ou outra peça de vestuário. Na maioria das

vezes, no entanto, só punha a máquina de costura a trabalhar para fazer remendos e remodelações.

Paul apreciou os desenhos e considerou que eram incrivelmente imaginativos e muito atrevidos. Estava apenas admirado por ser tudo tão comprido e justo. Estaria ela a conceber fatos apenas para senhoras magricelas?

Marie soltou um risinho. Já estava habituada aos gracejos de Paul sobre o seu trabalho, mas sabia que, na verdade, ele estava orgulhoso dela.

– A nova mulher, meu querido, é delgada, usa o cabelo curto, o peito é uma tábua e as ancas são estreitas. Maquilha-se de forma extravagante e fuma com boquilha.

– Pavoroso! – suspirou ele. – Espero que nunca te tornes num exemplo dessa moda, Marie. Já é suficiente ver a Kitty a andar por aí com cabelo à rapaz.

– Oh, o cabelo curto de certeza que me ficaria bem.

– Por favor, não...

Ele disse-o num tom tão suplicante que ela quase teve vontade de rir. Não, ela mantinha o cabelo comprido e apanhava-o durante o dia. À noite, contudo, quando iam para a cama juntos, Marie punha-se diante do espelho para soltar o penteado, enquanto Paul ficava a assistir. É verdade que o seu amado era antiquado nalgumas coisas.

– Os miúdos ainda não chegaram? – perguntou então Marie. Olhou para o relógio de pêndulo na parede. Uma das poucas coisas que Elisabeth deixara para trás: ela levava os restantes móveis, à exceção do sofá e de dois pequenos tapetes.

– Nem os miúdos, nem a Kitty – declarou Paul em tom de acusação. – Lá em baixo, na sala de jantar, a mamã já está sentada à mesa, sozinha e abandonada.

– Oh, pobrezinha!

Marie fechou a pasta e levantou-se depressa. Nos últimos tempos, Alicia, a mãe de Paul, andava amiúde adoentada e queixava-se frequentemente de que ninguém tinha tempo para ela. Nem sequer as crianças, que preferiam andar a correr no jardim com a miudagem de Auguste, ninguém cuidava da sua educação. As meninas, em particular, haviam-se já tornado totalmente umas «selvagens». No seu tempo, contratava-se uma precetora para manter as meninas em casa, lhes ensinar coisas úteis e cuidar do desenvolvimento do seu bom carácter.

– Espera um momento, Marie!

Paul barrou-lhe o caminho até à porta, exibindo um sorriso manhoso, como quem tem em mente uma brincadeira de garoto. Ela não conseguiu evitar rir-se. Oh, como adorava nele aquele jogo de mímica!

– Queria comunicar-te uma coisa, minha querida – disse ele. – Só aqui entre nós, sem espectadores.

– Ah, sim? Só entre nós? Um segredo?

– Não é um segredo, Marie. Mas é uma surpresa. Algo que já desejas há muito tempo...

Oh, Deus do céu, pensou ela. Que ando eu a desejar? Na verdade, sou totalmente feliz. Tenho tudo de que preciso. Sobretudo, tenho-o a ele. Paul. E as crianças. Sim, tivemos a esperança de poder ter um terceiro filho, mas isso há de seguramente acontecer mais cedo ou mais tarde...

Ele olhou-a, cheio de expectativa, e ficou um nadinha decepcionado quando ela se limitou a encolher os ombros.

– Não adivinhas? Ouve com atenção. Uma dica: agulha.

– Agulha. Coser. Linha. Dedal...

– Frio – exclamou ele. – Muito frio. Montra.

Marie até achava aquele jogo divertido, mas, ao mesmo tempo, estava muito inquieta, porque a mãe estava à espera lá em baixo. Além do mais, ouviam-se agora as vozes das crianças.

– Montra. Preços de venda. Pãezinhos. Salsichas...

– Por amor de Deus! – lançou ele a rir. – Agora estás mesmo no caminho errado. Dou-te mais uma ajuda: ateliê.

Ateliê! Agora, sim, ela compreendeu. Oh, céus, seria possível?

– Um ateliê? – sussurrou ela. – Um... ateliê de moda?

Ele assentiu com a cabeça e puxou-a contra si.

– É isso mesmo, meu amor. Um pequeno ateliê de moda a sério só para ti. Em cima da porta, «Moda de Senhora da Marie». Sei muito bem o quanto sonhaste com isto.

Ele tinha razão, aquele fora o seu maior sonho. Mas com todas as mudanças que o regresso de Paul da guerra implicara, quase se esquecera. Ficara feliz e aliviada quando pôde entregar a responsabilidade pela fábrica para se dedicar inteiramente à família e a Paul. Certo, no início continuara a participar nas reuniões da empresa, era inevitável, para pôr Paul a par das circunstâncias. Mas depois Paul demonstrara-lhe, terna, mas muito claramente, que os destinos da fábrica de tecidos Melzer ficariam agora de novo nas suas mãos e nas do seu sócio, Ernst von Klippstein. Era o devido e correto, tanto mais que

o tempo escasseava e era preciso tomar decisões importantes. Paul fizera-o com uma capacidade de antevisão inteligente – o pai teria ficado orgulhoso dele. Todos os equipamentos foram renovados, todas as máquinas de fiar automáticas foram substituídas por teares contínuos de anéis, construídos segundo os planos do pai de Marie. Com o restante capital que Von Klippstein injetara na fábrica, Paul adquirira algumas propriedades e duas casas na Karolinenstrasse.

– Mas como é que, de repente, isso é possível?

– A casa de porcelanas Müller fechou. – Paul suspirou, os dois idosos faziam-lhe pena.

Por outro lado, Marie sabia que o fecho não fora uma surpresa. Já há anos que o negócio praticamente não vendia e agora a inflação galopante fizera o resto.

– E que vai acontecer com os dois?

Paul levantou os braços e deixou-os cair de novo, resignado. Ele deixaria o casal continuar a viver no andar de cima. Mas iam passar dificuldades, já que o valor dado pela casa iria ser rapidamente engolido pela inflação.

– Damos-lhes de vez em quando uma mão, Marie. Mas os espaços da loja e os quartos do primeiro andar vão pertencer-te ti. É aí que vais concretizar todos os teus sonhos.

Ela ficou tão comovida que mal conseguia falar. Ah, era uma prova tão clara do amor que ele tinha por ela. Contudo, ao mesmo tempo, sentia um peso na consciência por o seu futuro profissional se construir à custa da infelicidade do casal de idosos. Mas depois voltou a pensar que ela iria tomar conta dos dois e que, se calhar, fora uma sorte para os dois idosos, uma sorte que muitos outros em situação semelhante não haviam tido.

– Mas não estás contente? – Ele agarrou-a pelos ombros e olhou para a expressão dela ligeiramente desapontado.

Oh, ele já tinha obrigação de a conhecer. Ela não era pessoa para deitar cá para fora os seus sentimentos assim tão rapidamente.

– Claro que sim – disse ela a sorrir, encostando-se a ele. – Preciso apenas de algum tempo... Ainda mal consigo acreditar. É mesmo verdade?

– Juro por Deus.

Ele fez menção de a beijar, mas nesse instante a porta abriu-se de par em par e eles afastaram-se, como se tivessem sido apanhados a cometer um pecado.

– Mamã! – exclamou Dodo num tom acusador. – Que estão a fazer aqui? A avó está muito irritada e o Julius disse que não consegue manter a sopa quente durante mais tempo!

Leo lançou um breve olhar na direção dos pais e desapareceu na casa de banho. Henny, em contrapartida, puxou uma das tranças de Dodo.

– Mas que parva – sussurrou. – Eles queriam beijar-se.

– Não tens nada que ver com isso – atacou-a Dodo. – Porque, afinal de contas, são os *meus* pais!

Marie agarrou na filha e na sobrinha pelos ombros e empurrou-as pelo corredor fora na direção da casa de banho. Ouviu-se o gongo com que Julius chamava insistentemente para a refeição.

Kitty saiu do quarto e queixou-se alto e bom som que naquela casa não se podia fazer trabalho criativo durante cinco minutos que fossem sem se ser incomodado por aquele ridículo «bim, bam, bum».

– Hennyzinha, mostra-me as mãos! Estão pegajosas. Mas que coisas são estas? Ursinhos? Vai já a correr para a casa de banho lavar os dedos... Onde se meteu a Else? Porque não está a tratar das crianças? Oh, Paulinho, estás radiante de felicidade. Dá-me um abraço, irmãozinho.

Marie deixou Paul e Kitty seguirem à frente e foi rapidamente com Henny e Dodo à casa de banho, onde Leo estava de semblante sério diante do espelho a limpar a cara com um pano. O olhar acostumado da mãe reparou logo que ele tinha enfiado o colarinho da camisa para dentro.

– Deixa-me ver, Leo. Ah. Vai a correr trocar de camisa. Depressa. Henny, não é preciso salpicar a casa de banho toda. Dodo, essa é a minha toalha, está outra ali pendurada.

Ainda há pouco estava a pensar na elegante cauda de um vestido de noite de seda preta e agora já estava de novo a assumir plenamente o seu papel de mãe. Leo voltara a andar à bulha! Não queria abordar o assunto à frente de Dodo e Henny, e também à mesa não se deveria falar nisso. Mas haveria de ter uma conversa sozinha com ele. Ela sabia, por experiência da sua infância no orfanato, como as crianças podiam ser más e cruéis umas com as outras. Ela própria se sentira na altura completamente sozinha. Isso não deveria nunca acontecer com os seus filhos.

Quando entraram na sala de jantar, Paul e Kitty já estavam sentados nos seus lugares. Paul conseguira dispersar o mau humor da mãe. Não era preciso muito, um pequeno gracejo, uma observação terna, Alicia derretia-se toda sempre que o filho lhe dava atenção. Antigamente, Kitty tinha o mesmo efeito no pai, fora a sua filha preferida, a menina dos seus olhos, a sua princesazinha, mas há já quatro anos que Johann Melzer não estava com eles. Volta e meia, Marie tinha a sensação de que aquele desmedido amor de pai e a

sua transigência haviam preparado mal Kitty para a vida. Gostava muito de Kitty, mas a cunhada seria sempre uma princesa mimada e caprichosa.

– Dêmos graças – disse Alicia cerimoniosamente, ao que todos pousaram devidamente as mãos sobre o colo. Apenas Kitty levantou os olhos para o teto com ornamentos de estuque, o que Marie não achou particularmente sensato, considerando a presença das crianças.

– Senhor, agradecemos os dons que hoje aqui recebemos, que tomemos com alegria esta nossa refeição e que não esqueçamos os mais pobres. Ámen.

– Ámen! – repetiu a família em coro, ouvindo-se a voz de Paul a ressoar bem alto.

– Bom apetite, meus queridos...

– Para ti também, mamã...

Antigamente, quando Johann Melzer ainda era vivo, não havia este ritual diário à refeição, mas agora Alicia fazia questão de fazer uma oração à mesa. Alegadamente devido às crianças, que precisavam de uma sólida disciplina, mas Marie sabia tão bem quanto Kitty e Paul que era antes de mais o facto de ser algo que Alicia conhecia da sua infância e que agora, como viúva, lhe trazia consolo. Vestia-se de preto desde a morte do marido, perdera completamente a alegria de usar roupa bonita, joias e cores garridas. Por sorte, à exceção das habituais crises de enxaquecas, parecia estar de boa saúde, mas Marie tomara a decisão de prestar atenção à sogra.

Julius apareceu com a terrina da sopa, pousou a iguaria na mesa e começou a servir. Era há três anos o lacaio da Vila dos Tecidos, mas nunca conseguira alcançar o apreço que os patrões e o pessoal antes nutriam por Humbert. Estivera anteriormente empregado numa casa nobre de Munique e olhava

para os empregados da Vila dos Tecidos de cima, com uma certa arrogância, o que lhe angariava poucas simpatias.

– Outra vez cevadinha? E ainda por cima com cenouras... – resmungou Henny.

Enfrentou os olhares reprovadores da avó e do tio Paul com um sorriso inocente, mas quando Kitty franziu a testa, mergulhou a colher na sopa e começou a comer.

– Estava só a dizer – murmurou. – Porque as cenouras são sempre tão... tão... macias.

Marie percebeu que ela queria na verdade dizer «espapaçadas», mas que, à cautela, se conteve. Por muito generosa e irrefletida que Kitty fosse como mãe, quando se enchia de energia até Hennyzinha era suficientemente sensata para saber que era melhor obedecer. Leo enfiou a cevadinha na boca às colheradas e parecia estar perdido em pensamentos, Dodo olhava para ele constantemente, como se lhe quisesse dizer alguma coisa, mas calou-se e mastigou circunspectamente um pedacinho de toucinho fumado que encontrara a nadar na sua sopa.

– Porque é que o Klippi já não vem almoçar connosco, Paulinho? – indagou Kitty, quando Julius levantou os pratos. – Já não gosta de estar connosco?

Ernst von Klippstein era há alguns anos o sócio de Paul na empresa. Os dois homens, que já se conheciam há muito, entendiam-se bem. Paul tratava dos assuntos comerciais, enquanto Ernst von Klippstein havia assumido a administração e os assuntos do pessoal. Marie nunca contara a Paul que, quando estivera gravemente ferido no hospital da Vila dos Tecidos, Von Klippstein lhe fizera inequívocas declarações de amor. Tudo isso perdera

entretanto importância e teria apenas perturbado a bonita harmonia que reinava entre os dois homens.

– Eu e o Ernst combinámos que ele fica na fábrica enquanto eu venho almoçar. Ele depois come num instante, à tarde. É melhor assim para o fluxo do trabalho.

Marie não disse nada, Kitty abanou a cabeça e fez notar que o pobre Klippi estava cada vez mais magro, que o Paulinho devia ter cuidado para que um dia o sócio não fosse levado pelo vento. Alicia, pelo contrário, via como uma afronta pessoal o facto de o senhor Von Klippstein não vir pelo menos petiscar qualquer coisa na Vila dos Tecidos.

– Ora, é um homem adulto e é ele quem decide como gerir a sua vida, mamã – disse Paul a sorrir. – Na verdade não falamos sobre isso, mas acho que o Ernst está a ponderar voltar a constituir família.

– Oh, a sério! – exclamou Kitty, empolgada. Estava claramente com dificuldades em ter tento na língua enquanto Julius servia o prato principal. *Schupfnudel*¹ com chucrute, o prato absolutamente preferido de todas as crianças. Também Paul olhou para o prato muito satisfeito e observou que a senhora Brunnenmayer era a mestra da preparação de chucrute.

– Se me permite um reparo, senhor Melzer – observou Julius, inspirando profundamente pelo nariz, como era seu hábito. – Fui eu quem ralou sozinho o chucrute. A senhora Brunnenmayer pô-lo então nas panelas...

– Damos-lhe o devido valor, Julius – disse Marie a sorrir.

– Muito obrigado, senhora Melzer!

Julius ganhara especial afeto por Marie, talvez porque ela se esforçava sempre, e com sucesso, por mediar os conflitos inflamados entre os

empregados. Alicia entregava-lhe de bom grado essa tarefa, era para ela cansativo lidar com esse tipo de coisa. Antigamente, era a querida Eleonore Schmalzler, a antiga governanta, quem garantia a colaboração sem atritos entre o pessoal, mas a menina Schmalzler aposentara-se, como merecido, e vivia agora na sua terra natal, na Pomerânia. Alicia e a sua antiga funcionária trocavam cartas regularmente, sobre cujo conteúdo dava muito pouco conta à família.

– Estou prestes a rebentar – disse Dodo, enfiando o último bolinho de massa na boca.

– E eu já rebentei – superou-a Henny. – Mas não importa. Mamã, posso comer mais *schupfnudel*?

Kitty não deixou. Henny deveria primeiro acabar de comer o bocadinho de chucrute que ainda restava no prato.

– Mas eu não gosto. Só gosto dos bolinhos.

Kitty abanou a cabeça e suspirou, perguntando-se aonde aquela criança tinha ido buscar aquela tendência para a picuinice. E ela era realmente muito rigorosa com Henny.

– Sem dúvida – confirmou Marie com brandura. – Pelo menos... com frequência.

– Credo, Marie! Eu não sou uma mãe desnaturada. Ela lá vai tendo uma ou outra liberdade. Sobretudo à noite, quando não consegue dormir, deixo-a andar por aí até se cansar. Ou com os doces, aí também demonstro alguma generosidade. Mas à mesa, sim, sou muito exigente com ela.

– Isso é verdade – confirmou Alicia. – É aliás o único domínio em que tu te comportas como uma mãe sensata, Kitty.

– Mamã – disse Paul em tom pacificador, agarrando rapidamente na mão de Kitty, pois ela fazia já menção de se revoltar. – Não vamos discutir outra vez esse assunto. Logo hoje, não. Por favor!

– Logo hoje? – espantou-se Kitty. – Porquê logo hoje, não, Paulinho? É um dia especial? Escapou-me alguma coisa? Será que é o vosso aniversário de casamento, teu e da Marie? Oh, não, isso é em maio.

– É o início de uma nova era empresarial, meus queridos... – disse Paul solenemente e sorriu para Marie.

Não agradava a Marie que Paul quisesse anunciar o seu projeto conjunto daquela forma a toda a família, mas compreendia que o fazia por amor a ela, por isso devolveu-lhe o sorriso.

– Estamos prestes a criar um ateliê de moda, meus queridos – disse Paul, olhando, satisfeito, para os rostos espantados.

– Não! – guinchou Kitty. – A Marie vai ter um ateliê. Estou a endoidecer de entusiasmo. Oh, Marie, Mariezinha do meu coração, já é mais do que merecido. Das tuas mãos vão nascer criações maravilhosas de tecido e toda a gente em Augsburg vai usar os teus modelos...

Saltara espontaneamente da cadeira para se atirar ao pescoço de Marie. Oh, Kitty era assim! Tão espontânea, tão efusiva na sua alegria, nunca tinha papas na língua, tudo o que pensava e sentia borbulhava-lhe assim cá para fora. Marie saboreou o abraço, sorriu com o seu empolgamento e ficou muito comovida quando Kitty até derramou lágrimas de alegria.

– Oh, eu vou pintar todas as paredes do teu ateliê, Marie. Vai parecer a antiga Roma. Ou preferes jovens gregos? Sabes, como nos Jogos Olímpicos, quando competiam uns com os outros sem roupa...

– Não me parece que isso seja adequado, Kitty – observou Paul, franzindo a testa. – De resto, agrada-me a tua ideia, irmãzinha. Devíamos pensar em ter pinturas em pelo menos algumas das paredes, não é, Marie?

Marie aquiesceu. Deus do céu, ainda mal vira o espaço, apenas a loja atafalhada de estantes no piso térreo dos Müllers, nem sequer conhecia as salas do primeiro andar. Estava tudo a andar depressa demais. Agora quase sentia receio daquela grande empreitada que Paul lhe punha tão descontraidamente nas mãos. E se as suas criações não fossem apreciadas? E se passasse os dias completamente sozinha no ateliê e não pusesse os olhos num só cliente?

Entretanto, as crianças também tinham uma palavra a dizer.

– O que é um ateliê, mamã? – quis saber Leo.

– Vais ganhar muito dinheiro, mamã? – perguntou Dodo.

– Queres ficar com o meu chucrute, tio Paul? – aproveitou Henny a situação.

– Com prazer, minha pestinha. Dá cá!

Enquanto Paul explicava que já contratara pessoas para esvaziar o espaço e que pretendia em breve passar com Marie no Finkbeiner para escolher as cores das paredes e os tapetes, Henny comia satisfeita o resto dos *schupfnudel* diretamente da taça. Cinco bolinhos. Mas já se viu em grandes dificuldades com a sobremesa, que era uma dose de creme de baunilha com uma colher de compota de cereja.

– Agora estou maldisposta – gemeu ela, quando a avó deu a indicação de que se podiam levantar da mesa.

– Quem diria – rosnou Leo. – Tu empanturras-te até ficares maldisposta, enquanto há crianças que nem sequer têm almoço.

– E depois? – retorquiu Henny, encolhendo os ombros.

– Acabámos de rezar para não nos esquecermos dos pobres, não foi? – apoiou Dodo o irmão.

Henny olhou para eles de olhos muito arregalados. Parecia ingénua e um nadinha desamparada, mas na realidade averiguava se estava em condições de manter a posição de vantagem. Aprendera muito cedo que os gémeos cerravam sempre fileiras, mesmo contra ela.

– Mas eu estive o tempo todo a pensar nas crianças pobres e comi por elas um ou dois *schupfnudel*.

Paul achou graça à resposta, e também Kitty sorriu, apenas Alicia franziu a testa.

– Acho que o Leo não anda longe da verdade – disse Marie baixinho, mas com convicção. – Podíamos poupar muito nas despesas com a comida. Também não temos de comer sobremesa todos os dias.

– Oh, Marie! – exclamou Kitty, enfiando o braço no dela com um ar petulante. – És uma criatura muito querida, provavelmente não te importarias de passar fome e dar a tua sobremesa aos pobres. Receio apenas que não haverá um só que fique saciado com isso. Anda, minha querida, quero mostrar-te como estou já a imaginar as pinturas nas paredes. Paulinho? Quando podemos fazer a primeira visita ao local? Já hoje? Não? Então quando?

– Daqui a uns dias, Kitty... És mesmo impaciente, irmãzinha!

Marie seguiu Kitty para o corredor, onde Else já estava a postos. A tarefa de Else era tratar das crianças depois da refeição, já que tinham de fazer os trabalhos da escola. Depois tinham algumas horas para brincar, as visitas de colegas da escola tinham de ser previamente anunciadas e aprovadas pelas mães.

– Eu gostava de visitar o Walter, mamã – pediu Leo. – Está doente e não foi à escola.

Marie parou no corredor e olhou para a sala de jantar, que ainda tinha a porta aberta. Paul iria já em seguida para a fábrica, mas para já ainda estava a conversar com Alicia. Ia ter de decidir sozinha.

– Mas só por pouco tempo, Leo. Quando acabares os trabalhos de casa, a Hanna acompanha-te.

– Não posso ir sozinho?

Marie abanou a cabeça. Sabia que Paul e Alicia não aprovariam esta decisão, estavam ambos pouco agradados com a amizade de Leo com Walter Ginsberg. Não por os Ginsbergs serem judeus, pelo menos nesse aspeto Paul não tinha preconceitos. Mas os dois rapazes estavam ligados por uma enorme paixão pela música e Paul temia – uma ideia disparatada, na opinião de Marie – que o filho pudesse ter ideias de se tornar músico.

– Anda lá, Marie. Só uns minutinhos... Depois tenho de ir logo falar com a querida Ertmute, por causa da minha exposição no Grémio das Artes. Julius? O carro está pronto? Vou precisar dele já.

– Muito bem, minha senhora. Permite-me que leve eu o carro?

– Obrigada, Julius. Eu própria vou a conduzir.

Marie subiu as escadas atrás de Kitty, até ao seu quarto, que ela transformara num ateliê de pintura. Além disso, tomara posse do antigo quarto de dormir do pai, algo que Alicia só autorizara depois de grande hesitação. Mas era evidente que a pobre Kitty não podia dormir no meio de todos aqueles quadros semiacabados, a inalar os vapores tóxicos das tintas a noite toda.

– Olha só, eu podia também pintar-te uma paisagem inglesa. Ou vê este: Moscovo com neve. Não? Muito bem. Mas Paris, é isso mesmo. Notre-Dame e as pontes sobre o Sena, a Torre Eiffel... Hum, não, essa coisa é na verdade demasiado feia.

Marie ficou algum tempo a ouvir as aberrações que nasciam da fantasia transbordante de Kitty, mas depois disse que eram todas ideias fantásticas, mas que seria preciso refletir e que, na verdade, a intenção era apresentar as suas roupas, por isso o pano de fundo não podia ser demasiado dominante.

– Tens toda a razão... E que tal se eu te desenhasse um céu estrelado? E nas paredes uma paisagem no nevoeiro, muito misteriosa, em tons de pastel.

– Vamos primeiro ver o espaço, Kitty.

– Pronto, está bem... De qualquer modo, agora tenho de me ir embora. Encurtaste-me a saia azul? Sim? Oh, Marie, és um amor. A minha Marie de ouro.

Beijinho, abraço, e Marie foi liberta da terna atenção da cunhada, vendo-se novamente parada no corredor. Pôs-se à escuta lá para baixo – Paul ainda estava na sala de jantar, conseguia ouvi-lo a falar. Que bom, acompanhá-lo-ia no vestíbulo até à porta da rua e aí dir-lhe-ia que ele lhe tinha dado uma enorme alegria. Antes, ele ficara um pouco desapontado porque ela não

saltara imediatamente de alegria, não queria que ele levasse essa impressão para o trabalho.

Acenou amavelmente na direção de Julius, que corria para as escadas de serviço para ir tirar da garagem o carro para a senhora, mas depois, quando estava prestes a empurrar a porta da sala de jantar, parou.

– Não, mamã, não partilho das tuas reservas – ouviu a voz de Paul. – A Marie tem toda a minha confiança.

– Meu querido Paul. Sabes muito bem que eu também dou valor à Marie, mas, infelizmente, e ela não tem culpa disso, ela não foi educada como uma jovem do nosso estatuto social.

– Acho que essa observação não prima pelo bom gosto, mamã!

– Por favor, Paul. Só estou a dizer isto porque me preocupo com a tua felicidade. Enquanto estiveste na guerra, a Marie fez grandes coisas por todos nós. Isso tem de ser dito. Mas é precisamente por isso que tenho receio de que este ateliê de moda a possa levar por um caminho errado. A Marie é ambiciosa, tem talento e... Por favor, não te esqueças quem era a mãe dela.

– Agora já basta! Peço desculpa, mamã, mas ouvi as tuas reservas, não concordo com elas e não quero continuar a discutir o assunto. Além do mais, precisam de mim na fábrica.

Marie ouviu-lhe os passos e fez uma coisa de que se envergonhou muito, mas que naquele momento foi a melhor solução. Abriu silenciosamente a porta do escritório e desapareceu lá para dentro. Nem Paul nem Alicia deveriam saber que ela escutara a conversa.

¹ Bolinho de massa tradicional no Sul da Alemanha. (*N. da T.*)

3

– ... Para a menina Fanny... Uma salva de palmas! Parabéns! Muitas felicidades!

O coro rejubilante cantou a uma só voz, destacando-se especialmente a tonitruante voz grave de Gustav e o timbre de soprano antiquado de Else, mas ainda assim Fanny Brunnenmayer estava comovida. Afinal de contas, o canto dos amigos vinha do fundo dos seus corações.

– Obrigada, obrigada...

– E felicidades no amor... e muitos filhos...! – continuou Gustav a gritar, imperturbável, até que uma palmada nas costas da sua Auguste o fez calar. Ele olhou em volta com um sorriso malandro e ficou contente por ter conseguido fazer rir pelo menos Else e Julius.

– A tarefa dos filhos deixo a vocês os dois, Gustav! – considerou Fanny, a cozinheira, olhando para Auguste, que estava de novo em estado de graça. Mas o quarto filho seria definitivamente o último. Já era suficientemente difícil dar comida às outras três bocas esfomeadas.

– Homessa, basta-me pendurar as calças em cima da cama e a minha Auguste já fica grávida.

– E quem é que quer saber isso? – queixou-se Else, corando.

Fanny Brunnenmayer ignorou o falatório desbragado e fez sinal a Hanna para que servisse o café. Naquela noite, a comprida mesa da cozinha estava festivamente ornamentada com sécias coloridas e tagetes cor de laranja. Hanna dera o seu melhor e até envolvera o lugar à mesa da senhora Brunnenmayer com uma coroa feita de folhas de carvalho. Sessenta anos, era a idade que fazia a aniversariante naquele dia, uma bonita idade, que de modo

nenhum a cozinheira dava a entender quando se olhava para ela. Apenas o cabelo firmemente apanhado num carrapito, que antes fora cinzento-escuro, se tingira de branco nos últimos anos, ao passo que o rosto se mantinha rosado, redondo e liso como nunca.

Foram distribuídas na mesa travessas com sanduíches e, mais tarde, haveria uma valente tarte de natas com cerejas cristalizadas, uma especialidade da senhora Brunnenmayer. Todas aquelas delícias haviam sido oferecidas pelos patrões, para que Fanny Brunnenmayer pudesse festejar condignamente o seu dia. De manhã houvera já um pequeno beberete lá em cima, no salão vermelho, para o qual todos os empregados haviam sido convidados. A senhora Alicia Melzer fizera então um discurso em honra de Fanny Brunnenmayer, agradecera-lhe trinta e quatro anos de leais serviços prestados e disse que ela era uma «admirável mestra» da sua arte. Para a ocasião, a cozinheira pusera o seu vestido preto de festa e colocara uma pregadeira que recebera dez anos antes de presente dos patrões. Vestida daquela forma pouco usual e com todas as honras e presentes, ela sentira-se muito desconfortável e ficou contente quando se viu novamente na cozinha com a roupa do dia a dia e o avental. Não, as salas dos patrões não eram para ela, estava sempre receosa de poder derrubar alguma jarra ou – o que seria ainda pior – tropeçar num dos tapetes e ficar estendida ao comprido. Ali em baixo, todavia, na zona de serviço, era onde se sentia em casa, ali ela era a rainha incontestada da despensa, da adega e da cozinha e tinha intenção de o continuar a ser ainda durante muitos anos.

– Avancem, meus queridos. Aproveitem enquanto há! – exclamou ela a sorrir, pegando para si num dos saborosos pães de enchido de fígado que Hanna e Else haviam recheado com pepinos de conserva cortados às rodelas.

Não foi preciso dizer duas vezes. Durante os minutos que se seguiram, além do silvo da chaleira no fogão, na cozinha só aqui e ali se ouvia sorver baixinho quando um dos presentes tomava um pequeno gole de café quente.

– Este enchido de fígado da Pomerânia... é poesia! – considerou o laçao Julius, limpando a boca com o guardanapo para depois se servir de um segundo pedaço.

– A salsicha fumada também não está nada mal... – suspirou Hanna. – Que sorte a nossa a senhora Von Hagemann nos mandar sempre aqueles gordos embrulhos com comida. – Else assentiu, pensativa, mastigava apenas no lado esquerdo, já que, no direito, andava há dias com dor de dentes. Mas não queria para já ir ao dentista, tinha medo de morte de que lhe tirassem um dente e tinha esperança de que as dores, mais cedo ou mais tarde, desaparecessem sozinhas.

– Mas será que está feliz, lá na Pomerânia, entre vacas e porcos – refletiu Else em tom de dúvida. – Afinal de contas, a Elisabeth von Hagemann é uma Melzer de berço e cresceu aqui em Augsburg.

– Porque não haveria a Lisa de estar feliz? – perguntou Hanna, encolhendo os ombros. – Tem lá tudo de que precisa.

– Lá isso tem – disse Auguste maldosamente. – O marido e também o amante. Tem muito com que passar o tempo...

Sob um olhar irado da cozinheira, Auguste baixou a cabeça e estendeu a mão para tirar o último pedacinho de enchido de fígado. O laçao, Julius, que era apreciador de histórias maliciosas, pestanejou na direção de Hanna, mas esta fingiu não notar. Julius já tentara por várias vezes fazê-la perder a compostura com observações dúbias, mas ela, prudentemente, não caíra na armadilha.

– E como anda a jardinagem, Gustav? – desviou a senhora Brunnenmayer o tema da conversa. – Há muito trabalho?

Dois anos antes, Gustav Bliefert tornara-se independente, criando o seu próprio horto. Fora mesmo a tempo: antes de a inflação devorar completamente as economias de Auguste, o casal adquirira um prado não muito longe da Vila dos Tecidos, construía um telheiro e instalara estufins. Paul Melzer permitira que a pequena família continuasse a residir na casa do jardineiro, já que, numa primeira fase, os rendimentos não chegavam para pagar uma renda de casa. Na primavera, Gustav fizera negócios francamente bons com rebentos de vegetais, já que também agora uma grande parte da população de Augsburg vivia dos produtos dos próprios jardins. Até lá na cidade as pessoas aproveitavam qualquer pedaço de terreno para plantar cenouras, aipo ou meia dúzia de repolhos.

– Tem andado muito calmo – disse Gustav, taciturno. – Só coroas de flores para funerais e grinaldas para as romarias da igreja...

Julius fez notar, de lábios espetados para a frente, que um horto precisa de uma boa gestão, sendo por isso presenteado com um olhar zangado de Gustav. Evidentemente, todos sabiam, Gustav não era um manga de alpaca. E também Auguste, que fora antes criada de quarto na Vila dos Tecidos, nunca aprendera a registar receitas e despesas com precisão e sem erros. Contudo, na verdade, era Auguste quem garantia que havia sempre dinheiro em casa, já que, três vezes por semana, trabalhava meio dia na Vila dos Tecidos. Não era fácil para ela, já que tinha de tratar de todas as tarefas que ficavam por fazer, ou seja, também aquelas que não pertenciam às funções de uma criada de quarto, como ir buscar lenha para o fogão ou esfregar o chão. Como a criança

deveria vir ao mundo em dezembro, podia já contar com um rendimento mais magro por altura do Natal.

– É uma miséria – disse ela, desanimada. – Hoje em dia, o pão custa trinta mil marcos, amanhã já são cem mil e sabe Deus o que vai custar nas próximas semanas. Quem é que vai comprar flores? E, depois, estamos a precisar de vidros para novos estufins. O melhor seria mesmo uma estufa grande a sério. Mas onde vamos nós buscar o dinheiro? Poupar é impossível nos tempos que correm. O que ganhamos hoje amanhã já não vale nada.

Fanny Brunnenmayer assentiu com compreensão e empurrou na direção de Gustav a travessa com os petiscos. O pobre tipo tinha fome. Auguste, pelo menos, tinha acesso à Vila dos Tecidos, por vezes podia ainda levar consigo um jarro de leite ou a cozinheira oferecia-lhe um frasco de conserva. Para Liesl e os dois garotos. Mas Gustav controlava-se, dava tudo às crianças, deixando-se ficar com fome.

Auguste percebera a boa intenção da senhora Brunnenmayer, mas não apreciava ver o marido a ser alimentado como um pobre diabo. Ainda poucos anos antes, Auguste proclamara alto e bom som que se acabara o tempo das criadas de quarto e das camareiras, que em breve deixaria de haver empregados de casa, e por isso Gustav ia despedir-se da Vila dos Tecidos e abrir o seu próprio negócio. Infelizmente, comprovara-se entretanto que era sempre bom estar empregado na Vila dos Tecidos. Ali todos tinham o seu rendimento e viviam sem preocupações de maior em relação ao futuro.

– Homessa, há pessoas que perderam tudo – disse Auguste, esforçando-se por esquecer as suas preocupações falando do sofrimento dos outros. – Em Augsburgo há lojas a fechar umas atrás das outras. Na MAN, despediram também trabalhadores, o Exército já não precisa de armas. E depois as

fundações, até as mais devotas. O dinheiro que tinham no banco esfumou-se... Não ouviram dizer que o orfanato também está falido?

Não, aquela era uma novidade e gerou grande agitação.

– O Orfanato das Sete Mártires? – indagou Fanny Brunnenmayer, apreensiva. – Têm de fechar? E então para onde hão de ir os coitadinhos?

Auguste serviu-se do café que restava na cafeteira e enriqueceu a bebida com uma boa dose de natas.

– Não é assim tão mau, senhora Brunnenmayer. As freiras de Santa Ana vão continuar a gerir o estabelecimento. As piás irmãs fazem-no por serviço a Deus. Mas a Maria Jordan, essa, não tardará a ver-se na rua, já que deixou de haver dinheiro para lhe pagar o salário.

Maria Jordan estivera anos antes empregada como camareira na Vila dos Tecidos, mas abandonara a sua função e, em circunstâncias felizes, ficara com a administração do Orfanato das Sete Mártires. Mas tudo isso estava prestes a acabar. Maria Jordan nem sempre caíra nas boas graças de Fanny Brunnenmayer, a antiga camareira irritava-a frequentemente, sobretudo por deitar cartas e pelo falso teatro com os alegados sonhos que tinha. Mas não deixava de ter pena dela. Maria Jordan não tivera uma vida fácil, o que se devia em parte à sua personalidade difícil, mas, por outro, também a diversas ocasiões menos felizes de que não tinha culpa nenhuma. Mas era uma lutadora e também desta vez se haveria de desenvencilhar.

– De certeza que em breve nos fará uma visita – maldisse Else, que nunca suportara Maria Jordan. – E pelo caminho também podemos dar uma vista de olhos no futuro, seguramente vai trazer as cartas com ela...

Julius riu-se com desdém. Não acreditava nada nessas charlatanices, como lhes chamava. Era apenas um método muito esperto de ficar com o dinheiro

de gente estúpida e crédula.

– Mas ela até diz a verdade – disse Hanna baixinho. – Disso não há dúvida. A questão é saber se a deveríamos saber, a verdade. Se não seria melhor não a conhecer...

– A verdade? – Julius voltou-se para ela com um ar condescendente. – Não estás porventura a querer dizer que esta vigarista terá sequer vagamente uma ideia de como será o futuro, pois não? Ela só diz às pessoas aquilo que elas querem ouvir e fica-lhes com o dinheiro.

Hanna abanou a cabeça, mas já não respondeu. A cozinheira sabia muito bem a que se referia ela. Na altura, Maria Jordan previra o jovem amante de cabelo escuro de Hanna e também que ele lhe traria muitos problemas. Ambas as previsões estavam certas, mas o que queria isso dizer?

– A Maria Jordan diz a mais pura das verdades – exclamou Auguste a rir-se. – Todos aqui sabem isso. Não é, Else?

Irritada, Else cerrou a mandíbula sobre o molar dorido e encolheu-se.

– Ficas sempre toda contente quando podes falar mal dos outros, não é? – atacou ela Auguste.

Todos naquela mesa sabiam que Maria Jordan já por três vezes previra um grande amor para Else. Contudo, até agora, ninguém pusera ainda olhos em cima de um príncipe encantado à altura e as hipóteses de tal acontecer não tinham propriamente melhorado com a desgraçada guerra. Os homens jovens e saudáveis eram coisa rara naquele país.

– O grande amor! – atirou Julius, erguendo desdenhosamente as sobrancelhas. – E o que é isso, na verdade? Primeiro, querem morrer um pelo outro e, depois, não conseguem viver um com o outro.

– Jesus, senhor Kronberger! – bradou Auguste, olhando em volta com um ar de troça. – Mas que palavras tão bem ditas.

– O barão Von Schnitzler, o meu antigo patrão, costumava dizer isto – retorquiu Julius, esforçando-se por não deixar transparecer a sua irritação. – Além do mais, cara Auguste, dou-te permissão para, por uma questão de simplicidade, me tratares por «Julius».

– Olhem-me este... – disse Gustav a ecoar baixinho o seu ciúme. O lacaio já angariara a reputação de ser um mulherengo persistente, ainda que pouco felizardo.

– Esta permissão não se aplica naturalmente a si, senhor Bliefert. Afinal, já não trabalha na Vila dos Tecidos!

Gustav ficou todo vermelho, já que Julius pusera novamente o dedo em mais uma ferida. Era evidente que ele lamentava ter-se despedido do emprego com tanta ligeireza. O avô, que falecera um ano antes, até o avisara. «Toda a minha vida os Melzers cuidaram bem de nós, Gustav», dissera o idoso. «Não sejas soberbo e mantém-te aquilo que és.» Mas ele dera ouvidos a Auguste e agora estava num grande aperto.

– De qualquer modo, só os amigos é que trato pelo nome – rosnou ele com hostilidade. – E o senhor não é um deles, senhor Kronberger!

– Agora basta! – exclamou Fanny Brunnenmayer, batendo com o punho na mesa da cozinha. – Hoje faço anos e aqui ninguém discute. Caso contrário, como sozinha a minha tarte de natas!

Também Hanna observou que era uma vergonha, que no dia de aniversário da senhora Brunnenmayer podiam bem dispensar uma luta de galos. Enquanto o dizia, no entanto, não olhava para Gustav, mas apenas para o lacaio, Julius.

– Tens razão, Hanna – disse Else com uma expressão chorosa. Agarrava a bochecha direita, já que a dor simplesmente não esmorecia. – Se a nossa boa menina Schmalzler ainda estivesse connosco, estas conversas entre empregados nem sequer chegavam a começar.

Gustav rosnou algo incompreensível, mas depois acalmou-se depressa, já que Auguste lhe afagou suavemente as costas.

Julius empinou o nariz e fungou algumas vezes. Que não tinha sido essa a sua intenção e que não era culpa dele que algumas pessoas fossem hipersensíveis.

– Quando vos ouço a dizer essas coisas, é de acreditar que a menina Schmalzler de que falam tinha poderes mágicos, não? – Julius assumira um tom irónico, já que o irritava estar sempre a ouvir falar de tal lendária senhora.

– A menina Schmalzler sabia lidar com cada um de nós à sua maneira – disse Fanny Brunnenmayer com a determinação que lhe era tão própria. – Era uma pessoa que inspirava respeito. Mas no bom sentido, percebes?

Julius estendeu-se para agarrar na sua chávena de café e levou-a à boca, reparando então que estava vazia, pelo que a pousou de novo na mesa.

– Evidentemente – disse ele, com uma amabilidade forçada. – Uma grande e velha senhora. Compreendo. Que goze ainda por muitos anos a sua merecida aposentação.

– É o que todos desejamos – disse Hanna. – A senhora está sempre a receber cartas dela. Acho que a menina Schmalzler pensa muito em nós aqui na Vila dos Tecidos. Há pouco tempo, a senhora pôs-lhe também fotografias no envelope. Dos netos.

Auguste, que nunca fora grande amiga da governanta, observou que a menina Schmalzler, afinal de contas, tinha ido embora porque o quis. Se agora tinha saudades da Vila dos Tecidos, então era bem feito.

– E já que estamos a falar nisso... também recebeu correio há pouco tempo, senhora Brunnenmayer. De Berlim. E, ou muito me engano, também lá vinham fotografias.

A cozinheira sabia muito bem aonde Auguste queria chegar. Mas não tinha vontade nenhuma de mostrar as fotografias de Humbert ali na cozinha, pois sobretudo Julius não o teria compreendido. Humbert representava papéis femininos num cabaré de Berlim. E, ao que parecia, com grande êxito.

Fanny Brunnenmayer conhecia uma técnica excelente para tirar de cima da mesa aquele tema tão desagradável.

– Hanna, traz a faca grande e a espátula de tarte. Else! Pratos limpos. E garfos de bolo. Hoje comemos como gente fina. Julius, coloque por favor em cima da mesa o jarro com água, para eu mergulhar a faca quando estiver a cortar a tarte.

Diante daquela fofa e branca maravilha de natas, artisticamente decorada com placas de chocolate e a inscrição «A Aniversariante», o ambiente mudou logo. Todas as sensibilidades e irritações ficaram esquecidas. Julius acendeu o seu isqueiro – um presente do seu antigo patrão – e acendeu as seis velas vermelhas que Hanna espetara na tarte. Uma por cada decénio.

– Uma obra-prima, querida senhora Brunnenmayer!

– Excedeu-se a si mesma, querida Brunnenmayer!

– Mas que pena termos de a comer!

Fanny Brunnenmayer contemplou, satisfeita, a sua obra, que resplandecia festivamente sob a luz das velas ardentes.

– Agora tem de soprar! – exclamou Hanna. – Num só fôlego, senão traz azar!

Todos se inclinaram para a frente para observar Fanny Brunnenmayer nesta importante operação. A cozinheira soprou com tanto fervor que mais parecia que era preciso apagar, não seis, mas sim todas as sessenta velas, e recebeu a devida ovação. Depois sacou da faca e entrou em ação.

– Hanna, querida, passa-me os pratos!

– Tem conhaque *Bisquit* – sussurrou Auguste. – E cerejas cristalizadas. Com ginjinha. Sentes o cheiro, Gustav? E uma grossa camada de compota...

Fez-se um silêncio arrebatado. Hanna trouxe a cafeteira de reserva que fora mantida quente no fogão. Todos se sentaram diante da sua fatia de tarte e entregaram-se àquele doce deleite. Normalmente, só os patrões tinham direito a uma tarte daquela categoria, e mesmo eles apenas em grandes ocasiões ou em dias de festa. Quem tivesse sorte, talvez conseguisse comer um restinho que tivesse ficado num prato ou lambia em segredo a espátula de servir a tarte.

– Estou completamente bêbeda com a ginjinha. – Hanna soltou um risinho.

– Mas que bonito – expressou-se Julius com um sorriso malicioso. Else não pôde apreciar em pleno, já que o maldito do dente não tolerava doces. Mas não se fez rogada quando a cozinheira colocou uma segunda fatia em cada um dos pratos. No prato da tarte restavam agora apenas as seis velas meio ardidas. Else trataria mais tarde de as remover e colocar de volta na caixa. Nunca se sabia se a companhia de gás poderia voltar a entrar em greve, obrigando-os a ficar às escuras.

– Já passa das dez – disse Auguste, raspando os restos do prato. – Temos de ir para lá, a Liesl até dá bem conta dos rapazes, mas não gosta de ficar muito tempo sozinha.

Gustav bebeu o seu copo até ao fim e levantou-se para ir buscar o seu casaco e a capa de Auguste. Ficara frio. Lá fora, no jardim, o vento varria a chuva fininha de um lado para o outro e soprava as primeiras folhas de outono para cima dos caminhos.

– Esperem! – ordenou a cozinheira. – Arranjei umas coisinhas para vocês. Podes devolver o cesto amanhã cedo, Auguste.

– Que Deus lhe pague, senhora Brunnenmayer – disse Gustav, envergonhado. – E muito obrigado também pelo convite!

Ele tinha alguma dificuldade em caminhar, mas só porque estivera sentado algum tempo. De resto – é o que dizia constantemente –, dava-se lindamente com a prótese do pé e também já não tinha dores na cicatriz. O pé esquerdo ficara em Verdun. Mas ainda tivera sorte, já que tantos camaradas lá haviam deixado o corpo e a vida.

Também Else se despediu, precisava de dormir, tinha de se levantar cedo no dia seguinte para aquecer o fogão da sala de jantar.

Hanna e Julius permaneceram ainda algum tempo sentados à mesa. Conversaram sobre o pequeno Leo, que Hanna acompanhara no dia anterior até casa do amigo Walter Ginsberg.

– Ele tocou piano quando lá estava – disse Hanna, com um suspiro profundo. – A senhora Ginsberg dá-lhe aulas e, oh, o rapaz é tão musical. Toca tão bem. Nunca tinha ouvido coisa assim.

– O patrão sabe? – perguntou Julius inquisidoramente.

Hanna encolheu os ombros.

– Eu cá não lhe vou dizer se ele não perguntar.

– Estou para ver se isso não vai dar problemas...

Fanny Brunnenmayer teve de apoiar a cabeça na mão, sentindo-se subitamente tão cansada. Não era de admirar. Fora um dia longo e cansativo, sobretudo toda a animação quando teve a honra de entrar no salão vermelho lá em cima e ouvir tantas palavras elogiosas sobre si.

– Eu queria ainda dizer-lhe uma coisa...

– Não dá para dizer amanhã, Hannazinha? Neste momento estou morta de cansaço.

Hanna hesitou, mas quando levantou os olhos na sua direção, a senhora Brunnenmayer percebeu que a rapariga estava a precisar de desabafar algo importante.

– Vá, desembucha!

Julius bocejou e levou elegantemente a mão à boca.

– Estarás a pensar casar-te? – gracejou ele. Hanna abanou a cabeça e fixou indecisamente os olhos no seu prato vazio. Mas depois recompôs-se e inspirou fundo.

– Passa-se o seguinte: a senhora quer que eu trabalhe no ateliê dela como costureira... A inauguração deve ser ainda antes do Natal.

De rompante, a senhora Brunnenmayer estava novamente desperta. Hanna fora sempre a protegida de Marie Melzer. E agora queria fazer dela uma costureira. Contudo, a verdade é que Hanna não sabia costurar de todo. Mas quando a senhora Melzer metia uma coisa na cabeça, não havia volta a dar-lhe.

– Mas que ideia! – exclamou Julius, abanando a cabeça. – E quem é que vai então ajudar na cozinha?

Restava apenas Auguste. E essa em breve daria à luz.

– É chegada uma nova era – resmungou Fanny Brunnenmayer. – Já não há mais empregados, Julius. Vão ter de ser os patrões a descascar batatas.

4

Kitty enfiou a carta na bolsinha de mão – lê-la-ia mais tarde. Ultimamente, Gérard escrevia sempre o mesmo: estava muito ocupado com a fábrica de sedas, a mãe estava doente e o pai era uma pessoa difícil. Daí a semanas, a irmã ia ser mãe pela segunda vez. Que bom para ela. E ainda as habituais juras de amor, que pensava dia e noite na sua encantadora «Cathérine» e que estava determinado a pedir a sua mão no ano que vem.

Mas isso já ele anunciara no ano passado. Não – a grande paixão que em tempos haviam sentido um pelo outro já murchara entretanto muito, Kitty já não contava com Gérard Duchamps.

Na verdade, apreciava a vida livre que agora levava. Ninguém lhe dizia o que fazer, nem marido, nem pai, no máximo o irmão Paul ia tentando interferir aqui e ali. Ou também a mãe. Mas ela não ligava importância nenhuma – e fazia o que bem queria. E estava firmemente decidida a ajudar também a sua cunhada do coração Marie a alcançar uma maior independência. Na sua opinião, Marie transformara-se numa amorfa dona de casa desde que Paul voltara a tomar as rédeas da fábrica. É claro que todos ficaram contentes e felizes por o querido Paulinho ter regressado saudável e – com exceção de um problema parvo no ombro – sem ferimentos daquela guerra horrível. Mas isso não era motivo para a sua querida cunhada Marie não pôr a uso todo o seu talento. Antes, quando a própria Kitty estava absolutamente arrasada depois de receber a notícia de que Alfons tombara na guerra e, em desespero, já não queria continuar a viver, Marie chamara energicamente a atenção de Kitty para o talento que tinha.

– Um tal talento que nos é assim concedido é uma obrigação a que não nos podemos esquivar – dissera-lhe Marie na altura.

E exatamente o mesmo se aplicava a Marie. Era filha de uma pintora, desenhava coisas lindíssimas, mas sobretudo criava roupa incrivelmente bonita. Elegante, extravagante, atrevida ou muito simples – muitas vezes, perguntavam a Kitty onde mandava fazer a sua roupa.

– A nossa Marie é uma artista, Paul! Não podes fechá-la permanentemente dentro da Vila dos Tecidos. Vai ficar toda encarquilhada como um passarinho doente.

De início, Paul resistira, considerando que Marie estava absolutamente feliz no seu papel de mãe e esposa. Mas Kitty não deixara de insistir e – oh, que surpresa – agora os seus esforços haviam dado frutos. Ah, ela tinha a certeza de que ia resultar. Marie ia ter o seu próprio ateliê! O seu Paulinho era um marido tão sensacional, quase sentia pena de não poder ela mesma casar com ele.

Entretanto, a casa da Karolinenstrasse estava num estado bastante desolador. Logo depois do pequeno-almoço, Kitty convencera Marie a ir à cidade com ela para fazerem uma «inspeção ao local» e ela considerara que era uma ótima ideia. Quando viu as vidraças baças das montras e a porta corroída da loja, arrependeu-se da sua decisão precipitada e tentou salvar o que ainda era possível salvar.

– Mas que casa tão bonita – exclamou ela, pegando em Marie pelo braço. – Olha, até tem três andares, se contarmos com o sótão. E estas cumeeirazinhas sob o céu azul, não são tão queridas? É claro que vai ser preciso ampliar as duas montras. E a porta da loja, ali no meio, também devia ter um painel de vidro. E em cima vamos pôr então, em letras douradas: «Ateliê de Moda da Marie.»

Marie parecia de longe muito menos horrorizada do que Kitty temera. Ria-se baixinho das palavras empolgadas da cunhada e disse então que havia muito que fazer, mas que estava confiante de que poderiam abrir ainda antes do Natal.

– Evidentemente... pelo menos isso. O melhor seria no início de dezembro. Para que os teus modelos possam aparecer no monte dos presentes de Natal.

Ela sabia tão bem quanto Marie que seria muito difícil. Se a inflação continuasse como estava, os montes de presentes de Natal seriam bastante reduzidos. Todavia, elas estavam bem. Henny falava de colegas que mal tinham uma refeição quente e que usavam apenas roupa remendada. Depois dessa conversa, Kitty acondicionara a roupa que Henny já não usava e dera instruções a Hanna para que a levasse às freiras de Santa Ana, que depois a distribuiriam pelas famílias necessitadas.

– Vamos entrar – disse Marie, a quem Paul entregara a chave.

– Mas tem cuidado. De certeza que está sujíssimo.

Tinha razão. A antiga loja de porcelanas estava com péssimo aspeto. Atingiu-as um cheiro bafiento a cola, cartão e cera de chão envelhecida. Quando Marie quis ligar a luz elétrica, o candeeiro do teto continuou apagado.

– Oh, Jesus – disse Marie, olhando em volta. – Primeiro vamos ter de arrumar tudo isto.

Kitty passou o dedo sobre uma das velhas mesas e desenhou as palavras «Ateliê de Moda da Marie» na camada de pó. Soltou um risinho.

– Bah! Isto é tudo lenha para a fogueira, Marie. Olha só, esta coisa toda a abanar... Mas aquela sala ali atrás, essa, devia ser integrada na loja. Há ali

mais compartimentos?

Marie abriu uma porta, via-se uma escrivaninha gasta, cadeiras, lúgubres estantes de parede onde ainda estavam guardadas pastas de documentos e caixas de cartão.

– Também tinham um escritório. Olha: está ali uma tomada de telefone. Mas que prático, vais precisar dela, Marie... Ui, aqui no teto são teias de aranha. De certeza que já ali estão há anos. Será que há aqui ratos?

– Provavelmente.

Kitty mordeu os lábios. Por que raio estava ela a dizer tais disparates? Ratos! É claro que havia ali ratos, mas não era preciso chamar a atenção de Marie para isso!

– É muito maior do que eu pensava – gritou Marie, que entretanto descobrira outras salas.

Mesmo lá atrás, nas traseiras da casa, havia até um jardim de inverno, uma estrutura absolutamente encantadora de traves de ferro floreadas e vidro. Infelizmente, o revestimento já se estava a esboroar em vários pontos, duas vidraças haviam escorregado para fora da armação e jaziam no chão, estilhaçadas.

– Vai ter de ser feita aqui alguma coisa e rápido – disse Marie. – Seria realmente uma pena deixar que esta bonita construção se deteriore.

Kitty usou um pedaço de papel para limpar e desenhar uma abertura redonda no painel de vidro opaco de sujidade e espreitou. O minúsculo jardim do outro lado estava completamente selvagem.

– Mas que grande selva, se calhar o Gustav devia...

Kitty suspendeu as palavras, pois ouviu passos.

As duas mulheres olharam uma para a outra, apreensivas.

– Não fechaste a porta quando entrámos, Marie? – perguntou Kitty num sussurro.

– Não pensei nisso...

Ficaram imóveis, à escuta, os corações a bater. Os passos aproximaram-se, depois o visitante indesejado espirrou e parou para se assoar.

– Senhora Melzer? Marie? Está aí atrás? Sou eu...

– Klippi! – gritou Kitty em tom de censura. – Assustou-nos de morte. Já estávamos a pensar que andava por aqui um terrível assassino.

Ernst von Klippstein pareceu verdadeiramente assustado e disse que não fora sua intenção gerar tal efeito.

– Passei por acaso aqui em frente e vi as duas senhoras a entrar no edifício. Pensei que talvez vos pudesse ser útil.

Fez acompanhar estas palavras de uma curta vénia que ainda tinha o seu quê de militar. Apesar de já viver em Augsburg há alguns anos, em muitos dos seus comportamentos Ernst von Klippstein continuava a ser um oficial prussiano.

– Bom – refletiu Marie a sorrir. – Já que aqui está, podia acompanhar-nos até ao piso de cima. Mas tenho de o avisar: assim que vislumbrar uma aranha, a Kitty desmaia num ápice.

– Eu? – exclamou Kitty, indignada. – Mas que disparate, Marie. Não tenho medo nem de aranhas nem de abelhões, vespas ou formigas. Nem sequer de mosquitos. No máximo, de ratos. Mas só quando passam a correr...

Ernst von Klippstein garantiu que, caso alguma das duas senhoras desmaiasse, ele a agarraria e levá-la-ia em braços de volta à Vila dos Tecidos.

– Nesse caso, podemos arriscar a subida lá acima – considerou Marie.

No primeiro andar, os Müllers tinham antigamente armazenado mercadorias, ainda ali estavam espalhadas caixas vazias. Dois dos quartos haviam sido arrendados a estudantes durante algum tempo, ainda tinham as camas e alguns móveis velhos. Tinha tudo um ar opressivo e triste. No segundo andar havia dois pequenos apartamentos, num dos quais vivia o velho casal Müller, enquanto o outro estava vazio. Tinha ali vivido uma família, que entretanto já se mudara.

– Um médico – contou Von Klippstein. – Antes da guerra, trabalhou no hospital municipal. Foi médico de guerra e morreu na Rússia, a mulher e os dois rapazes sobrevivem à custa de trabalhos de costura. Já não conseguia pagar a renda e vive agora algures no centro.

– Que maldita guerra sem sentido – murmurou Marie, abanando a cabeça.
– Foi o Paul quem mandou a mulher embora?

Von Klippstein disse que não. Haviam sido os Müllers, ainda antes de venderem a casa.

Pensativos, voltaram a descer as escadas e agora foi mesmo preciso Kitty animar um pouco Marie.

– Deus do céu, Marie! Não faças agora essa cara tão triste. A vida é mesmo assim, às vezes corre bem, depois corre mal... Se calhar podias contratar essa mulher como costureira? Assim todos saíam a ganhar, não era?

É verdade que o semblante carregado de Marie se iluminou um pouco.

– Isso seria uma boa ideia, Kitty... Sim, eu podia fazer isso. Desde, é claro, que ela saiba mesmo coser bem.

– Tão bem como a Hanna, isso de certeza.

– A Hanna está a aprender comigo, Kitty. Sou da opinião de que ela pode fazer mais da vida do que apenas lavar louça e fazer massa. Se se tornar numa boa costureira, pode ganhar sozinha o seu sustento.

– Tudo bem, Marie do meu coração, sempre solícita e diligentemente preocupada com o bem-estar de todas as pessoas. Por mim, que a Hanna seja então costureira. Põe-lhe um fio de ouro ao pescoço e oferece-lhe um palácio... Será a Princesa Hanna da Agulha Ligeira.

– Oh, Kitty!

Apesar de tudo, Marie não conseguiu evitar rir-se, Kitty e Ernst von Klippstein juntaram-se às gargalhadas. Fazia bem aos três, dissipara-se a atmosfera triste que os acometera ao contemplar a decadência daquele espaço. Kitty sugeriu que se pintassem de branco as duas mesas de madeira debilitadas pelo tempo, de pernas torneadas, e que estavam lá em baixo na loja. Seriam um bonito chamariz.

– Acima de tudo, não devíamos pintar as paredes todas de branco puro, mas sim de um delicado branco-creme. Entendes, Marie? Fica mais elegante. Cores creme, com dourado, é majestoso. E aí podes cobrar o dobro do preço pelos teus modelos.

– Oh, Kitty – suspirou Marie, olhando com um ar algo desamparado para a loja vazia em seu redor.

– Mas quem é que vai sequer comprar criações de moda?

– Posso fazer-lhe uma lista das pessoas que se podem dar ao luxo de encher vários guarda-fatos com criações de moda – contestou Ernst von Klippstein subtilmente. – Tem de acreditar no seu projeto, Marie. Tenho a certeza de que vai ser bem-sucedido.

Estaria ele a dizer aquilo apenas para encorajar Marie? Kitty sabia muito bem que o pobre Klippi ainda estava apaixonado pela cunhada, apesar de saber que não havia esperança alguma para ele.

– É só que... O Paul está a investir tanto dinheiro neste ateliê. As obras de recuperação. Os equipamentos. E depois os tecidos. Os salários das costureiras... Às vezes até me sinto tonta só de pensar nisso.

Kitty revirou os olhos. Ora, que disparate era aquele? Marie conseguira manter a fábrica de tecidos Melzer à tona durante a guerra, conduzira negociações, celebrara negócios, implementara o fabrico de tecidos de papel... E agora estava com medo de abrir aquele minúsculo ateliê de moda!

– Acredite em mim, Marie – disse Klippstein insistentemente. – Este investimento é o melhor que o Paul pode fazer com o dinheiro. Investir é a palavra mágica dos tempos que correm. Quem deixar o dinheiro parado perdeu logo à partida.

Marie dirigiu-lhe um olhar de gratidão, que Ernst von Klippstein recebeu com um sorriso feliz. Kitty imaginava o bom Klippi a animar-se meses a fio só com base naquele momento.

– Permitem-me que leve as senhoras de volta à Vila dos Tecidos? Ou têm ainda outro destino? Tenho o carro mesmo em frente da loja.

Von Klippstein era há algum tempo proprietário de um *Opel Torpedo*, uma limusina que comprara em segunda mão. Adquirira o carro mais por razões de ordem prática, já que, ao contrário de Paul, não era obcecado com automóveis. Crescera na quinta dos pais e, até ser ferido na guerra, fora um excelente cavaleiro; depois fora obrigado a pendurar as botas de montar. Só raramente mencionava que ainda sentia dores a andar e quando estava

sentado. O carro era para ele a melhor forma de se movimentar em Augsburg.

Marie recusou – ainda tinham alguns assuntos a tratar e tinham a intenção de apanhar o elétrico mais tarde.

– Nesse caso, desejo-vos um resto de dia agradável.

Enquanto, desta vez, Marie fechava cuidadosamente a porta da loja, Kitty ficou a ver Von Klippstein a afastar-se de carro. Era na verdade um homem extremamente atraente, não era casado, sócio de uma fábrica de têxteis novamente próspera e, para mais, detentor de um automóvel. Tudo o que era preciso para ser um «bom partido».

– O que anda o Klippi a fazer na cidade a esta hora? – admirou-se ela. – Não tinha de estar no feioso do gabinete dele lá na fábrica?

Marie sacudiu a porta para a testar: estava bem fechada.

– Se calhar quer comprar um presente para o filho – disse ela. – Deve estar quase a fazer anos. Acho que faz nove.

– Pois é, que teve com a mulher de quem se divorciou, como é que se chamava ela... Bom, não interessa. Têm um filho que deverá herdar a quinta. Pobre Klippi. Acho que ele gostaria de ver o filho crescer.

– Adele – disse Marie. – Chama-se Adele.

– Isso. Adele. Uma pessoa horrível. Ainda bem que se livrou dela... Virgem Santíssima, agora é que começou mesmo a chover. E eu não trouxe guarda-chuva.

Marie fora previdente. Sob o guarda-chuva preto que antes pertencera a Johann Melzer, correram as duas até à loja de café e compotas, compraram

meio quilo de café e um saco de cubos de açúcar, seguindo então para a paragem do elétrico.

– Na limusina do Klippi é que teria sido muito mais agradável... – constatou Kitty, algo irritada, olhando para os sapatos molhados.

– Pelo menos teria sido seco – lamentou-se também Marie.

Esperaram algum tempo e, como o aguardado elétrico continuava sem aparecer, decidiram apanhar um dos coches a cavalo que eram ainda muito utilizados na cidade. Afinal de contas, não seria benéfico para ninguém se elas apanhassem uma constipação naquele tempo frio e molhado.

O delicioso aroma de carne assada com manjerição e cebolinhas invadia o vestíbulo de entrada da Vila dos Tecidos – a senhora Brunnenmayer tinha o almoço a fazer no fogão. Nos últimos dias, Else andava indisposta e precisava constantemente de se recolher ao quarto lá em cima, por motivos que Kitty não compreendera. Julius estava a postos – pegou-lhes nos casacos húmidos e nos chapéus e já preparara calçado seco. Levou os sapatos de rua encharcados para a lavandaria, onde podiam ficar a secar em cima de uma camada de papel de jornal. Mais tarde, iria tratá-los com todo o género de substâncias, cuja composição só ele conhecia, e que punham o couro de novo macio e como novo.

– A senhora espera-a no salão vermelho.

Ele dirigira as suas palavras a Marie, mas Kitty, que já imaginava o motivo, estava determinada a participar naquela conversa. Com a idade, a mãe estava a ficar cada vez mais estranha, achava ela. Os novos tempos passavam-lhe completamente ao lado, o que não era de admirar se pensássemos que a querida mamã já tinha sessenta e tal anos.

Alicia Melzer aguardava a nora de pé junto à janela, de onde conseguia ver o amplo acesso à casa e a maior parte do jardim. Quando Kitty entrou na sala com Marie, Alicia franziu a testa.

– A Henny ainda agora perguntou por ti, Kitty. Se calhar era melhor ires lá acima...

– Oh, eu acho que a Hanna consegue tomar conta dela. – Alicia suspirou, desanimada. Não queria assumir nenhuma atitude enérgica, que no caso da cabeça dura de Kitty de nada teria servido.

– Preciso de falar com a Marie sobre alguns assuntos.

Kitty sentou-se num cadeirão e sorriu para a mãe, enquanto Marie se instalou a seu lado de semblante contido. Alicia escolheu o sofá.

– Chegou-me hoje aos ouvidos que o Leo já por duas vezes foi visitar os Ginsbergs. Uma nossa conhecida, a senhora Von Sontheim, viu lá a Hanna com o rapaz. Falei hoje com a Hanna e ela admitiu que acompanhou o Leo até lá. Além do mais, e isto é que, para mim, é extremamente preocupante, o Leo recebeu lá aulas de piano.

Teve de fazer uma breve pausa para respirar, aquele assunto parecia perturbá-la bastante. Nos últimos tempos, Alicia sofria cada vez mais de falta de ar.

– A Hanna foi por indicação minha, mamã – disse Marie baixinho, mas com determinação. – Mas eu não sabia que o Leo estava a receber aulas de piano. É pena que o rapaz o faça às escondidas, e na verdade não vejo nada de mal quando uma criança quer aprender a tocar piano.

– Sabes muito bem, Marie – lançou Alicia com fervor –, que o Paul não aprecia esta inclinação. É pena que não apoies o teu marido nesta questão.

– Isso seria assunto entre o Paulinho e a sua Marie, não é mesmo, mamã? – interveio Kitty. – E para o caso de alguém estar interessado na minha opinião: quanto mais energia empenharem a impedir que o rapaz toque piano, mais ele se vai agarrar a essa ideia.

O semblante de Alicia não deixou margem para dúvidas de que as opiniões de Kitty relativamente àquele problema não a interessavam de todo. Mas como Marie continuava obstinadamente calada, decidiu passar ao ponto seguinte.

– Ao que parece, já está decidido que a Hanna vai passar a trabalhar fora de casa. Lamentavelmente, ninguém me perguntou a opinião, mas não quero parecer excessivamente sensível. A Hanna, apesar das dificuldades iniciais, tornou-se numa boa criada de quarto e também podia ser ensinada a desempenhar outras tarefas, sobretudo no que diz respeito às crianças. Se ela nos deixar, vai fazer-nos falta uma empregada importante.

– Tens toda a razão, mamã – disse Marie muito depressa. – Eu acho que devíamos, não apenas contratar uma pessoa para a cozinha, como também uma pessoa de confiança para tomar conta das crianças...

– Fico muito contente por saber que temos a mesma opinião, Marie! – interrompeu-a Alicia, a insatisfação acumulada esmoreceu um pouco, agora até conseguia sorrir qualquer coisa. Desde que a ama se despedira na primavera, Alicia tentava convencer Marie de que as crianças precisavam de uma precetora de confiança, mas, até então, Marie não se deixara convencer. Nem Dodo, nem Leo, nem Henny apreciavam aquela ama tão severa e, quando se foi embora, os três sentiram-se como que libertos de uma prisão.

– Bom, para a cozinha, eu acho que a Gertie seria uma ideia – ocorreu a Kitty. – Ela trabalhava antes em casa da Lisa na Bismarckstrasse, era uma

rapariga esperta. Acho que ela trabalhou durante algum tempo nos Kochendorfs, mas não gostou de lá estar.

– Muito bem – retorquiu Alicia pacientemente. – Vamos contactar a agência, por sorte o que não faltam são mulheres com vontade de trabalhar.

Kitty assentiu com simpatia e prometeu que, na primeira oportunidade, iria investigar por onde andava Gertie. Não era preciso deixar tudo ao acaso.

O gongo da refeição ressoou pelo corredor fora, o que significava que Paul já chegara da fábrica e que Julius já estava junto ao elevador de serviço, pronto para servir. Ouviram-se passos acelerados no corredor – era Hanna a correr até lá acima a chamar as crianças.

– E quanto ao acompanhamento das crianças – disse Alicia, quando Marie já se estava a levantar para dar apoio aos esforços de Hanna. – Estou a pensar numa jovem de boas famílias que, a par da sua excelente educação, também lida com os mais pequenos com muita compreensão.

Kitty teve um mau pressentimento, já que as ideias da mamã do que seria uma boa educação eram completamente obsoletas.

– E quem é essa excelsa senhora?

– Oh, conhecem-na muito bem – disse Alicia alegremente. – É a Serafina von Dobern, filha dos Sontheims. A melhor amiga da Lisa. – Alicia fez uma expressão como se estivesse a revelar uma maravilhosa surpresa natalícia.

Kitty ficou horrorizada. As amigas de Lisa eram todas intriguistas convencidas, e Serafina, então, era uma velhaca especialmente reles. Antigamente, ela chegara a ter a esperança de conseguir ficar com Paul e mais tarde casara-se com o major Von Dobern para – dissera-se na altura – ficar garantida. O pobre Von Dobern tombara em Verdun.

– Não é nada uma boa ideia, mamã!

Alicia explicou que, depois da morte heroica do marido, a pobre Serafina se debatia com problemas financeiros e, infelizmente, a mãe também não a podia ajudar. Numa das suas cartas, Lisa chamara a atenção para a triste situação da amiga.

Lisa, mas é claro, pensou Kitty, zangada. Típico dela. A impingir-nos a sua amiga chata.

– Não, mamã! – disse ela, decidida. – Eu não deixaria a Henny um segundo só com essa pessoa!

Alicia calou-se. Era evidente que tinha uma opinião diferente.

Novembro de 1923, Pomerânia, distrito de Kolberg-Körlin

A tiritar, Elisabeth encolheu os ombros e tentou manter fechada à frente a gola de pelo do casaco. Se ao menos tivesse vestido o casaco de peles, no assento do cocheiro daquele veículo antiquado estava completamente desprotegida do vento gelado. Teria sido muito melhor viajar lá atrás, na carroça, sentada no meio das compras, mas a tia Elvira considerara que, se o fizesse, seria alvo de troça de toda a gente. Era inexplicável a descontração com que a tia ia sentada a seu lado, a rir-se e a instigar o cavalo com estalidos bem altos. E agarrava nas rédeas sem luvas e os seus dedos não pareciam ficar rígidos com o frio.

– Olha ali, moça – disse a tia Elvira, levantando o queixo para indicar que Elisabeth deveria olhar em frente. – Ali, em Gervin, junto à velha igreja de madeira, há uns anos avistaram o Diabo na noite de Ano Novo. Arrastava-se furtivamente à volta da igreja, o malvado. Era preto e a cara era um focinho horroroso!

Elisabeth fechou os olhos com força e reconheceu à distância, por entre a névoa, as casinhas e a velha igreja em treliça da pequena aldeia de Gervin. Estavam a vir de Kolberg e – que bom – agora já não faltava muito para chegar à Quinta Maydorn. Eram apenas quase cinco da tarde, mas o céu pendia, pesado, sobre a terra. Já se adivinhava a noite a romper.

– Mesmo todo preto? Então como é que o conseguiram ver no escuro?

Elvira bufou com desdém. Não gostava que duvidassem das suas histórias de assombrações. Ficava perdida quando tinha de explicar as coisas; podia ficar mesmo mal-humorada. Elisabeth ainda não sabia ao certo se a tia Elvira

inventava aquelas histórias para gerar espanto nos ouvintes ou se talvez acreditasse mesmo nelas.

– Estava lua cheia, Lisa. Por isso todos o puderam ver muito bem, esse sinistro convidado. Mancava, o pé esquerdo não era humano. Era uma pata de cavalo...

Elisabeth teria agora gostado de objetar, dizendo que o Diabo, na verdade, tinha pés de bode, mas deixou estar. Em silêncio, apertou o lenço mais para junto da cabeça e amaldiçoou os solavancos do caminho que abanavam a carroça de um lado para o outro, fazendo tinir os frascos na traseira do veículo. Desejaria poder enfiar os dedos gelados nos bolsos do casaco, mas via-se forçada a agarrar-se com as duas mãos para não cair do banco do cocheiro.

– Esquecemo-nos dos fósforos, tia!

– Oh, falta sempre alguma coisa! – resmungou Elvira. – Não te disse hoje cedo que tínhamos de nos lembrar dos fósforos? Só nos restam três caixas e não tarda nada acabam.

Elvira puxou as rédeas do cavalo, pois este já só pensava no comedouro e corria cada vez mais depressa.

– As coisas não estariam tão mal se o senhor Winkler não usasse tantos fósforos e óleo de lamparina. Será normal uma pessoa saudável passar metade da noite na biblioteca a ler livros? Está doente, essa é que é essa. Não do corpo, mas da cabeça. E é sempre tão polido e educado. Não importa o que a gente diga, faz sempre um grande sorriso.

– Tem boas maneiras, é isso.

– Um hipócrita, é o que ele é. Não diz o que pensa. Guarda para ele as suas intenções, mas eu sei muito bem o que ele anda a cozinhar.

– Já chega, tia...

– Não queres ouvir? Mas vou dizê-lo na mesma, Lisa. Ele anda atrás de ti, o fino papa-livros de boas maneiras. Não quero saber o que sonha à noite, mas imagino que possam ser coisas bem perversas.

Elisabeth irritou-se. A quinta estava muito atrasada face a todos os progressos técnicos, não havia eletricidade nem ligação de gás, passavam os serões sentados junto a uma boa e velha lamparina a petróleo e, no inverno, deitavam-se simplesmente com as galinhas. Para o pobre Sebastian, que passava a maior parte do tempo a escrever um qualquer tratado, não era trabalho fácil, considerando ainda que não tem boa visão. Oh, ele redigira documentos tão bonitos e úteis, sobretudo sobre a paisagem e as pessoas aqui do interior da Pomerânia. Também um pequeno livrinho sobre velhos costumes e sagas, em que falava da Água Pascal², do Homem do Cavalo Branco³ e do Homem de Palha⁴, mas também dos animais de caça selvagens que, nas noites frias de novembro, bramiam fantasmagoricamente pelos bosques fora e com os quais era melhor ter cuidado. Elisabeth lera todos os seus escritos, anotara a lápis, na margem, pequenas falhas ou inconsistências e, posteriormente, ajudara-o a passar a limpo. Ela era uma ajuda indispensável, dissera-lhe ele. Também mencionara que ela era a sua musa. Um ser de luz que o ajudava a persistir em dias mais sombrios. Um anjo. Sim, até dizia isto várias vezes. «É um anjo, senhora Von Hagemann. Um anjo bondoso que me foi enviado pelos céus.»

Mas enfim... a tia não estava assim tão enganada. Não era lá muito audaz, o senhor bibliotecário. Ele nunca ousava ir mais além. Sorria, limpava os óculos,

sempre com o ar de um cãozinho triste.

Elisabeth ficou contente quando, no final do caminho irregular, a quinta lhe surgiu diante dos olhos. Era uma bonita residência, a que acresciam várias centenas de hectares de campos de cultivo, prados e florestas. No verão, os edifícios ficavam tapados pelas bétulas e os carvalhos, mas naquele momento, com as árvores praticamente despidas, os telhados e as paredes de tijolo cintilavam por entre os ramos. Ficaram visíveis o celeiro alto, as cocheiras, o alongado edifício de aço e a construção coberta de feno onde residiam os jornaleiros e os empregados. A alguma distância, a casa principal, com dois andares e uma secção central com forma de empena. Na zona inferior, as heras vicejavam nas paredes de tijolo. Apenas à direita e à esquerda da porta de entrada haviam sido plantadas rosas-trepadeiras, que entretanto já há muito haviam perdido as suas flores.

– A Riccarda voltou a aquecer bem a casa. Usamos o dobro da lenha desde que vocês vieram para a quinta. Mas que não seja por isso. Estou contente por já não ter de estar sozinha.

Com efeito, da chaminé da casa ascendia uma cinzenta nuvem de fumo, que vinha provavelmente da salamandra de cerâmica da sala de estar do piso de baixo. Riccarda von Hagemann era friorenta, no inverno a criada tinha de pôr várias botijas de água quente ao mesmo tempo na sua cama, caso contrário era incapaz de conciliar o sono. Na altura, Elisabeth temera que isso pudesse dar origem a discussões desagradáveis entre a sogra e a tia Elvira, ambas com uma personalidade obstinada. Todavia, para sua grande surpresa, as duas davam-se bem. Isso dever-se-ia possivelmente à maneira de ser muito mais aberta da tia Elvira, que deixou desde logo Riccarda sem palavras. Em todo o caso, as duas haviam muito rapidamente marcado os respetivos

territórios de poder: Riccarda tratava da criadagem e da cozinha, enquanto Elvira tratava das compras e dedicava-se além disso à sua paixão por cavalos e cães. Elisabeth, por seu turno, deixara bem claro que tomava para si certas áreas, como o orçamento doméstico e a organização de festas de maior dimensão em que eram também chamados outros convidados. Também a biblioteca ficou sob a sua alçada, a par do bibliotecário, na pessoa de Sebastian Winkler, que ali trabalhava havia três anos e cuja remuneração a tia Elvira descrevera mais do que uma vez como «um supérfluo dispêndio de dinheiro».

Quando, por fim, entraram no amplo pátio e o fedor dos vapores de bosta de vaca voltou a subir penetrantemente pelo nariz de Elisabeth adentro, surgiu Leschik a correr zelosamente na sua direção para desatrelar o cavalo. O moço de cavalaria polaco coxeava desde a infância, um cavalo de lavoura dera-lhe um coice nas ancas e ter-lhe-ia provavelmente partido a bacia. Na altura não se dava importância a este tipo de coisa, por isso as ancas sararam, mas o coxear permaneceu.

– O patrão já voltou? – perguntou Elisabeth, a sair com dificuldade do coche, com os membros rígidos de frio.

– Não, minha senhora. Ainda está na floresta. Hoje há venda de lenha, por isso deve chegar mais tarde.

A tia Elvira deixou-se ajudar por Leschik a descer do coche e depois deu ordens de não ser dada aveia ao *Jossi*, caso contrário ficava demasiado anafado. A tia Elvira montava a cavalo desde a infância, os cavalos e os cães eram tudo para ela. As más línguas diziam aliás que, em tempos, só aceitara o pedido de casamento de Rudolf von Maydorn porque este alojava na sua quinta mais de vinte cavalos de raça *trakehner*. Mas isso não passava de

conversa disparatada, Elisabeth sabia que o tio Rudolf e a tia Elvira se haviam amado muito. Cada um à sua maneira.

– O teu marido é cá um forreta – observou na direção de Elisabeth, com um sorriso travesso. – Quando me ponho a pensar no meu Rudolf... Esse mandava sempre um criado vender a lenha...

... que levava a maior parte ao bolso..., completou Elisabeth em pensamento. Era por isso que nunca havia dinheiro para novas aquisições naquela casa. E quando, ocasionalmente, havia algum dinheiro disponível, o tio Rudolf aplicava-o imediatamente em vinhos do Porto e da Borgonha.

Elisabeth estava com pressa para chegar à sala de estar, onde a salamandra de cerâmica ligada e uma chávena de chá chamavam por ela. Na poltrona mesmo junto à salamandra estava Christian von Hagemann de casaco de casa de lã e pantufas de feltro, pegara num jornal e cabeceava ligeiramente de sono sobre a sua leitura. Elisabeth tirou silenciosamente a chaleira do aquecedor e serviu-se, pôs açúcar e mexeu. Christian von Hagemann não se deixou perturbar no seu sono. Nos últimos três anos, o sogro de Elisabeth ganhara uns bons quilos, o que se devia à sua paixão por refeições nutritivas e um bom vinho. As suas prementes dificuldades financeiras eram coisa do passado, apreciava a vida no campo, delegava todas as competências no filho e nas senhoras da casa, acabando assim por se dedicar exclusivamente ao seu bem-estar.

Enquanto aquecia as costas junto à salamandra de cerâmica verde, bebericando ao mesmo tempo o chá, Elisabeth pensou que, até ao jantar, ainda tinha tempo para uma breve visita à biblioteca. Riccarda estaria provavelmente lá dentro, na cozinha, a guardar as compras, juntamente com a tia Elvira e a cozinheira. Várias especiarias, um saco de sal, açúcar, soda,

glicerina, graxa para sapatos e vinagre. Além disso, uma saca de arroz, ervilhas secas, chocolate, maçapão, duas garrafas de rum e algumas garrafas de vinho tinto. Elisabeth adquirira aquele pequeno frasco de perfume amarelo-claro no cabeleireiro e escondera-o na sua bolsa enquanto a tia Elvira estava à conversa com uma vizinha. Tinha um aroma pesado a rosas e muito intenso – uma só gota atrás das orelhas seria o suficiente. A verdade é que Serafina também não tinha lá muito dinheiro e não lhe podia enviar de Augsburg um batom bonito, um pouco de pó de arroz ou um perfume sedutor. Não gostava da ideia de pedir tal coisa a Kitty ou a Marie, estas sabiam demasiado bem quem ela pretendia seduzir com tudo aquilo. E a mamã estava fora de questão.

O produto dentro do frasco tinha um cheiro tão intenso que ela se sentiu decididamente ordinária. Lá em cima, na casa de banho, ia tentar lavar-se para tirar o cheiro, caso contrário sabe Deus o que Sebastian ficaria a pensar dela. Muito devagarinho, para não despertar o sogro adormecido, pousou a chávena vazia e saiu da sala. Na escadaria fazia mesmo muito frio, devia ter trazido o xaile. Como é evidente, os velhos degraus de madeira rangiam terrivelmente e a situação pouco mudara depois de terem mandado instalar a passadeira. Irritada, pensou como era possível a tia e o tio terem deixado aquela bela casa antiga degradar-se tanto por pura indiferença e desperdício. Ali nem sequer vidros duplos havia. No inverno, para impedir a entrada de correntes de ar, colocavam-se rolos de feltro nos parapeitos das janelas e viam-se os cristais de gelo a ornamentar as vidraças como flores.

O único luxo era a casa de banho – era algo que o tio Rudolf, no seu tempo, valorizara muito. Paredes de azulejos brancos, uma banheira assente em quatro pés de leão arqueados, lavatório com espelho e uma bacia de lavagem de porcelana verdadeira com tampa de madeira amovível e pintada de branco.

Elisabeth humedeceu uma toalha de lavagem e tentou moderar o efeito do perfume. Em vão. O produto só cheirava ainda mais. Devia ter poupado o dinheiro que gastou com aquela aguinha malcheirosa. A suspirar, arranjou o cabelo. Tinha-o deixado crescer novamente e penteava-o da forma tradicional – ali no campo nem as filhas dos proprietários usavam cabelo curto. E Sebastian também não parecia ter em grande conta esta nova moda. Apesar de adepto do socialismo, em muitas coisas ele era declaradamente antiquado.

Pelo seguro, Elisabeth bateu à porta. Ele não deveria nunca ter a sensação de ser tratado como um subalterno.

– Sebastian?

– Minha senhora, entre, entre. Vi-a ainda agora a entrar no pátio com a sua tia. Correram bem as compras em Kolberg?

Como é evidente, ele não acendera a salamandra. Estava sentado à sua escrivaninha, de camisola e um casaco de casa grosso, um cachecol a envolver-lhe o pescoço e não se atrevia a acender a salamandra porque, ultimamente, a tia Elvira andava a queixar-se do elevado consumo de lenha. Em breve calçaria ainda as luvas, para que o lápis não lhe caísse dos dedos rígidos de frio.

– As compras? Oh, sim, com exceção dos fósforos, de que infelizmente nos esquecemos. Mas não tem grande mal, podemos comprá-los em Gościno.

Fechou a porta atrás de si e, a passo lento, dirigiu-se para a escrivaninha, para poder olhar sobre os ombros dele. Ele endireitou as costas e levantou a cabeça, como um aluno que acabava de ser chamado pelo professor. Ela pousara-lhe algumas vezes a mão no ombro, de forma totalmente inofensiva e

como que por acaso, mas sentira como o corpo dele ficava hirto com o contacto. Desde então, deixou-se disso.

– Ainda a crónica de Gościno?

– Pois claro, tanto quanto me é possível sem consultar os arquivos dos Manteuffels. Falei com o pastor e ele foi extremamente amável ao deixar-me passar os olhos pelos livros da igreja.

No último ano e meio, Sebastian trabalhava como professor de apoio na escola primária de Gościno. Elisabeth arranjam-lhe aquele emprego: na verdade, não ganhava grande coisa, mas o trabalho com as crianças dava-lhe uma grande alegria. Era mais do que tempo de dar outras ocupações ao bibliotecário, já que os livros dos Von Maydorn, logo passados poucos meses, já haviam sido minuciosamente consultados, restaurados e reorganizados. Elisabeth tivera receio de que Sebastian pudesse abandonar o emprego, que não o fazia sentir-se realizado, e que abandonasse a quinta, mas agora que tinha a possibilidade de se ocupar com a sua profissão de formação, tinha a esperança de poder continuar a mantê-lo perto de si.

Era evidente que a esperança que nutrira secretamente de que poderiam alcançar uma relação (mais próxima) não se concretizara. Sebastian evitava aproximar-se dela, receava até sequer tocar-lhe na mão ou nos ombros. Às vezes, comportava-se como uma menininha tola, evitava-a, olhava para o outro lado e ficava com o rosto vermelhíssimo. Durante algum tempo, Lisa chegou a acreditar que ela simplesmente não o agradava. Ela não era Kitty, que consegue dar a volta à cabeça de qualquer homem. Não era uma sedutora, poucos homens se haviam apaixonado por ela, sendo que mesmo nesses casos a expectável herança dos Melzers terá desempenhado um papel não negligenciável. Talvez também devido ao seu peito viçoso, mas prescindia

bem desse tipo de pretendentes. Não obstante... se Sebastian tivesse ganho apreço pelo seu corpo, a situação seria totalmente diferente. Contudo, infelizmente, os três anos passados demonstraram que ele, era verdade, tinha um grande apreço por ela, mas era evidente que não a desejava. Este desprezo era para ela duas vezes mais difícil de suportar, já que o seu marido Klaus basicamente nunca fazia valer os seus direitos conjugais.

– Estou a tentar – disse ele nos seus modos vagarosos – passar para um texto minimamente fluido o que copiei dos registos da igreja...

Ela deu meia-volta com impaciência e deslocou-se até à salamandra, agachou-se à sua frente e abriu a porta. De certeza que ali não havia ardido nenhuma chama desde a tarde do dia anterior.

– Que pretende fazer, Elisabeth? Eu não tenho frio. Rogo-lhe... por mim, não tem de acender a salamandra...

– Mas eu tenho frio. Muito frio, aliás. Estou aqui a morrer de frio!

Soou mais enérgica e um tanto ou quanto mais desagradável do que fora a sua intenção. Mas produziu o seu efeito, já que o ouviu a arrastar a cadeira para trás. Ele levantou-se, esperou um momento, indeciso quanto ao que ela faria em seguida, mas quando ela começou então a colocar um pouco de lenha na salamandra, ele apressou-se a ir ao seu encontro.

– Permita-me que faça isso, Elisabeth.

Ela olhou para ele e constatou que parecia sinceramente preocupado e confuso. Melhor assim. A esperança é a última a morrer, como se costuma dizer.

– Acha que eu não consigo atear uma fogueira?

Ele fungou. Não, não fora sua intenção afirmar tal coisa.

– Mas vai sujar as mãos.

– Mas que horror! – exclamou ela com ironia. – A patroa com as mãos sujas. Acha mais adequado ficar o senhor com os seus dedos pretos? Não seria lá muito prático para escrever, pois não?

Ela continuou a remexer o interior da salamandra, enquanto ele observava a sua atividade com um olhar crítico. Por fim, ela pediu-lhe fósforos.

– Um momento.

A caixa de fósforos estava dentro de uma caixinha de madeira em cima da sua escrivaninha, ao que parecia ele protegia aquele tesouro como o seu bem mais precioso, já que precisava dos fósforos para acender as lamparinas. Poderia ela oferecer-lhe o isqueiro do tio Rudolf? A tia Elvira levá-lo-ia seguramente a mal.

– Eu gostaria mesmo de assumir essa tarefa por si, Elisabeth. Tanto mais porque já só temos poucos fósforos.

Era espantosa a confiança que ele depositava nas suas competências práticas. Irritada, esticou a mão para agarrar na caixa, enquanto empurrava uma das cavacas mais para dentro da salamandra. E foi então que aconteceu.

– Au! Ora bolas!

Alguma coisa aguçada havia-se enfiado na ponta do dedo indicador, ela pôs na boca o dedo a sangrar e irritou-se desmedidamente. Por que raio isto havia de acontecer logo agora?

– Uma farpa?

– Não sei... Pareceu-me antes um prego afiado. – Olhou para o dedo e constatou que ali aparecera um pequeno ponto preto. Quando passou

cuidadosamente o dedo por esse local, doeu-lhe. Alguma coisa se tinha enfiado ali.

– Deixe-me ver, Elisabeth... – Ele debruçou-se e pegou-lhe na mão, rodou-a, de modo que pudesse ver bem a ponta do dedo. Puxou-o mais para si e tirou os óculos. Olhem-me só, pensou ela. Quando eu lhe ponho a mão no ombro, comporta-se como se eu estivesse a solicitar alguma coisa pouco própria. E agora agarra simplesmente na minha mão e apalpa-a, mexe-me em todo o dedo. Não é parvo nenhum...

– Parece ser uma farpa que ficou espetada – expressou-se ele em tom de entendido. Os seus olhos, sem óculos, eram muito mais límpidos. O seu olhar encerrava uma determinação pouco usual.

Elisabeth devolveu-lhe o olhar. Ele continuava a segurar-lhe a mão. Apesar de não ser uma ocasião romântica, ela permitiu-se apreciar aquele toque.

– Temos de remover a farpa, Elisabeth. Caso contrário, pode formar-se uma ferida e infetar. O melhor é irmos ali até à mesa, vou acender uma lamparina para ver melhor...

Maravilhoso. Ela sentia-se como num sonho. Era mesmo Sebastian aquele homem que tomava decisões com tanta segurança de si mesmo? Ela gostou disso. Como pudera pensar que ele era covarde? Quando a necessidade do momento o exigia, ele dava conta do recado.

– Se acha melhor assim – disse ela, obediente. – Mas é só uma farpa muito pequenina.

Ele conduziu-a até à cadeira e pediu-lhe que se sentasse, ele ia apenas muito rapidamente acender a lamparina e buscar uma agulha.

– Uma... agulha?

Ele já levantara o corpo de vidro da lamparina, mas agora olhou para ela. Fez-lhe um sorriso tranquilizador.

– Vou ser tão delicado quanto possível.

Oh, céus, pensou ela, horrorizada. Ele quer esgaravatar-me o dedo com uma agulha. Lembrou-se da sua ama, que em tempos fizera exatamente o mesmo. Fartara-se de gritar na altura. A mamã viera a correr por achar que algo terrível estaria a acontecer com a sua filha. Depois, quando viu que era apenas uma farpa no polegar, desatara cruelmente a rir-se.

Sebastian preparou a lamparina e remexeu na gaveta da escrivaninha. Com efeito, havia um alfinete que ali fora parar sabe Deus como.

– Pronta? – perguntou ele.

Agora apetecia-lhe mas é sair dali a correr. Podia dizer-lhe que preferia ser ela mesma a fazer aquilo. Ou para esperar só mais um bocadinho. Ou deixar simplesmente a natureza seguir o seu curso... Mas nesse caso não poderia usufruir da sua maravilhosa proximidade e da sua masculina determinação. Assim sendo, assentiu obedientemente com a cabeça e estendeu corajosamente o dedo indicador.

– Um pouco mais perto da luz... Sim, isso mesmo. Fique quieta, se possível. Espere, eu ajudo-a... Está demasiado agitada.

Ele tomou a mão dela na sua mão esquerda, envolveu-a firmemente e esticou o dedo indicador. E depois começou a sua laboriosa tarefa.

No princípio, fazia apenas algumas cócegas. Depois, ele picou-a e ela comprimiu os lábios um contra o outro, para não emitir um som que fosse. Foi sentindo que a mão dele apertava com mais firmeza, ele tirou do casaco um lenço limpo e limpou uma gotinha de sangue do dedo de Elisabeth.

– Já está quase... É uma valente, Elisabeth. – Já está outra vez a falar comigo como uma criança de escola, pensou ela, mas não deixou de o achar encantador. Se ao menos ele parasse de uma vez por todas de lhe remexer no dedo com o alfinete. De resto, era maravilhoso vê-lo a desempenhar aquele novo papel de ajudante diligente e determinado.

– Já está!

Ele mostrou-lhe o alfinete, onde se via um pequenino e preto corpo estranho, fino como uma linha. Depois ele envolveu cuidadosamente o dedo com o lenço e soltou-lhe novamente a mão.

– Graças a Deus! – suspirou ela, apalmando o dedo enfaixado. Que pena. Acabara-se aquele momento. Se calhar deveria partir a perna numa próxima oportunidade?

– Espero não a ter feito sofrer em demasia.

– Oh, nadinha...

Ele pôs o alfinete de novo na gaveta e olhou para ela a rir-se. Estaria um pouco pálida?

– Há crianças que ficam terrivelmente em pânico quando tentamos tirar uma farpa do dedo.

– Ah, sim?

– Sim, aconteceu há pouco tempo com um rapaz na escola, tinha tanto medo que queria fugir.

Ela conseguiu desenhar um sorriso débil e desenrolou o lenço do dedo. Já não estava a sangrar. Muito lentamente, ela voltou a si e recuperou a clareza de espírito.

– Agradeço-lhe muito, Sebastian – disse ela cordialmente. – E agora vamos acender a salamandra.

– Se insiste.

– Pois faço questão. Não estará a ajudar ninguém se apanhar uma pneumonia aqui em cima.

Ele abanou a cabeça, contrariado, mas foi obedientemente até à salamandra e tirou da lenha um galho fino para o acender na lamparina. Assim, poupava-se um fósforo. Enquanto as chamas na salamandra começavam a lampejar e a lambeir a cavaca, ele disse que a ideia de uma pneumonia era um total disparate. Até então, não tivera sequer uma leve constipação.

– E assim queremos que se mantenha, Sebastian. Vou eu garantir isso!

Ele resignou-se. Sentou-se à escrivaninha, enquanto Elisabeth ficou junto à salamandra a aquecer as mãos. Quando ela se virou, já ele tinha voltado a pôr os óculos e mergulhara no seu trabalho.

Ela observou-o, pensativa. Tinha uma estrutura robusta, mas era sempre um pouco desengonçado, o rosto era largo, os olhos violáceos. Ela amava-o. Nos últimos três anos, sentira-o próximo e, ao mesmo tempo, inacessível. Era de dar em louca. E mais: hoje ficara a saber algo sobre ele de que não tivera consciência até então. Ele era forte nos momentos em que ela era fraca. Tinha de tirar partido deste conhecimento.

² Osterwasser: tradição popular que consiste em recolher água no dia de Páscoa, por exemplo de um ribeiro, a qual garantiria então muitos benefícios. (N. da T.)

³ Personagem fantástica da novela clássica alemã *Schimmelreiter* (1888), de Theodor Storm. (N. da T.)

⁴ Erbsbär: no Carnaval tradicional da região da Francónia, um jovem veste-se com um fato integralmente de palha e dança pelas ruas, sendo vários os seus simbolismos, entre os quais a felicidade e a fertilidade, mas também o fim do inverno. (*N. da T.*)

6

Leo nunca antes vira uma luz tão brilhante. Encandeava os olhos, tinha mesmo de os piscar, os copos cintilavam, as letras douradas, os frascos e também as pregadeiras e os anéis nas mãos de muitas senhoras.

– Tudo lá para trás, miudagem! Não fiquem aí parados no caminho!

Julius e Hanna levavam copos cheios em bandejas prateadas e serviam champanhe e vinho aos senhores. O ateliê da mamã estava a explodir de gente. Os senhores usavam fatos cinzentos e pretos, as senhoras vestiam-se de cores garridas, traziam sapatos de salto alto e os *collants* cintilavam sob a luz.

– Foi a minha mamã que pintou – disse Henny, apontando com o dedo para uma paisagem de inverno, onde, à exceção de algumas casinhas e um pequenino campanário em forma de bolbo, tudo o que se via era neve. Do outro lado, a tia Kitty desenhara a América: arranha-céus, um chefe índio com ornamentos de penas e a famosa Estátua da Liberdade de Nova Iorque.

Em segundo plano, ouvia-se música tocada ao piano. Leo esgueirou-se por entre um grupo de senhoras a beber champanhe, já que quem estava ao piano era a senhora Ginsberg e Leo queria vê-la a tocar. A mamã contratara a mãe do seu amigo para tocar naquela noite, mas infelizmente Walter não tivera autorização para vir também. À inauguração do ateliê da mamã vinham apenas as pessoas convidadas, dissera o papá.

A senhora Ginsberg estava sentada de costas para os convidados, uma vez que o piano estava encostado à parede. Estava a tocar um estudo de Chopin, uma peça muito difícil, para a qual os dedos de Leo ainda eram, infelizmente, muito pequenos e pouco ágeis. Quando era tocada como deve ser, como fazia a senhora Ginsberg, soava leve e bonita como uma amena brisa de outono.

– Posso virar as páginas?

– Se quiseres... claro!

Ele postou-se à sua esquerda, tal como ela o havia ensinado. Quando era preciso virar a página, ele esticava-se em bicos de pés e pegava no canto superior da página direita da partitura, esperava até a senhora Ginsberg acenar com a cabeça e depois virava a página com muito cuidado. Tinha sobretudo de ter o cuidado de manter o braço muito em cima, para não tapar a partitura. Em todo o caso, a senhora Ginsberg tocava quase tudo de cor, na verdade quase nem precisava da partitura.

– Porque fazem todos tanto barulho? – perguntou ele, irritado, voltando-se na direção dos convidados.

– Chiu, Leo. Nós só estamos em pano de fundo. As pessoas querem conversar. Sobre o novo e bonito ateliê da tua mãe...

Leo puxou o lábio inferior para fora e voltou-se novamente para o piano. Se só queriam conversar, então também não precisavam de música, achava ele. A arte da senhora Ginsberg ao piano era, assim, um grande desperdício. Voltou a prestar atenção precisamente no momento em que tinha de virar a página. Era fácil estudar a sequência de notas porque, quando deslizava os olhos por elas, ouvia desde logo os respetivos sons. As notas na partitura e os sons eram um só. Ele também sabia exatamente como era cada som, a senhora Ginsberg dissera-lhe que tinha ouvido absoluto. Ele ficara muito surpreendido, já que pensava que qualquer pessoa conseguia identificar as notas como ele.

– Dá-me por favor o dossiê onde estão as sonatas de Schubert.

Leo tirou o dossiê com as grossas capas de cartão da pilha que estava pousada em cima de um banquinho ao lado do piano. Gostava muito de Schubert. Já sabia tocar bastante bem dois dos seus *Impromptus*. Se ao menos pudesse praticar mais, mas a mamã só permitia meia hora por dia. E quando

o papá chegava a casa tinha de parar imediatamente. Escutou com grande entusiasmo quando a senhora Ginsberg começou a tocar uma das sonatas – era uma peça que ele ainda não conhecia. A primeira frase soou como uma alegre caminhada por prados e campos. Não era especialmente difícil, talvez ele a conseguisse tocar. O problema era que os seus dedos eram ainda muito pequenos, ainda nem conseguia abarcar uma oitava inteira. Às vezes, punha-se a puxar os dedos para que crescessem mais depressa, mas infelizmente isso ainda não dera em nada.

– Leo, meu menino! Que fazes aí à volta do piano? Estás a estorvar a senhora Ginsberg enquanto toca.

Ele fez uma careta que, por sorte, Serafina von Dobern não chegou a ver, já que ele lhe virou as costas. Detestava aquela mulher como a peste. Toda ela era delicadoce e falsa. Quer viesse de visita à Vila dos Tecidos, quer a encontrassem na rua, ela agia sempre como se tivesse de ser ela a educá-lo, a ele e a Dodo. E, contudo, ela não tinha nada que se meter, era apenas uma amiga da tia Lisa.

– Eu não estou a estorvar, estou a virar as páginas – retificou ele enfaticamente.

Lamentavelmente, Serafina pouco quis saber da sua explicação. Agarrou-o simplesmente pelos ombros e arrastou-o ao longo da parede até chegarem a uma cadeira, onde ele se deveria sentar.

– O teu pai não quer que as crianças se misturem com os adultos – disse Serafina com um sorriso falso. – Nestas ocasiões, as crianças têm de se manter sossegadas e não dar nas vistas.

Serafina era bastante magra e tinha a pele muito branca. Aplicara pó vermelho nas faces, pensando provavelmente que assim ficava mais bonita.

Mas com os óculos e aquele queixo pontiagudo, ela mais parecia uma coruja-das-neves. Agora estava a dar-lhe ordens, dizendo que tinha de ficar sentado naquela cadeira, e foi à procura de Dodo e Henny. Teve azar com Henny, já que esta estava com a mãe dela. Serafina sabia muito bem que não tinha grandes hipóteses com a tia Kitty. Já a pobre Dodo tinha-se colado ao tio Klippi, que não viu mal nenhum em ver Serafina tirar-lhe a menina.

– Agora fiquem aí sentados e bem-comportados, meus lindinhos. Leo, dá espaço aí para a tua irmã, cabem os dois na cadeira, ainda têm rabinhos estreitos.

Riu-se de uma forma tão parva. Dodo estava absolutamente furiosa, sentou-se na borda da cadeira e empinou o nariz, como se estivesse constipada. Enquanto Serafina acenava a Hanna, que trazia os canapés, Dodo sussurrou para o irmão:

– Mas que tem ela que ver com os nossos rabinhos? Ela que se preocupe com o dela, a grandessíssima chata...

– Se o tivesse – opinou Leo com maldade.

Os dois riram-se e deram as mãos. Dodo era uma parte dele. Sabia contar piadas, apoiava-o sempre, era esperta e corajosa. Não ter Dodo seria como se lhe faltasse alguma coisa. Era a sua outra metade.

– Tomem lá um canapezinho, meninos. De certeza que estão cheios de fome.

Mas que magnânima era Serafina. Como se os canapés fossem *dela*. Leo captou em Hanna um olhar de solidariedade, que lhe sorriu e baixou a bandeja para que ele pudesse ver melhor o que lá trazia. Hanna era uma querida. Ela admirava-o porque sabia tocar piano. Mas que grande treta ela agora passar a ser costureira. Porque não punham Serafina a coser?

– Obrigada, mas não gosto de canapés – disse Dodo mal-humorada. – Tenho sede.

Serafina ignorou o desejo de Dodo, dispensou novamente Hanna e declarou que tinham de ficar ali sentados, porque daí a pouco ia ser o desfile de moda. Então toda a gente ia sentar-se para ver os bonitos vestidos que a mamã tinha criado e costurado.

Foi-se embora para se servir ela própria dos canapés e conversar com a avó Alicia e a senhora Wiesler. Do outro lado, junto ao inverno russo, estava a tia Kitty, rodeada por todo um séquito de gente. Eram os seus amigos do Grémio das Artes, Leo conhecia alguns, dois pintores e um homem gordo que tocava violino. Bebião champanhe e riam-se muito alto, a ponto de os outros convidados virarem a cabeça na sua direção.

– Estes todos são amigos de negócios do Paul – ouviu-se a tia Kitty dizer –, diretores de bancos, advogados, donos de fábricas, magistrados... sabe-se lá mais quem. Estão aqui reunidos os notáveis de Augsburg e trouxeram as esposas e as filhas.

– Olha para a Henny – disse Dodo, apontando com o queixo na direção da prima. – Já comeu pelo menos dez canapés. E sempre aqueles com ovo e caviar.

Leo piscou os olhos, via melhor quando os esbugalhava. Henny estava junto à porta que dava para a sala de costura e bebia de um copo de champanhe que alguém tinha pousado ainda meio cheio. Se a mãe a visse, de certeza que ia já para casa. As crianças estavam estritamente proibidas de beber álcool.

– Que porcaria de inauguração – resmungou Dodo. – É uma grande seca. E tão barulhento. Já me doem os ouvidos.

Leo tinha a mesma opinião. Se estivesse agora em casa, podia tocar piano, ninguém o ia incomodar. Suspirou profundamente.

– E então, como estão os dois? Aborrecidos? Não tarda nada já vai haver alguma coisa para ver, Leo. E depois mostro-te as novas máquinas de costura. Funcionam com um pedal. São um espetáculo!

O papá passou a mão nas cabeças dos gémeos, dirigiu-lhes um olhar encorajador e voltou a dar atenção aos convidados. Leo ouviu-o a falar com o senhor Manzinger sobre o *rentenmark*⁵. Parece que vale um bilião de *papiermarks*⁶. Talvez agora o mercado começasse a melhorar e os preços poderiam estabilizar. Ora essa, disse o senhor Manzinger. Que não acreditava em nada disso. Enquanto a Alemanha sofrer sob o jugo das reparações, a economia não conseguiria voltar a pôr-se de pé. Que esta república é incompetente, que é só conversa e a cada meia dúzia de meses se muda de governo. Era preciso um homem como Bismarck. Um chanceler de ferro...

– O que é isso, um chanceler de ferro? – perguntou Dodo.

– Deve ser parecido com um soldado de chumbo.

Mas que grande tédio. Leo tentou desapertar o botão de cima da camisa. Estava prestes a asfixiar naquele fato apertado em que a mamã o havia enfiado. Já há muito que lhe estava pequeno, mas a mamã dissera: «É só mais hoje. Por mim.» Se agora se ouvisse um grande estouro, era porque ele teria explodido.

– A ti o papá mostra as novas máquinas de costura – disse Dodo num tom acusador. – Só a ti. Mas eu também gostava de as ver.

Leo bufou com desdém. Não lhe interessavam minimamente as máquinas. Ainda por cima máquinas de costura, isso era coisa de mulheres. Muito mais

empolgante era a vida interior de um piano, já o vira uma vez, quando o afinador desmontou o painel da frente do instrumento. Aí podiam ver-se as cordas de aço que, lá dentro, estavam esticadas sobre uma estrutura de metal. Estavam mesmo muito esticadas. Quando se carregava numa tecla, um martelinho de madeira coberto com feltro batia nas cordas. Um piano era uma máquina complicada e, ao mesmo tempo, era como uma pessoa. Podia ser divertido ou estar triste, se tocássemos bem ele alegrava-se e, por vezes, quando tudo estava no devido sítio, com ele podíamos até voar. Walter disse que isso também acontecia com um violino. Na verdade, com todos os instrumentos musicais. Até com um timbale. Mas Leo não acreditava nisso.

– Porque é que estão aí sentados? – Subitamente, Henny estava de pé a seu lado, de cara muito vermelha e olhos reluzentes.

– A culpa é da Serafina!

– Mas ela nem sequer está a olhar para vocês.

Efetivamente... Serafina estava lá muito atrás, junto aos arranha-céus americanos, de copo de champanhe na mão, a conversar com o senhor doutor Grünling. E soltava sempre uns risinhos patéticos.

– Vou mostrar-vos uma coisa... – Henny puxou Dodo pelo vestido e desatou a correr por entre os convidados.

Leo não tinha vontade nenhuma de se pôr a correr atrás de Henny. Provavelmente só se queria armar em importante, como sempre. Por outro lado, os dois estavam ali a morrer de tédio. Dodo acabou por seguir atrás dela e Leo foi também, contrariado.

Henny esgueirara-se para dentro da sala de costura. As máquinas de costura de que o papá havia falado formavam uma fila encostada à parede, fechadas com grandes tampas de madeira. Junto à porta, a mamã pendurou

dois grandes espelhos, e mesmo em baixo havia mesinhas com todo o tipo de objetos femininos. Escovas de cabelo, ganchos, maquilhagens e assim por diante. No outro lado, viam-se cabides para vestidos com barras compridas, onde estavam pendurados os modelos da mamã. Não se via nada, estavam todos tapados com panos cinzentos.

– Ali em baixo há um pássaro prateado – sussurrou Henny.

– Ali estão os vestidos da mamã, sua parvinha – disse Dodo. – Deixa lá isso, não temos autorização para vir aqui!

Henny já rastejara por baixo do pano e procurava entre os vestidos o seu passarinho prateado. O cabide começou a oscilar, agora parecia-se mais com um monstro cinzento a dançar sem sair do sítio.

– Já o agarrei – disse uma voz esganiçada de dentro do monstro. – É um... um... passarinho brilhante.

Leo e Dodo rastejaram então para baixo do pano. Por um lado, queriam ver o pássaro, por outro, no entanto, queriam salvar os modelos da mamã das patinhas peganhentas de Henny.

– Onde?

– Ali! Todo prateado...

Era mesmo. Num tecido azul cintilante haviam sido cosidas pequeninas lantejoulas prateadas que desenhavam um pássaro com as asas totalmente abertas.

Leo ia precisamente agarrar no braço de Henny para a puxar com força para fora do cabide... quando alguém entrou na sala de costura.

– Depressa. Pela ordem com que eu pendurei as coisas. Primeiro os vestidos de passeio... Hanna, tu entregas as coisas, a Gertie ajuda a vestir, a

Kitty faz a inspeção final. Ninguém sai lá para fora antes de eu dizer.

Era a mamã. Oh, céus, estava muito nervosa. Que estavam elas a fazer? Seria afinal o desfile de moda a que Serafina se referira?

Dodo agarrou-se ao pano cinzento, Henny agachou-se junto ao chão, possivelmente a pateta acreditaria que ninguém a conseguiria ver se se encolhesse mesmo muito. Não havia nada a fazer, daí a pouco a mamã ia descobri-los aos três e iam levar uma descompostura.

Mas afinal não foi assim. Alguém tirou o pano cinzento que cobria os vestidos e atirou-o, com um movimento rápido, para trás do cabide. Dodo, Henny e Leo desapareceram debaixo do pano. Ninguém os viu, era como se estivessem debaixo de um manto de invisibilidade.

Ficaram algum tempo agachados no chão, quietíssimos, mas então Dodo teve de espirrar e Leo pensou que estava tudo acabado. Mas as mulheres na sala de costura estavam demasiado agitadas, pelo que não deram conta de nada.

– A saia é ao contrário... assim está bem... Veste o corpete, senão a blusa não assenta bem... Espera, tens uma madeixa de cabelo a tapar o rosto... A costura está torta... Os castanhos não, são os sapatos cor de mostarda... Espera, os colchetes ainda estão abertos...

Ouvia-se a voz da mamã lá da sala principal do ateliê. Explicava às pessoas os vestidos que estavam a ver, com que tecidos haviam sido confeccionados e em que ocasiões deveriam ser usados. Pelo meio, ouviam-se exclamações como «Oooh» ou «Céus, tão bonito!» ou «Ora, é mesmo deslumbrante». A senhora Ginsberg tocava Schumann e Mozart, alguém tossia persistentemente, algures um copo estilhaçou-se...

Leo tinha a sensação de que estava prestes a morrer asfixiado debaixo daquele pano. Precisava de ar, não importa o que pudesse acontecer. Se ele caísse para o lado, morto, a mamã também não ficaria contente. Cautelosamente, levantou um pouco o pano e respirou fundo. Havia ali um cheiro esquisito. Não era o cheiro da sala de costura da mamã lá em casa, na Vila dos Tecidos. Era mais um cheiro de perfume. E de ar denso. De roupa lavada. E, de algum modo, de... de... mulheres.

Teve de afastar um pouco para o lado os vestidos do cabide para conseguir ver o que estava a acontecer lá mais à frente naquela sala. Era excitante. Duas jovens estavam diante dos espelhos, ele via-lhes as costas e, de frente, o seu reflexo no espelho. Uma tinha cabelo arruivado, despiu a blusa e depois também a saia. A outra estava de fato de banho, azul-escuro com debruns brancos, e agora a tia Kitty estava a pôr-lhe um chapéu de palha azul na cabeça. A jovem movimentava as ancas e puxava as tiras finas do fato de banho. A outra mulher estava de sutiã, que Gertie estava naquele momento a apertar nas costas... Leo ficou cheio de tonturas. Nunca vira uma mulher sem roupa. Raparigas, sim. Até há dois anos, ele e Dodo tomavam banho juntos numa tina, mas depois ele deixou de querer fazer isso. Mas Dodo ainda não tinha peitos, mesmo agora ainda não. Mas aquela mulher tinha.

– Vira-te para mim – ouviu a tia Kitty dizer. – Ótimo. Leva a capa, mas deixa-a aberta. No final da *passerelle*, vais tirá-la para que todos possam ver o fato de banho. Vai, agora!

Entrou uma terceira jovem, cheia de calor. Logo que entrou, deixou de sorrir e puxou o vestido verde para baixo. Usava um ligueiro de seda verde.

– O azul?

– Não, primeiro o lilás...

Alguém tirou um vestido do cabide e, de repente, Leo estava a olhar para os olhos arregalados e horrorizados de Hanna. Não lhe ocorrera que os vestidos seriam tirados uns a seguir aos outros para serem vestidos e agora estava sem cobertura.

– Que se passa, Hanna?

– Nada... absolutamente nada... tive apenas uma tontura, acontece-me às vezes quando me agacho.

Hanna não sabia mentir muito bem. Qualquer pessoa percebia isso. E ainda mais a tia Kitty, nestas coisas era ainda melhor do que a mamã.

– Não! Não posso acreditar! – A tia Kitty separou os vestidos com os dois braços e fitou o rosto pálido de susto de Leo. – Dodo? Henny? – ressoou a sua voz cheia de um mau augúrio.

Dodo saiu de trás do cinzento monte de tecido, Henny permaneceu acocorada e imóvel.

– Quem é que vos deixou entrar aqui?

Dodo assumiu as rédeas da situação, Leo estava demasiado desnorteado e Henny fingia que não estava ali de todo.

– Só quisemos ver os vestidos bonitos. – A tia Kitty não tinha tempo nem paciência para ouvir explicações, atrás dela a jovem do fato de banho estava já à espera do chapéu. Gertie tirou do cabide uma pilha de rendas pretas e de tecidos transparentes que pareciam teias de aranha.

– Dá-me o vestido de noite, Gertie – disse a tia Kitty.

– Leva as crianças lá para trás, para ao pé do Julius. Ele que as leve já imediatamente de volta para a Vila dos Tecidos. Henny! Sai daí para fora. Eu sei que estás aí em baixo!

De repente, tudo aconteceu muito depressa. Gertie puxou-os de trás do cabide, eles libertaram-se do pano cinzento e depois já estavam no escritório, e logo depois no jardim de inverno, onde Julius, prazenteiramente, bebia um copo de vinho e fumava um charuto.

– Tens de os levar para casa...

Julius dirigiu um semblante carrancudo para as três crianças, todas com o peso na consciência estampado na cara. Ficou pouco satisfeito por ser incumbido de tal tarefa, ainda agora se permitira um momento de prazer.

– Para ti, continuo a ser «senhor Kronberger» – rosnou ele na direção de Gertie. Ela fez pouco caso. – Não te fazia mal nenhum lembrares-te disso.

– E eu ralada...

Gertie deixou ali as crianças e fez menção de regressar à sala de costura. Estava a aproximar-se o ponto alto do desfile de moda, precisavam dela urgentemente.

Julius acabou de beber o vinho com um longo trago, levando o charuto com ele.

– Vamos lá então, patrõezinhos. Pela porta das traseiras, não pela porta da loja. Vistam os casacos.

Carregou os casacos e pôs o gorro de lã na cabeça de Henny. Estranhamente, esta não protestou, por norma teria desatado a resmungar. Mas desta vez parecia sinceramente arrependida.

Atravessaram o jardim, passaram depois por uma ruela escura como breu que ia dar à Karolinenstrasse. Aí chegados, tiveram de esperar um instante ao frio, porque Julius tinha de ir buscar o carro.

– Também já é mais do que hora de as criancinhas irem dormir, não é? – disse ele, quando os três se sentaram calados e obedientes no banco de trás.

– Quanto a isso, tem razão – retorquiu Dodo.

Leo ia calado. Ainda estava a processar o que acontecera e sentia-se incrivelmente mal. Henny emitiu uns estranhos ruídos gorgolejantes.

– Não! – gritou Julius. – Nos estofos, não. Malditos sejam. Nos estofos, não!

Disparou para fora do carro e abriu a porta traseira, com a intenção de tapar rapidamente os estofos de pele com o jornal *Augsburger Neueste Nachrichten*. Mas já foi tarde demais.

– Uuh – disse Dodo, enojada, afastando-se.

– Já me sinto melhor – suspirou Henny.

⁵ *Rentenmark*: unidade monetária temporária introduzida na Alemanha em 1923 para estabilizar o sistema monetário. (N. da T.)

⁶ *Papiermark*: nome genérico dado à moeda alemã entre 1914 e 1923. (N. da T.)

No sábado à noite, a cozinha da Vila dos Tecidos vivia uma grande azáfama. Julius acabara de levantar a mesa no piso de cima. Auguste estava ocupada a guardar os restos de comida em pequenos recipientes, para os levar depois para a despensa, enquanto Gertie, que estava há duas semanas a substituir Hanna, lavava a louça. Hanna também estava na cozinha: apesar de estar a receber no ateliê a sua instrução para se tornar costureira, continuava a viver na Vila dos Tecidos e era lá que tomava as suas refeições. Naquele dia, estava melancolicamente sentada à mesa, mordiscava um pão com fiambre e fitava o seu dedo indicador direito. Que estava envolto numa ligadura de gaze.

– Eu já sabia que não tinhas jeito nenhum para costureira – disse Auguste ao passar por ela. – Coseu o próprio dedo! Onde é que já se viu isto? Senhorita Hanna von Falta de Jeito, esse é que devia ser o teu nome...

– Deixa mas é a rapariga em paz! – ralhou a cozinheira, de pé em frente da mesa a cortar aipo, cenouras e cebolas. Vários amigos de negócios do patrão, mais as respetivas esposas, haviam sido convidados para jantar no dia seguinte, por isso era preciso começar desde logo a preparar alguns pratos. Sobretudo o caldo de vitela, que deveria ser servido como segundo prato com os pastéis de legumes, tinha de ser confeccionado desde já. A carne de vitela cozinhada estava destinada a um ensopado que seria servido aos empregados. Aos convidados seria servida barriga de porco recheada, com couve-roxa a acompanhar. O recheio teria também de ser confeccionado ainda nessa noite, para que os condimentos apurassem bem até ao dia seguinte.

– O que é que leva o recheio? – gritou Gertie lá do lava-louça.

– Já vais ver – rosnou a senhora Brunnenmayer, que pouco gostava de revelar as suas receitas.

– Carne de porco picada... sim? E pão ralado... sim? E depois ainda sal e pimenta... e... parece-me noz-moscada... é isso?

– Cauda de lagarto picada, graxa de sapatos e fuligem do fogão – retorquiu a senhora Brunnenmayer, rabugenta.

Julius riu-se maliciosamente com gosto, também Auguste estava divertida, apenas Hanna estava demasiado abatida para participar na gargalhada geral.

Gertie não se deixava intimidar assim tão facilmente. Não era a primeira vez que fazia aquele trabalho, mas até então nunca trabalhara numa casa tão grande. Os Melzers tinham até um lacaio, e ainda uma cozinheira, uma criada de quarto e uma ajudante de cozinha. Antes da guerra, até havia dois jardineiros, duas criadas de quarto e duas camareiras. E ainda uma governanta. Esses tempos abençoados já lá iam, mas constava que as coisas na fábrica de tecidos corriam agora muito melhor. Quem sabe se pensaria na possibilidade de ter mais empregados.

Gertie não morrera propriamente de entusiasmo quando a senhora Katharina Bräuer lhe oferecera apenas a posição de ajudante de cozinha na Vila dos Tecidos.

– Não tens de ser ajudante de cozinha para sempre – dissera a senhora Bräuer. – Se fores esperta, poderás subir.

Gertie ouvira dizer que a jovem senhora Melzer também começara em tempos como ajudante de cozinha na Vila dos Tecidos e isso impressionara-a bastante. Era evidente que não havia naquele momento nenhum jovem casadoiro na família Melzer, mas talvez ela pudesse ser promovida a criada de quarto ou até a camareira. Ou poderia tornar-se cozinheira. Seria preciso um período de aprendizagem, teria de frequentar uma escola especial para isso. Não teria possibilidade de a pagar, mas quem sabe os patrões...

– Põe cominhos... estou certa? – teimou ela. – E manjericão.

– O manjericão é para as almôndegas de fígado, não para o recheio da barriga de porco! – irritou-se a senhora Brunnenmayer, mordendo os lábios. Lá acabara por deixar que aquela pessoa a desviasse para a conversa. – E que tal se agora calasses o bico de uma vez por todas, senão mando-te separar batatas na cave! – ralhou ela, zangada.

Terminada a sua tarefa, Auguste sentou-se a suspirar ao lado de Hanna e afirmou estar totalmente esgotada. Estava entretanto tão corpulenta que não seria difícil pousar uma chávena de café em cima da sua barriga. A verdade é que ela se queixava diariamente de que aquela criança devia ser um belo monstrinho, sendo já tão grande e inquieta dentro do ventre.

– E dá-me pontapés. Nas costas. Mal me consigo deitar à noite... Só fico melhor quando o Gustav me faz uma massagem, porque tem muita força nas mãos.

Colocara alguns restos do jantar dos patrões num prato e empurrara-o para o centro da mesa, para que todos pudessem ainda petiscar alguma coisa. Salsicha fumada, pepino de conserva, pão com manteiga, alguns pedaços de tarte de ameixas – tudo coisas que, achava ela, teriam de ser comidas.

– E ainda sobrou um pouco de pão de trança – disse então a senhora Brunnenmayer. – Podes levar para os teus filhotes.

Auguste já pusera de lado os quatro pedaços de bolo. E agora contava de boca cheia como o seu Gustav era trabalhador.

– Está a construir uns belos estufins de madeira. Isto porque o patrão lhe ofereceu as velhas vidraças da montra do ateliê.

– Alguma de vocês pode secar a louça? – queixou-se Gertie junto à pia.

Auguste fez como se não tivesse ouvido nada.

Por fim, Hanna levantou-se e pegou num pano de cozinha.

– Mas onde é que para a Else? – admirou-se.

– Hoje está de folga – disse Auguste.

– Mas já passa das oito horas. Normalmente a esta hora já voltou há muito tempo...

Auguste soltou um risinho e disse que se calhar Else teria arranjado um bonito pretendente e que estaria naquele momento a dar um pezinho de dança no Kaiserhof.

– Ou então estão sentados no Luli, na Königsplatz, a assistir a um filme do Charlie Chaplin.

– Tu não estás boa da cabeça, Auguste – exclamou entretanto Julius. – A Else é que não! – Era sua opinião que as salas de cinema acabariam por fechar em breve. Mas que interesse tinham os filmes? Imagens em movimento, nada mais. E os atores mexiam-se de uma forma tão artificial. Também não diziam nada, ao invés apareciam aqueles patéticos textos entre as cenas. E aquela música de piano sem parar... Não senhor, ele preferia ir ver um espetáculo de variedades, pelo menos aí viam-se pessoas a sério.

– O que ele quer é ver raparigas seminuas – objetou a cozinheira, enquanto mexia a sopa na panela a ferver no fogão.

– Nego-o veementemente, senhora Brunnenmayer – revoltou-se Julius. – São na verdade artistas.

Auguste bufou, Gertie riu-se alto e bom som, e até Hanna se riu baixinho.

– São artistas, são. Mas não deixam de estar seminuas. – Julius atirou a cabeça para trás e fungou.

– Se quiseses, Hanna – replicou ele num tom manso –, se tu quiseses, um dia destes convido-te para ir a um espetáculo de variedades. Vais gostar.

Hanna agarrou num prato e esfregou-o para secar.

– Obrigada, mas não – respondeu cortesmente. – Prefiro que não. – Julius retorceu a boca e bebeu um gole de chá da sua chávena. Já estava habituado à resistência de Hanna, mas não desistia. Devia acreditar que a sua persistência o haveria de levar a bom porto.

– Se por acaso me quiseses convidar a mim, olha que não me vou fazer rogada – gritou Gertie na sua direção.

Julius não respondeu, mas, em contrapartida, Auguste, com um sorriso travesso, opinou que Gertie bem podia esperar sentada.

– O nosso Julius prefere a pequena Hanna – respingou ela. – E é verdade que é uma bonequinha. Parvo foi o Grigori quando se pôs a milhas. Mas eles são mesmo assim, os russos. Não sabem o que é bom. Não ouviram dizer que eles enfiaram pela goela abaixo todas as reparações que lhes tivemos de pagar?

– Isso são só conversas idi... – Hanna calou-se ao ouvir alguém a bater à porta.

– É a Else – considerou a cozinheira, de testa franzida. – Até que enfim! Vai lá abrir a porta, Hanna.

Contudo, quando puxou o ferrolho e a porta se abriu, quem ali encontrou não foi Else, mas sim Maria Jordan. Estava abrigada do frio com uma capa de lã axadrezada e um grosso cachecol de malha e, quando entrou na cozinha, viu-se-lhe o rosto vermelho de tão gelado.

– Ora vejam bem, a excelentíssima senhora diretora do orfanato – exclamou Auguste com ironia. – Deixaste as criancinhas sozinhas e vens ter

com os teus velhos amigos para nos deitares as cartas?

Maria Jordan não mudou de expressão. Cumprimentou todos, desenrolou o cachecol e despiu a capa. Julius dignou-se a ficar-lhe com as peças de vestuário para as pendurar no cabide junto à porta de entrada.

– Que vento gélido – disse ela, esfregando os dedos frios. – De certeza que vai nevar. O domingo que vem é já o primeiro do Advento.

Sorria como se fosse uma convidada ansiosamente esperada e serviu-se de uma chávena de chá com açúcar, fazendo-a acompanhar do último pedaço de tarte de ameixas.

– Agora trabalhas aqui como ajudante de cozinha, Gertie? – perguntou, enquanto mastigava.

– Já vou na segunda semana.

Maria Jordan assentiu e observou que ali na Vila dos Tecidos o que não faltava era ajudantes de cozinha a subir na vida.

– E tu? – perguntou a cozinheira, que tinha agora diante de si uma grande taça de barro, onde ia pondo os ingredientes do recheio. – E como te corre a vida, Jordan?

– A minha? Oh, não me posso queixar...

– Muito bem, então – disse Fanny Brunnenmayer, polvilhando uma boa dose de sal sobre a massa dentro da taça. Gertie, que lavava a grande bandeja de servir, esticou o pescoço para ver que condimentos a cozinheira dispusera em cima da mesa. Todavia, já tivera a oportunidade de constatar que, nos potezinhos de barro azuis e brancos, quase nunca as inscrições batiam certo com o seu conteúdo.

– E por aqui? – indagou Maria Jordan. – É verdade que vai ser contratada uma precetora para tratar das crianças?

– Infelizmente, é mesmo verdade – retorquiu. – A patroa, a velha senhora Melzer, *já contratou* uma precetora. Contra a vontade da filha e da nora. Parece que é uma pessoa horrível: ontem à noite a pobre Dodo veio ter comigo a chorar.

Maria Jordan bebeu o chá em pequenos tragos, fazendo uma pose muito distinta, esticando o dedo mindinho. Gertie achou que aquele comportamento era muito estranho numa antiga empregada da casa. Mas já lhe haviam contado que Maria Jordan era uma pessoa muito «especial».

– Quer dizer que as crianças já a conhecem – fez notar Maria Jordan. – Como se chama ela?

Julius soltou um grande bocejo, tinha já os olhinhos pequenos, naquele momento teria seguramente preferido ir deitar-se. Mas como Hanna ainda estava na cozinha, também ele ali permaneceu.

– Chama-se Serafina – disse Hanna.

Maria Jordan franziu o sobrolho.

– A Serafina von Sontheim?

– Não. Von Dobern. Parece que é amiga da Elisabeth von Hagemann.

Maria Jordan assentiu com a cabeça. Conhecia a senhora. E confirmou: não era uma pessoa fácil. Pobres crianças. Não, a sério, era de ter pena dos pequenos.

Gertie deu conta de que, exceto ela e Julius, todos os empregados estavam informados sobre Serafina von Dobern. Nobreza empobrecida. Feia e

ressequida. Queixo pontiagudo. Entediante até mais não. Em tempos teria almejado tornar-se ela a senhora Melzer.

– Nesse caso, vai de certeza haver desavenças – considerou Maria Jordan. – Eu tinha a velha senhora Melzer em melhor conta. Mas é verdade que já não vai para nova.

Usando uma colher de chá, a cozinheira provou o recheio, acenou com satisfação e tapou a taça com um pano de cozinha lavado.

– Pronto! – ordenou Gertie. – Leva lá para a despensa e depois voltas a pôr os condimentos na prateleira. – Dirigiu-se então à pia para aí lavar as mãos.

– E como andam as jardinagens, Auguste? – quis saber Maria Jordan.

Auguste fez um gesto de desdém. Não lhe apetecia falar das suas preocupações, e muito menos com Maria Jordan.

– Estamos no inverno, por isso não há grande coisa para fazer. E depois não tarda nada dou à luz.

– Claro, claro – disse Maria Jordan, olhando para a barriga saliente de Auguste. – Mas seguramente que vos faria jeito algum trabalhinho por fora. Estamos quase no Natal e os rapazes e a menina hão de querer receber presentes.

Presentes de Natal era coisa em que, naquele momento, a família Bliefert não se podia dar ao luxo de pensar; já se davam por satisfeitos se pelo menos conseguissem pôr na mesa um pequeno assado para um dia de festa.

– Mas que trabalhinho? Estás a precisar de alguém que te ajude a deitar as cartas, Maria? – troçou Auguste. Maria Jordan sorriu e recostou-se na cadeira.

De mãos pousadas na barriga, parecia agora ter realmente todo um ar de superioridade.

– Estou a precisar que me façam uma ou outra pequena tarefa. Pintar paredes. Afagar soalhos. Substituir tubos das salamandras... – Todos os presentes ficaram pasmados a olhar para ela, uns mais incrédulos do que outros. Nem mesmo Gertie sabia o que pensar daquilo. Não se dissera que Maria Jordan era diretora de um orfanato e que, devido à inflação, teria perdido o emprego?

– Tu? – perguntou Auguste, que não sabia se havia de se rir ou de manter o semblante sério. – Tu contratas esse tipo de trabalhos?

– Mas claro! – Maria continuava sentada na cadeira de sorriso persistente e comprazia-se com o efeito das suas palavras.

– E também pagas, certo?

– Mas é claro que pago.

– Sim, mas... – gaguejou Auguste, olhando para Fanny Brunnenmayer em busca de auxílio. Mas esta estava tão desorientada quanto todos os outros.

– Ganhaste uma herança, Jordan? Ou seduziste algum pretendente rico?

Maria Jordan olhou reprovadoramente para a cozinheira. Mas por quem a tomavam?

– Hoje em dia, uma mulher tem de se valer a si própria – anunciou, acenando em toda a volta. – Quem depende da ajuda dos outros acaba por ficar pendurado. – Aguardou um pouco até que parassem os cochichos à volta da mesa, prosseguindo em seguida. – Comprei duas pequeninas casas em Milchberg e vai ser preciso fazer algumas reparações. Quero arrendar os apartamentos. – Auguste ficou de queixo caído. Hanna quase deixou cair o último prato que acabara de secar. Fanny Brunnenmayer entornou o chá.

Julius fitou Maria Jordan com manifesto espanto.

– Casas – balbuciou Fanny Brunnenmayer. – Compraste duas casas. Diz-me lá, Jordan: estarás por acaso a fazer-nos passar por parvos?

Maria Jordan encolheu os ombros, dizendo que, quer acreditassem, quer não, um facto era um facto. De outro modo, a inflação ter-lhe-ia comido todas as suas poupanças. Como havia poupado algum capital, o banco concedeu-lhe um empréstimo e depois ela investiu o dinheiro logo que pôde.

– Estou a ver – murmurou Julius, cheio de inveja. – Conseguiu as casas por uma ninharia porque os proprietários estavam em dificuldades. E as dívidas no banco foram varridas pela inflação. Perfeito! Tem a minha admiração, menina Jordan.

Foi o único a manifestar-se, todos os demais permaneceram em silêncio. Maria Jordan. Que pessoa tão manhosa. E agora alcançara a sua obra-prima. Era evidente que obtivera o seu bem-estar à custa da miséria de outros. Mas eram assim mesmo as coisas nestes tempos terríveis.

Auguste foi a primeira a falar.

– Quanto pagas então?

– Manda o Gustav falar comigo; decerto chegaremos a acordo.

– Nem penses – retorquiu Auguste. – Dizes-me o preço a mim. Conheço-te de ginjaia, Maria.

– Como queiras, Auguste. Mas tens de considerar que, no piso térreo, vou abrir uma mercearia fina. E então podia comprar-vos ramos de flores e vegetais.

– Nós vendemos as nossas coisas no mercado.

– Passem por lá amanhã. As duas casinhas na curva da estrada. Já têm o meu nome na porta.

Maria Jordan levantou-se da cadeira e olhou para Julius com ar de encorajamento. Gertie mal conseguia acreditar, mas o laçao, que mantinha sempre o nariz empinado, levou-lhe a capa e o cachecol. Até a ajudou a vestir a capa, sorrindo-lhe, como se de uma senhora da alta sociedade se tratasse. Mas na verdade Maria Jordan era apenas uma camareira que fora despedida e a quem caíra dinheiro no colo. Mas a vida era mesmo assim. O dinheiro dava estatuto.

– Desejo a todos um resto de serão agradável – disse Maria Jordan. Nos seus olhos via-se o brilho do triunfo. – Então até amanhã, Auguste!

Julius acompanhou-a até à saída e depois trancou a porta atrás de si. Por instantes, reinou um silêncio confrangido na cozinha.

– Macacos de mordam – soltou por fim Fanny Brunnenmayer.

– Ela há de cair outra vez do seu belo cavalo – rosnou Auguste, invejosa. – Uma mercearia fina! Em Milchberg! Dá vontade de rir! A Maria Jordan e comida fina!

– E porque não? – objetou Gertie.

– Porque ela não percebe nada daquilo, parvinha – ralhou-lhe Auguste.

– Mas tem coragem – insistiu Gertie. – Vai agora sozinha atravessar o jardim e depois até à cidade. – Não ligou minimamente ao olhar venenoso de Auguste. Não era como Hanna, que se deixava facilmente intimidar. Auguste, com a sua má-língua, dali nunca levaria nada.

– Está escuro como breu – disse a senhora Brunnenmayer.

– Já passa das nove. Mas onde anda a Else? – Auguste levantou-se a custo do banco e gemeu devido às pernas inchadas. Hanna teve pena e foi-lhe buscar o casaco e o xaile.

– Mas porque se inquietam? De certeza que está há muito lá em cima na cama a ressonar.

– Nesse caso, como é que ela entrou? – Com efeito, a entrada de serviço passava pela cozinha; se Else tivesse chegado a casa, ter-se-ia cruzado pelo menos com a senhora Brunnenmayer, que estava ao fogão desde a hora do almoço.

– Eu cá vou agora para casa, a Liesl já deve ter posto os rapazes na cama há muito – disse Auguste, cobrindo a cabeça com o xaile. – Uma boa noite para todos.

Gertie abriu-lhe a porta e esperou até ela acender a vela da lamparina. Com o vento, a saia e o xaile de Auguste puseram-se a esvoaçar, e lá avançou ela lentamente pelo pátio fora, até ao estreito caminho de gravilha que atravessava o jardim outonal em direção à casa do jardineiro. Liesl acabou de fazer dez anos, pensou Gertie, quando fechou a porta e voltou a empurrar o ferrolho. E já tem de fazer de mãe dos dois irmãos. Pobre menina.

Na cozinha, estava ainda a senhora Brunnenmayer, a encher a gamela de água do fogão, os outros já haviam subido.

– Boa noite!

– Dorme bem – respondeu a cozinheira.

Gertie tinha subido apenas três degraus das escadas de serviço quando Hanna surgiu agitada a correr na sua direção, com Julius no seu encalço.

– A Else está lá em cima. Está com uns tremores esquisitos. Acho que temos de chamar o médico.

No fundo das escadas, a senhora Brunnenmayer ficou tremendamente assustada e levou a mão à boca.

– Já estava à espera! Há semanas que ela tem alguma coisa. Mas não diz nada a ninguém...

Gertie afastou Hanna e Julius para o lado para subir lá acima. Não gostava particularmente de Else, era impenetrável e passava o tempo a resmungar. Mas se estivesse mesmo doente tinha de a ajudar.

– Tem dor de dentes – observou Julius. – Nesse caso, tem mas é de ir ao dentista amanhã.

– Mas amanhã é domingo – Gertie ouviu Hanna dizer.

– Então na segunda logo de manhã – atalhou Julius.

Gertie subiu a correr as escadas até ao terceiro andar. O comprido corredor no qual, à direita e à esquerda, se encontravam os aposentos dos criados estava dotado de um candeeiro elétrico de teto, mas que emanava uma luz muito débil. Ainda assim, foi possível ver desde logo que a porta do quarto de Else estava apenas encostada.

– Else?

Dado não ter recebido resposta, Gertie empurrou a porta semiaberta. Lá dentro, o ar era bastante sufocante – era melhor nem pensar que cheiros se estariam ali a misturar. Gertie encontrou a lamparina e acendeu-a. Else estava deitada na cama, enterrara-se nas almofadas e não se mexia, ouvia-se apenas a sua respiração acelerada e ofegante. Tudo o que se conseguia ver dela era a testa vermelha encharcada em suor e uma bochecha bastante inchada.

Gertie pasmou a olhar para o inchaço escuro e sentiu-se tremendamente maldisposta. A sua irmãzinha morrera aos cinco anos com uma septicemia. Uma ferida no dedo que infetara, nada mais. Não ocorrera a ninguém levar

a criança ao hospital, quando ainda iriam a tempo... Gertie correu tão depressa pelas escadas abaixo que ficou muito tonta.

– Julius!

Estavam lá em baixo, na cozinha, e discutiam se deveriam chamar um médico àquela hora. Julius nem se dignou a virar para Gertie, estava absolutamente distraído a convencer Hanna a fazer um passeio noturno de carro.

– Vamos de carro a casa do doutor Greiner, minha querida. É um bom amigo dos Melzers e de certeza que vem.

– E eu vou porquê? Podes muito bem ir sozinho – objetou Hanna.

– Tens de me ajudar a convencer o senhor doutor. Tu consegues, Han...

– Parem com isso! – interveio Gertie. – É uma questão de vida ou de morte. Temos de pôr a Else no carro e levá-la para o hospital.

Julius revirou os olhos. Mas que disparate. Além disso... era coisa que não podia fazer sem autorização do patrão.

– Temos de informar os patrões – considerou também Fanny Brunnenmayer. – A senhora decidirá o que fazer.

Hanna já saíra da cozinha, com Gertie atrás dela. O corredor do primeiro andar estava muito escuro, a sala de jantar estava ao abandono, também na sala de fumo e no jardim de inverno não se via vivalma. Já do salão vermelho ecoavam vozes a falar baixinho, ao que parecia a jovem senhora Melzer estava a conversar com a cunhada.

Hanna deu uma pancadinha na porta, as duas raparigas esperaram impacientemente, mas nada aconteceu. A conversa lá dentro parecia bastante acalorada, pelo que a pancadinha suave de Hanna não fora de todo ouvida.

– Oh, céus – sussurrou Hanna. – Estão a falar sobre a nova precetora.

– Isso agora não me importa nada.

Gertie abriu a porta sem pedir autorização e olhou lá para dentro. Estavam ali sentadas Marie Melzer e Kitty Bräuer, lado a lado no sofá, as duas numa conversa enfurecida. Kitty Bräuer erguera os braços. Quando deu por Gertie a entrar pelo salão adentro, ficou paralisada.

– Gertie? Mas que queres tu a esta hora? – perguntou, manifestamente irritada com aquela perturbação.

Marie Melzer foi mais rápida a compreender.

– Aconteceu alguma coisa? – Gertie fez uma vaga vénia e aquiesceu, abanando vigorosamente a cabeça.

– Peço perdão por entrar assim sem mais nem menos, minha senhora. A Else está gravemente doente. Acho que está com uma septicemia.

– Oh, Deus do céu – clamou Kitty Bräuer. – Hoje não nos pode acontecer mais nada! E como é que isso foi acontecer à Else?

Marie Melzer já se levantara num salto. Foi dar com Hanna no corredor, que esperara obedientemente do lado de fora da porta.

– Hanna? Foste lá vê-la? Tem febre? Uma ferida?

Gertie ficou parada junto à porta e achou que a senhora não devia perguntar a Hanna, mas sim a ela, Gertie. Mas assim eram as coisas, uma ajudante de cozinha não contava para nada. Já uma costureira, contava.

– A Gertie acha que devemos levá-la para o hospital. Senão ela vai morrer.

– Sobe comigo até lá acima, Hanna. Eu vou ver como ela está.

Ninguém pediu a Gertie que participasse nesta visita à doente, por isso permaneceu junto à porta. Hanna não acabara de dizer alto e bom som «A Gertie acha...»? Então porque é que não podia subir também?

Agora também Kitty Bräuer se levantara e saíra para o corredor. Mal-humorada, olhou para Gertie.

– Mas que teatro! O mais provável é estar outra vez com dor de dentes. Tem mas é de ir ao dentista de uma vez por todas, a pateta. E que estás tu aqui a fazer parada? Sobe para o teu quarto. Alto! Espera! Já que aqui estás, traz-me uma chávena de chá. Chá preto da Índia. E dois biscoitos de amêndoa. Traz-me o chá lá acima ao meu quarto. Vá, depressa!

– Muito bem, minha senhora.

Esta mulher tem a sensibilidade de uma porta. Lá em cima, a Else estava a morrer, mas a senhora pedia um chá com biscoitos. Furiosa, Gertie desceu as escadas até à cozinha, onde tinha mais problemas à sua espera.

– Tens de enfiar sempre o bedelho em tudo? – rosnou-lhe Julius. – Tinha-a quase convencido.

– Nem sequer pode usar o carro sem indicação dos patrões! – rugiu-lhe ela de volta. Só faltava mais este. Aquele bode libidinoso só se queria aproveitar da situação para se atirar à Hanna.

– Numa emergência, quando é uma questão de vida ou de morte, já posso – alegou ele.

Inacreditável! A única pessoa que se preocupava com a pobre Else era a cozinheira. Fanny Brunnenmayer também subira lá acima e estava agora de regresso à cozinha, sem fôlego. A jovem senhora Melzer estava lá em cima

com Else. Louvado seja Deus. Marie Melzer saberia seguramente o que fazer. Gertie pensou para si que também ela sabia o que fazer.

Só que, infelizmente, ninguém lhe dava ouvidos.

– Julius! Traz o carro até à porta da frente! – clamou uma enérgica voz masculina.

O laçao recompôs-se. Era evidente que a situação ganhara maiores proporções, já que o patrão fora chamado.

– Já, já, senhor Melzer!

Gertie correu com Fanny Brunnenmayer para o outro lado da cozinha, onde ficava a saída para o vestíbulo. A luz acendeu-se – no ano passado, o patrão mandara instalar vários candeeiros elétricos no vestíbulo.

– Ali! – gemeu Fanny Brunnenmayer, apontando de braço esticado para a escadaria que era serventia dos patrões.

– Oh, céus, oh, céus... Virgem Santíssima... Jesus Cristo.

Gertie acompanhou os acontecimentos de olhos arregalados. O patrão vinha efetivamente a descer as escadas com uma Else imóvel nos braços. Seguramente nenhum dos seus antigos patrões teria feito tal coisa. A enferma fora envolta no edredão, mas os pés desnudados estavam de fora. Ui, a pobre Else estava cheia de calos.

– O carro já chegou? Traz mais uma manta, Hanna.

Marie Melzer caminhava ao lado do marido, Hanna correu à sua frente para abrir a porta da rua. Flocos brancos voaram para o interior da casa, logo agora começara a nevar. Fanny Brunnenmayer apoiara o braço no ombro de Gertie e soluçava, rogando a misericórdia divina.

– Ela já não volta, Gertie. Já não volta.

Gertie libertou-se para ir buscar os casacos e os chapéus dos patrões. Marie Melzer sorriu-lhe por um brevíssimo instante, enfiou depois tudo no braço e correu atrás do marido. Ao que parecia, queria acompanhá-lo até ao hospital.

Mal Hanna fechara a porta da rua atrás de si, Kitty Bräuer surgiu no fundo das escadas. Desorientada, ficou pasmada a olhar para o vestíbulo onde estava Hanna com Gertie e a lacrimosa cozinheira.

– Meu Deus, que terrível! – exclamou ela. – Gertie, não te esqueças do meu chá. Mas sem biscoitos. Perdi o apetite!

8

As coisas estão a correr de vento em popa. Paul Melzer sentia-o, ainda que quase todos à sua volta continuassem céticos. Mas ele estava certo de ter faro para aquilo, exatamente como o pai sempre tivera. O ponto mais baixo da depressão económica após a derrota na guerra havia sido superado.

Voltou a colocar na pasta o documento sobre cuja elaboração passara algum tempo a refletir e decidiu que no dia seguinte tomaria a decisão após uma conversa exaustiva com Ernst von Klippstein. A proposta que chegara dos Estados Unidos para o fornecimento de algodão em rama era absolutamente aceitável. Era apenas uma questão de saber se o novo *rentenmark*, no qual ele próprio depositava tantas esperanças, conduziria efetivamente a uma estabilização do sistema monetário alemão. Todavia, se a moeda alemã continuasse a desvalorizar-se face ao dólar, mais valia combinar a compra do algodão com uma redução dos tecidos estampados, a fim de não incorrer em perdas.

Fechou a pasta e espreguiçou-se: o ombro ressentia-se quando passava algum tempo sentado à secretária; ficava rígido se não se mantivesse constantemente em movimento. Era incómodo, mas, feitas as contas, ele tivera muita sorte; outros haviam regressado a casa com ferimentos de guerra muito piores. Já para não falar dos muitos, muitos milhares que a guerra devorara, que jaziam algures, anonimamente, em terra que lhes era estranha. Sim, ele era uma pessoa de sorte. Não apenas sobrevivera, como também pudera voltar a abraçar a sua amada Marie, os dois filhos, a mãe, as irmãs... Nem todos os que regressavam haviam sido bafejados por tanta sorte, alguns infelizes haviam voltado para constatar que a mulher ou a noiva os havia trocado por outro na sua ausência.

Já estava escuro lá fora. Pela janela do escritório, via-se uma parte dos pavilhões iluminados da fábrica de tecidos Melzer, com os bicos dos telhados em dente de serra envidraçados, e mais atrás, a uma certa distância, os edifícios da fiação de penteados e outras instalações industriais. Lá longe, na escuridão da noite, brilhavam as luzes da cidade. Era uma vista bonita, pacífica e que o enchia de esperança. A sua cidade natal, Augsburg: ansiara tanto por ela nos lúgubres tempos de guerra passados na Rússia. Mas era melhor não continuar a pensar nisso. Era preciso impedir que as recordações viessem à tona. O que ele vira durante as campanhas militares e, depois, no campo de prisioneiros fora tão inimaginavelmente terrível que foi necessário banir tais recordações para o mais fundo do seu ser. Tentara algumas vezes contar a Marie alguns dos acontecimentos. Mas depois arrependeu-se, já que os fantasmas que assim evocava atormentavam-no noites a fio e nem com álcool os conseguia anestesiar. Tinha de enterrar tudo isso na cave do esquecimento, aquelas sombras malévolas, fechar a porta atrás de si a sete chaves e nunca mais lá voltar. Só assim uma pessoa conseguia continuar a viver, construir um futuro.

Empurrou a pasta para o lado e organizou as pilhas que tinha à direita e à esquerda, em cima da secretária. No lado esquerdo, os assuntos por tratar, ordenados por grau de urgência; à direita, os dossiês e as pastas que precisara de consultar naquele dia. Ao centro, o tinteiro de pedra verde que antes pertencera ao seu pai. Paul ocupava o gabinete do pai fazia entretanto três anos, sentava-se à sua secretária, até na mesma cadeira. Apenas poucos anos antes, naquela sala, o diretor Johann Melzer repreendera terrivelmente o filho, na presença de vários funcionários! Furioso, Paul viajara imediatamente para Munique, onde na altura cursou Direito...

O passado já lá vai. O tempo avançara para as gerações seguintes. Johann Melzer repousava junto ao Senhor no cemitério de Hermanfriedhof, Paul Melzer assumira as suas funções e o seu filho Leo, que seguiria as pisadas do pai e do avô, andava à bulha com os colegas da escola primária.

Alguém bateu à porta.

Henriette Hoffmann, uma das suas secretárias, espreitou pela fresta da porta, os óculos cintilavam sob a luz do candeeiro de teto.

– Já terminámos, senhor diretor.

– Muito bem, menina Hoffmann. Vamos então dar o dia por encerrado. Diga à menina Lüders que guarde novamente estes dois dossiês no gabinete do senhor Von Klippstein.

Uma vez mais, fizera-se tarde, o relógio de pulso indicava as sete horas – teria de ouvir as censuras da mãe. Alicia era há muitos anos a guardiã de uma ordeira rotina diária na Vila dos Tecidos, em que se incluía, antes de mais, o cumprimento das horas das refeições. Não era tarefa fácil, já que sobretudo Kitty não dava grande importância à pontualidade. Acrescia entretanto também o trabalho de Marie no ateliê, que se alongava amiúde pela noite dentro. Uma mudança que também a ele pouco agradava, mas a que, no entanto, se resignara sem reclamar.

– Muito bem, senhor diretor.

– Por hoje é tudo, menina. O senhor Von Klippstein já saiu?

Henriette Hoffmann esboçou um sorriso algo forçado. Sim, o senhor Von Klippstein saíra do gabinete um quarto de hora antes.

– Pediu para o informar de que ainda vai passar pela Karolinenstrasse a buscar a sua esposa.

– Obrigado, menina Hoffmann. Não se esqueça de fechar a porta da escadaria quando sair. – Paul reparou que ela corou. Naquela manhã, Paul Melzer constatara que a referida porta não estava fechada. Qualquer pessoa dentro do edifício poderia ter acedido ao vestíbulo e à sala de trabalho das secretárias. Houve atribuição de culpas mútuas, mas era muito provável que o bom do Klippi fosse o responsável pela negligência. Nos últimos tempos, ele parecia aliás um tanto ou quanto distraído, se calhar era mesmo verdade o que Kitty sempre alegara e Ernst von Klippstein andaria efetivamente à procura de noiva.

Paul vestiu o casaco e pôs o chapéu. Não se conseguia resolver a usar uma bengala, alegadamente um acessório essencial para qualquer senhor elegante dos melhores círculos. Ottilie Lüders veio atrás dele e entrou apressadamente no seu gabinete para pegar nos dois dossiês e levá-los para o devido lugar, no gabinete de Von Klippstein. Ao contrário do pai, que se sentava sempre diante de uma secretária atafalhada de coisas, Paul não suportava a acumulação de documentos de que já não precisava.

– Um bom resto de dia, minhas senhoras.

Desceu as escadas em passo apressado, conhecia tão bem a altura dos degraus que as pernas se mexiam sozinhas. Uma vez chegado lá em baixo, inspecionou rapidamente os pavilhões, deu uma olhadela nas novas máquinas da fiação e ficou satisfeito por ver tudo a funcionar. Daí a meia hora, também ali estaria tudo parado. Antes da guerra, as máquinas laboravam noite e dia, mas isso já mudara há muito. O nível de encomendas não alcançara ainda um patamar tão vertiginoso, bastavam os turnos da manhã e da tarde, ambos tinham uma duração de oito horas, garantindo-lhe a ele a reputação de ser um patrão progressista. Mas havia também quem dissesse que ele introduzira

aquele regime apenas por receio de mais greves, que era um cobarde rendido aos socialistas. Em todo o caso, os seus trabalhadores estavam satisfeitos e tinham um bom desempenho. Isso era importante. Ainda que o pai dê provavelmente constantes voltas no túmulo cada vez que se faz uma concessão deste tipo.

– Boa noite, senhor diretor!

– Boa noite, Gruber!

O porteiro, como sempre, saíra do seu cubículo envidraçado para se despedir do senhor diretor. Seria provavelmente difícil encontrar no mundo inteiro pessoa mais leal do que Gruber. Vivia unicamente para a fábrica, era o primeiro a chegar e o último a sair. Uma vez, Kitty dissera que ele até vivia na casinha da portaria, o que evidentemente não era verdade. Mas Gruber conhecia ali todos os que entravam e saíam, todos os funcionários, até o mais simples ajudante, o carteiro, os fornecedores, os parceiros de negócios e quem mais tivesse acesso ao recinto.

Enquanto seguia pela Haagstrasse em direção à Vila dos Tecidos, interrogou-se o que levara Ernst a ir buscar Marie ao ateliê. O amigo já o fizera diversas vezes, alegando que na época do ano em que estava escuro Marie não deveria ir para casa sozinha. Marie rira-se na sua cara, dizendo que, afinal de contas, ela não era a única pessoa a andar de elétrico. Estaria a pensar também levar futuramente as meninas Hoffmann e Lüders a casa, que também andavam na rua sozinhas àquela hora? Ernst resguardara-se então em Alicia, declarando que estava assim apenas a garantir a pontualidade de todos no jantar da casa Melzer. E que, além do mais, era evidentemente sua expectativa ser convidado para lhes fazer companhia à mesa, na qualidade de cavalheiro e ajudante. O que a mãe fazia absolutamente de bom grado. Enfim,

Paul não tinha nada contra. Klippi – como Kitty o tratava – era um homem amável e um agradável conviva à mesa.

Chegado ao portão do jardim, ocorreu-lhe pela enésima vez que o batente esquerdo do portão pendia, torto, pelos gonzos, seria preciso renovar os pilares de alvenaria, felizmente os grandes batentes de ferro forjado, em si, estavam intactos. Paul registou mentalmente que deveria abordar o assunto com a mãe na próxima oportunidade e olhou para a Vila, fortemente iluminada por vários candeeiros de rua. Uma carruagem a cavalo parara em frente da escadaria da entrada. Seria provavelmente o comerciante de vinhos a quem ele encomendara algumas caixas de vinho tinto e também de vinho branco. Paul ficou irritado. As carruagens não tinham nada que parar na entrada principal: os agricultores ou comerciantes que forneciam alimentos à Vila dos Tecidos deviam usar a entrada de serviço, pois era aí que deviam ser entregues as mercadorias. Todavia, quando se aproximou, constatou, para seu grande espanto, que o que se descarregava não eram caixas de vinho, mas sim várias malas e peças de mobiliário, que estavam a ser retiradas da Vila e arrumadas na carruagem.

Estacionou logo atrás da carruagem e chegou mesmo a tempo de impedir Julius de colocar no veículo um banco azul-claro com estofos de seda.

– Mas que vem a ser isto, Julius? Isso é o banquinho do quarto da minha irmã!

Julius não o viu chegar e assustou-se com tão inesperada e pouco simpática abordagem. Pousou o banquinho no empedrado do pátio e, antes de mais, respirou fundo. Paul percebeu no rosto do laçao que toda aquela circunstância lhe estava a ser penosa.

– Sigo instruções da sua irmã, senhor Melzer – disse ele, algo aflito. – Estou apenas a fazer o que me foi pedido.

Paul fitou primeiro Julius e depois baixou os olhos na direção do bonito banquinho orlado por um folho de seda fina. Não estivera sempre em frente do toucador de Kitty?

– Leve tudo de volta para a Vila! – ordenou ele ao atónito lacaio, precipitando-se então pela escada acima para chamar Kitty à razão. No vestíbulo, embateu contra uma pequena escrivaninha que dois rapazotes carregavam em direção à saída.

– Pousem tudo! Já não sai mais nada lá para fora! – ordenou, furioso.

Um dos jovens obedeceu, o outro encarou-o com atrevimento.

– Só estamos a fazer o nosso trabalho, senhor. Será melhor sair do nosso caminho.

Paul obrigou-se a manter a calma. Conhecia aqueles rapazes, contratara alguns deles para a fábrica e só lhe haviam arranjado problemas. Foram mandados para a guerra com dezassete anos e haviam-se familiarizado com a brutalidade, aprendido a matar sem remorsos, a violar, a destruir. E agora tinham dificuldade em orientar-se no país natal.

– Eu sou o dono da casa – disse ele num tom tranquilo, mas enérgico. – Aconselho-o por isso a não levar nada contra a minha vontade. Isso poderá sair-lhe caro!

Junto à porta de acesso à zona de serviço via-se a senhora Brunnenmayer e a gravidíssima Auguste, ambas a assistir aos acontecimentos de olhos assustados. Paul fez-lhes apenas um aceno breve, atravessando o vestíbulo a correr para subir ao primeiro andar.

– Kitty! Onde estás?

Sem resposta. Lá em cima, no segundo andar, onde ficavam os quartos de dormir da família, arrastavam-se móveis e ouvia-se Henny a chorar ruidosamente. Já tinha um pé nas escadas quando viu a mãe a sair do salão vermelho.

– Paul! Ainda bem que finalmente chegaste.

Tinha um ar abatido. Teria estado a chorar? Oh, céus, um drama familiar. Na verdade, ele preferia ficar longe das disputas das senhoras da Vila dos Tecidos.

– O que aconteceu?

Ela tinha realmente estado a chorar. Ainda tinha o lenço na mão e limpou os olhos.

– A Kitty perdeu a cabeça – gemeu ela. – Quer sair da Vila dos Tecidos e mudar-se com a Henny para a Frauentorstrasse.

Alicia teve de enxugar novamente as lágrimas e Paul compreendeu que aquela emoção não tinha tanto que ver com Kitty, mas antes com a sua pequena neta. A mãe estava imensamente afeiçoada aos três pequeninos.

– E porquê, já agora?

Na verdade, nem teria sido preciso perguntar tal coisa, pois já conhecia a resposta. A nova precetora, Serafina von Dobern. Como era aliás possível que a mãe tivesse contratado aquela pessoa sem antes conversar com Kitty e Marie? No fundo, a culpa de tudo aquilo era mesmo de Alicia.

– Peço-te, de coração, Paul – disse ela. – Vai lá acima e chama a tua irmã à razão. Ela a mim não dá de todo ouvidos.

Aí estava uma coisa que ele não tinha vontade nenhuma de fazer. Tanto mais que conhecia a irmã mais nova: quando punha uma coisa na cabeça, nada nem ninguém a conseguia demover. Paul suspirou fundo. Porque é que Marie não tratava deste assunto? E onde estava Ernst, aquele covarde?

– Se o Johann ainda estivesse vivo – sussurrou a mãe para dentro do lenço –, a Kitty nunca se teria atrevido!

Paul fingiu que não ouviu aquela frase e subiu as escadas até ao segundo andar. O pai! Esse nunca teria sequer deixado a tal da Serafina pôr um pé naquela casa. É verdade que o pai nunca gostara das amigas de Lisa, e com bons motivos para isso.

No piso de cima reinava um terrível caos de malas e caixas, a cama de criança de Henny fora desmontada e estava encostada à cómoda, ao lado estavam os colchões e a roupa de cama, o bacio, as bonecas e o grande cavalo de baloiço...

– Kitty! Mas tu perdeste completamente o juízo? – Em vez da irmã Kitty, apareceu Marie no corredor, com uma pilha de roupa de criança nos braços. Atrás dela, deslocava-se um monte de roupa, debaixo do qual Paul discernia agora a pequena Gertie, que arrastava o guarda-roupa de Kitty para um grande baú.

– Oh, Paul! – exclamou Marie, pousando a roupa numa mala aberta. – Lamento tanto... Isto hoje está tudo de pernas para o ar.

Abanando a cabeça, ele passou por caixas e caixotes para entrar no quarto de Kitty.

– Não estou bem a perceber porque é que tu ainda estás a ajudar nesta loucura, Marie – disse ele ao passar por ela. – Porque é que não tentas mediar a situação? A mamã está de cabeça perdida.

Marie olhou para ele, aborrecida, e ele arrependeu-se imediatamente do que disse. Que parvoíce a sua, pôr-se agora a culpar Marie. Se alguém não tinha culpa daquilo era ela.

Contudo, a resposta de Marie deixou bem claro que ele estava enganado.

– Lamento muito ter de te dizer isto, Paul – retorquiu ela calmamente. – Mas a culpa é da mamã. Afinal de contas, conhece a Kitty desde que ela nasceu e deveria ter sabido que não a pode tratar desta maneira.

Paul absorveu calado a acusação contra a mãe. A mãe alegara que os cuidados com as crianças eram assunto apenas seu, já que Marie passava o dia inteiro no ateliê. E que por isso contratara uma precetora que merecia toda a sua confiança. É verdade que ele compreendia em parte esta argumentação, mas preferiu não o dizer a Marie.

Kitty estava sentada na sua cama, segurava a soluçante Henny no colo e falava-lhe para a acalmar.

– Uma casinha de bonecas...

– Nãoooooo! Eu quero ficar aqui!

– Mas, minha querida. A avó Gertrude vai ficar tão contente por te ter lá.

– Não gosto... avóóó... Truuuude...

Kitty levantou os olhos, enervada, e viu Paul junto à porta. Excecionalmente, a sua presença não pareceu merecer o entusiasmo da irmã.

– Oh, Paulinho – exclamou Kitty com alegria artificial. – Imagina tu, esta criança pateta, patetinha, não se quer mudar para a Frauentorstrasse. Onde até tem um jardim todo só para ela. E para onde vamos levar todos os brinquedos dela. – Estava agora a falar mais para a chorosa Henny do que para o irmão. – E para onde eu vou comprar uma maravilhosa casinha de

bonecas. Com móveis verdadeiros lá dentro. E com luzes... – Paul pigarreou e decidiu fazer uma tentativa. Apesar de ter muito poucas esperanças de ser bem-sucedido.

– Vais mesmo fazer isto à mamã, Kitty?

Kitty revirou os olhos e, com um enérgico movimento da cabeça, atirou para trás o cabelo escuro cortado à rapaz.

– A mamã é uma pessoa egoísta que entrega friamente os netos aos cuidados de uma bruxa. Não quero ouvir nem mais uma palavra sobre a mamã, Paulinho. Sei bem do que estou a falar. Afinal de contas, conheço a Serafina de ginja. Nunca, jamais e em tempo algum vou deixar a minha pequena doce Henny nas mãos dela.

Paul suspirou. Estava a travar uma guerra perdida, isso era evidente. Mas fazia-o pela mãe. E, naturalmente, também para manter a paz familiar.

– Mas porque é que vocês, mulheres, não se sentam e conversam sobre o assunto? Tem de ser possível, se todas estiverem dispostas a encontrar uma solução. Afinal de contas, a senhora Von Dobern não há de ser a única precetora de Augsburg. – Tornou-se evidente que Henny dera conta de que a atenção da mãe já não estava centrada nela, pelo que tomou fôlego com toda a força para desatar outra vez a chorar bem alto.

– Henny, minha querida. Agora já chega... Não é preciso gritar dessa maneira.

Mas Henny não se deixava acalmar e pôs novamente em marcha a sua gritaria. Kitty tapou os ouvidos, enquanto Paul deu meia-volta e fugiu para o corredor.

Aí encontrou Marie ocupada a enfiar uma grande braçada de bolsas de mão e cintos dentro de uma saca.

– Nós sentámo-nos e conversámos, Paul – disse ela, preocupada. – Mas já era tarde demais. A mamã não estava de modo nenhum disposta a dispensar outra vez a senhora Von Sontheim. Oh, Paul, receio que isto possa ser tudo culpa minha. Passo demasiado tempo no ateliê e estou a negligenciar as minhas outras obrigações.

– Não, não, Marie. Não podes pensar assim. É tudo uma questão de organização. Vamos encontrar uma solução, meu amor.

Ela olhou para ele e sorriu, aliviada. Por um instante, mergulharam nos olhos um do outro, e ele sentiu-se tentado a abraçá-la. A sua Marie. A mulher sempre a seu lado, de quem ele tanto se orgulhava. Nada deveria interpor-se entre os dois.

– Peço muita desculpa, quando antes eu... – começou ele, mas foi interrompido. Do quarto de Kitty ouvia-se a vozinha penetrante de Henny.

– E a Dodo... e o Leo... e... e... a avozinha... e o meu baloiço... e a Liesl com o Maxl e o Hansl...

– Lá na outra casa tens a avó Gertrude e, no Natal, vem também a tia Tilly, os amigos da mamã vêm visitar-nos...

– Compras-me uma casa de bonecas com vários andares?

– Uma casinha de bonecas, foi o que eu disse, Henny.

– Uma casa com vários andares. E lá em cima são os aposentos dos criados. E o salão tem poltronas vermelhas. E um automóvel.

– Uma casinha de... – Gritos foram a resposta de Henny, mas Kitty manteve-se firme. – E se continuas a berrar assim, não tens mas é nada!

Pouco depois, Kitty veio até ao corredor com a chorosa filha ao colo. Ao que parecia, a transação estava concluída, seria uma casinha de bonecas e não uma casa com vários andares.

– Marie, Marie do meu coração. Agora vou com esta choramingas para a Frauentorstrasse, hoje à noite tenho de ir a uma exposição no Grémio das Artes, não posso mesmo faltar, porque vou ser eu a proferir o elogio. Por favor, sê uma querida e trata de garantir que tudo é acondicionado e levado para lá, pode ser? Oh, Paulinho, é uma grande tristeza. Já não nos vamos ver tantas vezes, mas prometo que, sempre que puder, vos venho visitar. E dá um beijo meu à mamã, ela que se acalme para não ter uma enxaqueca. A Henny está bem, o meu docinho vai ser muito feliz na Frauentorstrasse. E... Gertie, não te esqueças dos chapéus que estão no armário! Se as caixas de chapéus não forem suficientes, põe-nos simplesmente numa mala. Paulinho, deixa-me abraçar-te. Serás sempre o meu preferido e único Paulinho, seremos sempre inseparáveis. Marie, minha querida amiga, amanhã logo cedo vou ter contigo ao ateliê. Dá cá um abraço, minha querida. Pega-me por favor só num instante na Henny, Paulinho, para eu poder dar um abraço bem apertado à Marie. Adeus, meus queridos... adeus... não se esqueçam de mim. Gertie, não te esqueças das pantufas azuis que estão na cómoda.

A verborreia de Kitty envolvia-a como uma camada protetora – Paul não conseguiu proferir uma palavra que fosse. De semblante apreensivo, acompanhou-a com o olhar, ouviu-a a tagarelar com Auguste lá em baixo, no vestíbulo, depois o ruído da porta de entrada a fechar-se atrás de si. Logo de seguida, ouviu-se o motor de um automóvel a ligar-se.

– Ela não está a levar o meu carro para a Frauentorstrasse, pois não?

Correu para o quarto de Marie, cuja janela dava para o pátio, e olhou pasmado lá para baixo. Com efeito, um carro avançava no acesso em direção ao portão do jardim.

– Tem calma, Paul – disse Marie, que viera atrás dele. – É o carro antigo do Klippi. Ele ofereceu-lho.

– Não me digas – resmungou Paul. – E com isso acabou de perder a preferência da mamã.

Marie riu-se baixinho e disse que Klippi estava de tal forma nas boas graças da mamã que se podia dar ao luxo de um pequeno deslize.

– É uma pessoa tão amável e disponível...

– Sem dúvida – rosnou Paul. Sem saber bem porquê, sentiu uma intensa fúria contra o seu amigo e sócio. Por que raio Ernst von Klippstein estava sempre a meter-se nos assuntos da sua família? Já não bastava ir buscar Marie ao ateliê, acusando-o mais ou menos abertamente a ele, Paul, de não proteger suficientemente a sua jovem esposa, e agora tomava o partido de Kitty, posicionando-se contra a mãe. Paul estava agora com pena da mãe, que seguramente tivera apenas boas intenções. Quem lhe poderia levar a mal que a sua ideia de como as crianças deveriam ser educadas não coincidisse com a da sua filha?

Na sala de jantar, soou o gongo de chamada para a refeição.

– Vamos pelo menos jantar juntos, Marie!

Ela assentiu com a cabeça e deu mais algumas instruções breves a Gertie sobre como proceder com as malas. Deu então a mão a Paul e atravessaram juntos o corredor até às escadas. Antes de descerem, Paul parou por um instante e beijou-a rapidamente na boca. Riram-se os dois baixinho, como se

Marie fosse ainda a camareira a beijar o jovem patrão Melzer às escondidas no corredor.

Na sala de jantar, já todos os outros se haviam sentado. O sorriso de Ernst von Klippstein parecia denunciar algum sentimento de culpa, a mamã estava muito séria, mas estava sentada à mesa ereta e de costas direitas. A cadeira de Kitty fora confiscada por Serafina von Dobern, à direita e à esquerda da nova precetora ficavam os lugares dos gémeos. Leo nem sequer levantou os olhos quando os pais entraram, Dodo tinha o rosto vermelho e inchado, seguramente tinha havido alguma contrariedade.

– Que se passa, Dodo? – perguntou Marie, olhando para a filha com um ar preocupado.

– Ela deu-me uma bofetada!

Marie permaneceu aparentemente imperturbável, mas os cantos da boca contraíram-se. Paul conhecia aquele sinal: estava furiosa.

– Senhora Von Dobern – disse Marie muito devagar e com firmeza na voz.
– Até hoje, nunca foi preciso bater nos meus filhos. E seria bom que assim se mantivesse! – Serafina von Dobern estava sentada na cadeira tão direita como Alicia, possivelmente era uma postura que fazia parte da educação da nobreza. A precetora sorriu indulgentemente.

– Evidentemente, senhora Melzer. Bater nas crianças não é um método de educação adequado na nossa classe. Já uma pequena bofetada seguramente nunca fez mal a ninguém.

– Também acho, Marie! – ouviu-se Alicia dizer.

– Pois eu tenho outra opinião – disse Marie, e a sua voz soou invulgarmente dura.

Paul sentia-se extremamente desconfortável diante daquela conversa à mesa. Num momento assim, o pai teria provavelmente exercido a sua autoridade, pondo fim à disputa à sua maneira. Mas Paul não era da mesma cepa, preferia negociar. Algo que, aliás, conseguia fazer sem qualquer dificuldade na fábrica. Já na família, parecia-lhe tarefa praticamente impossível.

– São sem dúvida crianças cheias de vida, mas nunca mal-educadas, senhora Von Dobern – disse ele taxativamente. – Por conseguinte, medidas draconianas são perfeitamente desnecessárias.

Serafina fez notar que isso era evidente.

– A Dorothea e o Leopold são crianças muito encantadoras – disse ela com doçura na voz. – Vamos entender-nos às mil maravilhas, não é, querida Dorothea? – Dodo empinou o nariz e olhou para Serafina com cara de poucos amigos.

– Eu chamo-me Dodo!

9

Daí a duas semanas, estariam já no Natal. Leo encostou a testa ao vidro da janela e fitou o invernosso jardim da Vila dos Tecidos. Estava mesmo sujo o caminho de acesso, cheio de poças de água e até de bosta de cavalo que ninguém limpava. As árvores despidas estendiam os seus ramos para o céu cinzento, era preciso olhar mesmo com muita atenção para discernir os corvos atrevidos que neles repousavam. Quando não se mexiam, assemelhavam-se aos ramos pretos e nodosos em que estavam empoleirados.

– Leopold? Também estás a trabalhar? Vou aí daqui a cinco minutos.

Leo retorceu a cara toda e assustou-se ao ver a sua careta refletida no vidro.

– Sim, senhora Von Dobern...

Em pano de fundo, ouvia-se a escala de dó maior no piano. Dodo hesitava sempre quando chegava ao fá, porque tinha de passar os dedos por baixo, mas depois subia por ali acima até ao dó. Quando voltava para trás, tropeçava antes do mi, às vezes escorregava e parava. Tocava cada nota o mais alto que conseguia, soava completamente furiosa. Leo sabia que Dodo detestava o piano, mas a senhora Von Dobern considerava que uma jovem de boas famílias tinha de mostrar algum domínio naquele instrumento.

Leo não estava nada ansioso pelo Natal. Mesmo que o papá lhe falasse do grande abeto que em breve voltaria a estar no vestíbulo de entrada. Decorado com bolas coloridas e estrelas de palhinha. Naquele ano, iam poder também pendurar as estrelas de papel brilhante que eles mesmos haviam feito. Mas isso pouco importava a Leo: de qualquer modo, não tinha jeito nenhum para trabalhos manuais, as suas estrelas ficavam sempre tortas e cheias de cola.

Há semanas que só se encontrava com Walter na escola. As visitas secretas à casa dos Ginsbergs, as aulas de piano... acabara-se tudo. Por duas vezes,

Walter entregara-lhe partituras enviadas pela mãe, Leo escondera-as na mochila e analisara-as à noite, na cama. E depois tentava imaginar como soaria a música. Até o conseguia muito bem, mas teria sido muito, muito melhor poder tocar as peças no piano. Mas isso fora-lhe proibido. Era a senhora Von Dobern quem dava pessoalmente as aulas de piano e para ela o importante era tocar escalas e cadências, aprender o círculo de quintas e – dizia ela – fortalecer os dedos. Não se importava nada de tocar cadências e o círculo de quintas também não era mau. O injusto era ela ter-lhe tirado todas as suas partituras, alegadamente por as achar demasiado difíceis para os seus pequenos dedinhos.

Dodo tinha razão: a senhora Von Dobern era uma mulher má. Tinha prazer em atormentar crianças pequenas. E tinha a avó completamente na mão. Porque a Von Dobern era uma mentirosa mesmo traíçoera e a avó não o percebia.

Via-se agora lá em baixo o automóvel do papá a aproximar-se lentamente da Vila dos Tecidos. Quando passava por cima de uma das poças, a água chapinhava e borrifava os para-lamas. Chovia de novo, o outro ocupante do carro acionou o limpa-para-brisas. Para um lado e para o outro. Para um lado e para o outro. Para um lado e para o outro.

O automóvel entrou então no pátio, passou pelo redondel onde no verão havia sempre flores coloridas, e nesse momento Leo deixou de o ver. Só o conseguiria se abrisse a janela e se esticasse para fora.

Cinco minutos, qual carapuça. Desaparecia sempre durante mais tempo. Porque fumava cigarros às escondidas à janela do seu quarto. Leo lutou algum tempo com o manípulo da janela, tão difícil de rodar, e empoleirou-se no parapeito.

Ah. Pararam em frente da entrada de serviço e agora saíam duas pessoas. Um era Julius, a outra pessoa estava coberta por uma manta, por isso não era possível reconhecê-la. Mas era em todo o caso uma mulher, já que, sob a manta, se via espreitar uma saia. Seria se calhar Else? Afinal, ela estivera no hospital. Gertie contara que ela estivera «por um fio». Mas depois acabara por ficar bem outra vez. Também podia ter morrido, como o avô. Leo lembrava-se dele apenas vagamente, mas o enterro ficara-lhe na memória, por causa dos terríveis trovões e relâmpagos que lhes caíram em cima. Na altura, ele achara que era o Senhor a levar o avô para junto dele. Como era burro nessa altura. Enfim, mas já foi há muito tempo. Pelo menos três anos...

– Quem é que te disse que podias fazer isso? Já cá para dentro! Imediatamente! – Leo assustou-se tanto que quase caiu da janela abaixo. A senhora Von Dobern agarrou-o pelo cós das calças e puxou-o para dentro, agarrou-lhe na orelha direita e usou-a, por assim dizer, como pega para fazer o rapaz dar meia-volta. Leo gritou. Doeu horrivelmente.

– Nunca mais voltas a fazer isso! – ciciou-lhe a precetora. – Repete a frase!

Leo rangeu os dentes, mas ela não lhe largava a orelha.

– Eu queria... eu só queria...

Ela nunca deixava uma criança falar até ao fim.

– Estou à espera!

De certeza que lhe queria arrancar a orelha, a dor era tanta que ele já estava maldisposto.

– E então?

– Nunca mais volto a fazer isto – forçou-se ele a dizer.

– Gostaria de ouvir a frase completa.

Ela apertou ainda mais, o lóbulo da orelha começou lentamente a ficar dormente, em contrapartida tinha uma enorme dor de cabeça, como se alguém lhe estivesse a espetar uma agulha comprida de uma orelha à outra.

– Nunca mais volto a pendurar-me na janela.

A bruxa caixa de óculos ainda não estava satisfeita.

– E porque não?

– Porque posso cair.

Ela não o largou sem antes lhe dar mais um firme safanão. Leo deixou de sentir o lóbulo da orelha, era como se tivesse pendurada uma bola pesada e quente no lado direito da cabeça, no mínimo do tamanho de uma abóbora.

– E agora fecha a janela, Leopold!

O hálito cheirava-lhe a tabaco frio. Um dia, ele ia provar à avó que ela fumava às escondidas. Um dia, quando ela se descuidasse e se deixasse apanhar.

Fechou a janela e virou-se para ela. A senhora Von Dobern estava ao lado da sua carteira e verificava o problema de aritmética que lhe dera para fazer. Podia verificar à vontade, estava tudo certo.

– Vais escrever tudo de novo; a tua caligrafia é terrível!

Aí estava uma coisa em que ele não pensara. Ela era burra. Já por duas vezes ela deixara escapar erros nas contas de Dodo, a ela interessava apenas que escrevessem os números e as letras como deve ser. Ainda assim, era melhor não se queixar, senão ela tirava-lhe a sua meia hora ao piano.

– E depois vais escrever cinquenta vezes a frase «Nunca mais me vou pendurar na janela, porque senão posso cair».

Adeusinho, exercícios no piano. Com tudo o que tinha para escrever, ia estar ocupado o resto da tarde. Estava furioso. Com a precetora. Com a avó, que se deixava enganar tão facilmente. Com a mamã, que estava sempre no seu estúpido ateliê e que já não cuidava dele e de Dodo. Com a tia Kitty, que se fora simplesmente embora com Henny. Com o papá, que não suportava a Von Dobern, mas que também não a mandava embora, com...

– Podes começar já imediatamente!

Ele sentou-se na carteira, que ficava ao lado da de Dodo. O papá comprara as duas carteiras quando eles começaram a frequentar a escola, porque era supostamente mais saudável escrever numa carteira. O assento estava aparafusado à mesa, para que não fosse possível deslizar de um lado para o outro. Em cima tinha um suporte para as canetas e, ao lado, uma cavidade onde se punha o tinteiro. O tampo estava inclinado e podia ser levantado, revelando em baixo um compartimento para pôr livros e cadernos. Era tudo exatamente como na escola, só que a precetora controlava todos os dias o compartimento dos livros, por isso era impossível lá esconder alguma coisa. Partituras, por exemplo. Ou bolachas. Uma vez, ela encontrou algumas e tirou-as logo de lá. Da próxima vez, ele ia pôr uma ratoeira lá dentro e assim ela ia desatar a gritar quando esta se fechasse e lhe entalasse os dedos. Não se importaria nesse caso de escrever cem vezes «Não posso esconder uma ratoeira na carteira, porque a minha precetora pode ficar com os dedos entalados». Amanhã falaria sobre isso com a senhora Brunnenmayer. Ou com a Gertie. Auguste já não vinha, estava entretanto demasiado gorda, com o bebé na barriga. Mas nenhuma delas suportava a precetora. Sobretudo a senhora Brunnenmayer. Uma vez, ela dissera que aquela megera ainda ia causar muitas desgraças na Vila dos Tecidos.

– E que tal se começasses a escrever em vez de ficar a olhar para o ar? – perguntou a senhora Von Dobern com uma ironia fria.

Leo levantou o tampo e tirou o «caderno dos castigos». Estava já meio cheio com frases idiotas como «Não posso cochichar com a minha irmã, porque é falta de educação» ou «Não posso desenhar notas de música no meu caderno de escrita, porque é um caderno em que se escreve, não é para desenhos». Estava repleto de borrões de tinta – tal como os seus dedos. No início da segunda classe, ficaram muito orgulhosos por já poderem escrever com lápis, e até com pena e tinta. Agora, teria de bom grado prescindido daquele esborratanço todo.

– Tens meia hora, Leopold. Agora vou dar a aula de piano à tua irmã e depois vamos todos apanhar ar fresco.

Leo mergulhou a caneta na tinta e raspou ao de leve a ponta de aço na borda do frasco de vidro. Começou então, sem o mínimo entusiasmo, a escrever as primeiras palavras, ao que, de imediato, se formou uma grossa e brilhante mancha de tinta azul sobre o papel branco. Fizesse o que fizesse, com aquela estúpida caneta era simplesmente impossível escrever de forma aseada. Há pouco tempo, ao jantar, Klippi mostrara a todos a sua caneta, uma *Waterman*. Vinha da América e a ponta era de ouro verdadeiro. Com aquela caneta, conseguia-se escrever sem necessidade de mergulhar a ponta na tinta e também não esborratava. Mas o papá dissera que uma coisa assim era inacreditavelmente cara e demasiado gorda e pesada para os seus pequenos dedos. Sempre os dedos! Por que raio simplesmente se recusavam a crescer?

Duas frases depois, suspirou profundamente e enfiou a caneta no tinteiro. Já tinha a mão toda dorida por ter de escrever aquela porcaria. Lá em baixo, ouviam-se agora novamente escalas, primeiro de dó maior, depois de lá

menor, em seguida de sol maior... Dodo tropeçou evidentemente logo na tecla preta, o fá sustenido. Pobre Dodo, nunca ia conseguir tocar piano como deve ser, e nem era coisa que ela quisesse de todo. Dodo queria ser aviadora. Mas isso só ele e a mamã é que sabiam.

Limpou com um pano a mão manchada de tinta e levantou-se. Na verdade, era indiferente se ele escrevia aquelas coisas sem sentido agora ou depois do jantar. A sua meia hora de piano fora de qualquer modo às urtigas. Por isso, podia muito bem passar a correr na cozinha a ver se a senhora Brunnenmayer tinha feito bolachas. Abriu silenciosamente a porta e correu pelo corredor até às escadas de serviço. Ali ele estava seguro, a precetora nunca usava aquelas escadas, dava grande valor ao facto de poder usar as escadas principais como se fizesse parte da família. Também na cozinha estava protegido dela, ela nunca lá punha os pés.

– Ora, o Leo! – exclamou a senhora Brunnenmayer, quando ele apareceu lá em baixo. – Escapaste à tua guarda, não foi, rapaz? Vá, anda cá depressa...

Cheirava tão bem ali! Contente, Leo correu até à mesa comprida onde naquele momento se estava a misturar uma salada de couve com toucinho e cebola. Também ali estava Gertie, a cortar batatas aos pedaços, e ao seu lado estava Else. Com efeito, antes era mesmo a Else a chegar, o seu palpite estava certo. Estava agora pálida e engelhada, ainda tinha a bochecha um bocadinho inchada, mas pelo menos já conseguia cortar cebolas.

– Já estás boa, Else? – perguntou ele, cortesmente.

– Afo que fim. Obrigada por bergundares, Leo. Já esdou belhor...

Ele olhou para ela com ar inquiridor, porque não compreendia as suas palavras. Mas isso era porque lhe faltavam alguns dentes. Bom, não tardava a

crecerem-lhe outros novos. A ele já haviam caído dois dentes de leite e depois saíram outros novos cá para fora.

– E estamos todos contentes por estares outra vez connosco, Else! – disse a cozinheira, acenando na sua direção. Else ia cortando cebolas e conseguiu sorrir sem abrir a boca.

– Queres biscoitos de gengibre, meu menino? – perguntou Gertie com um sorriso maroto. – Fizemos ontem. Para o Natal.

Pousou a faca, limpou os dedos ao avental e foi até à despensa. Gertie era delgada e veloz como uma doninha. Mais veloz até do que Hanna, e era também mais esperta.

– Traz também a lata com as roscas de avelã – gritou-lhe a senhora Brunnenmayer. – Também podes levar algumas para a tua irmã, Leo.

Gertie regressou com duas grandes caixas de lata, pousou-as na mesa e abriu-as. Imediatamente, um aroma maravilhoso a especiarias de Natal suplantou o das cebolas e Leo engoliu a saliva que se lhe formava na boca. Pegou em dois grandes biscoitos de gengibre, uma estrela e um cavalinho, e depois em quatro roscas de avelã. Além de avelãs, também tinham amêndoas. E caramelo. Quando se dava uma trinca, a crosta estalava maravilhosamente entre os dentes. Por dentro, a rosca era macia e viscosamente doce. Leo enfiou a sua parte muito depressa para dentro da barriga, onde ninguém, nem mesmo a senhora Von Dobern, lhe podia voltar a tirar. A parte de Dodo já era mais difícil; envolveu a estrela de gengibre e as duas roscas de avelã no seu lenço, mas a estrela era demasiado grande e o embrulho não cabia no bolso das calças.

– Vamos ter de partir a estrela – sugeriu Gertie. – Seria pena ser comida pela pessoa errada.

A cozinheira não comentou, afastou para o lado a salada de couve e pegou na taça com a salada de batata, que misturou usando duas grandes colheres de madeira. Quem a conhecia conseguia ler-lhe nos movimentos que estava irritada. Leo escondeu o seu lenço bem recheado e refletiu se deveria perguntar cautelosamente por uma ratoeira. Mas como agora Else também ali estava, achou melhor não. Não se podia confiar em Else, ficava sempre do lado dos mais fortes; e a senhora Von Dobern estava completamente nas boas graças da avó.

– Há salsichas para o jantar?

– É muito possível – respondeu Gertie, em tom de mistério.

– Já as consigo cheirar! – mentiu Leo.

– Se calhar não estás enganado, miúdo!

Atrás dele, Julius entrou na cozinha e, ao dar pela presença de Leo, ficou espedado.

– Lá em cima anda um ratinho a correr pelo corredor, rapazinho – disse ele. – Vê lá que ainda te morde.

Leo compreendeu imediatamente. A precetora deixara Dodo no salão vermelho a fazer exercícios sozinha e subira lá acima para fumar um cigarro. Tinha de ter muito cuidado para não cair diretamente nas suas garras.

– Tenho de ir. Muito obrigado pelas bolachas.

Sorriu para todos em volta, apalpou de novo num instante o recheado bolso das calças e esgueirou-se pelas escadas de serviço acima.

– Mas que lástima – ouviu-se ainda dizer a senhora Brunnenmayer. – Antigamente, sentavam-se todos juntos na cozinha e divertiam-se. A Liesl e os dois rapazes e a Henny e também os gémeos. E agora...

– Os filhos dos patrões não têm nada que estar na cozinha – contestou Julius.

Leo já não ouviu mais. Alcançara entretanto a porta do segundo andar e espreitava o corredor pela vidraça estreita. O caminho estava livre, ela devia estar no quarto. Era, na verdade, o quarto da tia Kitty, mas ela tinha infelizmente saído de casa e então a avó instalara lá a senhora Von Dobern. Para que a precetora pudesse estar sempre perto das crianças!

Cautelosamente, abriu a porta e entrou para o corredor. Se tivesse mesmo muito azar, a senhora Von Dobern já teria reparado que ele não estava no quarto das crianças e estaria agora lá à sua espera. Era o género de coisa que ela gostava de fazer. Divertia-se a aparecer precisamente no momento em que não se contava com ela. Porque se achava terrivelmente esperta.

Decidiu, ainda assim, voltar ao quarto das crianças e, se necessário, mentir e dizer que tinha mesmo precisado de sair. Ele pousava os pés no chão tão habilmente que mal se ouviam os seus passos, pois contra os gemidos do soalho é que pouco havia a fazer. Já estava quase a conseguir, tinha a mão já no puxador da porta, quando ouviu atrás de si o ruído arrastado de uma porta a abrir-se.

Azar. Que grande azar. Voltou-se, esforçando-se por de modo algum revelar a expressão de quem estava a ser apanhado em flagrante. Mas depois ficou pasmado de espanto. A senhora Von Dobern não estava, de todo, a sair do seu próprio quarto. Ela estivera no quarto dos seus pais.

Por um instante, Leo sentiu uma pontada dolorosa no coração. Ela não podia fazer aquilo. Não tinha nada que ir ali, até para ele e Dodo aquele quarto se tornara tabu. Pertencia aos pais.

– Que estás a fazer no corredor, Leopold? – perguntou a precetora, num tom severo.

Ela podia muito bem fazer aquele ar reprovador, mas ele já vira muito bem que tinha o pescoço todo vermelho. As orelhas de certeza que também estavam, mas essas ele não conseguia ver, porque ela as tapava com o cabelo. A senhora Von Dobern sabia muito bem que tinha sido apanhada em flagrante. Aquela cabra maldosa andava a espiolhar o quarto dos seus pais!

– Tive de ir à casa de banho.

– Então agora veste-te para sairmos à rua – disse ela. – Eu chamo a Dodo, vamos fazer um bonito passeio de inverno pelo jardim antes do jantar.

Leo continuou parado no corredor e fitou-a. Furioso. Magoado. Acusador.

– Mais alguma coisa? – perguntou ela, erguendo as suas finas sobrancelhas.

– O que estava a fazer aí dentro?

– A tua mãe telefonou e pediu-me que verificasse se por acaso se teria esquecido da pregadeira vermelha em cima da mesa de cabeceira.

Quer dizer que era assim tão simples. Os adultos mentiam pelo menos tão bem como as crianças. Provavelmente até melhor.

– Não vamos querer incomodar a tua mamã com este disparate da janela, pois não, Leopold?

Ela sorriu-lhe. Ele ainda tinha muito para aprender. Os adultos não só mentiam melhor, como também eram chantagistas maldosos.

Ele deixou-a na incerteza, não lhe respondendo, dirigindo-se ao invés para as escadas. Lá em baixo, no vestíbulo, Gertie estava já à espera com as suas botas de couro castanhas e o casaco de inverno. Contrariada, Dodo puxava para trás e para a frente o gorro de lã que Gertie lhe puxara até às orelhas.

– Detesto passear – disse ela a Leo. – Detesto, detesto, det...

– Olha, toma isto! – Desencantou do bolso das calças o lenço recheado e entregou-lho.

Ela ficou radiante. Enfiou uma rosca de avelã na boca e mastigou com a bochecha cheia.

– Ela já está a vir? – balbuciou Dodo, tirando um pedaço da estrela de gengibre.

– Não. Está à frente do espelho a pôr-se bonita.

– Isso vai dar-lhe água pela barba.

10

As faces de Elisabeth estavam em brasa, fazia um calor insuportável na festiva mesa de Natal posta na sala de estar. Era bem possível que a culpa fosse em parte dos muitos copos de aguardente, que naquela região se bebia antes, durante e depois das refeições. A tia Elvira explicara-lhe que era preciso – por causa das comidas cheias de gordura.

– Um brinde ao Menino Jesus na manjedoura! – exclamou o vizinho Otto von Trantow, erguendo o copo com o vinho tinto francês.

– Ao Menino Jesus...

– Ao Salvador que hoje nasceu... – Elisabeth brindou com Klaus, com a senhora Von Trantow, e depois com a tia Elvira, com a senhora Von Kunkel e, por fim, ainda com Riccarda von Hagemann. A bebida vermelho-escura cintilava sob a luz das velas e, adicionalmente, os copos de vinho polidos da tia Elvira, concebidos mesmo para esse efeito, tilintavam melodiosamente. Otto von Trantow, proprietário de uma grande quinta perto de Ramelow, dirigia a Elisabeth, por cima da borda do copo, um sorriso cheio de significado. Ela devolveu o sorriso e esforçou-se por beber apenas um gole de borgonha. Já tivera entretanto a oportunidade de participar num sem-fim destes festins ao estilo da Pomerânia. E, de todas as vezes, no dia seguinte continuava a sentir-se extremamente maldisposta.

– Para uma proprietária rural, aguentas espantosamente pouco, minha querida – observara Klaus sem pinga de piedade quando, durante a noite, ela se levantou da cama, pálida e a gemer, para se esgueirar para a casa de banho. Não ia deixar isso acontecer desta vez, seria previdente.

– É uma bela noite de Natal, Elvira – considerou Corinna von Trantow, uma senhora imponente dos seus quarenta anos, mas que, devido aos cabelos

grisalhos, parecia mais velha.

– As estalactites pendem do telhado, uma após outra, como soldados...

Olharam todos para a janela, onde, sob a luz de uma lamparina, se viam gordos flocos de neve a bailar sobre o jardim nevado. Estavam pelo menos 15 graus negativos, haviam posto nas casotas dos cães uma boa dose de palha, para que não morressem de frio. Ainda assim, Leschik fizera o reparo, abanando a cabeça, de que não valia de nada mimar os cães em demasia. Os lobos da floresta ali ao lado sobreviviam ao inverno sem palha nenhuma. Mas Klaus adorava os seus cães, que treinara para a caça, e Leschik tivera de se resignar.

Na ponta da mesa festiva sentavam-se, seguindo a velha tradição, os jovens e os empregados que tivessem o direito de celebrar com os patrões. Os Trantows haviam trazido uma velha professora, a menina Von Bodenedt, que mantivera sob severa vigilância a menina Mariella, de seis anos, e a irmã Gudrun, de onze. Ao lado da professora, cujo espartilho quase a estrangulava, sentava-se o bibliotecário, Sebastian Winkler, no seu casaco castanho puído, e, a seu lado, os dois filhos adultos da família Kunkel, Georg e Jette. Georg Kunkel gozava de uma grande reputação de bem-sucedido galanteador e mandrião, mandara às urtigas o curso em Königsberg e, dado que o pai conservava ainda o pleno vigor, ocupava-se antes de mais das coisas boas da vida e não tanto da quinta dos pais. Jette, ao contrário do irmão, era uma pessoa acanhada. Com vinte e seis anos, estava há muito em idade de casar, mas como não se destacava propriamente pelos seus encantos, não surgira até então um pretendente digno desse nome. Sebastian, que se sentia desconfortável naquela grande mesa, enredara-a numa conversa sobre os costumes natalícios da Pomerânia, fazendo nascer um brilho nos olhos da

rapariga. Elisabeth, inteiramente ocupada com a conversadora senhora Von Trantow, ia olhando constantemente com atenção para Sebastian, no outro lado da mesa. Não lhe estava nada a agradar o entusiasmo que ele atiçava na sua companheira de mesa. É certo que, para a família do vizinho, estaria fora de questão ponderar como seu genro um bibliotecário, ainda por cima de origens simples. Mas se a pequena se afeiçoasse a Sebastian e mais nenhum se chegasse à frente...

– Ah! –exclamou Erwin Kunkel. – O ganso assado! Estou desejoso por isto desde manhã cedo! Com castanhas?

– Com maçãs e castanhas, a preceito!

– Que maravilha!

Ali no campo não havia lacaios, pelo que cada uma das bandejas foi pousada na mesa por uma ajudante de cozinha, sendo que depois era costume o dono da casa trincar a carne assada e a dona da casa passar-lhe os pratos. Lisa não estava de modo nenhum zangada por a tia Elvira lhe ter tirado essa função, mas Klaus cumpriu a sua obrigação com grande satisfação. Sob a expectante atenção de todos os presentes, ele afiou a faca de trincar e separou então, com precisão, a carne da ave assada dos ossos, como um cirurgião. Corte a corte, o cheiroso e estaladiço ganso de Natal foi caindo sob a ação da faca, em doses prontas a servir.

Lisa, que nos últimos anos prescindira de um espartilho apertado e que entretanto usava apenas um corpete leve, inspirou fundo e interrogou-se se não seria melhor prescindir deste prato. Sopa de miúdos de pato, enguia fumada e salada de arenque, depois lombo de veado com bolinhos de batata em molho de ameixas secas – só aquilo já fora obra. Só de pensar que, depois do gordo ganso assado, tinha ainda à sua espera pudim de natas e sonhos de

queijo *quark* ficava logo enjoada. Como é que aquela gente conseguia devorar tanta gordura? Mais para sul, em Augsburg, também não passavam propriamente fome no Natal, mas não havia aquela enorme quantidade de comida nutritiva. E também não se bebia aguardente o tempo todo. Agora também ela já percebia por que motivo o tio Rudolf levava sempre religiosamente a sua própria garrafa de vodca quando viajava com a tia Elvira até Augsburg, na sua tradicional visita pelo Natal.

– Um brinde ao Natal! – exclamou alto Klaus von Hagemann, erguendo o seu copo de vodca.

– À nossa terra alemã!

– Ao imperador!

– Muito bem! Ao nosso bom imperador Guilherme. Viva o imperador! Viva! Viva!

Klaus adaptara-se surpreendentemente depressa às atuais circunstâncias. Estava um pouco mais cheiinho, usava quase sempre botas altas e calças de montar, com um casaco de lã. Duas operações no hospital da Charité de Berlim, realizadas pelo famoso médico Jacques «Nariz» Joseph, haviam devolvido um aspeto humano ao seu rosto deformado. É verdade que, nas faces e na testa, ainda se viam as cicatrizes deixadas pelas queimaduras, mas ele tivera a sorte de a visão não ter sido afetada. Também o cabelo começara lentamente a crescer de novo. Contudo, sobretudo, ele cumpria integralmente as suas funções como administrador da propriedade. Ainda mais do que a profissão de oficial militar, esta atividade parecia ter sido talhada para ele: passava o dia todo fora de casa, via como estavam os campos lavrados, os prados e o gado, negociava com camponeses, vizinhos, comerciantes de

lenha e as autoridades da região e, ao fim do dia, conseguia ainda manter a contabilidade.

Elisabeth sabia que lhe salvara a vida com a mudança para a Pomerânia. Uma vida como estropiado de guerra desfigurado, sem perspectivas de um futuro profissional e sem recursos, não teria sido nada do agrado de Klaus von Hagemann; mais cedo ou mais tarde, teria dado um tiro na cabeça. Elisabeth pressentira-o. E, por isso, fizera-lhe esta proposta. Klaus apercebera-se rapidamente do seu amor por Sebastian Winkler, tinha para estas coisas um instinto natural. Mas comportava-se corretamente, não proferira uma única palavra sobre as suas visitas à biblioteca. O casal Von Hagemann mantinha as aparências, dormiam nas velhas camas de casal de madeira talhada em tempos usadas pelo tio e a tia. Depois da segunda cirurgia de Klaus e quando o nariz estava praticamente sarado, de vez em quando ele fazia valer os seus direitos matrimoniais. Elisabeth não se opusera – porque haveria de o fazer? Ainda era o seu marido, além de que era um amante versado e experiente. O homem por quem ela na verdade ansiava não dava infelizmente nenhum sinal de a pretender seduzir. Sebastian Winkler sentava-se lá em cima na biblioteca e escrevia a sua crónica.

– Uma coxa com a pele estaladiça, Lisa? É melhor servires-te já de dois bolinhos de batata. A couve-roxa com maçã e toucinho fumado...

Já não ouviu o resto. Perante o prato cheio que a tia Elvira lhe pusera à frente do nariz, Elisabeth teve um súbito enjoo. Oh, céus, não devia mesmo ter bebido a aguardente até ao fim. Ergueu os olhos e constatou que a mesa festiva, com as suas velas acesas e os copos cintilantes, começou a rodar-lhe diante dos olhos. Depois já só conseguiu discernir o castanho ganso assado em que Klaus se atarefava com a faca de trinchar e um garfo afiado.

Desorientada, cravou os dedos na toalha branca que pendia nos lados da mesa. Não podia desmaiar agora. Nem – o que seria ainda pior – vomitar para cima do prato cheio.

– Estás a sentir-te bem, Elisabeth? – ouviu a voz da sogra.

– Eu... eu acho que preciso de apanhar ar. – Tinha agora as mãos frias como gelo, mas pelo menos a vertigem diminuía um pouco. Uma coisa era certa: se tivesse de continuar a ver e a cheirar aquele ganso assado, acontecer-lhe-ia algo terrível no estômago.

– Oh... Não é melhor eu acompanhá-la, minha querida? – perguntou a senhora Von Trantow, sentada a seu lado.

Percebia-se bem no seu tom de voz a pouca vontade que tinha de abandonar o prato. Elisabeth recusou com um gesto da mão.

– Não, não. Pode comer à vontade. Eu volto já.

– Beba mais uma vodca ou um bagaço de ameixa, faz bem ao estômago.

– Muito obrigada – murmurou Lisa e tratou de sair da sala.

No corredor, com as suas correntes de ar, já se sentia melhor. Como era agradável poder mexer-se em vez de estar sentada à mesa, apertada entre aquelas pessoas todas a beber aguardente e a comer. Todavia, também não lhe agradavam os aromas que ali chegavam da cozinha, abriu a porta da rua e saiu para o pátio coberto de neve. Um dos cães despertou e começou a ladrar, os gansos no estábulo grasnaram durante algum tempo, mas depois os animais voltaram todos a sossegar. Elisabeth inspirou fundo o ar frio e limpo de inverno e sentiu o coração a bater. Sob a luz das duas lamparinas suspensas à direita e à esquerda da porta, via-se a neve a cair. O vento atirava a neve contra a casa, via-se um nevoeiro esbranquiçado e cintilante a soltar-se do

telhado do celeiro e a rodopiar sobre o pátio. Os gélidos flocos pousavam no seu rosto acalorado, faziam-lhe cócegas no pescoço e no peito e ficavam presos no seu cabelo armado. Era uma sensação estranhamente bela e libertadora. O estômago acalmou-se, a crise do enjoo já passara.

Na verdade, aquilo acontecia simplesmente porque aquelas pessoas a punham tão incrivelmente irritada. Naquela região, era habitual convidar os vizinhos para as festividades natalícias e fazer visitas. Os poucos proprietários de quintas ali à volta levavam uma vida realmente solitária o ano inteiro naquela terra insípida, pelo que pelo menos o Natal devia ser um grande acontecimento social e gastronómico.

«Vais acabar por te habituar», dissera-lhe a tia Elvira para a consolar.

Todavia, entretanto, a cada ano que passava, Lisa sentia cada vez maior aversão às mesas a abundar de comida, as mesmas conversas sobre criados e aldeões, mas sobretudo as infundáveis histórias sobre a caça. Não era o seu mundo. Por outro lado, qual era na verdade o seu mundo? Que lugar lhe fora destinado nesta vida?

Encostou-se contra os pilares de madeira do alpendre e apertou os braços junto ao peito. O Natal da Vila dos Tecidos, seria isso? Ah, sem o papá nunca mais seria como na infância. Hoje, na véspera de Natal, estariam seguramente sentados na sala de jantar a conversar alegremente, de certeza que estariam com eles Ernst von Klippstein e também Gertrude Bräuer, a sogra de Kitty. Quem sabe também a cunhada Tilly. A mamã escrevera a dizer que Tilly já tinha passado no exame curricular do curso de Medicina, um importante exame intermédio e mais um passo para se submeter ao exame final. Tilly era uma das poucas estudantes do sexo feminino da Faculdade de Medicina, era ambiciosa e estava determinada a tornar-se médica. Lisa soltou um suspiro

profundo: pobre Tilly. No seu íntimo, continuava a alimentar a esperança de que o seu doutor Moebius pudesse algum dia regressar da Rússia. Se calhar o motivo para ela estudar com tanto afínco era o facto de, antes, o médico lhe ter dado essa motivação? Era um homem simpático, o doutor Ulrich Moebius. Um bom médico e uma pessoa muito amável. Naquele dia, quando celebraram o Natal no hospital militar, ele tocara piano tão bem...

Marie era a única que se podia realmente considerar uma pessoa feliz, refletiu Lisa, apreensiva. Tinha o seu amado Paul, os seus queridos filhos e agora também um ateliê em que criava e vendia roupa. Na verdade, era injusto que uma só pessoa tivesse tanto, quando outros ficavam de mãos vazias. Ainda assim, Tilly tinha o seu curso de Medicina. E Kitty a sua filhinha e ainda a pintura. E ela o que tinha?

Se ao menos tivesse engravidado... Mas também essa sorte lhe fora negada pelo cruel destino. Lisa começou a sentir a velha e odiosa sensação de ter saído a perder e esforçou-se por a ignorar. Não levava a nada, só a afundava ainda mais. Além do mais, só lhe fazia rugas feias e um ar infeliz...

Subitamente, assustou-se, sentindo a porta da rua a mexer-se atrás de si.

– Vai constipar-se, Elisabeth.

Sebastian! Estava no limiar da porta e estendia-lhe o seu casaco, para que tivesse apenas de se enfiar lá dentro. De um momento para o outro, desapareceu aquela sombria disposição. Ele preocupava-se com ela. Levantara-se de propósito do seu lugar ao lado de Jette Kunkel, deixara plantada a sua dedicada companheira de mesa para lhe levar, a ela, Elisabeth, um casaco quente.

– Oh, que atencioso da sua parte – disse ela, enquanto o deixava envolver-lhe os ombros com o casaco que a aqueceria.

– Bom, eu tinha mesmo de me levantar e, ao passar no corredor, vi-a deste lado da porta no meio da neve.

Ah. Bom, não era tão romântico quanto estava a imaginar. Mas ainda assim. Sabia bem sentir as mãos dele nos seus ombros. Mesmo que apenas por breves instantes, já que ele recuou imediatamente um passo logo depois de lhe pôr o casaco. Era desesperante... Será que ela tinha lepra? A peste? Ele podia ter parado pelo menos um instantinho perto dela, debruçar-se sobre o seu pescoço e pousar-lhe um beijo na pele descoberta... Mas Sebastian Winkler só faria algo assim nas suas fantasias. Infelizmente.

– Está a ser muito imprudente, Elisabeth. Pode apanhar uma pneumonia ao sair assim para o frio estando tão quente lá dentro na sala.

E agora também lhe dava sermões. Como se ela não o soubesse!

– Precisava de apanhar ar... Não me estava a sentir bem.

Ela puxou o casaco para tapar o peito e fingiu que ainda estava um pouco tonta. E, efetivamente, funcionou. O semblante de Sebastian tornou-se logo todo ele compaixão e apreensão.

– Aquela comezaina toda é manifestamente pouco saudável. E ainda o álcool, ainda para mais aquela aguardente russa que eles bebem como se fosse água. Devia deitar-se um bocadinho, Elisabeth. Se quiser, acompanho-a até lá acima.

Se Klaus tivesse feito tal proposta a uma mulher, o evoluir dos acontecimentos seria evidente logo à partida. Sebastian, pelo contrário, acompanhá-la-ia ajuizadamente pelas escadas acima e despedir-se-ia dela à porta do quarto com votos de melhoras. Era isso que ele ia fazer... não era? Bom, mais valia experimentar.

– Pois, acho que é boa ideia.

Foi interrompida, pois a porta da sala de estar abriu-se e saíram para o corredor Jette Kunkel e as duas meninas Trantow.

– Oh, está a nevar tanto! – exclamou Jette. – Não é maravilhoso ver o vento a rodopiar os flocos brancos?

– «No bosque invernos, o vento leva os rebanhos de flocos como um castor» – recitou Gudrun do alto dos seus onze anos.

– É pastor, não castor, querida Gudrun – retificou Sebastian a sorrir. – Porque leva os rebanhos, o vento. Por isso tem de ser um pastor².

Era mesmo professor de corpo e alma. Era raro não aproveitar uma ocasião para ensinar alguma coisa a alguém. Mas fazia-o com simpatia, considerava Elisabeth.

– Sim, é isso, um pastor. Um pastor de rebanhos – disse Gudrun, rindo baixinho. – Vamos lá para fora? Está tão bonito tudo cheio de neve.

A irmã espetou um firme dedo indicador na têmpora e perguntou se Gudi não teria por acaso perdido um parafuso.

– Mas é uma ideia maravilhosa! – exclamou Jette. – Vou buscar o meu casaco. E as botas. Anda, Gudi...

Mulheres loucas, pensou Elisabeth com irritação. Um passeio noturno pela quinta no meio de uma tempestade de neve. Quem é que tem uma ideia tão parva. E, como é evidente, iam arrastar Sebastian com elas. Não valia por isso a pena rumar furtivamente ao quarto... Enfim, provavelmente também não teria dado em nada...

– Que se passa aqui?

O rosto aventureiro de Georg Kunkel espreitou pela porta semiaberta da sala e os seus olhos ligeiramente congestionados davam a entender que apreciara o vinho tinto a valer.

– Querem dar um passeio, são loucas – informou Mariella.

– Mas que bela ideia. Também vai, minha querida? – Elisabeth estava prestes a negar quando a porta se abriu de par em par e o pai de Georg cambaleou até ao corredor, seguido da tia Elvira e da senhora Von Trantow.

– Querem fazer o quê? Um passeio? Mas que bom! – gritou Erwin Kunkel.
– Ei, criados! Tragam os archotes. Os nossos casacos, as botas...

Apenas Leschik saiu a cambalear de um canto escuro, as criadas e a cozinheira estavam ocupadas com a sobremesa na cozinha.

– Archotes? – perguntou alto a tia Elvira. – Querem incendiar-me o celeiro? Vai buscar lamparinas, Leschik. A Paula e a Miene que tragam os casacos e as botas.

Formou-se um tremendo torvelinho no corredor, trocavam-se casacos e sapatos, a senhora Von Trantow sentou-se em cima de um pote, dois frascos de ameixas de conserva que estavam em cima de uma cómoda partiram-se e a precetora guinchou, acusando alguém de a ter «apalpado». Leschik regressou enfim da copa com três lamparinas acesas e o grupo saiu para o pátio a rir-se e a resmungar. Os cães desataram a ladrar, agitados, também os gansos voltaram a acordar e, no estábulo, ouvia-se relinchar o garanhão castanho-raposa de Kunkel.

– Sigam-me!

A tia Elvira saiu no seu passo pesado e ergueu a lamparina tão alto quanto conseguia, seguida por todos os outros numa fila pouco compacta. A senhora

Von Trantow apoiou-se no marido, Erwin Kunkel teve de enfiar o braço no da mulher Hilda, porque, com a vodca, já não conseguia aguentar-se em pé, quanto mais andar. Também Elisabeth se juntou à procissão e Sebastian, que começara por hesitar, acompanhou-a. Ficaram para trás apenas Christian von Hagemann e a mulher Riccarda, que declarou que não queria perder o lugar. Sendo que Christian von Hagemann já tombara num suave sono digestivo.

O vento gelado não deu grandes tréguas aos caminantes; puxaram as golas para cima e Georg Kunkel lamentou não ter levado o gorro de pelo. Ainda assim, o ar frio tinha o poder de curar a embriaguez, os gritos e as gargalhadas foram amainando, na neve funda era preciso prestar atenção ao local onde se punham os pés. Os contornos dos edifícios erguiam-se espectralmente, abetos vergados pela neve transformavam-se em fantasmas informes, uma ave noturna que se assustara com tanto barulho pairou algum tempo sobre eles, levando Jette Kunkel a presumir que se tratava do Espírito Santo do Natal. Corinna von Trantow evocou o frio que a Sagrada Família teria sofrido na altura naquela manjedoura.

- Com neve e gelo, imaginem só!
- Sem sequer uma fogueirazinha. Ficaram com os dedos enregelados!
- Foi mesmo na pobreza que veio ao mundo o nosso Senhor Jesus Cristo.

Elisabeth não conseguia discernir o rosto de Sebastian na penumbra, mas sabia que, naquele momento, ele estaria a fazer um enorme esforço por se controlar. A informação de que tempestades de neve e temperaturas negativas eram coisa que não existia em Belém teria destruído cruelmente as fantasias românticas das senhoras.

- Sente-se bem, Elisabeth? – perguntou, ao invés, baixinho.
- Ainda um tanto ou quanto trôpega... mas já vou andando.

Oh, ela tornara-se numa pessoa manhosa. Ele ofereceu-lhe o braço e ela pendurou-se nele, deixou-se conduzir cuidadosamente por ele em torno de um carro de mão coberto de neve que alguém deixara esquecido no caminho. Ele era tão precavido. E como tagarelava agora alegremente, nadinha como na biblioteca, onde ponderava literalmente quase cada palavra. Aquela caminhada noturna abriu comportas que, de outro modo, ele mantinha receosamente fechadas.

– Em miúdo, eu caminhava muitas vezes às escuras nos bosques cheios de neve... Entre a nossa aldeiazinha e o liceu na cidade era um caminho longo. Duas horas para lá e, no regresso, como era a subir, demorava mais uma meia hora.

– Isso era muito duro. Mal tinha tempo para fazer os trabalhos de casa.

Ele avançava a passo constante e ela via agora que ele sorria, perdido em pensamentos. Estaria provavelmente a pensar na sua infância feliz e sem preocupações.

– No inverno, muitas vezes não tínhamos luz suficiente. As velas eram caras e não tínhamos ligação de gás. Eu sentava-me muitas vezes perto do fogão da cozinha a tentar discernir os números e as letras do caderno sob a luz avermelhada das brasas.

Lá à frente, Georg Kunkel entoava com toda a sua voz de tenor a canção de natal *Noite Feliz*. Alguns juntaram-se, mas na segunda estrofe o canto foi ficando mais débil, a maioria já se esquecera da letra. A senhora Von Trantow disse a gemer que não calçara as meias de lã e que os dedos dos pés iam cair de congelados.

– No verão, ia trabalhar nos campos – contou Sebastian, sem prestar atenção aos outros. – Mondar ervas daninhas, cortar milho, fazer molhos de

feno, debulhar, guardar o gado... Com dez anos, arrastava os sacos de milho para o celeiro, aos doze conseguia lavrar e gradar a terra. Fazíamos tudo com as vacas, um cavalo só estava ao alcance dos ricos.

Fora obrigado a abandonar o seu grande sonho de ser missionário depois do décimo ano – os pais já não tinham dinheiro para pagar as propinas. Por isso, frequentou uma escola do magistério primário. Durante dez anos, deu aulas às crianças de Finsterbach, perto de Nuremberga, mas depois a guerra eclodiu. Sebastian Winkler foi dos primeiros a ser mobilizado.

– A guerra, Elisabeth, não podia ter acontecido... Eu eduquei-os, ensinei-os a escrever e a fazer contas, apostei tudo em fazer deles pessoas respeitáveis e honestas. Contudo, quando fui mobilizado, iam comigo também sete dos meus antigos alunos. Tinham dezassete anos, ou dezoito acabados de fazer, três tinham encontrado trabalho na fábrica de camas, dois trabalhavam na quinta dos pais, um tinha até conseguido seguir para o liceu de Nuremberga. Queria ser padre, um rapaz inteligente e ajuizado...

Parou para tirar para fora o lenço. Lisa estava profundamente comovida. Ao mesmo tempo, sentia um enorme desejo de o consolar, tomando-o nos seus braços. Mas porque não? Havia ficado um pouco para trás, estava escuro em redor... ninguém o veria.

– Nenhum voltou para casa – murmurou Sebastian, limpando o rosto. – Nem um... Nem nenhum dos mais novos.

Ela não aguentou mais. Com um movimento impulsivo, atirou os braços à volta do seu pescoço e encostou a cabeça ao seu peito coberto de neve.

– Lamento tanto, mas tanto, Sebastian.

Se ficou surpreendido, não o demonstrou. Ficou calmamente parado no meio do rodopio noturno da neve. Passados alguns angustiantes segundos,

Lisa sentiu que a sua mão lhe afagava as costas suave e ternamente. Ela não se mexeu, estremecia a cada batimento do coração, desejava que aquele momento maravilhoso durasse eternamente.

– Não é possível, Elisabeth – ouviu-se a voz baixa de Sebastian. – Eu sou o homem que destrói um casamento. – Finalmente! Nos últimos três anos, não haviam trocado uma só palavra sobre o assunto. Nenhum dos dois ousara abordar aquele tema tão delicado.

– Já deixou de ser um casamento, Sebastian...

Ele acariciou-lhe a face com a mão enluvada quando ela ergueu os olhos na sua direção. Devido à neve, ele tirara os óculos – sem a proteção das lentes, os seus olhos eram mais infantis, mais nítidos, também mais sonhadores.

– És a mulher dele – sussurrou ele.

– Eu não o amo. Eu amo-te a ti, Sebastian...

Nesse momento, ele deixou-se arrebatar. O primeiro beijo foi um contacto tímido e quase impercetível entre os seus lábios. Um breve encosto apenas, o aroma do sabonete de barbear, da sua pele, misturado com pequeninos e picantes flocos de neve. A magia daquele toque inofensivo foi, contudo, matreira, deitou abaixo todas as barreiras, e a paixão tão longamente contida assolou-os aos dois.

Sebastian foi o primeiro a soltar-se da vertigem, pousou as duas mãos nas faces de Lisa e afastou-a suavemente.

– Perdoa-me!

Ela nada respondeu, esperava de olhos fechados e não queria acreditar que já tinha chegado ao fim.

– Vou guardar para sempre no coração a tua declaração, Elisabeth – disse ele baixinho e ainda sem fôlego. – Fizeste de mim um homem feliz. O que vai no meu coração, isso já tu sabes.

Ela voltou novamente a si. Ele tinha-a realmente beijado. Não fora um sonho. E como sabia beijar... o Klaus teria umas coisas a aprender com ele.

– Que sei eu? Não sei nada, Sebastian. Diz-me!

Ele voltou-se. Endireitou as luvas, olhou em frente, onde entretanto os caminhantes noturnos haviam parado e conferenciavam sobre qual o melhor caminho de regresso. Ouvia-se a enérgica voz de comando da tia Elvira, que teve de se impor contra Erwin Kunkel, que agora gritava a plenos pulmões pela noite fora: «Queremos o nosso bom imperador Guilherme de volta!»

– Silêncio! – gritou Elvira. – Vamos ao longo da vedação do jardim. Pensem no pudim de natas e nos sonhos de queijo *quark* que temos lá à nossa espera.

– Os sonhos e o bom do bolo... bocho... *beaujolais*!

Era evidente que o grupo ia dar meia-volta e regressar a casa pelo mesmo caminho – qualquer outra opção teria sido um disparate, pois já haviam calcado um trilho no meio da neve alta.

– Devíamos afastar-nos um pouco do caminho para nos escondermos, assim ninguém vai reparar quando nos juntarmos outra vez ao grupo – considerou Sebastian, confrangido. – Para não haver problemas.

– Ainda não me respondeste.

– Já sabes qual é a resposta, Elisabeth.

– Eu cá não sei de nada.

Era tarde demais, aquele cobarde ia esquivar-se à declaração que ela tanto queria ouvir. As luzes tremeluzentes das lamparinas aproximavam-se, era já

possível discernir alguns rostos, ouvia-se a gargalhada tonitruante de Otto von Trantow. Ainda mais alto, soava aquela bonita canção que antes se gostava tanto de entoar com a melodia de «Üb immer Treu und Redlichkeit»⁸:

«Um grande homem é o imperador e mora em Berlim... Muito longe não é, vou já para aí, esperem por mim...»

– Por amor de Deus! – gemeu Sebastian baixinho. – Venha, Elisabeth. Vamos afastar-nos.

Esperaram atrás de um junípero vergado sob a neve, deixando que os caminhantes passassem por eles. Restava pouco da euforia inicial, quase todos estavam agora cheios de frio, as duas meninas estavam tão exaustas que mal conseguiam levantar os pés; Georg Kunkel oferecera-se para levar Mariella, de seis anos, às cavalitas. A tia Elvira continuava a levar ao alto a sua lamparina, entretanto quase extinta, e também as outras duas lamparinas irradiavam apenas uma luz trémula e baça.

– Os meus joelhos transformaram-se em blocos de gelo.

– Os meus pés, meus pobres pés.

– Não posso dizer na presença das senhoras tudo o que já se me congelou.

Sebastian e Elisabeth não tiveram dificuldade em se juntar de novo ao grupo sem chamar a atenção, ninguém lhes prestava atenção, todos ansiavam pelo calor aprazível da sala de estar. Muito especialmente as senhoras começavam entretanto a questionar quem raio tivera a ideia louca de andar a correr a meio da noite em plena tempestade de neve. Formaram entretanto um grupo compacto em frente à casa, os cães ladravam e, pela janela, via-se a sala bem iluminada. Klaus von Hagemann estava à frente da lareira e segurava

a jovem criada nos seus braços, a qual já abrira a blusa e o corpete, não parecendo opor-se de todo às fogosas carícias do seu patrão.

Elisabeth ficou sem conseguir respirar. Sentiu Sebastian a envolver-lhe os ombros com o braço, mas foi para ela um fraco consolo. Não conseguia acreditar no que estava a acontecer diante dos seus olhos. E não era a única.

– Com mil demónios! – deixou escapar Erwin Kunkel.

– Olhem que aquele não está com cerimónias! – murmurou também Otto von Trantow, com admiração na voz.

– O que está o tio Klaus a fazer? – perguntou Mariella com a sua voz esganiçada, que, às cavalitas de Georg, era quem tinha a melhor vista para a sala de estar.

Entre as senhoras reinava um silêncio embaraçado, apenas a senhora Von Trantow sibilou:

– Inacreditável. No dia do Santo Natal!

Quando o distraído casal deu, por fim, pela presença dos espectadores lá fora no pátio, a rapariga soltou-se de Von Hagemann com um grito alarmado, juntou a blusa sobre o peito e desatou a correr.

Ninguém mencionou o incidente ao longo do resto da noite, mas Elisabeth sofreu inexprimivelmente sob os olhares curiosos e compassivos. É certo que não tinha o direito de censurar Klaus. Mas sim: ele traíra-a à frente de todos e expusera-a ao ridículo. Pior ainda, ele não parecia lamentar o sucedido.

Já a noite ia alta, todos os convidados se haviam recolhido nos quartos de hóspedes e Elisabeth subia a escada com a tia, para também elas se deitarem, quando Elvira sentiu que deveria consolar a sobrinha.

– Sabes, menina – disse ela, a sorrir. – Este tipo de coisa é própria dos senhores donos de terras e podemos dizer que contribui para a «saúde mental» e o «exercício do corpo».

⁷ Referência ao poema «Advent», de Rainer Maria Rilke. (*N. da T.*)

⁸ Primeira estrofe do poema «Der alte Landmann an seinen Sohn», de Ludwig Höltz, que foi integrado na ópera *A Flauta Mágica*, de Wolfgang A. Mozart. (*N. da T.*)

O novo ano em Augsburg começara com neve, mas que derreteu logo nos primeiros dias de janeiro. Instalara-se aquela chuvinha que transformava tudo em lama, os ribeiros galgavam as margens e inundavam os prados do bairro industrial, e também nos caminhos se viam grandes poças de água que durante a noite se transformavam num gelo traiçoeiro. Sobre toda esta cinzenta desolação pairavam as nuvens pesadas de um céu invernos, prometendo uma chuva sem tréguas.

Paul fizera a sua ronda habitual pelos pavilhões, repreendeu aqui e ali um dos capatazes e comprazeu-se com os novos teares contínuos de anéis, que estavam a produzir resultados extraordinários. Preocupava-o apenas a situação das encomendas, até então as máquinas ainda não tinham podido trabalhar na sua plena capacidade. A economia alemã recuperava apenas muito lentamente, e com muitos reveses – mas, ainda assim, até agora, o *rentenmark* tinha dado provas de confiança. Contudo, as reparações incrivelmente elevadas que a Alemanha tinha de pagar deitavam imediatamente por terra qualquer êxito alcançado. A região do Ruhr continuava ocupada por soldados franceses. Quando é que a França perceberia, finalmente, que uma Alemanha com a economia de rastos não tinha utilidade nenhuma e que só provocaria enormes danos na sua própria economia? Num estado de espírito algo sombrio, Paul subiu as escadas do edifício da administração. Mas por que raio estava na verdade de tão mau humor? Os negócios não estavam a correr nada mal, a inflação parecia ter sido contida e o contrato com os Estados Unidos estava garantido. Devia ser o mau tempo. Ou as incómodas dores de garganta que ele teimava em ignorar. Uma constipação, mesmo que tivesse febre, era um luxo a que não se podia permitir.

Parou por instantes junto à porta da antessala, a limpar os sapatos. Não era de todo seu hábito escutar as conversas das secretárias, mas foi impossível não ouvir a voz da menina Hoffmann.

– Diz que é encantadora e que acede aos desejos de cada pessoa... A minha vizinha conhece a senhora Von Oppermann, que lá mandou fazer dois vestidos e um casaco.

– Enfim, é para quem tem uns bons trocos para pagar tudo isso.

– Dizem que também já criou vários vestidinhos para a Menotti.

– A cantora? Ah, pois... Quem o pagou foi de certeza o amante que tem agora... O jovem Riedelmeyer, não é mesmo?

– Evidentemente. Ele esteve presente em todas as provas, disse a minha vizinha.

– Quem haveria de dizer...

Paul baixou energicamente o puxador da porta e atravessou a antessala. Na sala das secretárias, as conversas emudeceram, substituídas pelo martelar das teclas das máquinas de escrever. Inacreditável: os seus funcionários punham-se à conversa em vez de trabalhar.

– Bom dia, minhas senhoras.

Sorriram-lhe ambas com alegres semblantes inocentes. Henriette Hoffmann saltou da cadeira para lhe levar o casaco, Ottilie Lüders anunciou que o correio estava, como sempre, em cima da sua secretária e que, além disso, o senhor Von Klippstein gostaria de lhe dar uma palavrinha.

– Obrigado. Eu comunico quando estiver disponível.

A menina Hoffmann entrou imediatamente a seguir no seu escritório com uma bandeja com uma chávena de café e um pratinho de bolachinhas que ela

própria fizera – provavelmente restos do Natal. Estava tudo em andamento, as senhoras trabalhavam a bom ritmo, na verdade, não tinha motivo para se queixar.

Porque não haveriam a menina Lüders e a menina Hoffmann de falar sobre o ateliê de moda de Marie? Como era evidente, ele estava mais do que ciente de que Marie estava a ser muito bem-sucedida e que, entretanto, já tinha uma longa lista de clientes. Ficava contente com isso, era aliás uma confirmação das suas previsões. Estava orgulhoso da sua mulher. Estava mesmo. No entanto, até àquele momento, não sabia que também havia homens a assistir às provas. Isso parecia-lhe, no mínimo, pouco comum. Mas aquela fora provavelmente uma exceção, não valia de todo a pena referi-lo a Marie.

Sentou-se e folheou a pilha de correio, tirou para fora as cartas mais importantes e utilizou o abre-cartas de jade verde. Antes de se dedicar à primeira carta – uma mensagem da autoridade tributária municipal –, tomou um gole de café e comeu uma estrela de canela. Teve dificuldade em engolir, a garganta estava de certeza inflamada. Em contrapartida, a bolacha não sabia nada mal – teria sido mesmo a menina Hoffmann a fazê-las? O sabor a canela despertou-lhe na memória o Natal passado e os seus pensamentos começaram a divagar. Na verdade, fora tudo como sempre. Este ano, ele abatera o abeto juntamente com Gustav. Julius também ajudara e Leo andava por lá a estorvar. Lamentavelmente, o rapaz era muito pouco hábil neste tipo de coisas. Já Dodo escolhera com Gertie os ramos que depois foram usados para decorar as salas. A pequena Gertie era uma criatura verdadeiramente habilidosa, que bom terem-na contratado. O mesmo não se podia dizer, infelizmente, de Serafina von Dobern. Queixava-se de que as crianças eram teimosas, que não cumpriam as suas instruções e que aproveitavam toda e qualquer oportunidade para enganar a precetora. Era uma situação difícil, sobretudo

porque Serafina era uma grande amiga de Lisa e, por isso, não podia ser tratada como uma empregada. Já conversara várias vezes com Marie sobre o assunto, mas sem resultados. Pelo contrário, a conversa conduzira a algumas discussões desnecessárias, já que Marie era da opinião de que Serafina devia ser despedida o mais depressa possível.

– Aquela mulher é fria como o gelo. E não suporta crianças. Não quero, em circunstância alguma, que ela continue a atormentar a Dodo e o Leo!

Marie simplesmente não queria perceber que desse modo estaria a ofender a mãe e que lhe agravaria a saúde já debilitada. Preocupava-o ver como a sua mulher podia ser tão insensível. Já por várias vezes pessoas conhecidas lhe haviam chamado a atenção para o aspeto adoentado da mãe, a senhora Manzinger chegara mesmo a sugerir viajar com a querida Alicia para as termas de Bad Wildungen. Mas a mãe recusara, evidentemente.

– Termas? Mas, Paul, não posso simplesmente ficar semanas a fio longe da Vila dos Tecidos. Quem se ocupa da gestão da casa? E das crianças? Não, o meu lugar é aqui. Mesmo que nem sempre me facilitem a tarefa!

No Natal, ele esforçara-se extraordinariamente para reconciliar as senhoras, encorajara muito a mãe, tratara Serafina com alegre simpatia e dedicara particular ternura a Marie. Fizera bonecos de neve no jardim com as crianças e deixara-as trepar às velhas árvores. Foi assim que percebeu que a filha Dodo era muito mais ágil e, sobretudo, mais temerosa que o irmão. Leo não apreciara lá muito aquela treparia toda e voltara para a Vila sem ninguém dar por isso, onde o foram encontrar novamente a fazer soar as teclas do piano. Que Marie achasse inofensiva toda aquela exagerada paixão pela música era coisa que ele não compreendia.

– Mas, Paul, ele só tem sete anos. Além do mais, nunca fez mal a ninguém saber tocar bem piano.

Paul tomou mais um gole de café, fez uma careta por causa das dores de garganta e dedicou-se então energicamente ao correio recebido. Duas encomendas, uma das quais considerável, a outra era uma ninharia. Pedidos de amostras de tecidos, propostas de algodão em rama. Estupidamente caro: quando começariam finalmente os preços a baixar? Ainda assim, ele ia encomendar, era preciso fornecer os clientes, mesmo que a margem de lucro começasse por ser bastante reduzida; havia inclusive alguns casos em que nem sequer dava para cobrir os custos. Mas a produção tinha de continuar, os operários e os funcionários tinham de ser pagos; se Deus quisesse, tudo começaria a melhorar em breve.

Saboreou mais uma estrela de canela e bebeu o resto do café, que entretanto arrefecera. Natal. Não, não fora como sempre. Apesar de todos os seus esforços, não conseguira amenizar as tensões dentro da família, o que afetara as festividades. Kitty também lhes fizera muita falta na véspera de Natal, já que a passara com Gertrude e Tilly na casa da Frauentorstrasse. Haviam estado todos juntos na Vila dos Tecidos no dia de Natal, mas, com os constantes comentários mordazes de Kitty, também não se criara um ambiente verdadeiramente alegre. Nessa noite, para sua grande infelicidade, discutira ainda com Marie – já nem sabia porquê. Tinha apenas a certeza de que teria sido um motivo ridículo, mas que o levava a dizer coisas que mais valia ter guardado para si. Era apenas compreensível que Marie estivesse cansada à noite; afinal de contas, trabalhava arduamente. Não, ele não era o tipo de marido que censura a mulher por isso, era compreensivo, sabia dominar-se. E, no entanto, naquela noite, dera largas ao seu desapontamento,

disse que ela já não o amava tanto como antes, que ela lhe estava a escapar, que rechaçava as suas ternas tentativas de aproximação. Marie ficara extremamente preocupada, propusera fechar o ateliê, o que teria sido, naturalmente, um grande disparate. E depois – ainda por cima –, não conseguiu evitar dizer algo em que andava a pensar nos últimos anos e que, naquela situação, fora mais do que inconveniente.

– Pergunto-me, na verdade, por que razão não temos mais filhos, Marie.

– Eu não te sei responder a essa pergunta.

– Se calhar devias ir ao médico.

– Eu?

– Quem mais?

Nesse momento, a sua doce e carinhosa mulher acusara-o efetivamente de lhe estar a escapar ali alguma coisa.

– O motivo pode tanto ter que ver comigo como contigo!

Ele não lhe respondera nada, limitando-se a virar-lhe as costas, puxando o edredão até aos ombros e desligando o candeeiro da mesa de cabeceira. Marie fez o mesmo. Ficaram deitados e quietos nas suas almofadas, quase sem ousar respirar. Cada um deles na esperança de que o outro dissesse alguma coisa para quebrar aquela terrível tensão. Mas nada aconteceu. Nenhuma palavra, nenhum roçar cauteloso com a mão que anunciasse a vontade de fazerem as pazes. Só de manhã cedo, quando ele sentiu a mulher a dormir mesmo junto a ele, sentiu um desejo tão intenso que a acordou com um beijo terno. A reconciliação fora maravilhosa e, depois, haviam prometido por tudo o que é sagrado que nunca mais voltariam a ter uma discussão tão parva e sem sentido.

Entretanto, já não era possível negar a presença das dores de garganta, instalava-se igualmente uma sensação desagradável nos brônquios. Ora bolas, estava a chocar alguma coisa.

Analisou brevemente o restante correio e, então, chamou a menina Hoffmann.

– Diga ao senhor Von Klippstein que estou neste momento disponível para ele.

Ele poderia ter simplesmente ido até ao seu gabinete, como costumava fazer, mas naquele dia, por algum motivo, não estava com vontade.

– E traga-me mais um café, por favor. Já agora, a estrela de canela estava ótima.

Ela corou, contente, com o elogio e disse que tinha arranjado a receita de uma grande amiga, a senhora Von Oppermann.

– E que é aliás uma entusiasta cliente da sua esposa.

Isso já ele sabia, mas não deixou de assentir com simpatia, para que ela não achasse que ele tinha inveja do êxito da mulher. Se ao menos o deixassem em paz com aquele tipo de conversas.

Como sempre, Ernst von Klippstein estava impecavelmente vestido: fato cinzento, colete a combinar, na época fria até trocava de sapatos, pois não gostava de usar as botas de inverno no escritório. Dava-se lindamente com as duas secretárias, o que seguramente se devia ao facto de ele lhes despertar os seus instintos maternos. Em tempos, Ernst dera entrada no hospital militar da Vila dos Tecidos com múltiplos estilhaços de granada na barriga e sobrevivera por um triz, as cicatrizes ainda lhe causavam desconforto.

– Estás um bocado pálido hoje, velho amigo – disse Ernst, entrando pela porta dentro. – Será que te apanhou a onda de constipações que grassa por todo o lado?

– A mim? Oh, porque achas... Estou só um bocadinho cansado.

Ernst expressou a sua compreensão, assentindo com a cabeça, e sentou-se numa das poltronas de pele. Não lhe era confortável, pois o assento era bastante fundo, mas não deu praticamente nada a entender. Ernst não deixara de ser um soldado prussiano – valorizava a disciplina, sobretudo a que se impunha a si mesmo.

– Sim, este tempo... – considerou ele, olhando pela janela para as nuvens pesadas. – Janeiro e fevereiro são meses diabolicamente agrestes e frios.

– Sem dúvida.

Paul teve necessidade de tossir e foi com agrado que viu agora Ottilie Lüders a aparecer com uma bandeja. Serviu, é claro, dois cafés, acompanhados de uma dose dupla de bolachas. Às estrelas de canela acresciam agora biscoitos de gengibre e bolachas de amêndoa areadas.

Ernst pegou numa chávena de café, que tomava sempre simples, sem leite nem açúcar. Não ligou nenhuma às bolachas.

– Queria falar contigo sobre algumas despesas que, na minha opinião, podíamos reduzir. Por exemplo, a comida da cantina...

O almoço na cantina fora introduzido já no tempo do pai, Marie fora na altura a sua grande impulsionadora. Antes havia apenas uma sala de refeições, onde os operários e os funcionários se sentavam em mesas compridas e comiam o que traziam de casa. Entretanto, Paul cobrava um pequeno valor pela comida, mas em contrapartida agora a refeição incluía carne, batatas e

verduras. Antigamente, pelo contrário, na maior parte das vezes havia ensopado de couves-nabiças.

– Estamos a oferecer refeições muito baratas, Paul. Se cada um pagar mais dez *pfennig*, podíamos poupar o gasto extra. – O *pfennig* era uma moeda interna que, como acontecia em muitas outras fábricas, fora introduzida devido à inflação. Teria sido demasiado complicado pagar com o papel-moeda válido em cada momento, teriam sido precisos cestos de roupa para o transportar. Quem almoçasse regularmente na cantina via esse valor desde logo deduzido do salário, recebendo em troca dinheiro sob a forma de *pfennig*. Podiam então também usá-lo para comprar bebidas, sabonete ou tabaco.

– Vamos esperar para ver como as coisas evoluem.

– Isso é o que dizes sempre, Paul.

– Na minha opinião, seria economizar no lugar errado.

Ernst suspirou. Já eram, de qualquer modo, censurados em todo o lado por serem a empresa mais generosa. Recentemente, o senhor Gropius, da filiação de penteados, perguntara-lhe se havia dinheiro a mais na fábrica de tecidos Melzer.

– Mas tudo bem – prosseguiu. – Vamos deixar os trabalhadores em paz. Estimei que o consumo de carvão nos escritórios neste período em que é preciso aquecimento já atingiu os valores do exercício passado. Por isso, se estimarmos por alto, os custos com o aquecimento vão aumentar previsivelmente pelo menos um terço face ao consumo do ano passado.

Aquele homem sentava-se então no seu gabinete a desperdiçar tempo com aqueles joguinhos de cálculo supérfluos. Funcionários a passar frio produziam maus resultados – nem todos eram de temperamento tão espartano como

Ernst von Klippstein, que dera expressas instruções às secretárias para não aquecerem demasiado o seu gabinete.

– Não é o momento para poupar, Ernst. Este é o momento para investir e encorajar as pessoas a prestar bons serviços. Temos de nos pôr a trabalhar, mostrar que os tecidos e os fios Melzer não são apenas de primeira categoria, mas também economicamente acessíveis...

Gerou-se ali um breve debate. Ernst considerava que produtos económicos só seriam possíveis mediante uma rigorosa gestão dos custos e com uma redução dos mesmos. Paul contestou, dizendo que não havia nenhuma diferença entre redução dos custos e sovinice. Trocaram argumentos para cá e para lá durante algum tempo, até que, por fim, Ernst cedeu, como acontecia na maioria das vezes.

– Logo veremos – declarou, mal-humorado. Enfiou então a mão no bolso interior do casaco e tirou para fora um envelope.

– Quase me esquecia. Uma encomenda...

O seu sorriso retorcido deixou Paul desconfiado. O envelope não estava dirigido a ninguém e no seu interior havia uma folha de papel manuscrita, em que Marie registara a sua encomenda de tecidos. Porque entregara ela a Ernst a sua encomenda? Porque não a ele, que era seu marido? Por exemplo, naquela manhã, ao pequeno-almoço.

– Quando é que a Marie te deu isto?

– Ontem à noite, quando a fui buscar ao ateliê.

– Muito bem – disse Paul, juntando a folha às restantes encomendas. – Muito obrigado.

Ernst assentiu, satisfeito, e deveria agora ter-se levantado e sair, mas manteve-se sentado na poltrona.

– É uma pessoa espantosa, a tua mulher Marie. Já tinha tido a oportunidade de a admirar, quando salvou a fábrica com o teu pai durante a guerra.

Paul não respondeu. Recostou-se na cadeira e tamborilou baixinho com os dedos sobre a proteção de secretária revestida em pele. Mas não conseguiu impressionar Ernst da forma desejada.

– É mesmo uma grande sorte vocês terem-se encontrado um ao outro, tu e a Marie. Uma mulher assim precisa de um marido que lhe dê espaço para desabrochar. Um homem tacanho queria provavelmente trancá-la a sete chaves, cortar-lhe as asas, obrigá-la a encaixar num molde que não lhe serve.

Mas aonde queria ele chegar? Paul continuou a tamborilar, sentiu uma comichão na garganta e teve novamente de tossir. Começavam também a anunciar-se umas dores de cabeça – mas isso era culpa daquele tagarela maçador. Teriam todos combinado darem-lhe cabo dos nervos naquele dia?

– Ah, mas o que eu te queria ainda dizer – disse, interrompendo o discurso empolgado de Klippstein. – Hoje vou eu buscar a minha mulher ao ateliê. Por acaso tenho de tratar de um assunto lá perto, fica mesmo a caminho.

– Ah, sim? Bom, espero que, apesar disso, eu me possa juntar à refeição.

– Mas é claro. É sempre um prazer...

Era notória a sua desilusão, Paul regozijou-se e sentiu-se imediatamente reles. Porque estava a tirar a Ernst aquela satisfação? Não tinha absolutamente nada a tratar na Karolinenstrasse. Pelo contrário, o melhor que ele teria a fazer ao fim do dia seria regressar logo a casa e fazer alguma coisa contra aquela incómoda constipação. Chá com rum e depois ir logo para a cama. Nestas

ocasiões, a senhora Brunnenmayer gostava de o esperar com chá de flores de lilás e um pegajoso unguento – mas dispensava tal coisa. Pelo menos enquanto conseguisse manter-se de pé.

– Nesse caso, não te atrapalho mais o trabalho. – Paul ficou a observar a aflição de Von Klippstein enquanto se levantava da poltrona e teve tremenda pena dele. Ele não se deixava ajudar, podia revelar-se verdadeiramente antipático se o tentasse. Não lhe doíam apenas as cicatrizes na zona da barriga; seguramente teriam ficado ainda estilhaços dentro do corpo que não fora possível remover. Ele sobrevivera – mas o ferimento marcara-o para toda a vida.

Antes de sair, Ernst esvaziou a chávena e pousou-a na bandeja. Paul sentiu-se algo aliviado quando se viu de novo sozinho. Levantou-se para aquecer os dedos frios junto à salamandra, acrescentou carvão e ainda assim tremia de frio. Com um peso na consciência, abriu a porta do armário e serviu-se de um copo de uísque. No final da sua vida, o pai encontrara grande consolo naquela coisa, apesar de saber que lhe fazia mal. Regra geral, Paul não tinha tais hábitos em grande conta, aquela pequena acumulação de diversas bebidas espirituosas era para ser oferecida aos parceiros de negócios; com frequência, um copinho daqueles fazia mais do que um bom punhado de argumentos.

Ele bebia aquilo por motivos de doença, pensou, tomando um bom trago. Logo depois, teve de demonstrar uma enorme capacidade de autocontrolo para não gemer ruidosamente, já que o uísque lhe fez arder a garganta ferida como um fogo infernal. Pior a emenda do que o soneto, dizia-se. Bebeu o resto do copo, sentindo as lágrimas a saltar dos olhos, e guardou novamente a garrafa e o copo no armário.

Apesar disso, sentia-se miseravelmente mal. Ao almoço, tinha dificuldade em manter-se direito, ouviu pacientemente as queixas da precetora e acalmou a mãe quando Marie protegeu energicamente as crianças. O almoço em família – antigamente um momento de tranquilidade a meio do dia – transformara-se nos últimos meses num encontro tenso de partes contrárias. Também as crianças sofriam com isso, sentavam-se caladas diante dos pratos e só falavam quando alguém lhes dirigia a palavra. Acabada a sobremesa, esperavam pacientemente até que a avó lhes desse permissão para se levantarem da mesa.

Hoje, a mãe falara sobre Tilly Bräuer. A jovem estudante de Medicina estivera em Augsburg a passar as festas e conversara muito com ela no dia de Natal.

– Está magrinha, a pobrezinha – declarou a mãe, com pesar. – E tão pálida. Antigamente, dizia-se que uma rapariga assim era uma «sabichona». Não admira que o pobre Klippi não a tenha pedido em casamento. Sim, eu sei, Marie. Os tempos mudaram, hoje em dia as jovens procuram uma profissão e algumas chegam mesmo a acreditar que devem estudar na universidade...

– É uma jovem valente e inteligente – disse Marie convictamente. – Admiro-a muito. Que mal tem uma mulher estudar Medicina e querer ser médica?

Já haviam debatido copiosamente aquele assunto, pelo que Alicia se limitou a soltar um suspiro insatisfeito. Todavia, Serafina sentiu a necessidade de saltar em sua defesa.

– Como é que uma pessoa assim há de encontrar marido? – considerou. – Que marido iria gostar que a mulher examinasse todos os dias o corpo de homens desconhecidos? Sabe o que estou a querer dizer...

Se pensava que os gémeos não haviam percebido a alusão, estava muito enganada. Dodo arregalou os olhos, Leo ficou de orelhas vermelhas.

– Os homens têm de se despir e ficar nus? – sussurrou Dodo.

Leo não deu resposta, a simples ideia era-lhe claramente confrangedora.

– O marido também não fica incomodado se a mulher for examinada por um médico homem – contestou Marie. – É uma questão de hábito.

Alicia pigarreou.

– Por favor, seria bom não abordarmos temas desagradáveis à mesa do almoço. Sobretudo à frente das crianças!

Continuaram a comer em silêncio. Marie olhava constantemente para o relógio, Serafina fez sinal a Dodo para se sentar com as costas direitas, Alicia olhou para Paul, preocupada, já que volta e meia se punha a tossir.

– Esta tarde seria melhor ires-te deitar, Paul.

– Disparate! – rosnou ele.

A mãe suspirou e declarou que era mesmo filho do pai. Johann também nunca se resguardava.

Marie foi a primeira a levantar-se da mesa, pois tinha logo para as duas da tarde uma marcação com uma cliente no ateliê. Apertou rapidamente os gémeos num abraço, prometeu ler-lhes uma história à noite e saiu.

– Não queres que te leve, querida? – gritou Paul.

– Não é preciso, querido. Apanho o elétrico.

É verdade que, depois de comer, Paul se sentia sonolento, mas as dores de garganta tinham melhorado claramente desde aquela manhã. Ir deitar-se, era o que mais faltava. A vítima perfeita dos cuidados da mãe. Emplastos à volta

do pescoço. Emplastos no peito, chá de camomila, o leque completo. No pior dos casos, ainda chamava o doutor Stromberger ou o velho doutor Greiner. Não, ia curar sozinho aquela chatice.

Todavia, já no escritório, não tardou a constatar que uma cama macia e um pouco de cuidados não eram uma possibilidade a descurar. Tanto mais que foi acometido de calafrios desagradáveis, que se iam alternando com violentos ataques de calor. Febre. Conhecia bem aquela sensação física insuportável e vazia dos tempos da infância. Mais tarde, na Rússia, no campo de prisioneiros, padecera durante muito tempo de febre traumática, mas aí foi por um triz que escapou à morte. Comparado com isso, isto era apenas um achaque inofensivo.

Tratou de telefonemas importantes, cerca das cinco da tarde chegou um novo cliente. Um tal de Sigmar Schmidt, que queria abrir um grande armazém comercial na Maximilianstrasse e estava interessado em tecidos de algodão com estampados coloridos. Paul levou-o a visitar a tecelagem e em seguida o departamento onde os tecidos eram estampados. Schmidt demonstrou estar muito impressionado. Regressaram então ao gabinete de Paul para aí discutirem as condições de fornecimento e os preços. Era um parceiro de negociação hábil, aquele senhor Sigmar Schmidt, tentava constantemente obter um desconto especial, mas Paul referiu os preços que já de si eram acessíveis e a boa qualidade. Chegaram por fim a consenso e Schmidt encomendou uma série de fardos.

Paul conseguira manter-se à altura da negociação, mas, mal o cliente saiu do gabinete, sentiu-se alarmantemente fraco e febril. Obrigou-se a aguentar até às seis e meia, desejou boas noites às secretárias e ficou a saber que o senhor Von Klippstein já estava a caminho da Vila dos Tecidos.

Foi recebido no exterior por uma morrinha fria, por isso foi uma sensação agradável sentar-se dentro do carro. Uma breve saudação ao porteiro e seguiu então em direção ao centro da cidade. Faltava pouco para as sete; se tudo corresse bem, Marie ainda não teria apanhado o elétrico. Contudo, quando parou junto ao passeio em frente do ateliê, constatou para seu alívio que ainda estavam a ser atendidos clientes. Na sala iluminada, discerniu um casal de vestes elegantes sentado a uma mesinha, a folhear um catálogo. Mas era... Mas é claro, eram o senhor e a senhora Neff, que geriam o grande cinema junto à Backofenwall. Esses podiam sem dúvida pagar as dispendiosas criações de Marie. O entusiasmo com que olhavam para o catálogo... Bom, também fora a própria Marie a fazer e a pintar todos os desenhos.

Paul decidiu esperar no carro, para não incomodar Marie. Afinal de contas, sabia por experiência própria como uma visita podia perturbar a negociação com um cliente. Por isso, recostou-se no banco, ajustou mais o casaco junto ao corpo e pôs-se a olhar para dentro do ateliê pelo vidro da montra, como um espectador inoportuno. Lá estava ela, a sua Marie. Era bonita – aquela saia em forma de sino e o casaco largo davam-lhe um ar moderno e descontraído, a combinar com o voluptuoso cabelo escuro. Parecia uma menina frágil e delicada. Mas era uma empresária tão capaz...

Estava agora a conversar com os Neffs, ria-se, gesticulava – sim, era encantadora, a sua Marie. O dono do cinema parecia estar perfeitamente deslumbrado com ela, comportava-se como um tolo, estava agora a arrastar uma cadeira para ela se sentar e quase tropeçou nos próprios pés. E Marie ofereceu-lhe um sorriso grato, sentando-se em seguida. Grato era mesmo a palavra certa. Ou seria antes caloroso? Prestável. Sim, era isso mesmo. Mas também, de algum modo... meigo.

Estás só a imaginar coisas, pensou ele. Daqui não consegues ver ao certo de que forma ela está a sorrir para o rapaz. Afinal de contas, são negócios, é bom ir ao encontro das necessidades dos clientes. Ainda assim, constatou que isso o irritava. Porque tinha ela de sorrir para aquele homem? Podia muito bem acontecer ele interpretar erradamente a sua simpatia e ir incomodá-la mais tarde.

Foi tomado por um novo assomo de febre e limpou o suor da testa com o lenço. Quanto tempo é que aquilo ainda ia demorar lá dentro? Eram já sete e meia; na Vila dos Tecidos, a mãe estava à espera para jantar.

Quando a crise passou de novo, saiu do carro e dirigiu-se para o ateliê a passo determinado. A campainha da loja tilintou quando a porta se abriu, Marie e os Neffs olharam para ele, perplexos.

– Desejo-lhes uma boa noite. Perdoem-me por entrar assim de repente, mas ia a passar aqui por acaso e achei que a loja já estava fechada.

Marie franziu a testa por um breve instante, os Neffs cumprimentaram-no efusivamente e puseram-se a elogiar entusiasticamente a nova coleção de Marie.

– Temos aqui em Augsburg uma grande criadora de moda. Estes modelos podiam muito bem estar expostos em Paris.

– Não se incomodem comigo... Vou sentar-me calmamente a fumar o meu charuto lá atrás no jardim de inverno.

– Oh, já não demora muito.

Na sala de costura, Hanna ainda estava a trabalhar. A pobre rapariga não estava com um ar particularmente feliz; ele nunca conseguira compreender

por que razão Marie fazia absolutamente questão de fazer dela uma costureira. Mas essas eram decisões em que ele não se metia.

– Senhor... Que surpresa. Oh, céus, está com um ar doente. – Largou a máquina de costura e correu para a salamandra, onde fervilhava uma chaleira. – Vou fazer-lhe um chá quente, vai fazer-lhe bem.

Ele não recusou – sentia-se entretanto tão mal que até estava disposto a beber chá. A tremer, sentou-se junto à salamandra, com a chávena de bebida quente na mão.

– Apanhou-o mesmo a sério, senhor. E ainda vem até aqui buscar a sua mulher. Devia ter mandado o senhor Von Klippstein.

Marie apareceu passado um quarto de hora, atirou um bloco cheio de apontamentos para cima da sua secretária e vestiu apressadamente o sobretudo.

– Que chatice – suspirou. – Outra vez muito atrasada. Pobre mamã. Vamos depressa, Paul... Hanna, desliga por favor a luz, a iluminação da montra fica acesa.

Pôs o chapéu à frente do espelho, arranjou o cabelo e voltou-se para Paul. Só então percebeu como ele estava mal.

– Por amor de Deus, Paul! Hoje ao almoço devias mesmo ter dado ouvidos à tua mãe. Agora de certeza que nos vais contagiar a todos!

Ele pousou a chávena em cima da salamandra e levantou-se com esforço. Não, ele não era de se queixar. Mas achou que, antigamente, Marie era mais compreensiva.

Março de 1924

O domingo passou mesmo a correr. E, no entanto, pretendia-se que fosse um dia de reflexão após a azáfama da semana, de tempo para a família, de preciosas horas de repouso e lazer. Contudo, depois de um pequeno-almoço à pressa, foram todos para a igreja, assistiram à missa e, depois, ficaram a conversar com um conhecido. Em seguida, tiveram de mudar de roupa para almoçar, a sogra fazia questão. Pelo menos ao domingo – voltara ela recentemente a sublinhar –, queria ver a família reunida à sua volta em traje de festa. A consequência foi que a refeição decorreu com uma rígida solenidade, o que não veio nada a calhar, sobretudo para os gémeos, que estavam praticamente a explodir, tanta era a vontade de falar. As crianças tinham de estar caladas à mesa, era uma questão de bom-tom.

Marie sentia-se cansada e esgotada. Teria apreciado tanto poder deitar-se um pouco depois da refeição – mas não houve tempo para isso. Dodo e Leo entraram sorrateiramente no seu quarto e ela não teve coragem de os mandar embora. Ficaram os três sentados no sofá e Marie escutou pacientemente os problemas e contrariedades acumulados ao longo da semana.

– Tive de escrever três vezes os estúpidos dos números, mamã. Mas tinha as contas todas bem feitas.

– Porque é que tenho de vestir sempre este vestido às flores, mamã? Está muito apertado, não consigo levantar os braços.

– Ela disse que não vamos ter direito a ovos da Páscoa. Por sermos tão mal-educados.

– E tenho sempre de tocar piano... Já me doem os ouvidos.

Marie censurava-se interiormente a si própria por não ter sido suficientemente enérgica a exigir o despedimento da precetora. Acontecia que teria apenas conduzido a uma prova de força com a sogra e não queria fazer isso a Paul. Mas sentia-se infeliz. Consolava, tentava explicar, fazia promessas vagas. Abraçou Dodo e afagou o cabelo de Leo. Desde o oitavo aniversário dos gémeos, quatro semanas antes, já não podia dar ao filho um abraço apertado e também não o podia beijar. Ele dissera-lhe que era uma coisa afetada. Que, afinal de contas, era um rapaz e não um bebezinho mimado.

– Daqui a pouco a tia Kitty vem lanchar, de certeza que traz a Henny. Assim vocês podem ir todos brincar para o jardim.

Aquela notícia não gerou grande entusiasmo, nem em Dodo, nem em Leo.

– A Henny só nos quer dar ordens.

– Se a senhora Von Dobern também for, temos de ficar sempre nos caminhos e não podemos atirar galhos nem pedras.

– E a Liesl e o Maxl não podem brincar connosco, a senhora Von Dobern não gosta.

Marie prometeu falar com a precetora. Tinha de permitir que as crianças se divertissem um pouco, mesmo que isso não fosse o melhor para os sapatos e os casacos. Estavam em março, a primavera ainda não queria mostrar os primeiros sinais, dois dias antes até voltara a nevar.

– Levas-nos um dia ao aeródromo, mamã?

Há meses que Dodo a importunava com aquele pedido. Queria ver os aviões. As fábricas de aeronáutica Rumpler estavam sedeadas perto da Haunstetter Strasse, que ficava na zona sul da cidade.

– Não sei, Dodo... Ouvi dizer que a companhia aérea está a passar dificuldades. E, de qualquer modo, os aviões a motor já não podem voar.

Uma das muitas reparações exigidas pelos Aliados era que os aviões a motor alemães fossem proibidos de voar; e também não se podiam construir outros novos.

Os cantos da boca de Dodo descaíram e Marie compreendeu que era algo que a menina desejava do coração. Como é que lhe ocorrera uma ideia tão louca?

– Vamos ver, minha querida. Quem sabe, no verão. Agora, com este tempo, não iam de qualquer modo poder descolar.

O rosto de Dodo iluminou-se imediatamente.

– Combinado então: no verão! Prometes? – tentou ela comprometer a mãe.

– Se for possível...

Ouviu-se o motor de um automóvel e Leo correu para a janela.

– A tia Kitty está a chegar! – anunciou. – Credo, parece vir aos ziguezagues! Não tarda nada bate numa árvore... Ah, bom, desta vez correu bem.

Dodo saiu do colo de Marie. Chegada à janela, empurrou o irmão para o lado.

– Trouxe a tia Gertrude. E a Henny. Infelizmente...

Marie soltou um suspiro. Agora sim acabava definitivamente qualquer esperança de descansar um pouco. Levantou-se para dar instruções aos empregados, já que Alicia andava adoentada desde que tivera uma bronquite grave. Dado que durante a semana tinha de carregar com todo o fardo da gestão da casa – ela assim o dissera –, pelo menos ao domingo queria poder fazer uma pequena sesta.

Lá em baixo, no vestíbulo, ouvia-se já a voz estridente de Kitty, falava empolgadamente, como sempre, e sem parar, por vezes receavam que ela pudesse esquecer-se de respirar. Ao passar pela porta da precetora, Marie bateu para solicitar à senhora Von Dobern que cuidasse agora das crianças e correu em seguida pelas escadas abaixo.

Julius estava já pronto à entrada da sala de jantar, continuava com um ar abatido, já que a vaga de constipações não o poupava. Também Hanna e Else haviam ficado constipadas, bem como o pobre Klippi. Paul tivera de passar dois dias na cama. Depois disso, ficou bom, mas Von Klippstein ainda não estava recuperado.

Durante uma semana, Marie mandara levar o almoço a sua casa e, por fim, enviara-lhe também o doutor Stromberger. Von Klippstein ficara tão sensibilizado com tamanho cuidado que em meados de fevereiro lhe mandara um ramo de rosas brancas. Teria com certeza pago uma fortuna e Paul passou dias a fazer troça de Marie por causa do seu «cavaleiro das rosas». Sim, Paul parecia realmente estar com um bocadinho de ciúmes. Estava simplesmente mudado nalgumas coisas, estava mais sensível e irritável do que antes e censurava-a por coisas que pareciam caídas do céu. Mas se calhar tinha que ver com o facto de só agora se estarem a conhecer verdadeiramente. Depois de se casarem, Paul passara praticamente um ano na guerra e haviam estado quatro longos anos separados. Na altura, viviam apenas de cartas e da saudade, não admira que tivessem uma imagem cor-de-rosa um do outro. Mas agora haviam entrado na rotina do casamento, a fábrica, as crianças, o ateliê, a família – tudo exigia o seu acompanhamento e quem sabe um pedacinho do seu amor tivesse ficado pelo caminho.

– Diga à cozinheira que já pode preparar o café. Para as crianças, chocolate quente. Devem servir o bolo apenas quando estiverem todos sentados à mesa.

Desceu ao vestíbulo, onde Hanna ficava com os casacos e os chapéus das visitas. Gertie trazia na mão um pacote envolto em papel de embrulho, dentro do qual estava sem dúvida um dos quadros de Kitty.

– Oh, Marie do meu coração! – exclamou Kitty alto e bom som quando viu a cunhada na escada. – Como é bom ver-te. Tenho grandes novidades para ti, minha querida. Vais ficar de boca aberta. Leva o quadro com cuidado, Gertie. É um presente para o meu irmão e ele tem de o pendurar no gabinete. Ui, que tempo horrível, ficamos com os pés congelados. Marie, meu doce. Chega-te a mim. Tenho primeiro de te dar um abraço muito apertado.

Oh, aquela Kitty! Era tão deslumbrante, tão exuberante, tão tremendamente calorosa. Marie esqueceu-se de todo o cansaço e inalou por instantes o perfume caro de Kitty. Onde ia ela buscar o dinheiro? Bom, provavelmente recebia aquelas coisas dos seus muitos admiradores.

– Como está a mamãzinha? Ainda os brônquios? Pobrezinha. Desde que o papá deixou de estar connosco, nunca mais teve uma hora de sossego. Isso é que é amor verdadeiro, Marie. É coisa que nenhuma de nós tem. Fidelidade até à morte... Ah, é verdade, a Gertrude veio comigo. Já a cumprimentaste, Marie?

– Se me largares, faço-o já imediatamente. – Gertrude Bräuer, a sogra de Kitty, não estava de modo nenhum ofendida por ter de ficar à espera. Estava habituada aos modos empolgados de Kitty e – para grande surpresa de Alicia – dava-se lindamente com isso. Hanna estava naquele momento a libertar Henny do casaco e do gorro e a pequena já estava cautelosamente a perscrutar todos os recantos do vestíbulo, tentando perceber se Leo não

andaria escondido por ali. Na última visita, ele escondera-se atrás da cómoda e chiara como um ratinho, sabendo muito bem que Henny tinha um medo terrível de ratos.

– Vamos para cima – disse Marie. – Gertie, vai ao segundo andar e acorda a senhora. Com muito cuidado, sabes que ela se assusta facilmente.

Kitty ofereceu o braço a Gertrude e declarou que ela não podia, de modo nenhum, subir as escadas sozinha, ainda ontem estava na cama com dores de garganta e cheia de tosse.

– Tira lá as mãos de cima de mim, Kitty! Isso querias tu, fazer-me passar por uma frágil velhinha.

– Oh, Trudi! – riu-se Kitty. – Mas eu estou muito contente por estares comigo e quero que assim continues o máximo de tempo possível. Pelo menos mais cem anos, vais ter de te mentalizar para isso. Onde anda o meu Paulinho, Marie? Onde enfiaste o teu marido? Lá está ele!

Paul assomara ao cimo das escadas, sorrindo, de braços abertos. Kitty largou Gertrude e desatou a correr lá para cima aos gritinhos, para se atirar para cima do peito de Paul.

– Paulinho! Cá estás tu! Oh, meu querido irmão, o meu favorito e meu único irmão.

– Kitty – disse ele, sorridente, abraçando-a com força. – É maravilhoso ter-te aqui connosco na Vila dos Tecidos. Ainda que me estejas neste momento a estorvar o trabalho.

– Trabalho? Hoje é domingo, Paulinho. Quem trabalha ao domingo fica com a mão direita murcha. Era o que o capelão nos dizia sempre antigamente, já não te lembras?

– Fico admirado por tu, logo tu, te lembrares tão bem dessa frase, Kitty!

O corredor irradiava alegria, Marie caminhou animada ao lado de Kitty, riam-se e faziam troça, Paul defendia-se o melhor que podia, mas Marie via como ele se regozijava com aquela alegre troca de palavras. Por momentos, tornou-se de novo o jovem patrão por quem a ajudante de cozinha Marie ansiava em tempos à distância. Paul Melzer, o voluntarioso filho da família, que tantas vezes seguia a pequena Marie Hofgartner com olhares ternos. Que a protegeu no centro da cidade de um atacante furioso e a acompanhou, muito preocupado com a sua segurança, até à Porta de Jakob... Ah, porque não era possível conservar para sempre aquela maravilhosa paixão dos primeiros tempos?

Na sala de jantar, Julius pusera diligentemente a mesa e até a decorara com as primeiras violetas. A precetora enfiara os gémeos nos seus trajes de domingo e ordenara que calçassem os sapatos de verniz, que na verdade já lhes estavam pequenos. Até Kitty reparou no rosto dolorosamente contorcido de Leo.

– Credo, Jesus Senhor, Leo! Que aconteceu? Alguém te mordeu?

Antes que Leo pudesse responder, Paul repreendeu-o.

– Para como essas parvoíces, Leo. Aqui não é lugar para as tuas palhaçadas!

Leo ficou vermelho. Marie sabia que o rapaz se esforçava desesperadamente por estar à altura das expectativas do pai, e infelizmente nem sempre era bem-sucedido. Essa era uma coisa que a incomodava em Paul. Porque não se podia aproximar um bocadinho do filho? Será que não percebia como Leo o desejava tanto? Mas Paul parecia achar que elogiar fazia mal às crianças, pelo que era extremamente parco em louvores.

– Depois podes descalçar os sapatos – disse Marie. – Agora ficam calçados, porque a avó fica tão contente. Foi ela que os comprou.

– Sim, mamã.

A precetora sorriu com benevolência e disse que não havia problema nenhum em exigir algum esforço da parte das crianças.

– A vida nem sempre é fácil, senhora Melzer. É bom que as crianças aprendam desde cedo a suportar dores sem se queixarem.

– Se continua a dizer essas coisas, querida Serafina, salto já imediatamente da janela abaixo – interveio Kitty. – Quer transformar as pobres criaturas em mártires? Não precisamos de santos, senhora Von Dobern. Precisamos de pessoas retas com pés saudáveis!

Serafina foi dispensada da resposta porque nesse momento Alicia entrou na sala de jantar.

– Kitty! – disse ela, levando a mão à testa. – Falas mesmo muito alto. Por favor, não te esqueças de que tenho dor de cabeça.

– Oh, mamãzinha – exclamou Kitty, abraçando-a impetuosamente. – Temos de aguentar as dores sem nos queixarmos, é o que se anda já a ensinar às crianças nesta casa.

Quando Alicia olhou para ela, desorientada, começou a rir-se como um diabrete e explicou que estava apenas a brincar.

– Minha pobre, pobre mamã! Lamento tanto por seres constantemente atormentada por essa estúpida enxaqueca. Quem me dera poder fazer alguma coisa para te sentires melhor...

Alicia afastou-a a sorrir e declarou que já seria uma ajuda se falasse um bocadinho mais baixo e se sentasse à mesa do lanche. – Onde está a minha

pequena Henny? A minha menina de ouro...

A menina de ouro descera até à cozinha e voltava agora com as bochechas cheias de chocolate. A senhora Brunnenmayer sucumbira aos encantos da pequena sedutora e oferecera-lhe três bolachas com cobertura de chocolate acabadas de sair do forno.

– Avó, penso sempre em ti – exclamou Henny, estendendo os braços para Alicia. – É tão triste já não poder viver aqui. – Alicia apaziguou-se de imediato e Henny teve direito a sentar-se ao lado da querida avozinha. Marie trocou olhares com Paul e sabia que ele estava a pensar o mesmo. Henny haveria de chegar longe na vida.

Sentaram-se à mesa, Julius serviu café ou chá, encetaram-se uma tarte de natas e um bolo furado, dispuseram-se pratos com bolachinhas. Kitty tagarelava sobre a exposição que ia acontecer em Munique, em que iria expor obras juntamente com dois colegas artistas, Gertrude contou que Tilly já se estava a preparar para o exame, Alicia quis saber como estava o senhor Von Klippstein.

– Telefonou-me ontem – disse Paul. – Amanhã já quer estar de volta ao escritório.

– Devíamos tê-lo convidado para o lanche – lamentou-se Alicia. – É um homem tão amável!

Serafina estava rigorosamente atenta para que Dodo e Leo não largassem migalhas na toalha da mesa, enquanto Henny decorava alegremente a área em volta do seu prato de bolo com nódoas de natas e chocolate.

– Há novidades da Elisabeth? – quis saber a precetora. – Infelizmente, é raro escrever-me, o que me deixa muito preocupada. A Lisa é a minha melhor amiga.

– Nesse caso, porque é que é tão raro escrever-lhe? – questionou Kitty maldosamente.

– De certeza que a si lhe escreve mais vezes, querida senhora Bräuer.

Alicia esvaziou a sua chávena de café e pediu a Julius que lhe trouxesse os óculos e a pilha de cartas que estava em cima da sua escrivaninha.

Oh, céus, pensou Marie. Agora vai ler em voz alta a última carta de Lisa, que em todo o caso já todos conhecemos. E depois vai falar da sua juventude na quinta. Pobre Leo, se ao menos o deixassem trocar de sapatos, a avó não haveria de levar a mal.

– Meus queridos – bradou Kitty por cima da mesa. – Antes de escutarmos os desabafos campestres da Lisa, gostava de vos contar uma novidade magnífica. É que eu recebi uma carta... de França!

– Oh, Deus do céu! – suspirou Alicia. – Espero que não tenha sido de Lyon...?

– De Paris, mamã!

– Paris? Bom, o que interessa é que não tenha sido enviada por aquele... aquele... francês!

Kitty remexeu dentro da sua bolsinha. Pousou ao lado do prato de bolo vários frasquinhos de perfume, duas caixinhas de prata de pó de arroz, um porta-chaves, lenços de renda usados e uma coleção de batons e queixou-se de que aquela malinha tinha a capacidade de fazer desaparecer para sempre tudo o que era importante.

– Aqui! Finalmente. Aqui está ela. Uma carta do Gérard Duchamps, que chegou ontem de manhã.

– Afinal é mesmo! – murmurou Alicia.

Também Paul franziu a testa e a precetora esboçou uma expressão extremamente apreensiva, como se fosse responsável pela honra da família Melzer. Marie constatou que Gertrude foi a única a manter a descontração, enquanto dava conta da terceira fatia de tarte de natas. Ao que parecia, já tinha conhecimento do conteúdo da carta.

– Minha querida e encantadora Kitty, meu anjo adorável, em que penso dia e noite... – começou Kitty desinibidamente, olhando radiante para as pessoas em volta.

– Por favor, à frente das crianças não! – disse Alicia, irritada.

– A mamã tem razão – considerou também Paul. – É mais do que inconveniente, Kitty!

Kitty abanou a cabeça, contrariada, indicando que precisava de silêncio para poder continuar a ler.

– Vou saltar a primeira parte e passo diretamente ao que é importante. Então: «Para minha grande alegria, no legado do falecido colecionador de arte Samuel Cohn-d’Oré descobri um grande número de pinturas da artista alemã Luise Hofgartner...»

Marie sobressaltou-se e achou que não ouvira como deve ser. Teria Kitty realmente acabado de proferir o nome Luise Hofgartner?

– Ah, pois é, Marie – disse Kitty, que lhe lera a estupefação no rosto. – São mais de trinta quadros pintados pela tua mãe. Este tal de Cohn-d’Oré era fabulosamente rico e colecionava obras de todas as correntes artísticas possíveis. Ao que parece, tinha um fraquinho pela Luise Hofgartner, sabe-se lá porquê...

Marie olhou para Paul. Estava tão surpreso como ela e sorria-lhe, entusiasmado. Foram envolvidos num sentimento caloroso. Paul estava contente por Marie.

– Isso... isso é mesmo uma novidade magnífica – disse-lhe ela.

– Bom – ouviu-se Alicia. – Depende. Que vai acontecer a estas... obras?

– Estão à venda – respondeu Kitty. – Aos herdeiros do senhor Cohn-d'Oré interessa menos a arte e mais o cheiro do dinheiro. Vai haver um leilão.

– Os quadros vão ser leiloados? – exclamou Marie, agitada. – Quando? Onde?

Kitty fez-lhe um gesto tranquilizador e pegou novamente na carta. «... Uma vez que presumo que a tua cunhada terá interesse em adquirir as obras da mãe, já encetei uma primeira conversa com os herdeiros. Eles estariam dispostos a ceder a coleção Hofgartner por um preço adequado.»

– E que entendem eles por «preço adequado»? – questionou Paul.

Kitty encolheu os ombros. A carta de Gérard não referia valores, era uma pessoa discreta nesses assuntos.

– Mas não deixa de ser espertalhão. Está a pedir-me mais dinheiro pelo acondicionamento e o transporte, o aldrabão. Primeiro chama-me sua encantadora Kitty e escreve que pensa em mim noite e dia e depois estende a mão. Posso bem viver sem sonhadores destes.

– É o que devias ter feito desde o início, querida Kitty – observou Alicia secamente. – Acho que não devemos encorajar de modo algum esta pessoa a manter contacto connosco. É por isso que sou rigorosamente contra que se aceite qualquer favor da sua parte.

Marie queria objetar, dizendo que estava muito grata ao Monsieur Duchamps pelas novidades que enviara, mas Paul antecipou-se.

– Tenho outra opinião, mamã. O Gérard Duchamps está unicamente a propor-nos um negócio. E, nesse caso, é evidente que o deveremos ressarcir de despesas incorridas e, eventualmente, também pagar uma comissão de mediação.

Alicia soltou um suspiro profundo e levou novamente a mão à testa.

– Julius! Diga à Else que me traga um pó para as dores de cabeça. Os saquinhos estão em cima da minha mesa de cabeceira.

Marie percebeu o olhar inquiridor de Paul, mas era impossível expressar o que ela sentia por dentro. Ela não sabia praticamente nada da vida e do trabalho artístico da mãe. Só lhe haviam falado do último ano de vida e da morte trágica de Luise Hofgartner. A mãe conhecera o engenheiro genial Jakob Burkard em Paris, o casal casara-se pela igreja em Augsburg, pouco tempo depois Burkard morreu. Luise ficou desamparada. Durante algum tempo, ela e a filha recém-nascida, Marie, sobreviveram a custo com pequenos trabalhos, mas no inverno, na casa gelada onde viviam, Luise apanhou uma pneumonia e morreu em poucos dias. A pequena Marie foi entregue ao orfanato.

– Além do mais, acho que esses quadros não nos dizem respeito – disse Alicia. – A Marie agora é uma Melzer...

– Que queres dizer com isso, mamã? – Kitty atirou a carta para cima dos objetos que tirara da bolsinha de mão e olhou, horrorizada, para a mãe.

Mas Alicia levou a chávena de café aos lábios e bebeu calmamente, para depois responder.

– És sempre tão empolgada, Kitty... Eu disse apenas que a Marie faz parte da família.

– Por favor, Kitty – interveio Paul. – Vamos manter a calma, não vale a pena discutir por causa disto.

– O Paul tem toda a razão – fez-se também ouvir Gertrude.

Marie sentia-se impotente. Era evidente que não queria discussões, desde logo devido a Leo e Dodo, que acompanhavam a conversa de semblantes confrangidos. Por outro lado, aquela notícia mexera profundamente com ela. Os quadros pintados pela mãe – não eram uma espécie de mensagens do seu próprio passado? Não poderiam, por fim, falar-lhe da sua mãe? Tudo o que Luise Hofgartner já não pudera transmitir à filha, as suas esperanças, as suas convicções, as suas ânsias, estavam lá, nas suas obras. Era certo que, agora, era uma Melzer. Mas, antes de mais, era filha de Luise Hofgartner.

– Que tens a dizer sobre isto, Marie? – bradou Kitty para o outro lado da mesa. – Ainda não disseste nada. Oh, percebo-te muito bem. Ainda estás completamente virada do avesso com esta notícia, não é? Minha pobre Marie! Estou contigo. Nunca permitirei que estes quadros caiam em mãos erradas.

– Oh, Kitty – disse Marie baixinho. – Deixa estar. O Paul tem razão, devíamos falar sobre este assunto com calma.

Mas a calma não era um dos dons de Kitty. Irritada, atirou os seus pertences de novo para dentro da bolsinha, enfiou a carta lá dentro e declarou que já sabia o que havia a fazer.

– Peço-te encarecidamente, Kitty – disse Alicia, lançando a Paul um olhar preocupado. – Por amor de Deus, não faças nada irrefletido. Essa gente só anda atrás de dinheiro, isso ficou bem claro na carta.

– Dinheiro! – gritou Kitty, zangada. – Isso é evidentemente a primeira coisa em que se pensa nesta casa. Que não se desperdice dinheiro. E ainda menos com arte. Vocês têm por acaso noção de que a fábrica de tecidos Melzer já não existiria de todo sem o empenho exemplar da Marie?

Para Paul, fora ultrapassado o limite. Atirou o guardanapo para o prato já sem comida e, zangado, encarou Kitty.

– Mas que vem a ser isto, Kitty? Isso é um disparate, sabes muito bem!

– Disparate? – irritou-se Kitty. – Oh, se o papá estivesse agora entre nós, ele punha-te na linha, Paulinho. Foi a Marie quem insistiu para que se fabricasse tecidos de papel. Só assim a fábrica sobreviveu, o próprio papá acabou por reconhecer isso. Mas, é claro, os méritos das mulheres inteligentes são muito rapidamente esquecidos. Típico dos homens, é o que te digo. Arrogantes e ingratos!

– Basta, Kitty! – disse Alicia num tom penetrante. – Não quero ouvir mais uma palavra sobre este assunto. E, além disso, é um perfeito desrespeito usares o teu falecido pai. Deixem o meu pobre Johann descansar na campa.

Fez-se silêncio total na sala de jantar. Gertrude reabasteceu a chávena de café, Paul fitava o vazio de olhos soturnos, Kitty semicerrara as pálpebras, mordiscava uma bolacha e fingia que não tinha nada a ver com aquilo. Marie sentia-se desamparada. Se ao menos Kitty não se tivesse tornado logo tão ofensiva. Tinha de lhe dar razão em muitas coisas. Mas agora saíra completamente fora dos carretos.

– Podemos sair da mesa? – perguntou Dodo com uma voz abafada.

– Pergunta à avó – disse a precetora. Serafina assistira calada à discussão familiar. Como era evidente, não lhe cabia intervir nem sequer divulgar a sua opinião. Mas de certeza que estava a retirar as suas conclusões.

– Já a seguir vais tocar-nos uma peça no piano, Dodo – determinou Alicia.
– E tu, minha pequena Henny? Também tens alguma coisa para nos apresentar?

– Sei um poema – gabou-se Henny.

– Vamos então para o salão. Julius, pode servir o licor e depois vem aqui levantar a mesa. Venham, meus meninos. Estou ansiosa por ouvir o teu poema, Henny.

Marie não conseguiu evitar admirar a postura de Alicia. A facilidade com que regressava aos afazeres habituais de uma tarde de domingo. Bebe-se um licorzinho, fala-se sobre trivialidades familiares e as crianças fazem as suas apresentações. Pobre Dodo. Detestava o piano do fundo do coração.

No corredor, Paul pousou por instantes o braço nos ombros de Marie.

– Falamos depois, Marie. Cabeça erguida, vamos arranjar uma solução.

Fez-lhe bem. Marie olhou para ele e sorriu-lhe com gratidão.

– Mas é claro, meu amor. Está toda a gente um bocadinho nervosa. – Ele deu-lhe um beijo rápido na face e estavam já à porta do salão vermelho, onde Marie se sentou ao lado de Kitty no sofá.

– Não te preocupes – cochichou-lhe Kitty, apertando-lhe a mão. – Estou contigo, Marie.

Ouviu então a filha a declamar, sem hesitar, um poema que Kitty nunca ouvira na vida. Gertrude ensinara-o à pequena.

– O inverno, ameaçadora atmosfera,

O seu sonante ainda tão desafiador...

– Semblante – retificou Gertrude pacientemente.

– ... O gelo e a neve em todo o esplendor

Mas quando virá *enfim* a primavera...

Henny dispunha de notáveis competências de atriz, já que acompanhava a declamação com gestos enérgicos. Na palavra «enfim», empenhou-se tanto que a voz saltou e ela teve de tossir. Apesar deste pequeno lapso estético, foi presenteada com um grande aplauso. Fez uma vénia para todos os lados, como uma experiente artista de palco. Dodo batia com os pés de puro desprezo enquanto se dirigia para o odiado instrumento, sentou-se no banquinho e martelou as notas por ali fora. Também foi elogiada, sendo também enaltecidos os méritos da precetora que lhe ministrava as lições. Por fim, Leo tocou um prelúdio de Bach. Fê-lo sem partitura e manteve os olhos fechados, totalmente imerso no mundo das harmonias. Marie ficou profundamente comovida, bem como Kitty e Gertrude.

– Foi incrível, Leo! – disse Kitty convictamente. – Quem te ensinou? Não foi a senhora Von Dobern...

Leo ficou com as orelhas vermelhas, olhou, inseguro, na direção da precetora e declarou que quem lhe dera a partitura fora o senhor Urban, o professor.

Marie sabia que era mentira. De certeza que o volume com os prelúdios e fugas era da senhora Ginsberg, mãe do amigo Walter.

– Se fosses tão aplicado na escola como és no piano, Leo, talvez pudéssemos estar contentes contigo – disse Paul.

Marie viu Leo a ficar um nadinha mais pequeno e isso doeu-lhe indizivelmente.

– Oh, papá.

– Podem agora fazer um pequeno passeio – precipitou-se Marie a dizer, voltando-se para Serafina. – Vista-lhes roupa velha e deixe-os correr um bocadinho pelo jardim.

Para sua grande irritação, Henny não podia ir também, já que Kitty decidira regressar a casa. Parecia ter-se esquecido completamente da discussão, abraçou Alicia e Paul com terno fervor, sempre sem parar de tagarelar sobre tudo e mais alguma coisa. Despediu-se também muito carinhosamente de Marie, beijou-lhe ambas as faces – à maneira dos franceses – e segredou-lhe: «Vai correr tudo bem, minha doce Marie. Vou lutar por ti, meu cordeirinho tonto e mole. Vou lutar por ti como uma leoa que defende as suas crias.» Mais tarde, quando Alicia e as crianças já há muito se haviam deitado, Marie estava no seu quarto à volta de uma criação que tinha de estar pronta no dia seguinte. Estava a ter dificuldade, pois tinha as ideias num torvelinho dentro da sua cabeça. Trinta quadros. Era todo um mundo. O mundo da sua mãe. Tinha de ver aqueles quadros. Absorvê-los. Desvendar a mensagem que escondiam.

Estava tão mergulhada em pensamentos que quase não deu conta da entrada de Paul. Tinha um ar cansado, estivera ainda algumas horas no escritório a fazer cálculos de custos, mas agora vinha ao seu encontro a sorrir.

– Ainda acordada, meu amor? Sabes que mais, tomei uma decisão. Vamos comprar três destes quadros e expô-los aqui na Vila. Onde, isso decides tu. – Parecia extremamente orgulhoso da sua decisão.

– Três quadros? – perguntou ela, com insegurança. Tê-lo-ia compreendido bem?

Ele encolheu os ombros e disse que, por ele, podiam ser quatro. Mas não mais do que isso. Deveriam encarregar Gérard Duchamps da seleção, já que

está *in loco* e, além disso, é conhecedor de arte.

– Agora vem, querida – disse ele, afagando-lhe o pescoço. – Vamos encerrar este domingo de uma forma agradável. Tenho saudades tuas...

Ela não queria voltar já a discutir. Estava demasiado cansada. Demasiado desiludida. Foi atrás dele e entregou-se à doce sedução dos seus corpos. Contudo, quando Paul adormeceu profundamente logo depois, sentiu-se tão só a seu lado como nunca antes na vida.

– Já viram? – perguntou Else com um sorriso encantado. – Os narcisos estão a querer rebentar. Até já se abriu uma tulinpa vermelha.

O sorriso era uma novidade em Else, que antes trazia sempre um olhar triste e contraído. Contudo, desde a terrível cirurgia ao dente, a criada de quarto Else Bogner transformara-se numa pessoa diferente. Em vez de, como antes, aproveitar toda e qualquer oportunidade para resmungar e contar apenas com o pior, agora dizia que era uma grande sorte ter um emprego na Vila dos Tecidos, que devíamos estar gratos e alegrarmo-nos todos os dias com isso.

– Já vai sendo tempo – respondeu Fanny Brunnenmayer algo bruscamente.
– Na próxima semana já é Páscoa.

Julius levou os últimos pratos e bandejas do elevador de serviço para a cozinha; os patrões, no piso de cima, já haviam jantado e mandado dizer ao pessoal que já não precisariam dos seus serviços naquela noite. O que não significava que já estivessem de folga. O ambiente era agora um pouco mais pacato na cozinha, podiam apreciar uma chávena de café com leite e cear juntos.

– Viste um passarinho, Else? – troçou Auguste, que naquele dia viera ajudar a arrumar e a limpar os compartimentos da despensa. Depois do nascimento, em janeiro, precisara de algumas semanas para se recompor. O rapaz resistiu muito tempo a sair do ventre quente da mãe; de início, acharam que estava morto, já que veio ao mundo todo azul. Mas o robusto rapazinho recuperou mais depressa do que a mãe.

– Ora – disse Else com brandura. – Estou só a ver as coisas bonitas que a vida nos dá. Pode acabar tudo num ápice, Auguste. Eu ali deitada na clínica,

com eles a esburacar-me e a martelar-me a boca, litros de sangue a escorr...

– Vá, está calada! – rogou Hanna. – Pelo menos enquanto eu estiver a comer.

– E o pus – prosseguiu Else, imperturbável. – Asseguro-vos, se tivesse esperado mais um só dia que fosse, eu já era. O osso já estava podre, foi o que me disseram depois...

– Chega – rosnou a cozinheira, irritada, agarrando numa fatia de pão. – Não acabaste de dizer que agora só vias as coisas belas da vida?

– Só estou a dizer isto para que saibam que eu não silumei nada.

– Não fizeste o quê? – perguntou Auguste, de testa franzida.

Julius soltou uma gargalhada de troça, o que todos os sentados à mesa consideraram impróprio. Quando ele deu conta, parou de rir e esforçou-se por dar uma explicação.

– Diz-se simulei, querida Else.

Else assentiu com benevolência, o que quase tirou Auguste do sério. Antigamente, na mesma situação, Else teria feito uma cara ofendida e mais tarde teria feito observações maldosas. Mas agora parecia mesmo ter-se tornado numa pessoa diferente. O que haveria de acontecer. Julius levantou-se e trouxe um tabuleiro cheio de utensílios prateados: leiteiras, açucareiros, saleiros, colherinhas e outros que tais. Pousou o tabuleiro na extremidade vaga da mesa, onde já dispusera panos macios e diversos frasquinhos. Era novamente preciso polir as pratas, já que na Páscoa receberiam convidados. Era para Julius ponto de honra que os utensílios de prata brilhassem e cintilassem em cima da mesa sob a luz das velas.

– Também podes ajudar, Else – ordenou ele. – E tu também, Gertie!

Gertie enfiou na boca o resto do terceiro pãozinho com salsicha e assentiu com enfado. Era espantosa a quantidade de comida que conseguia devorar e ainda assim manter-se magrinha como um palito.

– Ainda tenho de lavar a louça – comunicou.

– Eu posso ajudar – disse Hanna. – Faço-o com gosto.

Pôs o prato de lado, bebeu o café e sentou-se na outra ponta da mesa. Julius empurrou na sua direção uma leiteira enegrecida e fez notar que tinha de ter particular atenção ao rebordo, costumavam ficar sempre coisas presas nos ornamentos. Hanna assentiu em sinal de compreensão e lançou-se ao trabalho. Entretanto, Julius já compreendera que não teria sorte nenhuma com a bonita mas voluntariosa Hanna. Era algo que o irritava e lhe feria o orgulho masculino, mas aceitou-o e não voltou a insistir.

– Tu ofereces-te para polir as pratas? – admirou-se Auguste. – Mas agora és costureira, já não és ajudante de cozinha, Hanna.

Hanna encolheu os ombros e esfregou com força e empenho a pequena leiteira. Também Else se lhes juntou entretanto, tirou um pano e pegou na pequeníssima colherinha do sal.

– A Hanna gosta de fazer isto, não é? – perguntou a sorrir.

Hanna aquiesceu. Não ficara propriamente contente quando Marie Melzer lhe anunciara que queria fazer dela costureira. Mas conformara-se, sobretudo porque a senhora Melzer o fazia com boas intenções. Todavia, entretanto, sentia que a costura era simplesmente um suplício. Sentada o dia todo na mesma cadeira, sempre a olhar para o tecido, para a agulha que bailava para cima e para baixo diante dos seus olhos. Estar sempre atenta para que as costuras ficassem direitas, para não fazer uma bainha demasiado pequena, para não perder o ritmo a pedalar e não partir a linha...

– A senhora Melzer paga-te um salário decente? – indagou Auguste.

– Ainda só estou a aprender. Vivo aqui e também aqui posso comer.

Auguste ergueu as sobrancelhas e olhou para a cozinheira, que estava de bloco e lápis na mão para apontar as compras que ainda faltava fazer para a Páscoa. Fanny Brunnenmayer encolheu um nadinha os ombros; sabia, na verdade, quanto ganhava Hanna, mas de certeza que não o ia contar à tagarela da Auguste. Era mais do que recebia uma ajudante de cozinha, mas sem dúvida menos do que uma costureira qualificada.

– Se precisares de ajuda, podes ficar-nos com os miúdos à noite – propôs Auguste. – Sempre te dou uns tostões em troca.

Gertie empilhava agora os pratos sujos, pousou os talheres em cima e levou tudo para a pia de lavar a louça. Encheu um jarro com água quente do reservatório do fogão a carvão, verteu-a para dentro da pia e adicionou um pouco de água fria, para não escaldar as mãos. A lavagem era feita com sabão e soda, as tabuinhas de madeira tinham de ser areadas pelo menos uma vez por semana.

– Eu também não me importava de ganhar uns tostões – disse na direção de Auguste. – Porque é que precisam de quem cuide das crianças à noite?

Auguste contou que o negócio agora estava a correr muito bem, vendiam os rebentos como pãezinhos quentes, porque agora toda a gente fazia as suas hortas. À noite, tinham de desenterrar as plantas na estufa e pô-las em vasos, para no dia seguinte as vender na loja ou no mercado. Entretanto, além dos estufins, Gustav construía também um casinhoto, a que davam o nome de «loja», já que por vezes aí serviam alguns clientes.

– A Liesl tem dez anos e já pode muito bem ajudar. O Maxl também é muito habilidoso. Mas o Hansl só tem dois anos e o Fritz nem sequer quatro meses.

Ninguém questionava que as crianças pudessem colaborar no horto, logo que estivessem em condições de o fazer. Nada de trabalhos pesados, isso era evidente, mas envasar plantas ou arrancar ervas daninhas, isso já fazia parte. Na maior parte das vezes, estavam orgulhosos por poder ajudar, porque queriam trabalhar com o papá.

– Se não fosse a chatice do pé – suspirou Auguste. – O Gustl não é homem para se queixar. Mas à noite, às vezes, ele sofre muito.

A cicatriz do coto estava sempre a inflamar-se e depois doía-lhe a andar e, por vezes, quando estava mesmo mal, ele desanimava-se.

– Não há cá mais filhos – dissera-lhe Gustl recentemente. – Já temos bocas suficientes para alimentar. E eu não sei quanto tempo ainda aguento.

Ele fora falar com a enfermeira Hedwig. Já se conheciam do tempo em que fora instalado o hospital militar na Vila dos Tecidos. Uma consulta no médico custava demasiado dinheiro. Mas a enfermeira Hedwig, que agora trabalhava no hospital municipal, dissera que não havia grande coisa a fazer. Só que não podia passar tanto tempo a andar de um lado para o outro, caso contrário podia piorar ainda mais. Ela dera-lhe um unguento, mas não era grande ajuda.

– É bem feito – considerou Fanny Brunnenmayer, impiedosamente. – O Gustav podia ter ficado aqui na Vila dos Tecidos. O senhor Melzer levou a Else ao médico e pagou o hospital; foi assim, não foi, Else?

Else aquiesceu fervorosamente e garantiu que ficará eternamente grata ao patrão.

– Até a carregou pelas escadas abaixo até ao automóvel – gritou Gertie lá da pia. Else corou de embaraço.

– Ora essa – disse Auguste, irritada –, não há de ser nada. Quando estivermos a ganhar o suficiente, podemos contratar pessoas para fazerem o trabalho, e então o Gustl pode descansar. É como a Maria Jordan, essa é que sabe fazê-las bem. Uma espertalhona...

– E que faz ela? – quis Hanna saber.

– Ora – disse Auguste, rindo-se entre dentes com malícia –, a nossa boa Maria Jordan agora vende produtos de mercearia fina... Ou melhor: manda vender.

Julius levantou o açucareiro perfeitamente polido contra a luz e, satisfeito, pousou-o no tabuleiro.

– Que queres dizer com isso, Auguste? – perguntou ele, cheirando o açucareiro antes de pegar num bule de chá.

– Tem uma empregada, a senhora Jordan?

– Tem mas é um rapaz...

Hanna arregalou os olhos. Fanny Brunnenmayer, que escrevia pressurosamente a sua lista de compras, ergueu a cabeça, Julius voltou a pousar na mesa o frasquinho com o polidor de pratas. Só Else é que não ouviu, apoiara a cabeça na mão e adormecera naquela posição incómoda.

– Um... rapaz? – perguntou a cozinheira, incrédula. – Como assim, Auguste?

– É isso mesmo que estou a dizer – retorquiu Auguste com um sorriso malandro.

– Quer dizer que contratou um vendedor – sondou Julius. – Enfim, porque não? A senhora Jordan parece-me ser uma pessoa inteligente e com olho para os negócios. Se calhar o jovem vendedor é uma pessoa qualificada.

Calou-se, já que Auguste explodiu numa gargalhada maldosa.

– Deve ser qualificado, deve, o vendedor – disse ela, fechando os olhos com força. – E aquilo que ele não souber de certeza que ela ensina... Ele tem mesmo ar de pessoa inteligente.

Julius empinou o nariz. Nem mesmo ele encaixava a ideia de que Maria Jordan pudesse manter uma relação com o seu funcionário.

– E então, tem ar de quê? – perguntou Hanna, curiosa. – Ele é... mais novo do que ela?

– Mais novo? – Auguste soltou uma risadinha. – Não tem sequer metade da idade dela. Um rapazinho magrinho de orelhas de abano e uns enormes olhos azuis. Acabado de sair da escola, o pobrezinho. E logo havia de cair nas garras daquela bruxa.

Gertie pousou os talheres lavados em cima da mesa, à frente de Else, e levou uma pilha de pratos para o armário da cozinha. A cabeça de Else escorregou da mão que a apoiava, quase foi dar com a cara nos garfos, mas recuperou o equilíbrio a tempo e começou a arrumar os talheres na gaveta da mesa.

– Eu já o vi – contou Gertie, abrindo o armário da cozinha para pôr os pratos lá dentro.

– Tu?

– Mas é claro. Então eu ontem não fui lá comprar café e geleia de marmelo?

– Ah, sim?

Gertie sorriu, contente, e fingiu não ter reparado de todo no tom mordaz de Auguste. Não suportava Auguste, era uma serpente falsa e, ainda por cima, adorava a má-língua. O que não quer dizer que Gertie gostasse de Maria Jordan, mas, por sorte, esta já há muito se despedira da sua função na Vila dos Tecidos.

– Chama-se Christian – contou. – E é mesmo verdade que ele sabe daquilo. É um rapaz simpático e trabalhador. Não acho que esteja metido com a Maria Jordan. Mas há uma outra coisa esquisita naquela loja...

– Esquisita? – perguntou Julius, franzindo a testa. – Bom, é sempre difícil no começo. É natural que, aqui e ali, haja falhas.

– Não, não – defendeu-se Gertie. – A loja é bonita, está bem pintada e bem organizada, tudo tem o seu lugar, tudo como deve ser. Só que... há lá uma porta.

Gertie puxou uma cadeira e sentou-se à mesa com os outros. Todos a olhavam, expectantes.

– Uma porta? E porque não haveria de ter uma porta? – perguntou Fanny Brunnenmayer, sem compreender.

– Bom... – começou Gertie, insegura. – Isso é que é esquisito. Porque vi lá entrar uma senhora. Uma senhora idosa. Era de certeza muito rica. Isto porque lá fora tinha um motorista à espera dentro do carro.

Entreolharam-se com uma expressão incrédula, apenas Auguste fingia há muito ter tido conhecimento de tal coisa.

– Uma sala nas traseiras, é isso?

Gertie assentiu. Ela perguntara a Christian o que havia do lado de lá da porta e aí ele ficara todo vermelho e começara a gaguejar.

– Disse que havia lá reuniões.

– Olhem-me só – murmurou Fanny Brunnenmayer.

– Já era de prever – disse Auguste.

Também Else fez uma expressão conhecedora, mas nada disse. Julius e Hanna, pelo contrário, estavam ainda às escuras.

– Está a deitar cartas, a espertalhona – ouviu-se Auguste dizer. – Eu já estava mesmo a ver. A mercearia fina é apenas um disfarce; na realidade, ela está a ganhar dinheiro à grande como vidente na sala das traseiras. Oh, que diabrete. Eu sempre soube que ela era finória.

– Ela bate-nos a todos! – exclamou Fanny Brunnenmayer, rindo-se com gosto. – Um dia vai ser tão rica como os Fuggers e metade da cidade vai ser dela.

– Era o que mais faltava – considerou Auguste, pondo-se de pé. – Tenho de voltar para casa. O Gustl já deve estar à espera.

– Queres levar algumas roscas doces para os pequenos? – perguntou a cozinheira. – Ainda restaram algumas de ontem.

– Obrigada, mas não. Eu também fiz biscoitos.

– Então não leves – disse Fanny Brunnenmayer, ofendida.

Quando Julius trancou a porta depois de Auguste sair, também Else decidiu subir ao quarto. Hanna também bocejou, a noite era curta e amanhã ia passar o dia todo sentada em frente da máquina de costura.

– Queria ainda conversar convosco sobre uma coisa – disse Julius. – É uma coisa que a Auguste não tem nada que saber, por isso esperei até ela sair.

– E eu tenho de saber? – perguntou Hanna, que teria gostado de se deitar.

– Só vagamente...

– Fica lá, Hanna – determinou a cozinheira. – E tu, Julius, desembucha, não te ponhas a dar voltas em vez de ir diretamente ao assunto. Estamos todos cansados.

Com um suspiro, Hanna voltou a sentar-se e apoiou a cabeça na mão.

– Tem que ver com coisas que andam a acontecer nesta casa que não me agradam – começou Julius. – Tem que ver com a precetora.

Com esta última frase, conseguiu a atenção das três mulheres. Hanna até deixou de se sentir cansada.

– Ela irrita-nos a todos.

– Ontem ordenou-me que lhe fosse buscar papel de carta ao quarto da senhora – revelou Gertie.

– E a mim disse que eu era uma rapariga estúpida e convencida – concordou Hanna.

Julius escutou as queixas e assentiu com a cabeça, como quem não esperara outra coisa.

– Ela arroga-se de poderes que não tem – disse ele, olhando em volta. – Não sou de modo nenhum uma pessoa sensível, mas, como lacaio da casa, não tenho obrigação nenhuma de executar instruções da precetora. Além do mais, considero impróprio ela tratar-me por tu.

– Mas o que achavam vocês? – disse a cozinheira. – Afinal de contas, é amiga de uma filha da casa e acha-se mais importante por isso. Comigo ela não se safa. Se um dia ela tiver a ideia de me dar uma ordem, até anda de lado.

Ninguém tinha dúvidas disso. A cozinheira Fanny Brunnenmayer ocupava um lugar sólido na Vila dos Tecidos, ninguém se metia com ela assim tão

facilmente.

– Infelizmente, a coisa é um bocadinho mais complicada do que isso – recomeçou Julius. – Nos últimos tempos, a senhora Alicia está muitas vezes doente, pelo que delegou alguns poderes na precetora. Por isso, ontem, aquela pessoa veio pedir-me que a levasse à cidade para ir às compras. E anteontem veio controlar-me quando eu estava a pôr a mesa para os convidados. Uma governanta tem todo o direito de fazer isso, mas não uma precetora!

– Tem toda a razão – disse Hanna. – É pena que a menina Schmalzler já cá não esteja. Essa teria posto a precetora na linha.

– Teria mesmo – sorriu a cozinheira. – Sabe Deus, a Eleonore Schmalzler teria dado cabo dela.

Gertie já não conhecera a lendária governanta, pelo que pensava menos nos bons velhos tempos e mais nas inseguranças do futuro.

– É mesmo assim, Julius – disse. – Esta pessoa conquistou a senhora Alicia Melzer com as suas falinhas mansas e é por isso que se consegue aproveitar tanto. Já repararam como ela tece intrigas contra a jovem senhora Melzer?

– Contra a Marie Melzer? – exclamou Hanna, abrindo os olhos, alarmada.

– Ah, pois é! – disse Gertie. – Há pouco tempo, com aquela discussão por causa dos quadros em França...

– Sempre esses quadros – gemeu Hanna. – A quantidade de vezes que já discutiram por causa disso! Como se uma tela com um pedaço de tinta em cima valesse isso tudo.

– Seja como for – prosseguiu Gertie, olhando para Julius –, depois da discussão, a precetora foi ter com a senhora Alicia ao quarto e ficou lá muito tempo à conversa com ela.

Hesitou, pois não gostava de admitir que ficara à escuta do outro lado da porta. Mas quando Julius lhe fez sinal para que falasse, continuou.

– Disseram montes de coisas feias sobre a jovem senhora Melzer: que não tinha educação nenhuma, que a mãe era uma... uma... pessoa desregrada, que o pobre Paul teria feito melhor em escolher outra mulher.

– Quem disse isso? A patroa? – quis saber Fanny Brunnenmayer.

– O que aconteceu foi – Gertie teve de refletir um momento – que a senhora Von Dobern a ia levando a dizer essas coisas. É que ela sabe fazer isso muito bem. Começa por dizer que está completamente de acordo com o que a senhora diz. E depois vai um bocadinho mais longe. Ao ver que a senhora a acompanha, atira mais uma acha para a fogueira. Até a ter exatamente onde quer.

Julius considerou que a descrição de Gertie era muito acertada.

– Se as coisas continuarem assim, vai acabar por ter a senhora Alicia completamente na mão – observou ele. – Eu acho que temos de pôr travão a isto. Ela foi contratada como precetora e não tem nada de se dar ares de governanta. Os patrões devem ficar a saber que nós não aceitamos esta pessoa.

– E a quem pretende apresentar a queixa? – perguntou a cozinheira, cética.
– À senhora Alicia? Ou à Marie Melzer?

– Eu vou falar com o patrão.

Hanna suspirou fundo e disse que lhe desejava então muito boa sorte.

– O pobre patrão tem um monte de preocupações – disse baixinho. – Tem dores nos ombros. E depois discutiu com o senhor Von Klippstein. E isso não é o pior...

Todos sabiam ao que Hanna se referia. Era já a terceira noite que, no quarto da jovem senhora Melzer, alguém dormia no sofá. O casamento devia estar realmente em maus lençóis.

Maio de 1924

Minha querida Lisa, a apreciar a alegre vida no campo tão longe de nós, na linda Pomerânia, a minha irmãzinha de bom coração que me faz tanta falta...

Com um suspiro irritado, Elisabeth pousou no colo a carta acabada de abrir. Mais ninguém além da sua irmã Kitty tinha capacidade para engendrar uma saudação inicial tão exagerada. Aquilo trazia água no bico – afinal, conhecia Kitty suficientemente bem.

Como estás? Quase nunca escreves e, quando o fazes, não mais do que à mamã. O Paul também anda preocupado com isso e, evidentemente, a minha querida Marie. Mas que chatice a Pomerânia ser tão longe de Augsburg, caso contrário já aí teria dado mil vezes um salto para lanchar ou para uma conversinha de pequeno-almoço...

Seria só o que me faltava, pensou Lisa. Como se já não tivesse preocupações que chegassem. Viva a distância geográfica entre Augsburg e a Quinta Maydorn na Pomerânia!

Aqui, em Augsburg, aconteceram entretanto algumas coisas importantes. Imagina só: o meu querido Gérard deu com nada menos do que trinta quadros da mãe da Marie. Sabes bem que a Luise Hofgartner era uma pintora conhecida. Viveu em Paris e aí um seu admirador entusiasmado, um

tal de Samuel Cohn-d'Oré, colecionou as obras dela. Após a sua morte, estes quadros incríveis foram postos à venda e, como podes imaginar, não hesitei em comprá-los todos. Uma coleção desta categoria só muito raramente aparece no mercado e tem algum valor, acho que este investimento vai compensar.

Dado que os meus recursos são limitados, pedi ao querido Gérard que me adiantasse o dinheiro, o que ele fez. Agora estou a oferecer à minha família e aos meus melhores amigos a possibilidade de financiarem uma parte da coleção. Vai seguramente valer a pena, já que os quadros se vão sem dúvida nenhuma valorizar. Temos previstas exposições em Augsburg, Munique e Paris, sendo que as receitas, evidentemente, serão revertidas para os investidores.

Podes participar a partir de uma quantia de 500 rentenmarks. A partir deste valor, não há evidentemente limites definidos. Sê uma querida e, por favor, mostra esta carta à tia Elvira, também ela pertence ao círculo de eleitos a quem estou a apresentar esta proposta – sob absoluto sigilo.

Lisa leu esta parte duas vezes, mas ainda assim não estava certa de ter percebido. Só uma coisa era certa: Kitty precisava de dinheiro. Quinhentos *rentenmarks* era uma bela soma. E para quê? Ao que parecia, tinha comprado quadros de uma tal de Luise Hofgartner, a falecida mãe de Marie.

Memórias desagradáveis assomaram à mente de Lisa. Não constava que o papá tenha visitado em tempos esta mulher no centro de Augsburg? Pior ainda: o pai fora acusado de ser responsável pela morte precoce de Luise Hofgartner. De querer dela os planos de construção do falecido Jakob Burkard. Uma vez que ela se recusara a entregar-lhos, ele tratara de garantir

que ela não pudesse voltar a ganhar dinheiro. Ela morreria de uma doença qualquer porque já não conseguia aquecer o quarto no inverno... O pobre papá deve ter sentido profundamente esta culpa e terá sido presumivelmente essa a causa do seu ataque cardíaco. Não, Lisa não tinha vontade nenhuma de comprar as obras daquela mulher. Muito menos por 500 *rentenmarks*. Mas que achava Kitty? Que os gansos da Pomerânia punham ovos de ouro?

Leu por alto o resto da carta, que continha apenas algumas informações pouco importantes. A mamã tinha muitas vezes enxaquecas, o Paul tinha muito trabalho, a fábrica ia de vento em popa, Marie já tivera de elaborar uma lista de espera de clientes. Henny estava a receber aulas de piano com uma tal de senhora Ginsberg... Que interesse tinha aquilo? Lisa dobrou a folha e enfiou-a de novo no envelope. O sol de maio brilhava através da janela, gerando faíscas luminosas na chaleira de cobre polida que estava em cima da prateleira da lareira e desenhava pontinhos deslizantes na alcatifa escura. Lá fora, no pátio, ouvia-se agora o ladrar dos cães e Leschik a tirar *Genghis Khan*, um cavalo capado castanho, para fora do estábulo. Já estava selado, tudo indicava que Klaus ia sair a cavalo para supervisionar o centeio. Muito recentemente, javalis selvagens haviam causado bastantes danos nos campos, naquela primavera aqueles rudes agitadores haviam-se multiplicado em quantidade pouco usual. Lisa ficou a ver o marido a subir para cima da sela e a receber as rédeas das mãos de Leschik. Klaus era um cavaleiro exímio, mesmo sem a elegante farda de tenente que antes usava, quando montava a cavalo exibia uma figura soberba. As terríveis feridas do rosto estavam também claramente em vias de sarar, é certo que não recuperaria a aparência agradável de antes, mas as pessoas podiam entretanto olhar para ele sem se assustarem. Conduziu *Genghis Khan* a passo para fora do pátio, mas mais tarde era provável que cavalgasse alegremente a galope, quando já tivesse

passado o portão da quinta. Leschik estava ainda parado no mesmo sítio, de mãos apoiadas nas ancas, pestanejando contra o sol.

Vivia-se na Quinta Maydorn um frágil ambiente de tréguas. Depois do seu deslize na noite de Natal, Klaus pedira perdão, estava efetivamente profundamente arrependido, alegara que fora uma relação puramente física e ainda lhe jurara por tudo o que era sagrado que não mantinha naquele momento qualquer tipo de relação amorosa. Para provar o seu arrependimento, a criada Pauline fora imediatamente despedida e substituída por outra. A tia Elvira tratara de garantir que a sua sucessora não teria basicamente qualquer tipo de atrativo físico. Aos olhos da tia, fizera-se assim justiça suficiente e fora reposta a paz matrimonial.

Elisabeth insinuara em várias ocasiões a Sebastian como se sentia infeliz e quanto precisava do seu consolo. É verdade que ele acedera aos seus desejos por via do consolo verbal, declarara-lhe a sua total solidariedade e que não conseguia compreender como alguém podia comportar-se de forma tão infame. Depois de tudo o que ela fizera pelo marido, aquela traição era o cúmulo da ingratidão.

– Porque permite que lhe faça isto, Elisabeth?

– E que devo eu fazer, na sua opinião?

Ele suspirou e declarou que não lhe cabia a ele dar-lhe conselhos. As suas tentativas de ser fisicamente reconfortada por Sebastian fracassaram uma após outra. Apesar de ter a absoluta certeza de que Sebastian Winkler a desejava loucamente, a verdade é que ele se conseguia controlar. Nem sequer a sua aparição tardia vestida apenas com o *négligé* conseguira levar o casto José² a vias de facto.

Qual era a ideia dele? Que ela se divorciasse? Que se tornasse sua mulher? E viveriam então de quê? Com o seu salário miserável, se é que sequer conseguia um emprego? Oh, ela tivera em tempos grandes ideias, na altura em que o pai ainda era vivo. Queria fazer formação como professora, ensinar as crianças da aldeia e levar uma vida modesta na pobreza. Mas entretanto esses sonhos já haviam ficado para trás. Ali, na quinta, ela era a patroa, e gostava disso. E Klaus von Hagemann era um excelente administrador da propriedade. Faltava-lhe apenas... Sebastian. O seu amor. Não apenas em palavras e olhares. Queria senti-lo. Em todo o seu corpo. E tinha a certeza de que ele também o queria.

Pensativamente, olhou para a carta e pensou que, afinal, havia toda uma série de inconsistências. Por que razão, por exemplo, Marie não comprara ela própria os quadros da mãe? De certeza que ganhava bem no ateliê. Mas sem a autorização do marido não podia abalançar-se em grandes despesas. Não podia por isso dispor como bem entendia do dinheiro que ela própria ganhava – tinha de pedir ao marido. Era essa a questão. Ter-se-ia Paul recusado a comprar os quadros? Era muito possível. Nas suas cartas, a mamã fizera apenas algumas alusões, mas, ao que parecia, havia uma certa contenda entre o irmão Paul e a sua esposa Marie. Sobretudo, desde que Marie abrisse o tal ateliê.

Elisabeth teve de admitir que não estava particularmente triste com isso. Pelo contrário. Agradava-lhe. Porque haveria ela de ser a única a sofrer com um amor infeliz? Não, nem Paul e Marie, cuja felicidade dera até então por totalmente garantida, escaparam às garras do destino. Afinal, ainda havia justiça no mundo.

Ficou mais bem-disposta. Se calhar devia simplesmente ser mais persistente, mais cedo ou mais tarde haveria de alcançar o seu objetivo. Ainda a tarde estava a começar e, lá fora, o bonito tempo de maio era de sonho. As árvores de fruto floresciam em tons de branco e rosa, os bosques vestiam-se de um verde acabado de despontar e as sementeiras já se apresentavam crescidas. Já para não falar dos prados, as ervas chegavam já ao nível da anca, o mais tardar no início de junho far-se-iam os primeiros feno.

A tia Elvira fora às compras com Riccarda von Hagemann em Gościno, com a intenção de aí visitarem Eleonore Schmalzler, que vivia com a família do irmão, pelo que só regressariam perto do fim do dia. Christian von Hagemann instalara-se no jardim, equipado com o jornal, onde adormecera serenamente na espreguiçadeira. Porque não subir rapidamente à biblioteca e convencer Sebastian a fazer um pequeno passeio? Ao longo do ribeiro, até à orla da floresta, depois pelo trilho que atravessava o prado, passando pelas velhas cabanas – podiam aí repousar um pouco, sentar-se no banco a apanhar sol – e, por fim, vir pela estrada fora de regresso à quinta. As ervas estavam realmente muito altas, só para o caso de terem a ideia de se sentarem algures e, quem sabe, até se deitarem no chão – ninguém daria conta de nada.

– Um passeio? – perguntou ele, levantando os olhos do livro.

Estaria enganada ou ele olhava-a de modo acusador? Ficou insegura.

– Está um tempo maravilhoso... Não devia passar o tempo todo aqui em cima no meio de todos estes livros, Sebastian.

Estava efetivamente pálido. Teria perdido peso? Ou só o estaria a imaginar por ele estar a olhar para ela de forma tão estranha?

– Tem razão, Elisabeth, eu não devia estar permanentemente rodeado destes livros.

Falou ainda mais devagar do que o costume. Ela ficou com a sensação de que teria agora de o abordar ainda mais energicamente. Ele parecia estar novamente perdido numa daquelas disposições melancólicas que o acometiam amiúde nos últimos tempos.

– Calce sapatos robustos, o caminho pela orla da floresta ainda está um pouco húmido. Fico à sua espera junto ao portão da quinta. – Dirigiu-lhe um sorriso encorajador e já estava junto à porta quando ele a chamou pelo nome.

– Elisabeth! Espere... Por favor.

Com um pressentimento desagradável, ela virou-se para ele. Pusera-se de pé e alisava o casaco de trazer por casa, parecia prestes a proferir um discurso importante.

– Que... que se passa?

– Decidi despedir-me das minhas funções.

Ela não conseguia acreditar no que estava a ouvir. Deixou-se ficar ali parada, fitando-o diretamente no rosto. À espera de uma explicação. Todavia, ele nada disse.

– Isso é... uma grande surpresa.

Não conseguiu dizer mais nada. Só muito devagarinho começava a perceber que ele se iria embora. Ela perdera-o. Sebastian Winkler não era homem com fibra suficiente para manter aquele jogo durante muito tempo. Ele queria-a inteira ou não a queria de todo.

– Não foi uma decisão tomada de ânimo leve – disse ele. – Peço-lhe que me dê uma semana. Ainda tenho de terminar um trabalho e, além do mais, estou à espera de notícias de Nuremberga, onde solicitei abrigo em casa de familiares.

Agora, depois de ter anunciado a sua decisão, parecia sentir-se substancialmente melhor, até ficou bastante falador.

– Já não me conseguia olhar no espelho, Elisabeth. O que lá via já não era eu. Era um subordinado, um mentiroso, um cobarde. Uma pessoa que perdera todo o respeito por si mesma. Como é que, neste estado, poderia alguma vez esperar ser respeitado por si? Oh, não, esta decisão não me salva apenas a vida, também salva o meu amor.

Mas que está ele para ali a dizer? Elisabeth estava encostada à soleira da porta e parecia-lhe ter diante dos olhos um negro precipício. Vazio. Solidão. Só então percebeu claramente que a presença de Sebastian, ali na Quinta Maydorn, era o seu elixir da vida. Aquele formigueiro de excitação quando subia ao seu encontro na biblioteca. A ideia, durante a noite, de que ele também estaria acordado a desejá-la. A pensar nela. As muitas conversas, os olhares, os contactos cautelosos... Uma vez, uma só vez, ele tomara-a nos braços para a beijar. Fora no Natal. E agora ele ia partir. Já na semana seguinte, ela estaria ali, naquela sala, a olhar para uma cadeira vazia. Para a mesa que ninguém utilizava, em cima da qual se acumularia o pó.

Recompôs-se. Se a ideia dele era vê-la a suplicar que não se fosse embora, estava muito enganado. Também ela tinha a sua dignidade.

– Muito bem – disse, pigarreando em seguida. – Se está determinado a ir, com certeza não serei eu a impedi-lo. Ainda que eu... – Hesitou, porque agora ele a olhava penetrantemente. Estaria a contar com uma declaração de amor? Precisamente agora que ele pretendia escapulir-se dali para fora? A sua partida não era na verdade uma chantagem? – Ainda que eu lamente muito perdê-lo.

Permaneceram um instante calados. Pairavam no ar coisas por dizer, ambos o sentiam, ambos ansiavam por palavras redentoras, mas nada aconteceu.

– Também o lamento – disse ele baixinho. – Mas o meu trabalho aqui já está há muito terminado. E é contra a minha natureza receber dinheiro que não fiz por merecer.

Ela assentiu. Naturalmente, quanto a isso ele tinha razão. Na verdade, não havia ali nada para ele fazer.

– As crianças da escola sentirão a sua falta.

– Sim, tenho pena pelas crianças...

Ah, pensou ela, amargurada. Aflige-se com os miúdos ranhosos da escola a quem lhe foi permitido dar aulas de apoio. Já despedir-se de mim parece importar-lhe menos. É sempre bom saber. Nesse caso, também não preciso de chorar a sua perda... Era pura autodefesa, ela sabia disso. É claro que choraria a sua perda. Choraria por ele como uma louca.

– Nesse caso... não o incomodo mais. Acabou de dizer que queria terminar um trabalho.

Ele indicou com um gesto que isso não tinha agora importância nenhuma, mas ela não se deixou levar.

– Hoje à noite faço o cálculo do seu ordenado. – Fechou a porta atrás de si e encostou-se a ela um instante. Agora tinha de ser forte. Não voltar atrás a correr e dizer-lhe que não pode viver sem ele. Descer a escada, devagar e a passo firme, e sentar-se um bocadinho na sala de estar, para superar o susto inicial.

Enquanto descia os degraus, sabia que ele estava à escuta dos seus passos. Quando alcançou o corredor lá em baixo, as pernas tremiam-lhe. Uma

chávena de café, pensou. Preciso, sem falta, de algo para me fortalecer.

Abriu a porta da cozinha e constatou que não havia sinal da cozinheira nem da criada. Evidentemente: mal Riccarda von Hagemann saíra de casa, era dia santo na loja. Provavelmente, as raparigas encontravam-se com os trabalhadores polacos ali no celeiro. Não conseguiam sequer esperar até haver fardos de feno, aquelas mulheres.

No entanto, estava ainda no fogão uma cafeteira com um resto de café morno. Verteu um pouco para uma chávena, complementou com leite e encontrou, por fim, o açucareiro. Blhec, tanta borra de café, quase se podia mastigar a bebida. Ainda assim, teve um efeito revigorante; sentou-se com um breve suspiro à mesa da cozinha e refletiu que, afinal, ainda lhe restava a quinta. E ainda o marido, que, desde o Natal, se tornara num companheiro mais atencioso e agradável. Desde o seu deslize, ela rejeitara-o – mas ele não deixava de se esforçar muito. Sim, tinha de reconhecer que nem durante o noivado Klaus fora tão amável. Seria um sinal do destino? Deveria manter-se a seu lado como sua fiel esposa e esquecer que em tempos acreditara num grande amor?

Olhou pensativamente pela janela. Dali via-se o jardim de ervas, o grande orgulho de Riccarda. O cebolinho e a borragem já estavam bem viçosos, a salsa ainda estava um pouco mirrada, mas, em contrapartida, os arbustos de groselhas junto à vedação floresciam com grande pujança.

– Eu sei lá – disse uma voz feminina não muito longe. – Disse-me o meu irmão, que está na quinta aqui ao lado...

– O teu irmão?

Era Leschik. A mulher devia ser a cozinheira. Deviam estar os dois junto à vedação do jardim, sem fazer ideia de que estava alguém na cozinha. Elisabeth

não tinha particular curiosidade em ouvir os mexericos da aldeia, mas pelo menos distraíam-na das suas preocupações.

– O mais velho, o Martin. Casou-se com uma rapariga de Malzow há três anos... Foi ele quem me contou. Vai lá dia sim, dia não. Leva presentes, para os pais também. Levou-lhe perfume. E sapatos novos. Uma blusa de seda.

– De certeza que está a mentir...

– O Martin não mente. E a Else, a mulher dele, diz que é mesmo assim. Ela viu a blusa a esvoaçar na corda da roupa.

– O melhor é calares a boca.

– Achas que sou estúpida? Mas, mais dia, menos dia, isso vai ficar a saber-se. O mais tardar quando a criança nascer.

Elisabeth sentiu a pulsação a acelerar. Já não escutara antes uma conversa semelhante? Não ali, na Pomerânia, mas sim em Augsburg, na Vila dos Tecidos.

Ouviu um palavrão obsceno. Era Leschik.

– Uma criança, aí é? Mas isso vai de certeza ficar a saber-se...

– Porque ficas tão incomodado? A mulher não lhe dá nenhum, então é evidente que ele vai garantir a descendência noutro lado. Não seria a primeira criança dessas a tornar-se mais tarde proprietário de terras.

– Mais um... a mijar fora do penico. – Riram-se os dois e Leschik acrescentou ainda que a Pauline era uma mulher robusta e que dava uma melhor mãe de um proprietário do que a senhora fina de Augsburg. Essa, de qualquer modo, passa o tempo todo lá em cima com o professor Winkler e de agricultura percebe tanto quanto uma vaca sabe fazer contas.

– Realmente, esta quinta tem uma gestão muito estranha... – suspirou a cozinheira. – Mas não tenho nada a ver com isso. Faço o meu trabalho e nada mais!

Algo caiu no chão ladrilhado, mesmo ao lado de Elisabeth, um recipiente de barro desfez-se em pedaços, café castanho-claro salpicou-lhe os sapatos e a saia. Só vagamente deu conta de que a chávena lhe caíra da mão. Sentiu subitamente que ia perder o equilíbrio, sentia a cabeça vazia, sentia tudo frio, gelado, como se o inverno estivesse de volta. Sentia o corpo leve. Voava.

Viu depois a porta da cozinha, que parecia ter-se aberto sozinha, o corredor, a porta da rua. Três passos na direção do pátio – os olhares espantados de duas pessoas de pé junto à vedação do jardim. Pardais protestavam no telhado, um tentilhão batia as asas, lá adiante, na entrada do celeiro, um gato de listras cinzentas apanhava banhos de sol e sacudia a orelha direita.

– Minha senhora, não se está a sentir bem?

Na verdade, continuava com a sensação de estar a flutuar acima do chão. Também sentia a cabeça estranhamente pesada, o que no entanto não dava à cozinheira nenhum direito de fazer perguntas parvas.

– Que estás aí parada a fazer? Não tens nada para fazer na cozinha?

A mulher fez uma vénia desajeitada e murmurou alguma coisa que soava a algo como «apanhar ar fresco».

– Leschik! Sela-me a égua!

– Mas a *Soljanka* foi com as senhoras...

– Então uma outra qualquer. Anda, anda!

Ele não fez mais perguntas e correu a buscar uma égua ao prado atrás do estábulo. Elisabeth não saía muitas vezes a cavalo e, quando o fazia, preferia animais mansos e serenos.

Elisabeth apoiou-se na vedação do jardim e esperou. Ocorrera-lhe um pensamento que tomou conta dela.

Quero ver com os meus próprios olhos. E, se for verdade, arranco os olhos à fulana.

A blusa de seda na corda da roupa. A esvoaçar sobre a esterqueira e todo o género de trastes imundos que havia na quinta. Malzow, dissera ela. Não ficava longe. De carroça, nem meia hora. A cavalo chegava-se lá em dez minutos e Klaus era um bom cavaleiro... Deu por si a soltar uma risadinha e controlou-se. Estaria prestes a perder o juízo?

– Está um bocadinho agitada – disse Leschik. – É por causa da primavera. Mas, de resto, a *Cora* porta-se muito bem.

Ele fez menção de a ajudar a montar, mas ela abanou a cabeça e rechaçou-o. *Cora*, castanho-avermelhada, não era tão alta como as outras, mas ainda assim Elisabeth teve dificuldade em içar-se para cima da sela. Mas naquele dia isso não lhe importava nada, não queria sequer saber do olhar cético do moço de cavalaria. Que se risse dela – que lhe importava?

A égua estava habituada a um manejo enérgico, tinha de puxar vigorosamente pelas rédeas para impedir que se pusesse a morder os ramos frescos do caminho a cada passo. Elisabeth incitou o cavalo até alcançar um trote ligeiro e cavalgou pela estrada para Gervin. Só gradualmente, quando já não precisava de controlar cada passo do animal, os seus pensamentos começaram a fazer-se ouvir de novo.

Quer dizer que ele a continuava a trair. Sorria para ela, perguntava como se sentia, se podia fazer alguma coisa por ela; e depois escapava-se dali a cavalo para se comprazer na cama com uma rapariga do campo. Como dizia mesmo a tia Elvira? Saúde mental e exercício do corpo. Voltou a rir-se. Exercício do corpo. Que estranho as outras mulheres ficarem todas grávidas. Só ela é que não.

Não valia de nada como esposa. Porque não conseguia ter filhos. Também não valia de nada como amante. Porque não conseguia seduzir nenhum homem. Ia perder os dois. Klaus e também Sebastian. Ah, esse já ela perdera há muito. Se calhar nunca o teve sequer. Era gorda e não tinha graça nenhuma, a feia irmã mais velha da encantadora Kitty. Porque se casara Klaus com ela? Só porque não conseguira ficar com Kitty. Porque viera Sebastian atrás dela para a Quinta Maydorn? Só porque ela o atraíra astutamente. Oh, ainda há poucas horas sentira satisfação por haver problemas no casamento de Paul e Marie. Fora maldade sua, o destino castigara-a imediatamente por isso.

A égua *Cora* já abrandara há muito o passo e, estando a sua cavaleira perdida em pensamentos, pôs-se a morder os verdes arbustos de ervas na orla do caminho. Elisabeth obrigou-a a regressar ao meio do caminho e pensou então que seria seguramente mais sensato usar um atalho por dentro do bosque. Desse modo, poderia chegar à aldeia, não pela estrada, mas sim pelos prados, sendo mais fácil apanhar Klaus desprevenido. Não seria difícil encontrar a quinta, era apenas preciso procurar o cavalo dele.

A égua estava entretanto mais do que disposta a seguir pelo caminho, pôs-se lentamente a mexer por sua própria iniciativa e só recuperou o passo quando já haviam chegado à orla da floresta. Contudo, aí chegada, recusou-se

teimosamente a seguir em frente, tinha evidentemente medo do trilho estreito da floresta.

– Vamos lá... Não te vai acontecer nada. Não sejas tão obstinada.

Por duas vezes, tentou obrigar o animal a entrar no trilho, e por duas vezes a égua se intimidou e saltou para o lado, pelo que Elisabeth teve até dificuldade em se segurar na sela. Sucedeu então algo que só mais tarde viria a conseguir explicar. Uma seta castanho-avermelhada veio disparada a atravessar o caminho, a égua empinou-se, verdadeiramente em pânico, e a sua cavaleira perdeu o equilíbrio. Elisabeth viu a raiz de um carvalho a vir na sua direção a uma velocidade estonteante, mas não sentiu dor, apenas um abalo e, em seguida, uma escuridão surda. Quando voltou a ver com clareza, estava estendida no chão, acima de si estavam os ramos verdejantes do carvalho através dos quais luzia o céu azul. Um esquilo, que remexia a seu lado as folhagens primaveris, precipitou-se a correr pelo tronco acima e desapareceu por entre as ramagens.

O meu cavalo!, veio-lhe então à consciência.

Levantou-se muito depressa e olhou em volta: não se via a égua castanho-avermelhada em lado nenhum. Nesse momento, os ramos, o céu e os troncos das árvores começaram a rodopiar a uma velocidade louca à sua volta e ela teve de se deitar rapidamente para não desmaiar. Não aconteceu nada. Foi só o susto. Isto já passa, e depois posso levantar-me e procurar a *Cora*. Está provavelmente algures no prado a encher a barriga de ervas...

Com efeito, a crise passou. Desta vez, sentou-se devagarinho e com cuidado, sacudiu da manga um escaravelho preto atrevido e fez menção de se levantar, mas uma dor lancinante no tornozelo esquerdo obrigou-a a sentar-se novamente no chão com um gemido. Só então reparou que tinha o tornozelo

inchado, seria provavelmente uma entorse. Ou podia mesmo ter partido. Céus, que fazer agora?

– *Cora!... Cora!...*

Onde se enfiara o estúpido do animal? Porque não ficara parado ao lado dela? Ah, a boa e velha *Soljanka*, essa, não teria de certeza arredado pé dali. Tentou novamente pôr-se de pé, apoiando-se num ramo do carvalho, mas logo que pousou o pé esquerdo doeu-lhe terrivelmente. E o tornozelo estava a inchar muito! Quase se conseguia ver a inchar a olho nu. Era capaz de nunca mais conseguir tirar o sapato. Apesar das dores, saltitou alguns passos em direção ao prado, em busca do cavalo. Em vão.

De repente, teve consciência da grave situação em que se encontrava. A probabilidade de alguém passar por ali era ínfima. Se tivesse azar, teria de ficar ali sentada até anoitecer, no pior dos casos podia ser mesmo a noite inteira. Não, isso não aconteceria. Em dada altura, alguém sairia à sua procura. E no entanto... Não lhe agradava nada a ideia de ser recolhida ali por Leschik ou mesmo Klaus. Seria melhor tentar fazer o caminho de volta, independentemente do tornozelo magoado. Afinal de contas, os soldados feridos em terra inimiga também se continuavam a arrastar, apesar das dores e dos mais graves ferimentos.

Não foi uma boa ideia. Não avançara sequer cinquenta metros e já a dor era tão atroz que os prados e os bosques em seu redor se desfocaram e ela se deixou cair, ofegante, no trilho do prado. Simplesmente não dava. Agora o tornozelo começara a doer mesmo a sério, latejava lá dentro, como se tivesse um diligente pica-pau no interior do pé muito inchado.

Começou a chorar de dor e desespero. Porque é que só ela tinha tanto azar? Não bastava já o facto de ninguém gostar dela, de o marido a trair e de aquele

que ela amava se ir embora? Não, tinha ainda de cair daquele maldito cavalo e magoar-se. Expusera-se ao ridículo. Já conseguia ouvi-los falar mal dela: a senhora fina de Augsburgo, que nem sequer sabia andar a cavalo. Que se estatelara do cavaleiro alto. Que queria espiolhar o marido e caíra ao chão...

Ao pensar na malícia dos criados, foi completamente assolada por todo o seu desgosto. Tudo o que acontecera naquela tarde funesta, todas as esperanças estilhaçadas, as desilusões, as humilhações – tudo isso tentou abrir caminho cá para fora, sacudiu-lhe o corpo inteiro e lançou-a num choro sonoro e desesperado. Não importava, ninguém ali a poderia ouvir.

– Elisabeth! Onde está? Elisabeth!

Uma grande sombra deslizou pela erva alta, insetos zuniam à sua volta, um cavalo resfolegou. Mal tivera tempo de limpar o rosto molhado com a manga quando surgiu mesmo a seu lado um focinho de cavalo. Gritou alto e bom som, tal o susto. Logo depois, o cavaleiro saltou da sela e ajoelhou-se a seu lado.

– Deus do céu, como estou contente! Está ferida? Partiu alguma coisa?

– Eu... eu estou bem. Foi só o pé – resmungou ela.

Estava rouca de chorar, o nariz e os olhos estavam tão inchados que quase se fechavam – céus, devia estar com um aspeto horrível. Que fazia Sebastian ali?

– O pé? Ah, já estou a ver. Esperemos que não tenha partido...

Apalpou-lhe o tornozelo, que lhe parecia agora gordo como uma abóbora de tamanho médio.

– Sente alguma coisa?

– Não. Está totalmente dormente, só quando o ponho no chão... – Ela nunca o vira tão agitado. Viam-se-lhe pérolas de suor na testa, a respiração ofegante, mas então, quando ele olhou para ela, sorriu feliz e aliviado.

– A égua voltou para a quinta com a sela vazia... Achei que ia perder o juízo de tão preocupado que fiquei. A culpa é minha, Elisabeth. Atirei-lhe a minha decisão sem qualquer tipo de consideração. Foi egoísta e insensível da minha parte. Não pensei até que ponto a estaria a magoar.

Ela escutou com atenção as palavras por ele balbuciadas e por várias vezes limpou o rosto com a manga. Que choradeira disparatada. Se ao menos os papos na cara desaparecessem. Tanto mais que ele não tirava os olhos dela.

– Eu... eu não sabia que sabia a montar a cavalo – murmurou ela.

– Eu também não. Sentei-me em cima de um cavalo algumas vezes em criança, mas não se pode dizer propriamente que era montar. Apoie-se em mim, eu ajudo-a a subir para a sela.

– Mas olhe... que eu não sou propriamente leve – gracejou ela, confrangida.

– Tenho bem consciência disso – retorquiu ele, muito sério. Ele tinha muito mais força do que ela imaginara. Apesar do ferimento de guerra, não teve dificuldade nenhuma em içá-la. Quando pousou o pé saudável no estribo, ele agarrou-a firmemente pela cintura para lhe dar suporte, ajudando-a ao mesmo tempo a puxar-se com esforço para cima da sela, agarrando-a por uma parte do corpo que, em circunstâncias normais, ele jamais teria ousado tocar. Desorientada, Lisa sentou-se direita na sela e murmurou um tímido «Obrigada».

Ele caminhou diante dela e conduziu a égua pelas rédeas. Volta e meia, voltava-se para ela e perguntava se estava tudo bem, se tinha dores, se

aguentava até à quinta.

– Já vai indo...

– É muito valente, Elisabeth. Nunca me perdoarei a mim mesmo.

Lisa quase sorriu ao vê-lo assim. Era tão decente, tão honrado, tão prestável. Porque haveria de lhe dizer que não saíra desembestada a cavalo por causa dele, mas sim para arrancar os olhos da amante do marido? Teria ficado desiludido. Sebastian acreditava inabalavelmente na bondade das pessoas. Se calhar era por isso que ela o amava tanto.

Já na quinta, Leschik estava a postos para ajudar a senhora a descer do cavalo, as criadas acorreram à porta da rua, Elisabeth ouvia os seus risinhos.

– Vamos sentá-la num banquinho e depois carregamos a senhora pelos degraus acima. Um homem de cada lado deve bastar – sugeriu Leschik.

Teria ela olhado para ele a pedir ajuda? Ou teria ele agido num impulso? Quando ela já descera da sela, ele veio até ela e tomou-a nos seus braços. Fê-lo sem perguntar e com muita naturalidade.

– Espero que não esteja desconfortável – disse ele, com a voz algo abafada, quando pararam no corredor, diante das escadas.

– É maravilhoso... Só espero que não seja peso a mais. – A boa alimentação campestre fizera-a na verdade ganhar peso.

– De todo...

Ele subiu lentamente as escadas, parando, por vezes, para retomar o equilíbrio e recuperar o fôlego, e depois prosseguiu. É verdade que estava ofegante, mas sorria e sussurrou-lhe que não havia motivo para se preocupar. Desde muito jovem, estava habituado a carregar pesos.

Provavelmente, nessa altura, ele carregava as sacas de batatas para a cave. Mas ela não disse nada e regozijou-se com a sensação de estar a ser levada ao seu colo. Como era forte. Tão duro consigo mesmo. E como sabia agarrá-la com força.

Ela abriu a porta do seu quarto. Não o quarto matrimonial, que evitava nos últimos meses, mas o quartinho que antes fora utilizado como quarto de hóspedes. Ele carregou-a até à cama, onde a pousou cuidadosamente em cima do edredão.

– Sente-se – pediu-lhe ela. – Deve estar completamente exausto.

Ele assim fez. Sentou-se na borda da cama, sacou do lenço para fora, tirou os óculos e limpou o rosto.

– Nunca pensei que tivesse tanta força.

– Há várias coisas que não sabe sobre mim, Elisabeth.

– Bom – prosseguiu ela –, hoje fiquei a saber muita coisa sobre si.

Invadiu-o imediatamente um sentimento de culpa.

– Ficou a saber que sou um homem cruel – disse ele, arrependido. – Mas juro-lhe, Elisabeth...

Ela abanou a cabeça.

– O que eu acho é que se portou como um cobarde.

Aquelas palavras atingiram-no violentamente, ele fitou-a, horrorizado, e fez menção de contestar. Mas ela não o deixou começar sequer a falar.

– Tem medo de se expor ao ridículo, Sebastian. Medo de quebrar regras que já não fazem sentido nenhum. Prefere fugir e abandonar-me sozinha ao meu desespero. – Ela falara agora com raiva. Viu nos seus olhos muito abertos, sentiu, como as suas palavras eram certas e deu rédea solta aos seus

sentimentos. – É mesmo um homem? Tem sangue na guelra? Coragem para grandes atos? Ah, nem sequer se atreve a... a...

Ela soluçou. Oh, céus, que comportamento tão tolo! Mas ela já estava completamente desnorteada, a tal ponto o desejava.

– Se sou um homem – sussurrou ele, inclinando-se sobre ela. – É isso que me pergunta?

Ela não respondeu nada. Viu-o a levantar-se e a dirigir-se para a porta, estava já convencida de que iria sair do quarto, indignado com a sua proposta evidente. Mas então ele voltou-se e rodou a chave na fechadura.

– Ganhou, Elisabeth... Eu sou homem e, já que me pede, vou prová-lo.

Aquele era, ao que parecia, o dia de todos os atos e acontecimentos extraordinários. O dia dos milagres. Elisabeth, que acreditara ter sido sempre desfavorecida pelo destino, naquele dia recebeu o que desejara. Recebeu até mais do que contava, já que Sebastian estava desagradado com a sua derrota e fez-lhe sentir a sua fúria. Mas também isso foi maravilhoso, pois abateu-se sobre ela como uma trovoada de primavera.

Só no dia seguinte despertaria para a triste realidade.

⁹ Referência ao romance *Keuscher Joseph*, de Hans Jacob Christoffel von Grimmelshausen, escrito no século XVII, tendo por base a figura bíblica de José, do livro do Génesis. (*N. da T.*)

– Mas é evidente que está tudo combinado com a senhora Melzer! – exclamou Kitty, indignada.

Serafina von Dobern estava no vestíbulo de entrada, ao fundo das escadas, e mirava-a com um olhar frio e desconfiado. Fazia lembrar a Rainha da Neve, pensou Kitty. Aquela fulana insensível que não lhe queria entregar o rapazinho. Quem escreveu mesmo esta história? Hans Christian Andersen.

– Nesse caso, admira-me que ninguém me tenha dado conhecimento.

– Quanto a isso, também não sei – retorquiu Kitty, sem paciência. – Gertie, traz as crianças para baixo, vão passar a tarde em minha casa. Vou dar-lhes uma aula de desenho.

Gertie estava à disposição junto à porta da cozinha, assentiu e fez menção de subir as escadas até ao primeiro andar. Mas foi detida pela voz da precetora.

– Espera, Gertie. As crianças estão a fazer trabalhos de casa, não os posso libertar antes de terem acabado.

Kitty fitou o rosto pálido de Serafina von Dobern. Inacreditável: aquela pessoinha estava a dar-lhe resistência. Ali, na Vila dos Tecidos, a casa dos seus pais, estava convicta de que lhe podia dar ordens.

– É-me perfeitamente indiferente o que a senhora pode ou não pode fazer, cara senhora Von Dobern – disse, com dificuldade em controlar-se. – Eu agora vou levar o Leo e a Dodo para a Frauentorstrasse. Gertie, traz os miúdos para baixo!

Gertie avaliou um momento qual das duas teria mais poder e optou pela senhora Kitty Bräuer. Nem que fosse porque detestava a precetora com todas

as suas forças. Por isso, pôs-se a correr por ali acima.

– Lamento muito, mas, nesse caso, eu tenho de ir confirmar. – A senhora Von Dobern também subiu as escadas.

Kitty esperou até que ela alcançasse o meio das escadas antes de lhe dirigir a palavra.

– Não me parece boa ideia perturbar a sesta da minha mãe por causa de uma insignificância destas!

A precetora estacou a meio das escadas e virou para ela apenas meio corpo. O seu sorriso revelava que tinha um trunfo na manga.

– Não se preocupe, senhora Bräuer. Não vou acordar a senhora sua mãe. O que pretendo fazer é telefonar para a fábrica e falar com o senhor Melzer.

Ia telefonar a Paul, aquela mulherzinha maldosa. E é claro que lhe recordaria que a senhora Ginsberg dava aulas de piano na Frauentorstrasse. Paul deduziria o resto. O Paulinho não era parvo.

– Faça então o que tem de fazer – disse ela, fazendo, com esforço, uma expressão de indiferença. – Ei, Leo! Dodo! Onde é que estão? A Henny está à vossa espera no carro!

– Estamos a ir!

Oh, aquele Leo! Passou pela precetora a correr pelas escadas abaixo, com as partituras debaixo do braço. Foi apenas a presença de espírito de Dodo que impediu que os preciosos livros fossem confiscados pela precetora.

Dodo enfiou-se depressa entre a senhora Von Dobern e o irmão, que galgou em seguida os degraus que restavam com um salto audaz e correu rapidamente ao encontro de Kitty.

– Não tenho a mínima disposição para participar nas suas intrigas, senhora Bräuer! – disse a precetora, furiosa. – O senhor Melzer não deseja que o filho receba aulas da senhora Ginsberg. Sabe disso perfeitamente. O seu comportamento apenas me coloca numa posição difícil, como também leva o Leo a agir contra a vontade do pai. Que acha que vai conseguir com isso?

Kitty teve de admitir que o que Serafina dizia não era inteiramente insensato. Mas isso não queria dizer que tivesse razão.

– As crianças vão ter aulas de desenho comigo – retorquiu furiosamente. – Pode dizer isso à vontade ao meu irmão, se acha mesmo necessário.

As faces da precetora ficaram vermelhas com todo o alvoroço, o que lhe ficava melhor do que a palidíssima tez natural do seu rosto. Ergueu o queixo e declarou que iria buscar as crianças à Frauentorstrasse daí a exatamente duas horas.

– Não será necessário. Alguém as trará de volta.

– Quem?

Era o limite. Kitty estava cheia de vontade de atirar à cabeça daquela pessoa inoportuna algumas das bonitas jarras de flores de Meissen, que estavam em cima da cómoda diante do espelho. Mas teria sido pena pelas jarrinhas, a mamã gostava muito delas.

– Não é da sua conta! – respondeu bruscamente, agarrando nas mãos de Dodo e Leo e saindo do vestíbulo.

– Vai haver consequências! – gritou a precetora nas suas costas.

Kitty nada disse para não gerar mais insegurança nas crianças, mas por dentro estava a explodir de fúria. Aquela vaca de nariz empinado! Era típico – Lisa tinha uma especial capacidade para atrair este género de pequeno-

burguesas. Todas as suas amigas eram assim. Antigamente, não era assim, até se tratavam por tu. Mas esses tempos há muito que já lá iam.

– Mamã, o carro está a saltar terrivelmente – queixou-se Henny.

As três crianças iam sentadas no banco de trás, Henny ao meio. Olhando pelo retrovisor, Kitty viu a expressão indignada da filha, emoldurada pelos seus caracóis dourados. Um anjinho, aquela criança. Na escola, tinha os rapazes todos a seus pés. E ela aproveitava-se disso a valer, a doce e pequena Henny. Uma vez, a mamã dissera-lhe que ela, Kitty, fazia exatamente o mesmo. Ah, as mães!

– Ela é uma bruxa – ouviu a filha anunciar num cochicho.

– Sim, é isso mesmo. Uma grande bruxa má. Diverte-se a castigar as crianças.

Era a voz de Dodo. Era raro não dizer exatamente o que pensava. Era uma pequena selvagem. Trepava às árvores como os rapazes.

– Ela ontem esmagou-me a orelha – informou Leo.

– Mostra cá!

– Não tem marcas nenhuma...

– Ela também bate com a régua de madeira – sussurrou Dodo.

– E tranca-nos no armário das vassouras se formos malcriados.

– E ela pode fazer isso? – espantou-se Henny.

Kitty também achava tudo aquilo demais. Antigamente também eles haviam levado aqui e ali uma bofetada ou uma palmadinha nos dedos com a régua. Mas a mamã nunca teria permitido que um dos seus filhos fosse trancado no armário das vassouras.

- Ela faz isso e pronto.
- Lá está, é uma bruxa.
- Também sabe fazer feitiços?
- Feitiços? Não.

– Que pena – considerou Henny, desiludida. – A bruxa da ópera conseguia enfeitiçar as crianças e elas ficavam paralisadas. E depois fez biscoitos de gengibre com eles.

– Eu também gostava de ouvir uma ópera – disse Leo. – Mas a mamã e o papá não nos levam com eles. É verdade que tocam lá um monte de instrumentos? E que lá em cima, no palco, eles cantam?

Henny deve ter assentido com a cabeça, já que Kitty não ouviu nenhuma resposta. Travou o carro e parou – o centro de Augsburg estava outra vez entupido de carroças de cavalos e automóveis. Ainda por cima, atrás dela tinha ainda o elétrico a tilintar. Que tocassem à vontade, não tinha outro remédio a não ser esperar. Sim, que outra hipótese tinha ele? Junto ao mercado da fruta estava um carro de bois parado diante de uma loja e dois homens descarregavam tranquilamente caixas e barris. Não era de admirar que o trânsito estivesse todo parado. Kitty esticou a cabeça para fora da janela do carro e barafustou alto e bom som, recebendo em troca apenas um sorriso amistoso de um dos carregadores.

– A avó Gertrude disse que as bruxas têm de ser postas no forno – disse Henny no banco de trás.

– A senhora Brunnenmayer também disse isso. Infelizmente, a precetora não cabe no forno da cozinha – considerou Dodo.

– Ela não é assim tão gorda. Se empurrarmos um bocadinho, acaba por caber lá dentro.

Kitty voltou-se para trás, indignada, e lançou um olhar acutilante na direção da filha.

– Isso agora já é demais, Henny.

– Era só uma piada, mamã – amou a pequenina. Dodo fez um sorriso maroto, Leo abriu uma das suas partituras e olhava atentamente lá para dentro; quando levantou os olhos para Kitty, ela compreendeu que ele mergulhara em todo um outro mundo. Sim, ela estava a agir corretamente. Aquele rapaz tinha um grande talento musical, a senhora Ginsberg dissera isso mesmo. Um dia, o Paulinho ia ficar-lhe grato.

O carro de bois avançou finalmente e ela pôde seguir caminho até à Frauentorstrasse. O motor lá seguia ajuizadamente aos solavancos, no verão o automóvel portava-se muito bem. Fora-lhe oferecido por Klippi. Só que, no outono e no inverno, fartava-se de protestar. Debatia-se com o frio e a humidade, já não era propriamente um juvenzinho. Kitty ia falando com ele de mansinho e dava-lhe pancadinhas suaves no volante de madeira. Todavia, quando era obrigada a sair do carro e a levantar o capô, não tardava a aparecer um jovem prestável. Ah, adorava aquele seu querido calhambeque.

Mandou as crianças sair em frente da porta de casa e pôs o carro na garagem, que na verdade era um anexo de jardim reformulado. Quando desligou o motor, ouviu o piano a tocar – ah, a senhora Ginsberg já chegara. Leo esperava impacientemente à porta, Dodo desaparecera algures com Henny no jardim. Se é que se podia chamar jardim àquela selva indomada que cercava a casa no verão.

– Devagar, Leo – avisou, enquanto abria a porta. – Há quadros no corredor, cuidado para não esbarrares neles.

– Sim, sim.

Não havia como travá-lo. Quase atropelou o amigo. Que figura aquela: Leo, alto e louro, e o magrinho Walter, com a cabeça cheia de caracóis e o seu ar sempre sério. Kitty sentiu os olhos humedecidos de emoção quando viu como os dois se entendiam tão bem. Desataram a correr juntos para a sala de estar, sentaram-se no sofá e abriram as partituras. Com os dedos, apontavam para as notas. Riam-se. Enervavam-se. Discutiam e depois chegavam novamente a acordo. E os dois rostos radiantes de felicidade.

– Posso ir lá? – perguntou Leo.

Era como se a sua vida dependesse disso. Kitty assentiu, sorridente, e o rapaz correu para a sala do lado, onde estava o piano. Walter seguiu-o devagarinho e desapareceu também na sala de música. Kitty ouviu a voz baixa e serena da senhora Ginsberg. Depois alguém tocou um prelúdio de Bach. Constante e com um toque vigoroso. Conseguia-se acompanhar cada voz, ouvir cada linha, cada som. Quando teria o miúdo praticado aquilo? Em casa, tinha no máximo meia hora por dia ao piano.

– Este toca muito mais alto do que o da nossa casa.

Não era de admirar. A mamã pedira ao fabricante do piano que abafasse o som. Por causa das suas dores de cabeça. Oh, pobre mamã. Antigamente, quando Paul, Lisa e ela ainda eram crianças, a mamã tinha os nervos mais resistentes.

– Querem fazer o favor de descer daí? Henny! Dodo! Daqui a cinco minutos quero-vos ao pé de mim na cozinha. Senão comemos a tarte toda!

Era Gertrude. Kitty correu para a janela e foi dar com a filha no telhado da casinha do jardim. Ao seu lado, Dodo baloiçava na caleira, tentara alcançar o carvalho ali ao lado saltando para um ramo comprido.

– Acontece sempre isto quando a Dodo vem cá! – resmungou Gertrude. – A Henny porta-se tão bem quando está sozinha comigo.

– Sem dúvida, é um autêntico cordeirinho – confirmou Kitty com ironia na voz.

Gertrude levava as mãos à anca e acompanhava a azáfama das duas meninas pela janela aberta. A julgar pelo estado do avental, havia tarte de cerejas com natas e raspas de chocolate. No tempo em que o marido ainda era vivo, Gertrude administrara uma casa grande e – como era normal – tinha a cozinha entregue a uma cozinheira. Acontecia que, agora que já não se podiam ter empregados, descobrira a sua paixão por cozinhados e bolos. Com graus de êxito variados.

– Olhem-me só a vossa figura! – ralhou ela, quando as meninas apareceram no corredor de rostos ruborizados e o cabelo despenteado. – Como é possível que nesta família as meninas trepem às árvores e os rapazes se sentem todos bem-comportados na sala? Jesus Senhor, com a minha Tilly e o pobre Alfons era exatamente a mesma coisa.

Kitty não disse nada, encaminhando ao invés as duas meninas para a casa de banho, dando ordens de que lavassem as mãos, os joelhos, os braços e a cara e que além disso passassem uma escova no cabelo.

– Estás a ouvir, Henny? – disse Dodo toda orgulhosa. – É o meu irmão Leo ao piano. Um dia quer ser pianista!

Henny rodou a torneira e pôs as mãos debaixo de água, salpicando tudo em volta na casa de banho ladrilhada.

– Eu também sei tocar piano muito bem – disse ela, franzindo desdenhosamente o nariz. – A senhora Ginsberg disse que tenho talento.

Dodo empurrou a prima mais nova para o lado para chegar à torneira e lavou os dedos com sabonete.

– Talento, bah! O Leo é um génio. É muito diferente de ter apenas talento.

– O que é um génio?

Dodo também não sabia muito bem. Era algo enorme, inatingível.

– Assim como um imperador.

Kitty distribuiu toalhas, disse às duas que fossem pelo corredor com cuidado, por causa dos quadros empacotados que estavam encostados à parede. Subiu então as escadas e foi até ao seu pequeno ateliê para trabalhar um pouco. Tinha decidido fazer uma série de quadros de paisagens, nada de especial, cheios de flores e cores, raios de sol cintilantes, ramagens delicadas. Grupos de pessoas a passear, pequenas histórias que o observador apto deveria descobrir. Era o tipo de coisa que vendia bem, as pessoas tinham nostalgia do idílio, de acontecimentos felizes sob a luminosidade do verão. Não desagradava a Kitty pintar aqueles quadros, mas também não o fazia com grande entusiasmo. Tinha de o fazer para ganhar dinheiro. Afinal de contas, não tinha de garantir apenas a subsistência de Henny, já que também Gertrude e Tilly viviam do que Kitty ganhava. E ela tinha orgulho nisso.

Os sons do piano uniram-se às vozes das duas meninas e, pelo meio, ouviam-se os resmungos de Gertrude e o ruído da torneira da casa de banho. Kitty sentia-se bem com todo aquele ruído, espremeu as bisnagas de tinta para a paleta, olhou para o quadro já iniciado e misturou as tintas até obter a

tonalidade certa. Meia dúzia de pinceladas – depois recuou para observar o efeito com um olho crítico.

Subitamente, ocorreu-lhe o que Gertrude acabara de dizer: «Com a minha Tilly e o pobre Alfons era exatamente a mesma coisa.» Que estranho, nos últimos tempos, pensara tanto nele. Se calhar porque há muito deixara de acreditar nas promessas de Gérard. Também os outros jovens com quem travava conhecimento em todas as ocasiões e mais algumas, e que a maçavam com claras intenções ou mesmo honradas, já não significavam nada para ela. Ia aqui e ali a exposições, frequentava a ópera, encontrava-se com amigos em casa da senhora Wiesler ou outros patronos das artes – mas constatava que se entediava cada vez mais. Não havia ninguém que lhe tocasse o coração como em tempos Alfons o fizera. E pensar que fora apenas uma solução de circunstância. O rapaz amável e algo desajeitado que, apesar do escândalo – afinal de contas, ela fugira com Gérard para Paris –, se casara com ela. Um homem singular, um banqueiro arguto, um intrépido homem de negócios e, ao mesmo tempo, um marido tão tímido e apaixonado. Como fora desastrado na noite de núpcias, ela quase se riu dele. Mas depois dizia coisas maravilhosas. Que estava há anos apaixonado por ela, que ele nem acreditava na sorte que tinha em poder chamá-la sua mulher. Que estava muito nervoso e que, por isso, ia fazer figura de tonto...

Suspirou profundamente. Não, de certeza que nunca mais na vida voltaria a encontrar uma pessoa que a amasse tão profunda e sinceramente. E ele adorava tanto a sua filhinha. Ficara basicamente louco de alegria. Por que razão o destino era tão cruel? Alfons condenara aquela guerra desde o início. Mas quem quis saber disso? Teve de ir para o campo de batalha como todos os outros e ela nem sequer sabia como e onde ele morrera. Se calhar era melhor assim. Só era terrível que Henny não se conseguisse lembrar do pai.

– Kitty! – chamou Gertrude do fundo das escadas. – Pausa para café com tarte. Desce, estamos à espera.

– Só um instante.

Era sempre o mesmo. Mal conseguia a mistura certa de cores, alguém interrompia-lhe o trabalho. Não, era bom ter a casa cheia de gente. Mas, se possível, seria bom que a deixassem pintar em paz. Além do mais, na sala do piano ainda se ouvia música.

Depois mais algumas pinceladas no quadro, pintou os contornos com um pincel fino, recuou e deu-se por satisfeita. Não conseguiu evitar pensar nos quadros empacotados que tinha por toda a casa. Os quadros de Luise Hofgartner. Gérard enviara-lhos como deve ser, depois de receber o dinheiro. No seu entusiasmo inicial, ela comprara todos os vinte quadros e dez desenhos a sanguina. Haviam-lhe enchido toda a sala de estar, e também a sala do piano, o corredor, o jardim de inverno. Não sobrara um espacinho só de parede. Kitty passara vários serões e dois domingos inteiros na companhia daqueles quadros, a observá-los, a mergulhar neles, a sobre eles tecer conjecturas, porquê e quais as circunstâncias em que teriam sido criados. A sua querida Marie ficara absolutamente atordoada, chorara, convicta de que a mãe tivera tudo para ser uma grande artista. Efetivamente, a pobre Marie fora totalmente avassalada por aqueles quadros e, pensando com franqueza, o mesmo aconteceu a Kitty. Contudo, não aguentou mais de três semanas aquela tremenda superioridade de Luise Hofgartner dentro da sua própria casa, tirou os quadros das paredes e empacotou-os de novo. Estavam agora pelos corredores, porque Marie não os mandara transportar para a Vila dos Tecidos.

Oh, isso foi na verdade uma grande decepção. O Paulinho, que era para ela o mais maravilhoso e melhor marido do mundo, o seu amorosíssimo irmão Paulinho, recusara-se a comprar mais do que três destes quadros. Estivera uma única vez ali na Frauentorstrasse, durante meia horinha, determinando depois que não queria de modo nenhum aqueles quadros na sua casa. Sobretudo aqueles provocadores estudos de nus, afinal de contas era preciso ter as crianças em consideração. Já para não mencionar a mamã e as visitas. Naquela tarde, o Paulinho fora mesmo muito brusco. Para mais, Kitty tinha a sensação de que Paul estava cada vez mais estranho. Teria que ver com a constante preocupação com a fábrica? Ou tê-lo-iam mudado a guerra e o longo encarceramento na Rússia? Mas não, na altura, quando voltou da Rússia, estava tão amável como sempre. O problema era simplesmente que ele assumira agora o lugar do pai, era o chefe da família, o senhor diretor Melzer. Se calhar tinha-lhe subido à cabeça e começava a ter as mesmas manias do paizinho. Oh, que parvoíce. E a pobre Marie sofria tanto com isso.

– Mamã, anda lá. A avó Gertrude não quer encetar a tarte porque não estás lá!

– Sim, estou a ir! – resmungou, enfiando o pincel no copo com água.

Na sala de estar, Leo e Walter já estavam sentados à mesa, com o simples fito de devorar rapidamente uma fatia de tarte para voltar a correr para o piano. Além do mais, Walter trouxera o violino, é claro que Leo ia experimentar tocar também... Bom, que o fizesse à vontade, quanto mais instrumentos conhecesse, melhor. Kitty estava convicta de que Leo, um dia, iria compor sinfonias e óperas. Leo Melzer, o célebre compositor de Augsburg. Não, melhor: Leopold Melzer. Ou ainda melhor: Leopold von Melzer. Soava bem. Não havia problema nenhum em fantasiar um pouco com

os nomes artísticos. Se calhar também seria maestro? Paul Leopold von Melzer.

– A tarte sabe a... a... – Henny franziu a testa, pensativamente, e olhou para o teto da sala. Dodo foi menos diplomática.

– Aguardente.

A senhora Ginsberg, que se sentara entre os dois rapazes, abanou energicamente a cabeça.

– A tarte sabe maravilhosamente bem, senhora Bräuer. Usou açúcar baunilhado?

– Um bocadinho. E um bom cheirinho de ginjinha. Para facilitar a digestão.

– Oh.

Os rapazes acharam aquilo fantástico, Walter fingiu imediatamente que estava embriagado, Leo tentou imitar, mas parecia artificial.

Quem o fez melhor foi Dodo, pondo-se verdadeiramente aos soluços.

– Eu quero, gulp, por favor, gulp, mais uma, gulp, fatia. Gulp.

Só Henny achou todo aquele teatro insuportável, lançando na direção de Kitty um olhar reprovador e revirando os olhos. Naquele momento, tocaram à porta e Dodo emudeceu.

– Deve ser um dos teus conhecidos, Kitty – disse Gertrude. – Eles aparecem e vão-se embora simplesmente quando lhes apetece, os artistas.

– Henny, vai lá abrir a porta.

Mas não era nenhum dos artistas apaixonados que volta e meia faziam visitas a Kitty. À porta de casa, surgiu Marie.

– Deus do céu, sabes mesmo pregar um susto. – Kitty saltou da cadeira para abraçar Marie, beijou-a em ambos os lados da face e empurrou-a até uma cadeira. – Chegaste no momento certo, minha querida Marie. A Gertrude fez uma tarte de natas. Come, come, nos últimos tempos andas muito magrinha.

Quando ficava agitada, as palavras borbulhavam-lhe pela boca fora, sem saber bem o que dizia. A sua cabeça tornava-se numa grande confusão, como um bando de pássaros a levantar voo, assustados, dentro de um aviário, pondo tudo num torvelinho. Essencialmente, não estava nada agradada com aquela visita de surpresa. Ela falara evidentemente a Marie da aula de desenho que queria dar aos gémeos. E, como é evidente, a querida Marie também sabia que Henny tinha aulas de piano com a senhora Ginsberg. Só lhe escondera até então que as duas coisas aconteciam à mesma hora.

– Muito gosto em vê-la, senhora Ginsberg – disse Marie, estendendo-lhe a mão. – Espero que esteja bem. Boa tarde, Walter. Que bom vocês terem uma oportunidade de se encontrar depois da escola. – O aparecimento de Marie extinguiu a alegria efusiva à mesa do lanche. As crianças sentavam-se de costas direitas, como haviam aprendido, usavam garfos de bolo e guardanapos e prestavam atenção para não deixar cair nada fora do prato. Falou-se sobre o calor do verão e das obras nos novos pavilhões do mercado entre a Fuggerstrasse e a Annastrasse. Marie perguntou pelos alunos de piano que encaminhara para a senhora Ginsberg e Kitty falou de uma exposição do Grémio das Artes em que se podia ver quadros de Slevogt e Schmidt-Rottluff. Por fim, a senhora Ginsberg fez notar que era a hora da aula de Henny.

Foi a representação teatral perfeita. Henny acompanhou obedientemente a senhora Ginsberg até à sala de música, Dodo explicou que queria ajudar a tia

Gertrude a lavar a louça e os rapazes perguntaram educadamente se podiam brincar um bocadinho no jardim. O que Marie autorizou.

- Kitty! – disse Marie com um suspiro profundo, quando ficaram sozinhas.
- Que sarilho arranjaste? O Paul vai ficar furioso.

Inacreditável. Em vez de lhe estar grata por promover o enorme dom do seu filho, só se pôs com acusações.

– Minha querida Marie – conseguiu dizer –, estou um bocadinho preocupada contigo. Antigamente, eras uma rapariga inteligente, sabias o que querias e tantas vezes eu te admirei. Mas desde que o Paulinho voltou para nós estás a tornar-te cada vez mais cobarde.

Aquilo era um exagero, como é evidente, Marie contestou vigorosamente. Que era uma empresária, que geria um ateliê, que tinha um sem-fim de clientes importantes.

– E quem é que decide o que fazes com o dinheiro que ganhas? – interrompeu Kitty. – O Paulinho. E não tem esse direito, é o que eu acho. Ele que decida o que fazer na fábrica, mas não o que tu fazes.

Marie baixou a cabeça. Já haviam falado abundantemente sobre o assunto, mas a lei era assim mesmo. Paul tinha de assumir a responsabilidade financeira, para o caso de ela ficar em situação de dívida.

– Não é justo – resmungou Kitty.

Contudo, para já, deixou cair o assunto. Fora com pesar que Marie renunciara a adquirir os quadros da mãe porque Paul não o queria. Kitty sabia muito bem como fora difícil para Marie, e por isso mesmo decidira intervir. No entanto, não confessara ainda a Marie que Ernst von Klippstein contribuíra com uma quantia considerável. Referira apenas alguns bons

amigos. E Lisa também contribuíra um pouco. Fora uma grande surpresa para Kitty ver que a irmã Lisa lhe enviava uma pequena quantia, é verdade que tarde, mas mesmo a tempo. Querida Lisa! Devia dar-se por contente por ela ter sido tão generosa.

– Porque é que achas que tens de te meter nisto, Kitty? – gemeu Marie. – Afinal de contas, o Leo está a ter aulas de piano com a senhora Von Dobern, deve ser o suficiente. Já é suficientemente difícil para mim conseguir dar conta de tudo. As crianças. O Paul. A vossa mãe. E depois ainda o ateliê. Às vezes, sinto-me simplesmente no fim das minhas forças. Já pensei seriamente se não seria melhor desistir do ateliê.

– Nem pensar! – bradou Kitty, horrorizada. – Depois de tudo o que conseguiste alcançar, Marie. As tuas lindas criações. Os teus desenhos.

Marie limitou-se a abanar a cabeça, triste. Oh, os desenhos. Não é propriamente uma artista como a mãe. Tem uma família. Dois filhos maravilhosos. E Paul.

– Eu amo-o, Kitty. Dói-me ter de o magoar.

Mas Kitty tinha outra opinião. Marie estava só a imaginar coisas. Era Paul quem a estava a magoar a ela. E Marie tinha dificuldade em admitir que o amado marido não era um anjo. O Paulinho era um homem de bom coração, mas também sabia ser muito teimoso.

– Tens demasiada coisa em cima de ti, Marie – disse Kitty, acalmando-a. – Daqui a alguns dias começam as férias da escola. Porque não pensas em fechar o ateliê por duas semanas e fazes férias de verão nalgum lugar? O Paul podia visitar-vos aos fins de semana.

– Não, não. Mas vou abrandar o ritmo. Vou ficar em casa três tardes por semana.

Kitty encolheu os ombros. Não lhe agradava nada, quase parecia a liquidação de um negócio às prestações. E agora Marie queria obrigá-la a prometer que não voltava a trazer Leo para ter aulas às escondidas.

– Eu não quero, Kitty. Por favor, compreende-me!

– Um dia o teu filho vai criticar-te por isso!

Ela sorriu, a sua tonta e querida Marie. Porque não acreditava no seu filho. Céus, ainda acabaria por obrigar o pobre rapaz a assumir a fábrica um dia. Mas que desperdício de talento divino.

Ainda assim, prometeu. Apesar de lhe ter custado terrivelmente. Permaneceu mansa como um cordeirinho quando Marie a informou então de que iria regressar a casa com os gémeos.

– Se tiveres só mais uma meia horinha para me dispensar, o Klippi prometeu levar as crianças de volta à Vila dos Tecidos.

– De modo nenhum. Lamentavelmente, o Paul e o Ernst estão neste momento com alguns conflitos, não quero aborrecer o Paul.

Lá estava ela a resignar-se outra vez. A humilhar-se. Absurdo, só para não virar Paul contra si. Agora, sim, Kitty já estava pelos cabelos.

– Ah, queria só dizer mais uma coisa: no outono, o Grémio das Artes vai organizar uma grande exposição com os quadros da tua mãe. Augsburgo inteira vai vê-los, não é fantástico?

Marie empalideceu, mas não disse nada.

Julho de 1924

Ottillie Lüders usava um daqueles vestidos modernos que mais se assemelhavam a um saco solto pendurado à volta do corpo. Paul não gostava daquela moda, achava que, antes da guerra, as mulheres andavam mais bonitas. Sobretudo o cabelo comprido, mas também a cintura ajustada, os vestidos elegantes e as saias até aos pés – ah, pois, era irremediavelmente antiquado.

– Que temos, menina Lüders? – Sorriu-lhe de modo a que ela não reparasse o quanto não gostava do seu vestido. Mas ela pressentira-o. Para estas coisas, as mulheres tinham uma espécie de sexto sentido.

– Está aqui uma senhora que gostaria de falar consigo. Em privado. – Ele franziu a testa. Mais uma a pedir alguma coisa.

Pediam contributos para boas causas, suplicavam-lhe que recomendasse o marido desempregado, traziam cartazes de uns quaisquer eventos artísticos, na esperança de obter donativos.

– É bonita? – brincou.

A menina Lüders corou, como seria de esperar.

– É uma questão de gosto. Tem aqui o cartão.

Ele olhou brevemente para o pequeno cartãozinho amarelecido, onde constava um nome escrito em letras elaboradas e antiquadas. Já há muito que a morada não era aquela. Soltou um suspiro – era só o que lhe faltava. Que estava ela a fazer ali?

– Mande-a entrar.

– Muito bem, senhor diretor.

Serafina von Dobern deslocava-se de uma forma algo rígida, mas, ainda assim, com a naturalidade de uma jovem da aristocracia. Bonita é coisa que ela nunca fora, pelo menos para o gosto dele. Sem nada que chamasse especialmente a atenção. Um pãozinho sem sal, como se costumava dizer. Trivial. Ainda assim, tinha princípios. As crianças podiam não gostar, mas a mãe considerava que era uma educadora de excelência.

– Perdoe-me por o procurar aqui na fábrica, caro senhor Melzer. Não o faço de ânimo leve. É uma pessoa muito ocupada.

Ficou parada à frente da secretária e ele sentiu-se na obrigação de lhe oferecer um dos pequenos cadeirões de pele.

– Oh, vou ocupar apenas alguns breves instantes do seu tempo. Trata-se de uma situação que será melhor conversarmos apenas entre nós. Por causa das crianças. Compreende.

Ele não compreendia absolutamente nada, mas já pressentia que havia de novo problemas na família. Porque não tratava Marie do assunto? Bom, não era difícil encontrar uma resposta para isso. Porque a sua mulher estava ocupada com o ateliê. Lamentavelmente, a opinião da mãe, de que na altura ele não fizera caso, confirmara-se. O ateliê trouxe a discórdia para o seu casamento.

Esperou até Serafina se sentar, mantendo-se no entanto sempre sentado atrás da secretária.

– Bom, dispare então, senhora Von Dobern. Sou todo ouvidos.

Ele tentou imprimir um tom alegre à coisa, mas não foi muito bem-sucedido. Talvez fosse por causa do semblante sério de Serafina, mas também possivelmente pelo facto de ele estar a perder cada vez mais os modos

descontraídos, que em tempos tanto o distinguiam do pai. Será que, aos trinta e seis anos, já se estava a tornar num velho rezingão?

Ela estava tensa, via-se que estava muito desconfortável com aquela história. De repente, fez-lhe pena. Antigamente, tratavam-se por tu, encontravam-se de vez em quando em festas ou na ópera. A guerra e os anos de inflação que se seguiram haviam tirado tudo a muitos que antes eram abastados e respeitados.

– Trata-se da sua irmã Katharina. Não é com prazer que venho apresentar esta queixa, senhor Melzer. Mas sinto-me, acima de tudo, pessoalmente responsável diante de si. Ontem à tarde, contra a minha vontade expressa, a sua irmã levou as crianças para a Frauentorstrasse, onde a senhora Ginsberg deu uma aula de piano ao Leo. – Kitty! Aquela cabeça dura. Paul sentiu a fúria a crescer dentro de si. Atrás das suas costas, estava a garantir que Leo se continuasse a deixar levar por aquela paixão desgraçada.

Serafina observou-o atentamente, apreciando o efeito das suas palavras. A pobrezinha teria provavelmente um peso na consciência.

– Não me compreenda mal, caro senhor Melzer. Eu sei que tem grande apreço pela sua irmã. Mas ela colocou-me numa situação muito difícil.

Ele compreendia isso muito bem. Kitty era realmente impossível.

– Não tem problema absolutamente nenhum, cara senhora Von Dobern, comunicar-me o sucedido. Estou-lhe aliás muito grato.

Ela pareceu aliviada e até sorriu. Quando lhe vinha um pouco de cor ao rosto, quase parecia bonitinha. Ou pelo menos com bom aspeto.

– Eu resisti firmemente a entregar as crianças. Mas a sua irmã não deu atenção ao meu protesto.

Evidentemente que não. Apenas um rolo compressor conseguiria obrigar Kitty a renunciar a uma decisão já tomada.

– Tive a esperança de que contaria com o apoio da sua esposa. No entanto, infelizmente, durante este incidente ela não estava na Vila dos Tecidos.

Ele não disse nada. Marie estava no ateliê. Apesar de, recentemente, lhe ter dito que, a partir de agora, pretendia abrandar o ritmo e ficar três tardes por semana em casa.

– A sua mulher trouxe as crianças ao final do dia. Estavam muito cansadas e, infelizmente, não tinham concluído os trabalhos de casa.

Ele fizera na verdade tenção de deixar Marie fora desta história. Mas então acabou por perguntar.

– Está a dizer que a minha mulher foi buscar as crianças? Ao fim da tarde?

Serafina pareceu sinceramente assustada. Não, expressara-se incorretamente. A senhora Melzer de certeza que não sabia nada sobre aquela combinação.

– A sua esposa passou a tarde com a sua irmã. É algo que faz de vez em quando. Também aos fins de semana é comum ir à Frauentorstrasse. É bonito ver como a sua esposa e a cunhada mantêm uma relação tão próxima. Afinal de contas, são ambas artistas.

– Sem dúvida – observou, com alguma rispidez.

Durante a semana que passara, ele e Marie haviam discutido violentamente por causa daqueles malditos quadros. Ele tinha muita pena por Marie, mas aquelas coisas eram mais do que feias. Pelo menos na sua opinião. Não queria ter de ver aquelas porcarias nas paredes da sala de jantar ou do salão vermelho. Na sala de fumo também não, mas aí não havia em todo o caso

praticamente espaço nenhum nas paredes, devido às altas estantes de livros. E muito menos no vestíbulo de entrada. Que diriam as visitas? Na verdade, ele prometera comprar três dos quadros e estava disposto a cumprir a sua palavra. Mas nem mais um! Além do mais, não lhe agradava que Marie estivesse constantemente na Frauentorstrasse. Tanto mais que agora também levava para lá as crianças.

– Tanto quanto fiquei a saber entretanto pela sua mãe, o senhor Von Klippstein tinha a intenção de ir buscar as crianças à Frauentorstrasse. Esta notícia tranquilizou-me muito, pois fiquei desde logo preocupada por não saber como os dois poderiam regressar a casa. Infelizmente, proibiram-me de os ir buscar.

O nome «Von Klippstein» enterrou um pouquinho mais a faca em Paul. Durante os últimos meses, o seu amigo Ernst revelara-se um sovina obstinado. Céus, haviam discutido tanto sobre os investimentos no departamento de impressão. Sobre as horas extraordinárias. Os salários. Por fim, ele, Paul Melzer, conseguira fazer valer a sua razão, já que angariavam encomendas, afugentavam a concorrência. Porque ofereciam qualidade a bom preço. Mas Ernst, aquele picuinhas, temia terrivelmente pelo seu dinheiro. Paul estava entretanto firmemente determinado a comprar o mais depressa possível a quota do seu sócio e separar-se dele. Como é evidente, oferecer-lhe ia um valor adequado. Afinal de contas, não era um vigarista.

Mas havia mais outra coisa que o incomodava no seu velho amigo Ernst. A forma que tinha de se imiscuir na vida familiar dos Melzers. Algo que era causado em grande parte pela mãe. Mas Marie mostrava-se demasiado recetiva a este respeito. Deixava que o fosse buscar de automóvel ao ateliê. Levá-la à Frauentorstrasse.

Teria entendido bem? Ontem, Ernst teria ido buscar Marie e as crianças. Provavelmente também as teria levado lá e depois lanchado com as senhoras, enquanto Leo recebia uma aula de piano na sala ao lado. Não era o tipo de comportamento adequado entre velhos amigos. Meu Deus do céu, era verdade que Klippstein tivera uma sorte maldita na vida. Mas isso não lhe dava o direito de se transformar sorrateiramente num terceiro elemento do seu casamento. Na verdade, também Marie deveria compreender isso. Sobretudo Marie. Era fácil desculpar a mãe pelo seu cuidado maternal.

– Bom, agora que lhe pude confiar as minhas preocupações tão abertamente, caro senhor Melzer, sinto-me aliviada. Compreenda-me, tive mesmo de o fazer. Não me era tolerável esconder-lhe segredos ou até ter de lhe mentir. Preferiria despedir-me da minha função, apesar de estar extremamente afeiçoada às crianças.

Ele assegurou-lhe novamente que agira corretamente, que lhe estava grato pela confiança, que aquela conversa ficaria só entre eles. Ela sorriu, aliviada, levantou-se do cadeirão e desejou-lhe um dia agradável, dizendo ainda que Deus o abençoasse.

Paul agradeceu e ficou aliviado quando a viu novamente do lado de fora.

– Traga-me um café, menina Lüders. – Era-lhe difícil concentrar-se agora no trabalho, ponderar decisões importantes, estimar custos de produção. Assomavam-lhe permanentemente à cabeça pensamentos que o distraíam e que só com muita dificuldade ia reprimindo. Marie. Ele amava-a. Mas tinha a sensação de que ela lhe estava a escapar. Que se transformava noutra pessoa. Que o abandonava e fugia dele. Também Leo parecia estar a distanciar-se dele. Já por várias vezes Paul trouxera o rapaz consigo para a fábrica, deambulava com ele pelos pavilhões, explicara-lhe as máquinas. Mas Leo tapava

constantemente os ouvidos com as mãos porque, dizia ele, não aguentava o barulho. Só quando se sentaram a uma mesa na sala de refeições e Paul comprou uma refeição para ambos – isso ele já apreciara. Sobretudo, porque os trabalhadores esticavam o pescoço para os ver. O senhor diretor comia sempre na Vila dos Tecidos e agora estava ali sentado com eles. Com o rapaz de oito anos que um dia mais tarde se tornaria no jovem diretor. Nesse momento, Paul reparara que o filho olhava com grande interesse para as jovens operárias. Com oito anos! Inacreditável. Ele próprio, nessa idade, era apenas uma criança inocente.

Mais tarde, quando se deslocou à Vila dos Tecidos para almoçar, recordou como, antigamente, o pai conseguira entusiasmar-lo a ele, Paul, com a fábrica. Não houvera visitas guiadas na infância, Paul só conhecera os pavilhões e o edifício da administração quando já era estudante e foi conduzido por todos os departamentos. Nessa altura, não lhe fora permitido ficar a assistir, tivera antes de trabalhar também. Fizera-o com entusiasmo, ficara orgulhoso, imaginou que, como filho do diretor, sabia e podia mais do que os outros. Mas enganara-se: uma vez, o pai até o repreendera – à frente de todos os outros. Fora duro, seguira-se um longo período de silêncio entre pai e filho. Mas, ainda assim, fora sempre seu objetivo e intenção de um dia vir a dar continuidade à obra do pai. Se calhar por o pai ter tornado tudo tão difícil? Porque teve de lutar por isso? Seria isso? Será que o melhor era deixar Leo em paz e observar o seu desenvolvimento de longe? Talvez. Mas tinha de garantir cuidadosamente que o rapaz não se desviava por caminhos errados. Não via utilidade em ter um sucessor músico.

Sentiu-se incomodado com o escaldante calor de agosto, também a viagem até à Vila dos Tecidos no automóvel sem a capota contribuiu pouco para que arrefecesse. Ascendiam nuvens de pó das estradas empedradas e dos

caminhos dos prados, pelo que puxou a boina bem fundo sobre a testa, embora continuasse com a sensação de estar a inalar pó e sujidade da estrada. Só se sentiu melhor ao entrar no vestíbulo de entrada aprazivelmente fresco da Vila dos Tecidos.

Gertie veio ao seu encontro e ficou-lhe com a roupa.

– Já preparei tudo lá em cima, senhor Melzer. Mas que calor! Uma pessoa mal consegue respirar.

– Obrigado, Gertie. A minha mãe ainda está lá em cima no quarto?

Naquela manhã, a mãe estava novamente com aquelas violentas dores de cabeça.

– Não, senhor Melzer. Já se sente melhor. Penso que está no escritório ao telefone.

Era uma boa notícia. Subiu as escadas depressa, com a ideia de ainda tomar um banho rápido antes do almoço e vestir a roupa fresca que Gertie lhe deixava sempre preparada à hora do almoço. Uma bênção quando vinha da fábrica todo suado e cheio de pó. Quando saiu da casa de banho, lavado e vestido, sentiu-se como novo. Era preciso tão pouco para fazer desaparecer o mau humor. De repente, os problemas que ainda antes o atormentavam tanto pareceram-lhe muito pouco importantes. Porque estava ele irritado? Os assuntos da fábrica corriam de forma promissora, tinha uma mulher amorosa e dois filhos saudáveis, a mãe sentia-se de novo melhor e, ainda por cima, chegava-lhe agora ao nariz o aroma de almôndegas de fígado e *spätzle*¹⁰ de queijo com cebolas caramelizadas. Não, não tinha motivo para se queixar. Todas as famílias tinham problemas, era preciso apenas enfrentá-los e resolvê-los.

Na sala de jantar, Julius debatia-se com um grande ramo de flores que, tal era o volume, pouco espaço tinha em cima do aparador. Um arranjo enorme de flores brancas e algumas vermelhas, na sua maioria rosas, tanto quanto ele sabia.

– De onde vem essa monstruosidade, Julius?

– Foi entregue para a patroa, senhor Melzer.

– Para a minha mãe?

– Não, senhor Melzer. Para a sua esposa.

– Ah, sim? – Quem enviava a Marie um ramo tão exuberante? Esperou até que Julius saísse da sala e depois fez algo que ele próprio considerou pouco digno. Mas o ciúme tomara conta dele e, quando leu o pequeno cartão decorado com florezinhas, esse fel inflamou-se dentro de si com toda a força.

Com a mais profunda admiração e gratidão.

O seu Ernst von Klippstein

Conseguira por um triz voltar a enfiar o cartão no envelope e colocá-lo entre as flores quando Serafina entrou com as crianças.

– Compraste flores para a mamã? – perguntou Dodo, olhando para ele radiante.

– Não, Dodo. Foi um conhecido que lhas enviou.

Irritou-se com o semblante desapontado de Dodo e teve de pigarrear, pois voltou de repente a sentir o pó da estrada na garganta. Serafina contornou a situação, dando às crianças a indicação de se sentarem em frente das respetivas cadeiras enquanto esperavam pela avó. As crianças só se podiam sentar à mesa quando os adultos dessem autorização. Alicia apareceu alguns minutos depois. Estava muito serena, sorriu para todos, sentou-se no seu

lugar e abençoou a refeição antes de comerem. Pediu então a Julius que servisse a sopa.

– E então a Marie? – quis saber Paul.

O olhar com que a mãe o presenteou era carregado de sentido. Oh, que desgraça, pensou ele, sentindo uma certa impotência diante das disputas familiares que pareciam não querer chegar ao fim.

– A tua mulher telefonou há pouco. Pede desculpa, mas tem uma cliente difícil. Já só vai conseguir chegar lá para a tarde.

Quando a mãe dizia «a tua mulher» e não «Marie», o caso era sério. Também as crianças compreendiam este tipo de sinais, seriam talvez até mais sensíveis a isso do que ele.

– A mamã prometeu levar-me ao aeródromo – observou Dodo.

A precetora declarou-lhe, com simpática determinação, que naquele dia estava demasiado calor e poeirento para tais passeios.

– Que queres tu ver no aeródromo, Dodo? – perguntou Paul, agastado.

As paixões dos seus filhos deixavam-no transtornado. Dodo era uma menina, devia brincar com bonecas. Não lhe haviam oferecido no Natal uma lindíssima cozinha de brincar, com um fogão onde podia cozinhar a sério?

– Ver os aviões. Mesmo de perto.

Seja como for, parecia haver ali um interesse pelas tecnologias modernas. Que pena ser Dodo.

– E tu, Leo? Também queres ver aviões?

Leo mastigava energicamente um pedaço de almôndega de fígado e engoliu-o. Depois abanou a cabeça.

– Não, papá. Não gosto do ruído. Só se ouve trepidar e são só solavancos.

Naquele dia, a mãe estava a contribuir pouco para a conversa, parecia ocupada com os seus próprios pensamentos. Em contrapartida, Serafina, que costumava ficar calada, fazia por descontraír um pouco o ambiente. Encorajou Dodo a declamar um poema novo que aprendera, em que a primavera esvoaçava com uma fita azul. Leo pôde contar alguma coisa sobre o bairro Fuggerei, que visitara na semana passada com a escola. Paul ouviu pacientemente as apresentações, elogiou, complementou, trocou olhares alegres com Serafina, que claramente estava contente com a sua atenção. Depois da sobremesa, Alicia deu autorização às crianças para se levantarem da mesa, também a precetora saiu da sala de jantar. Paul ficou sozinho com a mãe.

– Apetece-te um moca, mamã?

– Obrigada, Paul. Mas a minha tensão arterial está nos píncaros. – Ele impôs-se a si mesmo uma descontração serena, serviu-se de uma chaveninha de moca, adicionou açúcar e mexeu.

– Estava ainda agora a conversar com a senhora Wiesler.

Ah. A velha bisbilhoteira viera novamente abrir uma caixa de Pandora. De certeza que em casa tinha um armário todo cheio delas.

– Mamã, sê breve, por favor. Sabes que tenho de voltar para a fábrica.

Fora uma observação pouco sensata, pois ela fez-lhe então notar que ele era exatamente como o pai. Nunca tinha tempo para a família, tudo girava sempre em torno da fábrica.

– Por favor, mamã. Diz-me então o que tanto te aflige. – Ela inspirou fundo e olhou um momento para o aparador onde estava o fatal ramo de flores.

– A senhora Wiesler informou-me de que, no outono, o Grémio das Artes está a planear fazer uma exposição pública com os quadros da Luise Hofgartner. Uma retrospectiva. Será a própria senhora Wiesler a proferir o elogio, já adquiriu material vindo de França para esse efeito.

A mãe parou, já que ficou com falta de ar. Tinha as faces vermelhas, nalguns pontos estavam até vermelho-escuras, o que Paul interpretou como um mau sinal no que respeitava ao seu estado de saúde. Deus senhor, mas que notícia aquela. Não era de admirar que a mamã estivesse tão agitada.

– Espero que lhe tenhas dito que somos rigorosamente contra a ideia de se exhibir estes... quadros.

– Mas é claro que sim. – Alicia lançou a cabeça um nadinha para trás e soltou uma curta gargalhada histérica. – Mas a mulher é tão casmurra que até disse que não haveria motivo para isso. Que Luise Hofgartner viveu e trabalhou aqui em Augsburg, que até teria sido possível descobrir outras obras suas. Que a cidade podia estar orgulhosa por ter albergado nas suas hostes uma artista tão invulgar.

Mas que grande disparate! E tudo por causa daqueles quadros horrorosos. Uma artista! Paul considerava que aquela mulher – com todo o respeito por Marie – fora uma tresloucada.

– Não te irrites, mamã. Vou tratar deste assunto. Afinal de contas, nós, os Melzers, ainda temos alguma influência em Augsburg.

Alicia assentiu e pareceu algo aliviada. Sem dúvida, estava a contar com ele, não podiam deixar que se atropelasse a Vila dos Tecidos assim tão facilmente. Já para não mencionar a memória do pai, que seria seguramente arrastada na lama com aquela história.

– Há por todo o lado inveja e ressentimento, também aqui em Augsburg. Tenho a certeza de que haveria por aí todo o tipo de mexericos disparatados. Sobretudo no que diz respeito à relação do teu pai com esta mulher.

– A Marie tomou conhecimento disto? – quis ele saber.

– Penso que sim. Pelo menos a Kitty está toda empolgada. E já sabes que as duas estão sempre em conluio.

Paul levantou-se e, agitado, andou de um lado para o outro na sala, as mãos enfiadas nos bolsos das calças. Seria possível que Marie tivesse tido conhecimento daquela exposição o tempo todo? Que, possivelmente, tivesse sido iniciativa dela? Não, não queria acreditar nisso. De certeza que teria sido Kitty.

– Vou falar com a Kitty, mamã.

– Não vais ter de falar apenas com a Kitty, Paul. – Ele também sabia isso. Teria sobretudo de conversar com Marie sobre o assunto. Muito cuidadosamente, é claro. Não queria magoá-la. Mas ela teria de perceber que...

– A Kitty é proprietária apenas de uma pequena parte dos quadros. A maior parte pertence ao Ernst von Klippstein.

– O quê?

Paul interrompeu o seu infundável vaivém e olhou para a mãe, horrorizado. Teria ouvido bem? Ernst financiara aquela funesta compra dos quadros? Mal conseguia acreditar. Na fábrica, agarrava-se avaramente a cada *pfennig* e agora gastava o dinheiro dele em tamanho disparate. Porquê? Entretanto, era evidente. Queria impressionar Marie. A verdade vinha, por fim, à tona: o seu

corretíssimo amigo Ernst andava atrás da sua mulher. E que fazia Marie? Punha-o por acaso no devido lugar?

Fitou o enorme ramo de flores, cujo aroma adocicado conseguia entretanto suplantar até o odor intenso do moca. *Com a mais profunda admiração e gratidão*, dizia o cartão.

– Vou dar instruções ao Julius para que coloque as flores no terraço – disse a mamã, que lhe seguira o olhar. – Estou a ficar com dores de cabeça com este cheiro!

Saberia ela quem enviara as flores? Era provável. A mãe também era curiosa, algo que, no entanto, nunca admitiria.

– Vemo-nos hoje à noite – disse ele, beijando-a na testa. Ela apertou-lhe a mão por um breve instante e fechou os olhos.

– Oh, Paul. Oh, lamento tanto por ti.

Não estava a ser um dia bom, isso já ele percebera. E o infortúnio que pairava já em cima da Vila dos Tecidos como uma nuvem escura prosseguia o seu curso nefasto. Paul estava irritado e zangado, sentia-se vergonhosamente traído por uma pessoa que em tempos considerara o seu melhor amigo. Na maior parte das vezes, no entanto, era a evidente cumplicidade de Marie que o fazia perder a compostura. Ela estava feita com Ernst, isso era claro como água. Ela planeara secretamente aquela exposição com Kitty e Ernst, nas costas do marido, sem pensar no mal que lhe fazia, a ele e à família.

Precipitou-se para o vestíbulo, arrancou a boina do cabide, sem atentar a Gertie, que ia a passar. Ele já tinha as chaves do carro no bolso do casaco quando se abriu a porta da rua. Marie entrou no vestíbulo.

– Oh, Paul – disse-lhe ela, vindo ao seu encontro. – Lamento tanto ter ficado retida.

Como era bonita quando caminhava assim para ele, sem fôlego. Sorria e os seus olhos pediam-lhe perdão. Um pouco travessos, mas ainda assim também ternos.

Paul não estava com disposição para se deixar levar por esse tipo de sensações.

– Mas que bom que ainda sabes o caminho até casa! Fiquei entretanto a saber das vossas maquinações.

Assustada, Marie ficou parada. Olhou-o com os seus grandes olhos escuros. Aqueles olhos que ele tanto amava. Que tanto sabiam mentir.

– De que estás tu a falar? Que *maquinações*?

– Sabes muito bem. Mas juro-te que vou impedir a exposição. Essas obras de segunda deviam ser queimadas, em vez de serem exibidas.

Viu como os traços do rosto dela petrificaram. Ela a olhar para ele como quem não acredita que era mesmo ele a proferir aquelas palavras. Sentiu vergonha de si mesmo, mas, ainda assim, um demónio instigou-o a enterrar ainda mais a faca.

– Podes dizer ao teu amante e cavaleiro das flores que não o voltarei a receber em minha casa. De tudo o resto trato eu pessoalmente com ele.

A fúria que ainda antes o dominava desmoronou-se. Teve uma vaga consciência de que dissera coisas que não podiam ser remediadas. Passou por ela, dirigiu-se para a porta e não ousou encará-la de frente, limitou-se a puxar a boina para a testa e descer a escada a correr.

[10](#) Pequenos pedaços de massa de ovos cozida, servidos como acompanhamento. (*N. da T.*)

Marie sentiu uma dor. Conhecía aquela sensação, aquele algo indefinido quente e aflitivo que lhe nascia no estômago e lhe subia pela garganta, espalhando-se então pelo corpo todo. Sentira-o muitas vezes em criança, quando se sentira desamparada e tratada com injustiça. Sentira-o igualmente ao saber que Paul fora feito prisioneiro de guerra na Rússia e receara nunca mais o voltar a ver.

Eram apenas palavras, pensou ela. Não podia dar-lhes tanta importância. Ele estava agitado. Aquela ideia insensata da exposição.

Mas a dor continuava a arder no seu interior, tornava-se aliás ainda mais violenta e fazia menção de a preencher inteiramente. Nunca antes a sentira com tanta intensidade.

Que dissera ele? Que os quadros deviam ser queimados? Como podia dizer tal coisa? Não sabia ele que as palavras tinham o poder de abrir feridas? As palavras podem matar. Quão grande tem de ser um amor para resistir a tais palavras?

– Mamã!

Teve subitamente consciência de que ainda estava no vestíbulo, exatamente no mesmo sítio onde ele lhe disparara tais palavras contra ela. Saíra a correr e deixara-a ali plantada. Paul, o homem que ela amava.

– Mamã!

Dodo vinha a correr pelas escadas abaixo, os dedos manchados de tinta, também o colarinho branco ostentava uma mancha azul-escura.

– Mamã, tu prometeste levar-me hoje ao aeródromo.

A menina parou à sua frente, sem fôlego, os olhos postos nela, expectantes.

– Hoje. Acho que hoje está demasiado calor para um passeio desses, Dodo.

Um profundo desapontamento espalhou-se nos traços do rosto da filha, estava prestes a desfazer-se em lágrimas. Oh, ela sabia quanto tempo Dodo lutara por obter aquela promessa, quantas vezes havia implorado e suplicado. Partia-lhe o coração desiludir assim a criança.

– Mas tu prometeste!

Faltou pouco para começar a bater com o pé no chão. Marie vacilou. É certo que estava magoada, sentia-se miseravelmente e tinha a necessidade premente de estar sozinha. Mas porque haveria Dodo de sofrer com isso?

– Deixa a mamã em paz! – Leo viera também ter com ela, agarrou na irmã pelo braço e tentou afastá-la.

Dodo defendeu-se.

– Porquê? Larga-me.

Marie tinha uma audição apurada, compreendia até palavras sussurradas. E Leo sussurrou bastante alto.

– O papá tratou-a muito mal.

– Ora essa. Ele está sempre só a resmungar.

– Hoje foi mesmo mau.

– E depois?

Como é evidente, eles haviam escutado. Paul falara aliás suficientemente alto. Não sabia que os ruídos se ouviam até no segundo andar? É claro que sabia, afinal de contas, crescera ali. Marie tomava agora consciência de que seguramente também o pessoal na cozinha ouvira tudo. Sem dúvida também a sogra. E também a...

– Venham agora os dois já imediatamente comigo lá para cima, ainda não acabaram os trabalhos de casa.

Serafina von Dobern parou no cimo das escadas e Marie acreditou ler nos seus traços uma expressão de grande satisfação. Era possível que fosse só imaginação sua. A precetora tratava-a sempre corretamente, apesar de saber muito bem que Marie não concordava com os seus métodos educativos e que até exigira o seu despedimento. Era evidente que Serafina von Dobern a encarava como sua inimiga, daí que as ofensas de Paul a tenham deixado muito especialmente satisfeita.

– Deixe os dois aqui, senhora Von Dobern, vou já sair com eles, vamos à cidade.

A figura excessivamente magra de Serafina ficou hirta, ela ergueu o queixo e olhou para Marie lá de cima pelas lentes dos óculos.

– Lamento muito, senhora Melzer. Mas não o posso permitir. A Dodo tem um trabalho de castigo para fazer e o Leo tem de recuperar os trabalhos que deixou ontem por acabar. Além do mais, é desejo da sua sogra que as crianças tenham uma rotina diária regular, para que ganhem hábitos de organização e autodisciplina!

Falou em voz baixa, mas determinada, sob a sua superfície mansa Marie sentiu a autoconfiança de uma pessoa que exercia o seu poder. O patrão humilhara a mulher e agora ela acreditava ter o direito de a contestar. A sua palavra valeria ainda alguma coisa naquela casa? Ou seria que, a partir daquele momento, pretendiam repreendê-la como uma empregada? Sentiu o corpo todo a tremer.

– Dou-lhe mais meia hora, deverá ser suficiente! – retorquiu ela a Serafina com um grande esforço de autodomínio.

Tirou o chapéu e atirou-o para cima de uma cómoda, fez um sinal encorajador a Dodo e Leo e cruzou-se a passo célere com a precetora, subindo ao primeiro andar. Avançou apressadamente ao longo do corredor e, com o que restava das suas forças, alcançou o escritório. Deixou-se aí cair no sofá, com dificuldade em respirar, e fechou os olhos.

Que se passa comigo?, pensou, infeliz. Não é propriamente a primeira vez que eu e o Paul discutimos. Entretanto já há muito que se terá arrependido das suas palavras. Hoje à noite vai pedir-me desculpa.

Mas a dor era tão funda que se sentia como que paralisada. Fora ultrapassado um limite. Hoje, Paul mostrara-lhe a que ponto desprezava as suas origens. Ele, Paul Melzer, levantara do chão a órfã Marie, dera provas da sua infinita bondade ao fazer dela sua mulher. Em contrapartida, ela deveria submeter-se obedientemente. Ela teria de renunciar às suas origens, à obra da mãe, que ele apelidara de «medonha» e que, na sua opinião, deveria ser queimada.

Não compreendera ele que a sua mãe era uma parte dela? O que quer que Luise Hofgartner tivesse feito na sua curta vida, Marie amá-la-ia acima de tudo. Os seus quadros, que tanto diziam sobre ela, eram para Marie uma preciosidade, uma mensagem da sua mãe para lá da morte. Como poderia ela tolerar que Paul falasse tão desdenhosamente daquelas obras?

Com amargura, lembrou-se de que fora o pai de Paul o responsável pela morte precoce de Luise Hofgartner. Mais ainda: Johann Melzer enganara também o seu pai e ficado com o que era dele, utilizara as construções geniais do seu sócio e Jakob Burkard fora enganado e privado da sua quota-parte da fábrica. Ela, Marie, tivera a grandeza de perdoar esta culpa aos Melzers.

Perdoara-lhes, porque amava Paul e porque estava firmemente convicta de que o seu amor seria mais forte do que as sombras do passado.

Soltou um gemido e endireitou-se no sofá. Aquela pequena sala era muito acanhada e abafada. Estava atafalhada de armários e estantes com dossiês. De lembranças. Mal se conseguia respirar ali. Levou as mãos ao rosto e sentiu o calor das suas faces. Não, não podia permitir que estas sombras lhe destruíssem a vida. Também não deveriam tocar em Paul. Contudo, antes de qualquer outra coisa, tinha de proteger as crianças destes tenebrosos fantasmas.

Tinha de se recompor. Recuperar a serenidade. Não se deixar dominar pela fúria, mas sim pelo amor.

Pôs-se de pé e puxou o telefone para si. Levantou o auscultador e esperou pela operadora. Indicou o número de Kitty.

– Marie? Estás mesmo cheia de sorte, estava mesmo a sair de casa. Já ouviste dizer? A senhora Wiesler encontrou um currículo da tua mãe. No legado do Samuel d’Oré, imagina tu.

Que notícia aquela. Numa situação normal, Marie quase teria morrido de excitação. Mas agora ouvia apenas distraída o que Kitty tagarelava do outro lado.

– Kitty, por favor. Eu não estou bem. Podes passar por aqui e levar os miúdos ao aeródromo da Haunstetter Strasse? A Dodo queria sem falta ver os aviões.

Do outro lado da linha, fez-se uma pausa de surpresa.

– O quêêê? Com este calor? Ir àquele aeródromo imundo? Onde de qualquer modo não se faz nada porque estão todos tesos? Eu estava mesmo a

sair para um pequeno encontro com três colegas na pastelaria Zeiler.

– Por favor, Kitty.

Soou tão séria e suplicante que Kitty ficou completamente confusa.

– Mas eu... Isso é... Deus do céu, estás mesmo muito mal, Marie? Que tens? Uma gripe de verão? Sarampo? Imagina, há um surto na Escola Santa Ana.

Marie viu-se obrigada a interromper de novo a verborreia de Kitty. Foi preciso um grande esforço, porque se sentia tão doente.

– Tenho de refletir, Kitty. Sozinha. Por favor, compreende.

– Refletir?

Marie estava a imaginar Kitty a passar a mão pelo cabelo atrás da orelha e os seus olhos a andar à roda enquanto tentava compreender a situação. E encontrou imediatamente a pista certa.

– O Paulinho portou-se mal?

– Falamos mais tarde sobre o assunto. Por favor.

– Daqui a dez minutos estou aí. Espera, não. Ainda tenho de pôr gasolina. Vinte minutos. Se o carrinho se portar bem. Aguentas tanto tempo?

– É só por causa das crianças, Kitty.

– O aeródromo? Tem mesmo de ser? Não podíamos ir todos juntos à pastelaria comer bolos? Pronto, tudo bem, então não. Faço-me já à estrada. Henny! Onde te enfiaste outra vez? Henny, vamos ao aeródromo.

– Agradeço-te, Kitty.

Pousou o auscultador preto no gancho e sentiu-se algo aliviada. Conseguia agora o espaço de manobra de que precisava. Tinha de clarificar as ideias.

Encontrar um caminho para ser verdadeira e, ainda assim, conservar o seu amor. Uma pessoa não podia viver de outra forma.

Quando fazia tenção de sair do escritório, o telefone da secretária tocou. Marie encolheu-se com o sobressalto. Por momentos, sentiu-se tentada a levantar o auscultador, mas não o fez. Ao invés, saiu a correr, atravessou o corredor que conduzia até às escadas e estava prestes a tapar os ouvidos para não ter de ouvir o persistente toque do telefone. Gertie e Else estavam lá em baixo, paradas no vestíbulo. Quando Marie apareceu assim de repente, separaram-se como conspiradores apanhados em flagrante.

– A senhora Brunnenmayer manda perguntar se deve manter quente o almoço.

Na voz de Gertie, Marie ouviu uma solidariedade contida, Else recuou alguns passos e fingiu estar ocupada com o espanador.

– Obrigada, Gertie. Diz à senhora Brunnenmayer que não preciso de almoço.

– Muito bem, senhora Melzer.

– Daqui a cerca de vinte minutos, a senhora Bräuer vem buscar os meninos. Diz à senhora Von Dobern que foi combinado comigo.

Gertie assentiu, obediente. Já devia estar a prever problemas para si, a precetora já por diversas vezes se queixara a Alicia da alegada impertinência da ajudante de cozinha.

– Traz-me o meu chapéu.

Não fazia ideia de para onde devia ir, sabia apenas que não havia ali na Vila dos Tecidos nenhum lugar onde pudesse encontrar sossego. Naquela casa respirava-se a supremacia dos Melzers, a arrogância daquela dinastia que

acreditava valer mais do que os outros. Como é que sequer chegavam a tal conclusão, pretensiosos magnatas dos têxteis? Em que se baseavam todas as suas posses? A sua influência? Na verdade, essencialmente nas invenções geniais do seu pai. Sem Jakob Burkard, a fábrica de tecidos Melzer não existiria.

Pôs o chapéu, passou rapidamente os olhos pelo espelho e constatou que estava muito pálida. Os tremores nos membros também haviam regressado. Não lhes deu importância. Quando Gertie lhe abriu a porta da rua, o sol da tarde penetrou no vestíbulo e desenhou um cintilante retângulo alongado no chão de mármore. Ela entrou na luz, pestanejou, desceu apressadamente os degraus e sentiu o calor do verão a tirar-lhe o ar. O caminho até ao portão do jardim estava poeirento, os carros e as carroças haviam talhado dois regos no caminho de cascalho, que depois haviam sido preenchidos com água da chuva. Agora estavam secos e cheios de areia e sujidade. Antigamente, o jardineiro cuidava da conservação do caminho, mas desde que Gustav Bliefert só esporadicamente trabalhava na Vila dos Tecidos, o jardim e os caminhos degradavam-se a olhos vistos.

Que me importa isso, pensou Marie. A minha sogra e o meu marido são quem manda na Vila e no jardim – a ela ninguém pediu qualquer opinião. Caminhou pelos relvados para de modo nenhum se cruzar com Kitty e por vias travessas alcançou o portão do jardim. Maldosamente, a sua mente trouxe-lhe uma recordação vinda das profundezas da sua memória. Ela estivera precisamente ali no dia em que vislumbrou uma figura no nevoeiro, da qual, de início, tivera medo. Mas depois reconhecera Paul. Regressava da guerra, na altura nem conseguia acreditar na sua sorte.

Varreu esta recordação para fora dos seus pensamentos e atravessou a estrada, escolheu um dos trilhos que atravessavam o prado e que, entre cocheiras, edifícios abandonados e novas fábricas, conduziam até à cidade. Sentia-se entretanto melhor, a respiração normalizou-se, os tremores quase haviam desaparecido. Devia ser porque saíra dos domínios da Vila dos Tecidos.

Já terei chegado a esse ponto?, questionou-se, assustada. Não, não, vou encontrar uma solução. Vamos chegar a acordo. Desde logo para o bem das crianças.

Ratinhos cinzentos esgueiravam-se diante dos seus pés pelo caminho fora. No céu, dois açores voavam em círculos, ouviam-se os seus chamamentos estridentes e arrastados. Passou junto à fábrica de gás, olhou espantada para os recipientes redondos e salientes da terra e passou pela fiação de algodão junto ao canal Fichtelbach. Em todo o lado, laborava-se e construía-se – o *rentenmark* resistira, ganhava-se novamente confiança na economia. Que estranho que, logo agora que podiam encarar o futuro com esperança, a sua sorte pessoal parecesse estar a desmoronar-se.

Os ribeiros levavam pouca água; por duas vezes, ousou atravessar um pequeno curso de água saltando de pedra em pedra. Não lhe contara Paul que, quando era um rapazinho, costumava pescar aqui com os amigos? Mas tal liberdade não concedia ele ao próprio filho. Subiu Milchberg, deambulou na sombra das pequenas casas do centro antigo, para escapar ao sol incandescente. Conhecia bem os telhados baixos e o estuque a descascar, conservava também os odores da cidade antiga desde a infância. Continuava a cheirar a humidade e a bolor, a entradas escuras e também a urina. Havia cães a passear por ali, também se viam gatos vadios sentados junto às janelas das

caves, à caça de ratazanas e ratinhos. Ali não mudara grande coisa desde o seu tempo de criança, apenas algumas casas estavam em melhor estado. Entre estas estavam os dois edifícios que Maria Jordan adquirira. Um tinha uma grande montra, à frente da qual estava instalada uma mesa baixa com todo o tipo de produtos expostos: uma mistura colorida de fruta, verduras, caixas de madeira pintadas com cores vivas, jarras, colheres de lata e colares de pérolas falsas. Ao passar, viu o jovem empregado de orelhas salientes, que servia zelosamente uma cliente. Marie pensou que, na verdade, a situação de Maria Jordan era invejável. Atacara no momento certo e construíra a sua própria existência. Como era solteira, podia gerir os negócios por conta própria e não precisava de pedir a assinatura de ninguém.

Com efeito, Maria Jordan não era realmente uma pessoa amável, mas era uma pessoa extremamente capaz.

Avançou mais duas ruelas, chegando então ao lugar para onde orientara os seus passos, mais inconscientemente do que com uma clara intenção. O telhado da casa fora renovado, de resto nada mudara. Em baixo estava ainda afixada a placa de madeira pintada a dizer «Zum grünen Baum», numa das vidraças sujas refletia-se um raio de sol que encontrara caminho através de uma fresta entre as casas. Marie permaneceu encostada a uma parede da casa, a observar o edifício. Ela viera ao mundo lá em cima, ali pudera passar os dois primeiros anos de vida com a mãe. Luise Hofgartner lutara, sobrevivera com pequenos trabalhos, contraíra dívidas, talvez até tivesse passado fome – mas não quisera vender os planos de construção que Jakob Burkard lhe deixara ao homem que lhe roubara a sua quota-parte da fábrica. Como fora teimosa! Tão dura consigo mesma. Uma mulher que se queria impor. Mesmo correndo o risco de a filha pequena sofrer com isso.

O coração de Marie batia ruidosamente e inquieto, as pernas tremiam, receou subitamente perder os sentidos ali naquela ruela. Ou pior. Lembrou-se com pavor da noite no orfanato em que acordou na cama cheia de sangue e em que só passado algum tempo percebeu que todo aquele sangue estava a sair de dentro dela. Uma hemorragia. Na altura, sobrevivera por um triz.

Não, pensou, inspirando e expirando fundo, para sossegar o estapafúrdio batimento do coração. Nunca levaria os seus filhos a crescer sem mãe. Preferiria... Sim, o quê? Negar-se a si mesma? Conseguiria tal coisa? Era isso que queria ser para os seus filhos? Uma mulher que se sacrificava. Que renunciava, que colocava a imaculada felicidade familiar acima do seu próprio bem-estar. Havia toda uma série de romances e histórias que pretendiam tornar apelativo para as raparigas este nobre destino da mulher. Alguns desses livros existiam numa estante do orfanato, a biblioteca da Vila dos Tecidos também continha alguns romances desse tipo. De certeza que Luise Hofgartner se teria rido de tal coisa.

Afastou-se da parede da casa e constatou que conseguia prosseguir sem dificuldade. Se calhar, imaginara apenas o bater do coração e os tremores dos membros, mas agora que se estava a mexer sentia-se bem. Virou a caminho da Hallstrasse e daí seguiu na direção da estação de comboios. No lugar onde os comboios passavam com estertor e as locomotivas apitavam, jaziam os mortos, no seu último repouso, no cemitério de Hermanfriedhof.

Estou louca, pensou. Porque quero ir ali?

Os milagres só acontecem uma vez e o padre Leutwien, que na altura me consolou e me acolheu sob o seu teto, já há muito se reformou.

Ainda assim, os seus passos levaram-na àquele lugar, havia alguma coisa a atraí-la para ali, como magia. Não era o faustoso jazigo da família Melzer,

como também não era o último repouso do pobre Edgar Bräuer, que morrera pela sua própria mão após o colapso do seu banco. Era a pequena pedra tumular encostada ao muro do cemitério, meio coberta de ervas crescidas. Nela estava escrito o nome da mãe. Luise Hofgartner. De tempos a tempos, Marie colocava um ramo de flores ao lado da pedra, mas agora, com aquele tempo quente de verão, havia ali apenas uma coroa de heras, já que as flores murchavam num instante.

Àquela hora, o cemitério estava deserto. Duas mulheres vestidas de preto movimentavam-se entre as fileiras de sepulturas, plantavam marias-sem-vergonha e regavam-nas, junto à igreja estavam três crianças sentadas no chão, brincando e cochichando. Marie sentou-se na relva e tocou levemente na pequena pedra tumular, afagou-lhe ternamente as arestas, acompanhou as inscrições com o dedo indicador.

Que devo fazer?, pensou. Dá-me um conselho. Diz-me o que farias se estivesses no meu lugar.

O sol descia sobre ela, ardente, no espaço sem vento junto ao muro o calor era ainda mais insuportável do que lá fora, nos caminhos. Nem os pássaros chilreavam, apenas algumas formigas castanhas arrastavam diligentemente as suas crisálidas brancas pela relva fora.

Marie compreendeu que ninguém lhe podia dar conselhos, nem mesmo a mãe, quanto ao que deveria fazer. Recordou as acusações de Paul e refletiu sobre aquilo com que ele a confrontou. Veio-lhe de novo à mente a palavra «maquinações». Meu Deus, ele acreditava mesmo que ela teria planeado aquela exposição com Kitty. Nas suas costas. Como era possível?

E que quisera ele dizer com «amante e cavaleiro das flores»? Só agora lhe ocorria novamente aquela frase, a que mal dera atenção, tal fora a indignação

diante do desprezo demonstrado pela sua mãe. Teria sido irónico? Ele não podia realmente acreditar que ela teria um amante. Ou será que acredita? Estaria a falar de Klippi? Era verdade que volta e meia ele lhe enviava flores, mas também as enviava a Kitty, e Tilly também recebera na Páscoa um ramo dele. Mas Paul saberia seguramente que Ernst von Klippstein nunca ousaria chegar-se perto dela!

Esgotada, Marie procurou um lugar à sombra e encontrou-o sob uma velha faia. Um esquilo passou a correr pelo tronco acima e desapareceu por entre os ramos, onde se pôs a resmungar e a sussurrar, teria possivelmente encontrado lá em cima um concorrente.

Tirou o chapéu e usou-o como leque. Entretanto, Paul já teria de certeza ouvido a voz da razão. Ainda assim, ela abordaria as acusações, explicando-lhe que, até ao dia anterior, ela nada soubera dos planos de Kitty. Que Ernst von Klippstein se comportara sempre como um cavalheiro. Que os quadros da sua mãe, para ela, eram tudo menos «medonhos».

Encostou a nuca ao tronco liso da faia e olhou para cima, para as ramagens densamente preenchidas de folhas. Só em poucos pontos os raios de sol conseguiam penetrar, como ofuscantes flechas de luz, por entre o telhado verde de folhas. Fechou os olhos.

Não, disse-lhe algo dentro dela. Já não dá mais. Foi ultrapassado um limite. Ninguém pode defender-se sempre e constantemente de acusações injustas. Onde há amor devia haver confiança. Se não houver confiança, então o amor também já morreu.

– Ele já não me ama.

Murmurou repetidamente esta frase sem se dar conta. Algures ouvia-se o rumorejar de água, talvez fossem as mulheres a encher os regadores na fonte.

Ou talvez um ribeiro, um rio. O coração martelava, sentiu-se tonta. Não desmaies, pensou. Não podes mesmo desmaiar...

– Marie! Ai, santo Deus do céu. Eu sabia. Marie! Que se passa contigo? Marie, minha querida, minha Marie do meu coração.

Como que vindo de um nevoeiro brilhante e tremeluzente, Marie viu um rosto debruçado sobre ela. Grandes olhos azuis e assustados, cabelo curto a cair para a testa e para as faces.

– Kitty? Estou... um pouco... tonta...

– Tonta? Bom, graças a Deus. Já estava aqui a pensar que estavas morta.

O nevoeiro levantou e Marie constatou que estava deitada de costas no chão, mesmo sob a faia a cujo tronco se encostara ao sentar-se.

– Pensei logo que te ia encontrar aqui! Consegues levantar-te? Não, espera, eu ajudo-te... Ou é melhor chamar um médico? Está ali a passear um casal, podem ajudar-nos.

– Não, não, isto já passa. É só do calor. Onde estão as crianças?

Depois de se voltar a sentar, Marie sentiu novamente uma ligeira tontura. Kitty inspecionou-a, preocupada.

– A canalhada está com a Gertrude. E eu levo-te agora também para lá.

Marie levantou-se com dificuldade, levou a mão à testa e sentiu Kitty a envolver-lhe os ombros com o braço.

– Para a Frauentorstrasse? – murmurou. – Kitty... Eu...

– Para a Frauentorstrasse! – disse Kitty energicamente. – E podem lá ficar o tempo todo que quiserem. Por mim, podem ficar até ao Dia do Juízo Final.

Ou mais tempo até.

Os cortinados fechados pouco ajudavam: o escritório estava tão abafado que se viu obrigado a tirar o casaco e o colete. Por sorte, não havia visitantes anunciados, pelo que não era incômodo para ninguém que o senhor diretor se sentasse à secretária em mangas de camisa. Paul trabalhou como um possesso, não fazendo nenhuma pausa, já ia na sexta chávena de café e sentia-se cada vez mais agitado.

Deixara-se levar, perdera o autocontrolo. Era isso de que mais se arrependia. Ela esticara tanto a corda que ele já nem sabia o que dizia. E, evidentemente, formulara tudo de uma forma tão exagerada que agora ela devia estar profundamente magoada. Fora totalmente desnecessário, só virara as culpas contra si mesmo, pois era agora ele quem tinha de dar um passo atrás e pedir desculpa. Colocara-se a si mesmo na posição mais fraca, um idiota, era isso que era.

Telefonara três vezes para a Vila dos Tecidos. Entretanto também já se arrependia disso. Da primeira vez, ninguém levantara o auscultador. Devia ter-se deixado ficar por aí. Mas não, sentira a necessidade urgente de aliviar o peso na consciência e dizer a Marie que lamentava muito. Mas ela já nem sequer estava na Vila dos Tecidos – mas isso ele só soube quando telefonou a segunda vez.

– Residência Melzer. Fala a senhora Von Dobern.

A precetora! Mas que estava a precetora a fazer no escritório? E por que raio atendia telefonemas?

– Fala Paul Melzer – disse ele com brusquidão e antipatia. – Poderia dizer à minha mulher para vir ao telefone?

– Lamento muito, senhor Melzer. A sua esposa saiu.

Por um instante, é verdade que chegou a acreditar que Marie estaria a caminho da fábrica, para vir ao seu encontro. Ficou quase comovido, pois na verdade cabia-lhe a ele pedir perdão.

– Além disso, as crianças foram novamente levadas para a Frauentorstrasse com o consentimento da sua esposa. Garanto-lhe que me oponho veementem...

Tinha pouca vontade de ouvir as suas lamúrias.

– A minha mulher disse aonde ia?

– Tenho pena, mas não, senhor Melzer. Vi-a sair a pé para o jardim e pressuponho que teria alguém à sua espera.

Tornou-se-lhe claro que a sua bela esperança, de que Marie estaria logo em seguida ali junto a ele, no escritório, fora uma miragem. Fora a pé para o jardim. Porquê?

– Pressupõe – repetiu ele. – O que quer dizer com isso, senhora Von Dobern?

– Oh, olhei por acaso pela janela e pressupus que ela devia ter um bom motivo para se esconder atrás dos arbustos.

Visões assomaram-lhe à cabeça. Ernst von Klippstein, à espera de Marie e tomando-a nos seus braços. Assumiu então novamente o controlo da sua razão e compreendeu que não havia motivos nenhuns para tais fantasias. Ernst estava sentado no gabinete mesmo ao lado e estava ocupado com o cálculo dos custos de várias encomendas.

– Peço-lhe encarecidamente que prescinda de espalhar qualquer tipo de boatos sobre a minha mulher, senhora Von Dobern – disse ele, num tom cortante.

– Peço perdão, senhor Melzer. Não tive essa intenção. A sério que não. Estou apenas preocupada.

Aquela mulher era uma pérfida intriguista. Porque não tinha ainda reparado? Já antes não a suportava, quando era uma das amigas de peito de Elisabeth.

– Preocupe-se antes com a educação dos meus filhos. E deixe o telefone em sossego. Os telefonemas que chegam à Vila dos Tecidos não lhe dizem respeito!

Paul não esperou pela resposta dela, pousando o auscultador no gancho com toda a força. Quer dizer que Marie saíra de casa. Para o jardim. Muito bem, quem sabe se um passeio a ajudaria a acalmar-se.

Ao terceiro telefonema, quem surgiu do outro lado da linha foi a mãe.

– A Marie? Ainda não voltou. As crianças também não.

Já passava das cinco da tarde. Com mil demónios, por que razão Marie se demorava tanto no jardim? Teria alguém, afinal, passado para a ir buscar?

– Telefonaste para a Frauentorstrasse?

– Sim, telefonei, mas ninguém atendeu. Acho esta atitude da Kitty simplesmente imprópria, a pobre senhora Von Dobern está muito magoada. Isto não pode continuar assim, Paul. Tens de ter uma conversa séria com a Kitty.

– Talvez no domingo – rosnou ele. – Agora tenho mais que fazer.

– Evidentemente. Tens que fazer. Que bom poderes ficar fora de tudo.

– Até logo à noite, mamã!

Aquele telefonema fora, sem dúvida, o mais desnecessário. Trabalhou até às seis e meia, vestiu o colete e o casaco, pôs o chapéu de palha e mandou

comunicar a Von Klippstein que ia agora para casa.

Estava sob uma tensão extrema, quase não viu um carro de bois quando virou do recinto da fábrica para a Lechhauser Strasse. Efetivamente, as coisas não podiam continuar assim. Aqueles constantes conflitos mexiam profundamente com ele, já não se sentia ele mesmo, descobria subitamente em si características que antigamente tanto odiava no pai. Impaciência. Irascibilidade. Injustiça. Arrogância. Insensibilidade. Sim, esta era a pior. Que acontecera ao seu amor? Não podia permitir que ficasse esmagado sob todas aquelas dificuldades. Não assistira ele à degradação do casamento dos pais e tornar-se apenas numa carapaça? Como passaram a viver vidas paralelas, com rotinas diferentes, quartos separados. A mamã sofrera especialmente com isso. Não, não queria fazer isso, nem a Marie nem a si mesmo.

Estacionou o carro em frente das escadas da Vila, Julius podia depois levá-lo para a garagem. Com o coração a palpitar, subiu os degraus e estava a entrar lentamente no vestíbulo quando Else lhe abriu a porta. Ali estava agradavelmente fresco, na parte de trás haviam aberto as portas que davam para o terraço, pelo que o vestíbulo era atravessado por uma brisa suave.

Entregou a Else o chapéu de palha e hesitou em fazer a pergunta que lhe ardia na alma. Varreu com os olhos os cabides da roupa, estavam ali dois chapéus, um dos quais um chapéu de sol claro de aba larga, pertencia de certeza à mãe. O outro, um apetrecho cinzento em forma de vaso, seria provavelmente da precetora, pelo menos era o seu estilo.

– A senhora sua mãe pede-lhe que vá ao salão vermelho.

O sorriso de Else tornara-se ainda mais estreito com a cirurgia aos dentes, possivelmente não queria mostrar o espaço vazio. Em contrapartida, como

pessoa, tornara-se mais calorosa. Naquele momento, olhava para ele com uma expressão de compreensão.

Marie não estava em casa, pensou ele, e tentou ocultar o pânico. Que acontecera? Um acidente? Oh, Senhor, diz-me que não lhe aconteceu nada. E as crianças?

Alicia Melzer descansava no sofá do salão vermelho, com a cabeça apoiada numa grossa almofada de penas, na testa pousava uma compressa fria. A seu lado, numa poltrona, estava Serafina, cuja tarefa consistia em mergulhar de tempos a tempos o pano de algodão branco numa taça com água gelada, para o colocar novamente em Alicia.

Paul entrou de mansinho, fechou a porta suavemente para não fazer barulho e aproximou-se do sofá em bicos de pés. Com esforço, a mãe mexeu a cabeça na sua direção, puxou a compressa um pouco para cima e abriu os olhos.

– Senhora Von Dobern. Pode retirar-se.

– Obrigada, senhora Melzer... Desejo-lhe as melhores. Estou lá fora, caso precise de mim.

Serafina dirigiu a Paul um respeitoso aceno de cabeça, nada mais. Teria provavelmente levado a mal a conversa ao telefone. Alicia esperou até a precetora fechar a porta, atirou a compressa para dentro da taça e endireitou-se no sofá.

– Que bom que finalmente chegaste, Paul – gemeu. – Estão a acontecer coisas terríveis. A terra treme sob os nossos pés. O céu cai sobre as nossas cabeças.

– Mamã, por favor!

Passou a mão sobre a testa ainda húmida e respirava pesadamente.

– A Kitty telefonou para cá há meia hora. A Marie e as crianças estão com ela, na Frauentorstrasse.

– Graças a Deus! – exclamou ele, espontaneamente. – Já estava com receio de que lhes tivesse acontecido alguma coisa.

Alicia fitou-o com firmeza.

– Deixa-me acabar de falar, Paul. A minha filha Kitty comunicou-me com palavras secas que a Marie não está a ponderar regressar à Vila dos Tecidos. Quer ficar com a Kitty e que as crianças fiquem com ela.

Paul sentiu o coração a parar. Teria ouvido bem? Não podia ser. Marie pertencia àquela casa. Era a sua mulher. Mas que ideia tresloucada era aquela que saía novamente da cabeça de Kitty?

– Tu não acreditaste nela, pois não, mamã? – Alicia fez um movimento exaurido com o braço, um gesto de impotência.

– É claro que não. Mas entretanto receio bem que tenha estado a falar a sério. Imagina tu. – Agora teve mesmo de usar o lenço, porque lhe vieram lágrimas aos olhos.

– A Hanna, que pérfida. Entrou cá em casa sem nenhum de nós notar, arrumou lá em cima, nos quartos das crianças, o material da escola e alguma roupa e levou tudo.

Agora foi tomada pelo desespero. Da nora ainda teria conseguido prescindir. Mas não dos seus netos. Os seus tão adorados netos!

– Paul, ela deixou-nos e levou as crianças com ela. Nunca na vida eu imaginaria que a Marie fosse capaz de tal coisa. Mas é o que acontece quando um homem se casa com uma mulher que não beneficiou de uma educação

decente. Virgem Santíssima, eu também passei por momentos difíceis no meu casamento. Mas nunca me teria passado pela cabeça deixar o meu marido.

– Mas isso é um grande disparate! – exclamou Paul. – Foi tudo ideia da Kitty, para me assustar. Sabes muito bem como ela é.

Alicia suspirou profundamente, pressionou a compressa de água gelada contra a testa.

– Eu conheço a minha filha Kitty, isso é verdade. Mas a Marie é para mim indecifrável. É tantas vezes tão tolerante. Inacreditavelmente paciente. Sempre acessível, disposta a ajudar. Não, é verdade que a tua mulher tem algumas boas características. Mas depois, assim de repente, começa a fazer coisas que ninguém entende. Fria e implacável.

Paul levantara-se para lhe dar o braço e a acalmar. Ele iria resolver as coisas, prometeu. Nesse mesmo dia. Que ela não deveria inquietar-se mais.

– Vai ficar tudo bem, mamã. Eu vou agora até à Frauentorstrasse falar com a Marie. No máximo daqui a duas horas estamos todos de volta.

– Deus te ouça.

Quando abriu a porta do salão, deu com Gertie, que estava com Julius à porta da sala de jantar, muito claramente a trocar novidades. Julius assumiu imediatamente uma postura diligente, enquanto Gertie, confrangida, se desviou para o lado, pois, na verdade, naquele momento deveria estar na cozinha.

– Levo o carro para a garagem, senhor Melzer?

– Não, Julius. Ainda preciso dele.

Julius fez uma ligeira reverência, nunca lhe teria ocorrido fazer mais perguntas. Uns meses antes, Paul tivera uma longa e séria conversa com o seu

empregado, prometendo-lhe limitar os poderes da precetora. E cumprira a promessa. Lamentavelmente, a sua mãe sabotava constantemente tais instruções – e contra isso ele nada podia fazer.

– Gertie, já que aqui estás: dá indicação na cozinha de que jantamos mais tarde. E verifica se a minha mãe precisa de alguma coisa.

– Com certeza, senhor Melzer.

Gertie correu dali para fora como uma doninha. Era uma rapariga às direitas, aquela Gertie. Era pena que não fosse permanecer muito tempo ali em casa, de certeza que queria progredir para outras funções mais elevadas. Se calhar deveriam apoiá-la a fazer uma formação de cozinheira. Se calhar também de camareira.

Admirou-se ao dar conta de que, naquela situação difícil, ele estivesse a pensar sobre o futuro de Gertie. Seria mais importante pensar numa estratégia para o encontro iminente com Marie, mas não lhe ocorria nada de especial. Ele falaria com ela. Em boa-fé. Sem acusações. Manter-se-ia descontraído e não se zangaria, de modo nenhum. Ouviria o que ela tivesse para dizer. Sim, era provavelmente a melhor estratégia. Deixá-la-ia falar, ouviria as suas acusações sem contestar – o que seria terrivelmente difícil – e esperaria até ela serenar. Quando ela tivesse oportunidade de descarregar, tudo seria mais fácil. O mais importante de tudo era conseguir trazê-la, a ela e às crianças, de volta para a Vila dos Tecidos. Isso era o mais importante. Depois disso, poderiam ainda esgrimir argumentos e encontrar uma solução. E até discutir um pouco, se tivesse de ser. Mas seria melhor não. Ele começaria por ceder em todos os pontos para mais tarde abordar especificamente alguns problemas – por exemplo, a educação de Leo – e fazer valer as suas pretensões.

Ainda fazia muito calor, apesar de o Sol já estar muito baixo no horizonte e os seus raios terem perdido força. Na cidade, tinha-se a sensação de que as casas e as pedras da calçada armazenavam o calor absorvido durante o dia. Alguns restaurantes tinham disposto mesas e cadeiras no exterior, onde estavam sentados sobretudo jovens a tomar café ou cerveja. Ao passar, constatou que não eram poucas as mulheres ali sentadas sem a companhia de um homem, algo que teria sido impossível para uma jovem respeitável antes da guerra. Algumas fumavam desinibidamente em público.

Aqui e ali, acenava-lhe um cumprimento um ou outro conhecido que o reconhecia ao volante do carro descapotável. Paul devolvia a saudação com um ar alegre e, se se tratasse de uma senhora, levantava ligeiramente o chapéu com um sorriso cortês. Sentia-se contente quando virou para a Frauentorstrasse e questionou-se como teria aquela gente tempo e dinheiro para, ao final de um dia de semana totalmente normal, se poder dar ao luxo de ir ao restaurante. Havia ainda muitos desempregados que mal sabiam como sustentar as suas famílias, ao passo que outros esbanjavam o dinheiro em vinho e conversas inúteis.

Parou o carro à frente do anexo de jardim que Kitty usava como garagem. Ouvia-se tocar piano. Parecia ser Leo a tentar obstinadamente tocar uma peça demasiado difícil. Ou muito se enganava ou era a *Appassionata* de Beethoven. O princípio já soava bastante bem, mas depois eram ainda apenas penosos solavancos. Se o rapaz aplicasse aquela persistência teimosa também noutras áreas, poderia ir longe.

Alisou o casaco e clareou a garganta antes de tocar à campainha da porta. Ao ver que ninguém a abriu logo – não tinham criada de casa –, tirou o casaco. Não queria de modo nenhum parecer autoritário e que vinha pedir

contas. Deixaram-no à espera. Era possível que tivessem visto o seu carro pela janela, talvez até o tivessem observado a sair e a dirigir-se para a porta. Ouvia vozes no interior, sobretudo a voz de Kitty era inconfundível. O piano parou de tocar. E então, por fim, a porta mexeu-se.

Gertrude abriu apenas uma pequena fresta, através da qual se pôs a observar Paul com desconfiança. Teria medo de que ele lhe saltasse em cima?

– Boa noite, Gertrude – disse, num tom inofensivo. – Posso entrar?

– Será melhor não.

Ao que parecia, recebera ordens para abrir a porta e assumir o papel de cão de fila. Mas não se iria livrar dele assim tão facilmente.

– Gostaria de ver a minha mulher e os meus filhos – disse ele, desta vez mais energicamente. – Penso ter esse direito.

– Eu acho que não.

Inacreditável! Gertrude Bräuer fora sempre uma pessoa algo invulgar. Quando o marido era vivo, nos serões em sociedade todos temiam o que poderia dizer, dado que fazia questão de dizer sempre o que pensava.

– Lamento muito, Gertrude – disse ele, colocando o pé na fresta da porta –, mas não estou disposto a deixar as coisas assim. A menos que queiras que eu volte com a polícia, desvia-te imediatamente!

Estava farto, empurrou a porta com o ombro e entrou no corredor. Gertrude não fora capaz de resistir à carga e recuara. Nesse mesmo momento, surgiu Kitty no corredor. A irmã estava muito pálida e invulgarmente séria.

– É melhor ires-te embora, Paul – disse baixinho. – A Marie está doente, o doutor Greiner disse que não podia de modo nenhum enervar-se.

– Doente? – perguntou ele, sem acreditar. – O que é que tem?

– Teve um colapso. Sabes muito bem que em tempos teve uma hemorragia.

Ele não quis acreditar, exigiu que o deixasse vê-la. Dar apenas uma olhadela. Afinal de contas, era o marido.

– Muito bem. Mas não a acordes, o doutor Greiner deu-lhe um soporífero.

Marie estava deitada na cama de Kitty, delicada e muito pálida, os olhos fechados. Não conseguiu evitar pensar na Branca de Neve adormecida no caixão. O medo deixou-o extremamente maldisposto.

– Amanhã – disse Kitty, voltando a fechar a porta. – Talvez amanhã.

Regressou a casa de mãos a abanar. Já nem sequer insistiu em trazer as crianças, de modo a não criar nenhuma agitação que pudesse fazer mal a Marie.

Agosto de 1924

Eleonore Schmalzler praticamente não mudara nada na sua aposentação. Elisabeth tinha a sensação de que a antiga governanta até teria rejuvenescido alguns anos. Era muito possível que se devesse ao salutar ar do campo e à comida em abundância, mas também ao facto de já não ter de carregar a responsabilidade da trabalhosa gestão da Vila dos Tecidos. Ali, na sua pequena sala de estar, entre móveis antiquados e as cortinas de padrões coloridos que trouxera de Augsburg, pareceu a Elisabeth estar invejavelmente feliz e satisfeita.

– Gosto muito que me venhas visitar, querida Lisa... Ainda te posso tratar por «Lisa» quando estamos sozinhas?

– Mas é claro. Com muito gosto – apressou-se Elisabeth a garantir. A quinta da família Maslow ficava a este da Quinta Maydorn, não muito longe de Ramelow. Quatro pequenas quintas haviam ali crescido e formado uma pequena povoação rural, três das quais davam sinais de decadência, ao passo que a quarta, a quinta dos Maslows, estava extraordinariamente bem conservada. Elisabeth percebeu claramente que os novos telhados e o bonito anexo junto à casa teriam sido pagos com as economias da antiga governanta. Mas tinha investido o seu capital no lugar certo, já que a «tia Jella», como era aqui chamada, desempenhava um papel importante na vida da família.

Os Maslows vieram originalmente da Rússia, haviam emigrado para a região algures durante o período napoleónico e haviam-se afirmado com afínco e perseverança. A tia Elvira contara uma vez a Elisabeth que Eleonore Schmalzler se chamava na verdade «Jelena Maslowa» e que também os seus documentos estavam emitidos naquele nome. Fora Alicia quem, em dado

momento, transformara Jelena em «Eleonore» e Maslowa em «Schmalzler». Porque não queria ter em Augsburg uma camareira com nome russo.

– Na altura, era uma coisa muito especial poder trabalhar na quinta – disse a menina Schmalzler, enquanto Elisabeth servia o café. – Como ceifeira até se conseguia trabalho, mas era apenas durante algumas semanas no verão e tínhamos de dormir no celeiro. Também contratavam criadas de estábulo; mas poder trabalhar numa casa, no sítio onde vivia a família dos donos da quinta, uma espécie de santuário, isso era raro. E muitas vezes eram contratadas apenas por um par de meses, já que a tua avó geria tudo com rigor militar.

Elisabeth assentiu e pensou no que a tia Elvira dissera sobre o «exercício do corpo». Uma rapariga da aldeia nunca tinha a vida fácil na casa do dono da quinta. Mas preferia evitar esse tema, e a menina Schmalzler também não o abordou.

– E como foi que conseguiu ascender até à função de camareira?

Eleonore Schmalzler sorriu, não sem orgulho, e pôs uma fatia de bolo de natas ácidas no prato de Elisabeth.

– Bom, simplesmente aconteceu. Eu tinha treze anos quando vim para a quinta. Eu e a tua mãe demo-nos desde o início como irmãs. Com a devida distância, como é evidente. Mas a afeição entre nós, duas raparigas, era grande. Sabes com certeza que a tua mãe teve um grave acidente a cavalo. Foi em 1870, logo depois de o seu irmão predileto ter tombado na guerra contra a França. Velei por ela dia e noite, na altura. Consolei-a no seu desgosto e também eu me sentia absolutamente desesperada.

Elisabeth bebeu um gole de café, que, felizmente, complementara com leite. A mãe só raramente falava do irmão mais velho, Otto, mas sabia que morrera

na guerra. Daí o ódio da mãe contra tudo o que fosse francês.

– Era um jovem muito bem-parecido – disse Eleonore Schmalzler, olhando sonhadoramente para a janela. – Alto, cabelo escuro e um pequeno bigode. Ria-se mesmo com gosto, apreciava a vida. E foi-se tão cedo.

Quem diria, pensou Elisabeth. Ter-se-ia na altura a pequena Ella apaixonado pelo tenente Otto von Maydorn? A ideia tinha algo de mágico, agora, passados tantos anos, com ele há muito morto e enterrado e a pequena rapariguinha de então entretanto uma mulher idosa.

– Não estás a comer nadinha, Lisa! Tira à vontade, acho que emagreceste nos últimos tempos. Não te sentes bem? Não aprecias a vida no campo? Isso seria uma pena, pois tenho a esperança de que um dia venhas a assumir as rédeas da quinta.

Lisa recompôs-se e deu algumas dentadas no bolo calórico. A boa comida do campo. Muita manteiga e banha, muitas natas e farinha, ovos, enchidos fumados, carne de porco assada e batatas. Já para não falar do ganso assado, que não era servido apenas no Natal. Sentiu-se indisposta e pousou rapidamente o prato de novo na mesa. Por sorte, a menina Schmalzler estava distraída, já que passava naquele momento um carro de feno carregado até cima, puxado por dois cavalos, e os três sobrinhos-netos, sentados no topo, acenavam-lhe orgulhosamente. Era já a segunda colheita daquele ano, se o tempo continuasse assim e depois caísse ainda um pouco de chuva, talvez pudessem colher uma terceira vez.

– Olha só para eles, Lisa! – exclamou a menina Schmalzler, batendo palmas. – O Gottlieb e o Krischan já trabalham com a forquilha, o Martin pode depois ir com as mulheres revolver com o ancinho. E assim vão crescendo, os pequenitos.

– Sim, é num instante – disse Lisa, bebendo um pouco de café com leite para sossegar o estômago. Não era grande ajuda, tinha de se controlar com muito esforço.

Que idade tinham na verdade os sobrinhos-netos? Gottlieb acabara de fazer nove anos quando Lisa chegou. E Krischan, que na verdade se chamava Christian, era dois anos mais novo. Martin ainda não andava na escola. Por que razão se fazia um drama tão grande na fábrica quando uma operária ainda não tinha catorze anos? Ali no campo as crianças também trabalhavam, logo que conseguissem segurar num ancinho. Alguns com apenas cinco anos, a maioria com seis ou sete. E o trabalho agrícola não era pera doce, sabe Deus que não.

Lá fora, enérgicas mãozinhas de criança bateram no vidro da janela.

– Tia Jella, tia Jella. Já sei andar a cavalo, o Gottlieb mostrou-me – ouvia-se bem alto lá de fora.

– Tia Jella, hoje à noite fazes-nos pudim doce com ameixas?

O alvo dos seus apelos abriu a janela e declarou, amavelmente, mas de forma muito clara, que tinha naquele momento uma visita e que não queria ser incomodada. Que consideraria o pudim doce com ameixas, no máximo, para domingo, mas que quem depois lhe batesse à porta lavado e devidamente penteado receberia uma fatia de bolo de natas.

Os três rapazes puseram-se a andar na direção do celeiro, onde o pai já começara a tirar o feno da carroça, usando uma forquilha. A Gottlieb e a Krischan cabia a tarefa de desatrear os cavalos e de os levar para o estábulo, Martin podia varrer o chão do celeiro.

Lisa decidiu apresentar agora o seu pedido. Quando os rapazes voltassem para comer bolo e se sentassem à mesa, já seria tarde demais.

– Queria perguntar-lhe uma coisa, menina Schmalzler.

Ela não pareceu de modo nenhum surpreendida, estaria provavelmente a contar com algo do género. Prudentemente, fechou a janela e sentou-se à mesa ao lado de Lisa.

– É um assunto que gostaria que ficasse apenas entre nós.

A sua interlocutora assentiu com a cabeça e Elisabeth sabia que podia confiar em Eleonore Schmalzler. A discrição fora sempre uma das suas mais valiosas virtudes.

– É sobre o... o senhor Winkler.

Elisabeth calou-se e esperou um momento, na esperança de que a menina Schmalzler comesse a conversa por sua iniciativa. A antiga governanta olhou para ela com atenção, mas não disse qualquer palavra.

– Fiquei a saber pela minha tia que em maio ele passou aqui uma noite, antes de... seguir viagem.

– Assim é.

Mas porque é que era obrigada a arrancar toda e qualquer palavra àquela mulher? A menina Schmalzler sabia há muito aonde ela queria chegar.

– E ele... ele contou... – Parou. Era difícil encontrar as palavras certas. Sebastian não era tagarela, de certeza que não revelara nada sobre a sua relação. E no entanto...

– E que deveria ele ter contado?

– Quero dizer, sobre o que pretende fazer no futuro. Que planos tem. Onde pretendia encontrar emprego.

A menina Schmalzler recostou-se na cadeira e cruzou as mãos no colo. Sobre o escuro tecido de lã, as suas mãos surgiam muito brancas, lisas, sem calos nem fissuras, as mãos de uma mulher que nunca havia tido de trabalhar no campo.

– Bom – disse ela, sem pressas –, eu tive a oportunidade de conversar longamente com o senhor Winkler há já quatro anos, quando viajámos juntos para a Pomerânia. Um homem de princípios. – Fez uma pausa e dirigiu a Elisabeth um olhar indagador.

– É também essa a minha impressão – apressou-se Elisabeth a dizer.

– Estava na altura numa situação difícil – prosseguiu a menina Schmalzler. – Sabíamos todos da sua participação na república soviética e da sua passagem pela prisão. Durante a viagem de comboio, falámos muito abertamente sobre o assunto e fiquei convicta de que o senhor Winkler é um idealista que pretende apenas o melhor para todas as pessoas.

Elisabeth assentiu em confirmação. Que mais teria contado Sebastian?

– Estava infinitamente grato pelo trabalho na Quinta Maydorn – disse a menina Schmalzler a sorrir. – Mais ainda quando mais tarde ficou a saber que tu também te ias mudar para a Pomerânia com o teu marido.

Elisabeth sentiu-se a corar. Era evidente que a menina Schmalzler percebera o seu jogo, que mais se poderia esperar dela? Não devia ter ido ali. Mas era, infelizmente, a única possibilidade de se informar sobre o paradeiro de Sebastian.

– As coisas... acabaram por acontecer assim – disse. – O ferimento grave do meu marido exigia medidas especiais. Aqui no campo era mais fácil para ele começar de novo.

– Sem dúvida – considerou Eleonore Schmalzler. Bebeu um gole de café e voltou a pousar a chávena cuidadosamente no pires.

Elisabeth estava quase a explodir de impaciência. Não se ouviam já as vozes dos rapazes esfomeados?

– Bom – retomou a menina Schmalzler o fio da conversa –, em maio, o senhor Winkler veio aqui à quinta a uma hora tardia. Ficámos todos muito surpreendidos, pois vinha a pé e trazia uma mala de viagem. Perguntou se o podíamos alojar nessa noite, o que evidentemente fizemos. Não nos referiu o motivo para o seu aparecimento tardio, mas era sua intenção viajar para Nuremberga. Por isso, na manhã seguinte, o meu sobrinho levou-o com a carroça a cavalo até Kolberg.

Isso já Elisabeth conseguira imaginar. Fugira a sete pés a meio da noite, aquele idiota. De pura fúria por ter «sucumbido à fraqueza» e ter feito aquilo que ela sempre quisera. E, no entanto, tivera pelo menos tanta vontade quanto ela. Mas não, o senhor Winkler era um homem de princípios.

– Para Nuremberga. Ele deixou alguma morada específica?

– Disse que não tinha a certeza se ia encontrar lá alojamento.

Elisabeth sentiu o incómodo enjoo a espalhar-se novamente no estômago e inspirou fundo para o combater. Era tão humilhante ter de andar assim atrás dele. Porque não lhe dera notícias até agora? Mas assim eram as coisas: tudo a que ela deitasse a mão tornava-se num fracasso. Sobretudo no que dizia respeito ao amor, ela tinha sempre azar.

Como que para confirmar isso mesmo, estavam agora a bater à porta.

– Tia Jelli!

O mais novo dos três sobrinhos-netos espreitou pela fresta da porta e sorriu alegremente quando descobriu o bolo em cima da mesa.

– Entra, Martin. Diz bom dia à senhora Von Hagemann e faz uma reverência. Está bem assim. Mostra-me as mãos. Muito bem. Senta-te ali.

Elisabeth teve tanta dificuldade quanto Martin de seis anos a fazer decentemente todo o cerimonial de saudação. Pelo menos era um rapazinho bonito, de caracóis castanhos, olhos claros, uma forma malandra de sorrir. Ficou a observá-lo a atirar-se ao bolo de natas e pensou que devia ser bom ter um rapazinho assim. Porque lhe ocorriam sequer tais coisas?

– Foi uma conversa muito agradável, menina Schmalzler. Espero que nos venha visitar em breve à quinta.

Eleonore Schmalzler levantou-se para acompanhar a visita à porta. Aí chegada, hesitou um instante e depois agarrou no braço de Elisabeth.

– Espera – disse baixinho. – Não sei se estarei a agir corretamente. Mas penso que é minha obrigação.

Abriu a porta do armário e, entre chávenas e jarros de flores, tirou lá de dentro uma carta.

– Ele escreveu-me em junho e pediu-me que lhe desse notícias da quinta. O que fiz, em palavras sucintas. Não me permiti enviar novas cartas e também não as recebi.

A carta fora remetida em Günzburg e tinha uma morada de resposta. Sebastian Winkler – ao cuidado da família Joseph Winkler, Pfluggasse 2. Quer dizer que estava alojado em casa do irmão. Oh, a menina Schmalzler! Escondera-lhe essa informação!

– Vou rezar por ti, Lisa – disse a menina Schmalzler, muito séria. – A vida não tem sido meiga contigo, minha querida. Mas és forte e um dia vais ser feliz. Tenho a certeza disso.

Despediu-se de Elisabeth com um abraço e apertou-a com força contra si, algo que antes nunca teria ousado fazer. Elisabeth ficou muito comovida, quase como se tivesse sido a mãe a tomá-la tão ternamente nos seus braços.

– Agradeço-lhe. Agradeço-lhe do fundo do coração.

No assento do cocheiro, ao ar livre, sentia-se melhor, e também o baloiçar da carruagem e o cheiro da égua lhe faziam bem. Mas era sobretudo a carta que trazia no bolso o que contribuía para o seu bem estar. Era evidentemente possível que Sebastian tivesse entretanto encontrado outro alojamento. Mas seguramente que o irmão lhe encaminhará o correio.

Quer dizer que ele quisera saber como estavam as coisas na Quinta Maydorn. Ao menos isso. Ter-se-ia preocupado com ela? Ora essa! Provavelmente só queria saber se ela teria feito o que ele lhe exigira e se se teria divorciado. E quando leu que estava fora de questão, nunca mais dera sinal de vida. Oh, tão teimoso.

Haviam discutido energicamente naquela noite de maio. Não imediatamente – de início, estavam os dois simplesmente indizivelmente felizes. Haviam sido tomados por uma embriaguez, um fogo de artifício de paixões longamente acumuladas, um encontro durante o qual mal tinham consciência do que lhes estava a acontecer. Depois veio a exaustão. Por fim, a constatação. Em tempos, no Paraíso, deve ter sido algo assim. O fruto proibido fora mordido – e agora esperava-os o anjo com a reprovadora espada.

No seu caso, foi Sebastian que assumiu este papel.

– Só há uma solução – dissera ele. – Quero que sejas minha mulher. Deves declarar a tua afeição por mim abertamente, diante do mundo. E eu juro-te que te darei sempre todo o meu apoio.

Arranjaria emprego. Uma casinha, muito perto da escola da aldeia. Uma vida modesta, honesta e feliz. Não, não estava disposto a mudar-se com ela para a Vila dos Tecidos. Também não queria a proteção da sua família. Nesse aspeto, era antiquado. Se ela não estivesse disposta a partilhar a sua sorte, então era porque não o amava.

Oh, ela apresentara tantos contra-argumentos. Que não estava habituada a viver na pobreza. Que era um disparate prescindir da ajuda da sua família. Que, de qualquer modo, era duvidoso ele conseguir um emprego, afinal de contas não haviam passado sequer cinco anos desde as suas atividades por conta da república soviética. Mas ele mantivera-se inflexível. Que ela já o mantivera tempo suficiente pela trela. Se não era capaz de compreender quanto o havia magoado com isso? Que insistia num casamento, uma união abençoada por Deus de duas pessoas que desejavam constituir uma família. Passara o tempo todo na esperança de que ela perceberia isso e que por fim pedisse o divórcio. Sem dúvida, ele compreendera que ela era solidária com o marido, devido ao ferimento de guerra que tão terrivelmente o deformara. Mas entretanto ao marido tudo corria às mil maravilhas, enquanto ele, Sebastian, estava à beira do desespero e todos os dias só desejava morrer.

Tinha ela respondido algo como «Não te ponhas com esses disparates!»? Já não se lembrava muito bem, afinal de contas estavam os dois enervados e zangados. Mas então ele saltara para fora da cama dela, vestira a roupa à pressa e saíra a correr. E por causa do maldito tornozelo magoado, ela não tivera a possibilidade de correr atrás dele.

Ele há de acalmar-se, pensara ela. Ele dormiu comigo, ele vai ficar. Mas acontecera exatamente o contrário. No dia seguinte, a criada contou-lhe que o senhor Winkler saíra ainda de noite e que até deixara ali a sua mala grande, já preparada.

Sem carta de despedida. Sem morada. Não lhe dera hipótese nenhuma. As primeiras semanas foram horríveis. O médico pusera-se a remexer no pé a ponto de ela se sentir tonta e depois considerou que era uma fratura ligeira, que tivera sorte. Seis semanas sem fazer peso, fixar com duas talas, e depois estaria recuperada. Ou seja, dia e noite no quarto, a oscilar entre a fúria, o desespero e a saudade, redigiu um sem-fim de cartas que a criada tinha depois de queimar na salamandra diante dos seus olhos. Tentava ler, fazia patéticos protetores de sofá em croché e brincava com o gato cinzento que se aninhava na sua cama, partilhando as refeições com ela. Volta e meia, perguntava se teria chegado correio. Kitty escreveu-lhe. Também Serafina. A mãe enviou muitas cartas, Marie consolou-a e desejou rápidas melhoras. Apenas aquele por cuja carta desesperadamente ansiava não lhe enviava notícias nenhuma.

Quando finalmente pôde voltar a pousar o pé no chão e começar a coxear pela casa, o seu tornozelo dorido exigia-lhe atenção mais do que suficiente. Andava tão ocupada com isso que de início nem deu conta das alterações que se operavam no seu corpo. Era evidente que tinha ganho peso por estar tanto tempo deitada. Mas por que razão o seu peito quase lhe fazia saltar o corpete? E porque tinha constantemente necessidade de ir à casinha, estaria com uma infecção urinária? Certo, não lhe viera a menstruação, e era já a segunda vez, mas ela sempre fora irregular. Só quando se instalou um enjoo extremamente desagradável pela manhã, ela começou lentamente a refletir. Para azar dos azares, o mal-estar do estômago começou a manifestar-se ao longo de todo o

dia e perturbava-lhe até o sono. Era simplesmente pavoroso – mal comia alguma coisa, logo a refeição encontrava outra vez forma de voltar cá para fora.

– Agh!

Conseguiu ainda, por pouco, parar a égua, mas depois o estômago venceu-a e ela vomitou alguns pedaços de bolo de natas. Com um gemido, procurou o lenço para limpar a boca. Havia duas possibilidades. Ou a tia Elvira tinha razão e ela apanhara uma bicha-solitária. Ou estava grávida. Mas isso não era possível. Estava casada com Klaus havia nove anos e pelo menos nos primeiros tempos ele cumprira zelosamente os seus deveres de marido. Ela desejara desesperadamente uma gravidez, mas nada acontecera. E agora uma única noite haveria de ter bastado?

Mas que noite aquela, pensou, com melancolia. E como era inacreditavelmente forte o desejo que sentia por ele. Especialmente nos últimos tempos, era frequente ficar acordada à noite, a sonhar com ele de olhos abertos. Fizera também outras coisas de que se envergonhava profundamente. Mas não conseguira resistir – o seu corpo comandara-a.

Uma coisa, pelo menos, era certa. Se carregasse efetivamente uma criança no ventre, era de Sebastian, já que Klaus já não lhe tocava desde o Natal. Seria uma grandiosa vingança pela sua infidelidade se agora ela lhe atribuísse a criança de outro. Queria ela fazer isso? Oh, Klaus merecera mil vezes a paga de ter um filho ilegítimo. Mas o mais provável era ela nem sequer estar de bebé. Tinha uma bicha-solitária, e para isso havia remédios, era só preciso engolir e logo se livraria do bicho. Se calhar era também a sua vesícula a falhar. A comida ali no campo era muito gorda, era preciso estar habituado desde pequeno. O melhor era evitar por agora tudo o que fosse comida com

gordura, também a manteiga e os bolos doces. Ver-se-ia então se o estômago sossegava.

Endireitou-se no assento do cocheiro e instigou a égua a recomeçar a andar. Uma brisa de maio. Um vento suave que lhe afagava a cabeça e não desfazia o penteado. Pensativamente, olhou para os prados, onde a erva verde-escura e acabada de cortar se estendia sob o sol. Se se casasse com Sebastian, teria de usar roupa e sapatos antiquados. Nunca mais poderia usar o cabelo curto. Teria de lhe fazer a comida todos os dias. Consolá-lo quando a vida o tratasse mal. Preparar-lhe o banho de sábado à noite. Mimá-lo. Partilhar a sua sorte. Partilhar com ele também a banheira. E a cama. Todas as noites. E ao domingo se calhar até...

Para com isso, pensou. Não pode ser. Passados poucos meses, já eu estaria a morrer de claustrofobia na sala pequenina. E o forno sempre a fumegar na cozinha, a fazer os olhos vermelhos. Sempre sopa de caldo de cevada ao almoço. Tremer de frio no inverno. A mulher do pobre mestre-escola. E se ele ficar desempregado? Devo ir viver com ele para uma espelunca? Na rua? Como me pode ele pedir tal coisa? É este o amor de que ele falou? Não vejo amor nenhum, vejo apenas obstinação. Oh, não, Sebastian Winkler. As coisas não são assim tão simples. Fugir a sete pés a imaginar que vou a correr atrás de ti! Fazer um ultimato e depois desaparecer. Fazer chantagem. Podes esperar até ao dia de São Nunca à Tarde!

E ela não estava grávida coisíssima nenhuma. Nadinha. Sentia-se lindamente. Uma pequena indisposição gástrica, nada mais.

Porque me fui expor ao ridículo diante da Eleonore Schmalzler?, pensou, irritada. Sabe Deus o que ela estará agora a pensar de mim. A verdade é que

não preciso desta estúpida morada para nada. Mas enfim, não é mal de todo tê-la em minha posse.

Agora, no verão, o pátio da quinta estava praticamente coberto com as folhagens das faias e dos carvalhos, apenas o telhado vermelho da casa sobressaía entre os troncos. Viam-se a correr pelo prado os gansos brancos e os patos castanhos, davam as suas voltas a nado no charco, que era alimentado por um ribeiro. Também algumas vacas pastavam por ali com os seus vitelos. As pastagens dos cavalos ficavam no outro lado e aí andava aos saltos uma série de potros nascidos na primavera. No outono, seria no entanto necessário vender os garanhões e as éguas que entretanto já tivessem três anos, Elisabeth não gostava de pensar nisso, pois vira aqueles cavalos crescer. Apesar da sua paixão pelos cavalos, a tia Elvira era feita de uma fibra mais robusta, dizendo que não podiam, de modo nenhum, manter todos os animais ao longo do inverno e que por isso era preciso vendê-los. Os cavalos eram como rebentos de plantas: escolhiam-se os melhores para os plantar noutro lado, o resto era descartado. Ninguém pensava grandemente neste assunto e, além do mais, a venda rendia um bom dinheiro.

Elisabeth teve agora de refrear a égua, que, por puro entusiasmo de ter alcançado o seu prado habitual, desatara a correr a galope. No pátio em frente do celeiro, estavam a descarregar feno, Elisabeth ouvia já de longe a voz clara e enérgica do seu marido.

– Espalhem na eira! E da próxima vez tratem de ver se está tudo mesmo bem seco. Os meus cavalos não vão comer feno podre!

Quando viu Elisabeth, saiu da sua posição lá em cima, na eira, e desceu o escadote.

– Onde estiveste tanto tempo? – perguntou ele, segurando a égua pelos arreios.

Usava um chapéu de pala azul-escuro e bastante gorduroso, que usava sempre muito puxado a tapar a testa. Estaria a sorrir? Possivelmente. Não era fácil perceber, porque os seus lábios e as bochechas estavam cheios de cicatrizes das operações.

– Estavas à minha espera?

– Sim, Lisa. Queria conversar contigo sobre uma coisa.

Foi imediatamente invadida por aquele incómodo mal-estar e ela teve de se agarrar ao braço dele enquanto descia do assento do cocheiro. Não era difícil adivinhar o que ele tinha para lhe dizer. Queria provavelmente reconhecer como sua a criança que a tal Pauline dera à luz há oito semanas. Era um rapaz.

– Que tens? – perguntou, quando a viu assim ofegante diante de si.

– Nada. Espera por mim na sala de estar.

Conseguiu ainda chegar ao monte de compostagem da pequena horta, parou aí um pouco e vomitou até que, finalmente, se sentiu melhor.

– Vai ser um menino – disse a velha criada Berta lá da vedação das framboesas. – Quando se vomita assim, é rapaz, minha senhora. Pode acreditar no que lhe digo.

Elisabeth dirigiu-lhe um curto cumprimento com a cabeça e foi a correr para dentro de casa. Acabou-se a gordura. Nada de fatias de bolo doce. Fim a isso tudo. De uma vez por todas!

Na sala de estar, Klaus estava sentado à frente da lareira e fez-lhe sinal para que se sentasse no sofá.

– Sê breve – disse ela. – Não me sinto bem. Além disso, já sei o que me queres dizer. Nem vale a pena, pois já toda a gente sabe quem é o pai.

– Ah, sim? – disse ele com uma leve ironia. – Deixa-me adivinhar. O Sebastian Winkler?

Ela teve um sobressalto e fitou-o, totalmente horrorizada.

– O quê? – murmurou ela. – Mas de que é que estás a falar?

Ele não respondeu. Ao invés, tirou o chapéu e agora via-se perfeitamente que estava a sorrir.

– Quero o divórcio, Lisa. E parece-me que é também do teu interesse.

– Tu? – gaguejou ela. – Tu queres... o divórcio?

Ela nem conseguia acreditar. Era ele, com uma manobra arrojada, quem dava o golpe de mestre, quem tomava esta decisão. O divórcio. O fim. Mas quem sabe se também um recomeço.

– Não nos separemos zangados, Elisabeth – disse ele, com brandura. – Agradeço-te infinitamente, nunca o esquecerei.

20

Aquele domingo simplesmente não queria passar. Talvez fosse do calor que enchia os residentes da Vila dos Tecidos com um cansaço de chumbo. Mas era se calhar por causa da calma. Nos últimos dias, a casa estava envolta num triste e pouco habitual silêncio.

– Chá para três pessoas. Alguns bolinhos. Nada de biscoitos de amêndoa. São demasiado duros para a senhora.

Julius tirou o lenço do bolso e limpou o suor da testa. A farda escura do lacaio era feita de um tecido de lã fino e, com aquelas temperaturas de final de verão, uma autêntica tortura. Ainda para mais ali em baixo, na cozinha, onde o fogão estava aceso.

– Demasiado duros? – resmungou a cozinheira. – Não puseste uma maçã dentro da lata, Gertie?

Gertie, que se sentara à mesa e sonhava acordada, despertou sobressaltada.

– Claro que pus uma maçã lá dentro. Mas a verdade é que já são muito pequenas e todas enrugadas.

– Então tira bolachas de manteiga e põe também alguns biscoitos de amêndoa. O Leo gosta de os comer.

A senhora Brunnenmayer parou e libertou um suspiro. Voltara a esquecer-se de que as crianças não estavam na Vila dos Tecidos, mas sim na Frauentorstrasse. Já haviam passado entretanto quase três semanas.

– Já não há de durar muito mais – disse Else, com um sorriso débil. – O Senhor há de ter piedade e vai unir outra vez a família. Tenho absoluta certeza disso.

Fanny Brunnenmayer lançou-lhe um olhar de esguelha e levantou-se da cadeira para preparar o chá. Nos últimos tempos, à tarde, os patrões preferiam beber chá a café. Era culpa da precetora, que era uma entusiástica adepta do chá e que convencera a senhora de que o café encolhia o estômago e causava cólicas biliares.

– Não me parece correto que essa senhora se sente no salão vermelho com a patroa e o jovem patrão – considerou Gertie, indignada. – É uma empregada como todos nós. Não tem nada que se pôr a beber chá com os patrões.

Julius assentiu, identificava-se plenamente com as palavras de Gertie. Agora que a jovem senhora Melzer já não estava na Vila dos Tecidos, a situação com a precetora agravara-se ainda mais. Passava o tempo todo a bajular a senhora Alicia, lisonjeava-a, dizia-lhe o que ela queria ouvir e dava ordens ao laçao por sua iniciativa. Fazia-o com muito empenho e grande maldade, provavelmente alguém ter-lhe-ia contado que ele, Julius, se queixara dela.

– Se o patrão não estivesse tão abatido, esta cabra velha havia de ver – disse Gertie, que só raramente falava assim abertamente. – Mas o pobre senhor já quase nem parece o mesmo. Anda por aí tão taciturno e tão triste. Quando chega da fábrica, senta-se metade da noite totalmente sozinho no escritório, a ler documentos e a fumar charutos.

– E não é só isso – disse Else, abanando a cabeça com apreensão. – Bebe vinho tinto. Ontem foi uma garrafa de *beaujolais* inteira.

A cozinheira encheu o infusor de chá de prata e enfiou-o no bule com desenhos azuis e brancos. Porcelana de Meissen. Padrão de cebola. O serviço favorito da senhora. Um presente de casamento do irmão Rudolf von Maydorn, falecido há alguns anos. Desde então, a senhora apreciava-o especialmente.

– Em vez de se entregar à bebida, devia despedir a precetora e ir a correr à Frauentorstrasse para trazer a mulher de volta – considerou Fanny Brunnenmayer. Julius acenou em concordância.

– Mas dizem que está doente – interveio Gertie.

– E como hás de tu saber isso?

Gertie encolheu os ombros. Ontem, no mercado, encontrara Hanna e conversara com ela. Hanna vivia agora na Frauentorstrasse, porque tinha de cuidar da jovem senhora Melzer.

– Teve um colapso. Esteve de cama dias a fio, por estar demasiado fraca para se levantar. A Hanna cuidou dela o tempo todo, lavou-a, deu-lhe de comer e tentou animá-la. E também tratou das crianças.

– Essa Hanna, realmente! – disse Else, abanando a cabeça. – Em vez de ser leal à Vila dos Tecidos, vai-se embora e deixa-nos a todos na mão!

– Ela disse que estava muito receosa pela jovem senhora Melzer. Porque, quando era muito nova, ela já tinha sofrido uma hemorragia grave. Quase morreu.

– Jesus Maria! – exclamou Else, juntando as mãos. – Ela não nos há de morrer, com certeza.

A senhora Brunnenmayer bateu com o punho na mesa da cozinha, a ponto de Else se encolher toda com o susto.

– Cala-me essa boca e não te ponhas a prever o pior! A Marie Melzer tem primeiro de vir para a Vila dos Tecidos, porque só então é que fica outra vez boa! – Dito isto, voltou-se na direção do fogão, tirou a chaleira e verteu água quente para dentro do bule.

– Verificaste também se por acaso as natas não estavam azedas, Gertie?

A ajudante de cozinha já pusera chávenas e pires num tabuleiro, e ainda um jarrinho com natas e o açucareiro cheio. Também as bolachas estavam já prontas numa taça, dispostas de forma bonita. Gertie enfiou então o dedo mindinho no jarrinho e lambeu as natas. Com aquele calor, podiam azedar muito depressa, a cozinheira tinha razão.

– Estão boas.

– Para cima, então – disse a senhora Brunnenmayer, acrescentando o bule ao tabuleiro.

Julius levou o tabuleiro e manuseou-o habilmente, levando-o até à saída traseira da cozinha, onde ficava o elevador e as escadas de serviço que conduziam aos aposentos dos patrões.

– Como é possível beber chá quente com este calor? – interrogou-se Gertie, abanando a cabeça, servindo-se do jarro com água gelada. Logo depois, teve de pousar o copo e correr para a porta da rua, já que alguém tocara à campainha.

– Boas tardes a todos.

Auguste estava transpirada depois de atravessar o jardim a correr até à Vila. O sol não lhe fazia bem à pele clara, o nariz começava a pelar e nas faces surgiam-lhe várias manchas vermelhas.

– Estavas a morrer de tédio por lá? – perguntou Fanny Brunnenmayer, que já se voltara a sentar e tirara os óculos para ler o boletim semanal.

– Tédio? Mas é claro, com quatro crianças não há mesmo nada para fazer – retorquiu Auguste. – Ainda lá tenho ervas aromáticas para a sopa e aipo. E também bonitas sécias e dalias no jardim. Para ornamentar a mesa. Como a senhora faz anos em breve...

Pousou a cesta de asas cheia em cima da mesa e deixou-se cair numa cadeira. Desde o parto, em janeiro, quase não emagrecera, apesar de pouco comer, sobretudo a barriga ainda não encolhera. Auguste tinha apenas trinta e poucos anos, mas, depois de dar à luz quatro crianças e com as permanentes preocupações com a sobrevivência diária, parecia já ter deixado para trás os seus melhores anos.

– Ervas para a sopa? – perguntou a cozinheira, baloiçando a cabeça de um lado para o outro. – Já salgámos três boiões grandes cheios para o inverno. E quanto às sécias, isso terás de perguntar à senhora.

– Podes cozinhar amanhã um delicioso caldo de vitela com almôndegas de fígado – sugeriu Auguste. – Em lado nenhum arranjas ervas tão frescas. Estas ainda agora estavam agarradas à terra.

– Muito bem, pronto, deixa-as aí. – A senhora Brunnenmayer tirou a bolsa do dinheiro da gaveta do armário e colocou um marco e vinte *pfennig* em cima da mesa, à frente de Auguste.

Auguste não se queixou. Era um bom preço por três molhos de ervas murchas que Liesl já não conseguira vender no mercado. Enfiou rapidamente o dinheiro no bolso da saia.

– É um *reichsmark* novinho em folha – disse ela, quase com ternura. – Dizem que por dentro é de ouro. Só os *pfennig* é que são os antigos.

Gertie tirou da cesta de Auguste três dos molhos em melhor estado e levou-os para a despensa. A senhora Brunnenmayer tinha na verdade bom coração. Se fosse ela, não teria comprado à Auguste nem um só caule, já que por vezes sabia ser bem falsa. Mas era certo que as coisas no horto não estavam a correr bem e os quatro pequenos não tinham culpa nenhuma de a mãe ser tão traiçoeira.

– Ali esfalfamo-nos de manhã à noite – disse Auguste, bebendo um bom gole do copo que Else colocara diante de si. – Mas o dinheiro vai tão depressa como veio. Impostos, salários, escola, banca do mercado. A Liesl precisa de uma saia nova, o Maxl não tem casaco para o frio e nenhum tem sapatos para o inverno. E logo agora o Gustl havia de ter começado a beber. Vai à noite para a cidade e senta-se na taberna a beber cerveja com velhos camaradas da guerra.

Afastou o copo para o lado e, esfomeada, estendeu a mão na direção das bolachas que estavam em cima de um prato no meio da mesa. Os exemplares menos bem conseguidos ficavam para a criadagem, alguns haviam-se partido ao tirar o tabuleiro do forno, outros haviam escurecido um pouco demais. Como era evidente, também comiam o que os patrões deixavam no prato.

– Nunca pensei que o Gustav algum dia começasse a beber – disse Else, abanando a cabeça. – Ele foi sempre tão ajuizado.

Auguste mastigava bolachas de manteiga e nada respondeu. Não fora seguramente inteligente falar ali daquela circunstância. Mas ela tinha de o deitar cá para fora, caso contrário estava capaz de explodir. O inverno estava aí à porta e pouco dinheiro iam ganhar, sendo que ela não conseguira pôr algum de lado. Se não trabalhasse volta e meia na Vila dos Tecidos, já teria morrido de fome há muito.

Lá atrás, nas escadas de serviço, ouviam-se agora passos. Julius regressava do salão vermelho, de tabuleiro nas mãos.

– Eu já sabia – disse ele, com a voz trémula. – O meu instinto não me engana nunca. Eu sabia que ela estava a planear alguma coisa para me humilhar. Aquela aranha repugnante e traiçoeira.

Todas se viraram para ele, uma tal explosão era muito invulgar nele.

– Que fez ela? – cochichou Gertie.

Todos, incluindo Auguste, sabiam evidentemente a quem ele se referia.

Julius pousou o tabuleiro, no qual se via apenas o açucareiro. Tinha as mãos a tremer.

– Começou por dizer que este açúcar não era o adequado para pôr no chá. Que precisava de açúcar-cândi, que já o vira em Londres. E os ingleses eram experientes no que tocava a beber chá.

– Ela que vá então para lá, a imbecil – disse Auguste, mordaz. – Para a Inglaterra. E, por mim, para Londres também.

– Foi só isso? – perguntou Gertie, desiludida. – É por isso que está tão irritado?

Julius teve de se sentar, estava tão pálido que recearam por ele. Não, isso fora só o início.

– Quando serviu o chá – disse ele com a voz débil –, eu estava a um bom metro de distância dela. E então ela disse... Ela teve o incrível atrevimento...

– Fungou, desesperado, limpou a testa com os dedos agitados. Parecia mesmo que o pobre homem ia desatar a chorar. – Então virou-se para mim e disse: «Não se costuma lavar, Julius? Tem um terrível odor corporal.»

Fez-se silêncio. Era muito forte. Mesmo que tivesse razão, era coisa que não se dizia no salão diante dos patrões. Na Vila dos Tecidos, era sempre hábito tais temas serem abordados pela governanta numa conversa discreta sem a presença de terceiros.

– E a senhora? – gaguejou Gertie. – Não pôs a Von Dobern na linha?

Julius já não estava capaz de falar. Limitava-se a abanar a cabeça e a tapar o rosto com as mãos.

– Pura maldade! – disse a cozinheira enfaticamente. – Pisou numa cobra venenosa, Julius, e agora ela está a morder de volta.

Ouviram bater à porta da cozinha, mas estavam tão agitados com o relato de Julius que ninguém se levantou para a ir abrir.

– Essa devia estar numa jaula!

– Empalhada, no museu.

– E os dentes venenosos ainda haviam de ser destruídos à pancada.

Bateram mais forte. Gertie levantou-se por fim de um salto e correu a contragosto até à porta.

– Jesus Senhor, ora quem havia de ser! – saltou-lhe da boca. – A Maria Jordan. É que vem mesmo a calhar à conversa.

– E então? Que queres dizer com isso, Gertie?

Maria Jordan entrou na cozinha com grande naturalidade, sorriu em volta e cumprimentou-os com condescendência. Afinal de contas, ela era agora uma empresária independente, não mais uma funcionária, já não se subjugava a ninguém. Também a sua indumentária se ajustara ao seu novo estatuto, usava uma blusa de seda de cor clara com uma saia creme a dar-lhe pelas barrigas das pernas, a combinar com sapatos de verão claros com uma pequena tirinha atravessada sobre o peito do pé. Trazia abertos os dois botões cimeiros da blusa, pelo que se via o reluzente fio de ouro pendurado no seu pescoço fino.

– Oh, nada – balbuciou Gertie. – Estávamos... estávamos mesmo a falar sobre... sobre dentes.

– E o que é que isso tem que ver comigo? – perguntou Maria Jordan, ligeiramente ofendida.

– Porque mandou fazer esse lindo dente de ouro – persistiu Gertie na mentira.

Com efeito, nos últimos meses, via-se um dente canino de ouro a brilhar em cima e à esquerda da dentadura de Maria Jordan. Também isso era prova de que os negócios lhe corriam de feição.

– E qual a razão de tanta agitação? – disse ela, encolhendo os ombros, sorrindo uma vez mais para mostrar a todos a sua dispendiosa aquisição. – Quer dizer, sirvo muitas vezes na minha loja clientes das mais altas esferas. Tenho de manter uma aparência cuidada.

– Sem dúvida, sem dúvida – disse Else com admiração. – Saiu-se extraordinariamente bem, menina Jordan. Não se quer sentar connosco?

Desde que Maria Jordan era proprietária de duas casas e uma loja, Else decidira tratá-la formalmente. Na presença da visitante, Julius recompôs-se e tirou a cara de enterro, enquanto Auguste fitava Maria Jordan com inveja. Aquela cobra falsa tornara-se autónoma, tal como ela. Mas enquanto o horto estava quase na falência e ninguém sabia como conseguiriam sobreviver no inverno, o negócio de Maria Jordan parecia ir de vento em popa. É claro que, entretanto, já se sabia como ela ganhava o seu dinheiro, aquela vigarista prestidigitadora. Lia o futuro a clientes inocentes. Constava que se sentava num quartinho escuro como breu entre imagens de espíritos e corujas empalhadas e que, além das cartas, usava entretanto também uma esfera de vidro cheia de água. Comprara-a a um sapateiro que fechara a oficina por ter já muita idade.

– Gosto sempre de vir conversar um pouco com velhos amigos e colegas – disse Maria Jordan. – Continuamos a ser uma comunidade unida, mesmo que

alguns de nós já tenhamos saído da Vila dos Tecidos. Como vai indo o nosso querido Humbert, Fanny? Escreve-te muito?

– De vez em quando – rosnou a cozinheira, que se dedicava novamente ao boletim semanal.

– Tinha mesmo talento, o rapaz! Imitava toda a gente como ninguém. Era surpreendentemente parecido com a realidade. Aquela jarra tem água gelada?

– Água gelada com um toquezinho de hortelã-pimenta. – Julius já recuperara a compostura e apressou-se a servir a visita. Depois de Hanna se ter revelado uma fortaleza inconquistável e Gertie uma grande rabugenta, esforçava-se agora por fazer a corte a Maria Jordan. E ela não se importava nada.

– Obrigada, Julius. Muito atencioso da sua parte. Parece-me um nadinha exausto, meu caro. Ou tem dificuldade em lidar com este verão tardio?

Julius alegou ter dormido mal. Lá em cima, no sótão, onde ficavam os aposentos dos criados, também durante a noite fazia um calor insuportável.

– A quem o diz! – suspirou Maria Jordan. – Lembro-me das longas noites de verão em que ficava acordada e até tirava a camisa de dormir do corpo para não morrer asfixiada.

Gertie desatou a resfolegar e disfarçou a sua boa disposição com um ataque de tosse fingido. Auguste revirou os olhos. Else esboçou um sorriso benevolente. Julius fez um sorriso malicioso. Apenas a senhora Brunnenmayer continuava a ler o boletim semanal e fingia não ter ouvido nada.

– E já que uma pessoa está acordada durante a noite – prosseguiu Maria Jordan, sem se deixar perturbar –, surgem então as preocupações

e começamos a pensar sobre tudo e mais alguma coisa. Não é verdade? Acontece-nos a todos.

Julius pigarreou e concordou. Auguste observou que, naquele ano, havia uma quantidade pouco habitual de desagradáveis mosquitos. O silêncio instalou-se então de novo, ouvia-se apenas Else a morder uma bolacha. Insatisfeita, Maria Jordan recostou-se na cadeira. Tivera a esperança de que bastaria um pequeno incentivo para abrir todas as comportas. Contudo, ao que parecia, teria de sacar de armas mais poderosas.

– É verdade, sim, nem toda a gente tem a vida que quer – observou, suspirando. – O ateliê da senhora Melzer também já está fechado há pelo menos duas semanas. Ela não está doente, pois não?

Todos sabiam que Maria Jordan odiava Marie Melzer. Era uma antipatia que vinha do tempo em que Marie ascendera de ajudante de cozinha a camareira, afastando Maria Jordan da sua posição. E ela nunca lho perdoara.

– Sim, sim, a senhora está doente – disse a senhora Brunnenmayer por fim.
– Nada de grave. Mas tem de se resguardar algum tempo na cama.

Maria Jordan fez um ar preocupado e pediu que lhe desejassem «breves melhoras» por ela.

– E que tem ela? Esperemos que não seja uma hemorragia. Ela já antigamente era enferma.

Nem sequer Auguste, que tanto gostava de dizer mal da senhora Marie Melzer, estava com vontade de alimentar a curiosidade de Maria Jordan.

– Não tarda nada já fica boa – disse Gertie casualmente.

– Ora muito bem. Fico contente com isso. A sério. Há pouco tempo, vi a senhora Kitty Bräuer de carro com as duas crianças. Viraram para

a Frauentorstrasse.

Julius abriu a boca para dizer alguma coisa, mas um olhar de aviso da cozinheira emudeceu-o.

– Se vieste até aqui para nos sondar e obter informações, Maria, estás com azar – disse Fanny Brunnenmayer. – Nenhum de nós se vai pôr a mexerica sobre os patrões da Vila dos Tecidos, esses tempos já lá vão. Quando tu aqui trabalhavas, eras uma de nós e falávamos de tudo entre nós. Mas agora és uma rica proprietária, usas sapatos caros e meio quilo de ouro ao pescoço e na boca! Escusas de vir sentar-te à nossa mesa como uma hipócrita e ver se apanhas alguma coisa!

– Quer dizer então que é assim! Bom, pelo menos agora já sei – disse Maria Jordan mordazmente. – Ao que parece, aqui ninguém dá importância a velhas amizades. É uma pena, lá isso é. Uma grande pena. Mas é assim que se fica a conhecer as pessoas.

Julius ergueu as mãos, com a intenção de acalmar as hostes. Não era preciso irritar-se, a cozinheira estava maldisposta naquele dia. A culpa era do calor.

– A culpa é da inveja – disse Maria Jordan, levantando-se com determinação da sua cadeira. – Vocês transpiram inveja por todos os poros! Porque eu alcancei alguma coisa e vocês ainda continuam aqui sentados na cozinha e a rastejar atrás dos patrões por um salário miserável. Não me conseguem perdoar isso, pois não?

A única resposta da senhora Brunnenmayer foi um gesto claro com a mão, apontando para a porta da rua.

– Acham que não sei o que se passa aqui na Vila dos Tecidos? – continuou Maria Jordan, falando baixinho com malícia. – Deu-se uma tempestade. Separados. Dizem os pardalitos lá de cima dos telhados que o divórcio estará

iminente. Aí é que ela vai aprender, a altiva da Marie. Sim, quanto mais alto se sobe, maior a queda.

– Tenha mas é cuidado para que não lhe aconteça também isso a si – disse Auguste, que estava agora fortemente irritada com a acusação de que seria invejosa. Sobretudo porque, infelizmente, era muito certa.

Maria Jordan estava já junto à porta. Aí chegada, empurrou Julius para o lado, que lhe quisera agarrar no braço para a apaziguar, e voltou-se para Auguste.

– Tu é que não tens razão nenhuma para me caluniar, Auguste – disse ela, furiosa. – Ainda ontem foste à minha loja pedir um favor. Eu até te teria ajudado, mas foste-te logo embora.

Auguste corou, pois agora todos estavam de olhos postos nela. Contudo, em caso de necessidade, era raro não ter uma mentira pronta.

– Porque é que te admiras? – disse ela, encolhendo os ombros. – Vendes demasiado caro, Maria. Quem é que pode pagar dois marcos por cem gramas de café?

A mentira não fora propriamente muito bem conseguida, já que todos ali sabiam que a família do jardineiro Bliefert jamais teria condições para pagar café em grão genuíno.

– Passa então por lá amanhã. Com certeza chegaremos a acordo – disse-lhe Maria Jordan, voltando-se então para a senhora Brunnenmayer com um sorriso falso. – E a todos os restantes desejo um domingo agradável. Não trabalhem demasiado, meus queridos amigos, não seria bom para a saúde com o tempo quente que faz lá fora.

Julius abriu-lhe a porta e ficou pacientemente à espera enquanto ela saía deliberadamente devagar.

– Um bom domingo e não leve a mal. Até breve...

Quando voltou para junto da mesa, foi recebido com um olhar pouco simpático da cozinheira, ao qual ele respondeu com um encolher de ombros.

– Estou mesmo admirada – disse Gertie.

– Admirada com o quê?

– Que o senhor não se entenda com a Von Dobern, Julius – retorquiu Gertie com um ar inocente. – Vendo que tem um apreço tão grande por cobras venenosas.

Julius limitou-se a bufar e fez com a mão um gesto de desprezo na direção de Gertie. Auguste riu-se histericamente e pegou na cesta de asas.

– Já vai sendo tempo de eu ir – disse ela, levantando-se. – Amanhã trabalho cá duas horas, a bater tapetes.

– Auguste.

A contragosto, voltou-se para a senhora Brunnenmayer.

– Que é?

Fanny Brunnenmayer tirou os óculos, pestanejou e fitou-a de olhos penetrantes.

– Não vais desperdiçar o teu dinheiro com porcarias daquelas, pois não? Cartas. Esfera de vidro e sei lá mais o quê?

Auguste riu-se na cara da cozinheira. Acharia ela que tinha perdido o juízo? Havia coisas melhores em que gastar o dinheiro. Se ao menos o tivesse.

– Nesse caso, muito bem.

Dirigiu-se para a porta, abanando a cabeça, acenou ainda rapidamente a Else, para se manter nas suas boas graças, já que amanhã ela deveria dizer aos patrões que era imprescindível a ajuda de Auguste nas grandes limpezas de outono que se faziam em outubro.

Ora, dava tanto valor às adivinhações de Maria Jordan quanto a senhora Brunnenmayer. O que ela queria era outra coisa.

Naqueles sonhos febris, ela via coisas que há muito estavam adormecidas nas profundezas da sua consciência, como folhas murchas que se afundam num lago. Eram imagens pouco nítidas e pareciam tremer, como o reflexo na superfície da água em movimento. Por vezes, era uma só imagem, uma memória que a contemplava com ternura, com quem conversava e por vezes também chorava. Depois abatia-se sobre ela um sem-fim de cenas assustadoras, desconcertantes como as janelas de um comboio a passar a toda a velocidade, ela estava estendida a arquejar no meio das almofadas, entregue aos delírios da febre.

No início, via a mãe. Eram imagens desbotadas, mais desenhos a lápis, sem cores. Uma mulher jovem diante de um cavalete, um pano de lã a envolver-lhe os ombros, sobre os quais pendia o seu cabelo comprido e solto. Tinha um rosto anguloso, o nariz destacava-se, o queixo, os lábios sempre comprimidos numa linha fina. A mão direita esboçava constantemente movimentos duros e vigorosos sobre a folha presa ao cavalete. Traços e zonas a preto. Pintava a carvão.

Depois, o rosto da mãe aparecia-lhe muito próximo, debruçado sobre ela, e aí já era outra. Terna. Ria-se com ela. Brincava com ela. Acenava-lhe com a cabeça. Inclina a cabeça para o lado, lançava o cabelo comprido para trás das costas. Marie... *Ma fille*. Mariezinha... Bébé Marie... A minha pequena Marie... *Que je t'aime*. Meu tesouro... *Ma petite, mon trésor*...

Ela ouvia os nomes carinhosos e reconhecia-os. Cada um deles. As suas mãos eram muito pequeninas e com elas remexia no rosto da mãe, agarrava-lhe o nariz. Ouvia-a a rir-se e a ralar: «Larga, sua danada. Estás a magoar-

me!» Sentiu uma das madeixas do seu denso cabelo ruivo no seu punho, enfiou-a na boca e não mais a queria largar.

Quando emergia por breves momentos dos seus sonhos febris, via Hanna sentada a seu lado. Esta segurava um copo na mão e tentava dar-lhe a beber um pouco de chá de camomila. Ela bebia avidamente, tinha necessidade de tossir e mergulhava, esgotada, de novo nas almofadas.

– Tem de comer alguma coisa, senhora Melzer. Só uma colherzinha. A Gertrude fez caldo de vitela com ovo escalfado especialmente a pensar em si. Muito bem... Só mais uma colherzinha. E este pedacinho mínimo de pão branco.

Não lhe apetecia comer. Queria apenas beber, humedecer a boca seca, a língua ressequida, absorver a água fresca no corpo incandescente da febre. Mas cada movimento era um esforço infinito, mal conseguia levantar a cabeça. Tinha a pulsação a mil, a respiração acelerada, por vezes achava que estava a voar.

Ouviu um piano a tocar. Era Leo, o seu pequeno Leo. Também Dodo estava perto dela, ouvia-a a cochichar com Hanna. Os seus filhos estavam com ela. Dodo entregou a Hanna panos húmidos e falou baixinho com ela. Hanna enrolou os panos frios à volta dos tornozelos e dos pulsos e, por momentos, a febre perdeu força. Amiúde, ouvia uma voz que conhecia muito bem. A voz da sua cunhada Kitty.

– Não, mamã. Isso está absolutamente fora de questão. Ela tem febres terrivelmente altas. O doutor Greiner vem todos os dias ver como ela está... As crianças? De modo nenhum. Não, enquanto essa megera andar a fazer das dela na Vila dos Tecidos... Sabes muito bem a quem me estou a referir.

Então, de repente, Marie percebeu que estava acamada em casa de Kitty. Longe da Vila dos Tecidos. Longe de Paul, com quem tivera uma discussão. Um precipício abriu-se diante de si, como uma grande bocarra para a devorar. A separação. Quem sabe, o divórcio. Iam tirar-lhe as crianças. Seria banida. Teria de abandonar tudo o que alguma vez amou. Entrar nas trevas. Sozinha.

A febre ardia, incandescente, como uma chama tremenda, e envolveu-a. Viu um quarto que conhecia bem, um quarto feio, uma fileira de camas, o estuque a esboroar nas paredes, sob as camas havia bacios por esvaziar. Havia sempre uma criança doente, sobretudo as mais pequenas. Muitas vezes, eram várias, que se haviam contagiado entre si. Quando uma morria, era transportada lá para fora, envolta no lençol, mas nunca sabia para onde a levavam. Viu a sua amiga, chamava-se Dodo, como a filha. O seu pequeno rosto pálido, as mãos magras, a camisa de noite comprida rasgada de lado. Ouvia a sua voz murmurante, o seu pequeno riso, sentiu por breves momentos o corpo franzino a seu lado na cama. Dodo foi levada para um hospital e nunca mais a voltara a ver. Quando eram saudáveis, tinham de trabalhar lá em baixo, na cozinha, ou escolher batatas na cave.

«Tu só nos dás problemas. Achas por acaso que és demasiado boa para trabalhar na fábrica? Queres subir na vida, é isso? Ler livros. Pintar quadros.»

Era o que dizia a senhora Pappert, a diretora do Orfanato das Sete Mártires. Nunca esqueceria aquela mulher que a atormentara durante anos. Aquela fulana trazia incontáveis pobres criaturas na consciência, poupava na comida e na roupa, não acendia a salamandra, desviava o dinheiro da fundação para a sua própria conta. Porque haveria a senhora Pappert de se preocupar se os pequenos morressem? Vinham sempre outros e a Igreja pagava por eles.

– Mas só alguns minutos – disse a voz de Kitty. – Não podes falar com ela. Ainda está cheia de febre. Cuidado para não deitares o bule ao chão.

Sentiu uma mão na testa, pesada e fresca. Alguém lhe afagava a face com dedos desajeitados, tocava-lhe na boca.

– Marie. Ouves-me? Marie.

Marie foi tomada por uma enorme saudade. Abriu os olhos e viu um rosto, a oscilar, pouco nítido. Era Paul. Ele viera vê-la. Estava tudo bem. Afinal de contas, ela amava-o. Amava-o mais do que tudo no mundo.

– Tens de te pôr boa, Marie. Promete-me. Nunca mais vamos discutir. Mas vais ter de voltar para nossa casa. Não há motivo nenhum para esta discussão parva. Pode tudo ser tão simples.

– Sim – ouviu-se a si mesma a sussurrar. – Sim, é tudo tão simples. – Tê-la-ia beijado? Marie sentiu por instantes o odor do seu casaco, cheirou a mistura familiar de tabaco, fábrica, carro e sabonete floral, sentiu o seu áspero queixo por escanhoar junto à face. E depois ele já lá não estava, algures lá fora, no corredor, ouvia-se uma discussão de vozes iradas.

– Onde é que achas que estão? Na escola, como é evidente!

– Eu vou mandar alguém ir lá buscá-los. O lugar deles é na Vila dos Tecidos!

– Queres que a Marie fique boa ou não?

– E que quer isso dizer?

– Então deixa as crianças ficarem aqui na Frauentorstrasse, Paul.

– Mas isso é um disparate! Daqui a dois ou três dias podemos levar a Marie de volta para a Vila dos Tecidos, já falei com o doutor Greiner. Vou contratar uma enfermeira para cuidar dela até estar boa.

– Não podes mandar a Marie para a Vila dos Tecidos contra a vontade dela, Paul. Não vou permitir! Isso é sequestro.

– Mas que disparates estás para aí a dizer, Kitty? Sequestro! A Marie é minha mulher.

– E que tem isso a ver com o assunto?

– Enlouqueceste completamente, Kitty. São estas as opiniões das mulheres modernas? Também és uma daquelas mulheres que fumam em público, defendem o amor livre e consideram supérfluo o casamento de um homem com uma mulher?

– A Marie não sai da minha casa a menos que o faça por sua própria vontade e por decisão dela. Ouve bem o que te digo, Paul! – Seguiu-se um estrondo, como se alguém tivesse atirado a porta com toda a força contra a fechadura. Marie deu conta de que estava a chorar. Incessantemente, escorriam lágrimas sob as suas pálpebras, corriam pelos lados, passando pelas têmporas e caindo na almofada, onde a sua humidade não tardou a ser fresca, em vez de quente. Algo que lhe fora muito caro, uma grande e feliz esperança, rebentara, e os estilhaços zuniam por todo o lado como cristais de gelo aguçados.

– Mamã, tens de parar de chorar. Agora quero que fiques boa, está bem? Por favor.

– Dodo? Os teus dedos estão tão frios.

– Mamã. A tia Kitty levou-nos ao aeródromo. O Leo aborreceu-se de morte. Eu achei tudo magnífico. Vimos os angares. E um senhor simpático deixou-nos entrar porque a tia Kitty lhe pediu. Estava um avião lá dentro e pude sentar-me lá dentro. E depois voei. Não a sério, foi só a fingir. Mais

depressa, cada vez mais depressa, muito, muito depressa. E upa... pelos ares. Mamã? Mamã, eu quero ser aviadora.

Marie piscou os olhos e olhou para a filha. Empolgada, Dodo mostrava com os braços como o avião levantava voo. Como brilhavam os seus olhos cinzentos. Os olhos de Paul. Quanta força e vontade tinha aquela criança.

– Por favor, dá-me um lenço, Dodo.

– Henny! Vai buscar um lenço limpo!

Henny espreitou pela fresta da porta e pareceu entusiasmar-se pouco com a tarefa de que fora incumbida.

– Mas só desta vez. Porque é para a tua mamã.

Recebeu um lencinho debruado a renda de cambraia, que cheirava intensamente a perfume caro. Henny tê-lo-ia tirado provavelmente da cómoda de Kitty. A febre ainda ardia, e volta e meia subia, mas estava a perder intensidade. Marie ouvia os sons à sua volta, os sussurros e risinhos das mulheres, misturados com os berreiros de Henny, o som das panelas a bater que vinha da cozinha, as vozes murmuradas dos dois rapazes na sala de música. Escutava-os a tocar, acompanhava as melodias, sofria quando interrompiam, deixava-se ir com eles num estado de beatitude quando a frase era bem-sucedida.

– Mamã? Estás com melhor aspeto, mamã. Tocámos Mozart para ti. A senhora Ginsberg disse que é melhor do que Beethoven quando alguém está doente. O Beethoven fica muito agitado, o Schubert só nos põe tristes e apetece chorar. Mas o Mozart, disse ela, o Mozart cura todas as preocupações e faz-nos felizes. É verdade, mamã? Agora estás feliz?

Pelo menos o filho parecia estar a flutuar de felicidade. Tagarelava sobre acordes e cadências, dó maior e lá menor, *piano e pianissimo, moderato e allegro*.

Por momentos, Marie achou que o seu rosto ardente de entusiasmo lhe fazia lembrar alguém, mas depois a imagem caiu novamente no esquecimento. O seu cabelo escurecera tanto, quase parecia ter um brilho avermelhado quando a luz sobre ele incidia.

– Tocaram maravilhosamente, tu e o Walter. Mas tens de cortar o cabelo, pareces uma menina.

Ele passou com indiferença quatro dedos pela poupa que se formava acima da testa.

– A tia Gertrude disse que mo corta hoje à noite.

À noite, à hora em que a febre costumava voltar a subir, Marie sentia-se melhor. Riu-se com Hanna por causa do casaquinho cor-de-rosa que Kitty lhe emprestara para se sentar na cama e lhe poderem pentear o cabelo.

– É absolutamente impossível, senhora Melzer – queixava-se Hanna, que se esforçava seriamente por vencer o imenso cabelo emaranhado de Marie com o pente e a escova. – Não estou a conseguir.

Também Kitty deu o seu melhor, muito embora não tenha sido tão cuidadosa como Hanna.

– Agora percebes bem como isto é pouco prático – disse ela, pondo a escova de lado, resignada. – Quem é que hoje em dia ainda tem cabelo comprido? Só as derradeiras pacóvias das quintas de montanha, lá em cima, nos Alpes.

– Ah, Kitty.

– Cortar tudo! – disse Kitty categoricamente.

Já há muito que Marie vinha a ponderar essa ideia. Decidira não o fazer porque Paul não queria. Mas também as crianças.

– Queres andar por aí com um colchão de feltro em cima da cabeça? Não seria difícil acreditar que tivesses aí ratinhos dentro desse ninho.

Marie puxava de um lado para o outro a sua farta cabeleira – era verdade, já não ia ser possível desembaraçá-la.

– Bom... Vamos a isso então.

Gertrude preparou tudo e dedicou-se, por fim, à tarefa com grande afinco, declarando que, na verdade, quando era pequena, desejara tornar-se cabeleireira, mas depois preferira casar-se com um banqueiro. Pelo som, parecia que estava a cortar fios de vidro, por precaução Marie fechou os olhos ao longo de toda a operação. Em seguida, viu-se no espelho de mão de prata de Kitty e achou que o penteado curto lhe ficava muito bem.

– Ficaram aqui ainda algumas pontas, Gertrude – criticou Kitty. – Tens de ver com atenção, a Marie tem o cabelo forte. Mas fica-te maravilhosamente bem! Uma Marie totalmente nova! Oh, assim gosto ainda mais de ti, minha doce Marie. E agora vamos fazer um piquenique.

– Lá fora, no jardim? – perguntou Gertrude, rindo-se. – Agora, já tão tarde?

– Não, no jardim não. Aqui ao pé da Marie.

– Ao pé... de mim?

A vida regressava-lhe com toda a pujança, entrava alegremente num caos colorido pelo antigo leito de doença adentro, expulsava simplesmente a febre e a fraqueza e instalava-se firmemente dentro dela. Uma toalha de mesa aos quadrados azuis e brancos foi lançada por cima do seu edredão, Hanna

enfiou-lhe três grossas almofadas atrás das costas, enquanto Gertrude pousava em cima da cama uma enorme taça com salada de batata e pastéis recheados. Pratos, talheres, um cesto de pão fresco, manteiga e, por fim, a peça magistral de toda a oferta gastronómica: um tabuleiro de bolo com a primeira tarte de ameixas do ano!

Sentaram-se todos à sua volta, as crianças até subiram para a cama. Gertrude pediu por favor que ninguém entornasse o sumo de maçã em cima dos lençóis brancos. Contudo, no meio do alegre alvoroço geral, a advertência passou despercebida.

– Mamã, ficas horrível com o cabelo curto!

– Leo, és burro como uma porta! A tia Marie fica mesmo bonita com o cabelinho assim!

– Eu também adoro cabelos curtos. Quando pilotar um avião, vou cortar as estúpidas das tranças.

Hanna entregou a Marie um prato com comida. Para seu grande espanto, não apenas conseguiu comer, como estava aliás mesmo esfomeada. Quase não davam conta de que alguém tocara à campainha, apenas Leo, que tinha os ouvidos mais apurados, desceu a correr para abrir. Assomou logo em seguida à porta como um arauto, fez uma vénia teatral e anunciou:

– Senhor Von Klippstein!

– O Klippi? Oh, que querido – exclamou Kitty. – Ele que entre e que traga uma cadeira. Ainda sobrou alguma tarte de ameixas? Hanna, dá-me cá essa almofada, o pobre Klippi só vai encontrar um banco de cozinha.

Um grande ramo de rosas foi instalado na cómoda. Kitty disse mais tarde que Klippi estivera tão estranho que até dera vontade de rir. Tão terrivelmente

confrangido quando entrou no quarto de Marie, tão hirto no banco de cozinha bamboeante e depois não sabia o que fazer com o copo de sumo de maçã, enquanto equilibrava ao mesmo tempo um prato de tarte de ameixas em cima dos joelhos.

– Sabe que a Tilly disse que viria na próxima semana? Quer fazer uma visita rápida à mãe antes de começar o semestre. Pobre Tilly, não tem a vida fácil com aqueles professores velhos e casmurros.

– Lamento sinceramente pela menina Bräuer. É uma jovem tão inteligente e dotada, e merece a minha inteira admiração. Quando vai estar cá?

– A tarte já acabou, Gertrude?

– Hanna, entornaste!

– Mamã, esta noite posso dormir aqui contigo?

Marie sentia-se saciada e cansada. Escutava as conversas, apesar de mal as conseguir acompanhar, apreciava toda aquela ruidosa alegria, respondia aqui e ali e sorria feliz. As suas pálpebras iam-se fechando com cada vez mais frequência, sonhos acordados misturavam-se com a realidade, o sono queria tomá-la suavemente nos seus braços.

– Se a Dodo dormir com a mamã dela, então esta noite eu quero dormir com o Leo! – berrou Henny.

– Nunca na vida! – defendeu-se Leo, horrorizado.

– Posso servir-me de um bocadinho de salada de batata? Está deliciosa, minha senhora.

– Ora essa, senhor Von Klippstein. Deixa-me confrangida. É só uma salada de batata absolutamente normal. Cozem-se as batatas, cortam-se cebolas, pepinos, tempera-se com um pouco de vinagre e óleo...

- Acho que o Klippi não queria entrar em tantos pormenores, Gertrude.
- E porque não? Um homem não se deve envergonhar de saber um pouco de culinária. Já os cruzados faziam eles próprios as suas sopinhas.
- Acho que a Marie precisa agora de dormir, senhora Bräuer.
- Tens razão, Hanna. És uma rapariga sensata. Que seria de nós sem ti? Ei, meus queridos. O piquenique acabou. Cada um leva alguma coisa para a cozinha. As crianças também. Falem baixinho, a Marie agora vai dormir... Deus do céu, acho que já adormeceu. Henny, a taça grande é demasiado pesada para ti. Leo, estás a largar migalhas no tapete. Klippi, leve por favor as flores para baixo.

Mais tarde, Marie já não sabia como haviam todos saído do pequeno quarto com louça, talheres e cadeiras. Ela caíra num poço fundo e fresco e, lá no fundo, o sono embalava-a nos seus braços. Apenas escuridão suave e silêncio retemperador. Sem sonhos. Sem imagens. As portas da memória haviam-se fechado novamente.

Na manhã seguinte, despertou com o canto dos pássaros e sentia-se saudável. Levantou-se sem fazer barulho, foi à casa de banho, lavou-se com água fria, penteou o cabelo curto e vestiu um roupão de Kitty.

– Voltei à vida – disse, sorrindo, quando chegou à cozinha, onde estava Gertrude.

– Já não era sem tempo – afirmou Gertrude, servindo-lhe um copo de café quente. – O teu marido anunciou que ia passar cá hoje de manhã.

Marie sentiu um ligeiro sobressalto no batimento do seu coração, mas não lhe deu atenção.

– Ainda bem – disse ela devagar, bebericando café. – Vamos finalmente dizer o que temos a dizer. E reconciliar-nos.

Gertrude não disse nada. À frente da janela, um melro entoava a sua canção matinal. Passados alguns minutos de silêncio, apareceu Hanna, presenteou Marie com um alegre sorriso e disse que ia acordar as crianças para irem para a escola. Pouco depois, vozes alegres encheram a casa, Henny e Dodo entraram a correr na casa de banho e trataram de provocar uma pequena inundação, ao passo que Leo, dorminhoco, teve de ser acordado três vezes por Hanna até, por fim, se separar da almofada.

Um pequeno-almoço rápido sentados à mesa da cozinha, conversas alegres, gargalhadas, Hanna barrou pães com manteiga, Gertrude embrulhou-os e enfiou-os nos saquinhos do pão. Henny subiu a correr porque se esquecera de um caderno, Dodo entornou o copo de leite, Leo estava outra vez ao piano.

– Sonhei a noite toda com esta música, Gertrude. Tenho de experimentar.

– Baixinho! – resmungou Henny, furiosa. – A mamã ainda está a dormir! – Despediram-se todos de Marie lançando-se ao seu pescoço, afagando-lhe a face com os dedos pegajosos.

– Agora que já estás boa, mamã, é tudo maravilhoso aqui. Se o papá e a avó também se mudassem para cá, a senhora Von Dobern ficava totalmente sozinha na Vila dos Tecidos!

Hanna estava já a postos para acompanhar a miudagem até às diferentes escolas, pelo que logo se foram embora. De repente, a casa voltara a ficar silenciosa, Gertrude arrumava a louça e Marie subiu novamente para se vestir. Hanna, que alma bondosa, lavara e engomara a sua roupa. Marie suspirou. Não, a rapariga não tinha futuro nenhum como costureira, era simplesmente demasiado desajeitada. E parecia estar absolutamente satisfeita ali na

Frauentorstrasse. Ajudava na cozinha, limpava a casa, tratava carinhosamente das crianças; e, não menos importante, Hanna cuidara dela com espírito de sacrifício. Era o espírito bom daquela casa. Que infelicidade ter-se metido na altura com aquele russo e ter abortado a criança. Desde essa experiência terrível, esquivava-se cheia de medo de qualquer homem que se aproximasse dela. E, contudo, de certeza que seria muito feliz como esposa e mãe.

Esposa e mãe, pensou Marie. Eu também o sou. Não é esta a mais importante vocação da mulher? Porque hei de ter o disparate do ateliê se isso me faz negligenciar o meu marido e os meus filhos? Não, posso facilmente prescindir do ateliê.

Paul chegou cerca das dez horas. A essa hora, Kitty ainda não se levantara, por isso foi Gertrude quem o recebeu à porta. Marie estava na sala de estar, de pé, junto à janela, a olhar para fora, para o jardim, e o coração batia-lhe tão violentamente que se sentia tonta.

– Ela está melhor? Levantou-se? – ouviu ela a voz agitada de Paul no corredor.

– Ainda está fraca, Paul. Não a deves de modo nenhum enervar.

– Meu Deus, que alívio!

Ouviu-o a rir-se baixinho e as saudades dele assoberbaram-na. Paul. O seu amado. Como amava aquele riso atrevido e juvenil. As suas piadas secas. O rápido olhar de esguelha quando a queria desafiar.

Ele bateu à porta. Não propriamente baixinho, mas também sem ser invasivo.

– Entra, Paul.

Ele abriu, manteve a mão no puxador da porta, enquanto olhava para ela a sorrir. Ela sentiu o calor a subir dentro dela, as faces a arder. Sentira tanto a sua falta.

Ficaram assim imóveis por um breve instante, sentiam ambos a atração dos seus corpos, a saudade de serem um só com a pessoa que amam. Passou pela cabeça de Marie que aquele momento era irrepetível. Nunca na vida eles se amariam e desejariam com mais intensidade do que naqueles poucos segundos.

Foi Paul quem quebrou a tensão. Fechou a porta e foi ao encontro de Marie, parou alguns segundos à sua frente e depois envolveu-a impulsivamente com os braços, apertando-a contra si.

– Até que enfim que estás comigo outra vez – murmurou. – Tive tanto medo por ti, meu amor!

Marie sentiu uma felicidade indistinta, enquanto se aninhava nele, uma sensação de regresso e de segurança, mas, ao mesmo tempo, sentia-se tonta, já que o seu abraço lhe tirava o ar.

– Tem cuidado, querido. Ainda não me aguento bem nas pernas.

Ele beijou-a ternamente, levou-a para o sofá, para que se pudesse sentar, e envolveu-a num abraço.

– Foi imperdoável da minha parte o que disse sobre a tua mãe, Marie. Perdoa-me. Arrependi-me mil vezes. Ela era uma artista, uma mulher corajosa, mas sobretudo era tua mãe. Pelo facto de ela te ter posto a ti, minha querida e única Marie, no mundo, por esse motivo eu devo estar eternamente grato à Luise Hofgartner.

Soava tão bem ouvi-lo a tratá-la assim tão docemente. Com tanto sentimento de culpa, cheio de ternura. Pediu-lhe perdão. Era mais do que ela esperara. E ela não lhe queria ficar atrás. Não, ela não era mulher para se limitar a receber altivamente todas as concessões do seu amor. Também ela lhe queria mostrar que sabia fazer compromissos.

– Estive a refletir, Paul. Eu não preciso do ateliê para me sentir satisfeita e ser feliz. Pelo contrário, só nos tem trazido problemas a todos. Por isso vou desistir e a partir de agora vou estar inteiramente disponível para ti e para a família.

Ele beijou-a e entregaram-se ambos algum tempo a um ditoso sentimento de reencontro.

– És sensata, meu amor, por chegares tu mesma a essa decisão. Muito embora eu lamente muito que vás deixar de ter o ateliê. Sabes que fui eu quem te incentivou de início. Mas tens toda a razão, Marie: é melhor renunciarees.

Ela assentiu e escutou-o a elaborar esta ideia. Sobretudo a mãe ficaria muito aliviada, porque assim se tiraria dos seus ombros o peso de gerir sozinha a casa. Mas também as crianças iam beneficiar, já mal tinham oportunidade de estar com a mãe. E, não menos importante, ele também.

Ele aceitou o meu sacrifício com tanta naturalidade, pensou Marie, desiludida. Será que compreende realmente o que significa para mim? Saberá que o faço apenas por amor a ele?

– Se tiveres algum tempo, de certeza que vais poder pintar um pouco ou criar roupa. Eu tratei de garantir que as crianças ficam unicamente a teu cargo e que a Hanna te vai ajudar.

– Quer dizer que despediste a senhora Von Dobern?

Ele esboçou um sorriso juvenil e explicou que encontrara uma excelente solução.

– A partir deste momento, a senhora Von Dobern vai assumir o cargo de governanta da Vila dos Tecidos. Foi uma sugestão da mamã a que acedi de bom grado...

– Governanta? – interrompeu-o Marie, horrorizada. – Mas, Paul... Isso não vai correr bem, de modo nenhum.

Ele puxou-a para mais perto de si e acariciou-lhe o cabelo. Declarou, num murmúrio, que o novo penteado era perfeito para ela, estava mais bonita do que nunca com aquele cabelo curto.

– Não vai funcionar, Paul. Os empregados detestam-na. Vai gerar azedumes e até a saída do pessoal.

– Vamos ver, Marie. Vamos pelo menos tentar. Não quis magoar a mamã. Ela gosta muito da senhora Von Dobern.

Marie calou-se. O objetivo ali era entenderem-se. Reconciliarem-se. Darem-se bem. Não seria com certeza útil cobrarem-se cedências mútuas. Contudo, até ao momento, a sua sincera boa vontade merecera fraca compensação. A senhora Von Dobern ia então ficar, é verdade que já não como precetora, mas teria de continuar a conformar-se com a sua presença. Paul, o espertalhão.

– Mais do que tudo, estou ansioso por que voltes para nós, minha amada Marie. Foi um período terrível para mim, tão sozinho e abandonado. Tu és uma parte tão importante da minha vida que eu sentia que me tinham arrancado um pedaço do corpo...

Marie ficou comovida e aconchegou-se nele, em jeito de consolo. Sim, iria já reunir as suas coisas, poderia tratar mais tarde das malas das crianças, e depois iriam juntos para a Vila dos Tecidos. Queria voltar à sua casa... também ao quarto que partilhavam.

Ele acariciou-a tão tempestuosamente que ela receou que ele quisesse cumprir os seus deveres matrimoniais logo ali no sofá, o que evidentemente não era possível, tendo em conta a presença de Hanna, Gertrude e Kitty. Paul também sabia isso, pelo que se limitou a abraçá-la com força, dizendo-lhe palavras ternas baixinho.

– Prometo-te que, a partir de agora, vou cuidar mais das crianças, Marie. Sobretudo do Leo. Vamos pôr ponto final no piano, vou mostrar a fábrica ao meu filho, onde ele deverá ter algumas tarefas para cumprir e aprender como funcionam as máquinas. Não tenho problema nenhum em que a Dodo aprenda a tocar piano, afinal de contas é uma menina, mal não lhe fará saber tocar alguma coisa.

– Mas, Paul, é a Dodo quem se interessa por máquinas e tecnologia.

– Muito bem, não tem problema nenhum. Mas é sobretudo o Leo que tem finalmente de ser colocado no caminho certo. Vais ver, Marie, vou dar provas de ser um pai precavido.

Queria dizer que ia ficar tudo na mesma. Que estranho Paul não reparar o quanto era parecido com o próprio pai. Agarrava-se obstinadamente a uma convicção que há muito já se revelara sem sentido. Leo seria uma pessoa infeliz se Paul o obrigasse a assumir a fábrica.

– E também tenho andado a refletir sobre os quadros – prosseguiu. – Vou comprá-los, não importa o preço. Não é aceitável que o Klippstein seja

proprietário dos quadros da tua mãe. Vamos acondicionar todas as obras cuidadosamente e guardá-las no sótão, para que fiquem bem conservadas.

Mais do que tudo, queria assim tirar os quadros do caminho e impedir uma possível exposição. Paul era realmente um homem inteligente, mas desta vez estava a ir longe de mais.

– Não quero isso, Paul – disse ela. – Estes quadros não têm nada que ser enfiados no sótão. A minha mãe pintou-os e eu quero que um dia venham a ser expostos. Devo-lhe isso a ela.

Ele soltou um suspiro fundo e irritado, mas controlou-se. Marie libertou-se dos seus braços e recostou-se no sofá. Porque tinha ela dito aquilo? Teria bastado explicar-lhe que não precisava de comprar os quadros.

– Sabes bem, Marie, que essa exposição poderia lesar fortemente a reputação da nossa família e também a da fábrica.

– Mas porquê? Trata-se aqui da pintora Luise Hofgartner, da sua evolução como artista, da sua integração numa ou em várias correntes artísticas.

– Isso é uma perspetiva muito estreita, Marie. Quando dermos por ela estarão já todos a falar do Jakob Burkard e do meu pai.

Mas é claro, era esse o problema. O orgulhoso clã Melzer não queria de modo nenhum deixar transparecer que o seu bem-estar assentava nas construções do pobre alcoólico mas genial Jakob Burkard. É certo que ela já se conformara com essa história. Fora-lhe pedido perdão. Paul casara-se com ela. Não por ter um peso na consciência, mas porque a amava. E, contudo, ela voltava agora a sentir amargamente aquela que fora a sorte dos seus pais. Não se estaria a repetir alguma coisa? Não era de novo um Melzer a querer obrigar a filha dos Burkards a acatar a sua vontade? A sujeitar-se?

– Lamento muito, Paul. Mas eu farei por impedir que o Ernst von Klippstein te venda a parte dele dos quadros!

Marie sentiu o corpo dele a ficar hirto, os músculos da sua mandíbula a ficarem tensos, conferindo ao seu rosto uma expressão dura.

– Tu irias avante com a exposição contra a minha expressa vontade?

O seu tom de voz assustou-a, já que soava ameaçador. Acontece que, dentro dela, não havia apenas a branda Marie, estava lá também um pedaço de Luise Hofgartner, a mulher que em tempos fizera frente ao rico empresário Melzer.

– Isso não está neste momento em discussão, Paul. Parece-me mais importante que a senhora Von Dobern abandone a Vila dos Tecidos. Lamento, mas faço questão.

– Já te disse que não quero fazer isso à mamã.

– Mas a mim fazes?

Ele gemeu de fúria e levantou-se para se aproximar da janela. Ela viu os seus punhos cerrados, ouviu a sua respiração acelerada.

– Eu não posso simplesmente despedi-la sem mais nem menos!

– Nem tens de o fazer, Paul. Eu espero. Mas só volto para a Vila dos Tecidos quando a senhora Von Dobern já lá não estiver.

Agora ele estava mesmo furioso. Ou seria desespero? Impotência? Bateu com o pé na cadeira de baloiço, que se começou a mexer a grande velocidade. Os patins pareciam subitamente a Marie a faca em forma de meia-lua que Gertrude usava na cozinha para picar ervas.

– É a tua última palavra?

– Lamento muito, Paul. Para mim não há outra hipótese.

Com a mão direita, Paul agarrou na aresta do parapeito de madeira da janela, como se precisasse de aí cravar os dedos para se segurar.

– Sabes que te posso obrigar, Marie... Não quero recorrer a medidas extremas. Mas as crianças voltam para a Vila dos Tecidos. Hoje mesmo. Quanto a isso, faço *eu* questão!

Marie calou-se. Ele podia pedir o divórcio e tirar-lhe as crianças. Podia fechar o ateliê, pois estava em seu nome. Ela ficaria sem nada.

– Enquanto eu viver em casa da Kitty, as crianças ficam comigo.

Ele virou-se abruptamente para ela e agora ela viu nos seus olhos cinzentos uma centelha de ira. Oh, estava naquele momento tão parecido com o pai. Teimoso e intolerante. Um Melzer. Uma pessoa habituada a vencer. Aonde fora parar o seu amor? Já não o encontrava. Como pudera sequer amar aquele homem?

– Nesse caso, obrigas-me a tomar outras medidas, Marie! – Precipitou-se para a porta, ainda se voltou mais uma vez para ela, como se quisesse dizer alguma coisa. Mas apertou os lábios e nada disse.

– Paul – disse ela baixinho. – Paul.

Mas também ela pressentia que, naquele instante, não havia mais nada a dizer entre eles.

Alguns segundos depois, a porta da rua fechou-se e o motor do automóvel arrancou aos solavancos.

Outubro de 1924

– Que grande porcaria, a couve-branca tem larvas!

Gustav caminhava a custo e a bater com os pés pelo campo de cultivo, levando numa mão um cesto de asas cheio de couves. Eram pequenas, já que fora obrigado a tirar as folhas de fora, para salvar pelo menos o interior. De algumas das tão promissoras e gordas couves-brancas não restara absolutamente nada. Apenas folhas mordidas e talos apodrecidos. E ainda por cima começara a chover. Demasiado tarde – se a água tivesse chegado umas semanas antes, teria dado cabo das malditas moscas. Assim sendo, estas tiveram toda a calma do mundo para pôr ovos nas couves.

– O que não conseguirmos vender esmagamos para fazer chucrute – consolou Auguste. – Eu peço emprestado o cortador de ervas e uns potes de vidro grandes na Vila dos Tecidos.

Gustav assentiu. Não lhes restaria outra hipótese. Chamou Liesl e Maxl para que viessem ter com ele, estavam lá adiante no telheiro a fazer pequenos molhos de legumes para sopa.

– Empilhem no carro. Mas com cuidado. E a lona vai para ali, para que nada se molhe.

– Sim, papá.

Caíam gotas finas, que facilmente penetravam a roupa, alcançando a pele. E ficara entretanto frio, de manhã cedo os campos estavam cobertos por uma película branca. Mas ainda só estavam em outubro e o inverno ainda vinha longe.

– Como está o teu pé? – perguntou Auguste, que vira Gustav a coxear pelo campo fora.

– Muito bem – declarou ele. – Ainda um bocadinho magoado, mas já vai ficando bom. Dá-me aí os cestos. Ainda quero ir buscar cenouras e aipo. Deixamos ficar as couves-de-bruxelas, apanhamo-las só quando chegarem as primeiras geadas. – Auguste aquiesceu e foi para o telheiro, onde pelo menos podia trabalhar sem se molhar. Hansl, de três anos, estava sentado no chão e batia com as duas mãozinhas contra a lama cinzenta – ia ter de lhe lavar as calças, mas pelo menos estava sossegado. O pequeno Fritz, pelo contrário, tinha agora nove meses, era roliço, robusto e ansioso por se levantar e agarrar tudo o que lhe viesse à mão. Mais uma ou duas semanas e o rapaz já daria os primeiros passos. Auguste fez molhos de legumes para sopa, enquanto olhava para as sécias e dalias coloridas que Liesl cortara e colocara em latas com água. Também as iam levar já para o mercado. Que pena ela não saber fazer ramos bonitos como os das floristas. Pelas mesmas flores, elas recebiam pelo menos o dobro do dinheiro. Piscando os olhos, estendeu o olhar pelo grande jardim que pertencia aos Melzers. Que desperdício, pensou. Seria um belo terreno para cultivar, podiam plantar batatas e nabos, fazer canteiros de ervas e plantar couve-flor. Mas os ricos Melzers não precisavam de nada disso. Faziam uma pilha de lucros com a fábrica e faziam-se rodear de um jardim. Árvores, prados e flores – tudo só para agradar à vista. É só mesmo para quem se pode dar a esse luxo.

É verdade que não tinha motivo para dizer mal dos Melzers, já que continuava a viver com a família no anexo do jardim sem pagar renda. Era apertada e, no inverno, não conseguiam aquecer os dois quatinhos junto ao

telhado, mas, em contrapartida, não pagavam nada. Se ainda tivessem de pagar renda, já há muito teriam morrido de fome.

Debruçou-se para ver Gustav e as duas crianças mais velhas no campo. Ainda não haviam acabado de apanhar meia dúzia de cenouras e o aipo? Tinham de se ir já embora, montar a banca no mercado, antes que outro lhes roubasse o lugar. E quando isso estivesse tratado, Liesl e Hansl tinham de se lavar como pudessem com um pano húmido, para não arranjam problemas na escola por causa dos dedos sujos. As ideias do senhor professor. Mãos limpas, isso era coisa que a gente rica se podia dar ao luxo de ter. Na sua família, as crianças mais velhas tinham de trabalhar também, caso contrário os seis não teriam nada com que sobreviver. Era assim a vida, senhor professor. E se não quer acreditar, então venha cá ver e arranque uma ou duas cenouras da terra. Quero então ver como lhe ficam as mãos!

– Gustav! Acaba lá isso! Temos de ir embora! – gritou para longe, agarrando rapidamente nas ervas para as colocar em cestinhos. Salsa, endro e cebolinho era coisa que praticamente todas as bancas do mercado tinham para vender. Mas eles tinham também manjerição e estragão, alecrim e tomilho. Eram compradas pelas cozinheiras das casas ricas, porque as usavam nos assados e nos molhos. Sempre se ganhava mais alguma coisa.

Lá longe, Gustav e as duas crianças seguiam a passo pesado até ao carro, que estava à chuva, coberto com uma lona. Se ao menos tivessem um cavalo. Ou melhor ainda: um automóvel. Mas isso eram sonhos que podia enterrar à vontade. Mais algumas semanas e os seus rendimentos minguariam, reduzindo-se a um valor ínfimo, mal chegando para pagar a banca no mercado. No fim de novembro, acabavam-se as flores, passando a haver apenas couve-flor, cebola e cenoura. Armazenavam as cenouras na cave do

anexo do jardim, enfiavam-nas em jarros cheios de areia, assim mantinham-se suculentas e frescas o inverno inteiro.

Uma estufa, isso é que era. Uma estufa grande, que deixasse entrar muita luz e que se pudesse aquecer no inverno. Podiam plantar flores e ervas o ano inteiro.

– Muito bem, vocês os dois – ouviu-se Gustav dizer às crianças. – Fartaram-se de trabalhar. Vão ter com a mamã para ela vos dar o pequeno-almoço.

Fez uma festa no gorro de Liesl e deu a Maxl uma palmada terna no traseiro. Auguste foi buscar as fatias de pão e verteu leite nos copos. Não havia manteiga, apenas um pouco de marmelada, que, como ficara demasiado líquida, não podia ser vendida.

– Mamã, doem-me os pés – queixou-se Liesl. – É porque tenho de andar sempre de dedos encolhidos.

Os sapatos já há muito lhe estavam pequenos e também Maxl tinha os pés tão grandes que não cabiam no calçado já desgastado de Liesl. Teria assim de comprar sapatos para os dois, já que também Maxl batia com os dedos à frente. Antigamente, volta e meia os Melzers ofereciam-lhe roupa e sapatos, mas desde que Marie Melzer já não vivia na Vila dos Tecidos, tornara-se impossível sequer expressar esse tipo de pedidos. A senhora Alicia começava logo a chorar quando alguém fazia referência aos netos.

No telheiro, Fritz começou a chorar, muito zangado, porque, pelo seguro, Auguste prendera o pequeno à porta com uma fita. Se não o fizesse, ele sairia à descoberta de gatas e ela acabaria por o desenterrar do campo, todo coberto de lama cinzenta como um nabo.

– Prontos? – perguntou Gustav, pousando no carro os cestinhos com ervas e os legumes para sopa.

– Toma. Só à noite é que voltas a comer alguma coisa.

Estendeu-lhe uma fatia de pão com marmelada e ele deu algumas dentadas sem grande vontade. Dividiu então o resto em pedaços pequenos e deu-os a Hansl, que já ansiava por eles, esfomeado. Dissessem o que quisessem, os três rapazes não tinham propriamente um ar esfomeado. Bem pelo contrário. Só Liesl era magra, tinha agora onze anos e estava a esticar.

Auguste enfiou os mais novos no velho carrinho de passeio que os Melzers lhe haviam oferecido e que em tempos levava a passear Paul, Kitty e Lisa. Hansl tinha de se sentar no canto, à frente de Fritz, assim conseguiam ir muito bem. Gustav atrelou-se à frente do carro dos legumes, Liesl e Maxl empurraram por trás, e assim a procissão pôs-se lentamente em movimento. Era mesmo trabalho duro. Tanto mais que chovera a noite toda e, no caminho que desembocava na estrada, os pés afundavam-se no chão mole.

As coisas não podem continuar assim, pensou Auguste. Gustav era um homem honrado e trabalhador. Um rapaz às direitas que não passava a perna a ninguém. E era por isso mesmo que nunca chegaria mais longe. Era assim a vida, a gente simples vai ao fundo. Só chega lá acima quem abrir muito a boca e ousar dizer alguma coisa.

Tiveram de ir pela Jakoberstrasse, passar por Perlach, em direção à Karolinenstrasse, onde se instalava o mercado de legumes. Uma viagem absolutamente sem fim sobre a calçada irregular e por veredas molhadas; em particular, o velho carrinho de bebé chiava e lamuriava-se, a ponto de ficarem com receio de que se pudesse partir. Como era evidente, o seu lugar preferido já estava ocupado, teriam de se contentar com um cantinho desagradável ao

lado da leitaria. Em compensação, pelo menos ali estavam protegidos da chuva, já que Gustav podia fixar a lona num gancho da parede da casa.

– Hoje não vai haver grande clientela – disse o vizinho da banca, que vendia batatas, ameixas e maçãs. – Quando chove, as pessoas ficam em casa.

– À tarde o tempo abre – considerou Auguste.

Não fazia ideia nenhuma de onde lhe vinha tal certeza, mas alguma coisa as pessoas tinham de fazer para contrariar aquela tristeza. Vendeu dois molhos de legumes para sopa a uma ajudante de cozinha encharcada, e depois algumas mulheres vieram ver as couves, mas preferiram comprar noutro lado. Auguste tremia de frio, as crianças também tremelicavam, Maxl tinha já os lábios roxos.

– Lavem os dedos. – Na verdade, a escola ainda não começara, mas lá podiam pelo menos abrigar-se; quando o porteiro era compreensivo, deixava-os entrar mais cedo. Auguste deixou Maxl com Gustav e acomodou ervas e flores junto de Fritz no carrinho.

– Vou ver a Maria Jordan – disse a Gustav. – Ela que escolha o que quiser.

Ele sentou-se numa caixa e pôs o pequeno ao colo.

– Vai, não te preocupes. Isto hoje está parado.

Gustav tinha sempre um ar tão satisfeito. Só raramente se queixava, nunca resmungava. Só que, à noite, tinha sempre de beber a sua cerveja. Lavar as preocupações, dissera ele uma vez. Por vezes, quase teria preferido que ele tivesse opinião própria, que volta e meia desse um murro na mesa e dissesse como são as coisas. Mas esse não era o temperamento de Gustav. Esperava sempre obedientemente até que ela decidisse e adaptava-se.

A chuva estava realmente a dar algumas tréguas, também a névoa que assentara antes nos telhados se estava a dispersar e a cidade ganhou uma aparência mais acolhedora. As ruas ganhavam agora vida, carroças puxadas a cavalo passavam aos solavancos, carregadas com todo o tipo de recipientes e caixas, aqui e ali mostravam-se os primeiros automóveis, também uma carruagem a cavalo passou a passo trepidante. No elétrico, apinhavam-se empregados a caminho dos seus escritórios e estabelecimentos. Alguns iam por norma a pé para o trabalho para poupar dinheiro, mas com o tempo de chuva muitos preferiam chegar secos ao emprego. Auguste olhou com inveja para as mulheres bem vestidas que desciam na paragem, abrindo rapidamente os guarda-chuvas e dirigindo-se a correr para os seus postos de trabalho. Não tinham de se atormentar com couves sujas e quatro fedelhos pequenos. Ficavam sentadas no seu bonito escritório seco e batiam na máquina de escrever, trabalhavam nos correios como telefonistas ou eram vendedoras numa bonita loja. No outro lado da estrada via-se agora o ateliê da senhora Melzer. Voltara a abrir havia umas boas três semanas, as clientes abastadas entravam e saíam, dizia-se inclusivamente que a esposa ou a filha do presidente da câmara lá mandavam fazer roupa. Auguste pegou em Fritz, que começara a berrar, e cerrou os olhos para tentar discernir alguma coisa para lá da grande vidraça da montra. Não era Hanna que passava agora a correr com um monte de tecidos nos braços? Não, era aquela mulher que uma vez estivera na Vila dos Tecidos com o filho. Era um colega da escola de Leo, um judeu. A precetora mandara-os embora. Estaria a judia a trabalhar para a senhora Melzer? Ora, essa não se deixava intimidar com nada.

Auguste brincou um pouco com Fritz para o manter bem-disposto e depois voltou a pô-lo no carrinho, apressando o passo. Depois de Perlach, desceu a Maximilianstrasse até Milchberg, onde Maria Jordan tinha a sua loja. Não era

propriamente o bairro mais fino da cidade e ficava bastante isolado, mas para os seus fins não era nada mau. Quem lá fosse pedir-lhe que lesse o futuro não queria necessariamente de ser visto. Foi obrigada a parar, já que o pequeno voltou a chorar e batia com os pés, a ponto de ela temer pelas ervas que trazia no carrinho. Comprou então dois *brezels* a uma vendedora, deu um ao rapaz e comeu o outro. E assim se foi o dinheiro que ganhara com a venda das verduras para sopa.

Consolou-se com a ideia de que, apesar de todo o dinheiro que tinham, a vida dos Melzers na Vila dos Tecidos também não andava famosa. A jovem senhora Melzer continuava a viver com as crianças na Frauentorstrasse, falava-se até de divórcio e da decisão judicial que deveria trazer as crianças de volta para a Vila dos Tecidos – contudo, por enquanto, o senhor Melzer não dava sinais de estar a tomar alguma medida. Apesar de a mãe estar muito infeliz por sentir tanta falta das crianças. Mas o pior era a bruxa. A nova governanta, a senhora Serafina von Dobern. O espeto de pernas ressequidas. Ora, nunca antes se vira uma pessoa tão má na Vila dos Tecidos, batia Maria Jordan aos pontos. Tomara posse do gabinete da menina Schmalzler e aí se instalara. Pela manhã, Gertie tinha aí de lhe levar o pequeno-almoço, já que só a refeição da noite tomava na companhia dos outros empregados. Depois do pequeno-almoço, aparecia na cozinha e distribuía ordens, resmungava, admoestava, exigia, ofendia e fazia tudo a ponto de todos ficarem contentes quando finalmente saía porta fora sobre as suas andas. Pegara Gertie especialmente de ponta, já que esta gostava de a contrariar. Uma vez, conseguira até denegrir a pobre rapariga junto da senhora Alicia, fazendo com que Gertie fosse chamada à sala de jantar para levar um responso. A senhora Von Dobern contara evidentemente puras mentiras sobre ela. Que teria partido copos e até roubado um prato do serviço bom. Na realidade, o dito

prato estava no gabinete da governanta, que tinha o hábito de se servir da lata das bolachas da senhora Brunnenmayer sem pedir licença. Else, como sempre, mantinha-se do lado dos mais fortes e, infelizmente, assumia agora o lado de Serafina von Dobern. Julius já andara à procura de outro emprego, mas até ver não encontrara nada. Fazia todos os possíveis por não prestar atenção nenhuma à governanta e por não responder aos seus discursos maldosos, mas via-se bem que estava a ser difícil. Amiúde, o pobre homem ficava todo ele amarelo de irritação. Só a senhora Brunnenmayer lhe fazia frente. Com essa, Serafina von Dobern não tinha grandes hipóteses. Quando lhe dava ordens, a cozinheira não ligava nenhuma. Fazia o seu trabalho, como sempre fizera, e não dava à governanta mais atenção do que dedicava a uma mosca na parede. No máximo, fazia volta e meia uma partida. Quando Serafina von Dobern fez questão de exigir açúcar-cândi no chá da manhã, a senhora Brunnenmayer pusera berlindes dentro do açucareiro. Gertie fora buscá-los ao quarto das crianças. Jesus do céu, como se exaltara a governanta. Que fora uma tentativa de homicídio. Que ia chamar a polícia. Que então a cozinheira teria oportunidade de passar o resto da vida na cadeia. E que antigamente, no tempo do imperador, alguém como a senhora Brunnenmayer teria sido enforcado no cadafalso.

Auguste parou abruptamente, um cestinho com estragão quase tombou do carrinho para o chão. Não era Gertie quem ali estava em frente da coluna dos cartazes? Sim, era mesmo. Levava o cesto de asas no braço e um pano na cabeça para a proteger da chuva, mas Auguste reconheceu-a pela saia estampada vermelho-escura. Pertencera em tempos à menina Elisabeth, que se casara com o tenente Von Hagemann e agora vivia na quinta da Pomerânia. Pobre tipo, o Von Hagemann. Era antes cá um tenente tão charmoso. Mesmo,

mesmo charmoso. Auguste obrigou-se contudo a não continuar a pensar no passado e dirigiu-se para Gertie, que não parecia ter dado pela sua presença.

– Olhem-me lá se não é a Gertie. Estás mesmo distraída.

Para sua grande desilusão, a rapariga não se assustou nada; limitou-se a virar lentamente a cabeça e a sorrir alegremente para Auguste.

– Olá, Auguste! Já vos conseguia ouvir ao longe. O carrinho chia como um estábulo cheio de leitõezinhos. Vão para o mercado com as vossas ervas?

– Não. Estas são para a Maria Jordan.

– Ah, bom.

Auguste passou os olhos pelo cartaz que Gertie tinha à sua frente, mas só conseguia decifrar «Associação de Senhoras Cristãs», o resto estava em letra muito pequena.

– Estás a pensar entrar para o convento?

Gertie soltou uma sonora gargalhada. Era verdade que, com a nova governanta, todos os dias tinha um sem-fim de dissabores, mas lá por isso não tinha ainda a ideia de dizer adeus ao mundo.

– Oferecem cursos. Olha. Os cursos de criada de casa duram dois meses e meio. Para camareiras, três meses. E são gratuitos.

Olhem-me só a Gertie. Quer subir na vida. E diretamente para camareira. Enfim, desde que não seja areia demais para a sua camioneta.

– E o que é que se aprende? Também diz aí?

Gertie percorria a linha com o dedo indicador enquanto lia em voz alta.

– Sim, aqui: Decoro e Boa Educação. Aquisição de Boas Maneiras. Servir e Pôr a Mesa. Pentear. Engomar. Costurar. Cuidados da Roupas e Limpeza de

Lamparinas.

– Mas tu já sabes fazer isso quase tudo.

A rapariga recuou um passo e encolheu os ombros.

– É verdade que já sei fazer quase tudo. Exceto a parte da Boa Educação e das Boas Maneiras. Mas quem faz este curso recebe um diploma, que depois pode apresentar quando se candidata a um posto. Percebes?

Auguste assentiu. Gertie não seria ajudante de cozinha durante muito tempo. Queria progredir e tinha as capacidades para isso. Porque é que ela própria, Auguste, nunca chegara mais longe do que segunda criada de quarto? Oh, houve tantas paixões. Com o laçao Robert. Com o tenente Von Hagemann. A criança para a qual precisava de um homem. O casamento com Gustav. E depois foi pondo no mundo uma criança a seguir a outra. Gertie era no entanto demasiado esperta para se deixar envolver com um homem.

– Seria uma pena se saíesses da Vila dos Tecidos, Gertie – disse Auguste, sendo sincera.

Gertie soltou um leve suspiro e disse que também para ela não era uma decisão fácil. Mas desde que aquela pessoa fingida tecia por todo o lado a sua teia, muita coisa mudara para pior na Vila dos Tecidos.

– Tu tens o horto e a tua família – considerou Gertie. – Mas nós temos de lidar dia e noite com aquela megera. É muito duro.

Auguste assentiu. Aquela jovem criatura não fazia ideia de nada. Achava que uma família e um horto eram o paraíso e que as preocupações diárias em torno da comida eram apenas uma forma de diversão. Apanhou o meio *brezel* que Fritz atirara para o chão, limpou-o à saia e enfiou-o no bolso.

– Temos de ir andando – disse ela, olhando para a torre da câmara municipal, iluminada pelo sol. Afinal tivera razão, o tempo estava mesmo a abrir.

– Sim, também tenho de ir. A senhora Brunnenmayer fez-me uma lista de compras bem comprida. Adeus, Auguste.

As duas casas de Maria Jordan viam-se já bem de longe, pois eram as únicas que estavam estucadas de novo e pintadas com uma cor clara. Eram pequenas e baixas, mas ainda assim. E muito melhores do que um anexo de jardim onde só se sofria. O jovem empregado instalou uma mesa no passeio e começou a dispor todo o tipo de mercadorias. Potezinhos com pomada de limpeza e pequenos frasquinhos com especiarias do Oriente, coroas de flores artificiais, pequenas molduras de prata para fotografias, uma echarpe de seda, uma bailarina nua feita de bronze.

– Boa tarde, Christian. A menina Jordan está lá dentro? – Ele ficou todo corado quando ela lhe dirigiu a palavra. Provavelmente porque acabava de sentir os contornos da bailarina com os dedos. Um rapaz simpático. E que grandes olhos azuis tinha. Era bom que Maria Jordan não o levasse por maus caminhos, a malvada.

– Sim, sim. Espere, eu ajudo-a com o carrinho.

Deixou para trás as mercadorias e agarrou na frente do carrinho, para assim passarem melhor o limiar da porta da loja. Depois ficou contente quando Fritz se riu para ele e lhe agarrou o avental cinzento com as mãozinhas.

– Eu também tive um irmão mais novo – revelou a Auguste. – Mas morreu de escarlatina, já há cinco anos.

– Oh – disse Auguste –, pobrezinho.

Na verdade, ela podia dar-se por satisfeita por nenhum dos seus quatro pequeninos até agora praticamente nunca ter ficado doente. Morriam muitas crianças, sobretudo nos bairros onde viviam as pessoas pobres. Era terrível ter de enterrar uma criatura assim inocente. Mas ela não deixaria chegar a esse ponto. Era capaz de lutar contra as adversidades. Tal como Gertie, também queria subir na vida.

A porta da sala das traseiras abriu-se e Maria Jordan apareceu na loja. Estava arranjada de maneira bonita, podia aliás dar-se a esse luxo. Um vestido escuro com gola branca bordada – de longe, parecia uma rapariguinha. Era aliás magra, o que facilitava. De perto, viam-se-lhe naturalmente rugas no rosto, já devia andar pelos cinquenta anos.

– Boa tarde, Auguste. Que coisas boas me trazes?

Olhou para as ervas e as flores, ergueu as sobrancelhas e afirmou que precisava apenas de um nadinha de estragão e manjerição. Talvez também tomilho. Também tinha alecrim?

Era esperta, a Maria Jordan. Levava a maioria das ervas para secar e misturar e com elas fazer substâncias para saquinhos perfumados. Ou então punha-as em frasquinhos, como suplemento para o banho. Com efeitos terapêuticos, evidentemente. Sem tais promessas, ninguém compraria aqueles produtos malcheirosos por tanto dinheiro.

– E as flores?

Maria Jordan balançou a cabeça. Naquele momento não tinha clientes para elas.

– Já pensaste no assunto? – perguntou, abafando a voz.

– Sim. Mas não por trinta por cento. Isso é quase um terço!

– Muito bem – retorquiu Maria Jordan. – Entra. Vamos chegar a acordo.

Deu indicação ao empregado que tomasse conta da loja e do carrinho e fez sinal a Auguste para que a seguisse até às traseiras. Entrava assim pela primeira vez naquela sala sobre a qual tanto se sussurrara e presumira. Não era nada toda escura. As paredes apresentavam um papel de parede absolutamente normal, havia uma cómoda, um divã e uma pequena mesa com um candeeiro de abajur verde que disseminava uma luz tranquila. Era verdade que no chão estava um tapete com padrões orientais e em cima do divã via-se uma fileira de almofadas de seda. Mas nada daquilo era sinistro. No máximo, os quadros na parede daquela sala sem janelas eram um pouco estranhos. Havia um sultão de turbante verde que olhava embasbacado para uma série de mulheres despidas a tomar banho. Depois havia o desenho de uma cabeça de rapariga, o rosto coberto com um véu preto. E uma paisagem de penhascos escarpados sob o luar. Este era realmente arrepiante.

– Senta-te.

Sentou-se numa cadeira em frente de Maria Jordan e constatou que a mesinha era uma bonita peça marchetada. Havia também uma assim na sala de fumo da Vila dos Tecidos. Devia estar mesmo a ganhar muito dinheiro, a Maria Jordan, para poder comprar móveis assim tão caros.

– Bom, por ser para ti, Auguste. E porque nos conhecemos há tanto tempo. Vinte e oito...

– Continua a ser muito. Não vamos ter receitas logo que tivermos construído a estufa. Primeiro, as plantas têm de crescer. Vai ser preciso esperar até março.

Maria Jordan assentiu, dizendo que também estava ciente disso.

– Por isso mesmo também não peço o dinheiro já. Tu pagas um valor todos os meses. Primeiro pouco e, quando já estiverem a ganhar dinheiro, começam a pagar mais. Eu ponho-te tudo isto direitinho por escrito e tu assinas em baixo.

– Vinte e cinco.

– Mais valia dar-te de mão beijada!

– Vinte e cinco por cento. E o mais tardar passado um ano recibes o dinheiro de volta. Com os juros.

– Vinte e seis por cento. É a minha última oferta. E ainda tenho de pôr do meu. Pensa na inflação.

– Ora essa. Isso já lá vai. Agora temos o novo *reichsmark* e já não há inflação.

Com um fundo suspiro, Maria Jordan declarou aceitar o negócio. Vinte e cinco por cento ao ano. Cinco mil *reichsmarks* em numerário entregues em mão.

– Assim será – disse Auguste, sentindo o coração a bater com tanta força que sentia a vibração na garganta.

Observou Maria Jordan a tirar uma pasta de couro da gaveta da cómoda, a pousar um tinteiro em cima da mesinha, a mergulhar a pena. A caneta deslizava sobre o papel, arranhando-o, registando prazos, datas, números. Até janeiro não tinha de pagar nada; depois começavam as prestações mensais. Se se atrasasse mais de dois meses no pagamento, Maria Jordan teria o direito de exigir o valor em falta imediatamente e, se necessário, penhorar os seus bens.

– Lê tudo com calma. E aí em baixo pões a tua assinatura.

Maria Jordan empurrou a caneta na sua direção e Auguste só com grande esforço conseguiu decifrar tudo. Ler nunca fora um dos seus pontos fortes e a caligrafia miudinha de Maria Jordan não lhe facilitava a tarefa. A loja tinha agora clientes, ouviu Fritz a choramingar e ficou preocupada, porque poderia cair do carrinho abaixo.

– Está tudo bem. E valha-me a Virgem Maria.

Escreveu «Auguste Bliefert» com uma caligrafia rígida e desengonçada e empurrou a folha de volta na direção de Maria Jordan.

– Pronto, já está. Não foi assim tão difícil. E agora dou-te o dinheiro.

Maria Jordan levantou-se e tirou da parede o quadro com a cabeça da rapariga. Auguste não acreditava no que os seus olhos estavam a ver. Atrás do quadro havia uma portinhola de ferro e lá dentro tinha uma fechadura e por cima uma coisa redonda, como um grande parafuso. Maria Jordan enfiou a mão dentro da blusa e tirou para fora uma pequena chave que trazia ao pescoço, presa num fio de prata. Auguste viu-a a inserir a chave na fechadura e depois a rodar o grande parafuso. A porta de metal abriu-se então, mas Maria Jordan posicionou-se de modo a que Auguste, por mais que se esforçasse, não conseguisse ver o que estava escondido atrás da porta.

– Conta e verifica se está tudo – disse Maria Jordan, pousando um pacotinho embrulhado em papel castanho diante de Auguste em cima da mesa.

Tinha tudo preparado, a espertalhona. As mãos de Auguste tremiam quando desatou o cordel e abriu o papel. Nunca na vida tivera tanto dinheiro à sua frente, mal ousava tocar nas notas.

– São tudo notas novas. Sólidos e belíssimos *reichsmarks* – disse Maria Jordan, que lhe olhava por cima do ombro. – Fui buscá-los ao banco esta

manhã cedo.

Eram notas de dez, vinte e cinquenta *reichsmarks*. E também algumas de cem. Auguste fez das tripas coração e começou a contar, empilhou as notas por valor, fez as somas, enganou-se uma vez na conta e, por fim, concluiu que estava tudo certo.

– Agora tem cuidado a andar com isso na rua – alertou Maria Jordan. – Há por todo o lado patifes que não se intimidam com nada.

Auguste voltou a embrulhar cuidadosamente o seu tesouro no papel e atou-o com o cordel.

– Não te preocupes, ponho-o debaixo do colchão do carrinho.

Maria Jordan achou que era uma ideia excelente.

– Tem também cuidado para não molhares as notas, Auguste!

– E depois, se ficarem molhadas? O dinheiro não fica a cheirar mal.

23

– Mil perdões por teres de esperar, meu velho amigo! – disse o advogado Grünling, enquanto estendia jovialmente a mão na direção de Paul. – Já sabes como é, tive uma emergência imprevista. Uma cliente que não podia simplesmente desprezar.

– Mas é claro, é claro.

Paul sacudiu a mão que lhe era oferecida e fez das tripas coração. Que outra hipótese lhe restava? Enquanto esperava na antessala, sentado no cadeirão forrado a seda, conseguira ouvir pelo menos parte do telefonema. Uma cliente, muito possível. É verdade que ele não a desprezara. Mas a alegada emergência fora, sem dúvida nenhuma, de cariz privado. Grünling, aquele velhaco, estava a combinar um encontro.

– Senta-te, meu caro. A menina Cordula serviu-te um café? Não? Mas isso é imperdoável.

Paul foi ainda a tempo de o impedir de sair para repreender a bonita secretária. Disse que lho oferecera, mas que ele recusara.

– Já tinha bebido duas chávenas na Vila dos Tecidos e depois mais uma na fábrica. Por isso, já basta.

Grünling assentiu, satisfeito, e sentou-se atrás da secretária. Uma peça de mobiliário decididamente sumptuosa, do barroco de Danzig com o mais fino couro e uma base de escrita estampada com motivos orientais. Atrás dela, Grünling parecia um macaquinho de óculos. Sobretudo quando, como fazia agora, cruzava as mãos em cima da barriga.

– Em que te posso ajudar, Paul?

Paul esforçou-se por assumir uma pose descontraída. Grünling era há muitos anos consultor e advogado da fábrica de tecidos Melzer. O pai escolhera-o em tempos porque Grünling – como dizia o pai – era uma raposa matreira. E discreto. Isso era especialmente importante.

– Preciso de um conselho, Alois. Trata-se de um assunto pessoal.

– Compreendo – respondeu Grünling sem demonstrar o mínimo sinal de surpresa.

Claro que não estava surpreendido. Já toda a gente de Augsburg sabia que o casamento do empresário Melzer já viu melhores dias.

– Gostaria de saber pormenores sobre o... processo de divórcio. Apenas a título informativo. Para estar preparado para eventuais situações que venham a ocorrer.

Grünling manteve o semblante impassível, endireitara-se agora na cadeira e apoiara os braços sobre o tampo da secretária.

– Bom – ganhou ele balanço. – Basicamente, este ano foi aprovado um decreto-lei que altera o processo de divórcio. Muito embora o princípio de base seja manter o casamento o mais tempo possível e encarar o divórcio apenas como último recurso.

– Certo.

– A novidade é, sobretudo, o acrescento da ideia de igualdade entre homem e mulher. Infelizmente, nos últimos anos constatou-se que cada vez mais mulheres fazem uso da opção do divórcio. Uma triste consequência da atividade profissional das mulheres. – Grünling endireitou os óculos e levantou-se para abrir os novos textos legais, que se encontravam arquivados num dossiê. – O processo continua a ser conduzido no tribunal estadual. O

autor tem de apresentar um motivo sério para pedir o divórcio. O divórcio amigável, como alguns deputados de esquerda exigem, não está previsto para um futuro próximo.

– E o que seria considerado «motivo sério»? Adultério?

O advogado folheou o dossiê para cá e para lá, pousou o dedo aqui e ali sobre uma linha, movimentava os lábios sem som e continuou a virar páginas.

– Como? Ah, sim! Adultério, com certeza. Tem no entanto de ser provado e documentado com depoimentos de testemunhas. Não obstante, é antes de mais marcada uma audiência de conciliação no tribunal de comarca, em que autor e arguido têm de comparecer pessoalmente. Aí determina-se em que medida é ainda possível conservar o matrimónio ou se as divergências são tão fortes que já não permitem qualquer esperança. Só então se passa ao tratamento da ação de divórcio.

– E quanto tempo demora normalmente um processo deste tipo?

Grünling encolheu os ombros.

– Não é possível dizer quanto exatamente, mas tens de contar com alguns meses. Caso estejas seriamente a ponderar um processo destes, Paul – disse ele, sentando-se no canto da secretária –, tens de ter atenção a alguns pormenores. Para evitar complicações. Percebes o que quero dizer.

Paul não gostava dos modos de confidencialidade condescendente do advogado, nunca suportara o fulano. Um anão feioso que enriquecera depois da guerra com hábeis negócios financeiros. Mas era provavelmente o assunto do divórcio que lhe estava a estragar o bom humor e que o fazia ver Grünling com piores olhos do que ele merecia.

– Não estou a ponderá-lo seriamente, Alois. Mas agradeço qualquer conselho que me possas dar.

– Sempre à disposição, meu caro. Afinal de contas, também já ajudei o teu pai a sair de um ou outro aperto. Seria primeiro preciso abordar a questão do ateliê da tua mulher na Karolinenstrasse. Muito generoso da tua parte. Sabes bem que ela só pode fazer negócios com a tua autorização. Seria por isso adequado, caso se torne sério, fechar o negócio e mandar anular a matrícula no registo comercial.

Paul manteve-se calado. O advogado não lhe estava a dizer nada de novo, mas ele evitara até ao momento dar esse passo. Era certo que teria tirado a Marie a sua base financeira – mas que teria ele ganho com isso? Voltaria então, arrependida, para a Vila dos Tecidos? Não era de crer que sim. Teria conseguido com isso apenas um ainda maior endurecimento da batalha.

– Que instrumentos legais tenho à minha disposição para trazer os meus filhos de volta para a Vila dos Tecidos?

Grünling inspirou longamente, olhando para Paul com uma expressão que lhe dava pouca esperança.

– Bom, isso poderia decorrer do aspeto que referi antes. Se a tua esposa tiver falta de dinheiro, poder-se-ia provar que as crianças, na sua atual residência, estariam a ser negligenciadas ou até deixadas ao abandono.

– Estão a ser corrompidos – cortou-lhe Paul a palavra, zangado. – As suas capacidades estão a ser desviadas num sentido inconveniente. Estão a ser educados para se tornarem pessoas sem capacidade para lidar com a vida real.

Paul estacou, pois começara a falar alto, o que era desagradável, até para si mesmo.

Grünling levantou-se do canto da secretária e voltou para a cadeira atrás da secretária. Tinha um sorriso apaziguador no rosto e prosseguiu, agora a uma distância segura.

– Seria sobretudo importante recolher provas. Registrar por escrito depoimentos decisivos de testemunhas, com data e assinatura, para que as possas apresentar legitimamente em tribunal. Tanto no que diz respeito à situação dos teus filhos, como à fidelidade da tua mulher.

Paul teve de se dominar para não perder outra vez a compostura. Apesar de continuar a desconfiar de que Ernst von Klippstein se andava a atirar à mulher, não estava nos seus planos debater esse assunto, de todo, com Grünling.

– Não vai ser fácil – considerou, com contenção.

– Para este tipo de casos existem profissionais que podem ajudar; é verdade que custam dinheiro, mas fazem um bom trabalho.

Paul fechou os olhos com força e compreendeu que o seu interlocutor estava a falar de uma vigilância com um detetive. Mas que ideia! Uma coisa assim só podia surgir no cérebro de um jurista frio. Estaria Grünling realmente convencido de que Paul estaria disposto a mandar um bisbilhoteiro vigiar os filhos ou mesmo Marie?

– Muito obrigado pelos conselhos de amigo. Se necessário, poderei vir a contactar-te novamente. Mas agora não quero tomar mais do teu tempo. – A raposa matreira, como o pai o chamara na altura, não pareceu estar minimamente confrangida. Pelo contrário, sorria na direção de Paul com um olhar compreensivo, estendeu-lhe a mão sobre a secretária e declarou que estava à sua inteira disposição caso viesse a precisar dele.

– Nem sempre é fácil lidar com o belo sexo – disse. – Especialmente difícil com as senhoras de quem realmente gostamos. Acredita, meu caro Paul, tens diante de ti um homem que fala por experiência própria!

– Sem dúvida – retorquiu Paul com secura.

Sentiu-se imensamente aliviado ao abandonar o escritório espaçoso e pomposamente decorado do advogado, precipitando-se escada abaixo para sair para a rua. «Um homem que fala por experiência própria.» Mas que grande e limitado ignorante! Paul tinha a certeza de que o advogado Grünling nunca entregara o coração a uma mulher. Como poderia, aliás? No sítio do peito onde as outras pessoas tinham um coração, Grünling tinha um saco recheado de dinheiro.

Apenas mais tarde, já no seu gabinete, quando bebia o seu próprio café e mergulhou no trabalho, Paul conseguiu voltar a acalmar-se e começou a ver a situação com outros olhos. Ainda assim, ficara a conhecer alguns pormenores sobre o divórcio que lhe poderiam ser úteis numa conversa com Marie. Infelizmente, durante as semanas anteriores, não se dera qualquer tipo de aproximação – encontravam-se no mesmo *statu quo*, as frentes empedernidas haviam-se pelo contrário cimentado ainda mais. Paul refletia pela centésima vez se não seria sensato escrever-lhe uma carta. Uma carta ponderada e equilibrada, em que lhe apresentasse sugestões de reconciliação amigável. É certo que também podia ceder. Se ela estivesse realmente disposta a voltar para ele, ele falaria com a mãe e a senhora Von Dobern teria de sair imediatamente. Contudo, ele só poria esse processo em marcha se Marie lhe manifestasse a vontade de voltar. Mas não cederia de antemão, como uma espécie de concessão preliminar. Isso não. Não tinha intenção nenhuma de se deixar oprimir por ela. Se queria um pau-mandado como marido, estava a

procurar no sítio errado. Nesse caso, teria de se contentar com Ernst von Klippstein. Kitty, que falara descontraidamente ao telefone com a mãe, contara que Ernst von Klippstein era um convidado querido e bem-vindo na Frauentorstrasse. E a mãe tratara imediatamente de o proibir de entrar em sua casa.

– Esse senhor que dizes ser teu amigo já antes andava de olho na Marie. Quando estava no hospital militar, fez-lhe declarações de amor, a Kitty contou-me.

Era inacreditável a inconstância das mulheres. E agora até a mãe. Não dissera anos a fio que Von Klippstein era uma «pobre e adorável pessoa» e não o convidara para a Vila dos Tecidos em toda e qualquer ocasião? Afastou energicamente a ideia que constantemente o atormentava. Não, Marie era-lhe fiel. Ela nunca o traíra. Não enquanto ele fora prisioneiro de guerra dos russos e Ernst – como alegara a mãe – lhe fizera declarações de amor e depois disso também não.

Nunca antes houvera na família coisas como adultérios, vidas duplas ou mesmo divórcios e não seria agora que tal ia acontecer. Ele e Marie estavam a viver uma séria contenda conjugal que seria resolvida num futuro próximo. Nada mais do que isso.

Decidiu que naquele dia ia a pé até à Vila dos Tecidos quando aí fosse almoçar. O tempo estava seco e soalheiro, apenas o vento incomodava um pouco, mas o ar fresco e o exercício far-lhe-iam bem. Não era à toa que o pai – com exceção dos últimos meses – fazia sempre aquele trajeto a pé. Na antessala, onde as duas secretárias comiam os pães com salsicha que haviam trazido de casa, olhou rapidamente para a porta do gabinete de Von Klippstein.

– O senhor Von Klippstein está a almoçar – disse a menina Hoffmann de boca cheia, ao que corou. – Perdão.

– Não tem problema – disse ele, prosseguindo com um irónico tom militar – Passo atrás, à vontade, toca a comer.

Elas congratularam-se com a piada e deram risinhos. Muito bem.

Ofegante e de casaco a adejar, Paul entrou na Vila dos Tecidos. Um passeio destes tinha as suas vantagens, tivera a oportunidade de constatar que o vento arrancara uma série de ramos no jardim – era mais do que tempo de cuidar das árvores. Desde que poucas pessoas trabalhavam, de vez em quando, no jardim, os terrenos estavam uma verdadeira selva. Seria preciso contratar um jardineiro, teria de falar com a mãe sobre isso.

Else abriu-lhe a porta, fez uma vénia e ficou-lhe com o casaco e o chapéu.

– A minha mãe está bem-disposta?

A pergunta tornara-se entretanto um hábito, já que Alicia estava amiúde deitada devido a enxaquecas ou outros padecimentos. Contudo, quase sempre descia para almoçar.

– Infelizmente, não, senhor Melzer... Está lá em cima, no quarto.

Else contorceu o rosto num sorriso de lamento, sem abrir a boca. Era estranho, mas entretanto já todos se haviam habituado.

– A senhora Von Dobern gostaria de falar consigo.

Não lhe apetecia nada, mas teria de aguentar. Desde que Serafina von Dobern se tornara num assunto de querelas no seu casamento e na família, a sua presença enervava-o. Mas ela, evidentemente, não tinha culpa. Tinha de ser justo. A pobrezinha não se estava a dar nada bem na sua nova função, infelizmente Marie tivera razão.

– Está à sua espera no salão vermelho.

Antes do almoço, então. Enfim, era melhor tratar já do assunto. De certeza que se queria queixar novamente dos empregados e, dado que a mãe estava indisposta, dirigia-se a ele. Contudo, não apreciava nada o facto de ela ter tomado posse do salão vermelho. A senhora Schmalzler nunca se dera a tais liberdades.

– Diga-lhe que falo com ela no escritório.

A verdade é que ela o deixou algum tempo à espera, o que o irritou bastante, já que estava com fome. Ouviu por fim a porta do salão vermelho a bater. Ah, a senhora estava ofendida por ele não ter acedido ao seu convite para ir ao salão dos patrões. Determinou para si mesmo que iria pôr um travão à sua presunção.

– Peço desculpa por o ter feito esperar – disse ela ao entrar. – Tive ainda de passar a limpo uma carta que a sua mãe me ditou com urgência.

Ele assentiu e, sem dizer nada, indicou uma cadeira com a mão. Por ser um hábito, ele próprio estava sentado atrás da secretária, a peça de mobiliário em cima da qual um dia Jakob Burkard estendera os seus esquemas de construção. Já lá iam dez anos desde que ele e Marie haviam encontrado aqueles esquemas. Marie, como a amava nessa altura. Sentira-se tão feliz quando ela decidira aceitar o seu pedido de casamento. Seriam agora as sombras do passado mais fortes do que o seu amor? Seria possível que a culpa do pai lhe estivesse a estragar a felicidade?

– A sua mãe pediu-me para o informar de um novo e inesperado acontecimento – disse Serafina von Dobern, fixando nele o seu sorriso polido.

Ele conteve-se. Não fazia sentido entregar-se a ideias sinistras.

– E porque não falou ela comigo?

O sorriso de Serafina expressava agora um lamento.

– Esta manhã a sua mãe recebeu um telefonema que veio sobrecarregar o seu sistema nervoso já de si debilitado. Dei-lhe então um calmante, e ela vai descer para almoçar, mas não está neste momento em condições de manter uma discussão mais prolongada.

Com o consentimento do doutor Greiner, volta e meia Serafina dava à mãe um pouco de valeriana. Não tinha risco nenhum, explicara-lhe o médico. Desde que se administrasse uma dose reduzida.

Paul preparou-se para o impacto. Teria sido um telefonema de Marie? Teria ela – que ideia louca – pedido o divórcio? Não dissera o doutor Grünling que havia cada vez mais mulheres a apresentar tal queixa? Uma consequência de as mulheres trabalharem.

– Infelizmente, vai haver um divórcio – penetrou-lhe Serafina os pensamentos.

Então era isso mesmo! Sentiu-se a cair num precipício. Ia perder Marie. Ela já não o amava.

– Um... divórcio – conseguiu ele dizer devagarinho. Serafina observava atentamente o efeito das suas palavras e vacilou na sua resposta.

– Sim, infelizmente. A sua irmã Elisabeth telefonou de Kolberg para nos comunicar que tinha instaurado uma ação de divórcio contra o marido Klaus von Hagemann. A pedido do marido, o processo será conduzido aqui em Augsburg, no tribunal estadual.

Lisa! Era Lisa que se ia divorciar. Sabe-se lá porquê. Fora Lisa, e não Marie, a pedir o divórcio. Ficou indescritivelmente aliviado e, ao mesmo tempo,

irritado por ter mostrado tão abertamente os seus sentimentos em frente de Serafina.

– Muito bem, então – murmurou. – Ela também disse o que pretende fazer a partir de agora?

– Num primeiro momento, vai instalar-se aqui na Vila dos Tecidos. Não sabemos quais os seus planos a seguir a isso.

Paul imaginava bem que esta notícia, que Lisa provavelmente anunciara de forma breve e seca, como era seu costume, era para a mãe uma grande catástrofe. Que escândalo. Ainda a sociedade de Augsburg estava a comentar a saída de casa da mulher de Paul Melzer e já a irmã se divorciava do marido e voltava à casa paterna. Acresciam ainda os permanentes cochichos sobre a alegada vida imoral da jovem viúva Kitty Bräuer, que mantinha abertamente relações com diversos jovens artistas. A arruinada vida familiar dos Melzers tornar-se-ia uma vez mais no tema preferido de todas as más-línguas de Augsburg.

– Permite-me uma observação?

– Com certeza.

Serafina parecia agora muito confrangida, uma atitude que lhe ficava substancialmente melhor do que o sorriso forçado. Enfim, ela vinha de uma família da nobreza, onde só em situações excecionais uma pessoa mostrava o que verdadeiramente sentia. A mãe era assim.

– Da parte que me toca, estou muito contente por a Lisa voltar para cá. Talvez se recorde. Somos amigas. Penso que a Lisa tomou uma decisão difícil, mas acertada.

– É muito possível – admitiu Paul. – A Lisa é evidentemente bem-vinda na Vila dos Tecidos e terá todo o meu apoio.

Serafina assentiu e pareceu sinceramente comovida. Também tinha as suas facetas positivas, aquela pessoa cansativa, e não tinha culpa nenhuma da sua aparência insípida.

– É uma grande sorte ter um irmão assim. Uma pessoa que apoia a irmã tão incondicionalmente – disse ela baixinho.

– Oh, muito obrigado – retorquiu ele, esforçando-se por reagir jocosamente. – Nas dificuldades, nós, os Melzers, mantemo-nos unidos.

Ela assentiu e olhou para ele. Emocionada. Oh, céus, era sempre assim que antigamente ela olhava para ele quando se cruzavam num qualquer evento da sociedade ou nos bailes.

– Vamos então almoçar – disse ele, em tom prosaico. – Estão à minha espera na fábrica.

A mãe já estava sentada à mesa, de costas direitas, como era seu hábito, mas estava pálida e com uma cara que parecia que o mundo estava a desabar. Paul envolveu-a com os braços e deu-lhe um beijo na testa.

– Paul. Já sabes da notícia? Oh, céus, parece que nós, os Melzers, não somos poupados a nada.

Ele esforçou-se por a consolar, algo que só em parte conseguiu. Apesar de tudo, a mãe sentiu-se capaz de abençoar a refeição. Julius serviu a sopa, calado e de expressão soturna, e, quando Paul lhe perguntou se se sentia bem, o laçao declarou que se sentia melhor do que nunca. Apesar de olhar para a senhora Von Dobern com cara de quem lhe queria bater com a concha da sopa.

– O senhor Winkler – disse Alicia pensativamente, quando Julius tirou a sopa da mesa. – Fico um pouco admirada por a Lisa não o ter mencionado de todo ao telefone.

– Bom – disse Serafina com um sorriso benevolente –, não deve significar nada. Aguardemos. Quando chegar, já se poderá abrir connosco.

Alicia parecia realmente aliviada, o que deixou Paul admirado. Lisa nunca se abria com ninguém. Ela resolvia os seus assuntos sozinha e aparecia simplesmente com decisões surpreendentes. A mãe deveria ser quem melhor saberia isso. Contudo, ao que parecia, nos últimos tempos a mãe andava um pouco distraída e preferia aceitar o que a senhora Von Dobern dissesse.

– Parece-me que a couve está salgada – considerou a governanta, dando pancadinhas nos lábios com o guardanapo.

– Tem razão, senhora Von Dobern – disse a mãe. – Um pouco de sal a mais.

– A sério? – perguntou Paul, franzindo a testa. – Para mim está ótimo.

A senhora Von Dobern ignorou a sua sentença e incumbiu Julius de dizer à cozinheira que as verduras estavam salgadas. Julius inclinou ligeiramente a cabeça, como indicação de que ouvira, mas nada disse.

– É importante o pessoal sentir que é gerido com rigor – declarou a senhora Von Dobern. – A transigência é sempre encarada como uma fraqueza. Sobretudo, queira-me perdoar, cara Alicia, sobretudo pelas mulheres. Quem as trata com indulgência será desprezado, já que qualquer mulher deseja um homem que possa admirar.

Paul ficou de certa forma pasmado ao ouvir tais teorias sair da boca de uma mulher, mas Serafina era, afinal, filha de um oficial. Ainda assim, não era totalmente errado o que ela dizia. Muito embora algo exagerado.

Alicia concordou avidamente e observou que o seu abençoado Johann sempre a respeitara e amara muito ao mesmo tempo.

– Tinha sempre a sua opinião muito própria – disse ela, sorrindo e olhando para Paul. – E muito bem.

Ao que parecia, os longos e debilitantes conflitos matrimoniais haviam completamente desaparecido da sua memória. Paul lembrava-se muito bem de a mãe não apreciar de todo quando o pai tinha «a sua opinião muito própria». Mas seria aquele esquecimento talvez uma forma de amor? E é verdade que, à sua maneira, os dois se amavam.

– Provavelmente, o Johann Melzer não teria permitido que a sua mulher gerisse o seu próprio negócio, não é? – disse Serafina à sua mãe.

– O Johann? Oh, não. Considerava que o lugar de uma mulher era em casa. Uma casa tão grande como a Vila dos Tecidos é já ocupação suficiente para uma mulher.

– Enfim, a sua nora comprovou, com o seu ateliê, que uma mulher consegue gerir uma casa e ao mesmo tempo ser empresária. É assim, não é? Ou estarei enganada?

– Engana-se e muito, cara Serafina. Lamentavelmente, a Marie negligenciou os filhos e a casa em igual medida. Na minha opinião, o ateliê lesou muito o teu casamento, Paul.

Paul estava ocupado com o gulache e fingiu não ter ouvido. Sentia-se desconfortável, mas não queria intervir na conversa, para não enervar a mãe. Mas não gostava nada que os seus problemas matrimoniais fossem tratados à mesa com a governanta. Mas que se passava na cabeça da mãe?

– Oh, acho que o senhor Melzer é realmente muito generoso com a esposa – retomou Serafina o fio da conversa. – E se por acaso ele decidisse ser severo e fosse necessário fechar o ateliê? Que base teriam a mulher e os filhos para sobreviver?

Alicia reteve a resposta até que Julius terminasse de servir a sobremesa, que era um pudim doce de sêmola com molho de framboesa. Olhou então para Serafina com um sorriso alegre

– Acertou na muche, cara Serafina. Ouviste, Paul? Eu avisei-te desde o início e tu não ligaste nenhuma. O ateliê subiu à cabeça da Marie e por isso deves explicar-lhe muito claramente, o mais rapidamente possível, qual é realmente a sua situação. Com transigência não chegas a lado nenhum, muito pelo contrário, vai perder todo o respeito que possa ter por ti.

Paul já sabia que a mãe tinha aquela opinião, mas que evitara até então dizer-lha diretamente na cara.

– Obrigado pelo teu conselho, mamã. Agora tenho que fazer na fábrica.

Deixou ficar o pudim de sêmola, apesar de ser uma das suas sobremesas favoritas, já que não tinha vontade nenhuma de ouvir as queixas habituais da mãe de que ele estava sempre a fugir para a fábrica. Estaria enganado ou ter-se-ia Serafina esforçado avidamente por conduzir a mãe na direção que ela queria? Era melhor manter aquela mulher debaixo de olho.

Uma vez que o carro estava estacionado na fábrica, teve de fazer o caminho de volta de novo a pé. Desta vez, não o apreciou nem de perto tanto como da outra vez, pôs-se a matutar, deixou-se levar pela sua própria irritação e pensou seriamente se a sugestão da mãe não seria mesmo a solução de todos os problemas. Se Marie não tivesse dinheiro para alimentar e vestir decentemente as crianças, ele teria muito em breve um motivo para trazer Leo

e Dodo de volta para a Vila dos Tecidos. Então, também Marie perceberia que ele, sendo homem, era quem tinha a posição mais forte. Não era verdade que todos aqueles problemas haviam sido gerados pelo facto de ele ser tão complacente?

Ao longo do resto do dia de trabalho, sentiu-se extremamente bem-disposto, conversou até sobre os projetos futuros com o seu sócio, que andara a ignorar intencionalmente nos últimos dias. Não era propriamente fácil para ele fazer das tripas coração, já que Von Klippstein lhe dera a conhecer que não estava em circunstância alguma disposto a renunciar à sua participação na fábrica. Teria por isso de se conformar com a situação, no interesse da empresa.

Só ao final do dia, quando estava uma vez mais sozinho no escritório da Vila dos Tecidos e anesthesiava os seus problemas com vinho tinto, compreendeu que estava a seguir o caminho errado. Ele não podia obrigar Marie. Ela teria de voltar para ele voluntariamente. Qualquer outra ideia não faria sentido nenhum.

Mas então que quer ela?, interrogou-se, desesperado. Pedi-lhe perdão. Estou disposto a despedir a senhora Von Dobern. Em certas circunstâncias, permitiria também que o Leo tocasse piano... Mas ela podia poupar-me àquela exposição.

Fez várias tentativas de escrever uma carta a Marie, mas interrompia-se sempre e atirava as folhas amarfanhadas para o cesto dos papéis.

Kitty, pensou ele. Ela tem de me ajudar. Porque não apostei mais cedo na Kitty?

No dia seguinte, telefonaria do seu gabinete. A decisão deu-lhe a coragem para, por fim, se ir deitar. Detestava o quarto de dormir comum em que agora

só ele passava a noite. A cama, cujo outro lado permanecia intocado, o silêncio, o frio, a almofada bem sacudida a seu lado. Sentia tanto a falta de Marie que mal sabia como haveria de continuar a viver sem ela.

Eu deveria ter sabido, pensou Marie. Sentiu vergonha, pois caíra diretamente na boca do lobo. Que terão as pessoas pensado dela quando apareceu hoje bem cedo sozinha na Igreja de São Maximiliano para assistir à missa? Não se sentara no banco da família Melzer, que fica mesmo à frente, na segunda fila à direita. Não sentia que tinha esse direito e encolheu-se num dos bancos de trás, no lado esquerdo da nave da igreja. Do seu lugar escondido, espreitava volta e meia, por entre os fiéis, para o banco da família Melzer, no qual apenas três pessoas se haviam sentado: Alicia, Paul e Serafina von Dobern.

Por que razão a afetara tanto aquela disposição das pessoas ali sentadas?

Já antes a precetora assistia à missa com eles e sentava-se com Dodo e Leo no banco dos Melzers. Naquele dia, no entanto, os gémeos não estavam lá, Hanna ia com as crianças à missa na Basílica de Santo Ulrico e Santa Afra; fora ideia de Kitty, para evitar complicações. Serafina fora entretanto promovida a governanta e estava sentada ao lado de Paul. Ocupava agora o lugar de Marie.

Enquanto o órgão entoava um prelúdio e o sacristão fechava as portas da igreja, Marie lutava violentamente contra a sensação de ter de fugir a correr daquela igreja. Porque viera sequer até ali? Seguramente não por devoção, isso era coisa que perdera completamente no tempo do orfanato. Não, ela tivera a ideia louca de trocar dois dedos de conversa com Paul no fim da missa. Para esclarecer mal-entendidos. Para se explicar, tentar gerar a sua compreensão. Ou simplesmente... para o ver... olhá-lo nos olhos. Dar-lhe a entender que o seu amor não morrera... bem pelo contrário.

Mas foi o lugar errado e o momento errado. Enquanto o padre e os acólitos entravam e davam início à missa, ela sentiu virem de todos os lados os olhares curiosos dos conhecidos de Augsburg pousados em si. Lá estava ela, Marie Melzer. A ajudante de cozinha que ascendera a patroa. A sua sorte durara alguns anos, mas agora já nada restava. Temos pena por ela, mas estava-se mesmo a ver que ia acontecer. Paul Melzer merecia uma esposa melhor do que uma rapariga do orfanato. Sim, pensava ela, repleta de amargura. É verdade que Serafina está empobrecida, mas a família é da nobreza. O coronel Von Sontheim, o pai, tombara na guerra a lutar pela pátria. Uma nobre empobrecida e um empresário abastado – era uma combinação mais adequada.

Voltou a olhar lá para a frente e viu Paul inclinar-se para Serafina e sussurrar-lhe algo ao ouvido. E Serafina corou quando lhe respondeu baixinho.

Um ciúme desamparado perpassou Marie como um veneno paralisante. Quem vai ao ar perde o lugar, pensou. A culpa é tua, abandonaste-o, puseste-o em liberdade. Achaste que o Paul teria dificuldade em arranjar outra mulher? É abastado, é bem-parecido, sabe ser incrivelmente charmoso... As senhoras mortinhas por casar vão arrancar cabelos por ele logo que esteja divorciado.

Estaria ele a pensar no divórcio? Teriam já chegado a esse ponto?

Arranjou forças para assistir à missa até ao fim. Os textos tradicionais em latim ajudaram-na, produziram um efeito apaziguador no seu estado de espírito, protegeram-na da agitação dos seus sentimentos. Mal o órgão começou a tocar, logo ela se levantou rapidamente, abriu caminho entre as pessoas sentadas ao seu lado e foi uma das primeiras pessoas a alcançar a

saída. Esperava sinceramente que nem Paul nem as suas duas acompanhantes tivessem notado a sua presença. Teria sido demasiado penoso.

Apanhou um fiacre para desaparecer o mais rapidamente possível de São Maximiliano; na Frauentorstrasse, subiu furtivamente as escadas sem se deixar ver por Gertrude, que trabalhava na cozinha, despiu o casaco, descalçou os botins e sentou-se à sua secretária. Ele que o pondere, pensou ela, em desafio, esfregando as mãos frias. Eu tenho o meu trabalho, isso ele não me pode tirar. E tenho as crianças. E ainda Kitty. Gertrude. Posso viver e trabalhar nesta linda casinha. Mesmo que perca o Paul, ainda me resta um sem-fim de coisas... Ele que seja feliz com outra. É isso que lhe desejo. Sim, quero realmente que ele seja feliz. Mas eu amo-o... Eu amo-o...

Pôs-se a olhar da janela, acompanhando as voltas do vento outonal que arrastava consigo as últimas folhas dos ramos da faia. Ela tinha de trabalhar, pensou. O trabalho ajudá-la-ia a esquecer. Dedicou-se ao seu desenho, o primeiro esboço de um casaco largo debruado a pele para uma cliente. A gola era simples, sem pelo, o que tornava o debrum nas mangas e na bainha ainda mais exuberante. A combinar, um pequeno chapeuzinho de veludo. Talvez com forma tubular, que era o que mais estava na moda naquele momento? Oh, não, não gostava nada daquelas espécies de minhocas cortadas ao meio. Talvez fosse melhor uma criação com abas abertas e o rebordo de pelo como elemento de destaque? Desenhou algumas tentativas, deitou-as fora, alterou-as, refletiu e entregou-se a novas inspirações.

– Mas, mamã. Já falámos bastante sobre esse assunto.

Marie parou e pôs-se à escuta. Ontem à noite, Tilly chegara de Munique para passar alguns dias na Frauentorstrasse. Estava muito cansada, praticamente não comera nada e recolhera-se logo no seu quarto no sótão.

Pobre Tilly. Não parecia andar bem e agora tinha ainda por cima Gertrude a cair em cima dela.

– Minha querida filha, nunca é demais repetir a verdade. Tinha tanta esperança de que tu ganhasses finalmente juízo.

Mãe e filha pareciam estar lá em baixo, na sala de estar. Infelizmente, naquela casa ouvia-se tudo, sobretudo a voz possante de Gertrude ecoava sem qualquer entrave por todos os andares acima.

– Por favor, mamã, não quero falar sobre isso.

– Sou a tua mãe, Tilly! Tenho de falar com franqueza. Tens-te visto ao espelho ultimamente? Pareces o Cristo crucificado. Olheiras, o nariz pontiagudo, a cara chupada. Dói-me só de olhar para ti.

– Então olha para o outro lado.

Marie imaginou que agora Gertrude se atirava ao ar, inteiramente indignada, erguendo os braços. Ah, Tilly; mas ela conhecia bem a mãe que tinha. Não se ia livrar dela com uma resposta daquelas.

– Olhar para o outro lado? Fingir que não vejo quando a única filha que me restou se arruína à frente dos meus olhos? Estudar! Ser médica! Isso são só ideias absurdas. Preferia ver-te a procurar, antes que seja tarde, um marido que te possa alimentar. Mas para isso tens de te cuidar melhor, rapariga. Homem nenhum vai querer ficar com um espantalho. – Marie pousou o lápis com determinação e levantou-se para dar apoio a Tilly. É certo que Gertrude se preocupava e só pensava no bem de Tilly. À sua maneira.

– Vou dizer-te pela centésima vez: eu nunca me vou casar. Vê se fixas isso de uma vez por todas, mamã!

Marie precipitou-se pela escada abaixo. Estava agora seriamente preocupada, já que a voz de Tilly parecia estar a tremer. Era possível que estivesse prestes a desfazer-se em lágrimas.

– Gertrude! – chamou Marie, enquanto abria a porta da sala de estar. – Acho que a Hanna está a chegar da missa com as crianças.

Era uma jogada inteligente, já que Gertrude olhou para o relógio de pé e correu à janela.

– Deus do céu. ConseguiSTE vê-los a chegar lá de cima? Mas então estão a chegar mais cedo. Vou fazer chocolate quente, lá fora está a soprar um vento frio. E a igreja também não terá estado propriamente quente.

– Boa ideia! – exclamou Marie. – Chocolate quente neste tempo de outono vem mesmo a calhar!

Com tal encorajamento, Gertrude correu para a cozinha para misturar o cacau preto e amargo com açúcar e um pouco de natas e mexer até se transformar numa papa espessa, a que mais tarde se acrescentaria leite quente. O entusiasmo de Gertrude por comidas e bolos não diminuía nem um pouco, ao passo que se revelara entretanto um apoio sensato e diligente.

Tilly afastou o cabelo comprido e solto para o lado e lançou um olhar de gratidão a Marie. Agora, sob a primeira luz da manhã, pareceu a Marie ainda mais magra do que na noite anterior. O seu vestido também estava bastante coçado, na manga direita estava aliás esfolado.

– Chegaste mesmo no momento certo, Marie. Mais uma frase e eu teria esfolado a minha mãe!

– Eu sei...

– Foi de propósito?

Marie riu-se baixinho e assentiu. Tilly também não resistiu a um sorriso. Da cozinha, ouviu-se o tilintar de uma panela de ferro a cair no chão ladrilhado. Por vezes, Gertrude era algo desajeitada.

– Jesus Senhor! – resmungou Kitty no corredor. – Porque é que fazes tanto barulho a meio da noite, Gertrude? Será que nesta casa já ninguém pode dormir?

– É quase meio-dia, minha jovem! – declarou Gertrude serenamente. – Mas as pessoas que gostam de manter uma extensa vida noturna precisam realmente do dia para dormir!

A resposta foi um rosnido mal-humorado e depois a porta da sala de estar abriu-se. Kitty estava de roupão, o cabelo desgrehado, os olhos cheios de sono.

– Ela põe-me doida. Atira panelas. Oh, Tilly. Dormiste bem, minha querida? Pareces uma tulpia murcha. Temos de te alimentar como deve ser, não é, Marie? Vamos fazer isso, podes confiar em nós, Tilly. Deus do céu, ainda estou completamente atordoada. Hoje é domingo, não é?

Passou a mão pelo cabelo e riu-se, passou as costas da mão na testa, fez uma careta e voltou a rir-se.

– Domingo, é isso mesmo. Senta-te, Kitty. Acho que ainda há café na cafeteira.

Marie conhecia o hábito de Gertrude de guardar uma chávena de café para Kitty, já que só raramente se levantava antes das dez da manhã.

– Oh, sim! Café morno, é mesmo disso que preciso – troçou Kitty com ingratidão.

Fez o seu teatro do costume. Afundou-se no sofá com um leve gemido, pegou graciosamente na chávena e segurou-a na mão enquanto continuava a falar.

– Bah, sabe horrivelmente mal, mas sempre anima. Já estou de volta. Que festa maravilhosa a de ontem no Grémio das Artes! Imagina só, Tilly, ele ficou todo empolgado quando lhe disse que já estás em Augsburg... Ele vem cá hoje à noite. Ah, sim. O Marc e o Roberto também passam por cá. E a Nele, acho eu. Tenho ainda de dizer à Gertrude e à Hanna, o Roberto gosta muito do bolo de amêndoa que ela faz.

Marie teve alguma dificuldade em acompanhar a verborreia de Kitty e quando reparou como Tilly franzira a testa de pura desorientação, decidiu finalmente intervir.

– De quem estás tu a falar, Kitty?

– Do Roberto, evidentemente, minha querida Marie. O Roberto Kroll, um rapaz mesmo bonito, mas que, infelizmente, insiste em usar barba, porque se acha um artista geni...

– O Roberto ficou empolgado ao saber que a Tilly está cá?

Kitty fitou-a de olhos muito grandes.

– Mas que estás tu para aí a dizer, Marie? Não, não é o Roberto. O Klippi, o leal e ajuizado Klippi.

Tilly corou e não conseguiu evitar desviar o olhar. Kitty esvaziou a chávena, deixou-se escorregar para um canto do sofá e levantou os pés.

– Já todos sabemos que o pobre Klippi está perdidamente apaixonado pela nossa Marie – tagarelou ela por ali fora.

– Mas já que a minha mais do que querida Marie não está de todo interessada nele, o que muito me alegra, já que a Marie é do meu Paulinho, o Klippi vai ter de se orientar para outro lado. Ele é um tesouro, Tilly, acredita em mim.

Tilly soltou um suspiro e tapou os ouvidos com as mãos.

– Por favor, Kitty! Não comeces tu também. Ainda agora a mamã me fez a palestra do costume.

Mas Kitty não se deixava travar.

– Estou só a dizer que o senhor Von Klippstein vem visitar-nos esta noite e que está contente por te encontrar por cá. É só isso. Ele é uma pessoa absolutamente amável e generosa, como tu aliás já sabes. Ele nunca ousaria impor regras à sua mulher. Poderias estudar à vontade e ser médica; o Klippi estaria sempre inteiramente disponível ao teu la...

– Estás a esforçar-te em vão, Kitty – cortou-lhe Tilly a palavra. – Eu nunca me vou casar. E tu melhor do que ninguém deverias compreender isso.

Kitty calou-se, exceccionalmente, e envolveu com os braços os joelhos levantados. E olhou para Marie em busca de ajuda.

– Por causa... por causa do doutor Moebius? – perguntou Marie baixinho.

Tilly limitou-se a assentir com a cabeça. Engoliu em seco e pôs o cabelo comprido atrás das orelhas. Que estranho, logo ela, que estava tão corajosamente a aprender uma profissão dominada pelos homens, usar o cabelo de forma tão antiquada.

– Ainda tens esperança de que ele regresse um dia destes da prisão?

Tilly abanou a cabeça. Por um instante, fez-se silêncio na sala de estar, ouvia-se o batimento uniforme do relógio de pé, na cozinha ouvia-se louça a

bater. Então, Tilly começou a falar, hesitantemente e muito baixinho.

– Eu tenho a certeza de que o Ulrich está morto. Morreu numa terriola algures na Ucrânia. Tinham instalado o hospital de campanha atrás da linha da frente, como sempre faziam. Para que os feridos pudessem ser atendidos o mais depressa possível. Nessa aldeia havia guerrilheiros escondidos, que disparavam contra tudo o que se mexesse. O Ulrich morreu enquanto tentava salvar a vida de um jovem soldado.

Marie não sabia o que dizer. Kitty parecia uma criança medrosa toda encolhida.

– E como é que sabes isso? – perguntou, confrangida.

– Um dos camaradas contou aos pais dele. E eles escreveram-me... O Ulrich tinha pedido ao camarada que me informasse caso ele morresse.

Um destino como milhares de outros, pensou Marie, com tristeza. E ainda assim tão cruel, quando o sentimos na própria pele. É estranho o facto de entretanto as pessoas evitarem pensar na guerra. O facto de nos lançarmos numa nova vida moderna e de já não quisermos ver os estropiados a pedir na rua. Do mesmo modo que queremos esquecer as nossas próprias cicatrizes e feridas.

– Sem dúvida – disse Tilly, agora com a voz alterada. – Nós não estávamos noivos. Não tivemos tempo para isso. Eu passei muito tempo a censurar-me por ter sido tão reservada. Eu deveria tê-lo encorajado, mas nós, as mulheres, somos educadas para nunca tomarmos a iniciativa. Por isso, eu e o Ulrich tivemos apenas uns minutos juntos, nada mais. Um beijo, um abraço, uma promessa.

Tilly interrompeu-se, assolada pela recordação. Kitty saltou do sofá e envolveu Tilly com os seus braços.

– Como te compreendo – exclamou, preocupada. – Compreendo-te tão bem, mas ao menos sabes como é que ele morreu. Eu nunca vou saber o que aconteceu ao meu pobre Alfons. Oh, Tilly, estou sempre a sonhar coisas horríveis, com ele para lá deitado e desamparado, a esvair-se em sangue. Muito, muito longe de mim e totalmente sozinho. A guerra. Mas quem é que quis tal coisa? Conheces alguém que tenha desejado esta guerra? Traz-mo cá que eu desfaço-o em pedaços!

Marie nada disse. Sentiu-se ingrata e egoísta. O seu marido voltara para ela, quantas mulheres a haviam invejado por isso! E, contudo, ela agora abandonara Paul, não lhe conseguia perdoar o que ele lhe fizera. A felicidade do reencontro e a vida comum no dia à dia eram duas coisas completamente diferentes.

– Eu tenho um grande apreço pelo Ernst von Klippstein – prosseguiu Tilly.
– Tens toda a razão, Kitty. É uma pessoa maravilhosa. E passou por muito. Na altura, ele tinha a vida por um fio.

– Exatamente – considerou Kitty, continuando a afagar os ombros de Tilly.
– Tu cuidaste dele lá no hospital. Diz-me lá, Tillyzinha. Nunca se fala sobre isto, mas fica aqui entre nós, está bem? Em total confiança: ele consegue... o Klippi consegue, bom, tu sabes, constituir família?

Tilly olhou para a janela, onde agora surgiam os rostos risonhos das crianças. Saltavam muito alto para conseguirem espreitar melhor para dentro da sala de estar e acenaram às três mulheres, correndo então em risinhos de volta para a porta da rua, onde Hanna os esperava.

– Por favor – apressou-se Tilly a dizer. – Não quero, de modo nenhum, que alguém fique a saber. Eu também só fiquei a saber agora. Tivemos um caso

semelhante na faculdade. Na altura, no hospital militar, eu não tinha conhecimento nenhum sobre essas funções corporais.

– Quer dizer então que não consegue – constatou Kitty com secura. – Pobre homem!

Marie já imaginara algo assim, mas agora sabia ao certo. Que trágico. Ele tinha um filho, mas que vivia com a mulher de quem ele se divorciara. Agora é-lhe negada a possibilidade de ter mais filhos. Como era disparatado o ciúme de Paul. Como é que ele chamara a Von Klippstein? «O teu amante e cavaleiro das flores.» Foi maldoso e injusto!

A gritaria alegre das crianças no corredor desfez o ambiente triste, Kitty levantou-se num salto, cruzou as mãos na nuca e espreguiçou-se.

– Que se há de fazer? A vida continua. Começou uma nova era e nós as três estamos aqui em pleno. Eu com os meus quadros. A Marie no seu ateliê. E tu, Tilly, vais ser uma médica fantástica.

Pôs-se em bicos de pés, com os braços ainda a apoiar a nuca, e lançou um olhar desafiador para uma e para a outra. Estava evidentemente à espera de aprovação. Marie fez um sorriso contido. Também Tilly tentou fazer cara alegre, mas sem grande êxito.

– Ora bem, meninas – disse Kitty com benevolência. – Vou-me vestir. Senão a Henny volta a contar na escola que a mamã dela passa o dia de camisa de dormir.

Tilly também saiu para prender o cabelo, arrumar o quarto e fazer a cama. O tempo em que era servida por criadas de quarto e camareiras já lá ia há muito, agora estava habituada a tratar de si mesma. Hanna tinha já trabalho suficiente, não queria de modo nenhum dar-lhe ainda mais.

– Tia Tilly! – ouviu Marie a voz penetrante da filha no corredor. – Tia Tilly! Espera por mim. Eu também vou subir.

– Então anda, Dodo. Mas eu tenho de ir arrumar o quarto.

– Eu ajudo-te. Eu arrumo muito bem, foi o que a senhora Von Dobern nos ensinou. Posso pentear o teu cabelo? Por favooooooooor! Eu também sou muito cuidadosa.

O que levava a rapariga a agarrar-se assim à Tilly?, pensou Marie. Se calhar Dodo também um dia queria estudar Medicina? Sempre seria melhor do que ser aviadora. Sorriu para si mesma. As crianças ainda tinham tanto tempo, era um disparate estar já a preocupar-se com o assunto. E, no entanto, também se diz que é de pequenino que se torce o pepino.

Leo irrompeu por ali adentro, de caneca ainda na mão, um bigode de chocolate por cima da boca.

– Mamã, tenho uma novidade sensacional para te contar!

Gesticulava por todo o lado com a caneca meio cheia, pelo que o chocolate só por um triz não foi parar ao tapete.

– Que bom, meu amor. Mas é melhor pousares a caneca, senão vamos ter uma inundação.

– Eu tenho ouvido absoluto, mamã!

Ele levantou os olhos para ela, como se tivesse acabado de ser investido cavaleiro. Marie vasculhou a memória. O que era sequer um «ouvido absoluto»?

– Que bom. E quem é que chegou a essa conclusão?

– Depois da missa, fomos lá acima ao pé do órgão, eu e o Walter. Porque um dia gostávamos de o tocar. E aí o maestro reparou que eu sei sempre qual

é o tom. E também meios-tons. Eu sei isso tudo. Até mesmo lá em cima nos tons de soprano. E lá em baixo nos tons de baixo. Todos os registos do órgão. Eu ouço tudo, mamã. O Walter não. Ele ficou muito triste por não conseguir. O maestro chama-se senhor Klingelbiel e ele disse que é uma coisa rara. Um dom de Deus, foi o que ele disse.

– Isso é mesmo sensacional, Leo.

Uma vez que não havia mais ninguém na sala, ela pôde apertá-lo contra si e afagar-lhe o cabelo. Quando a porta se abriu e Henny espreitou para dentro da sala de estar pela fresta, ele soltou-se imediatamente de Marie e saiu a correr para a sala de música.

– Tia Marie. – Henny conferia à palavra «Marie» um certo balanço e também o seu sorriso era no mínimo tão encantador como o da mãe. Ah, estava ali um ataque em preparação.

– E então, Henny?

A pequena agarrava a ponta de uma das tranças loiras e enrolava-a entre os dedos. Enquanto pestanejava na direção de Marie.

– Eu podia ajudar-te no ateliê. À tarde. Depois de fazer os trabalhos de casa.
– O trabalho voluntário não era propriamente uma vocação de Henny.

Mas Marie começou por aceitar a sua sugestão.

– Se essa ideia te agrada, porque não? Dava-me jeito a tua ajuda. Separar botões. Enrolar carros de linha de coser. Regar as flores.

Henny assentiu, satisfeita.

– E também recebo um salário?

Então era isso. Marie quase desatou a rir-se. Conteve o sorriso e explicou à pequena que só tinha oito anos e que ainda não podia trabalhar em troca de

um salário.

– Mas... mas eu não vou trabalhar. Eu só vou ajudar um bocadinho. E em troca podias dar-me dez *pfennig*. Porque és a minha tia muito querida.

Mas que grande espertalhona. Ganhar dinheiro de forma elegante. Eu faço uma coisa por ti, tu fazes uma coisa por mim.

– E para que precisas de dez *pfennig*?

Henny atirou a ponta da trança por cima dos ombros e fez beicinho com os lábios. Mas que pergunta tonta, era o que lhe estava estampado no rosto.

– Oh, só porque sim. Porque o Natal está quase a chegar.

Que criança tão comovente, pensou Marie. Quer trabalhar para comprar prendas de Natal. Esta intuição para o dinheiro e o seu valor teria seguramente herdado do pai.

– Vamos falar com a tua mamã sobre isso, pode ser?

O semblante de Henny ensombrou-se, mas ela assentiu, bem-comportada, e saiu a correr. A pequena anda a tramar alguma coisa, pensou Marie, indecisa. Seria talvez mais sensato não aceder ao seu desejo e, sobretudo, informar Kitty.

Mais para o fim do dia, começou a chover torrencialmente, e também soprava um vento frio de outono que sacudia os arbustos e as árvores do jardim. Os ramos batiam contra as paredes da casa, folhas amarelas e castanhas esvoaçavam para todos os lados ao sabor do vento e, ainda por cima, Hanna comunicou que lá em cima havia duas janelas que não estavam bem vedadas.

– Põe algumas toalhas de mão nos parapeitos – sugeriu Tilly. – Senão, a madeira começa a ganhar bolor.

– Esta casa é uma sugadora de dinheiro – queixou-se Kitty. – Neste verão, mandei remendar o telhado, o que quase me deixou na ruína. Se um dia renascer, vou ser telhador.

Ernst von Klippstein apareceu dentro de um casaco ensopado com água, o vento virara o guarda-chuva do avesso por diversas vezes, pelo que ele acabou por desistir de o usar e achou que o melhor era agarrar o chapéu. Em vez de flores, ofereceu às senhoras caixas húmidas com doces lá dentro e ficou extremamente feliz quando Hanna lhe trouxe pantufas quentes.

– Perdoe-me o meu estado – disse ele, quando cumprimentou Tilly, passando a mão pelo cabelo molhado.

– Ora, porquê? Está com ótimo aspeto, meu caro Ernst. Todo rosado e saudável. Lavadinho de fresco!

– Ela tem uma certa razão – confirmou Kitty a rir-se. – De ora em diante, passaremos a deixá-lo à chuva antes de o deixar entrar, querido Klippi. Mas entre, entre, o jantar está a ser servido.

Marie constatou, aliviada, que hoje Ernst von Klippstein se dedicava sobretudo a Tilly. Nos primeiros tempos depois da separação de Paul, ele ia quase todos os dias à Frauentorstrasse e esforçara-se muito por a consolar. Bom, a sua intenção era boa, mas para ela era mais um fardo e não tanto uma ajuda.

– Estás a ver, Marie? – cochichou-lhe Kitty manhosamente. – Os dois já estão sentadinhos um ao lado do outro em grande intimidade. Não tarda nada dão as mãos e entregam os seus corações um ao outro.

Kitty estava a usar um dos seus vestidinhos de corte sofisticado feitos de seda clara, que quase não lhe cobria os joelhos e acentuava a sua silhueta, que entretanto voltara a ser a de uma rapariga. Um ser entre criança e mulher, ela

irradiava, provocava, namoriscava – não havia homem que não reparasse nela. Quando ela olhava com os seus olhos azul-escuros, desencadeava toda uma série de intensos sentimentos. Todavia, Marie já reparara que Kitty há muito se cansara deste jogo e que só o mantinha para se provar constantemente a si mesma que ainda tinha esse poder. Por isso, também Roberto, o pintor de barba negra, e Marc, o galerista, contavam-se entre os seus submissos admiradores. Até que ponto Kitty se aproveitava das boas graças dos seus senhores, isso Marie já não sabia. Caso a sua bonita cunhada também se entregasse ao amor físico, não o fazia nunca na Frauentorstrasse.

– Nele, minha querida! E foste tu sair de casa com este tempo.

Nele Bromberg foi efusivamente abraçada por todos. Já tinha mais de setenta anos, era seca como um cabrito, o cabelo curto cuidadosamente pintado de negro retinto. Antes da guerra, fizera furor como pintora e vendera muitos quadros; mais tarde, a sua fama esmoreceu, mas isso não a impedia de dedicar toda a sua vida à arte. Marie gostava daquela absurda velha senhora, muitas vezes pensava que a sua mãe, se ainda estivesse viva, seria talvez muito parecida com ela.

– Oh, chuvas e tempestades, é o tempo ideal para nós, as bruxas – exclamou Nele. – Foi um prazer cavalgar na minha vassoura até tua casa, minha pequena elfo esvoaçante.

Falava por norma demasiado alto, o que se devia ao facto de, com o passar dos anos, estar cada vez mais surda. Mas isso não incomodava ninguém, e até as crianças, que podiam ficar ali algum tempo, achavam que a «tia Zummborg» era simpática e brigavam muitas vezes para decidir quem se podia sentar ao lado dela à mesa.

Oh, as alegres refeições na casa da Frauentorstrasse! Era tudo tão descontraidamente feliz. Sem regras de comportamento rígidas como na Vila dos Tecidos, ninguém dizia aos miúdos que tinham de se sentar direitos e que não se podiam sujar. Também não havia patrões nem empregados, já que Gertrude distribuía tarefas pelos convidados, que as assumiam de bom grado. Pôr a mesa. Compor um ramo de flores. Servir a comida. Tratar das bebidas. Sobretudo Klippstein gostava de ser útil, mas também Marc carregava de bom grado a taça com os *schupfnudel* e o pintor Roberto punha os talheres exatamente à mesma distância ao lado dos pratos. Contudo, mais tarde, quando tudo estava pronto, sentaram-se todos à mesa, onde estavam tão apertados que era preciso ter cuidado para não espetar acidentalmente o garfo no vizinho do lado. Também Hanna, que no início fez cerimónia, teve de se sentar à mesa e ficava sempre terrivelmente confrangida quando os amigos de Kitty a tratavam por «menina Johanna».

Comiam, elogiavam a cozinheira, brincavam com as crianças, diziam tolices, brindavam, chocando os copos. As conversas giravam quase sempre à volta da arte, era sobretudo Marc Boettger, o galerista, quem liderava a conversa, condenava uns e elevava aos céus outros, falava de artistas que se haviam tornado famosos da noite para o dia e de génios que seriam desconhecidos para sempre. Nele bradava pelo meio que por favor falasse mais alto, que não o conseguia perceber, ao que Dodo assumia a tarefa de repetir à velha senhora os pedaços da conversa mais importantes.

– Deste à luz uma rapariga inteligente, Marie. É muito especial. Um dia vai deixar todos de boca aberta. – Nele tratava basicamente todos os seus amigos por tu e adotara Marie logo desde o início. Elogiava sobretudo os quadros da

sua mãe, muito embora, para sua grande pena, nunca tivesse conhecido Luise Hofgartner.

Quando todos já haviam saciado a fome e as conversas se acalmavam um pouco, chegava o momento de Leo. Ele ia até à sala de música para tocar algumas peças ao piano e fazia-o com toda a paixão. Ao sinal de Marie, o músico recebia um estrondoso aplauso – assim terminava o concerto de final do dia e Hanna subia com as crianças resmungonas para as pôr na cama.

Os adultos distribuíam-se então em pequenos grupos na sala de estar, acomodavam-se no sofá, ocupavam os cadeirões, Roberto gostava especialmente de se sentar no tapete de pernas cruzadas. Era um entusiasta da ginástica e uma vez fizera uma demonstração da sua arte a fazer a roda, muito embora tenha partido uma jarra de cristal e o cadeirão entrançado com tubos tenha ficado danificado, pelo que Kitty lhe pediu para deixar de fazer essas coisas.

– Adoro este cadeirão! Foi aí que dei à luz a minha filha!

– Neste cadeirão? – interrogou Marc, apreensivo.

– Não, na verdade foi no sofá. Esse mesmo onde estás agora sentado, meu amigo.

Marie acompanhou as gargalhadas. Sentia-se hoje um pouco cansada e tinha dificuldade em concentrar-se na conversa. Era possivelmente por causa do vinho, um vinho forte do Reno, não devia ter bebido o segundo copo.

Escutava por cortesia o que o jovem galerista tinha a contar, sorria nos momentos certos e ficou contente quando Hanna voltou a entrar na sala de estar para anunciar que as crianças estavam satisfeitas nas respetivas camas. Dado que Marc se voltava agora para a «menina Johanna» para a convidar

pela enésima vez a visitar a sua galeria na Annastrasse, Marie tinha a possibilidade de ouvir outra conversa.

Tilly estava novamente com Ernst von Klippstein e, ao que parecia, ela abrira-lhe efetivamente o seu coração. Pelo menos, Marie reconhecia um grande interesse no semblante de Klippstein.

– Mas que maldade. Por pura inveja, imagino eu.

– É possível – disse Tilly, desanimada. – Estou muito empenhada no curso e sou sempre uma das melhores. É importante uma estudante dar provas de boas prestações para alcançar o reconhecimento dos professores. Mas, lamentavelmente, alguns colegas levam isso a mal.

– E então esses rapazes, completamente embriagados, apareceram em frente da casa da sua senhoria e exigiram que os deixasse entrar?

– Sim. E ainda por cima alegavam que já tinham dormido no meu quarto várias vezes. E ela pôs-me na rua.

Klippstein soltou um profundo suspiro de solidariedade. É provável que agora tivesse gostado de pegar na mão de Tilly, mas não se atreveu.

– E agora? Já encontrou outro alojamento?

– Ainda não. Tenho as minhas coisas em casa de um conhecido, é só uma mala e a pasta com os meus livros.

– Se eu puder de alguma forma ajudar, menina Bräuer. Tenho amigos em Munique.

Marie já não conseguiu ouvir se Tilly aceitou esta oferta, já que foi agora atacada por Nele.

– Minha querida Marie. Tens dois filhos maravilhosos, tenho uma tremenda inveja de ti. Este rapaz é um pequeno Mozart. E como é bonito com

a sua poupa loura. Como um anjo. Um arcanjo.

– Sim, tenho muito orgulho nos dois.

Marie conversou, sorriu, escutou e respondeu. Era agradável estar ali sentada naquela sala, tão acolhedora e protegida, rodeada de pessoas alegres, enquanto lá fora o vento arrastava os ramos e lançava a chuva contra as vidraças das janelas. Como era possível então, ainda assim, sentir-se tão indizivelmente só?

Porque é que discutimos?, pensou. Não é fútil tudo aquilo de que eu o acuso? Pura presunção? Imperdoável egoísmo?

Porque não ia amanhã ao seu encontro na fábrica para lhe dizer que o ama? Que tudo o resto não tinha importância. Que apenas o amor contava.

Contudo, vinha-lhe sempre à cabeça o banco da igreja. O banco da família Melzer na Igreja de São Maximiliano. Paul entre a mãe e Serafina von Dobern. O seu rosto sorridente de perfil, Serafina a inclinar-se para ele para melhor compreender o que lhe sussurrava...

Não. O amor não conseguia substituir tudo na vida. Muito menos um amor que assentava em mentiras.

Dezembro de 1924

– Oh, Virgem Santíssima, não! Mais valia matar-me, minha senhora. Eu cá não entro nessa caixa.

Elisabeth soltou um suspiro irritado. Devia ter deixado a rapariga na quinta, que ela só lhe trazia problemas. Uma moça do campo da Pomerânia, robusta e de cabelo ruivo, que enjoou durante toda a viagem de comboio, que não servia para nada e, ainda por cima, tinha medo de entrar num automóvel.

– Controla-te, Dörthe! Já está escuro e não tenho vontade nenhuma de ir aos solavancos num fiacre velho.

Estavam em frente da estação ferroviária de Augsburg, no meio de sacos e malas, que o carregador tivera a simpatia de pousar numa poça de água. Estava frio na sua cidade, sob a luz dos candeeiros de rua viam-se pequenos flocos de neve que o vento fazia esvoaçar. Apesar disso, havia alguns mutilados de guerra sentados junto à parede do edifício da estação, pedindo esmola aos últimos viajantes.

– Vou cair já aqui mortinha, minha senhora – lamentou-se Dörthe. – Uma vez, em Kolberg, um automóvel destes foi pelos ares. Bateu em alguma coisa e os vidros das janelas saltaram.

Lisa estava tão exausta dos dois dias de viagem que já não tinha mais forças para lutar contra a teimosa burrice da rapariga. Mas logo que chegasse à Vila dos Tecidos, teria de apertar com a miúda. Assim não podia ser. Caso contrário, podia dar já meia-volta e regressar à quinta de comboio. Ou a pé, como melhor lhe aprouvesse.

Ignorou os táxis que ali estavam à espera e fez sinal a um fiacre puxado a cavalo. Ao menos, o cocheiro arrumou-lhe a bagagem rapidamente e ajudou Elisabeth a subir para dentro do veículo. Estava já no sétimo mês, sentia-se pesada e com dificuldade em movimentar-se, e as pernas estavam inchadas de ter estado tanto tempo sentada.

– Mas que cidade tão grande, minha senhora. E tantas luzes. E as casas, essas, chegam quase ao céu.

– Chega-te para aí para eu poder levantar os pés.

– Sim, minha senhora. Oh, a senhora ficou gordinha como um barril. Vamos ter de fazer emplastos com vinagre.

Elisabeth não respondeu. Ouviu-se o cocheiro a estalar a língua e então as ferraduras do cavalo começaram a martelar contra a calçada e o fiacre avançou aos sacões em direção à Porta de Jakob. Elisabeth encostou a cabeça ao painel traseiro de madeira e fechou os olhos por instantes. Estava de volta a casa, a Augsburgo. Conhecia cada casa, cada ruela, teria sabido o caminho da estação até à Vila dos Tecidos de olhos fechados. Era uma sensação boa que até a ela surpreendeu. Devia ser a gravidez que a fazia encarar as dificuldades que a esperavam com uma perspetiva cor-de-rosa. Que coisa estranha. Volta e meia, tinha a sensação de viver sob uma campânula de vidro que lhe amortecia todas as preocupações e inquietações e lhe concedia a sensação agradável de uma segurança aconchegante. No entanto, este estado de graça era apenas breve, em seguida voltava a cair com estrondo na sua triste realidade.

Nas últimas semanas, fizera a arrasadora descoberta de que ninguém na quinta estava triste com a sua partida. Nem sequer a tia Elvira, apesar de ter sido sempre uma simpatia para ela.

– Oh, menina. O teu lugar é na cidade, isso percebi logo. Vai com Deus e sê feliz, Lisa!

Deixou-a partir de ânimo leve. Também Christian von Hagemann registara a sua decisão apenas com um encolher de ombros. Apenas Riccarda von Hagemann, que nunca a suportara, parecia consternada.

– E que vai ser de nós?

Lisa tranquilizara-a. Klaus mantinha-se na função de administrador da quinta, a tia Elvira fizera questão, já que estava muito satisfeita com ele e, além disso, apetecia-lhe pouco procurar outro administrador. Pauline e a sua criança ilegítima mudar-se-iam para a quinta, já que Klaus tinha a intenção de adotar o rapaz. Era muito possível que continuasse a gerar mais rapazinhos e rapariguinhas – mas isso era assunto dele, ela já não tinha nada a ver com isso. A despedida do marido até fora afetuosa, ele dera-lhe um abraço e agradecera-lhe.

– Eu sempre gostei de ti, Lisa. Como uma boa amiga, uma fiel camarada.

Nesse momento, ela sentiu-se muito ridícula, já que a criança de Sebastian se estava a mexer alvoroçadamente dentro da barriga, como se quisesse chamar a atenção.

– Mas que aquele rapazinho sonso tenha acertado no alvo, isso já lho levo a mal – acrescentara Klaus a sorrir. – Mas ninguém poderá afirmar que eu não me esforcei, pois não?

Ela não comentara a sua piada, garantindo-lhe unicamente que não lhe guardava rancor e que só queria partir em paz. Ele assentiu, mas, quando ela fez menção de se virar, ele agarrou-a uma vez mais pelo braço.

– Ouve, Lisa: se tu achares melhor, eu estou disposto a assumir a responsabilidade pela criança.

– Obrigada, Klaus. Não vai ser necessário.

Elisabeth abriu os olhos e endireitou as costas, os solavancos nas pedras da calçada estavam a fazer-lhe dor de cabeça. Dörthe, que lhe implorara dias a fio que a trouxesse para Augsburg, sentava-se agora no banco, rígida como uma estátua, a olhar pela janelinha do fiacre. Quando passavam por um candeeiro de rua, as casas e os transeuntes surgiam sob uma luz cinzenta, e depois ficava tudo escuro outra vez. Apenas as montras das lojas estavam iluminadas com muitas cores e conseguia-se até discernir as mercadorias expostas. Mudara muita coisa em Augsburg desde que ela se fora embora. O período da inflação parecia ser coisa do passado, as lojas e as empresas recuperavam e também a fábrica de tecidos dos Melzer haveria de continuar de vento em popa. Que estranho a mamã ter falado tão pouco sobre isso. Nos últimos meses, as suas cartas haviam-se tornado muito concisas, de Kitty deixara de todo de receber correio. Se calhar levavam-lhe a mal ter acabado por pedir o divórcio e por querer voltar à casa paterna como mulher divorciada. Que a mamã estivesse preocupada com isso, era compreensível. Mas, lá está, era típico de Kitty comportar-se assim. A sua irmã mais nova – contara-lhe Serafina em pormenor – levava uma vida bastante imoral, andava por aí abertamente com vários homens e tinha amantes. Enfim, Kitty sempre tivera a tendência para ser boémia, fora assim já naquela altura em que fugira com o francês para Paris. Em todo o caso, de todas as pessoas, Kitty não tinha a mínima razão para falar dela de forma desdenhosa. No máximo, Marie teria esse direito. Mas nada soubera de Marie, não se falava dela nem nas cartas da mamã, nem nas de Serafina.

Passaram a Porta de Jakob e continuaram em frente, em direção ao bairro industrial.

– Aqui está muito escuro, minha senhora. Preto como o Inferno. Oh, Nossa Senhora, que luz é aquela lá atrás? Que treme e reluz como mil pirilampos?

– Não há ali nada a tremer, Dörthe – disse Lisa de mau humor. – São as janelas de uma fábrica. Espera, deve ser a fiação de algodão mecânica. Estão outra vez a fazer turnos noturnos. Devem ter um monte de encomendas.

Quando partiu de Augsburg, todas as fábricas de tecidos estavam ainda de rastos, praticamente não havia lã para que se pudesse trabalhar. Lisa apurou a visão e tentou reconhecer ao longe a fábrica de tecidos Melzer, mas não conseguiu. Ao que parecia, haviam surgido ali novos edifícios que lhe tapavam a vista.

– Estou tão enjoada, minha senhora. Estamos quase a chegar? Senão tenho de dizer ao cocheiro que tem de parar.

– Só mais alguns minutos. Acho que te consegues controlar o tempo que falta.

Dörthe assentiu várias vezes com a cabeça, com grande determinação, e continuou a olhar lá para fora. Com efeito, a pobrezinha estava branca como uma toalha de mesa – a viagem e a visão da cidade à noite seriam provavelmente o mais empolgante que alguma vez lhe acontecera na vida.

O velho portão do jardim continuava a pender, torto, nas charneiras. Dörthe agarrava o assento de cabedal do fiacre com os dedos quando viraram para a entrada, e depois viram-se lá longe, no final da alameda, as luzes da Vila. Havia acendido os candeeiros do pátio, estavam à sua espera. Telefonara de manhã cedo de Berlim e pedira à mãe que não criasse grande alvoroço. Não, não era preciso Paul ir buscá-la à estação, iria de táxi.

– É ali. Estás a ver as luzes?

O cocheiro parou diante da escada que dava para a entrada principal e Dörthe saltou a correr cá para fora para se aliviar logo junto ao redondel coberto de ramos de abeto. Lá em cima, a porta abriu-se e Elisabeth, para sua alegria, viu Gertie, que fora em tempos a sua criada de quarto. Lembrava-se apenas vagamente do laçao, que agora se precipitava pelos degraus abaixo para lhe levar a bagagem. Como se chamava mesmo? Johann? Não. Jonathan? Também não. Dava a impressão de ser algo empertigado, mas podia estar enganada.

– Bem-vinda a casa, senhora Von Hagemann! – disse ele, fazendo uma vénia. – Chamo-me Julius. É minha satisfação poder servi-la.

Ele amparou-a quando ela desceu do fiacre. Lá força tinha ele, isso tinha de reconhecer. E também não era tão picuinhas como o Humbert. Esse fazia sempre muita cerimónia antes de tocar em alguém.

Lisa deu instruções para onde as peças de bagagem deveriam ir e refletiu sobre onde ficaria ela alojada. Não lhe escrevera uma vez Kitty a dizer que Marie instalara um ateliê no seu antigo quarto? Oxalá não a enfiassem no antigo quarto do pai. Era demasiado pequeno e, além do mais, ia estar sempre a pensar no pobre papá.

– Lisa! Deixa-me olhar para ti, irmãzinha! Estás com bom aspeto. Um nadinha pálida aí na zona do nariz, mas isso é da longa viagem.

Paul também descera a escada para a cumprimentar. Foi caloroso e a sua alegria parecia ser sincera. Isso fez-lhe bem. No entanto, quando ele a abraçou, mesmo de casaco largo já não era possível continuar a esconder certos factos.

– Diz-me lá. Tu por acaso estás... – perguntou baixinho.

– Sétimo mês. Deve nascer em fevereiro. – Ele ficou desconcertado, já que ela não escrevera nada sobre a gravidez. Confrangido, passou a mão pelo cabelo, inspirou fundo e... depois sorriu. Manhoso e jovial como dantes.

– Parabéns. A casa vai voltar a estar animada. A mamã já sabe?

– Vai ficar a saber hoje.

Ele assobiou baixinho por entre os dentes, era uma coisa que volta e meia antes também fazia.

– Mas sê diplomática, Lisa. Ou pelo menos tenta. Os nervos da mamã andam algo tensos.

– Ah, sim?

– Está deitada. Levanta-se para jantar. – Lisa ignorou o braço que ele lhe ofereceu e subiu a escadaria da entrada sem o seu apoio. Era o que mais faltava, ser tratada como uma doente a precisar de cuidados. Já era suficientemente mau a mamã estar tão mal de saúde. Isso também explicava o facto de lhe ter escrito tão pouco.

No vestíbulo, Else e a senhora Brunnenmayer esperavam-na na entrada da cozinha, enquanto Gertie e Julius arrastavam já a bagagem para cima. Elisabeth estava comovida. Meu Deus do céu, Else tinha até lágrimas nos olhos e a senhora Brunnenmayer olhava-a com um brilho nos olhos.

– Que bom que está outra vez connosco, senhora Von Hagemann. Ora, eu ajudei a criar a pequena Elisabeth.

Lisa apertou a mão da cozinheira, faltou pouco para se atirar ao seu pescoço. Também Else teve direito a um aperto de mão. Estas duas pessoas

leais gostavam dela, independentemente de tudo o que aconteceu. Fazia-lhe tão bem, depois da fria despedida na Quinta Maydorn.

Serafina von Dobern esperava-a no início das escadas que subiam para o primeiro andar. Lisa arquejava enquanto subia os degraus e, como Else lhe ficara com o casaco e o chapéu lá em baixo, o seu estado era agora claramente visível. Mas Serafina fingiu que não reparou.

– Lisa, minha querida amiga! Estou imensamente contente por te voltar a ver. Fizeste boa viagem?

O abraço foi apenas curto e à distância e os beijinhos que trocaram também não chegaram a tocar a pele. Serafina tivera uma educação austera, teria primeiro de lidar com o facto de que a amiga se ia divorciar e que, ao mesmo tempo, estava grávida. Lisa perdoava-lho.

– Obrigada, minha querida. Suportou-se. Os habituais inconvenientes no comboio, sabes como é... Abrir janela, fechar janela. Não se pode esticar as pernas e há sempre alguém a fazer barulho com o jornal. Mas como estás tu, Fi? És feliz aqui na Vila dos Tecidos? Não estás mais magra?

Com efeito, Serafina parecia-lhe ainda mais magra do que dantes. A cor do seu rosto também não melhorara, mas parecia ter começado entretanto a aplicar um delicado toque de *rouge* nas faces.

– Mais magra? É possível que sim. A comida nesta casa não me cai bem.

Lisa compreendeu que acabara de meter o pé na argola, já que Serafina antigamente também sofria por ser tão magra.

– Pois, é verdade, tens um estômago sensível. Mas a nossa senhora Brunnenmayer cozinha maravilhosamente.

Que estranho. Ela ansiara por reencontrar Serafina. Eram boas amigas desde o tempo da escola e, mesmo mais tarde, tinham muitos interesses em comum. Contudo, naquele momento, sentia-lhe um distanciamento esquisito. Será que lhe desagradava assim tanto a sua gravidez?

– Agora vou mostrar-te o quarto que mandei preparar para ti.

Mais uma escada. Lisa seguiu a amiga, num passo pesado, até ao segundo andar e ficou a pensar no que quisera Serafina dizer com aquela formulação. Que mandara preparar o quarto. Esse tipo de coisa não era uma das suas tarefas como precetora.

Haviam preparado para si o antigo quarto de Kitty. Bom, podia dar-se por satisfeita com isso, tanto mais que tinha um amplo roupeiro que ela podia usar. Era um pouco opressivo dormir na cama de Kitty, mas os restantes móveis haviam sido tirados e substituídos por outros. Serafina explicou que escolhera e organizara tudo com muito cuidado para a sua querida amiga, abriu as portas da cómoda, as gavetas, arranjou as almofadas do canapé verde que haviam sem dúvida tirado do sótão. Lisa lembrava-se apenas vagamente de que aquele móvel estivera em tempos na sala de fumo, mas que depois fora substituído por dois cadeirões almofadados.

– Diz-me uma coisa, tu não foste contratada como precetora?

– Ah, mas tu ainda não sabes, Lisa? Há já algum tempo que assumi o cargo de governanta.

Lisa sentou-se no canapé e olhou para a amiga de baixo para cima.

– Tu disseste... governanta?

Serafina sorriu com orgulho. O espanto de Lisa parecia diverti-la.

– É isso mesmo. Como a tua cunhada já não está connosco...

Agora é que Lisa não estava mesmo a acompanhar. Parecia que, na sua ausência, uma espécie de terramoto passara pela Vila dos Tecidos e ninguém lhe contara nada.

– A Marie não... a Marie já não está aqui? – Só agora lhe ocorreu que Marie não a viera receber ao vestíbulo. – Está doente?

Serafina ergueu as sobrancelhas e contraiu os lábios. Estava-lhe patente no rosto que era com enorme satisfação que revelava à amiga aquela novidade empolgante.

– A jovem senhora Melzer mudou-se para a Frauentorstrasse com os filhos. Tratámos o assunto com discrição e foi por isso que não soubeste de nada. Sobretudo por causa da tia Elvira. Por vezes ela corta a direito e tem pouco em conta a boa reputação da família.

Lisa estava muda sentada no canapé, aquela notícia era tão inesperada que teve primeiro de ordenar os pensamentos e sentimentos que lhe surgiam com toda a força. Marie abandonara o seu irmão. Respeito. E levara os filhos. Inacreditável. Kitty, a irmã mais nova, ter-se-ia de certeza aliado a Marie, já que Marie estava a viver em casa dela. Mas é claro, já era de esperar! Oh, céus, pobre Paul! E a mamã, as saudades que teria das crianças. Daí então os nervos debilitados.

– Quero pedir-te de coração, querida Lisa, que trates a tua mãe com a máxima sensibilidade. Quero dizer, no que diz respeito a... ao teu estado. Ela tem passado por tanto.

– Mas é claro. Isso é evidente.

Lisa respondeu mecanicamente, ainda estava ocupada com os seus pensamentos. No entanto, incomodava-a que, já pela segunda vez, a advertissem para a necessidade de tratar a mãe com cuidado. Será que

achavam que ela era uma tosca? Uma pessoa sem escrúpulos que não tem compaixão pelo estado emocional dos outros? Agora, sim, acabou por ficar um nadinha irritada com a amiga, apesar de ter consciência de que Serafina não tinha culpa nenhuma.

– Manda por favor a Gertie cá acima, Fi – disse ela num tom mais calmo, como usavam normalmente entre elas. – E diz à cozinheira que a Dörthe, a rapariga que me acompanhou, pode ajudar na cozinha.

– Tu descansa, minha querida – disse Serafina, solidária. – Também passaste por tempos difíceis. Podes contar comigo, Lisa. Estou sempre aqui para ti.

– És uma querida, Fi.

Serafina fechou a porta tão devagarinho atrás de si que até parecia que havia uma pessoa doente no quarto. Mal se ouviam os seus passos no corredor, devia deslocar-se a flutuar acima do tapete do corredor, sem pousar os pés no chão. Também isso deixava agora Lisa irritada, já que ela, por seu lado, naquele momento, caminhava pesadamente como um elefante e, devido ao aumento de peso, ficava rapidamente sem fôlego, pelo que toda a gente só a ouvia a arquejar. Ah, pois é, ela era a que tirara o pauzinho mais curto. Em Kitty – ela lembrava-se bem –, a gravidez mal se notava. Também Marie nunca ficara tão larga como ela, apesar dos gémeos. Lisa alargara simplesmente para todos os lados: nas ancas, nos braços e nas pernas, nas costas e, sobretudo, no peito. Esse já antes era viçoso, mas agora superava todas as dimensões. Deus Senhor, se a criança viesse ao mundo como deve ser, Lisa passaria a alimentar-se exclusivamente de legumes ao vapor e pão seco. Não lhe apetecia passar o resto da sua existência como uma barrica andante!

Quando Gertie se apresentou junto dela, a sua disposição melhorou instantaneamente. Aquela rapariga era uma criatura tão simpática. Nem uma palavra sobre a gravidez, nenhuma pergunta parva sobre as pernas inchadas ou outras queixas. Ela aquecera a salamandra da casa de banho, trouxe o roupão largo e tagarelava incessantemente sobre esta e aquela novidade, enquanto a ajudava a despir-se.

– A Auguste agora já não vem. Antes precisava sempre de ganhar dinheiro porque no horto fartavam-se de trabalhar mas não chegava. A boa da senhora Brunnenmayer dava-lhe muitas vezes alguma coisa para os pequenos. Para que não passassem fome. Mas agora a Auguste é toda ela bem-estar. De onde veio isso tudo, ela não diz. Estão a fazer uma estufa. Grande como um pavilhão do mercado. Também não sei, minha senhora, mas deve-lhe ter chovido dinheiro do céu.

Elisabeth interrogou-se se, afinal, o seu ainda marido Klaus von Hagemann teria algum dedinho naquela história, já que, afinal de contas, era ele o pai de Liesl. Mas aonde poderia ele ir buscar tanto dinheiro? Estirou-se regaladamente na água quente e agarrou no sabonete de rosas. Ah, aquele aroma da infância. Há anos que a mamã comprava sempre a mesma marca. Girou-o dentro das mãos até fazer espuma e ensaboou o pescoço e os braços, dando depois a Gertie o escorregadio sabonete cor-de-rosa para que lhe lavasse as costas. Ela fazia aquilo maravilhosamente bem, a pequena, massajava zonas tensas e vertia-lhe água quente sobre os ombros. Ficou então a saber que Humbert, o antigo laçao, continuava a viver em Berlim e que se apresentava em palco, mas que entretanto escrevia menos, deixando a senhora Brunnenmayer um pouco preocupada com ele.

– Ela não o diz, mas dá para perceber. Acho que a senhora Brunnenmayer e o Humbert têm uma amizade mesmo próxima. E a Hanna, aquela traidora, foi para a Frauentorstrasse. E então a Maria Jordan? Essa é agora uma rica proprietária de casas. E também tem lá um rapaz.

– A Maria Jordan tem um filho?

Gertie riu-se de forma tão contagiante que Lisa teve de a acompanhar.

– Não tem filho nenhum, mas tem um jovem amante, e ele é quase só um rapaz. Se for verdade o que as pessoas dizem.

Gertie ajudou-a a sair da banheira e pousou-lhe sobre os ombros a toalha de banho a cheirar a lilás e bergamota, esfregando-lhe as costas para as secar.

– Credo, a rapariga que trouxe da Pomerânia! Mas que peça! Está lá em baixo sentada à mesa da cozinha e não para de comer. Quando descasca batatas, fica metade na casca. E não conseguiu encontrar a pilha de lenha lá fora, apesar de a senhora Brunnenmayer lho ter explicado três vezes. Depois vai ter de lavar a louça, de certeza que alguma coisa se vai partir. Nunca antes viu uma tosca tão desajeitada na cozinha dela, diz a cozinheira.

– Ela acaba por aprender.

Gertie dispusera roupa acabada de lavar e um vestido de casa confortável que encontrara numa das malas.

– Posso pentear-lhe o cabelo? E armar? Gostava mesmo de o fazer, pois agora estou a fazer um curso de camareira e já aprendi muita coisa.

Elisabeth deixara entretanto o cabelo crescer e usava-o de novo armado, como dantes. Não propriamente por Sebastian não apreciar o cabelo curto. Que tinha Sebastian a ver com ela? Simplesmente, o seu rosto não combinava com um penteado moderno com cabelo curto.

Depois do banho, sentia-se agradavelmente descontraída e cheia de sono. Piscou os olhos ao ver-se no espelho, enquanto Gertie lhe desembaraçava e penteava o cabelo húmido. Efetivamente, a rapariga armou-lhe o cabelo de uma forma que a favorecia muito, que fazia o seu rosto, que lembrava uma rosada lua cheia, parecer um pouco mais estreito. Era uma rapariga muito hábil, aquela Gertie. Fazia-a lembrar um pouco Marie. Oh, céus, já haviam passado dez anos desde que a bonita camareira Marie lhe armava o cabelo e lhe costurava vestidos encantadores. Era inacreditável que essa rapariga, que alcançara uma tal ascensão social, deitasse agora tudo a perder.

Else bateu à porta do quarto. Que o jantar já estava pronto.

– O senhor Melzer manda dizer que deve descer já, por favor.

– Obrigada, Else.

Para quê tanta pressa? Bom, era mesmo melhor não retardar a coisa, caso contrário ainda adormecia ali sentada na cadeira.

– Fizeste isto muito bem, Gertie – disse, levantando-se com um gemido.

A rapariga fez uma vénia e ficou contente com o elogio.

– Eu gostaria muito de a servir, senhora Von Hagemann. Também sei coser e engomar... E na cozinha têm agora a Dörthe para ajudar.

Ah, pensou Elisabeth, divertida. Então é isso. Infelizmente, ela não tinha poder de decisão na Vila dos Tecidos, mas seria realmente útil, nos próximos meses, ter a seu lado uma rapariga inteligente e sabida como Gertie.

Lá em baixo, na sala de jantar, a mesa fora posta a preceito – Julius sabia do seu ofício. Distâncias iguais, ao milímetro, entre os talheres e os pratos, à direita e em cima, os copos dispostos na sequência correta, à esquerda de cada

um o saleiro prateado polido com uma pequena colherzinha, os guardanapos de tecido engomados dobrados em forma de uma bonita borboleta.

– É melhor sentares-te ao meu lado, Lisa – disse Paul, que entrou com ela. – A senhora Von Dobern fica naquele lugar, ao lado da mamã.

Preparou-lhe a cadeira, esperou até que ela se sentasse e sentou-se então a seu lado. Lisa estava confusa.

– A Serafina, quero dizer, a senhora Von Dobern: ela come connosco? – Via perfeitamente no rosto de Paul que esta pergunta o incomodava.

– A mamã assim o quis.

Enfim, dado que Marie e as crianças já não viviam na Vila dos Tecidos e Kitty também não estava, agora só se sentavam à mesa a mãe e Paul. Era bem possível que a mãe se sentisse só. Ainda assim, era muito insólito a governanta sentar-se à mesa. Nunca na vida a menina Schmalzler teria tido tal ideia.

– Queres abrigar-te com este lenço, Lisa? Está um bocadinho fresco.

Paul entregou-lhe um largo lenço de seda vermelho-escuro que, na verdade, pertencia à mãe.

– Não, obrigada – recusou. – Acho que está suficientemente quente.

– Mas põe-no na mesma, Lisa – pressionou-a ele. – Não é preciso a mamã perceber logo a situação.

Lentamente, todo aquele teatro começava a ser maçador. Porque haveria de se esconder? Mais cedo ou mais tarde, a mãe ia ficar a saber, porque não já?

– Deixa pelo menos a mamã comer antes qualquer coisa. Por causa das enxaquecas, ela emagreceu imenso.

Lisa bufou, irritada, e conformou-se. Mas que feio pedaço de tecido era aquela estola! Mas se a mãe estava assim tão mal, teria isso em conta.

Efetivamente, pareceu-lhe muito magra quando entrou na sala, conduzida por Serafina. O rosto da mãe estava mais enrugado, o cabelo mais grisalho, deixara de o pintar, as mãos magras, a ponto de se verem os nós dos dedos.

– Lisa! Estás tão cheinha. O ar do campo fez-te bem.

Elisabeth, que se queria levantar para abraçar a mãe, sentiu a mão de Paul no seu braço e compreendeu que era melhor ficar sentada. A mãe fez um movimento de querer dirigir-se até ela, mas Serafina agarrou-a suavemente pelos ombros e conduziu-a até ao seu lugar.

– Sente-se, querida Alicia. Estamos todos muito contentes por voltarmos a ter a Lisa connosco, não é? Vamos abençoar a refeição.

Julius entrou logo de seguida para servir a sopa. Caldo de vaca com pastéis recheados – oh, há tanto tempo que não comia aquilo! Até estava polvilhado com salsa fresca – e em dezembro!

Desdobraram os guardanapos e dedicaram-se a comer a sopa, por um instante ouvia-se apenas o tilintar baixinho das colheres contra os pratos.

– Que pensas fazer agora da tua vida, Lisa? – tomou por fim a mãe a palavra. – Continuas determinada em divorciar-te?

– Sim, mamã. O processo já está em curso. Já não vai demorar muito.

Serafina interveio e declarou que, hoje em dia, um divórcio já não é nada invulgar.

– Em vez de aguentar a vida inteira num casamento infeliz, é muito mais sensata a separação. Assim as pessoas têm a possibilidade de iniciar um segundo casamento mais feliz.

Olhou na direção de Lisa enquanto dizia estas palavras e a luz dos candeeiros de parede cintilava nas lentes dos seus óculos. Estaria Lisa

enganada ou acabara de olhar, não para ela, mas sim para Paul?

Alicia empurrou o prato meio vazio à sua frente e limpou os lábios com a ponta do guardanapo.

– No meu tempo, não era comum as pessoas divorciarem-se. E quando, apesar disso, acontecia, na maior parte das vezes era porque havia algum escândalo no meio.

Olhou para Lisa com um ar inquisidor, mas Paul entrou rapidamente na conversa.

– E que prevê fazer após o divórcio, Lisa?

Quase lhe saiu que, primeiro, tinha de pôr uma criança no mundo. Mas mordeu a língua mesmo no último momento.

– Oh, acho que, numa primeira fase, vou precisar de estar um pouco longe de tudo. Vou tornar-me útil aqui na Vila dos Tecidos. Se me permitires, mamã, tenho todo o gosto em assumir a gestão da casa.

Serafina sorriu pressurosamente e disse que era uma boa ideia.

Mas que, todavia, a gestão da casa estava naquele momento extremamente bem organizada e que não era preciso nenhum apoio adicional.

– Não é mesmo, querida Alicia? Estamos a dar muito bem conta do recado.

A mãe concordou com ela, mas depois a conversa esmoreceu, porque Julius entrou para levantar os pratos e servir o prato seguinte. Vitela assada com ervilhas e cenouras, com bolinhos de pão e molho de natas. Elisabeth esqueceu a sua irritação com as palavras de Serafina e deixou que Julius lhe servisse logo três fatias de carne assada. Os condimentos do molho – um poema. Os bolinhos de pão – sem igual. E a carne assada tão tenra e bem cozida.

– E que tens a dizer sobre o senhor Winkler? – veio Paul perturbar o seu prazer de comer. – Não havia entre os dois uma certa... afeição?

– Peço-te, por favor, Paul – exclamou a mãe, interrompendo-o. – Um mestre-escola. E ainda por cima esteve preso!

– Independentemente disso – teimou Paul. – Parecia-me ser uma pessoa sensata e decente.

– Era comunista, não era? – perguntou Serafina, num tom brando. – Ele não foi um dos cabecilhas da república soviética? Quando a população acreditava que podia tomar o poder aqui em Augsburg!

Paul ignorou o reparo de Serafina e continuou com as suas perguntas com total candura.

– Ele ainda trabalha como bibliotecário na Quinta Maydorn?

Elisabeth sentiu o rosto a ficar quente. Paul, o espertalhão, já a topara há muito. Ia-se a ver e até já adivinhava quem era o pai da criança que trazia na barriga.

– Já há muito que não – declarou zelosamente. – O senhor Winkler despediu-se em maio e saiu da quinta. Tanto quanto sei, pretendia conseguir uma vaga de professor numa escola primária.

– Santo Deus – gemeu a mãe. – Um revolucionário deixado à solta com crianças inocentes! Mas ele não vai conseguir esse emprego, pois não? Ou será que consegue?

Elisabeth considerava que, naquele assunto, era preciso esclarecer uma coisa de uma vez por todas. Pousou os talheres na borda do prato e inspirou fundo.

– Para te dizer muito claramente, mamã: não sei o que o senhor Winkler está neste momento a fazer nem onde se encontra. E também não me interessa minimamente.

Fez-se um breve silêncio. Lisa agarrou nos talheres com tanta pressa que o garfo lhe caiu da mão e fez uma nódoa na toalha de mesa de damasco. Serafina fez um sorriso solidário e dirigiu-se à mãe.

– A nossa Lisa está exausta da viagem, não admira que fique um pouco enervada. Amanhã, querida Alicia, ela já estará recomposta.

Elisabeth olhou para Paul, mas este estava a espetar ervilhas no prato e não parecia ter ouvido nada. Era inacreditável, as coisas que dizia aquela mulher que ela considerara sua amiga. «A nossa Lisa» e «não admira que fique um pouco enervada».

Será que agora precisava da intercessão da governanta para falar com a mãe?

– Lisa, minha pequenina – disse a mãe, olhando sorridente na sua direção.
– Estás praticamente na mesma, filha. Ofendes-te ainda com tanta facilidade. Achas sempre que estás a ser desfavorecida.

– Mamã... – interveio Paul.

Alicia fez-lhe um gesto de rejeição e prosseguiu.

– Chegou o momento, Lisa, de te dizer como me alegro com o teu regresso. Precisamente agora que nos encontramos tão sozinhos. – Olhou para Paul com uma expressão acusadora, ao que ele baixou a cabeça, confrangido. – És minha filha, Lisa, e, enquanto eu for viva, tens sempre lugar aqui na Vila dos Tecidos. E fico especialmente feliz ao saber que em breve chegará a esta casa um novo ser. Para quando é, Lisa?

Paul fez uma expressão como se subitamente alguém lhe tivesse derramado um copo de água fria em cima. Elisabeth precisou de alguns segundos para compreender: a mãe já sabia da sua gravidez!

– Em... em fevereiro – gaguejou. – Como sabes isso, mamã?

Alicia abanou a cabeça, como se de uma pergunta tonta se tratasse.

– A minha querida Serafina soprou-me ao ouvido – disse ela, pousando a mão sobre o braço de Serafina, num gesto de intimidade.

Nevara durante a noite, pelo que Paul preferiu deixar ficar o carro e ir a pé até à fábrica. Nos últimos tempos, era coisa que fazia com invulgar frequência, não propriamente por querer imitar o pai, que só usava o automóvel em caso de absoluta necessidade, mas sim porque caminhar depressa o ajudava a clarificar as ideias. Os tristes pensamentos que o acometeram naquela manhã dissolviam-se com o movimento do corpo, o vento frio mordia-lhe as orelhas e as faces e a escuridão matinal obrigava-o a prestar inteira atenção ao caminho. Como habitualmente, parou um momento junto ao casinhoto da portaria, tirou a luva e cumprimentou o porteiro.

– Bom dia, Gruber. E então? Que tem a dizer sobre as eleições para o Parlamento?

O velho porteiro tinha diante de si o jornal da manhã, aberto em cima da mesa iluminada com um candeeiro elétrico. O título em letras gordas «Comunistas levam um puxão de orelhas» saltava autenticamente aos olhos. Paul já lera o artigo ao pequeno-almoço.

– Nada de nada, senhor diretor – disse Gruber, empurrando para cima o gorro de lã de modo a descobrir a testa. – Não vai dar em nada, como sempre. Diz-se que cozinheiros a mais estragam a comida. E muitos partidos a ofenderem-se uns aos outros, isso estraga-nos o país.

Paul entretanto já se conformara com a república, mas nalguns aspetos pensava o mesmo que o seu porteiro. Há cerca de dois anos, o presidente Ebert dissolvera novamente o Parlamento. Porquê? Porque os senhores não conseguiam chegar a consenso. A discussão girara em torno da integração do DNVP¹¹ no governo nacional, haviam passado meses a discutir o assunto, até que o chanceler – como é que se chamava ele? Ah, sim, Marx –, bom, até que

o chanceler Marx decidiu atirar a toalha ao chão. E agora, ao que parecia, as novas eleições não elegeram uma maioria capaz de governar.

– Quem é que nos governa, afinal? – prosseguiu Gruber mal-humorado. – Eles nem sequer têm tempo para isso, porque passam o tempo a atacar-se uns aos outros. E mal uma pessoa se habitua a um governo, já logo aparece o seguinte.

– Também não é assim tão mau, Gruber – sossegou-o Paul. – Eles implementaram o Plano Dawes, negociaram com Londres e, na região do Ruhr, algumas localidades já se livraram da ocupação francesa. Além disso, temos desde outubro o *reichsmark*, que até agora se tem aguentado bem. – Gruber assentiu em concordância, mas Paul via-lhe no rosto que era só para lhe fazer o favor. Na realidade, o velho porteiro ansiava pelo regresso dos tempos do império.

Como aliás muitos outros.

– Bom, vou indo, Gruber. Um bom dia para si.

– Bom dia, senhor diretor.

Acenou para os dois rapazinhos que limpavam a neve do pátio e deu início à habitual ronda matinal pelos pavilhões. Produzia-se zelosamente, os livros de encomendas enchiam-se a olhos vistos, dando assim razão ao seu conceito de «qualidade a um preço calculado com precisão». Ficava contente por entretanto Ernst von Klippstein também ter aderido à sua linha de pensamento e o apoiar também noutros assuntos. Reinava um ambiente de trégua entre os dois, para bem da fábrica tinham de se entender, mas a velha amizade quebrara-se. Não havia nada a fazer, apesar de Paul o lamentar. Será que ele tinha ainda algum amigo pessoal? No tempo da guerra, quando se agachavam todos nas trincheiras, quando nenhum sabia se no dia seguinte

ainda estaria vivo, aí os homens tornavam-se camaradas e amigos. Ninguém desejava ter aquela triste guerra de volta, mas, na verdade, agora que tudo corria de novo pelo melhor, era cada vez mais raro fazer amizades verdadeiras. Talvez porque cada um andava ocupado consigo mesmo.

Inspecionou o tear contínuo de anel, que tinha sempre algumas manias, e decidiu que tinha de ser retirado de produção para que um dos mecânicos o reparasse. Avaliou então os novos tecidos de algodão, verificou a resistência da malha, o pregueado e emitiu a sua aprovação. Os estampados eram ainda os antigos, vendiam-se bastante bem, mas era altura de criar e gravar outros mais modernos. De repente, pensou em Marie, fora ela quem criara aqueles pássaros e ramos entrelaçados, quando ele ainda era prisioneiro de guerra. Provocou-lhe uma pequena dor no peito, como sempre acontecia quando algo lhe lembrava Marie, e contorceu-lhe o rosto. Ela encomendava regularmente tecidos da fábrica e pagava-os, o que o irritava sempre. Afinal de contas, era com o seu dinheiro que ela pagava, já que ele era o proprietário do ateliê. Ele mandara retardar as entregas, não se atrevendo a ignorar por completo as encomendas. Era o que mais faltava ela agora ir comprar à concorrência!

Lentamente, o dia ia clareando, pelo que já podiam desligar a iluminação elétrica nos pavilhões. Nos meses de inverno, os candeeiros consumiam infelizmente muita energia, e também era preciso aquecer os pavilhões quando fazia frio – todos estes custos debilitavam o volume de negócios, as perdas tinham de ser recuperadas no verão.

Elogiou o seu capataz Alfons Dinter no departamento de impressão, acenou às operárias da fição e deu uma pancadinha no ombro do velho Huntzinger. Atravessou então o pátio, entretanto já sem neve, e entrou no edifício da administração. Espreitou apenas brevemente para dentro dos gabinetes – o

cálculo de custos e a contabilidade estavam sob a alçada de Klippstein – e subiu apressadamente. Na antessala chegou-lhe ao nariz o aroma de café, as senhoras já o haviam evidentemente preparado, a bandeja com a chávena e as bolachas estava já à sua espera.

– Bom dia, menina Lüders. Hoje está sozinha?

A menina Hoffmann mandou dizer que estava acamada com gripe. O senhor Von Klippstein também estava indisposto, telefonou a dizer que hoje só viria de tarde.

Paul não deu a entender a sua irritação, mas achava que uma pequena «indisposição» não era motivo para não trabalhar uma manhã inteira. Mas enfim, Ernst volta e meia tinha ainda de lidar com os resquícios do seu ferimento de guerra, era preciso compreender.

– Quer dizer que hoje somos nós os dois a segurar o forte, não é? – disse ele, piscando o olho, à menina Lüders, que se sentiu lisonjeada e soltou um risinho tolo.

– Pode contar comigo, senhor diretor!

– Sei bem disso! Para começar, traga-me o meu café!

– É para já, senhor diretor. Ah, sim: a sua irmã telefonou.

Paul parou no limiar da porta do gabinete e virou-se, surpreso.

– A minha irmã? A senhora Von Hagemann?

– Não, não. A senhora Bräuer. Ela disse que passa por aqui mais tarde pessoalmente.

Kitty! Finalmente uma boa notícia. Ele telefonara várias vezes para a Frauentorstrasse, mas apanhara apenas Gertrude. Que resmungava que o telefone era uma invenção do Diabo e que a perturbava sempre que estava a

fazer bolos, mas depois lá se disponibilizou a encaminhar o seu pedido para a irmã Kitty.

– A senhora Bräuer disse quando exatamente pensa vir?

A menina Lüders encolheu os ombros. Era basicamente uma pergunta supérflua, já que Kitty não se guiava pelo relógio, mas sim pela sua própria noção de tempo. «Mais tarde» tanto podia ser a hora do almoço como o fim da tarde.

Ele acabava de beber o primeiro gole de café quando ouviu na antessala a voz aguda da sua irmã mais nova.

– Ah, menina Lüders. Não mudou nadinha desde o tempo em que eu aqui vinha visitar o meu pai, e na altura eu tinha onze ou doze anos. Meu Deus do céu, como o tempo passa. O Paulinho está atrás da porta da direita ou da esquerda? Ah, já sei. Da direita: onde o meu pai se sentava sempre. Adivinhei?

– Sim, senhora Bräuer. Eu anuncio-a.

– Não é preciso. Eu mesma faço isso. Continue para aí a escrever. Admiro-a muito por, no meio de tantas teclas, conseguir acertar na letra certa, de certeza que não é coisa fácil.

Paul teve apenas tempo de pousar a chávena e de se levantar da cadeira, e já ela estava dentro do gabinete. Parecia uma ave rara naquele casaco vermelho debruado a pelo branco, a combinar com os botins brancos de pelo e um gorro estranho de forma tubular que fazia lembrar um pedaço de minhoca. Na verdade, aquelas cores levaram-no a recordar-se de que daí a poucas semanas já seria Natal.

– Senta-te à vontade, Paulinho. Eu não demoro nadinha. A seguir vou ter com o Marc, ele comprou-me três quadros. Achas que eu também poderia

beber um café? Com açúcar. Sem leite.

Ele ficou-lhe com o casaco, endireitou um pequeno cadeirão de pele e pediu café com açúcar e ainda uns bolinhos.

– Estou muito contente que tenhas vindo, Kitty. A sério: deposito grandes esperanças em ti.

Ela agora acalmara um pouco, mexia o café e olhava-o com pena.

– Eu sei, Paulinho. Estás com um ar muito pálido e de quem não dorme. Eu gostaria mesmo muito de vos poder ajudar aos dois. Sim, vou tentar. Sobretudo, vou endireitar-te as ideias, Paul. Porque tenho a sensação de que o teu cérebro está com uma travadinha e que não dás de todo conta do que estás a fazer à pobre Marie.

Aquilo começou bem. Ele engoliu aquela declaração sem comentar e propôs-se a pôr de lado todas as suas sensibilidades pessoais. Era possível que houvesse realmente alguns pormenores em que ele tivesse agido mal. Não intencionalmente, não tivera a intenção de magoar Marie. Estúpidos mal-entendidos que era preciso esclarecer. Muitas vezes, quem estava de fora via melhor as coisas do que os envolvidos.

– Diz-me então o que leva a Marie a estar tão zangada comigo? O que é que ela quer? Eu pedi desculpa. Eu deixo-a ficar com o ateliê. Até agora, ainda não tomei medida nenhuma para trazer os meus filhos de volta para a Vila dos Tecidos. Muito embora o pudesse fazer.

Kitty bebeu alguns goles, pousou a chávena e fez um biquinho com os lábios.

– Acabaste de dizer «os meus filhos»? – Ele fitou-a, espantado, mas depois compreendeu.

– Pronto, sim, os nossos filhos, se aprecias assim tanto a precisão. Eu até converti a precetora em governanta, assim a senhora Von Dobern já não teria nada a ver com as crianças. – Kitty demonstrou-se pouco impressionada.

– Fizeste isso para agradar à Marie ou simplesmente porque não faz sentido ter uma precetora quando não há filhos?

– Que tem isso a ver? Eu satisfiz o desejo da Marie.

Kitty soltou um suspiro profundo e tirou o tubo vermelho da cabeça. Sacudiu o cabelo e penteou-o com a mão. Era inacreditável como lhe ficava bem aquele moderno cabelo curto. Na verdade, ele não suportava aquele penteado, mas Kitty fora mesmo feita para aquilo.

– Sabes, Paulinho, enquanto essa pessoa continuar a fazer das suas na Vila dos Tecidos, eu não volto a pôr os pés lá em casa. E tenho bastante a certeza de que a Marie pensa da mesma forma.

Ele irritou-se. Porque é que as mulheres eram tão teimosas? Ele também não era propriamente um entusiasta da senhora, mas naquele momento, para a mãe, ela era um apoio importante. Algo que, ao que parecia, pouco interessava a Kitty e a Marie.

– Mas deixemos a «Fi», como a Lisa lhe chama sempre, de momento de lado – continuou Kitty. – Se tu realmente ainda não compreendeste até que ponto magoaste a Marie, então deixa-me que te diga: tu desprezaste a mãe dela. Mais ainda, ofendeste-a e fizeste troça. E, com isso, magoaste muito, muito a Marie, meu querido Paul!

Era isto que ela chamava «ajudar». Basicamente, era como se estivesse a discutir com Marie. E o olhar admoestador da sua irmã não lhe estava a agradar nada.

– Eu pedi desculpa por isso. Deus do céu, como é que ela não o reconhece?

Kitty abanou devagarinho a cabeça, como se estivesse a lidar com uma criança pequena.

– Tu não compreendes, Paul. Uma coisa assim não se resolve com um «Ah, desculpa lá». Isto tem mais que se lhe diga. Antes, a Marie foi obrigada a esquecer muita coisa, o que o papá fez à mãe dela e também ao pai.

– Ora bolas – exclamou ele, levando as duas mãos à cabeça. – É verdade que aconteceu. Mas não é culpa minha. Estou farto de ter sempre de pagar por uma coisa que não fiz!

Ele calou-se, percebendo que a menina Lüders ali ao lado podia ouvir a sua voz.

– Eu percebo o que estás a dizer, Paulinho – disse Kitty com brandura. – Eu adorava imensamente o papá e eu sei que ele fez tudo aquilo apenas por causa da fábrica. E também não poderia ter imaginado que ela ia morrer logo a seguir. Mas a Marie perdeu a mãe e foi mandada para um orfanato reles e tenebroso.

– Eu sei isso muito bem – rosnou ele. – E esforcei-me o máximo que pude para a fazer feliz. Juro-te, Kitty. Porque haveria eu de ter alguma coisa contra a mãe dela? Eu nem sequer a conheci! Mas não faz sentido nenhum que a família Melzer seja arrastada para a lama com a exposição. Não consigo ter assim tanto respeito pela Luise Hofgartner. Pensa na mamã!

Kitty revirou os olhos. Era evidente que ela passaria agora a falar da artista Luise Hofgartner, a quem se devia fazer justiça. Especialmente a família Melzer. Contudo, surpreendentemente, Kitty abordou um tema completamente diferente.

– Reparaste por acaso, Paul, que, nos últimos tempos, na Vila dos Tecidos gira tudo à volta da mamã? A mamã tem enxaqueca. A mamã não se pode enervar. Tenham lá cuidado com os nervos debilitados da mamã.

Mas que vinha agora a ser aquilo? Não fora de todo boa ideia falar com Kitty sobre todos estes problemas. Ela era sempre completamente irracional.

– Lamentavelmente, a saúde da mamã piorou desde que toda a gestão da Vila dos Tecidos lhe caiu sobre os ombros.

– Que estranho – disse Kitty, impassível. – Antigamente, a mamã nunca tinha dificuldades nenhuma a gerir a casa.

– Esqueces-te de que já não vai para nova.

– E não reparaste que a mamã estava contra o ateliê da Marie desde o início? Que aproveitou toda e qualquer oportunidade para apunhalar a Marie pelas costas?

– Deixa-te lá de desconfianças, Kitty. Senão vamos ter de pôr fim a esta conversa!

– À vontade! – declarou ela friamente, abanando a ponta do pé. – Eu só vim porque me pediste e, de qualquer modo, não tenho muito tempo.

Ele calou-se e fitou o vazio com um ar taciturno. Era como esbarrar contra uma parede. Não chegava a lado nenhum. Qual seria o caminho? Tudo o que ele queria era encontrar um caminho para chegar a Marie.

– Ah, sim – disse Kitty, suspirando baixinho. – Agora temos a Lisa de volta à Vila dos Tecidos. Agora as duas amiguinhas do peito Lisa e Fi ficarão muito felizes por estar juntas e tomarão conta da mamã.

Como é que ela sabia que a Lisa voltara para Augsburg há alguns dias? Teria Lisa telefonado para a Frauentorstrasse? Ou teriam os empregados dado

com a língua nos dentes?

- A Lisa tem as suas próprias preocupações.
- Vai divorciar-se, eu sei.

Paul ficou contente por, apesar da ameaça, terem retomado a conversa. Por sorte, ao contrário de Lisa, Kitty nunca ficava ofendida muito tempo, exaltava-se rapidamente, mas também se reconciliava num instante.

– Não é apenas isso – disse ele baixinho, olhando para ela com uma expressão cheia de significado. – Em fevereiro, a Lisa vai dar à luz uma criança.

Os olhos de Kitty ficaram muito grandes e paralisados. Ela fazia exatamente aquela cara quando lhe segurava à frente do nariz uma daquelas aranhinhas pequenas que apanhava nos arbustos do jardim.

– Não! – sussurrou ela, pestanejando com força. – Isso é... Diz lá isso outra vez, Paulinho. Acho que não ouvi bem.

– A Lisa está grávida. Muito grávida, aliás. Está quase com o dobro do tamanho.

Kitty desatou a rir, atirou a cabeça para trás, esperneou, arquejou, arfou, quase se asfixiou e pegou então na mão dele com tanta força que quase o magoava.

– A Lisa está grávida – gemeu Kitty. – Isso é maravilhoso! Oh, meu Menino Jesus. Está grávida. Vou ser tia. Fico tão contente por ela.

Ela teve de recuperar o fôlego, procurou o espelho e o lenço na bolsinha e deu pequenas pancadinhas nos cantos dos olhos, limpou o rímel derramado. Enquanto desenroscava o batom vermelho-cereja, pareceu vir-lhe uma ideia à mente.

– E de quem será a criança?

– De quem havia de ser? Do marido, com certeza. – Ele sentiu-se muito ingênuo sob o olhar de dúvida de Kitty. Enfim, ele também já pensara no assunto.

– Sabes, Paulinho – disse Kitty, enquanto pintava o lábio superior –, se a Lisa está grávida do Klaus, então porque se divorciou dele?

Ele ficou calado e à espera que ela desse seguimento à sua ideia. Ela passou o batom no lábio inferior, pressionou os lábios um contra o outro e admirou o resultado no espelho de bolso.

– Dado que ela quer mesmo divorciar-se dele – disse ela lentamente, fechando o espelho –, pode muito bem ser que não seja dele que está grávida.

Calaram-se os dois um momento. Na antessala, uma máquina de escrever começou a martelar, o telefone tocou, teclas pararam novamente, enquanto a menina Lüders levantava o auscultador.

– E que dizer daquele... do tal de Sebastian?

– Referes-te ao senhor Winkler?

– Esse mesmo. Que ela levou para a quinta. Como bibliotecário ou coisa assim. De certeza que havia alguma coisa entre os dois.

Ele também partira desse princípio. Contudo, era seu apanágio manter alguma contenção diante desse tipo de suspeitas. Lisa era uma mulher casada, ela saberia o que faz.

– O senhor Winkler despediu-se e foi-se embora.

O rosto de Kitty fazia agora lembrar um pouco uma raposa matreira.

– Quando?

Ele olhou para ela, confuso.

– O quê?

– Quando é que ele se foi embora?

– Quando? Penso que em maio. Sim, maio, foi o que ela disse.

A sua irmã mais nova esticou os dedos e fez contas. Contou aliás duas vezes e, por fim, assentiu.

– Bate certo – disse ela, satisfeita. – Por pouco, mas bate certo.

Ele não conseguiu evitar rir-se com a sua expressão manhosa. Agora ela estava com ar de extrema astúcia. E era possível que tivesse razão.

– Ah, Kitty!

Ela riu-se e disse que, neste tipo de coisas, os homens costumavam ser um pouco lentos.

– Será que o bom do Sebastian sabe o que arranjou? – refletiu ela.

– Em todo o caso, ela não quer nada com ele.

– Oh! – suspirou Kitty, debruçando-se para ajeitar a meia de seda direita. – A Lisa consegue ser tão teimosa, Paulinho. O mundo seria basicamente muito melhor se algumas pessoas não tivessem uma cabeça tão terrivelmente dura.

Ela fez-lhe um olhar penetrante e ele teve de se controlar muito para não lhe dar uma resposta torta. Quem é que aqui era teimoso? Ele é que não era. Marie é que tinha a cabeça dura.

– Como é evidente, eu também conversei longamente com a minha querida Marie e dei-lhe a minha opinião – continuou Kitty, para sua grande surpresa.

Ao menos isso. Mas infelizmente dali não saía grande coisa. Mas contava a boa intenção.

– Consegui, sobretudo para bem das crianças, obrigá-la a reconhecer algumas coisas, Paulinho. Porque não tarda nada é Natal. E porque seria terrível não passar as festas de algum modo *en famille*.

Ele não ficou entusiasmado. De que lhe servia um idílio familiar pouco convicto se não se alterassem coisas fundamentais? Mas começou por não dizer nada e aguardou.

– Por isso, eu proponho que celebremos a véspera de Natal todos juntos na Vila dos Tecidos.

Mas que ideia! Tipicamente da Kitty!

– Para no fim voltarem todos para a Frauentorstrasse? – retorquiu ele, mal-humorado. – Não, eu não participo nesse teatro. Ou a Marie vem com os miúdos para a Vila dos Tecidos e fica lá definitivamente ou então que não venha de todo. Fiz-me entender claramente?

Kitty recostou-se no cadeirão com um suspiro irritado e olhou para o teto. O seu irritante pé a abanar estava-lhe entretanto a mexer terrivelmente com os nervos. Não suportava quando uma mulher se sentava à sua frente com as pernas cruzadas.

– Não estavas preocupado com a saúde da mamã? – perguntou ela, com perfídia. – Não vais permitir o reencontro com os netos? Uau, que simpatia a tua!

Ele queria responder-lhe que gostaria muito de possibilitar o reencontro da avó com os netos, mas definitivamente e não apenas por uma noite. Mas não valia a pena, Kitty não o escutaria.

– Nesse caso, também não estarás seguramente interessado em saber que mais eu consegui arrancar à Marie.

– Se for algo do género...

– Sabes uma coisa? – rosnou ela. – Às vezes dá-me vontade de vos agarrar aos dois e abanar-vos horas a fio!

Paul percebeu então que Marie também se opusera vigorosamente contra tal celebração natalícia. Mas que acabara por ceder. Não seria mais sensato dar um passo de aproximação, em vez de exigir tudo ou nada?

– Diz lá, então.

Os olhares de Kitty eram acusadores e punham-no de consciência pesada. Ela esforçara-se, a sua pequena Kitty. À sua maneira. Não era correto tratá-la com tanto desprezo.

– Eu expliquei-lhe que não tem o direito de afastar as crianças do pai. Eu sei muito bem como é, quanto a minha pequena Henny teria precisado de um pai. Mas, pronto, o meu querido Alfons já não está neste mundo. Tu, Paulinho, estás aqui bem perto e podes tratar da Dodo e do Leo.

Que estava ela para ali a dizer? Ele olhou-a com um ar de dúvida. Ela tinha evidentemente razão. No entanto, ele receava bem que ela não tiraria as mesmas conclusões que ele daquela constatação. De que Marie tinha de regressar à Vila dos Tecidos com os gémeos.

– Por isso, fiz uma sugestão à Marie. De quinze em quinze dias, ao domingo, a Hanna leva os gémeos para a Vila dos Tecidos e vai buscá-los outra vez ao fim do dia. Assim tens tempo para estar com os dois, de fazer alguma coisa gira com eles ou simplesmente entregá-los aos cuidados da mamã. É como quiseses.

Ele precisou de um instante para perceber que lhe estava a propor ficar com os seus próprios filhos de empréstimo, por assim dizer, duas vezes por mês.

Uma situação impossível.

– Oh, mas que confiança! – observou ele, com ironia. – E se eu decidir ficar com eles na Vila dos Tecidos?

Os olhos dela relampejaram agora para ele com tanta fúria que ele quase teve vontade de rir. Mas não o fez, a situação era demasiado grave para isso.

– É obviamente tudo uma questão de dares a tua palavra de honra, Paul – disse ela, em tom acusador.

– A quem? À Marie?

– Não. A mim!

Ele quase se comoveu. Kitty confiava nele. Acreditava na sua palavra de homem honrado, tal como, quando era pequena, também acreditava sempre no irmão mais velho.

– E prometido é devido.

– Não estou a gostar disto, Kitty – admitiu. – Tenho de refletir sobre o assunto. Ainda assim, agradeço-te. Sei que te esforçaste.

– E como!

Ela levantou-se com um movimento hábil, endireitou o vestido com umas pancadinhas e enfiou o casaco que ele lhe segurou. Depois, ele ficou a vê-la a pôr o tubo vermelho de tecido na cabeça, a endireitar aquela coisa estranha e, por fim, a pegar novamente na bolsinha.

– Oh, Paulinho – disse ela, lançando-se nos seus braços. – Vai voltar a ficar tudo bem. Sem dúvida nenhuma! Tenho a certeza.

Aos ouvidos de Paul, aquilo soou pouco convincente, mas ele apertou-a contra si e também não se retraiu quando ela o beijou ternamente nas duas bochechas.

– Até breve. Telefona-nos. Fala com a mamã e diz olá à Lisa por mim.

A porta fechou-se atrás dela e já ali não estava. Ficara a pairar no ar apenas o aroma do seu perfume e a chávena de café usada, manchada com uma grande quantidade de batom vermelho-cereja. Paul tirou o lenço e foi até à casa de banho para, diante do espelho, remover das faces as marcas dos seus beijos. Sente-se só, pensou ele. Desde que Alfons morreu, falta-lhe uma base de segurança.

É possível que se tenha apaixonado aqui e ali, mas eram histórias superficiais. E com a vida que leva também não vai de certeza encontrar ninguém com quem se pudesse sentir feliz e protegida. Paul tem de cuidar dela...

Tinha também de cuidar de Lisa. E da mãe. Da fábrica. Dos seus trabalhadores e trabalhadoras. Da Vila dos Tecidos. Dos empregados.

Como é que antes Marie conseguira dar conta sozinha de um fardo tão pesado?, refletiu. Deve tê-la deixado praticamente de rastos e eu passei por cima de tudo isso com ligeireza quando regressei da guerra.

Decidiu adiar para mais tarde a reflexão sobre as estranhas sugestões de Kitty e, para já, dedicar-se ao trabalho. Surpreendentemente, conseguiu fazê-lo bastante bem. À hora do almoço, foi para a Vila dos Tecidos, onde almoçou com a mãe, a senhora Von Dobern e Lisa. Não disse palavra sobre a visita de Kitty, mas em contrapartida pôde constatar que a amizade entre Lisa e Serafina von Dobern, antigamente tão calorosa, parecia ter-se esgotado. Quase lhe parecia que as duas concorriam pelos favores da mãe – mas poderia estar enganado, ele estava compreensivelmente algo distraído.

À tarde, Von Klippstein apareceu no escritório e parecia não estar realmente a sentir-se bem. Apanhara novamente uma constipação das grandes

e sofreu especialmente com uma tosse persistente.

– Por vezes, quando tusso, uma das cicatrizes abre-se de novo – admitiu, olhando para Paul com um riso retorcido.

– Eu sou um aleijado, Paul. Um frangalho. Não há como embelezar a coisa.

A compaixão de Paul tinha os seus limites, pois suspeitava de que a autocompaixão de Von Klippstein tinha mais que ver com o facto de não ter tido grande sorte na Frauentorstrasse. Fora uma idiotice da sua parte sentir ciúmes deste pobre rapaz. Se Marie se tiver efetivamente afeiçoado a outra pessoa, não era seguramente Ernst von Klippstein. Ele alimentara esperanças em vão e empenhara ainda muito dinheiro na compra daqueles quadros horrorosos. Algo que ainda deixava Paul irritado.

– Ora essa! – disse ele, pousando a mão no ombro de Ernst. – É com gosto que te sobrecarrego com a chatice da papelada, sócio!

Ernst assentiu, pareceu consolado e foi para o seu gabinete. Tréguas. Quem sabe talvez conseguissem dali construir uma paz a sério. Mesmo que já não fosse amizade. Lançou-se novamente ao trabalho e, pouco antes da hora de sair, permitiu-se matutar um pouco sobre a conversa com Kitty.

No cômputo geral, ele não ficara propriamente com a sensação de que Marie estava disposta a uma reconciliação em breve. Parecia-lhe antes predisposta a uma separação prolongada. Isso não lhe agradava de todo. Quanto mais tempo durasse aquele estado de coisas, maior distância se criaria entre eles. Sobretudo das crianças. Atormentava-o a ideia de que Marie pudesse estar efetivamente a pensar num divórcio. Nesse caso, contudo, ela perderia o ateliê e, assim, também as crianças. Ou será que não? Será que, como mulher divorciada, poderia manter um negócio autonomamente? Ou até em conjunto com Kitty?

Mas nada daquilo levava a algum lado. Se chegasse ao ponto de irem a tribunal, deixaria de ser possível recuperá-la. A guerra estaria abertamente declarada e a guerra era sempre a pior das possibilidades.

No final da tarde, começou novamente a nevar. Paul foi até ao gabinete de Ernst e comunicou que hoje iria mais cedo para casa, vestiu o casaco e saiu da fábrica a pé. Como seria de esperar, o frio doía-lhe no rosto e nas mãos, mas ainda assim passou ao largo do portão do jardim da Vila dos Tecidos e seguiu em direção à cidade. Fazia-lhe bem forçar o passo contra o vento e o frio, avançar à custa da sua própria resistência e não se deixar desanimar, nem pelos olhares espantados vindos dos carros que passavam, nem pelos seus pés gelados.

Caminhou ao longo da Barfüsserstrasse e virou para a Karolinenstrasse. Aí chegado, parou diante de uma montra e tirou o chapéu para sacudir a neve. Atrás de si, figuras densamente agasalhadas apressavam-se pela rua fora, na sua maioria empregados que faziam agora por regressar a casa e apreciar o pouco tempo de folga. As mulheres envolviam a cabeça com cachecóis de lã para proteger da neve o chapéu e o penteado, os homens inclinavam-se contra o vento, de chapéus e gorros enfiados no rosto. Paul deu alguns passos e logo pôde ver diretamente a montra do Ateliê da Marie, no outro lado da rua. Estava muito iluminada, mas as pessoas que passavam e a neve que caía com força permitiam-lhe discernir apenas vagamente o que se passava do outro lado. Ficou ali parado algum tempo, de olhos cerrados, fixados nas sombras, sem conseguir discernir realmente alguma coisa. Decidiu então ir até lá.

A estrada estava escorregadia, quase caiu, conseguindo segurar-se no último momento a um candeeiro de rua. Ficou aí parado, a respiração ofegante devido a tão disparatado incidente, a mão ainda apoiada no metal

frio do poste do candeeiro. Viu uma sombra numa das montras, pensou inicialmente que seria um dos manequins, mas depois compreendeu que era uma pessoa. Uma mulher. Delicada. O cabelo escuro num penteado curto. O rosto muito pálido. Os olhos grandes e quase negros.

Ela fitou-o através do vidro da montra, como se ele fosse uma criatura vinda de outro planeta. Durante vários minutos. Iam passando pessoas, ele ouviu uma mulher a rir às gargalhadas, um homem respondeu com um gracejo, as vozes distanciaram-se, voaram por ele, outras surgiram. Ele olhava, como que enfeitiçado, para Marie, que ali estava em carne e osso, mas ainda assim tão inacessível, separada dele por um fluxo de uma massa de gente e a grossura de uma vidraça.

Quando fez um movimento espontâneo, largou o poste do candeeiro e se dispôs a dar um passo na sua direção, o feitiço quebrou-se. Marie virou-se e desapareceu no fundo da loja.

Ele não teve a coragem de ir atrás dela.

¹¹ Deutschnationale Volkspartei (Partido Nacional Popular Alemão).
(*N. da T.*)

– Porque é que temos de ir para a Vila dos Tecidos?

– Porque queremos celebrar todos juntos a festa do Menino Jesus, Leo. Agora senta-te lá direito. Aí não. Chega-te para o lado, para a Dodo ter espaço para se sentar. Henny, não empurres.

Estava a nevar e o automóvel da tia Kitty tinha apenas um tejadilho de tecido, e este tinha dois buraquinhos. Leo entalou-se no cantinho esquerdo do banco de trás e enfiou os frios punhos cerrados nos bolsos do casaco. Aquele parvo gorro de pelo que a mãe lhe oferecera fazia-lhe imensa comichão na testa. Além do mais, ficava com um ar pateta, como um guaxinim da Sibéria, dissera a avó Gertrude.

A mamã sentou-se ao lado deles no banco de trás, usava um casaco de lã branco e pusera um capuz na cabeça. Mas ele já vira que ela tinha o rosto muito pálido e crispado. Que parvoíce. Com exceção da tia Kitty, que não parava de falar, na verdade ninguém queria ir para a Vila dos Tecidos. A avó Gertrude é que de certeza que não. No máximo, Dodo: ontem ela dissera que tinha saudades terríveis do papá. Henny só queria receber os presentes e espremer a avó. E ele teria preferido ficar na Frauentorstrasse. Só a perspetiva de encontrar a senhora Von Dobern era já muito pouco animadora. Mas o que ele temia ainda mais era o reencontro com o papá. Mas não sabia dizer muito bem porquê. Se calhar porque o papá estava desiludido com ele. Quanto a isso, não havia nada a fazer: fizesse ele o que fizesse, nunca conseguia agradar ao pai. E, no entanto, tudo o que ele queria era ser tal como o pai gostaria que ele fosse. Só que simplesmente não era possível. De algum modo, ele era o filho errado. Se calhar a cegonha tinha-o trocado por engano e o filho verdadeiro do papá vivia com outra família? Lá onde estiver, só quer

ver máquinas e brincar com módulos de construção com peças de metal. Mas esses pais gostariam de ter um filho que soubesse tocar piano e que tivesse a cabeça cheia de sons.

– Não faças essa cara tão séria, Leo – disse a mamã. – Pensa como deve estar bonito o abeto no vestíbulo.

– Sim, mamã.

Daí a pouco iam dizer-lhe que a avó Melzer ia ficar incrivelmente contente com a sua visita. Mas ele não acreditava nisso. Se ela tivesse assim tantas saudades deles, então teria há muito vindo visitá-los na Frauentorstrasse. Basicamente, era tudo muito mais simpático em casa da avó Gertrude. É verdade que ralhava muito e os empurrava para fora da cozinha quando se punham a debicar a massa dos bolos, mas não era por mal. Ela na verdade até gostava quando as crianças vinham ter com ela à cozinha. O Walter também. Ela gostava tanto dele como dos outros. Era disso que Leo gostava mais na avó Gertrude.

– Também vou receber presentes do tio Paul? – quis saber Henny. – Ou são só para a Dodo e o Leo?

A tia Kitty não ouviu nada, já que o automóvel, uma vez mais, não fazia o que ela queria. Abanava e assobiava, na dianteira começou a sair um vapor branco. Com um bocadinho de sorte, o carro agora estragava-se e já não tinham de ir para a Vila dos Tecidos.

– É sempre o mesmo, este meu carrinho – suspirou a tia Kitty. – Tenho de ser persuasiva com ele, afagá-lo um pouquinho e, sobretudo, elogiá-lo. És o maior. Tu consegues. Tenho a certeza absoluta de que consegues, meu pequenino.

Leo escutou com interesse. O papá sabia muito de máquinas, mas não sabia que tinham alma. De certeza que assim era, já que a tia Kitty conseguia convencer o carro a ser obediente. A partir daquele momento, começou a andar, todo bem-comportado, e deixou de se abanar. Que pena!

Ainda por cima, ontem à noite já tinham celebrado o Natal. A consoada era de qualquer modo a verdadeira festa do Menino Jesus, porque Ele nascera à noite. E os pastores também foram à noite até à manjedoura, porque o anjo os mandou ir para lá. Levavam peles de ovelha quentes. E quem sabe se também uma garrafa de leite. E alguns biscoitos de gengibre. Porque de certeza que Maria e José tinham fome. E os Reis também chegaram a meio da noite. Isso era evidente. Foram atrás da estrela, se fosse de dia não a teriam visto.

Foi bom passar a noite da véspera na Frauentorstrasse. É verdade que tinham uma árvore de Natal muito pequenina, mas em contrapartida podiam decorá-la com estrelas e grinaldas de papel feitas por eles. A avó Gertrude tinha as bolas prateadas dentro de uma caixa e tinham de ter muito cuidado com elas, porque eram de vidro. Havia também passarinhos coloridos de vidro que se prendiam aos ramos. E fitas prateadas! Fios mesmo muito fininhos, que a mamã pendurou nos ramos em pequenos molhos, dizendo que agora o abeto parecia uma árvore-do-paraíso encantada. Haviam convidado Walter e a mãe, e ainda alguns amigos da tia Kitty, e também o senhor Klippi estivera com eles. Ele chamava-se na verdade Ernst von Klippstein, mas todos o tratavam apenas por Klippi. Ele era um pouco estranho, tão rígido e, por vezes, parecia triste. Mas trazia presentes espetaculares. Dodo recebeu uma boneca com cabelo verdadeiro e um avião de lata. Leo recebeu um gramofone e ainda três discos de goma-laca. Dois com sinfonias de Beethoven e um com um concerto para piano de Mozart.

Soava esquisito, não como era de verdade, parecia de alguma forma esmagado. Como se se ouvisse de longe. Mas não deixava de ser incrível. Tinham posto os discos a tocar tantas vezes que a tia Kitty acabou por dizer que, se tivesse de ouvir aquela música só mais uma vez, explodiria imediatamente. A tia Kitty teve a noite toda os seus acessos de tagarelice. Acontecia muitas vezes. Nessas alturas, não conseguia parar de falar e de se rir. Enervava toda a gente, só os senhores convidados achavam aquilo «amoroso». Um deles, o louro, o senhor Marc, levou mais tarde Walter e a mãe de carro para casa. Hanna pusera-os na cama só lá para as onze horas e Dodo ligara de novo a luz logo que Hanna fechou a porta do quarto das crianças e descera. Dodo recebera de presente um livro da série *Nesthäkchen*¹², que ela desejara tão ansiosamente, pelo que não conseguia parar de ler. Ele quis simplesmente ficar ali deitado a ouvir outra vez a sinfonia que agora tinha na cabeça, mas porque Henny se levantara e descera silenciosamente as escadas, não conseguiu ficar na cama. Lá em baixo, no corredor, misturavam-se todo o tipo de vozes e ruídos, ainda cheirava a carne assada e couve-roxa, um bocadinho também às estrelas de canela que a avó Gertrude fizera. Henny estava debruçada sobre a porta da sala de estar e espreitava pelo buraco da fechadura – quando ele lá foi ter, ela deixou-o também espreitar um bocadinho. Via-se um ramo da árvore de Natal, onde pendia uma bola prateada. A vela já ardera até ao fim, cintilava apenas uma chamazinha pequenina e azulada. De vez em quando, a mamã passava e arrumava alguma coisa. Estava agora com uma cara muito preocupada – antes dissera-lhes coisas engraçadas e jogara com eles ao ludo. Os ataques de tagarelice da tia Kitty eram agora bastante ruidosos, estava sempre a rir-se e bebia champanhe de um copo alto e estreitinho. O senhor Marc e o pintor da barba negra também falavam alto e achavam piada a tudo.

– Agora vai-te deitar – dissera ele baixinho a Henny.

– Não estou nada cansada. É porque a mamã me deixou beber um gole de champanhe. Sabe divinamente e faz cócegas, como se tivesses mil mosquitos dentro da boca.

Bah, que porcaria. Passava bem sem essa sensação. Depois tiveram os dois de subir as escadas a correr e agachar-se lá em cima, já que Hanna saiu da cozinha para o corredor. Trazia um papel na mão e foi com ele até ao telefone, que ficava no corredor, em cima de uma pequena cómoda. Henny revirou os olhos.

– A Hanna não pode telefonar. O telefone é da mamã.

– Chiu!

Lá em baixo, Hanna levantara o auscultador e rodara a manivela. Agora falava com a voz abafada.

– Menina? Uma ligação para Berlim, por favor. O número é...

Mas que estranho, Hanna a telefonar para Berlim. Nem sequer a tia Kitty fazia isso. Às vezes telefonava para Munique. Para uma galeria qualquer. Ou, às vezes, também para a tia Tilly. Mas só muito raramente. Porque telefonar custava dinheiro. As crianças e os empregados não podiam telefonar de todo. Pelo menos na Vila dos Tecidos era assim. Mas a senhora Von Dobern telefonava na mesma, a velha bruxa.

– Humbert? – disse Hanna lá em baixo no corredor. – Humbert, és tu?... Fico tão contente... Sim, sou eu, a Hanna.

– Quem é o Humbert? – cochichou Henny a seu lado. Ele não sabia muito bem. Já ouvira aquele nome, mas não se conseguia lembrar onde e da boca de quem.

– De certeza que a Hanna tem um namorado – sussurrou Henny. – Que nome tão esquisito.

– Chiu!

Hanna tinha o ouvido apurado. Apesar do ruído que saía da sala de estar e da barulheira que a avó Gertrude fazia na cozinha, ela ouvira os sussurros de Henny. Virou-se e olhou para as escadas, mas como a luz não estava ligada, não conseguia ver ninguém.

– Não podes fazer isso, Humbert. Ninguém tem o direito de fazer isso, exceto Deus. Tens de ter paciência.

Não conseguiam perceber nada daquela conversa. Henny suspirou, desapontada. Estava provavelmente com esperança de que Hanna começasse a falar de amor e beijos. As raparigas gostavam sempre dessas coisas.

– Não, não. Se é assim tão mau, então pergunto à Fanny... Faço isso, sim. E depois mandamos-te o dinheiro, Humbert. Mesmo que tu não queiras.

Aquilo tornava-se cada vez mais misterioso. Leo tinha agora um peso na consciência por estar a escutar Hanna às escondidas. Ela estava muito agitada e empurrava o auscultador com tanta força contra a orelha que ficou com a bochecha muito quente. Henny não estava minimamente atormentada pela sua consciência e abanava a cabeça sem compreender nada.

– Ele deve ser estúpido. Porque é que ele não quer o dinheiro, se ela lho quer dar?

Ele teria preferido agora voltar para o quarto, mas tinha medo que o soalho começasse a ranger e então Hanna descobri-los-ia aos dois. Por isso, ficou sentado junto de Henny no patamar das escadas e esperou até que Hanna acabasse. O cabelo louro de Henny estava despenteado, porque Hanna não lhe

penteara as tranças antes de dormir. Tinha vestida uma das camisas de dormir que a mamã costurara para ela e cheirava a lavado de fresco. Leo estava a ouvir na sua cabeça uma melodia em dó maior, baixinho, mas muito nitidamente. Henny era tipicamente uma pessoa em dó maior. Luminosa e enérgica, azul, dura e sem piada nenhuma.

Quando puderam finalmente voltar para o quarto, ele enfiara-se sob o seu edredão e adormecera imediatamente...

– Cá estamos nós! – exclamou a tia Kitty. – Vejam só, lá está a Else à porta. E o Julius já vem a correr. Iu-hu!

O automóvel deu um pequeno solavanco, depois bufou e o motor desligou-se.

– Lá o deixaste ir abaixo outra vez, tia Kitty – disse Dodo. – Tens de soltar a mudança antes de largar a embraiagem.

Leo ficava espantado com os conhecimentos de Dodo. Ele não fazia a mínima ideia de como e porquê um automóvel andava para a frente e também não lhe interessava nada. A tia Kitty voltou-se para Dodo e disse, num tom desagradável, que da próxima vez não se importava nada que a menina Dorothea Melzer, a célebre aviadora, viesse ao volante.

– A sério? – perguntou Dodo, radiante. – Posso conduzir o carro?

Nalgumas coisas, a sua irmã era bastante ingénua. A tia Kitty limitou-se a revirar os olhos e a mamã explicou-lhe simpaticamente que Dodo teria de esperar pelo menos treze anos até poder tirar a carta de condução.

Julius abriu a porta do passageiro da frente com um movimento vigoroso e ajudou a avó Gertrude a sair, e depois, juntamente com Else e Gertie, levou

para cima os presentes que traziam. Eles foram atrás – e a mamã foi a última a subir a escada.

Lá estava ele, o grande abeto. Erguia-se imponente no vestíbulo de entrada, decorado com bolas vermelhas e biscoitos de gengibre castanhos, e cheirava a Natal. No ano passado, o papá e Gustav haviam abatido uma árvore no jardim e todos haviam ajudado a trazê-la para dentro. Ainda se lembrava muito bem de que tinha os dedos cheios de resina pegajosa e de cheiro intenso, que não saía nem com água e sabão. Era incômodo quando tocava piano, porque os dedos ficavam colados às teclas.

– E então? Gostas do nosso abeto?

Ele encolheu-se muito, estava tão distraído que nem dera pela presença do pai.

– S... sim. É... é muito grande.

– Não é maior do que o costume. Este ano mandámo-lo vir. Vem de Königholz, ao pé de Derching.

– Pois.

Não lhe ocorreu mais nada que pudesse responder. O olhar inquiridor do pai deixava-o completamente paralisado. Acontecia muitas vezes. Quando o pai lhe fazia uma pergunta, parecia-lhe ter a cabeça completamente vazia.

– Tio Paul! – disse Henny com a sua voz esganiçada. – A mamã disse que vou receber um presente teu.

O papá voltou-se para ela a sorrir e Leo ficou aliviado por agora ser deixado em paz. Que facilidade tinha Henny em fazer o papá sorrir. Punha-se simplesmente a tagarelar qualquer coisa e funcionava. Já ele...

– Vamos fazer a festa aqui no vestíbulo ou vamos lá para cima, para o quentinho? – perguntou a avó Gertrude, de quem Gertie ficara com o casaco e o chapéu.

– Mas cara senhora Bräuer, posso oferecer-lhe o meu braço? – disse uma voz conhecida.

Leo reconheceu imediatamente a voz, também Dodo e até Henny se encolheram. Era a senhora Von Dobern. As costas de Leo ficaram hirtas, Dodo empinou o nariz e fez um ar agressivo. Henny fez beicinho, de modo que a sua boca se parecia com uma cereja cor-de-rosa e ligeiramente engelhada.

– Que amabilidade a sua, senhora Von Dobern – retorquiu a avó Gertrude muito alto –, mas não sou ainda tão frágil a ponto de precisar de ser levada pelas escadas acima.

Não tinha papas na língua, a avó Gertrude. Leo passou a gostar dela ainda mais. Enquanto, ao lado de Dodo, subia as escadas até ao primeiro andar, ouviu atrás de si a voz do pai. Agora soava totalmente diferente. Quase como se tivesse medo de dizer alguma coisa errada.

– Bom dia, Marie. Fico contente por te ver.

A resposta da mamã também soou muito estranha. Tão rígida e distante.

– Bom dia, Paul.

Não disse mais nada, ao que parecia, não estava contente por voltar a ver o papá. Leo sentiu em cima dele um peso invisível. Como um pano escuro. Ou uma nuvem pesada e cinzenta. Teve um bocadinho, mas só um bocadinho, de pena do papá. Lá em cima, na sala de jantar, a avó Melzer estava à espera deles. Tiveram de fazer uma fila para que ela os beijasse. Leo já achou aquilo

bastante mau, mas o que foi mesmo muito embaraçoso foi o facto de ela ter chorado o tempo todo. Ele limpou às escondidas as bochechas húmidas e ficou aliviado quando se puderam sentar nos respetivos lugares. Contudo, quando reparou que tinha de se sentar entre o papá e a senhora Von Dobern, já não ficou nada contente. Ele já sabia que aquele ia ser um dia horrível, mas não imaginara que fosse tanto. Dodo também não estava entusiasmada, já que fora sentada entre a senhora Von Dobern e a avó Melzer. Apenas Henny voltara a ter sorte, ficando com a cadeira entre a mamã e a avó Gertrude.

Se ao menos Hanna ali estivesse, mas ela ficara na Frauentorstrasse. Julius, que serviu a comida, estava sempre com uma cara de quem não tinha nada a ver com o que se passava, apenas Gertie, que por vezes ajudava a levantar a mesa, lhes piscou o olho. Foi tudo horivelmente constrangedor. Apenas a tia Kitty tinha acessos de tagarelice, um após outro, e por vezes também falava a senhora Von Dobern. A mamã e o papá estavam sentados de frente um para o outro, nas pontas da mesa comprida, estavam os dois calados e não olhavam um para o outro. Era pena pela comida saborosa que a senhora Brunnenmayer cozinhara, já que ninguém à mesa a comeu com prazer.

– Vocês estão tão crescidos! – disse uma senhora gorda ao lado da tia Kitty.
– Será que ainda me conhecem? Sou a vossa tia Lisa. Irmã do vosso papá e da tia Kitty.

Dodo disse educadamente que tinha ideia de se lembrar dela. Já ele tinha a certeza de que nunca vira aquela mulher na vida. Dizia que era irmã da tia Kitty?

– Não se parece nada com a minha mamã – disse Henny com um sorriso encantador. – Porque tem o cabelo louro e é muito gorda.

– Henriette! – repreendeu a senhora Von Dobern. – Uma menina bem-educada não diz essas coisas!

– A Lisa vai receber em breve a visita da cegonha – interveio rapidamente a tia Kitty. – E então vocês vão receber uma priminha. Ou um priminho.

– Ah – disse Henny, pouco satisfeita. – Enfim, se for uma prima, então pode dormir no carrinho das minhas bonecas.

– É muito generoso da tua parte, Henny – disse a tia Lisa com um ar sério.

Leo esperava que fosse um primo. Já havia demasiadas meninas na família. Porque é que a cegonha vinha sempre ter com mulheres gordas? Foi assim antes com a Auguste. Quando a tia Lisa entrou na sala de jantar, parecia uma gigantesca e enorme cafeteira. Ainda assim, não era má, estava sempre a olhar para ele e a acenar. Uma vez perguntou se depois ia tocar alguma coisa no piano, mas a sua resposta afirmativa foi afogada pelo palavreado em voz alta da tia Kitty.

Depois do jantar, passaram todos ao salão vermelho, onde havia um abeto decorado em cima da mesa. Por baixo dele estavam muitas caixas embrulhadas com muitas cores – eram os presentes. Dodo recebeu uma boneca com olhos que fechavam e braços e pernas de porcelana que se mexiam e que rangiam de uma forma horrível. Recebeu ainda um guarda-fatos de bonecas cheio de roupa e uma mochila de escola para a pobre boneca. Henny foi presenteada com uma caixa de pinturas e vários livros ilustrados, já ele recebeu um temível aparelho preto de metal que tinha uma chaminé pontiaguda e o corpo em forma de caixa, com uma tampa de cobre. Tinha manivelas, ganchos e corrediças por todo o lado, dois fios compridos saíam de uma grande roda metálica, passavam por várias pequenas rodas, até chegar a um pequeno martelo que estava em cima de uma mesa de metal.

– Uma máquina a vapor! – exclamou Dodo cheia de inveja. – Tens de pôr água lá dentro. E aqui acende-se uma chama. E depois começa a ferver e o vapor empurra o êmbolo para cima. E depois borrifa com água fria e o êmbolo volta a descer cá para baixo.

Leo viu-se desnorteado diante daquela negra maravilha da técnica e sentia o olhar desiludido do pai pousado sobre si. Não, ele não sabia o que fazer com aquela coisa. Mesmo que tentasse compreendê-la, não lhe ia entrar na cabeça. Só se fosse um piano. Aí teria podido explicar ao papá como os pequenos martelos eram movimentados de modo a baterem nas cordas.

– Papá – suplicou Dodo –, vamos ligar a máquina?

– Não, Dodo. É do Leo.

– Mas o Leo não a quer. Eu quero, papá. Eu sei como funciona.

Leo viu a boca do papá a contorcer-se. Agora estava irritado, já sabia como era.

– Tu recebeste uma boneca, Dodo! – disse o papá num tom cortante. – Uma boneca muito cara, que a avó comprou especialmente para ti.

Dodo fez menção de dizer alguma coisa, mas a senhora Von Dobern foi mais rápida.

– A ingratidão é pecado, Dorothea! Sobretudo hoje, no dia em que o nosso Senhor Jesus nasceu pobre e sem nada numa manjedoura. Devias estar contente por teres pais e avós que te dão presentes tão generosos!

– Ámen! – disse alto e bom som a avó Gertrude lá do sofá.

Fez-se silêncio por instantes e Leo sentiu que o ambiente se estragara definitivamente. O papá olhava zangado para o vazio, a mamã olhava distraidamente pela janela, para o parque com neve. A tia Kitty inspirou

fundo para dizer qualquer coisa que interrompesse o silêncio constrangedor, mas antes disso ouviu-se a voz da tia Lisa.

– Por amor de Deus, Paul! A miúda sabe como funciona uma máquina a vapor e tu ralhas com ela por causa disso!

– Lisa! – disse a avó Melzer indignada. – *Pas devant les enfants!*

– Devíamos então trocar os presentes – disse a tia Kitty com um risinho. – A Dodo fica com a máquina a vapor e damos a boneca ao Paul!

Leo ficou contente por ninguém se rir daquela piada pateta. O papá olhava para uns e para outros, como se estivesse a refletir quem poderia salvar aquela situação. Olhou apenas muito brevemente para a mamã, mas desta vez ele apanhou o momento em que também ela olhava para ele. Os dois reagiram como pecadores apanhados em flagrante quando os seus olhares se encontraram assim tão inesperadamente, ficaram de olhos presos um no outro por um brevíssimo momento, mas depois a mamã desviou-se rapidamente e o papá virou-se para o outro lado.

– Muito bem – disse ele. – Se depois tivermos tempo, vou pôr a máquina a vapor a funcionar e quem me quiser ajudar será bem-vindo.

Disse-o a olhar fixamente para Leo, como quem diz: é a tua última oportunidade, meu filho. Dodo apertara a sua boneca contra si e remexia a blusa de renda engomada. Henny aproveitou a oportunidade para se empanturrar de bolinhas de maçapão sem ninguém reparar. Se ao menos pudessem finalmente voltar para a Frauentorstrasse – ali na Vila dos Tecidos era simplesmente um horror!

Contudo, ao que parecia, esperavam-na ainda outros horrores.

– Já chega de estarmos aqui sentados na sala – disse o papá com uma boa disposição forçada. – Agora vamos descer para o jardim.

Um passeio no jardim! Se calhar com a senhora Von Dobern! Leo olhou angustiado para Dodo, Henny declarou, com as bochechas cheias de maçã, que no jardim ia ficar com os pés molhados e que por isso queria ficar ali.

– Os seus desejos são ordens, cara menina – disse o papá.

Mas é claro que ele e Dodo tinham de ir. Como a mamã queria conversar com a tia Lisa e a tia Kitty não tinha calçado botas quentes, também elas ficaram no salão vermelho. E as duas avós estavam sentadas uma ao lado da outra e folheavam um álbum de fotografias. Só a senhora Von Dobern é que queria sair para passear. Já se imaginava!

Lá em baixo, no vestíbulo, encontraram a senhora Brunnenmayer na entrada da cozinha. Quando Leo viu o seu rosto radiante de alegria, sentiu-se logo melhor. Dodo correu para a Brunni e pendurou-se no seu pescoço.

– Dorothea! – gritou a senhora Von Dobern indignada.

Mas o papá ficou contente e riu-se, por isso ela teve de calar a boca.

– Ora, meu rapaz! – disse a Brunni. – Como estás crescido. E que bonito estás. Estás cada vez mais bonito. Continuas a tocar bem piano? Ah, isso faz-nos falta. Que pena já não te ouvirmos tocar.

Passou a mão gorda pelo seu cabelo. Era uma sensação boa, ainda que as suas mãos cheirassem sempre a cebola e a aipo. Pensando na Brunni, já sentia alguma pena de já não viverem ali.

O papá insistia, queria sair de uma vez por todas. Desceu os degraus da entrada a correr tão depressa que a senhora Von Dobern mal o conseguiu acompanhar. Lá em baixo, no pátio, havia pouca neve porque Julius a limpava,

mas o jardim estava todo branco e todos os caminhos estavam cobertos de neve.

– Vamos lá! Uma corrida até à casa do jardineiro!

O que havia de ocorrer ao papá! Calcava por ali fora a neve que lhes dava quase pelo joelho e volta e meia voltava-se para eles. Não parecia estar minimamente incomodado por a senhora Von Dobern ficar cada vez mais para trás. Dodo estava divertida, ia pisando as pegadas do pai e soltava risinhos, por estarem tão afastadas umas das outras. Leo enterrara as mãos nos bolsos do casaco e caminhava calmamente a passo pesado.

– Sempre em frente! Não desistir. Lá adiante, atrás do junípero, têm à espera uma surpresa.

Espero que não seja outra máquina a vapor, pensou Leo, espreitando para a vegetação densa do junípero. Aquilo era um rasto na neve? Pois claro, de certeza que tinha passado gente por ali.

Foi então que eles se esgueiraram cá para fora. Tinham os casacos cheios de neve, Liesl tinha enfiado na cabeça, todo torto, um gorro de malha vermelho e Maxl usava um barrete giro com proteção para as orelhas. Também gostaria de ter um assim. E Hansl estava tão atafalhado de roupa que caiu logo na neve.

– Viva! Surpresa. Feliz Natal!

Os três começaram aos saltinhos e a acenar, correram para eles e depois ficaram lado a lado, a sorrir, a dar risinhos, estavam contentes por se voltarem a encontrar.

– Mostra o teu cabelo – exigiu Dodo de Liesl. – Ui, está mesmo curto. A mamã quer que eu tenha esta trança estúpida.

Maxl tagarelou sobre os dois carros de lata e o posto de combustível que recebera do Menino Jesus e Hansl disse qualquer coisa sobre uma loja. Leo referiu sucintamente que recebera uma máquina a vapor, percebendo claramente que não conseguiria impressionar Maxl nem Hansl com um gramofone e discos de goma-laca. Liesl já tinha doze anos, ou seja, era quatro anos mais velha do que ele. Tinha um aspeto completamente diferente da mãe, Auguste. Era magra e o seu cabelo louro-escuro era ondulado, o rosto era estreito e tinha a boca pequena, com a forma de um coração. Ele gostava dela, porque era sempre amável e suave e porque ficava irritado quando os irmãos a aborreciam.

– E o que é que o Menino Jesus te trouxe? – perguntou-lhe a ela.

– Um vestido e um casaco. Sapatos novos. E dois lenços bordados.

Ele teve a ideia de lhe perguntar ainda se não teria recebido nenhum brinquedo, mas nesse momento voou uma bola de neve contra o seu gorro de pelo, derrubando-o da sua cabeça.

– Ei! – gritou Dodo. – Vais ver, Maxl, agora também vais levar!

Todos agora se agacharam, juntaram neve e com ela faziam projéteis para lançar. Dodo acertou em Maxl no ombro, Liesl acertou em Dodo no braço, Leo fez um belo lançamento que atingiu Maxl na barriga. Sibilavam bolas de neve a voar para cá e para lá, celebraram e resmungaram, Dodo guinchou porque aquela coisa fria lhe entrara para dentro da gola, Liesl troçou de Leo por ter acertado ao lado. Hansl era o mais hábil a desviar-se dos lançamentos. Deixava-se simplesmente cair na neve.

– Mas... meninos! – ouviu-se a voz da senhora Von Dobern. Ninguém lhe ligou.

Pás! Leo foi atingido na bochecha. Doeu e ele limpou a neve, e então viu que quem atirara fora o pai. Estava a rir-se. Não de forma maldosa. Também não estava zangado. Tinha um ar um nadinha maroto. Tal como antigamente olhava às vezes para a mamã. Leo agachou-se e compactou um pedaço de neve. Tinha as mãos frias e picavam como afiados alfinetes de gelo. Olhou para o papá, que o observava. Continua a sorrir. Vá, atira, era o que lhe estava a dizer. Tenta lá acertar-me. Estou aqui parado, não vou arredar pé.

O primeiro lançamento passou ao lado. À segunda tentativa, foi atingido no pescoço por uma bola de neve atirada por Hansl, pelo que falhou novamente o alvo. Depois atingiu o papá no peito. Ele agachou-se para fazer outra bola de neve, mas foi atingido por três atacantes ao mesmo tempo, Dodo e Maxl vieram participar na luta.

– Bando de patifes! – riu-se o pai. – Todos contra um. Não perdem pela demora!

Voou pelos ares uma saraivada de projéteis brancos, todos gritavam, riam-se, resmungavam e, por fim, ficaram parados, esgotados, com os rostos vermelhos e os dedos doridos. Foi então que ouviu. O toque baixinho. Sininhos, pelo menos quatro. Com uma métrica regular, aos saltos, baloiçando, alegres. Ré maior. Também se ouvia a neve a ranger, chhh, chhh, e um assobio baixinho, um deslizar.

– O Menino Jesus – sussurrou Dodo cheia de veneração.

Maxl começou a rir-se, Liesl apontou para a Vila, onde agora se via um veículo bizarro. Um cavalo puxava um carro. Não, um trenó!

– É o nosso papá! – gritou Liesl. – Ele arranjou o velho trenó. E nós podemos todos andar nele!

O velho trenó! Viam-no por vezes na velha cocheira, estava lá parado a enferrujar. Antes era vermelho, os assentos de pele, mas estava bastante deteriorado, e os compridos patins estavam castanhos de ferrugem.

– E então? Consegui uma boa surpresa? – perguntou o papá.

E como! Gustav Bliefert parou junto deles e via-se que estava enormemente orgulhoso de fazer de condutor do trenó. Entraram todos, o pai incluído, e por fim também a senhora Von Dobern, que sorria, contraída. Estava provavelmente com frio, não vestia propriamente um casaco grosso e as botas não eram forradas.

– Mas que ideia maravilhosa teve o vosso pai – disse ela. – A Henny vai ficar triste por não estar aqui.

É verdade que Leo gostou da ideia de Henny estar naquele momento à janela na Vila dos Tecidos a olhar para o jardim com inveja. Fizeram um grande passeio. Passaram pela casa do jardineiro, onde a chaminé expelia fumo e Auguste apareceu com o pequeno Fritz ao colo e lhes acenou. Passaram então pelos abetos e pelos arbustos de junípero, que, sob a sua carga branca, pareciam anões gigantes corcundas. Deram então a volta à Vila dos Tecidos, atravessaram o prado quase até ao portão e percorreram todo o acesso, com as árvores despidas e cobertas de neve, até ao redondel do pátio. O tempo todo, Leo ouvia sons e sentia o ritmo dos cascos do cavalo. Tinha de novo música dentro da cabeça, surgiam-lhe sons, muitos ao mesmo tempo, também ruídos e, por vezes, melodias. No pátio, os patins rangeram e chiaram porque ali havia pouca neve e viram-nos a soltar faíscas coloridas.

Na escada, esperavam-nos a avó Gertrude e a avó Melzer, agasalhadas com grossas peles, e também a tia Kitty queria dar uma voltinha.

– Ah, Paulinho! – exclamou ela, entusiasmada. – Lembras-te de quando andávamos com este trenó pelo bosque? Eu trouxe a Marie até nós nesse trenó. Tu e o meu pobre Alfons vinham a cavalo ao nosso lado.

O papá desceu para dar o lugar e depois as três enfiaram-se lá dentro, e Hansl teve de se sentar ao colo da avó Gertrude. Henny não viera, comera demasiado maçapão e estava maldispоста.

Leo não ficou nada admirado por a tia Lisa não vir – o pobre cavalo não teria conseguido puxar tal carga. Mas teve pena de que a mamã não descesse.

Mais tarde, quando já se haviam despedido e estavam de volta no automóvel da tia Kitty, Henny estava novamente em forma.

– Eu posso levar os meus brinquedos – vangloriou-se ela. – Mas os vossos ficam na Vila dos Tecidos, foi o que disse o tio Paul. Só podem brincar com eles quando o vierem visitar!

Dodo lamentou-o imensamente, já que gostara tanto da máquina a vapor. O papá levava-a para o quarto das crianças e pusera-a aí em funcionamento, mas depois desligara-a logo, porque já era muito tarde. Dodo não ligava nenhuma à boneca.

Leo queria sobretudo coisas relacionadas com o piano, porque tinha de reproduzir os sons que lhe vagueavam dentro da cabeça. Queria tentar, pelo menos. Ainda que, para a maioria dos sons, não houvesse teclas que chegassem.

¹² Série de livros inseridos nos valores tradicionais e burgueses do período guilhermino e da República de Weimar, sobre Annemarie Braun, que tinha a alcunha de Nesthäkchen (a benjamim, a filha mais nova), uma criança cheia

de vida e desorganizada que mais tarde se torna numa dona de casa perfeita, apesar de manter o seu temperamento vivo. (*N. da T.*)

Janeiro de 1925

Ex.^{mo} senhor Winkler,

Dado que preferiu sair às escondidas sem se despedir de nós, nos últimos meses gastei pouco do meu esforço a procurar saber do seu paradeiro atual. E porque haveria de o fazer? Foi absolutamente claro o seu desinteresse pela Quinta Maydorn e pela minha modesta pessoa. E eu não sou mulher para correr atrás de um homem. Seguramente já terá entretanto encontrado para a sua vida o lugar que lhe convém. Estou convicta de que é um professor e educador de excelência da juventude, é esta a sua vocação, bem como a investigação do passado e da história nacional.

Lisa recostou-se e enfiou a caneta no tinteiro. Insatisfeita, releu o que havia escrito, abanou a cabeça e introduziu melhorias, «sair às escondidas» era demasiado duro, denunciava consternação, senão mesmo ira. Todavia, ele não deveria ficar com a impressão de que aquela carta era uma espécie de «ajuste de contas». Queria parecer educada e descontraída. Não estava a correr atrás dele. Muito menos queria admoestá-lo. Já passara esse ponto. Agora a questão era apenas...

Para que se punha ela na verdade a palrar sobre os seus talentos, pensou, riscando a última frase com um traço grosso. Afinal de contas, não era sua intenção bajulá-lo. Era o que mais faltava. Depois de tudo o que me fez, o cobarde!

Levantou-se, cingiu o roupão ao corpo e constatou que aquela peça de roupa, que antes lhe ficava larga, agora mal se conseguia fechar. Que horror.

Sentia-se pesada como chumbo e imóvel como uma abelha-mestra. Estavam em meados de janeiro – se tudo corresse bem, aquele suplício acabaria em breve. Tinha na verdade medo do parto, mas acabaria por passar, afinal de contas era coisa que funcionava desde os primórdios da humanidade. O essencial era que fosse uma criança saudável, quer fosse menina ou menino. E então faria tudo para recuperar uma silhueta normal. Acima de tudo, isso. Já praticamente não tinha roupa para vestir e os sapatos também não serviam, devido aos pés inchados.

Apesar de ainda serem só seis horas e, lá fora, ainda estar escuro, Lisa puxou as cortinas para o lado e abriu uma janela. Sentiu o ar frio da noite vir ao seu encontro e inspirou fundo. Pequenos flocos de neve pousaram no seu rosto aquecido, entraram no nariz quando inspirou e fizeram-lhe cócegas. Ui, estava mesmo gelado lá fora. Lá adiante, na MAN, laborava-se, as luzes distantes da fábrica permitiam discernir apenas fantasmagoricamente as árvores e as superfícies nevadas do jardim. Uma lebre saltitou pela neve, seguiu-se outra. Apoiaram-se nas patas traseiras, olharam uma para a outra, e depois a mais pequena desatou a correr e voou por entre os abetos. A outra deixou-se ficar sentada, a esgaravatar na neve.

Lisa puxou o roupão para o pescoço e debruçou-se um pouco para a frente. Nas massas de neve que soterravam o terraço, bailavam luzes amareladas. Ah, a iluminação do vestíbulo fora acesa. A senhora Brunnenmayer já estaria ali há muito a preparar o pequeno-almoço e Julius estaria rapidamente ainda a limpar as botas dos patrões. Suspirou. Serafina já lhe dissera por diversas vezes que Dörthe era terrivelmente «desajeitada» e que não tinha jeito para nada. Que o melhor seria mandá-la para a quinta na primeira oportunidade. Teria provavelmente razão, mas Lisa achava ainda assim que se deveria dar a

Dörthe mais uma oportunidade. Defendeu obstinadamente este ponto de vista, divertia-se a contrariar Serafina.

Agora ficara realmente demasiado frio, Lisa fechou a janela e recolheu-se junto à salamandra de cerâmica que, na noite anterior, Gertie alimentara novamente com briquetes incandescentes. Como era agradável encostar as costas doridas aos ladrilhos de cerâmica quentes e entregar-se por instantes à sensação agradável de um brando aconchego. Sabe Deus que não era coisa que abundasse por aí além na Vila dos Tecidos. Bem pelo contrário, ela sentia-se só e abandonada por todos. Paul estava ocupado com os problemas do seu casamento, a mamã estava permanentemente com enxaquecas e passava a maior parte do tempo na cama e Serafina, a sua querida amiga do coração, que tanto ansiara por rever, essa seguia o seu próprio caminho sem ela.

– Consegues seguramente imaginar, minha querida Lisa, como é ingrata a forma como a pátria abandona os seus heróis. Todos os que deram a vida e o sangue no campo de batalha, em nome da honra... Veem-se zelosas tentativas de os arrastar para a lama e de os deixar esquecidos.

Enfim, até certo ponto conseguia compreender Serafina. O pai, o coronel Von Sontheim, tombara na Rússia, bem como o irmão mais novo e o marido. Armin von Dobern era tenente, tendo sido surpreendido por uma morte heroica na Flandres. Ao que parecia, as viúvas não ficavam propriamente ricas com as pensões, Serafina tinha de sustentar, não apenas a mãe, mas também ainda os sogros, que haviam perdido os seus bens com a inflação. Não era de admirar que fosse uma pessoa amarga nessa situação. Ainda assim, era um atrevimento a forma como aquela pessoa ressequida e de rosto pontiagudo se interpunha entre ela e a mãe.

– A tua mãe precisa agora de sossego, Lisa. Se desejares alguma coisa, podes dizer-me a mim.

«A tua querida mãe está a fazer a sesta. Não podes incomodá-la de maneira nenhuma.

«Dei um calmante à tua mãe. Não se pode enervar, já sabes isso.

Lisa quisera saber que medicamento a mãe estava na verdade constantemente a tomar. Um copinho aqui, umas gotinhas ali num torrãozinho de açúcar, uma «bebida para dormir» todas as noites, para que passasse uma noite tranquila.

– É valeriana, Lisa. Totalmente inofensivo. Era usado já no tempo dos romanos.

A própria Lisa usara frequentemente valeriana no hospital militar, acalmava quando os feridos eram atormentados pela aflição ou pelas dores. O cheiro era inconfundível. Contudo, desde o início da gravidez, tinha o nariz praticamente todo inchado, pelo que não sentia o cheiro da valeriana na «bebida para dormir» de Serafina.

– E porque é que a mamã não se pode enervar? Tem algum problema de coração?

O sorriso de superioridade de quem tudo sabe de Serafina foi tão penetrante que os pelos mais finos dos braços de Lisa se eriçaram de má vontade.

– Ah, sabes como é, Lisa. A tua mãe já não vai para nova, por isso o coração já não está como dantes.

– A mamã vai fazer sessenta e sete anos. Não oitenta e sete!

Serafina deixou passar a objeção. Sessenta e sete – já era uma idade avançada nos tempos que correm.

– O teu pobre pai morreu exatamente com essa idade, Lisa. Não te esqueças disso.

– Isso é coisa que evidentemente nunca vou esquecer, Serafina! – Ela fazia mesmo tudo para a rebaixar.

Mas ela que esperasse: haveriam de ver quem tinha mais resistência.

– Na minha opinião, a mamã é muito mais saudável do que tu queres fazer parecer!

– Por favor, Lisa. As terríveis crises de enxaqueca.

– Ora essa! A mamã teve enxaquecas a vida toda.

– Entristece-me muito ver a pouca consideração que tens pela saúde débil da tua mãe, Lisa. Espero que nunca te venhas a arrepender.

Lisa recompôs-se. Afinal de contas, faria mal à criança que trazia na barriga se se atirasse agora para cima de Serafina para lhe dar uma bofetada. Mas haveria de chegar o momento certo.

Pobre Marie! Nos últimos dias, Lisa começara a perceber claramente algumas coisas. No dia de Natal, arranjava algum tempo para conversar sozinha com Marie. Primeiro, Marie revelara-se parca em palavras, mas depois, quando compreendeu que não tinha intenção de lhe fazer acusações, a conversa entre as duas fora muito intensa e calorosa. Oh, sim, fazia-lhe falta Marie ali na Vila dos Tecidos. De repente, tomou consciência de que Marie era a alma daquela casa. Aquela que sempre tivera compreensão a oferecer. Que se esforçara por eliminar todos os mal-entendidos e conflitos. Que cuidava de todos, sempre alegre, sempre satisfeita, sempre com uma boa ideia

na manga. Marie: era como um vento quente e revigorante que soprava por toda a casa e que todos inalavam com deleite.

Agora, tinha a sensação de sentir de manhã à noite a aragem fria e bafienta de uma cave, emanada sobretudo por Serafina. Oxalá não fizesse mal à criança!

– Tu e o Paul têm de resolver as coisas a conversar! – dissera ela a Marie. – Eu sei que ele te ama. Senta-se todas as noites sozinho no escritório a analisar uns documentos quaisquer enquanto esvazia uma garrafa de vinho tinto. Isso não é normal.

Marie explicara-lhe que as coisas não eram assim tão simples.

– Será seguramente problema meu, Lisa. Mas eu tinha a sensação de já não haver lugar nenhum para mim nesta casa. De repente, era outra vez a órfã pobre que tinha sido acolhida por piedade. A filha ilegítima de uma mulher que pintava quadros escandalosos e que se opusera teimosamente contra a vontade do Johann Melzer. Quase tinha a sensação de que a morte nefasta da minha pobre mãe me era cobrada como uma terrível hipoteca.

– Agora perdeste mesmo o juízo, Marie!

– Eu mesma estou indecisa em relação a tudo, Lisa. E, infelizmente, o Paul não é a pessoa que está ao meu lado para me ajudar. Pelo contrário, está do lado da tua mãe. E ela, infelizmente, mudou muito.

– Também reparei, Marie. E sabes o que é que eu acho?

Marie não confirmou nem contestou a sua teoria de que a mudança da mãe se devia à influência de Serafina. Era possível, mas não estava provado. Em todo o caso, as crianças haviam sofrido à sua guarda e Marie repreendia-se

agora a si mesma por não ter intervindo mais cedo. Kitty resolvera o problema à sua maneira. Mudara-se com Henny para a Frauentorstrasse. E mais nada!

– E quanto tempo se vai ainda arrastar esta situação?

– Não sei, Lisa.

Na verdade, Lisa tinha um pouco de inveja de Marie. Na Frauentorstrasse, a vida era seguramente mais alegre do que ali na Vila dos Tecidos. Lá, as três crianças corriam de um lado para o outro, Gertrude acenava com a colher de pau, Kitty apreciava a presença de Marie e também recebiam visitas. Era tudo uma boémia, espontâneo, não convencional, generoso. Nessa casa, provavelmente ninguém se teria enervado com uma mulher casada, grávida, que vivia separada do marido. Ali na Vila dos Tecidos só raramente se recebiam convidados e, quando acontecia, eram os habituais parceiros de negócio dos Melzers. Não haviam uma só vez solicitado a Lisa que participasse em tais convívios, afinal de contas a mãe tinha Serafina a seu lado. Inacreditável. Quando recebiam visitas, aquela mulher sentava-se efetivamente no lugar de Marie. Fora Gertie quem lho contara, que ficara tão indignada com isso como todos os restantes empregados.

Fora também Marie a convencê-la a escrever uma carta a Sebastian.

– Seja como for, Lisa. Ele tem o direito de saber que vai ser pai. O que depois ele faz com isso já é com ele. – Era genuinamente típico de Marie. Não acreditara um só momento que a criança que trazia no ventre fosse daquele que ainda era seu marido. Com a intuição que lhe era própria, percebera a situação e aceitara-a como uma evidência.

– Não consigo imaginar que lhe seja indiferente, Lisa.

Lisa contestou. Vivera quatro anos na mesma casa com ele e a sua teimosia e as suas manias da honra haviam-na enervado tremendamente.

– O único encontro foi, mais ou menos, um... trágico acidente. Se entendes o que quero dizer. – Ela própria sentia como soavam pouco credíveis aquelas explicações e, com efeito, não era verdade. Mas Marie assentira cheia de compreensão. Haviam-se levantado as duas e olhado algum tempo pela janela. Era mesmo verdade que Paul mandara arranjar secretamente o velho trenó e que andava agora às voltas pelo jardim com as crianças.

– Foi uma belíssima ideia do Paul, não achas?

Marie limitara-se a sorrir com tristeza. Estaria provavelmente a lembrar-se da viagem de trenó há doze anos, quando era ainda a ajudante de cozinha da Vila dos Tecidos. Na altura, Paul e Marie estavam completamente apaixonados um pelo outro.

– Se calhar, está correta aquela máxima que diz que ninguém se deve casar acima do seu estatuto – disse Marie baixinho.

– Que disparate – rosnou Lisa. – A mamã e o papá também vieram de famílias diferentes. A mamã é da nobreza e o papá era da burguesia. –

Hesitou, refletindo sobre se o casamento dos pais fora feliz ou infeliz. Ocorreu-lhe então que também Sebastian vinha de condições muito simples e que ela, como filha do abastado proprietário de uma fábrica, terá na verdade sido inatingível para ele. Pelo menos antes assim era. Hoje em dia, sobretudo depois da guerra, muito havia mudado!

– O que é que farias se, de repente, o Sebastian aparecesse aqui à porta? – perguntou Marie de súbito.

– Por amor de Deus! – exclamou, horrorizada. – Feia e inchada como agora estou, ele não me pode ver de maneira nenhuma!

Marie calou-se e observou Alicia e Gertrude a subir para o trenó juntamente com Kitty. Mas, ao olhar para o seu rosto, Lisa percebeu

claramente que acabara de se denunciar. Ainda amava Sebastian. Amava-o na verdade ainda mais do que antes.

– Olha para aquilo – disse Marie, apontando lá para baixo, para o pátio. – A agilidade com que a mamã subiu para o banco. E como se ri; não está minimamente incomodada por ser tão apertado e por as crianças estarem tão agitadas.

No dia de Natal, à noite, depois de Kitty e o seu alegre séquito terem regressado à Frauentorstrasse, a mamã ficara com uma enxaqueca terrível.

Serafina disse a Paul, de semblante acusador:

– Primeiro devolvem-lhe os netos e depois tem de se separar outra vez deles. É muito cruel o que a sua esposa está a fazer à sua mãe!

– Não lhe cabe a si tecer considerações sobre o assunto, senhora Von Dobern! – disse Paul, com dureza na voz, fechando a porta do escritório atrás de si. Lisa apreciara a expressão petrificada de Serafina.

Já se haviam passado duas semanas, no domingo os gémeos viriam de visita. Lisa contorceu o rosto, pois o bebé protestava dentro da sua barriga. Ontem dera uma volta tão desagradável que, de repente, não conseguia dar nem mais um passo. Uma dor trespassou-a da anca até ao tornozelo direito. Uma tortura, uma gravidez assim!

Afastou-se dos ladrilhos quentes da salamandra e foi de novo até à escrivaninha antiquada que também fora trazida do sótão. Pôs-se a olhar para o papel com um ar crítico, melhorou a expressão «sair às escondidas» para «partir de surpresa» e matutou sobre como lhe haveria de comunicar o seu estado.

«Sem querer influenciar o curso da sua vida, venho comunicar-lhe que o nosso breve encontro teve as suas consequências...»

Parou ao ouvir um ruído fora do comum. Um grito de mulher. Um berro. Bastante histérico. Seria Else? Em todo o caso, vinha do piso térreo. Dörthe? Oh, céus, Dörthe não, aquela rapariga azarenta!

Fechou-se uma porta, alguém subiu as escadas em passo apressado. Só podiam ser as escadas de serviço, eram de tijolos, as escadas usadas pelos patrões estavam revestidas com uma passadeira de alcatifa.

– Socorro! – gritou lá em baixo uma voz esganiçada de mulher. – Polícia! Assalto! Ladrão!

Não era Dörthe, constatou Lisa, aliviada. Soava a Serafina. Deus do céu, que histeria.

– Um homem... um homem entrou no meu quarto.

Agora misturavam-se outras vozes. Lisa reconheceu a senhora Brunnenmayer, e depois também Julius. Ao que parecia, estavam a esforçar-se por acalmar a governanta.

Um homem? No quarto de Serafina? Agora também Lisa se sentiu incomodada. Naquele momento, não havia propriamente uma grande seleção de residentes do sexo masculino na Vila dos Tecidos. E se não fora Julius, restava apenas Paul. Durante um terrível segundo, surgiu-lhe a ideia de que o irmão pudesse ter estado no quarto de Serafina. Qualquer que fosse o motivo. Um homem era um homem. Mas não, nesse caso, Serafina não teria muito decididamente gritado. Bem pelo contrário, teria ficado bem caladinha. Muito bem, um assaltante então. E, ao que parecia, este correria entretanto para o sótão, onde ficavam os quartos dos criados e o espaço de secar a roupa.

Apertou o roupão tão bem quanto conseguiu e saiu para o corredor. Aí encontrou Paul já integralmente vestido à porta do quarto da mãe, tentando persuadi-la de alguma coisa.

– Volta para a cama, mamã. Peço-te. De certeza que é só uma piada de mau gosto.

– Chama a polícia, Paul.

– Só quando souber o que se passa.

Lisa foi ter com eles. A criança agora não parava quieta dentro da barriga, teria provavelmente sentido a agitação.

– Alguém subiu pelas escadas de serviço, Paul.

– Quando? – quis ele saber.

– Ainda agora. Depois de ela ter gritado.

– Ah! Nesse caso, vamos lá averiguar.

– Paul! – gemeu a mãe. – Por amor de Deus, tem cuidado. Ele pode estar lá em cima de atalaia à tua espera.

– Quem quer que seja – disse Lisa com secura –, depois de ver a governanta vestida para dormir, tudo o que vai querer é fugir bem depressa.

A mãe estava com os pensamentos longe dali, não compreendendo a piada maldosa contra Serafina. Mas deixou que Lisa a conduzisse de volta ao quarto e sentou-se na cama.

– Dá-me as minhas gotas, Lisa. Estão ali, ao lado da garrafa de água.

– Tu não precisas de gotas nenhuma, mamã. Basta beberes um gole de água.

A mamã tocara o botão da campainha. Logo depois ouviram-se os passos pesados de Else no corredor.

– Minha senhora – disse ela, fazendo uma vénia junto à porta.

– Que se passa, Else?

– Oh, não tem de se preocupar, minha senhora.

Else mentia muito mal, via-se perfeitamente que estava a esconder alguma coisa.

– Porque é que a governanta gritou? – quis a mãe saber.

Else vacilou, fez uma reverência estranha, apanhou um fio do avental.

– A senhora Von Dobern teve um sonho mau, minha senhora.

Mas a que horas se levantava a governanta de manhã? Eram quase seis e meia, a esta hora a menina Schmalzler já estava a trabalhar há muito.

– Não lhe aconteceu nada, pois não? – perguntou a mãe, preocupada.

Else abanou vigorosamente a cabeça e juntou os lábios com força.

– Não, não. Ela está bem. Está a vestir-se. Só se assustou um bocadinho.

Não se lhe conseguiu arrancar mais nada. A mãe ordenou-lhe que mandasse Julius subir lá acima aos quartos dos criados para ajudar Paul no caso de ser necessário.

Serafina apareceu logo depois. Pálida de morte devido ao susto sofrido, mas de resto serena.

– Lamento muito o incómodo, cara Alicia.

A sua voz vacilou um pouco, tinha também dificuldade em respirar. Lisa quase teve pena, deve ter estado à beira de um ataque cardíaco.

– Sente-se, minha querida – disse a mãe. – Tome algumas gotas de valeriana, sabe Deus que precisa delas.

Serafina recusou, já se sentia mais calma. Infelizmente, tinha motivos de queixa do pessoal.

– Eu tinha pedido ao Julius que chamasse a polícia. Em vão. Quando fui eu mesma ao escritório para fazer o telefonema, a senhora Brunnenmayer pôs-se no meu caminho.

– Isso é inacreditável – disse a mãe.

– Chegou mesmo a ser violenta.

– A senhora Brunnenmayer! Está a falar da nossa cozinheira, a Fanny Brunnenmayer! – exclamou Alicia, lançando a Lisa um olhar desnortado.

– Ela mesma! Torceu-me o pulso. – Serafina desabotoou o punho da camisa para mostrar o ferimento, mas já ninguém lhe estava a dar atenção. A porta que dava para as escadas de serviço abriu-se e ouviram-se passos.

– Anda lá! – disse Paul. – Aqui ninguém te vai comer.

Alguém esbarrou ruidosamente contra a porta.

– Daí já não passa. Venha, eu seguro-o.

– Obrigado – disse uma voz débil. – Sinto... sinto-me tonto.

Serafina retesou-se, encheu-se de coragem e saiu do quarto de Alicia para o corredor. Lisa hesitou um momento, pois não estava completamente vestida, mas depois seguiu-a.

– Mas é... é o Humbert!

Quase não reconhecera o antigo laçao, estando ele tão magro e com as faces tão cavadas, apoiado no braço de Paul. Não lhe haviam contado que

Humbert estava a fazer uma grande carreira artística na capital? Bom, tal notícia revelara-se falsa. Ele estava antes com ar de quem passara fome durante anos nos piores bairros pobres.

– É esse mesmo – disse Serafina, tranquila, mas com a voz ligeiramente a tremer. – É esse o homem que entrou há pouco no meu quarto. Ainda bem que o apanhou, senhor Melzer!

Humbert levantara a cabeça para olhar mais atentamente para Serafina, mas não pareceu reconhecê-la.

– Sim, diz-me lá, Humbert – disse Paul, que parecia encarar aquela situação com uma certa boa disposição. – Que querias tu de lá? Que procuras tu às escondidas, de manhã bem cedo, aqui na Vila dos Tecidos?

Humbert pigarreou e depois tossiu. Espero que não nos passe a tuberculose, pensou Lisa. Afinal, ela tinha de pensar no bebé!

– Peço mil perdões – disse Humbert a Serafina. – Não fazia ideia de que alguém dormia naquele quarto. Eu queria apenas, por um instante... Estava morto de cansaço depois da longa viagem de comboio.

Aquela explicação não fora muito elucidativa. Paul franziu a testa, Serafina bufou, indignada.

– Quer dizer que entrou na casa sem o conhecimento dos patrões – constatou ela. – Quem é que lhe abriu a porta?

Humbert ficou agora a olhar em frente, apático, e quando falava ficava-se com a sensação de que estaria a conversar com um outro mundo no seu interior.

– O ferrolho da porta da cozinha é aberto sempre às seis e meia, porque é a hora a que vem o leiteiro. Nessa altura, entrei sem ninguém dar conta.

– Não nos conte patranhas – disse Serafina, cujas faces apresentavam um pouco saudável tom vermelho-vivo. – Teve cúmplices. Abriram-lhe a porta da cozinha e introduziram-no às escondidas na Vila.

Humbert parecia demasiado exausto para dar uma resposta. Apoiava-se tão pesadamente no braço de Paul que seria de temer que caísse no chão se Paul lhe retirasse o apoio.

– E também sei exatamente quem é a pessoa responsável por isso – prosseguiu Serafina em tom de triunfo. – Cara Alicia, passou anos a desperdiçar os seus favores com uma pessoa que não os merece. A cozinheira é uma mentirosa dissimulada. Uma tirana que ataca os empregados contra mim e que ignora teimosamente as minhas instruções. Não tenho qualquer dúvida de que esta história tem dedo da senhora Brunnenmayer.

Paul fez um gesto de impaciência com a mão, já não lhe apetecia de todo permitir este tipo de discussão disparatada.

– Julius! Leve este jovem para um dos quartos livres na ala dos criados. E depois gostava de tomar o pequeno-almoço.

Julius, que estava à espera no início das escadas, passou por Serafina a correr sem sequer lhe dedicar um olhar. Atrás dele estavam Gertie e Dörthe, que queriam naturalmente saber o que se estaria a decidir lá em cima. Lisa sabia perfeitamente que os empregados defenderiam integralmente a senhora Brunnenmayer. Isso agradou-lhe. Serafina devia a si mesma o susto que apanhara – por que raio dormia ela no gabinete da governanta? A senhora Schmalzler nunca o fizera, pernoitava lá em cima, no seu quarto, e utilizava o gabinete lá em baixo apenas como sala de trabalho. Mas é claro, agora, no inverno, os quartos dos empregados eram frios como gelo e por isso Serafina

instalara-se lá em baixo, perto do calor da cozinha. De certeza que com isso não fizera amigos entre os empregados.

– Cara Serafina – disse a mãe, indignada –, no que toca à senhora Brunnenmayer, está de certeza inteiramente enganada.

Não era estúpida, a sua antiga amiga. Percebeu claramente que tinha ido longe demais, pelo que recuou um pouco.

– É possível que tenha razão, cara Alicia. Oh, que inquietação desnecessária. Mas agora tem de voltar a descansar.

Encheu um copo com água e desenroscou a tampa do bojudado frasco de vidro castanho. Mas a mãe abanou a cabeça.

– Não, obrigada, não quero gotas... Else, ajuda-me a vestir. E antes do pequeno-almoço quero ter uma conversa breve com a cozinheira. Lisa, podes voltar a deitar-te, tomamos juntas o pequeno-almoço por volta das oito e meia.

Lisa ficou grata com a compreensão da mãe, pois sentia-se subitamente tão cansada que mal se aguentava nas pernas. Estaria enganada ou aquele incidente inesperado trouxera a mamã de novo à vida?

Quando, cerca de uma hora mais tarde, desceu para o pequeno-almoço, a mãe estava já sentada à mesa a ler o jornal. Alicia sorriu-lhe e perguntou, preocupada, como ela se sentia.

– Anda a fazer ginástica aqui dentro, mamã.

– É assim mesmo, Lisa. Mande preparar chá para ti, o café pode agitar demasiado a criança.

Serafina? A governanta estava naquele momento a instalar-se no seu quarto lá em cima no sótão.

– A senhora Brunnenmayer explicou-me tudo, Lisa. O pobre Humbert teve uma recaída em Berlim. Lembras-te? Já quando aqui estava ele tinha aquelas crises de ansiedade.

Hanna e a senhora Brunnenmayer haviam-lhe suplicado que regressasse a Augsburg. Mas ninguém sabia que ele estaria para chegar já esta noite.

– De outro modo, a senhora Brunnenmayer teria evidentemente pedido autorização. Mas é nosso dever de cristãos acolher o pobre homem, não é?

– Pareces-me fresca e animada, mamã.

– Sim, Lisa. Há muito tempo que não me sentia tão bem.

– Então devias deixar de tomar aquela coisa. É aquilo que te faz dores de cabeça.

– Ah, Lisa! Valeriana não faz mal a ninguém.

29

O mês de fevereiro foi invulgarmente ameno este ano, quase se temia que, nos crocos dos prados do jardim, começassem já a despontar as pontas das folhas. Todavia, sempre que o tempo parecia insinuar a primavera, nos dias seguintes um vento gelado varria a terra e a geada regressava. Já por duas vezes o perigoso piso gelado escorregadio na cidade paralisara o trânsito e garantira alguns ossos torcidos e partidos, constava que também o advogado Grünling se contava entre os afetados. Auguste, que estava já há alguns dias de volta à Vila dos Tecidos, contou que o pobre doutor Grünling partira os dois braços.

– Jesus credo – disse Gertie, bebericando o café quente do pequeno-almoço. – Assim não pode ir a tribunal.

– Porque não? – contestou Auguste. – Continua a poder falar.

– Mas já não pode agitar os braços enquanto fala.

Auguste encolheu os ombros e esticou-se para agarrar o pão branco fatiado. Barrou uma fatia com manteiga e também não se fez rogada com a boa compota de morango.

– Como será que faz para vestir o casaco? – questionou Dörthe pensativamente. – E como é que faz quando tem de baixar as calças?

A mesa comprida da cozinha foi então tomada por uma maldosa satisfação com o mal dos outros. Até a senhora Brunnenmayer não conseguiu evitar sorrir. Era assim a vida, a gente rica volta e meia também tinha azar. O bom Deus era justo.

– Ele há de encontrar alguma que lhe baixe as calças por ele – presumiu Auguste com maldade. – Um solteiro assim há de ter de certeza uma amorosa

noiva. Provavelmente até mais do que uma. É sempre a subir e a descer as calças.

Desataram todos a rir, Gertie ficou com um pedaço de pão na traqueia e pôs-se a tossir sem parar, mas Julius deu-lhe solícitamente pancadinhas nas costas. Else voltara a corar. Tirava a côdea do pão antes de o barrar com manteiga e depois mastigava longa e laboriosamente. Por vezes, também mergulhava o pão no café, para que ficasse mole. Uma dentadura postiça seria um investimento demasiado caro para uma criada de quarto entretanto envelhecida. E, além disso, Else continuava a ter um medo de morte do dentista.

– Não é correto fazer troça de uma pessoa doente – observou ela com brandura, empurrando a comida com um gole de café.

– Esse ficou com tanto dinheiro de tanta gente – disse Auguste sem ponta de piedade. – Bem feito para ele!

Ninguém contestou. Era sabido que, depois da guerra, alguns finórios haviam ganho uma quantidade substancial de bens, haviam enriquecido à custa da necessidade dos outros, que durante a inflação se viram obrigados a vender tudo. Mas estes interesseiros eram os que já antes tinham dinheiro. Quem era pobre, pobre ficava, desse por onde desse – e assim era a vida.

– E então a tua herança, Auguste? – perguntou a senhora Brunnenmayer descontraidamente. – Já gastaram tudo?

Auguste explicara a sua repentina abastança com o recebimento de uma herança. Uma tia afastada que não tinha filhos e que, por isso, se lembrara da sua querida sobrinha que vivia em Augsburg. Não, não estava nada a contar, estivera com ela muito poucas vezes. Agora imaginar que a boa da Lotti

também tivesse guardado tanto dinheiro no seu pé-de-meia... Sim, sim, eram mesmo assim as pessoas idosas.

– O que é que acha? – retorquiu ela à cozinheira. – Estamos a usar o dinheiro para fazer uma estufa. E com o que restou comprei roupa e sapatos para os miúdos.

Estava a ser mais do que modesta, pois Auguste teve o cuidado de não contar aos outros que também comprara móveis novos e toda uma série de coisinhas bonitas que via ali na Vila dos Tecidos. Utensílios de prata e jarras de porcelana. Pratos e talheres todos a combinar. E também roupa de trabalho para Gustav, roupa interior nova e um bom fato. Roupa de cama cara. E também adquirira um novo guarda-roupa para si. Era também digno de nota o automóvel que estava na cocheira e que só podia ser usado na primavera. Para que não desse azo a tanto falatório.

Dörthe pegou na terceira fatia de pão e derrubou uma jarra de leite quando se esticou para tirar a manteiga.

– Não podes ter cuidado de vez em quando? – ralhou Julius, que ficou com a manga encharcada em leite. – Agora tenho de lavar a camisa e a manga do casaco.

– É um bocadinho de nada de leite.

– Hoje é o leite. Amanhã é um pote de banha. Há pouco tempo, foi uma garrafa de vinho tinto que eu tinha de levar ao patrão. Onde quer que ponhas os dedos fica tudo feito em pedaços.

Julius salvou a sua chávena de café do pano húmido que Dörthe passava sobre a mesa para limpar o leite. Auguste abanou a cabeça, as outras levaram a coisa com calma. Já há muito que haviam percebido que a rapariga não o fazia de propósito, tinha simplesmente azar. Em contrapartida, era uma criatura

honestas, ainda que um pouco burras. Mandavam-na ir buscar lenha para o forno, descascar batatas ou limpar a neve do pátio. Não havia grande mal que aí pudesse fazer. Na primavera, ela queria cuidar dos canteiros do terraço e plantar flores no redondel do pátio. Quem sabe se teria mais talento para a jardinagem.

– O Humbert ainda está a dormir? – indagou Auguste. – Pensei que agora já estivesse melhor?

A cozinheira cortou toucinho em fatias finas, acrescentou um enchido de fígado fumado. Fazia-o sobretudo para Humbert, todos sabiam. Mas, como é evidente, também os outros se podiam servir daquelas delícias de pequeno-almoço.

– Ele já desce – disse ela. – Precisa de dormir muito, o rapaz. E tem de comer, para que não desfaleça de fraquinho.

Auguste assentiu pressurosamente e cortou rapidamente um pedaço do enchido de fígado. Voltara agora a trabalhar três vezes por semana na Vila dos Tecidos, fazia-o alegadamente por apego aos velhos tempos.

– A garra com que defendeu o Humbert, senhora Brunnenmayer – disse Gertie, enquanto mastigava. – Foi fora de série. Eu nem queria acreditar no que estava a ouvir.

Fanny Brunnenmayer não gostava de falar sobre aquele assunto, pelo que lançou um olhar contrariado na direção de Gertie e rosnou:

– E porque é que têm de estar sempre à escuta atrás das portas? Não era para tu ouvires o que eu estava a conversar com a patroa.

Gertie não se deixou intimidar. Olhou só rapidamente para as escadas, não fosse Humbert estar já a vir, e depois tentou imitar a voz da senhora

Brunnenmayer.

– Se o Humbert não tiver lugar aqui na Vila dos Tecidos, então eu também não continuo por cá. Estou aqui ao serviço já há trinta e seis anos e nunca dei uma só razão de queixa. Mas, se assim for, arrumo a minha trouxa e sigo para o primeiro que me quiser!

– Disse mesmo isso à patroa, senhora Brunnenmayer? – espantou-se Julius.

Apesar de Gertie já ter proferido várias vezes tal citação, Julius ficava sempre profundamente impressionado. Jamais na vida ele se teria permitido a ter tal atitude diante dos patrões. Mesmo que se tratasse do seu próprio irmão. Já para não falar que não tinha nenhum irmão nem irmãs.

– Juro! – disse Gertie, assentindo com a cabeça três vezes seguidas. – E a senhora ficou muito assustada. Que nunca lhe passara pela cabeça mandar o Humbert embora. Só teria gostado de saber de antemão que ele estava para vir.

– Basta! – resmungou Fanny Brunnenmayer, batendo com o punho na mesa. – A senhora é uma alma boa. Foi uma tempestade num copo de água. Passemos uma esponja sobre o assunto!

Haviam chegado a acordo de que Humbert deveria primeiro recuperar um pouco e ganhar novamente forças. Depois deveria ajudar no trabalho, tanto quanto conseguisse. O que fosse surgindo. Limpar o automóvel. Podar os arbustos do jardim. Ajudar na cozinha. Fazer recados. Para já, apenas em troca de cama e comida. Depois, logo se veria.

– Se é que volta a ficar bem – disse a cozinheira, com um suspiro. – A guerra, uma desgraça. Deixou-nos marcas profundas em todos. E ainda nos vai dar que fazer durante muito tempo.

Levantou a cabeça, pois ouviu-se no corredor das escadas o tão conhecido «tac-tac-tac». Os sapatos da governanta não eram novos, mas ela mandara pôr solas novas de couro duro.

– Atenção! – disse Julius, fungando, já que tinha dificuldade em fazer passar o ar pelo nariz quando se enervava.

– Lá se acabou o sossego – murmurou Gertie, servindo-se ainda rapidamente de um pouco de café com leite. Fanny Brunnenmayer fez desaparecer na gaveta da mesa o prato com os enchidos e o toucinho. Não era preciso arranjar mais dissabores do que o necessário.

A senhora Von Dobern entrou na cozinha com o semblante de uma mulher que se armara contra todas as maldades e injustiças deste mundo. Os olhos atrás das lentes dos óculos registaram primeiro todo o espaço, depois os que estavam sentados à mesa, os alimentos dispostos, os jarros e a cafeteira de lata em cima do fogão, a tina com a louça da noite anterior por lavar, ao lado do lava-louça.

– Bom dia a todos!

O cumprimento foi devolvido sem entusiasmo, apenas Gertie se permitiu perguntar se a senhora Von Dobern tinha dormido bem.

– Obrigada. Podes levantar o tabuleiro do gabinete, Gertie.

Apesar de se ter finalmente mudado para o seu quarto, mantinha-se firme no seu hábito de tomar o pequeno-almoço sozinha no gabinete.

– Amanhã gostaria de um pedaço de toucinho e um pouco de enchido de fígado para o pequeno-almoço – disse ela à cozinheira.

– Enchidos ao pequeno-almoço? – perguntou a senhora Brunnenmayer com espanto simulado. – Hoje é sexta-feira.

– Ainda não estamos no tempo de jejum – retorquiu a governanta num tom mordaz. – Acha que eu não cheirei que estiveram aqui a comer enchido de fígado e toucinho fumado?

– É verdade, preparei para a senhora Von Hagemann. Está à espera de bebé e por isso pode comer carne, apesar de ser sexta-feira.

A senhora Von Dobern bufou com desprezo para demonstrar que não acreditava numa só palavra. E é verdade que estava na pista certa. O que lhe servia no entanto de pouco, já que a senhora Brunnenmayer ignoraria o seu desejo.

– Esta noite o patrão recebe algumas visitas, como todos sabem – começou então ela a anunciar o plano para o dia. – Foram convidados três casais e dois senhores sozinhos, ou seja, oito pessoas, e ainda o patrão, a senhora sua mãe e eu. A senhora já combinou a ementa com a cozinheira. Antes da refeição será servido um aperitivo, o que te diz respeito a ti, Julius. A Else e a Gertie vão hoje cedo limpar o salão vermelho e a sala de fumo e deixá-los num estado apresentável, à noite a Dörthe vai tratar do calçado dos convidados.

Escutaram todos, entediados. Ela achava mesmo que eles não sabiam como se organizava convenientemente um serão na Vila dos Tecidos? Isso era uma das suas tarefas mais fáceis – a conversa disparatada da governanta só causava confusão nos procedimentos costumeiros. Nessas ocasiões, a senhora Schmalzler motivava-os a darem o seu melhor para honrar a Vila dos Tecidos e assim eles faziam-se ao trabalho com outro ânimo. Mas isso já só sabiam a cozinheira e Else, os outros já não haviam conhecido a extraordinária velha senhora. Humbert, por seu lado, ainda a conhecera, mas ainda não se levantara.

– Tu vais ajudar a lavadeira e bater os tapetes – disse a governanta a Auguste.

– Acabámos de bater os tapetes na segunda-feira – considerou Auguste. – Seria mais sensato cuidar dos estofos.

Foi um erro, ela deu logo conta disso. As narinas da governanta dilataram-se – o que não significava nada de bom.

– Estás a querer ensinar-me como gerir a casa? E porque é que estás aqui sentada à mesa? Isto aqui não é uma hospedaria, podes tomar o pequeno-almoço em casa!

O rosto de Auguste inchou, como se tivesse comido fermento, mas não se atreveu a dizer nada. Em compensação, ouviu-se a voz grave da cozinheira.

– Quem trabalha na casa também deve comer aqui. Foi sempre assim que fizemos e isso não vai mudar!

– Como queira – retorquiu a governanta. – Vou ter em conta este desperdício quando analisar as contas da casa.

Sobressaltou-se porque, junto ao fogão, um balde metálico com carvão tombou no chão e o carvão pôs-se a rolar pelo chão da cozinha. Era Dörthe novamente no seu melhor.

– Lamento muito... Perdão. Mil desculpas – gaguejou a rapariga. Começou a apanhar o carvão à pressa e a recolhê-lo dentro do avental.

– Não se encontra na Terra inteira pessoa mais burra do que tu – observou a senhora Von Dobern, lançando com um pontapé um pedaço de carvão na direção de Dörthe.

– Oh, não, senhora Von Dobern. Eu tenho uma irmã em Klein Dobritz que é sem dúvida ainda mais burra do que eu – respondeu Dörthe com toda a

sinceridade.

Gertie emitiu um som abafado e disfarçou-o com um ataque de tosse. A cozinheira fez um ar manifestamente irritado, Julius não fez cerimónia e esboçou um sorriso rasgado. Apenas Auguste estava ainda demasiado furiosa, pelo que não escutara de todo.

– Tens mesmo de pôr o carvão no avental? Pega no balde.

– Sim, senhora Von Dobern.

O tom desdenhoso da governanta punha a pobre Dörthe ainda mais confusa. Todos perceberam o que ia acontecer, Gertie ainda conseguiu gritar rapidamente «Cuidado!», mas já a coisa acontecera. Ao apanhar o carvão, Dörthe deslocara-se às arrecuas na direção do lava-louça e agora embatia o seu amplo traseiro contra ele. A tina desequilibrava-se, escorregou por cima da borda e a louça suja do pequeno-almoço derramou-se toda no chão da cozinha. Prato a prato, chávena a chávena – Gertie e Auguste conseguiram ainda salvar a jarrinha do leite e o grande tampo de apoio, mas o resto ficou em cacos.

– Oh, Deus do céu, hoje é mesmo o meu dia de azar – balbuciou Dörthe, que, horrorizada, ficou paralisada no mesmo sítio. – É que atrás não tenho olhos, senhora Von Dobern.

– É inacreditável – sibilou a governanta, pálida de irritação. – Vou tratar de garantir que a faço desaparecer daqui.

Dörthe desatou a chorar e deixou cair de novo ao chão o carvão que recolhera no avental, pois levava as mãos ao rosto. Julius observou em voz alta que essa decisão caberia à senhora Von Hagemann, já que Dörthe era a sua criada pessoal. Gertie, Else e Auguste apanharam os cacos e os pedaços de carvão.

Nesse momento, Humbert entrou na cozinha. Num primeiro momento, ninguém reparou nele no meio de todo o tumulto, ele ficou parado na entrada, encostou-se à soleira da porta e cruzou os braços à frente do peito.

– Há que ver o lado positivo das coisas – disse ele então a sorrir. – O que se estraga já não tem de ser lavado. – O semblante de Dörthe desanuviou um pouco, mas a senhora Von Dobern virou-se de repente, irritada, e fitou o autor de tais palavras.

– Ainda acha engraçada a destruição dos bens e da propriedade dos patrões?

– De modo nenhum – respondeu Humbert com simpatia. Descruzou os braços e fez uma pequena mas clara vénia na direção da governanta. Era difícil discernir se o fazia por educação, estima pessoal ou ironia. – Mas quase tudo na vida é substituível, cara senhora Von Dobern. Só a vida e a saúde é que não.

Era verdade que ele estava alarmanamente magro e de faces cavadas, mas produzia um certo efeito nas mulheres que antigamente não utilizava desta forma. A governanta também o sentiu, até se permitiu esboçar um sorriso e confirmou que quanto a isso ele tinha razão.

– Como se sente hoje, Humbert?

Ele agradeceu o cuidado e declarou que se sentia melhor de dia para dia.

– O descanso e a boa comida, a par do simpático acolhimento e de todas as pessoas queridas que cuidam de mim de forma tão comovente. – Pestanejou na direção da governanta e acrescentou que estava extraordinariamente grato por tudo. – Se puder ser útil seja onde for, cara senhora Von Dobern, disponha à vontade. Peço-lho aliás de coração. É contra a minha natureza estar parado sem fazer nada havendo tanto trabalho para ser feito.

Caso ela tivesse a intenção de o admoestar por não ter ainda mexido um dedo, ele acabara de a deixar sem palavras.

– Bom, se acha que já tem forças para isso. Pode ajudar o Julius a limpar o automóvel. Por dentro e por fora. No domingo, o senhor Melzer quer fazer um passeio com as crianças.

– Ora essa, com todo o gosto.

A senhora Von Dobern assentiu, satisfeita, passou ainda os olhos pelas três mulheres que apanhavam carvão e cacos do chão da cozinha, separando-os por dois baldes diferentes, e então avançou para a saída, rumando ao vestíbulo.

– Pequeno-almoço para a senhora Melzer, a senhora Von Hagemann e para mim às oito na sala de jantar. Como sempre! – gritou por cima do ombro.

A cozinheira esperou até a costa estar livre, voltou a tirar o prato com os enchidos e o toucinho da gaveta e pô-lo à frente do nariz de Humbert.

– Sempre gostaria de saber onde é que ela mete tanta coisa – murmurou. – Pequeno-almoço às sete sozinha no gabinete da governanta, pequeno-almoço às oito com os patrões. À uma, almoço com os patrões, mais tarde, café e torta de natas, jantar com os patrões. E depois ainda aparece aqui à nossa mesa para encher um prato para a noite. E, no entanto, mantém-se chupada como uma ameixa seca.

– Há quem tenha sorte – suspirou Auguste, que desde a última gravidez continuava ainda roliça como um barril e que alegadamente ganhava peso só de olhar para um pãozinho.

– Naaa, eu cá não queria ter uma aparência daquelas – disse Gertie. – Um pau de virar tripas. E com uma cabecinha pequena encarrapitada lá em cima.

A cozinha encheu-se de risos, até Dörthe, cujo rosto choroso agora também estava manchado de carvão, pôde alegrar-se novamente.

– Vamos lá a ver o que acontece no domingo – disse a cozinheira, enquanto servia café com leite a Humbert. – Da última vez, os dois pequenos estavam só há cinco minutos comigo na cozinha e tiveram de ir embora outra vez. Ver a nova máquina de estampar da fábrica. E depois a patroa bebeu café e comeu tarte de natas com as crianças.

Else, que normalmente não gostava de fazer observações negativas sobre os patrões, disse, com o semblante preocupado, que o pobre rapaz não podia pôr um só dedo numa tecla do piano.

– Pois é – confirmou Gertie. – E na fábrica as coisas não correram bem. Via-se-lhes perfeitamente quando voltaram. O patrão vinha com um ar muito zangado e o resto da tarde já não ligou nenhuma às crianças.

Humbert esperou pacientemente até a senhora Brunnenmayer acabar de lhe preparar e cortar o pão com fiambre. Ela fazia-o com um cuidado tal que mais parecia que ele era uma criança de três anos. Todavia, ele sentia-se realmente melhor, só as noites eram más. Todos o ouviam a vaguear pelo corredor, por vezes descia também à cozinha e agachava-se debaixo da grande mesa. Aí sentia-se seguro, dissera ele uma vez. As granadas não podiam fazer nada à velha mesa. Nem os aviões que disparavam lá de cima com as suas metralhadoras.

– Coitadinhos – disse ele, mastigando vagarosamente. – Porque é que o patrão está tão cego? O rapaz não gosta de máquinas. Mas se toca piano tão bem como vocês dizem...

– Esse podia apresentar-se em Berlim. Como um menino-prodígio – disse Gertie, convictamente.

– Em Berlim? É melhor não – murmurou Humbert.

– E porque não? – perguntou Gertie, curiosa.

Mas Humbert estava agora concentrado no seu pão com fiambre e não respondeu. Ele contara na verdade isto e aquilo sobre a grande cidade de Berlim, sobre as lojas, os cinemas, os muitos lagos onde se podia tomar banho e andar de barco a remos. O comboio urbano, o Parlamento, a Coluna Triunfal, também o seu quarto no anexo de um edifício de casas arrendadas. Também contara sobre o cabaré na Kurfürstendamm, que era pequeno, mal cabiam lá dentro cinquenta pessoas, mas que faziam fila para conseguir um bilhete. Sobretudo para o ver – mas isso não foi ele que disse. Isso fora uma suposição da senhora Brunnenmayer. Em dado momento, acontecera alguma coisa que ele não conseguira suportar. O quê, isso era segredo seu. Uma história de amor? Uma intriga de colegas? Um acidente? Ninguém sabia. As crises que trouxera da guerra voltaram, tornaram-se mais frequentes, acabaram por tornar impossível apresentar-se em palco.

– Se a Hanna não me tivesse convencido... não sei o que teria sido de mim.

Hanna era aliás a única pessoa que sabia alguma coisa. Vinha todos os dias à Vila dos Tecidos, na maioria das vezes em segredo, para não ser apanhada pela governanta. Ela só raramente estava na cozinha, por norma subia para o quarto de Humbert e os dois ficavam a conversar.

– Esses, a conversar? De certeza que não acreditas nisso, Gertie – insinuara Auguste.

Auguste tinha a certeza absoluta de que se passava algo mais. Afinal de contas, não vinha da parvónia e Humbert sempre gostara de Hanna. Mas tanto Gertie como Else e Julius garantiram-lhe que estava enganada. E a senhora Brunnenmayer, então essa garantia mesmo.

– Vamos lá então – disse a cozinheira, levantando-se do lugar. – A Dörthe limpa a cozinha. A Else e a Gertie tratam do salão vermelho e da sala de fumo. Auguste: tu ajudas com as verduras. Julius: o tabuleiro do pequeno-almoço da Dobern. E depois podes já pôr a mesa lá em cima.

Disse tudo muito depressa, sem pontos nem vírgulas – mas todos sabiam o que havia para fazer. Animava todos um sentimento de alegre confiança. Enquanto a senhora Brunnenmayer reinasse na cozinha, a Vila dos Tecidos ainda não estava perdida. Auguste sentou-se à mesa ao lado de Humbert com a taça das verduras, raspou cenouras e observou-o a comer lenta e ponderadamente o pão com o enchido fumado.

– Diz-me lá, Humbert. De certeza que ganhavas bem, não? Quero dizer, um artista também pode enriquecer.

Humbert franziu a testa e pareceu surpreendido com tal pergunta.

– Toma. Apetece-te uma cenoura? Fresquinha. – Ela estendeu-lhe a cenoura acabada de raspar, mas ele recusou, agradecendo. Que não era um coelho.

– Ganhei dinheiro, sim. Às vezes mais, mas outras vezes menos – admitiu, hesitando. – Porque é que queres saber isso?

Auguste mexia a faca com tanto fervor que era de temer que no fim pouco restasse da cenoura.

– Estava só a pensar... eu e o Gustav estamos a construir uma estufa e estamos um bocadinho nas lonas.

– Ah, bom – observou Humbert, enfiando o nariz na chávena de café. – E pensaste que te podia emprestar algum?

– Isso mesmo – sussurrou Auguste, piscando os olhos cheia de esperança.

Mas Humbert abanou a cabeça.

– Já gastei tudo há muito. Deslizou-me por entre os dedos. Já lá vai.

Nunca suportara aquele edifício pesado. Am Alten Einlaß, n.º 1. Clássico. Ostentoso. Feio. Mas tudo bem: o edifício de um tribunal só podia mesmo ser horroroso. Sobretudo lá dentro. Céus, mas que labirinto! Acessos sem fim. Escadas. Corredores. Siga por favor em frente, depois à direita e depois logo à esquerda e, junto às escadas, volte a perguntar. Se Marie não estivesse com ela, teria dado meia-volta e regressado à Vila dos Tecidos. Mas Marie tomara-a suavemente pelo braço, sempre a dizer palavras de encorajamento.

– Só mais alguns passos, Lisa. E depois já lá estás. Leva o teu tempo, com calma, chegámos um bocadinho cedo. Anda devagar.

Só percebera metade do que ela disse, a tal ponto estava enervada, e além disso, por causa do esforço, estava a bufar como uma máquina a vapor. Depois lá encontraram, por fim, a sala certa e o oficial de diligências foi simpático e deixou-as entrar apesar de o juiz ainda não ter chegado.

– Pode sentar-se lá dentro à vontade. Não queremos que tenha a criança aqui no corredor. Com os nervos.

– Muito obrigada.

Marie deu algumas moedas ao simpático homem de bigode comprido, ao que ele fez uma reverência e lhes abriu as portas rangentes.

– Ali, no banco dos autores. Ali à frente não, aí sentam-se os arguidos.

– Isto é arrepiante – murmurou Lisa, quando se sentou no banco de madeira duro como pedra. Em todo o redor, viam-se as paredes revestidas com painéis escuros, cadeiras de madeira escura, janelas intimidamente estreitas e altas, tapadas com cortinados. O juiz e os juízes-adjuntos sentar-se-iam lá no alto do seu palanque, pois queriam manter uma visão panorâmica.

- Não é lá muito agradável, lá nisso tens razão – cochichou Marie.
- E o cheiro. Estou a ficar mesmo enjoada.
- É a cera do soalho, Lisa. E se calhar o óleo com que esfregam os bancos de madeira.

Marie teria seguramente razão. Mas a Lisa parecia-lhe cheirar o pó de um sem-fim de dossiês. Mais ainda. Havia ódio no ar. Desespero. Vingança. Triunfo. Fúria. Tristeza. Inúmeras tragédias pairavam nos cortinados bafientos. Havia sido tudo absorvido pelos painéis de madeira das paredes.

- Aguenta forte, Lisa. Estou aqui contigo.

Sentiu o braço de Marie a pousar-lhe nos ombros. Deus do céu, sim. Ela assim o quisera e agora tinha de aguentar até ao fim. Que se passava com ela? Seria talvez a gravidez que a tornava tão sentimental. Aquele bebé que trazia na barriga também não lhe dava um momento só de sossego. Só mais alguns dias. Se tivesse feito bem as contas...

Logo de seguida apareceu o juiz, um homem alto e muito magro de têmporas altas e maxilar inferior quadrado que, no seu traje preto comprido, mais parecia um cabide de roupa ambulante. Repreendeu o oficial de diligências por já ter deixado entrar as senhoras, mas cumprimentou-as com um cortês aceno de cabeça e estendeu uma pilha de pastas gastas sobre a sua mesa. Surgiram depois mais dois senhores, também vestidos de preto, e depois entrou Klaus.

Cumprimentou, fez uma breve reverência e sentou-se no banco dos arguidos. Credo, como era disparatado todo aquele teatro. Como na escola, quando tinham de se sentar sempre por ordem. Lá atrás, os melhores da turma. Os maus alunos lá à frente, junto do professor. Lisa examinou Klaus, que ali não podia esconder com um chapéu o rosto ferido e as cicatrizes na

cabeça. Continuava a ter mau aspeto, ainda que agora o cabelo escondesse de certa forma as cicatrizes da cabeça. Também o juiz fitou Klaus, liam-se nos seus traços repulsa e comiseração. Quanto a Klaus, parecia lidar bem com os olhares curiosos, estava calmamente sentado no seu lugar e esperava que as coisas acontecessem.

Primeiro, chegou – para grande surpresa de Lisa – o advogado Grünling. Com o braço direito fletido e pousado num lenço, enquanto o braço esquerdo apresentava apenas uma grossa ligadura à volta do pulso.

– Minhas senhoras, minha senhora, os meus calorosos cumprimentos. O senhor Melzer pediu-me que gerisse este assunto por si. Respeitosos cumprimentos, senhora Melzer. Senhora Von Hagemann.

Lisa começou por não perceber nada. Paul contratara um advogado para ela? E porque não tinha dito nada? E porque mandava este fulano Grünling? Nunca suportara o rapaz.

– Já não há nada a fazer, Lisa. E se calhar o Paul tem razão.

Deu-se início ao espetáculo. Declarações infundáveis que era preciso responder com «Sim» ou «Não». Klaus foi questionado sobre o desenrolar do adultério e ele comunicou solicitamente que tinha um filho com uma jovem empregada.

– Declara-se portanto culpado de adultério?

O juiz impregnou esta pergunta com mais do que apenas incredulidade. Introduziu nela a convicção de que um deslize com uma empregada pouco poderia ser encarado como um caso de adultério. Um pequeno passo em falso deve ser perdoado ao marido.

– Exatamente, senhor juiz.

O juiz fitou-o e fez notar que nutria um grande respeito por todos os que haviam arriscado a vida e a saúde em defesa da honra no campo de batalha.

Lisa teve de se levantar para ser questionada e apresentar-se diante do juiz. Sentiu-se um pouco tonta quando ali ficou de pé. Também começou a notar um estranho esticção nas costas.

– Não considera que é algo inadequado o momento deste divórcio, senhora Von Hagemann? Quero dizer... já que é evidente que está à espera de bebé. Do seu marido, deduzo.

O advogado Grünling interveio. A pergunta nada tinha que ver com o facto do adultério comprovado e confessado, pelo que a sua cliente não precisava de responder.

O juiz, que manifestamente conhecia Grünling, manteve a descontração.

– Foi apenas uma referência de passagem. Infelizmente, há cada vez mais processos de divórcio iniciados pela mulher. Sobretudo, porque essas mulheres não estão dispostas a perseverar ao lado de um marido ferido na guerra e com necessidade de cuidados. Apesar de ser essa a obrigação da mulher.

Lisa nada disse. Poderia ter referido que abrira ao seu marido um novo espaço de vida, que lhe concedera um lugar e uma atividade que lhe permitiam continuar a viver. Mas sentia-se tão tonta, e também algo enjoada, que não conseguiu dizer palavra.

O resto da audiência passou-lhe ao lado, não lhe dedicando grande atenção. O coração batia-lhe inacreditavelmente acelerado, como se tivesse caminhado demasiado depressa. E, no entanto, estava apenas sentada naquele banco. O esticção nas costas também se repetia constantemente. Mal lhe deu atenção, pois já conhecia há algum tempo aquela dor silenciosa. Ao invés, estava

ocupada a manter uma respiração constante e a dizer para si mesma, a cada três minutos, que aquilo já deveria estar mesmo a chegar ao fim.

– Que se passa contigo, Lisa? Tens dores? – perguntou Marie baixinho.

– Não, não. Está tudo bem. Estou muito contente por estares aqui comigo, Marie.

Voltaram a ser lidos autênticos tratados infundáveis, Klaus concordou com alguma coisa, ela igualmente. A pouco e pouco, nada lhe importava, teria provavelmente também concordado se lhe tivessem perguntado se desejava saltar agora mesmo para o rio Lech. O juiz lançou na sua direção um olhar cheio de desprezo, pôs uns óculos de armações douradas, folheou o documento que tinha diante de si. Klaus pousou os olhos em Marie, sabe-se lá porquê. Os dois senhores vestidos de preto pareciam estar a ver quem escrevia mais depressa. Algures na sala, uma mosca zunia, uma daquelas mais obstinadas que ali haviam hibernado apesar do fedor da cera do soalho. Lisa sentiu uma tensão nas costas, a barriga ficou dura, tinha dificuldade em respirar.

– ... que se declara o divórcio, com data de 15/3/1925. As custas incorridas deverão ser pagas ao tribunal...

– Finalmente – murmurou Marie, apertando-lhe a mão. – Está feito, Lisa. Em meados de março estás finalmente livre.

Lisa não foi muito expansiva na sua alegria, já que se sentia terrivelmente mal. Alguma coisa estava a acontecer dentro da sua barriga, algo que até então nunca experimentara, e não havia forma de o controlar.

Marie segurou-a quando ela se levantou. Klaus veio ter com ela, deu-lhe um aperto de mão.

– Parabéns, Lisa – disse ele, a sorrir. – Estás livre de mim. Não, meu amor, não foi essa a minha intenção. Eu sei o que fizeste por mim. Nunca vou ter uma melhor amiga do que tu.

Ele acompanhou-a à saída da sala de audiências e dirigiu-se essencialmente a Marie. Como estava ela? Ouvira falar do seu ateliê, parecia estar a dar provas de ser uma excelente empresária.

– Tenho por si uma admiração sem fim, minha senhora. Que grande talento adormecido durante tantos anos dentro de si para agora desabrochar tão maravilhosamente.

Paul estava à sua espera no corredor. Apertou-lhe a mão, sem parecer lá muito feliz, e depois voltou-se para Grünling, que viera atrás deles. Lisa apanhou apenas por alto a conversa dos dois. De repente, sentia-se muito cansada e sentou-se num dos bancos.

– É da descompressão dos nervos – disse Marie, passando-lhe um lenço, pois tinha o rosto coberto de suor. – Ainda bem que o Paul veio, assim ele pode levar-te já para a Vila dos Tecidos. Tu e o teu bebé precisam agora de uma cama confortável e de uma soneca.

– Não, Marie. Eu quero que venhas também.

– Mas... mas, Lisa. Tu sabes que...

Marie sentiu um conflito interior. Dispusera-se de bom grado a acompanhar Lisa naquela audiência. Mas, depois, a sua ideia fora chamar um carro de aluguer para Lisa e ir para o ateliê. Tinha adiado as marcações de duas clientes para a parte da tarde e ainda precisava de tratar de algumas coisas antes. Além disso, não estava nos seus planos entrar na Vila dos Tecidos. Muito menos assim de surpresa, sem se fazer anunciar.

– Peço-te, por favor, Marie – insistiu Lisa. – Preciso de ti. És a única pessoa em quem eu confio.

Paul interveio. Não deviam discutir aquele assunto ali no corredor do tribunal. Deu então o braço a Lisa e conduziu-a até às escadas.

– Não compreendo este teatro, Lisa – disse-lhe ele baixinho, enquanto desciam as escadas. – A mamã está na Vila dos Tecidos, e também a senhora Von Dobern.

Num primeiro momento, Lisa não conseguiu responder, porque uma dor insuportável lhe comprimia a barriga. Oh, céus, que lhe estava a acontecer? Seriam contrações? Foi tomada pelo pânico.

– A senhora Von Dobern? Aquela fulana que envenena a mamã com as suas gotas? Essa não a deixo chegar perto. Ponho-me a gritar e atiro coisas ao ar se ela entrar no meu quarto.

– Controla-te, por favor, Lisa! – sibilou Paul. Marie seguia atrás deles e, a seu lado, Klaus von Hagemann, o advogado Grünling ficara para trás, já que ainda tinha de guardar a beca preta.

– Calma – disse Klaus. – As mulheres grávidas são por vezes um pouco... difíceis. Mas de modo nenhum as devemos contradizer.

Lisa viu Paul a virar-se para trás para olhar para Marie. O rosto de Marie indicava uma recusa.

– Acho que nos conseguimos arranjar bem sem ti – disse-lhe Paul.

– Também acho – retorquiu Marie com frieza.

– Nesse caso, vou chamar-te um carro.

– Não é preciso, vou a pé.

Lisa foi primeiro acometida por uma contração e depois por uma tremenda onda de autocomiseração. Estavam a decidir sem lhe perguntarem nada. Ninguém lhe ligava nenhuma. Nem sequer Marie.

– Podem por uma vez, uma só vez, fazer o que eu quero? – ouviu-se a si mesma a berrar. – Eu estou a ter uma criança, ora bolas. E preciso da Marie. Quero a Marie ao meu lado. Ouviram? Marie. Marie!

Ficaram parados no vestíbulo de entrada do edifício e a sua voz ressoou em todos os corredores. O porteiro, que estava no seu casinhoto, fitou-a de olhos horrorizados, dois senhores com pastas de documentos sob os braços estacaram, o advogado Grünling, que os alcançara por fim, tropeçou no último degrau das escadas e esbarrou contra o corrimão.

– Não te enerves, Lisa – disse Marie com uma voz calma. – Eu vou contigo.

Nos minutos que se seguiram, Lisa estava plenamente ocupada a recuperar o fôlego. Depois, alguém – Paul? – ajudou-a a descer os degraus da escadaria exterior e ela entrou num automóvel. Klaus ficou parado no passeio e despediu-se com um aceno. Desejou que corresse tudo bem. Marie sentou-se a seu lado, pousou as mãos em cima da sua barriga, sorriu-lhe.

– Estou a sentir. São contrações. Fica muito dura, não é? Vou tê-lo aqui no carro, Marie?

– Claro que não. Ainda tens muito tempo.

– Mas dói... dói tanto.

– Querida, isso passa. Em compensação, vais receber de volta o mais maravilhoso presente que há.

Marie encontrava as palavras certas, ela soubera que sim. Lisa ia pôr uma criança no mundo – porque se estava para ali a queixar? Não se zangara anos

a fio com Deus e o mundo por não conseguir engravidar?

– Oh, Marie, tens tanta razão.

De repente, tudo lhe parecia cor-de-rosa. Mas não era Humbert quem estava a conduzir o carro? Que bom que o pobre rapaz já se sentia melhor e que podia voltar a assumir tarefas na Vila dos Tecidos! E lá na Vila estava a pequena Gertie, aquela rapariga bonita e esperta. Ia chamar imediatamente a parteira. E, evidentemente, a mamã também a acompanharia. Ia telefonar a Kitty. Mas é claro, a sua irmã mais nova também deveria estar por perto, afinal de contas, ela própria ajudara Kitty quando dera à luz a Henny. Não, ela sentia-se bem. Só algumas pequenas contrações. Tudo ia passar. Estender-se-ia simplesmente na cama e ficaria à espera. Daí a uma hora já teria o bebé nos braços. Hora e meia, no máximo. Se calhar até demorava menos. Pensou no berço de madeira que a mamã mandara trazer do sótão e que estava agora à espera, com almofadas de fronhas lavadas e um dossel branco todo rendado.

– Gostaste da cerimónia? – perguntou alguém com ironia na voz.

Paul estava sentado no banco do passageiro ao lado de Humbert, virara-se de lado e dirigia-se a Marie.

– Não! – retorquiu Marie bruscamente.

Ela soava fria. Era evidente que queria ser deixada em paz. Mas Paul não se deixou intimidar. Puxara o chapéu fundo sobre a testa, os seus olhos cintilavam, belicosos.

– Ah, não? Estou admirado. É minha plena convicção de que também estarás interessada num «divórcio feliz».

Lisa sentiu a mão de Marie a contorcer-se.

– Então estás muito enganado.

Humbert teve de parar o carro, já que um professor com um grupo de alunos estava a atravessar a estrada. Eram alunos do Liceu de Santo Estêvão, caminhavam obedientemente dois a dois e seguravam nos gorros da escola, para que o vento não os levasse da cabeça.

– E então qual é a tua ideia? – perguntou Paul, furioso, quando o carro prosseguiu a marcha. – É que o estado de coisas atual é insustentável!

– Estou à espera de que me aceites tal como sou! – Marie conseguia falar com muita energia. Lisa não teria pensado que ela era capaz de tanto. Ao que parecia, Paul também não, já que se calou um instante e parecia estar a refletir.

– Não compreendo o que queres dizer com isso. Alguma vez te desprezei? Tratei-te mal? O que queres na verdade de mim?

Um nó corredio apertou o laço à volta da barriga de Lisa e apertou tão vigorosamente que ela já mal conseguia respirar. Ela gemeu baixinho. Agora aquilo já estava a ir longe de mais. Era mesmo uma dor horrível!

– Quero que me reconheças como filha dos meus pais. O Jakob Burkard era o meu pai. E a Luise Hofgartner era a minha mãe. E nenhum dos dois vale menos do que o Johann e a Alicia Melzer.

– Alguma vez pus isso em dúvida?

– Sim, puseste. Ofendeste a obra da minha mãe, querias esconder os quadros dela no sótão.

– Mas isso é um perfeito disparate! – resmungou Paul, batendo, zangado, com o punho nas costas estofadas do assento.

– Se achas mesmo que é um disparate, então já não há mais nada a dizer entre nós!

– Ótimo! – gritou ele. – Mas vou tirar as devidas consequências disso!

– Faz isso! – gritou Marie, indignada. – Estou à espera do momento em que vais fazer valer o teu poder.

Lisa não parava de gemer. Os solavancos do carro nas pedras da calçada iam acabar por a matar. Ainda por cima, estavam sempre a ter de parar. Peões. O elétrico. Uma carroça puxada a cavalo, cheia de caixas. E depois meteu-se ainda um táxi à frente deles e cortou-lhes o caminho.

– Podem parar de discutir de uma vez por todas? – queixou-se ela. – Não quero que o meu bebé nasça num ambiente assim. Façam o favor de levar isso em consideração!

Paul fitou-a, impotente, e voltou a sentar-se direito.

– Anda lá, Humbert. É avançar. Ultrapassa esse caracol! – ordenou ele.

Humbert pisou no acelerador e, com uma manobra perigosa, passaram ao lado de um carro com uma parelha de cavalos a trepidar por ali fora. Um bando de pombos esvoaçou, assustado, e passaram pela Porta de Jakob a pelo menos sessenta à hora, o carro baloiçava e as mãos de Lisa contraíam-se dentro do casaco de Marie. O edifício e os prados da Haagstrasse passaram por eles a deslizar como sombras e ela ouvia a voz apaziguadora de Marie.

– Não te enerves. Só estamos a discutir um bocadinho. O teu bebé tem mais com que se preocupar. Quer sair para o mundo e isso dá muito trabalho. Estamos quase lá. Lisa? Lisa, estás a ouvir-me?

Perdeu efetivamente os sentidos por instantes. Algures entre o céu e a terra, flutuara em nuvens de nevoeiro cinzentas e agora caíra de novo de chofre no mundo difícil e hostil.

Humbert fez uma curva apertada para virar para o portão do jardim, conduziu como o demónio pela alameda despida, borrifando à direita e à

esquerda a água castanha das poças, e então entraram no pátio.

– Julius! Gertie! Else!

Enervado, Paul subiu a correr os degraus até à entrada da Vila, deu instruções caóticas e pôs os empregados em polvorosa. A senhora Von Dobern ficou parada na entrada, como quem ganhara raízes, e olhou lá para baixo, para o automóvel, de onde saía agora Marie.

– Humbert – disse Marie. – Precisamos de uma das cadeiras de verga do vestíbulo. E diz ao Julius que tem de ajudar a transportá-la. – Lisa tinha agora toda a certeza de que não ia sobreviver àquele parto. Pessoa alguma conseguia suportar dores assim. Desesperada, agarrou-se com força aos espaldares dos assentos da frente e só passado algum tempo percebeu que a ideia era sair do carro para se sentar numa cadeira de verga.

– Não posso... não consigo. As escadas.

– Sabemos isso, Lisa. Vamos carregar-te pelas escadas acima e pomos-te na cama.

Marie estava calma e contida como sempre. Julius agarrou no braço esquerdo da cadeira, Paul pôs-se do outro lado. A cozinheira surgira sabe-se lá de onde e deu uma ajuda, também Humbert fez o melhor que pôde.

– O Colosso de Rodes seria mais leve – gemeu Paul.

– Esperemos que a cadeira aguente! – disse Else, parada ali ao lado de semblante ansioso.

– Se cair pelas escadas abaixo, é o fim! – exclamou Serafina. – Porque não a deixam cá em baixo?

– Na cozinha está quente, pode ter o bebé lá – sugeriu Dörthe. – Ou na despensa.

Marie coordenou o transporte sem dar atenção às conversas.

– Subam por aqui. Devagar. Abre a porta, Else... Onde está a Gertie?

– Está num instante a pôr alguns lençóis velhos em cima da cama. Para que depois não fique tudo...

– Muito bem. A mamã que chame a parteira.

A cadeira de verga chiava, Julius contorcia a cara a olhos vistos devido ao esforço, Paul gemia baixinho, a senhora Brunnenmayer, que segurava na cadeira por trás, não emitia um único som. Só se ouvia bufar.

Na soleira da porta do quarto, o braço esquerdo da cadeira rompeu-se, a cadeira tombou para o lado, mas conseguiram pousar Lisa no chão mesmo a tempo.

– Toca a desembarcar, jovem família. Para a cama.

Nos últimos passos que deu, ia mais a oscilar do que a andar, mas depois caiu em lençóis frescos e macios, sentiu a almofada de penas sob a cabeça, alguém lhe descalçou os sapatos, levantou-lhe as pernas para que se pudesse estirar. Mas então foi novamente atacada pela contração seguinte e, de repente, a cama, os lençóis e a almofada de penas perderam totalmente a importância. Importava apenas aquela dor diabólica que a cingia a partir das costas e a comprimia toda.

– Marie... Marie, estás aí?

Sentiu uma mãozinha firme a massajar-lhe a barriga.

– Estou aqui, Lisa. Vou ficar o tempo todo contigo. Relaxa. Está a correr bem.

– Nesse caso, não precisam aqui de mim para nada – ouviu ela a voz de Paul.

- Sem dúvida – disse Marie.
- Vocês não discutam – disse Lisa num gemido.

Passou-se uma hora. Duas horas. Quanto mais tempo ainda? Estava no fim das suas forças. Entretanto, a parteira chegara e volta e meia remexia-a toda, enfiava-lhe os dedos entre as pernas, carregava-lhe na barriga, escutava com um tubo comprido.

- Está quase... está quase.
- Já não aguento mais!
- Coragem, vá.

Marie arrefecia-lhe a testa, dizia-lhe palavras de coragem, segurava-lhe a mão. Gertie trouxe-lhes canapés, café, uma sobremesa. Nem Marie nem Lisa lhes tocaram, a parteira devorou os canapés, bebeu o café e pediu uma caneca de cerveja.

- Isto pode ainda durar pela noite fora.

Kitty apareceu no quarto, caótica e tagarela como sempre, afagou a face de Lisa, beijou-a na testa. E depois falou do nascimento de Henny e como estava amorosa a pequena ali deitada na sua caminha.

Três horas, quatro horas, cinco horas. Veio o fim da tarde, fez-se noite. Por vezes, as contrações davam-lhe algum sossego, ela ficava deitada de costas, os olhos fechavam-se e passava pelas brasas. Mas depois a maldita parteira fazia-lhe uma coisa qualquer na barriga e as dores voltavam, piores do que dantes, tão insuportáveis que preferia morrer a ter de aguentar mais aquele tormento.

Pela manhã, quando uma luz descorada atravessou as frestas entre os cortinados, a criança decidiu fazer uma última tentativa desesperada.

– Força! Faça força! Mais força! Mais, mais. Não é propriamente uma pessoa fraquinha. Vamos lá. A todo o vapor. Mande isso cá para fora. Lance-o ao mundo. Não desista.

Ela não sentiu o que estava a acontecer. O seu corpo trabalhava sem que ela tivesse intervenção alguma. A dor esmoreceu e passou. Sussurros à sua volta. Estava demasiado exausta para compreender.

– O que se passa com ele?

– O tubinho... Agarrar pelos pés. Bebeu demasiado líquido amniótico.

A parteira segurou uma coisa azulada e cheia de sangue por cima dela, baloiçava, foi tratado com palmadas, a parteira pousou-o em cima da sua barriga, aspirou com um tubinho, levantou-o de novo. Pendurou-o pelos seus pezinhos minúsculos.

– Santíssimo Deus do céu – murmurou alguém junto à sua cama.

– Maria, mãe de Deus. Ajudai-nos na aflição.

Era Else. Lisa fitou aquela estranha criatura que pairava no ar e que, isso era evidente, saíra de dentro dela. Soltava um gemido baixinho e deplorável. Os bracinhos agitavam-se. Pendia ainda da sua barriga a ponta do cordão umbilical, como uma gorda minhoca vermelha.

– Ora muito bem! Um rapaz cheio de força. Foste preguiçoso, pequenote. Deste-me muito que fazer a noite toda.

Lisa ligou pouco ao que a mulher continuou a fazer com ela. Deixou que tudo acontecesse, já quase nem reparou que estava a ser lavada, que lhe faziam a cama de lavado, que lhe vestiam uma camisa de noite.

– Oh, Lisa, a minha pequena Lisa.

Era a mamã. Estava sentada na borda da cama e envolvia a filha com os braços.

– Mas que esplêndido rapaz! Estou tão orgulhosa de ti, Lisa. Sabes o que pensei? Podíamos chamar-lhe Johann. Que achas?

– Sim, mamã.

Que coisa tão estranha. Nunca sofrera tanto na vida. Mas também nunca se sentira tão feliz.

Devido ao feliz acontecimento, Julius esmerara-se especialmente a pôr a mesa do pequeno-almoço no domingo. A toalha de mesa branca de damasco fora coberta com um *voile* alvíssimo com delicadas bainhas com rendas de bilros. Três beladonas vermelho-vivas totalmente desabrochadas, rodeadas de verdes ramos de pinheiro, ornavam o centro da mesa e, para combinar, Julius escolhera o serviço salpicado de flores e os guardanapos de tecido que Alicia trouxera em tempos para a Vila como parte do seu dote. Estavam bordados com o seu monograma, um A, em torno do qual se entrelaçavam um pequeno v e o M. Alicia von Maydorn.

– Muito agradável, Julius – observou Paul. – Traga o café apenas depois de as senhoras chegarem.

– Muito bem, senhor Melzer.

Julius voltou a pousar a cafeteira no aquecedor e fez uma reverência. Era realmente um pouco antiquado, o bom homem. Tão rígido e o rosto quase sempre imóvel, como se nada o pudesse afetar. Enfim, aprendera o ofício numa casa da nobreza.

Paul sentou-se no seu lugar e olhou para o relógio. Já passavam dez minutos das oito – porque é que, nos últimos tempos, a mamã chegava sempre tarde ao pequeno-almoço? Antigamente, queixava-se da falta de pontualidade da família e agora era ela quem não cumpria os horários das refeições. Recostou-se na cadeira e tamborilou com os dedos na toalha de mesa.

Que se passa comigo?, pensou. Porque estou tão mal-humorado logo pela manhã? Afinal de contas, é domingo e a missa só começa às onze. Há mais do que tempo para tomar o pequeno-almoço com toda a calma.

Mas o desassossego mantinha-se e teve então a certeza de que tinha que ver com essa tarde. Cerca das duas horas, Kitty traria os filhos à Vila dos Tecidos e então tinha de decidir o que fazer com eles. Passara metade da noite a pensar no assunto e delineara diversos planos, mas acabara por descartar todos eles. O desapontamento com o último encontro ainda lhe estava atravessado na garganta e sentira-se ainda mais violentamente afetado porque ele se esforçara especialmente por arranjar alguma coisa de que ambos pudessem gostar. Mas Leo pusera-se de olhos cerrados diante da máquina de estampagem e tapara os ouvidos com as mãos. E Dodo, aquela pequena atrevida, besuntara-se de tinta preta quando se aproximou demasiado do rolo de impressão. Ele tivera de a arrancar da máquina, caso contrário ainda teria entalado os dedos. Mais tarde, quando estavam sentados no carro, ele tentara explicar-lhes que, no futuro, todas as máquinas trabalhariam com eletricidade e que as máquinas a vapor da fábrica seriam totalmente inúteis. Mas isso não interessara nada aos jovens patrões. E, no entanto, já tinham idade mais do que suficiente para compreender este tipo de coisas. Ele próprio teria ficado na sua altura muito contente se o pai lhe tivesse mostrado os procedimentos da fábrica tão cedo.

– Porque não fazes uma coisa bonita com eles? – perguntara Kitty quando os foi buscar. – Vai com eles ao circo. Ou ao cinema. Ou ensina-os a pescar. Em tempos não costumavas correr pelos prados com os teus amigos e depois apanhavam peixes no ribeiro?

Ele pedira-lhe que guardasse as suas sugestões para si. Circo! Cinema! Ele era por acaso o brincalhão de serviço? Não tinha intenção nenhuma de forçar o afeto dos seus filhos de formas tão baixas. Era responsável pelo seu desenvolvimento, era sua tarefa conceber a sua educação, abrir-lhes caminhos

para o futuro. E, além disso, no ribeiro Proviant há muito que já não havia peixes.

Ora, finalmente! A mãe entrou e a seu lado estava a incansável Serafina. As duas cumprimentaram-no, elogiaram Julius pela bonita mesa do pequeno-almoço e ocuparam os seus lugares.

– Fomos ainda rapidamente ver a Lisa e o pequenino – relatou a mãe, enquanto desdobrava o guardanapo. – Meu Deus, olhe só para isto, Serafina. Eu fiz este bordado há uns bons quarenta anos. Na altura, não sabia que um dia me tornaria na senhora Melzer e que o destino me traria para Augsburg.

– Oh, que bonito – disse Serafina, observando arrebatadamente o bordado. – Hoje em dia é raro ver-se um trabalho tão requintado.

Julius serviu café, passaram em volta o cestinho com os pãezinhos de domingo, que a cozinheira pusera no forno logo de manhã cedo. Com os olhos a brilhar, a mãe falou do pequeno Johann, que estava deitado no berço tão rosado e bem-comportado e que tinha punhos grossos como os de um lutador de boxe.

– Pesava mais de três quilos e meio à nascença, imaginem só. Tu, Paul, nasceste com pouco mais de dois quilos e setecentos.

– Ah, sim? Infelizmente, não me lembro, mamã.

Ninguém se riu da sua piada. Serafina cortou o seu pãozinho e barrou-o com manteiga, a mamã explicou que Lisa nascera com três quilos e cem e Kitty também com dois quilos e setecentos. Ele assentiu e achou bizarro as mulheres classificarem os seus bebés em quilos e gramas. E, já que o faziam, era algo irritante saber que a irmã pesara quase mais meio quilo do que ele quando posta na balança.

– Estou tão contente por ter tudo corrido bem – disse a mãe, suspirando. – Eu não queria dizê-lo a ninguém, mas passei muitas noites acordada cheia de preocupação. Este ano a Lisa faz trinta e dois anos, já é muita idade para ter a primeira criança.

Serafina discordou. O que importava não era a idade, mas sim a constituição da pessoa. Lisa fora sempre uma pessoa robusta e depois beneficiara, evidentemente, de uma «juventude protegida». Estava assim a aludir às jovens dos bairros dos trabalhadores, que amiúde já com treze anos haviam tido experiências com homens.

– Mas é uma vergonha o batizado ter de ser celebrado sem o pai – observou ela em seguida, pestanejando maliciosamente à volta da mesa.

Paul sentiu o olhar da mãe a rogar-lhe ajuda, mas apetecia-lhe pouco abordar aquele tema delicado na presença da governanta. Ontem tivera a oportunidade de conversar brevemente com Kitty, que lhe contou que Lisa se teria aberto com Marie. Logo com ela! Não havia nada a fazer, teria de ter uma conversa com Marie. Lisa, aquela teimosa, calava-se obstinadamente quando se tratava de falar sobre o pai da criança.

– Enfim, como mulher divorciada, Lisa deveria de qualquer modo abster-se de uma vida pública – observou Serafina. – Sobretudo porque a família Melzer tem um certo papel a desempenhar em Augsburg, pelo que seria embaraçoso.

– Um pãozinho, por favor? – interrompeu-a ele.

– Como?

– Eu quis dizer: teria a bondade de me passar um pãozinho, senhora Von Dobern?

– Mas de bom grado, caro Paul.

Aquela conversa tirava-o do sério! Ela não reparara que ele a tratara pelo apelido? Mas continuava a insistir em tratá-lo por «caro Paul».

– Estou ansiosa por ver o que a Dodo e o Leo vão achar do novo primo – disse a mamã. – A Kitty vai trazer os dois depois do almoço, não é?

– Isso mesmo.

Ele pigarreou vigorosamente, pois entrara-lhe uma migalha para a garganta, e estendeu então a chávena na direção de Julius para que lhe servisse mais café. Que chatice. Ainda não tinha nenhuma ideia. Deveria, afinal, ir a uma sessão de cinema com eles? Dizem que aqueles comediantes americanos são mesmo muito engraçados. Buster Keaton. Charlie Chaplin. Mas não seria um desperdício de tempo ficar apenas sentado com as crianças numa sala de cinema?

Não teve a oportunidade de continuar as suas reflexões, já que Julius se precipitou para a porta. Lisa veio tomar o pequeno-almoço. Ainda roliça, mas de faces rosadas e com um sorriso satisfeito, entrou na sala, acenou para todos e sentou-se. Julius, que não pusera um lugar para ela à mesa, quase tropeçou a dispor a chávena, o prato, o guardanapo e os talheres.

– Lamento profundamente, senhora Von Hagemann. Não sabia que ia descer para o pequeno-almoço.

– Não tem problema, Julius. Fique tranquilo. Obrigada, não vou querer café. Há chá?

Alicia afagou-lhe a mão e quis saber se o pequeno estava a dormir. Ou se tinha mamado. Se concordava em chamar Rosa Knickbein para vir para a Vila dos Tecidos, que era uma ama já com provas dadas?

– Uma ama, sim! Mas de uma ama de leite não preciso mesmo, mamã. Estou quase a rebentar de tanto leite.

O semblante de Serafina ficou hirto e também Paul considerava que aquele tema não era propriamente adequado à mesa do pequeno-almoço. Por outro lado, estava contente com a felicidade de Lisa com o seu estado de mãe. Com ou sem marido, parecia, pela primeira vez na vida, absolutamente satisfeita consigo mesma. Ocupava o seu lugar com uma expressão descontraída e alegre, deixou que a mãe lhe barrasse um pãozinho com manteiga e mexeu o açúcar no chá.

– Se bem entendi, a seguir ao almoço a Dodo e o Leo vêm visitar-nos, não é? Já pensaste no que vais fazer com eles, Paul?

Mas porque é que todos os elementos da família tinham de abordar aquele tema tão delicado?

– Ainda não tomei uma decisão – retorquiu, rabugento.

– A Dodo de certeza que vai querer ver uns aviões quaisquer e o Leo só tem uma coisa na cabeça: tocar piano – disse Lisa, com um sorriso vagamente maldoso.

– As crianças devem aprender desde cedo a respeitar os desejos dos pais – disse Serafina em tom doutoral. – Podem não gostar, mas é necessário. Não queremos criar revolucionários, pois não? Pontualidade, diligência e, sobretudo, sentido do dever continuam a ser garantia de uma vida bem-sucedida.

– Quanto a isso tem razão, cara Serafina – observou a mãe, antes que Lisa pudesse dizer alguma coisa. – Também acho que devíamos considerar as virtudes prussianas na educação dos nossos filhos.

Lisa tirou o topo do ovo quente com um gesto ágil. Paul calou-se. Em princípio, não tinha nada a opor a tais afirmações. Não obstante...

– Se não tiver nenhuma objeção, caro Paul, eu podia fazer um simpático passeio com os dois – sugeriu Serafina.

– Muito bem – considerou também a mãe. – E depois lanchamos juntos e jogamos um pouco ao ludo.

– Oh, sim, de certeza que vão ficar entusiasmados! – observou Lisa com ironia.

– Minha querida Lisa – disse Serafina com um sorriso brando. – Ainda tens algumas coisas a aprender acerca da educação das crianças.

Lisa mastigou o pãozinho com manteiga e olhou para Serafina sem dizer nada. Gerou-se um breve silêncio, ouviu-se um resmungo baixinho vindo do segundo andar, que se intensificou e transformou num vagido. Lisa fez menção de se levantar, mas Serafina agarrou-a pelo braço com um gesto suave, mas enérgico.

– Não, não, assim não pode ser. Tens de habituar o teu filho a horas certas, Lisa. Caso contrário, vai tornar-se num pequeno tirano.

– Mas ele tem fome!

A senhora Von Dobern dobrou cuidadosamente o seu guardanapo e pousou-o ao lado do prato.

– Não vai propriamente morrer se chorar durante uma horinha. Fortalece os pulmões.

Paul já estava a imaginar, afinal de contas, conhecia a irmã. Lisa acumulava a sua fúria e depois, por norma, explodia quando ninguém estava à espera. A

louça tremeu, a cafeteira quase tombou do aquecedor quando Lisa bateu com os dois punhos na mesa.

– Esta foi a gota de água! – gritou ela, olhando zangada para todos os presentes à mesa.

– Lisa! – sussurrou a mãe, assustada. – Peço-te.

Mas Lisa não lhe prestou atenção.

– Tu podes achar que dás a volta à mamã e ao Paul, Serafina. Mas a mim não me vais dizer como devo lidar com o meu filho!

Serafina começou a respirar com tanta força que temeram que pudesse cair da cadeira abaixo.

– Mas, Lisa, controla-te, por favor. Alicia, minha querida, mantém-te calma. As mulheres acabadas de dar à luz tendem para a histeria.

Foi a palavra errada no momento errado, já que agora atiçara realmente a fúria de Lisa.

– Para lá de uma vez por todas de te esconderes atrás da mamã, sua cobra falsa! – exclamou com a voz estridente. – A Marie tem toda a razão. És uma intriguista. Desde que te mudaste para esta casa, só há desgraças e discussões!

Lisa parecia-se agora com uma deusa da vingança da antiga Grécia. Uma deusa da vingança bem nutrida.

Serafina olhou para Alicia em busca de ajuda, depois para Paul. Ele sentiu-se na obrigação de acalmar Lisa, mas não chegou a dizer nada.

– Vou dizer-te uma coisa, mamã – prosseguiu Lisa, bufando de raiva na direção de Serafina. – Não estou disposta a fazer as minhas refeições na presença da governanta. Se me continuares a obrigar a fazê-lo, pego na criança e mudo-me para casa da Kitty na Frauentorstrasse!

Paul viu a mãe a ficar paralisada, a compota de morango verteu do pãozinho que tinha na mão para cima do prato. Paul fez uma tentativa cautelosa.

– Por favor, Lisa. Não queremos fazer um drama.

– Estou a falar absolutamente a sério, Paul! – atacou-o a irmã. – Faço as minhas malas já hoje!

– Não – disse a mãe, subitamente determinada. – Não vais fazer isso, Lisa. Não o vou permitir. Serafina, lamento muito.

O inacreditável aconteceu. Sob o olhar encorajador da mãe, a senhora Von Dobern levantou-se lentamente da cadeira, lançou mais uma vez um olhar inquisidor na direção de Paul, que encolheu os ombros, como quem diz que não tinha intenção nenhuma de intervir na situação. Julius estava parado junto à porta, de semblante impassível, apenas os seus olhos se arregalavam, como se quisessem saltar-lhe da cabeça. Quando abriu a porta a Serafina para a deixar sair para o corredor, o seu movimento foi mais ágil do que nunca.

– Pronto! – disse Lisa, bebendo o resto do chá da chávena. – Agora sinto-me muito melhor!

– Este espetáculo era necessário? – perguntou Paul, irritado. – Consigo compreender os teus sentimentos, mas a situação também poderia ter sido tratada de forma mais discreta.

Lisa encarou-o com um olhar estranho. Desafiador e, ao mesmo tempo, triunfante. Sem lhe dar uma resposta, virou-se para Alicia.

– Sê uma querida, mamã. Tens de me vir já ajudar a mudar a fralda. A Gertie ainda está lá em baixo na cozinha.

– Estou com uma terrível dor de cabeça, Lisa. Pede à Else que te ajude.

Lisa levantou-se, transbordava agora de energia.

– A Else? Ah, credo. Essa desmaia só de abrir a fralda e ver a pilinha. Anda lá, mamã. O teu neto precisa de ti. Podes ter dores de cabeça mais tarde.

Alicia sorriu debilmente e considerou que já há muito que não mudava uma fralda. Além disso, antigamente, quem costumava fazer isso era a ama. Mas levantou-se e seguiu atrás de Lisa. Quando Julius lhes abriu a porta, ouviu-se o choro enérgico do pequeno Johann.

Mas que cena aquela! Um verdadeiro terramoto! Paul, que ficara na sala de jantar, sentia-se subitamente muito abatido. Levantou-se e aproximou-se da janela, puxou o cortinado para o lado e olhou para o jardim invernos. Naquele dia, ele estivera ali. O pai servira-lhe uísque para o acalmar, já que, lá em cima, Marie estava em trabalho de parto. Há quanto tempo fora já isso? Nove anos. Agora o pai já não estava vivo. Marie também já não estava ali. E só via os filhos esporadicamente. Como era possível aquilo ter acontecido? Amava Marie mais do que qualquer coisa no mundo. Também amava os dois filhos. Maldição! Mesmo eles não sendo como ele desejara, eram ainda assim sangue do seu sangue e ele amava-os.

Alguma coisa tinha de acontecer. Era preciso deitar os muros abaixo. Pedra após pedra. Não importava quanta força isso lhe custaria. Não importava a quanto tivesse de renunciar por isso. Não ia desistir até os ter novamente consigo. É que, sem eles, não havia mais razão nenhuma para viver.

Depois do almoço, tomado sem a presença de Serafina, pôs-se de pé diante da janela do escritório e esperou. Havia corvos poisados nos ramos despidos, o chão estava duro de tão gelado, pequenos flocos de neve, minúsculos como cristais de gelo, rodopiavam no ar. Quando viu o carro de Kitty a virar para o jardim, algo desengonçado e a aproximar-se lentamente e aos solavancos da

Vila dos Tecidos, ainda não tinha um plano. Sabia apenas uma coisa: queria passar aquela tarde com os filhos, estar perto deles.

Observou Kitty a dar duas voltas ao redondel do pátio, algo que fazia de propósito para divertir os dois pequenos. Quando, por fim, parou, os dois saíram do carro, primeiro Dodo e depois também Leo. Fizeram-no sem entusiasmo, quase contrariados. Leo segurava o gorro de pelo na mão, Dodo tentou deslizar pela calçada coberta de gelo, mas parou logo em seguida. Uma pista de gelo, pensou ele. Na infância, ele e os amigos haviam feito uma no caminho do prado. Um após outro, escorregavam pelo caminho fora até o chão ficar liso como gelo puro. E depois, quando estavam mesmo a divertir-se, o agricultor expulsou-os...

Desceu as escadas a correr até ao vestíbulo, onde Gertie tirava os casacos das crianças e lhes dizia que descalçassem as botas. Dodo soltou um risinho, porque perdera a meia esquerda, Leo tentava lançar o gorro de pele tão habilmente que ficasse pendurado num dos ganchos do cabide. Quando os dois viram Paul, fizeram cara séria.

– E então, como estão os dois? Estão bem?

Dodo deixou a meia no chão e fez uma vénia, Leo fez uma tentativa de reverência.

– Sim, papá.

– Bom dia, papá.

Como estavam formais. Alguma vez lhes exigira tal coisa? Isso magoou-o. Não queria que os seus próprios filhos o cumprimentassem como se fosse o mestre-escola.

Kitty apareceu do fundo do vestíbulo, onde estivera a arranjar o cabelo em frente do espelho.

– E como achas que estão, Paulinho? Bem, evidentemente. Nós estimamos e cuidamos da nossa canalhada, alimentamo-los e enchemo-los de comida. Boa tarde para ti, irmãozinho. Deixa-me abraçar-te. Hoje estás com um ar mesmo terrível. Tens coisas que te preocupem?

– Ah, Kitty.

Ela riu-se e pegou nas crianças pela mão.

– Agora têm de fazer muito pouco barulho. Como os ratinhos, está bem? Senão vão acordar o bebé. Gertie? Como estão as coisas lá em cima? Estes dois querem conhecer o novo primo.

– Acho que está neste momento a mamar.

– Oh, meu Deus do céu – disse Kitty. – Mas não importa quase nada. É assim a vida, meninos. Os bebés bebem do seio da mãe.

Paul teve uma vez mais a sensação de que os acontecimentos o ultrapassavam. Foi atrás de Kitty, que subiu as escadas até ao segundo andar com as crianças e desapareceu dentro do quarto de Lisa. Ele ficou parado no corredor, um pouco desorientado, e não sentiu que tinha o direito de também entrar.

– Diga às crianças que fico à espera delas no meu escritório, Else.

Demoraram mais do que ele pensara, pelo que passou o tempo a folhear um catálogo de teares contínuos de anéis, mas não se conseguia concentrar. Por fim, ouviu a voz de Kitty no corredor.

– Portem-se muito bem, vocês os dois. Até logo.

– Quando é que vens, tia Kitty? – perguntou Leo.

– Não venhas muito tarde, está bem? – pediu Dodo.

– Por volta das seis, acho eu.

Ele ouviu dois suspiros e pouco depois ouviu-se bater na porta do escritório.

– Já vou – gritou. – Vistam-se, vamos para o jardim.

Cochichos diante da porta. Quando ele saiu para o corredor, eles separaram-se e fizeram uma cara simuladamente inocente.

– A senhora Von Dobern também vem? – perguntou Dodo.

– Não.

Pareceram ficar aliviados. Paul quase esboçou um sorriso ao ver agora a pressa com que corriam aos saltos para o vestíbulo, calçavam as botas e vestiam os casacos. Gertie acorreu e pôs-lhes os cachecóis de lã à volta do pescoço, trazendo depois o casaco e o chapéu de Paul.

– Vamos passear? – indagou Leo, desconfiado.

– Veremos. Porque não pões o gorro? Está frio.

Leo rodopiou o gorro nas mãos, torceu o nariz e enfiou-o por fim pela cabeça abaixo.

– Que se passa? – perguntou Paul.

– Nada, papá.

Paul ficou impaciente. Porque mentia? Tinha assim tão pouca confiança em mim?

– Leo, fiz-te uma pergunta!

Calou-se, pois percebeu como a sua voz soou zangada. Dodo saltou em defesa do irmão.

– Ele detesta o gorro, papá. Porque lhe faz comichão. E porque os rapazes da turma se riem dele.

Ah. Era pelo menos uma explicação. E pelo menos já lhe permitia abordar a situação.

– É verdade, Leo?

– Sim, papá.

Paul hesitou. É evidente que Marie podia levar a mal. Afinal de contas, fora ela a oferecer-lhe aquele gorro no Natal. Mas, por outro lado...

– E que gorro gostavas tu de ter, Leo? – Incrédulo, o filho olhou para ele. Era um olhar que tinha até um pouco de desconfiança e Paul sentiu uma dorzinha. Leo não tinha realmente a mínima confiança nele.

– Um igual ao que os outros usam.

No ano seguinte, Leo transitaria para o liceu de rapazes e nessa altura o gorro deixaria de ser problema. Mas até lá... – Então vamos primeiro à cidade e depois mostras-me numa montra qual é o gorro que queres.

– E... tu então compras-mo? – perguntou Leo.

– Se o puder pagar!

Sorriu, pôs o chapéu e saiu lá para fora para tirar o carro da garagem. Atrás dele, no banco de trás, ouviu novamente cochichos. Os dois continuavam muito juntinhos. Uma frente cerrada de irmão e irmã.

– Mas o papá é rico! – ouviu-se a voz de Dodo.

– É verdade – disse Leo –, mas não costuma comprar gorros. E, de qualquer modo, hoje é domingo, as lojas estão fechadas.

– Já vais ver.

Paul compreendeu subitamente que lhe seria muito mais fácil conquistar o coração da filha. Dodo era aberta, vinha ao seu encontro. E parecia confiar nele.

– Papá?

O carro avançava lentamente e com cuidado pela alameda em direção ao portão e ele estava já a pensar onde haveria de estacionar o carro na cidade.

– O que é, Dodo?

– Também posso conduzir?

Lá estava ela a ultrapassar as marcas. Ouviu literalmente a voz admoestadora da senhora Von Dobern e irritou-se ao mesmo tempo com isso.

– Não pode ser, Dodo. As crianças não podem conduzir carros.

– Só quero virar o volante, papá.

Hum. E porque não? Estava no seu jardim, na sua alameda. Ninguém tinha de lhe impor regras na sua propriedade privada. Parou o carro.

– Vem aqui para a frente. Tem cuidado, não sujes os bancos com as botas. Isso... Senta-te no meu colo. – Ela estava tão empolgada. Como se agarrava ao volante. A seriedade com que se dedicava àquela tarefa, os olhos semicerrados, a expressão determinada, os lábios comprimidos. Conduziu tão devagar quanto possível, ajudava-a quando lhe faltava a força, elogiava-a e declarou por fim que já chegava.

– Que pena! Quando for crescida, vou andar sempre no meu automóvel. Ou vou voar no meu avião. Também pode ser um planador.

Paul esperou até Dodo ter voltado a trepar para o banco de trás, olhou para trás com um ar indagador, mas Leo ficou calado. Ao que parecia, o filho não tinha vontade nenhuma de conduzir o carro.

Ao domingo, àquela hora, havia pouco movimento nas ruas de comércio do centro da cidade, tanto mais que o frio mantinha a maioria dos habitantes de Augsburg em casa, nas suas salas quentes. Apenas algumas pessoas perseverantes passeavam junto às montras, os senhores de bengala e chapéu rígido. Paul parou diante do armazém comercial central e ficaram a ver os gorros de criança expostos, mas nenhum era ao gosto de Leo.

– Que aspeto é que tem?

– É como o do Walter. Castanho, com abas de orelhas que podemos pôr para dentro. E à frente é mais comprido, tem uma espécie de escudo.

– Estou a ver.

Encontrou uma loja de moda de desporto e aí encontraram efetivamente o tão desejado gorro. Faltavam apenas as abas para as orelhas, mas não era assim tão problemático.

– Um destes, certo?

– Sim, é mesmo esse, papá!

Afinal tivera direito a um olhar radiante daqueles olhos castanho-azulados. Pararam algum tempo à frente da Casa dos Chapéus, onde Dodo não conseguia parar de olhar para os modelos de senhora. Depois, quando ele viu a pastelaria Zeiler no outro lado da rua e se encaminhou para lá, Dodo ficou como que pregada ao chão diante de uma pequena livraria. «Eisele. Arte e Edição de Livros. Jornais, Revistas, Literatura.»

– Aquele livro, papá!

Ela estava a apontar para uma obra com encadernação de tecido castanho e letras douradas.

– Otto Lilienthal, *O Voo das Aves como Fundamento da Arte de Voar*.

– Mas isso é um livro técnico, Dodo. Está escrito de uma forma muito difícil. Não ias perceber palavra.

– Mas sim!

– Isso não faz sentido nenhum, Dodo. Não ias ter prazer nenhum a lê-lo.

Como era teimosa. Ocorreu-lhe se ela não teria herdado aquela obstinação da avó. Não da sua mãe, mas sim de Luise Hofgartner.

– É muito fácil, papá. Um avião voa como um pássaro. Também tem duas asas.

Contudo, neste caso, por sorte, ele tinha um trunfo na manga. E não hesitou em usá-lo.

– Temos este livro na biblioteca, Dodo. Podes lê-lo lá.

– A sério? Vamos já para a Vila dos Tecidos?

Mas que miúda louca. A boneca que a avó lhe comprara estava no sofá, intocada. Em vez disso, a jovem queria sem falta ler um livro sobre aviação que estava muito além das suas capacidades.

– Podemos ir ao cinema. Querem ver o que está a passar no Capitol?

O interesse foi moderado. Dodo queria voltar imediatamente para a Vila dos Tecidos, Leo encolheu os ombros.

– Se quiseres – disse ele, entediado.

Paul teve de se controlar de novo para não se irritar. Afinal de contas, a culpa era dele, porque é que se dera ao trabalho de perguntar? Pararam em frente da Dolges Musikhaus e examinaram um piano de meia cauda preto brilhante que estava exposto ao lado de dois pianos com castiçais de abrir e pernas talhadas.

- Aquilo não serve de muito – considerou Leo com ousadia.
- Porquê?
- Só se fosse com um piano de cauda grande a sério. Um *Bechstein*. Mas não esta tralha barata.

Inacreditável. De onde vinha aquela presunção do seu filho? Afinal, aquele instrumento não era propriamente barato.

- E porquê especificamente um *Bechstein*?
- São os melhores, papá. O Franz Liszt só tocava em pianos *Bechstein*. A senhora Ginsberg diz sempre que...

Interrompeu-se e olhou para Paul, inseguro.

- Então, o que diz a senhora Ginsberg?

Leo hesitou. Afinal de contas, sabia que o pai não estava contente com as aulas de piano com a senhora Ginsberg.

- Ela diz que o *Bechstein* tem um som muito nítido e ao mesmo tempo cromático. Mais nenhum o consegue.
- Muito bem, então.

Regressaram à Vila dos Tecidos e ele mostrou-lhes no pátio como se fazia uma pista de gelo. Dodo ficou deliciada, Leo achou primeiro que tudo aquilo era penoso, mas mais tarde demonstrou que sabia fazer tudo muito bem.

- Também fazemos isto no recreio, papá. Mas só quando o senhor Urban não está a ver.

Acabaram por se divertir enormemente os três quando a pista começou a funcionar como deve ser. Passado algum tempo, veio também Humbert, que também era muito hábil a deslizar, e até Julius veio experimentar. Também

conseguiu convencer Gertie, que veio igualmente tentar. Else e a senhora Brunnenmayer ficaram paradas à janela da cozinha, a abanar a cabeça, lá de cima a mãe estava sempre a chamar, dizendo que já chegava. Tinham agora de parar de se comportar como crianças, arriscavam-se a partir os ossos todos.

Quando Kitty passou perto das seis e meia para ir buscar as crianças, Dodo estava sentada ao lado de Paul na biblioteca e ouvia a sua explicação sobre como funcionava a impulsão, Leo estava ao piano a tocar Debussy.

– Tão cedo? – perguntou Leo, contrariado.

Março de 1925

– O Ebert morreu.

Auguste tinha o pequeno Fritz ao colo e tentava dar-lhe mais uma colher de papa de cenoura. Fritz abanava energicamente a cabeça, tinha as bochechas perigosamente insufladas.

– Quem é que morreu?

Gustav levantou os olhos do jornal estendido diante de si em cima da mesa. Agora compravam o *Augsburger Neueste Nachrichten*. Também a mesa e as cadeiras eram novas. Bem como o aparador, sobre o qual sobressaía uma caixa castanha com um pedaço de tecido redondo embutido e dois botões para rodar. Um rádio, o grande orgulho de Gustav.

– O presidente Friedrich Ebert. Morreu com uma apendicite.

– Ah, é?

Fritz cuspiu um repuxo de papa de cenoura, que se espalhou uniformemente pela mesa, o jornal, o tapete e a manga do casaco de Auguste. Gustav também foi apanhado por alguns salpicos.

– Esse rapaz está sempre atulhado de comida – ralhou ele, limpando o rosto com a manga.

Auguste pousou o esperneante Fritz no chão, que desatou imediatamente a correr sobre as suas pernas ainda algo vacilantes. Hansl, que esperara obedientemente, podia agora comer o resto da papa. Hansl não era esquisito, comia basicamente tudo o que lhe pusessem à frente. Por vezes, também coisas que seria melhor não comer, como beatas de cigarros ou rolhas de garrafas.

Auguste foi até à cozinha e voltou com um pano húmido, usando-o para limpar os salpicos vermelhos dos móveis bons e novos.

– Hoje avança-se com a construção? – quis ela saber de Gustav.

Este negou, irritado. Demasiado frio. A argamassa não ia endurecer. Tinham de esperar até estar mais calor. Os pilares que sustentariam o telhado tinham de ser firmemente cimentados. Os suportes de ferro e os travejamentos estavam ainda na cocheira, haviam sido fabricados pela serralharia Muckelbauer e Auguste pagara a pronto. Também as grandes vidraças já haviam sido entregues.

– Oxalá possamos pôr as vidraças lá dentro antes que comece outra vez a chover.

A nova estufa já devia estar pronta há muito. Mas Gustav não era propriamente um mestre de obras e os homens que arranjava para o trabalho também não eram da área. Havia escavado o chão e erguido alguns muros baixos, com esforço e dificuldade lá haviam conseguido terminar o chão. Mas depois começara a chover, a estrutura ainda não tinha telhado e tudo se enchera de água. Liesl dissera que, na verdade, era bonito, porque agora tinham uma piscina. Depois, em dezembro, congelara tudo, Maxl levava lá alguns dos colegas da escola para patinar e fora uma grande diversão.

Agora, em março, já deveriam estar a despontar as primeiras plantas. Gustav também já fizera a sementeira e distribuía os vasos por todas as janelas da casa.

Mas era tudo água mole em pedra dura: com uma estufa, tudo seria completamente diferente.

– Olha lá como uma pessoa se pode ir num instante – murmurou Auguste, enquanto limpava um salpico da madeira polida do rádio. – O senhor Ebert

não era propriamente velho.

– É como Deus quer – disse Gustav, virando a página do jornal para passar os olhos pelos anúncios.

Auguste agarrou em Fritz, que só fazia disparates na sala, e levou-o consigo para a cozinha. Assim tinha um motivo para fechar a porta da cozinha sem que Gustav ficasse desconfiado. Já de si não era bom tê-lo agora a maior parte do tempo sentado sem fazer nada, já que ficava a matutar em coisas tristes. Quando aquele maldito frio passasse por fim, então podia ocupar-se lá fora. Era o tipo de pessoa que tinha de ter as mãos enfiadas na terra, aí sentia-se feliz e satisfeito.

Auguste pousou Fritz no chão e deu-lhe duas colheres de pau para agarrar, ocupava-se mais com aquilo do que com o caro brinquedo de madeira que ela lhe comprara pelo Natal. De qualquer modo, ele usava os cubos de madeira apenas como projéteis, e o brinquedo de lata de Maxl também já estava estragado. Apenas a linda boneca de vestido de folhos cor-de-rosa ainda estava inteira, Liesl protegia-a como uma filha e colocara-a no topo do armário para que os irmãos não lhe chegassem. Enquanto o pequeno corria pela cozinha e batia com as colheres de pau, ora no fogão, ora na arca de madeira ou numa cadeira, Auguste abriu a gaveta da mesa e tirou o livro das contas da casa. Com um suspiro, abriu o gordo caderno, folheou, organizou as muitas contas que enfiara lá dentro. A maioria, por sorte, já estava paga, faltavam pagar apenas as sementes que Gustav comprara, duas pás médias novas e uma pá grande. E ainda a conta do vidreiro, que, sendo de algumas centenas de marcos, já fazia diferença. Mas como uma das vidraças se partira ao descarregar, só iria pagar quando a vidraça danificada fosse substituída.

O balúrdio de dinheiro que pedira emprestado a Maria Jordan desaparecera mais depressa do que pensara. Tinha ainda seiscentos marcos debaixo do colchão, era uma reserva irredutível, pois dali deveriam ser pagos, não apenas as vidraças, mas também os trabalhadores que iam construir o telhado da estufa e instalar as vidraças. Abriu um pouco mais a gaveta e tirou para fora a bolsa de dinheiro de couro. Couro castanho do bom, recebera aquela bolsa há anos como presente de Natal, na Vila dos Tecidos. Na altura em que se casara com Gustav, ou seja, ainda antes da guerra. A senhora Melzer pusera vinte marcos lá dentro e com eles ela comprara roupa de bebé para Maxl e umas calças boas para Gustav. Agora, o couro já estava bastante puído, mas ainda se mantinha sólido, apenas o conteúdo consistia essencialmente em alguns *pfennig*. Ainda lá se encontravam três moedas de um marco: mal chegava para as compras do dia.

Levantou-se num pulo, já que Fritz quase deitara abaixo a chaleira praticamente cheia que estava em cima do fogão, e deu-lhe uma chávena de lata na qual podia bater com as colheres de pau. Voltou então a sentar-se e remoeu o que poderia fazer para sair daquela situação.

Maldita e traiçoeira Maria Jordan! Estava-se mesmo a ver que aquela oferta generosa cheirava a podre. Pois sim: «Nos primeiros meses só tens de pagar pouquinho, quase nada.» Durante uns dois meses, aquela aranha sôfrega deixara-a em paz, depois escrevera-lhe uma carta dizendo que a partir de então teria a pagar cinquenta marcos por mês. Em janeiro, aumentara o valor para setenta marcos e informara-a de que lhe mandaria o oficial de justiça se Auguste Bliefert se atrasasse mais de um mês nos pagamentos. Auguste pusera Fritz no carro e levava Hansl pela mão e fora imediatamente até Milchberg pedir explicações àquela fulana cheia de cobiça. Mas Maria Jordan sorria

friamente e pusera-lhe diante do nariz o contrato com a sua assinatura e explicara-lhe que nos próximos anos ainda teria uma grande quantia de dinheiro a pagar e que aquilo era apenas o princípio.

– É mesmo assim quando queremos construir alguma coisa. Eu emprestei-te o dinheiro e também vou querer ganhar alguma coisa se fazes o teu negócio com o meu dinheiro. É o que estás a fazer, não é?

– É claro. Só que a estufa ainda não está de pé. E no inverno não conseguimos vender nada. Por isso, também não posso pagar juros.

Mas não tivera sorte com Maria Jordan. Teria ela achado que o dinheiro lhe fora oferecido? Que lho dera pelos seus lindos olhos e pelos dois fedelhos que arrastava atrás dela?

– Eu tenho de trabalhar muito para ganhar o meu dinheiro – afirmara Maria Jordan. – Nada me é oferecido, Auguste. E por isso também não ofereço nada. Por isso, trata lá de pagar, senão vou ao tribunal e mando penhorar o vosso terreno.

Auguste regressara a casa absolutamente furiosa. Aquela bruxa maldosa sabia exatamente o que fazia. Ela queria mas é o seu terreno, a terra pela qual ela trabalhara e poupara duramente, nela Maria Jordan queria agora deitar também as suas garras. Era um abutre, um feioso percevejo, uma ratazana acorada no canal, a morder os pés das pessoas. Trabalhava duramente para ganhar dinheiro? Ah-ah! Toda a gente sabe como. Passava o dia comodamente sentada na salinha das traseiras e lia o futuro das suas clientes abastadas numa esfera cheia de água. Quem lhe dera a ela poder ganhar o seu dinheiro de maneira assim tão fácil. Mas ela, Auguste, não tinha a lata de pedir tanto dinheiro por um tão grande punhado de mentiras. Seria preciso ser uma vigarista totalmente sem escrúpulos.

E, na verdade, porque é que uma mulher solteira, que já não ia para nova, precisava de tanto dinheiro? Na padaria, alguém contara que a senhora Jordan tinha agora a intenção de comprar a hospedaria Zum grünen Baum e fazer dela um «estabelecimento» muito especial. Com sofazinhos de pelo cor-de-rosa e canapés encimados com espelhos. E pensar que Maria Jordan fora em tempos diretora de um orfanato da Igreja. Mas os tempos eram outros, as jovens andavam por aí sem espartilho e com saias que mal passavam do joelho, deixando ver cada vez mais as barrigas das pernas. Não era pois de admirar que até dignos homens casados fossem levados para pensamentos errados.

Auguste quase ficara com medo pelo seu Gustav, apesar de ser um marido irrepreensível e fiel. Gustav fazia sempre o que ela lhe dizia. Acreditava também em tudo e nunca perguntava se ela lhe estava a dizer a verdade. Era o caso na maioria das vezes, só o enganara em relação à questão do dinheiro. Uma herança. Da tia. Nem sequer lhe dissera qual o valor exato, alegando apenas que agora podiam finalmente construir a estufa. Gustav ficara satisfeito com a explicação – ficava muito contente por a sua Auguste assumir a gestão das finanças domésticas. Nem que fosse porque as contas nunca foram o seu forte.

Para janeiro e fevereiro, ela tirara do dinheiro emprestado o pagamento mensal a Maria Jordan, pensando na verdade que lhe estava a devolver o seu próprio dinheiro. Mas entretanto chegara março e o próximo pagamento estava iminente. Se as coisas se mantivessem como estavam, não podia pagar as vidraças nem os trabalhadores. Em todo o caso, viviam apenas do que ela ganhava na Vila dos Tecidos.

Não havia volta a dar, teria de voltar a conversar com Maria Jordan. Se fosse preciso, comprometer-se-ia com uma taxa de juro mais elevada, se ela tivesse a paciência de esperar apenas até abril. Mais tarde, quando o negócio estivesse em funcionamento, ela poderia pagar, mas naquele momento não tinha ainda receitas.

Suspirou pesadamente e voltou a enfiar o livro das contas na gaveta. Meteu no bolso a bolsa de dinheiro, depois pegou em Fritz ao colo e levou-o para a sala.

– Vou às compras, Gustl. Fica a tomar conta do Hansl e do Fritz. Mais tarde a Liesl vem com o Maxl da escola e depois os dois podem olhar pelos pequenos.

– Muito bem.

Ela vestiu o casaco de lã azul-escuro e pôs o chapéu. Ainda bem que comprara botas quentes para si: uma bênção naquele tempo tão frio. É claro que o seu novo guarda-roupa lhe custara também uma batelada de dinheiro. Mas não comprara mais nada para si. Outros compravam pérolas e fios de ouro mal se viam com dinheiro nas mãos. Ela só uma vez se sentira tentada, quando vira na montra de uma loja de antiguidades uma fina pulseira de ouro com um pendente em forma de coração. Um pequeno rubi engastado em ouro – oh, exatamente o que sempre desejara. Uma pechincha, mas ainda assim trezentos marcos. Aí, fora inflexível consigo mesma e avançara sem entrar na loja.

Fez um atalho até à Porta de Jakob, atravessando os trilhos do prado, que agora estavam congelados e duros como pedra, pelo que assim não sujava as botas. Junto à Porta de Jakob, caminhou pelo labirinto das pequenas ruelas até Santa Úrsula, depois por Predigerberg até à Bäckergasse, descendo depois até

Milchberg. Ainda bem que não trouxera as crianças com ela, caso contrário não teria conseguido chegar tão depressa. Agora já via as casas pintadas de fresco de Maria Jordan, a mesinha que Christian das orelhas de abano instalava sempre na rua. Em cima dela luziam hoje dois candelabros polidos, que de certeza não eram de prata, caso contrário Maria Jordan não os teria mandado pôr cá fora. A seu lado via-se uma bonita taça de latão, lá dentro duas maçãs vermelhas e uma videira verde-baço brilhante. Tudo de porcelana, moldado e pintado de forma artística. A videira tinha até folhinhas verde-escuras.

Auguste ficou parada a alguma distância da loja para sossegar a respiração agitada. Era evidente que caminhara demasiado depressa, daí o coração estar a bater tão desagradavelmente. Medo não tinha nenhum – estava pronta a dar luta. Afinal de contas, tratava-se de todos os seus bens, do seu terreno, aquele que comprara com a pensão de alimentos que o tenente Von Hagemann lhe pagara, apesar de, infelizmente, só poucas vezes. Fora inteligente da sua parte não guardar o dinheiro debaixo do colchão, caso contrário teria desaparecido logo com a inflação. E, precisamente por isso, o seu terreno não podia cair nas mãos daquela gananciosa diabólica. Antes disso, saltaria ao pescoço ressequido de Maria Jordan...

Dentro da loja estava uma senhora maquilhada e de casaco de peles, com um chapeuzinho preto segundo a última moda sobre o cabelo curto. Pedia diversos produtos finos que estavam nas prateleiras superiores, pequenos frasquinhos com compotas de frutas exóticas, chocolate com pimenta ou sopa de camarão em lata. Auguste não desejaria coisas tão repugnantes, nem que lhe oferecessem, mas havia gente que não sabia o que fazer ao dinheiro. A senhora pagou, sem hesitar, uma quantia inacreditável e deixou que a criada, que esperava a seu lado com o cesto, guardasse todas aquelas coisas

arrepiantes. Christian já sorria várias vezes na direção de Auguste e agora olhava-a com um grande brilho nos olhos e quis saber porque não trouxera Fritz e Hansl com ela.

– Hoje ficaram por casa. A senhora Jordan está disponível?

– Sim, ela está cá. Pode bater à porta. Acho que ia só passar rapidamente algumas faturas.

Ele assentiu-lhe com a cabeça e pôs-se a abrir uma caixa de cartão para dispor nas prateleiras as conservas que estavam no interior. O papel colado nas latas mostrava – tanto quanto Auguste conseguia perceber – uma tartaruga. Era melhor nem saber o que continha lá dentro. Tinha na verdade pena por Christian, esse ter-lhe-ia sido uma boa ajuda no horto. Um rapaz tão amável. Que teria sem dúvida ainda tomado conta das crianças sem resmungar.

Inspirou fundo uma vez, reuniu todas as suas forças e bateu à porta da sala das traseiras. Sem resposta.

– Bata à vontade. Às vezes a senhora Jordan está totalmente concentrada nos números.

Estará provavelmente já surda de pura avareza, pensou Auguste, e bateu com mais força. Ninguém respondeu.

– Tem a certeza de que ela está lá dentro?

– Claro. Ainda agora lhe levei um café.

Auguste não tinha a intenção de ser especialmente educada e paciente, nem de deixar que se desembaraçassem dela. Baixou o puxador da porta e abriu uma fresta.

– Maria? Sou eu, a Augu...

A palavra ficou-lhe presa na garganta, pois, em vez de Maria Jordan, quem viu foi... o laçao Julius. Estava de pé junto à bonita mesinha, de olhos arregalados de susto cravados em Auguste, segurando algo na mão direita levantada. Uma faca!

Por um instante, ficaram os dois mudos de terror e só depois Auguste descobriu a mulher que estava sentada numa cadeira mesmo em frente de Julius.

– Maria... – balbuciou Auguste. – Senhora Jordan... O que aconteceu?

Foi tomada pelo medo. Alguma coisa ali não batia certo. Algo terrível acontecera naquela sala, pairava ainda no ar como um espírito mau que se lançaria sobre ela se ali entrasse. Começou a tremer.

– Oh, Deus do céu! – sussurrou alguém muito junto dela.

Era Christian, que também espreitava pela fresta da porta e que agora cambaleava para trás, tal era o horror.

Auguste continuava ainda parada como se tivesse criado raízes, mas agora vagueou o olhar pela sala, registrando coisas que teria sido melhor não ter visto. Maria Jordan estava estendida na cadeira, quase deitada, a cabeça lançada para trás, as pernas esticadas. Os braços pendiam-lhe nos lados, a mão que Auguste conseguia ver estava vermelho-viva e contorcida como uma garra, como se tivesse querido arrancar os olhos a alguém. Sob a mão pendente via-se uma ampla mancha vermelho-viva no tapete. Seria sangue?

– Eu não fiz nada – gaguejou Julius. Depois olhou para a faca que ainda segurava na mão e sussurrou: – Oh, céus.

– Um médico – balbuciou Christian. – Precisamos de um médico. A senhora Jordan está ferida.

Julius fitou-o como se ele estivesse a falar chinês, mas não fez nenhum movimento para travar o jovem empregado. Christian murmurou algumas palavras a Auguste, que esta só mais tarde encontraria no seu cérebro. Ele pediu-lhe que tomasse conta da loja enquanto ele corria a buscar o doutor Assauer, que tinha um consultório de medicina dentária três ruas mais adiante.

– Auguste – disse Julius, tremendo-lhe agora o corpo inteiro. – Por favor, acredita em mim. Eu entrei e vi-a aqui nesta cadeira com a faca espetada na barriga. Fui eu quem a tirei para fora.

Auguste assentiu mecanicamente, mas deu então dois passos e entrou na sala. A portinhola que estava escondida atrás do quadro estava aberta. Havia papéis espalhados por todo o lado. Títulos de dívida. Faturas. Avisos de pagamento. Isto e aquilo. Depois viu que as almofadas de seda em cima do sofá tinham manchas vermelhas, também o pavimento estava cheio de sangue, o tapete, viam-se os salpicos vermelho-vivos no papel de parede.

Um crime, pensou Auguste. Alguém a atacou com uma faca. Já não achou outra saída. Porque ela lhe quisera ficar com tudo.

De repente, sentiu-se calma e teve até a coragem de olhar para o rosto pálido de Maria Jordan. Tinha os olhos semicerrados, a boca ligeiramente aberta, o nariz pontiagudo. Tinha na verdade um ar totalmente calmo, nada zangado, também não horrorizado. Quase pacífico.

– Está morta?

Julius assentiu. Foi perpassado por um arrepio, já não conseguia parar de assentir. A faca caiu ao chão, Julius tropeçou para trás e encostou-se à cómoda.

Aí ficou, mais pendurado do que em pé, e Auguste temeu que pudesse cair e também ele dar o último suspiro.

Um grito estridente fê-los encolher aos dois. Atrás de Auguste, surgira uma senhora idosa, uma cliente que viera à loja fazer compras. Horrorizada, levou as duas mãos à boca, mas ainda assim gritou tão alto que Auguste achou ter ouvido as conservas nas prateleiras a tilintar.

– Assassínio! Crime. Sangue. Está ali o assassino. Socorro! Polícia! Tudo cheio de sangue. Assassino! Assassino!

– Acalme-se, por favor – disse Auguste. – Foi um acidente. O médico está a caminho.

Não fazia grande sentido o que estava a dizer e não sossegou minimamente a mulher. Num pânico infundado, cambaleou alguns passos para trás, esbarrou em dois rapazes, claramente transportadores de cerveja sobressaltados a meio do almoço com aquela gritaria.

– Onde está o tipo?

– Ali – guinchou ela, esticando o braço. – Ainda ali está. Junto à sua vítima.

Empurraram-na para o lado, também Auguste se desviou rapidamente. Os dois robustos rapazes precisaram de se agarrar à moldura da porta quando viram a morta. Surgiam agora mais pessoas à porta da loja, vizinhos, curiosos que iam a passar, e depois também um agente fardado.

– Jesus, essa já era. Apunhalada.

– Que crueldade. Tudo cheio de sangue.

– Não toquem em nada! – gritou o agente. – O senhor aí! Não se mexa! Agarrem no homem! Segurem-no bem.

Tudo em seguida se passou para Auguste como num pesadelo mau. As pessoas acotovelavam-se na pequena loja, latas e frascos caíam ao chão, as prateleiras esvaziaram-se inexplicavelmente. Mulheres guinchavam, outras, ávidas de assistir ao acontecimento, abriam caminho por entre as pessoas em volta para vislumbrar a sala das traseiras. O agente fardado gritou uma série de ordens, vários homens arrastaram Julius da sala das traseiras para a loja, tinha o casaco rasgado, a camisa pendia fora das calças, o cabelo, que por norma estava liso e penteado para trás com brilhantina, caía-lhe às mechas sobre o rosto. Balbuciava constantemente que estava inocente, mas quanto mais desesperadamente o garantia, maior era a certeza de quem o considerava o assassino. Christian apareceu com o dentista, o doutor Assauer, a reboque, acotovelaram-se entre as pessoas, alcançando a sala das traseiras, e Auguste ouviu o dentista dizer que já não havia ali nada a fazer.

Mais tarde, um automóvel escuro apareceu diante da loja, depois um segundo – eram os senhores da polícia judiciária. Gerou-se novamente confusão, empurraram lá para fora todos os que não tivessem nada a ver com o local do crime, olharam para a morta, tomaram posse do *corpus delicti*, a arma do crime. Christian, que chorava, foi interrogado e disse que a senhora Jordan fora sempre boa para ele. Ele levava-lhe uma chávena de café, eram cerca das dez horas, e ela ainda estava viva. Depois atendeu clientes e mais tarde viera a senhora Bliefert para conversar com Maria Jordan sobre algum assunto.

Mas seguramente teria visto o assassino quando este entrou pela loja e passou para a sala das traseiras? Christian negou. Deve ter entrado pela porta das traseiras. A entrada para «clientes especiais». E Auguste ficou a saber que as senhoras abastadas que vinham pedir a Maria Jordan que lhes lesse o futuro

nunca haviam entrado pela loja. Havia portanto um portãozinho de jardim e uma porta das traseiras.

Auguste também foi interrogada. O que pretendia conversar com a senhora Jordan. Se conhecia o assassino. Se o teria porventura visto a apunhalar a vítima com a faca. Por que motivo ele poderia ter feito tal coisa...

Entretanto, Maria Jordan, morta, fora envolta no *kilim* do sofá, dois homens transportaram-na lá para fora, passando pela loja, e colocaram-na num dos carros da polícia. Auguste ouviu as portas dos carros a bater e teve de se sentar num banquinho.

– Está indisposta? – perguntou o jovem agente da polícia judiciária. Tinha o rosto liso e pálido e os olhos castanhos. O bigode era tão preto quanto o cabelo.

– Só fiquei assustada. Afinal, conheço-a há anos. Antigamente, ela era camareira na Vila dos Tecidos.

– Vila dos Tecidos?

– Na casa do empresário Melzer, da fábrica de tecidos junto ao ribeiro Proviant.

– Não é aí que trabalha também o senhor Julius Kronberger?

Auguste assentiu.

– Ah. E os seus dados de identificação?

Ele registou tudo com uma caligrafia minúscula num bloco de apontamentos, fechou-o então com força e enfiou a caneta na presilha prevista para o efeito.

– Já pode ir embora, senhora Bliefert. Se tivermos mais perguntas, entraremos em contacto consigo.

Quando se viu novamente na rua, Auguste constatou que a mesinha tombara no chão. Uma maçã de porcelana partida jazia na valeta, as outras coisas bonitas haviam desaparecido. Como fora burra. Teria podido agarrar rapidamente nalguma coisa e ficar com um candelabro ou, melhor ainda, uma das bonitas pulseiras de prata, como tantos outros haviam feito. Agora era tarde demais – dentro da loja estavam dois agentes da polícia e ainda interrogavam o pobre Christian.

Caminhou pelas ruas como que anestesiada. Já passava muito do meio-dia, ainda tinha de comprar leite e um pão para pelo menos fazer umas sopas de leite. Só quando estava na leitaria, à espera da sua vez, lhe ocorreu como fora inacreditavelmente burra.

O título de dívida que assinara para Maria Jordan! De certeza que estava algures na sala, juntamente com os outros papéis. Só teria de ter aberto os olhos. Teria sido apenas apanhar e fazer desaparecer. No forno. Feito em cinzas.

Mas agora era demasiado tarde!

Marie sentiu um arrepio quando lhe reconheceu a voz. Que disparate, pensou. Mas não conseguia evitar sentir-se percorrida por aquela onda de sobressalto e alegria. Na verdade, ela sentia-se algo aliviada, pois temera que tudo estivesse entretanto acabado.

– Marie? Perdoa-me por te telefonar para o ateliê. Há um bom motivo. Estou a incomodar-te? Também posso ligar mais tarde.

Tinha duas costureiras à espera das suas instruções, era preciso calcular o corte do vestido de noite e, além disso, daí a dez minutos chegaria a esposa do doutor Überlinger para fazer a prova.

– Não, não. Diz-me o que queres. Tenho alguns minutos.

Ele pigarreou, algo que fazia sempre que tinha alguma coisa desagradável para dizer. De repente, Marie teve medo de que lhe quisesse anunciar o divórcio. Mas porquê ao telefone? Esse tipo de coisa não acontecia por escrito, através de um advogado?

– É por causa da Lisa. Tenho a sensação de que se está a prejudicar a si própria. E gostaria de ajudar.

Ah, pensou Marie. Ele vem agora sondar-me. Apesar de tudo, estava aliviada por o seu telefonema ter claramente intenções pacíficas.

– E que tenho eu que ver com isso?

Até ela ficou incomodada com o tom frio da sua voz, mas receava poder ser demasiado solícita.

– Conversaste com ela, não foi? Ela disse-te quem é o pai da criança?

– Ela disse-me em confidência, Paul. Não me parece que tenha o direito de...

– Tudo bem – disse ele, impaciente. – Não quero levar-te a cometer inconfiências. Estarei errado ao presumir que é o tal de senhor Sebastian Winkler?

– Porque não lhe perguntas a ela?

Ela ouviu-o gemer de irritação.

– Eu fiz isso, Marie. Infelizmente, em vão. Ouve-me, Marie. Não estou a perguntar por curiosidade. Mas a Lisa é minha irmã e sinto-me no dever de clarificar esta questão. Tanto mais que diz respeito à criança.

– Penso que a Lisa está perfeitamente em condições de clarificar ela mesma os seus assuntos.

Ele calou-se um instante e Marie já temia que ele desligasse. Ouviu-se a campainha da loja. Ainda mais esta: a esposa do doutor Überlinger já estava no ateliê. Cinco minutos antes da hora.

– Não sei se te ajuda – disse ela para o auscultador –, mas, tanto quanto sei, ela escreveu-lhe uma carta.

– Ah! E recebeu resposta?

– Receio bem que até agora não.

– E quando foi isso?

Marie hesitou. Mas agora já fora tão longe que seria disparatado recusar-lhe essa informação. A situação já era de si complicada, talvez pudesse sem dúvida precisar da ajuda do irmão.

– Em janeiro. Deve por isso ter sido há cerca de oito semanas.

Ele murmurou uma espécie de «Hum» para o auscultador, algo que fazia por norma quando precisava de refletir sobre alguma coisa. A senhora Ginsberg, que trabalhava com ela há algum tempo, apareceu à porta do

gabinete. Marie fez sinal de que iria para a loja já de seguida. A senhora Ginsberg assentiu sem dizer nada e voltou a sair.

– É minha intenção procurá-lo para esclarecer a situação. Tens a morada?

Era a tática do ataque de surpresa, ele gostava de a usar. Era extraordinariamente eficaz com os empregados, e também funcionava com a mãe e com Kitty. Com Lisa era mais difícil. Ela nunca se deixara levar.

– A que morada te referes?

Ele ignorou a pergunta e continuou simplesmente a falar.

– Não é... não me é fácil, mas queria pedir-te uma coisa, Marie. Eu não gostaria de lá ir sozinho. Caso contrário, poderia dar a impressão de que quero pedir-lhe satisfações ou algo assim. Se fosse contigo, seria mais fácil. De certeza que acharias o tom certo.

Quase ficou sem respiração diante de tão inesperado pedido. Queria que ela o acompanhasse a Günzburg? Sentar-se no comboio com ele, fingirem ser um feliz casal de viajantes diante dos restantes passageiros?

– Partiríamos de manhã cedo e voltaríamos ao final da tarde. Sem pernoita. Tenho um amigo que me disponibiliza o carro dele em Nuremberga.

– Em Nuremberga?

– Não é em Nuremberga? Pensei que ele tivesse voltado para lá. Ele não vem dessa região? – Agora é que ela caíra mesmo na armadilha. Mas não de forma irrefletida, fora mais ou menos voluntariamente.

– Ele está em Günzburg, vive com o irmão.

– Ótimo! Nesse caso, não é tão longe quanto eu temia. Eu ficar-te-ia mesmo muito grato, Marie. Afinal de contas, trata-se da Lisa.

Ele calou-se, esperou a sua resposta. Ela imaginou estar a ouvir-lhe o bater do coração. Mas era provavelmente o seu. Sentar-se com Paul no compartimento de um comboio. Que fazer quando ali se vissem sozinhos? Ela queria isso? Ou temia-o?

– Ouve, Paul. Se de facto se puder ajudar a Lisa com isso, estou disposta a fazer essa viagem.

Marie ouviu-o a exalar de alívio. Viu diante de si o rosto dele, o seu sorriso vitorioso, os seus reluzentes olhos cinzentos.

– Mas tenho uma condição.

– Concedida. O que quer que seja.

Marie percebeu pelo seu tom de voz que ele estava efetivamente muito contente. Agora quase teve pena, mas não havia outra forma.

– Não quero de modo nenhum agir nas costas da Lisa, Paul. Por isso, peço-te que a informes acerca desta viagem.

Ele voltou a rosar coisas incompreensíveis e disse então que já temia algo nesse sentido.

– Eu telefono-te, Marie. Até lá, agradeço-te a tua disponibilidade. Até breve.

– Até breve.

Ouviu o clique quando ele desligou e manteve ainda um instante o auscultador na mão, como se esperasse por alguma coisa. Não, nada havia mudado. Ele precisava dela, nada mais. Muito embora... No outro domingo, as crianças haviam regressado muito contentes da Vila dos Tecidos. Nada que se comparasse com a visita anterior, em que, ao final do dia, os dois lhe haviam suplicado que nunca, nunca mais os mandasse passar uma tarde com o pai.

Conseguira extrair pouca informação do filho Leo sobre o que teria mudado assim repentinamente, mas, na segunda-feira, um mensageiro trouxera um embrulho para ele e lá dentro estava um gorro. Desde então, Leo praticamente nunca mais o tirava da cabeça. Dodo, pelo contrário, tagarelava incessantemente sobre pássaros e aviões, correntes ascendentes e descendentes, propulsão e remoinhos. Ninguém compreendia realmente de que falava ela, apenas Gertrude tivera a paciência para escutar as intermináveis explicações de Dodo.

Queria dizer que, afinal, algo mudara? Pelo menos, Paul estava a esforçar-se por cativar as crianças. Seria bom ou mau sinal?

– Senhora Melzer?

A senhora Ginsberg estava com um ar infeliz. Era uma boa e solícita trabalhadora, mas infelizmente levava sempre a peito eventuais declarações menos simpáticas das clientes. A esposa do doutor Überlinger sabia ser muito ofensiva quando a deixavam à espera.

– Lamento muito, senhora Ginsberg, era um telefonema importante. Vou já.

O resto da tarde foi uma tal azáfama que nem sequer teve tempo de tomar uma chávena de café. Na verdade, podia dar-se por contente por o negócio estar a correr tão bem. A única coisa desagradável era o facto de muitas clientes mandarem costurar cópias dos seus vestidos exclusivos. Evidentemente, apenas a título particular, para amigas muito próximas e de longa data que ficavam tão entusiasmadas com a criação de Marie que queriam sem falta ter também um vestido assim e com o casaco a combinar. E tendo as modistas na mão o molde, não tinham dificuldade em propor um conjunto tão bonito a outras clientes e costurá-lo para elas. Evidentemente,

por um preço substancialmente mais baixo do que o mesmo vestido teria custado no Ateliê da Marie. Era irritante, mas não havia forma de o impedir. A única hipótese de contrariar esta tendência era com novas ideias, modelos inspiradores que assentassem bem, adaptados à pessoa que os pretendesse usar. Era também aí que residia a mais-valia de Marie: escondia os aspetos menos bons e realçava as qualidades – uma mulher que usasse os modelos de Marie parecia ter exatamente a silhueta com que sempre sonhara.

Quando desceu do elétrico na Frauentorstrasse, sentia-se cansada e exaurida. Porque não aprendia a conduzir? Ela podia sem dúvida nenhuma dar-se ao luxo de ter um automóvel, assim não teria de esperar pelo elétrico quando nevasse ou chovesse. Como chamavam as pessoas àquele carro pequenino que se via cada vez mais nas ruas? Sapo – que querido. Tinha a incrível potência de quatro cavalos, era como se andássemos pela cidade com uma quadriga.

Foi recebida à porta de casa por Dodo, que erguia um jornal bem alto no ar para que Henny não o conseguisse alcançar. Henny saltitava muito alto uma e outra vez e tentava agarrar no jornal, fazendo caretas e agitando vigorosamente os braços.

– Eu quero... Esse jornal é da mamã. Dá-mo cá, Dodo, sua estúpida.

– Para lá quieta, senão não to dou – retorquiu Dodo maliciosamente. – Além do mais, esta é a minha mãe.

Marie não estava com vontade nenhuma de ouvir discussões, tirou o jornal da mão de Dodo e avisou Henny de que, ao saltitar, perdera uma das pantufas.

– Hum, cheira a *schupfnudel* – disse ela, a sorrir, dando um pontapé numa das pantufas cor-de-rosa na direção de Henny. – A Kitty já chegou?

– A mamã está ao telefone. Blablablablá. Blablablablá – cantarolou então Henny a acompanhar a peça de piano que Leo exercitava em grande desespero na sala de música. *Fúria por Um Tostão Perdido*, de Beethoven. Demasiado difícil para um rapaz de nove anos, sobretudo a mão esquerda. Mas Leo era pelo menos tão obstinado quanto a irmã, que até domingo queria sem falta ter lido e compreendido o livro de Otto Lilienthal.

– Devias ler o jornal, tia Marie.

Marie despiu o casaco e tirou o chapéu. Pousara o jornal em cima da cómoda, mas agora passou os olhos pelo artigo da primeira página e achou que não havia pressa em ler.

«Formação do governo fracassou de novo. Wilhelm Marx não aceita a nomeação como primeiro-ministro.»

– Não é isso – disse Dodo, com impaciência, abrindo o jornal. – Aqui dentro. Notícias de Augsburgo. Investigação criminal e crimes. Dizem lá qualquer coisa sobre a Vila dos Tecidos.

– O quê?

Marie não queria acreditar nos seus olhos. Um artigo sobre um assassinio pavoroso no centro histórico de Augsburgo. Maria Jordan, proprietária, de quarenta e nove anos, fora brutalmente apunhalada no dia anterior dentro da sua loja.

– Maria Jordan – sussurrou Marie. – Isto é horrível. Meu Deus, pobre mulher. E nós todos a achar que ela tinha ganho a sorte grande.

Encontrou os olhos brilhantes de Henny, voltados para ela cheios de curiosidade.

– Leste, tia Marie? O assassino foi o Julius.

– Mas que Julius?

– Por amor de Deus, mamã! – irritou-se Dodo. – O Julius, o laçao da Vila dos Tecidos. Aquele que anda sempre de nariz empinado e funga de maneira tão engraçada. Foi ele quem degolou a Maria Jordan.

– Por favor, Dodo, não debes falar nesses termos, são palavras feias.

– Mas está tudo no jornal.

Marie passou rapidamente os olhos pelo breve artigo. Julius estava sob custódia da polícia debaixo de fortes suspeitas. Teria atacado a mulher desamparada com uma faca.

– Apunhalada, está aqui escrito. Não degolada.

– Então foi a tia Gertrude que disse isso.

De jornal na mão, Marie entrou na sala de estar, onde Kitty estava sentada no seu cadeirão de verga mexicano e segurava o telefone no colo. O fio preto retorcido do aparelho, que o ligava à tomada na parede, estava esticado a ponto de se romper.

– Por Deus, não, Lisa, deixa-a dormir. Volto a ligar mais tarde. Pobre mamã. Mas que coisa terrivelmente assustadora. Eu cá não quero ser maldosa, mas essa fulana só trouxe problemas... Não, não sou cruel. Tinha seguramente também as suas qualidades... Sim, eu sei, chegou a trabalhar para ti, mas ela não suportava a Marie e isso foi coisa que nunca lhe pude perdoar. Como recebeu o Paul a notícia?... Posso bem imaginar. Oh, o meu pobre Paulinho. Quando já tem tanto com que se preocupar...

Parou de falar quando viu Marie a entrar, acenou-lhe e mudou rapidamente de assunto.

– O fofinho mama bem? Que bom. De certeza que tens litros e litros de leite. Como? Até podias alimentar mais um bebé? Vê lá, não o engordes demais, caso contrário torna-se num dorminhoco cheio de preguiça. Agora tenho de ir, Lisa. A Marie chegou. Beijinho... Sim, dou-lhos também... E, sim, hoje à tarde passo por aí... Sim, diz à mamã que a vou aí consolar.

Com um suspiro profundo, pousou o auscultador no gancho e encarou Marie com um olhar cheio de significado.

– Já leste? Não é terrível?

Marie assentiu, estava distraída a analisar de novo o breve artigo como deve ser. O nome «Melzer». «Vila dos Tecidos.» Nada havia sido poupado. Paul não referira palavra sobre o assunto.

– E pensar que empregaram todos os esforços possíveis para impedir a exposição dos quadros da Luise Hofgartner por terem medo das mexeriqueiras de Augsburg – refletiu Kitty. – E agora mais isto. O laçao da Vila dos Tecidos é um assassino brutal! Credo, sinto um calafrio pelas costas abaixo ao pensar que o Julius me trazia chá e bolachas ao quarto.

Tocaram à porta e ouviram-se as crianças a correr pelo corredor fora para abrir.

– Hanna! Já leste?

– O Julius é o assassino!

– Com cento e vinte punhaladas ou assim.

A porta da cozinha abriu-se de rompante e logo de seguida ecoou a voz desagradável de Gertrude.

– Ah, a Hanna! Mas onde é que estiveste a manhã toda? Tu agora estás aqui ou na Vila dos Tecidos, com o teu Humbert? Como? Os quartos não estão

arrumados e o cesto da roupa do quarto das crianças está a transbordar. Vá! Traz as taças para dentro. Está quente! Não deixes cair.

– Peço... peço muita desculpa – disse Hanna, mas então a porta da cozinha voltou a fechar-se.

Rodeada de três crianças, Hanna surgiu na sala de estar carregando com as duas mãos uma taça a libertar vapor. Marie apressou-se a colocar uma base de madeira em cima da mesa, para que Hanna pudesse pousar a carga, e depois, juntas, puseram a mesa. Kitty também participou, colocando uma violeta-africana em flor ao lado da taça com os *schupfnudel*.

– Oh, é mesmo terrível – suspirou Hanna, enquanto tirava os guardanapos da gaveta. – Imagine só, senhora Melzer: durante três horas, os inspetores interrogaram toda a gente na Vila dos Tecidos. A senhora Alicia e a senhora Von Hagemann e, na pausa para o almoço, interrogaram também o senhor Melzer. E todos os empregados, a Else também, que quase morreu de vergonha. Por estarem a suspeitar dela, tendo conhecido um assassino.

– E que certezas há de que o Julius a matou? – perguntou Marie.

– Ele estava de pé mesmo ao lado dela, com a faca na mão – suspirou Hanna. – Ah, senhora Melzer, nenhum de nós quer acreditar nisso. Se calhar é tudo apenas um grande engano.

Gertrude apareceu, trazendo um tacho com manteiga derretida, que verteu sobre os *schupfnudel*.

– Basta com essas histórias de assassinos – resmungou ela, sentando-se no seu lugar. – As crianças já estão de olhos vidrados. Esta noite não vão dormir nada.

– Nós não nos importamos – disse Leo, abanando a mão esquerda, exercitada de tanto praticar piano. – Só se for pela Henny, por ser ainda pequena.

Henny teve de esperar até conseguir protestar, já que primeiro teve de engolir dois *schupfnudel*. Declarou então alto e bom som que não tinha olhos vidrados coisa nenhuma.

– Mas eu vi a Liesl na escola. Ela contou às amigas dela que a polícia interrogou a pobrezinha da mãe dela. E que a mamã dela estava lá e viu tudo.

– A Auguste? – espantou-se Kitty. – E que tinha ela a tratar com a Maria Jordan?

Gertrude encolheu os ombros e deu a Henny uma colherzinha de chucrute.

– Pelo menos este bocadinho tens de comer – exigiu energicamente. – Só *schupfnudel* com manteiga, isso querias tu!

– Chucrute hortaliça, cortiça, preguiça, injustiça!

– Terá ido fazer compras à loja da Maria Jordan? – refletiu Kitty. – A Auguste herdou dinheiro e, pelo menos é o que consta, leva agora toda uma nova vida.

– É possível – disse Marie, pensativa.

Sobre o assunto, ela tinha as suas ideias. Uma das suas abastadas clientes contara-lhe em confidência que ia ao estabelecimento da senhora Jordan para que esta lhe deitasse as cartas. Tecera os máximos elogios a Maria Jordan, pois acertara em quase tudo, e recomendara a Marie que também o tentasse. Que todas as suas amigas já lá haviam estado, que aquela mulher seria de certeza extraordinariamente abastada, pois fazia-se pagar bem pelas suas previsões. E

alguém havia-lhe sussurrado que a senhora Jordan também emprestava dinheiro.

– E, imaginem só, logo nesse dia apareceram dois jornalistas à entrada da Vila dos Tecidos – contou Hanna. – Eram do *Augsburger Neueste Nachrichten* e até do *Münchner Kurier*. Mas a senhora não os deixou entrar. Entraram então pela entrada de serviço, mas na cozinha a senhora Brunnenmayer ameaçou-os com a frigideira, pelo que tiveram de sair a correr. E depois puseram-se a andar furtivamente à volta da casa, pensando que poderiam entrar pelo terraço. Mas as portas estavam trancadas. Que atrevimento! O Humbert disse que os da imprensa eram os piores de todos. Que ninguém lhes escapa. Nem políticos nem assassinos em massa. Esses, só com duas frasezinhas, podiam destruir toda uma vida.

– Gosta de se dar grandes ares, esse Humbert – afirmou Gertrude, enquanto mastigava. – Já está bom outra vez?

Hanna assentiu, sorrindo. Humbert teria agora de assumir as funções de Julius. Porque agora toda a gente na Vila dos Tecidos tinha de cumprir o seu dever para com os patrões.

– Temos de nos ajudar uns aos outros num momento de dificuldade, disse a senhora Brunnenmayer. Como da outra vez.

Hanna calou-se e baixou os olhos para o prato, ainda intocado. Era evidente que todos sabiam que ela se estava a referir ao dia em que o agente da polícia veio à Vila dos Tecidos para perguntar por Grigori. Era um jovem russo que, por amor, Hanna ajudou a fugir. Nessa altura, todos se mantiveram do lado de Hanna e Humbert pusera-a a salvo. De outro modo, a situação poderia ter ficado feia para o lado dela.

– E a digníssima governanta? – perguntou Kitty, num tom trocista. – Ela também se mantém fiel ao grupo?

– Essa? – exclamou Hanna, revoltada. – De todo. A Gertie ouviu às escondidas o interrogatório da senhora Von Dobern.

– Escutar atrás das portas é coisa que a pequena Gertie sempre soube fazer muito bem – lançou Kitty.

– Calada! – ordenou Gertrude. – E que contou a nobre senhora?

Hanna espetou o garfo nos seus *schupfnudel*, mas não comeu, mantendo o garfo cheio de comida na mão.

– Não disse nada sobre os patrões. Mas meteu-nos a todos ao barulho. Porque disse que tinha desconfiado logo do Julius. Que ele tinha a personalidade de um criminoso e ela mesma já tinha tido medo dele, já que olhava sempre para ela como quem tinha vontade de a matar. Todos os empregados da casa sabiam isso, mas mantinham fileiras cerradas e não diziam nada. E contou ainda que o Julius andava «à caça» da Maria Jordan. Porque estaria convicto de que, se se casasse com a rica Maria Jordan, não precisaria de voltar a trabalhar nunca mais. E que estava totalmente convencida de que o Julius era amante da Maria Jordan e que a tinha apunhalado por ciúme. Por causa do Christian, o funcionário dela.

– Valha-me Santa Tecla – murmurou Gertrude.

– O que é um amante, mamã? – indagou Dodo.

– Um amigo.

– Como o senhor Klippi, é isso?

Marie franziu a testa e viu que Kitty sorria, divertida.

– És mesmo burra – interveio Henny, que varria de um lado para o outro um montinho de chucrute em cima do prato.

– A Dodo não é nada burra – defendeu Leo a irmã. – Tu é que és burra, Henny!

– De todo – disse Henny, fazendo um biquinho com os lábios, pois queria dizer algo importante. – Um amante é um amigo que pode dar beijos e abraços. Não é isso, mamã?

O sorriso de Kitty foi-se.

– Bem observado – disse ela secamente. – E agora comes a tua chucrute de uma vez por todas. E nem sequer penses em desviá-la às escondidas para o prato da Hanna!

– Tenho de ir – disse Marie, olhando para o relógio. – Esta tarde tenho quatro provas e uma cliente nova.

– Vais matar-te a trabalhar – avisou Gertrude. – Para a sobremesa há bolo de pera. Acabadinho de sair do forno. Com açúcar e canela.

– Logo à noite, Gertrude.

No elétrico, Marie estava tão distraída com o bombardeamento de pensamentos que quase deixou passar a paragem da Karolinenstrasse. Entrou no ateliê numa enorme agitação e ficou contente por ter de se ocupar imediatamente das clientes e das funcionárias. Foi assim obrigada a pôr de lado as suas preocupações e a concentrar-se no trabalho, mas, sempre que o telefone tocava, encolhia-se toda e, de coração a bater, ficava à espera de ver a senhora Ginsberg chamá-la ao gabinete. Mas foram todos telefonemas de serviço, fornecedores, clientes, a tipografia que fizera os novos catálogos. Só quando já estava de casaco vestido e voltou a olhar em volta da sala de

costura, para verificar se todas as máquinas de costura estavam cobertas, chegou o telefonema de Paul.

– Receei já não te conseguir apanhar aí.

– Oh, Paul, li hoje no jornal. Lamento tanto, por todos nós, mas sobretudo por ti e pela mamã.

Estaria ele contente com a sua declaração espontânea? Se sim, manteve-se bastante contido.

– Sim, é uma situação muito desagradável.

Ela compreendeu que ele não fazia menção de a importunar com as suas lamúrias. Era compreensível. Ainda assim, o seu silêncio magoou-a. Oh, porque era tudo tão complicado?

– Falaste com a Lisa? – mudou ela de assunto.

– Sim. Não ficou lá muito entusiasmada. Mas também não fará nada para nos impedir.

Aquilo soava terrível. Lisa ter-se-ia provavelmente enfurecido.

– Quando vamos?

– Segunda-feira está bem para ti?

Teria de adiar todos os prazos e preparar o trabalho das costureiras. Mas a situação de Paul não seria muito diferente.

– Segunda-feira. Muito bem.

– O comboio parte às sete e vinte da manhã. Queres que te vá buscar de carro?

Mas é claro. Ele já tinha analisado o horário. Se calhar até já tinha reservado o compartimento.

– Obrigada. Eu vou de elétrico.

Paul dormira mal. Por um lado, porque o bebê berrava constantemente e Lisa tocara o sino a meio da noite para chamar a pobre Gertie, para que lhe fizesse na cozinha um chá de funcho para ajudar com as cólicas. Mas sobretudo porque pensava constantemente em Marie. Aquelas poucas frases ao telefone quando lhe referiu o artigo no jornal. De repente, fora tudo como dantes. Os seus modos compreensivos e calorosos. A sensação de a ter a seu lado, de ser uma parte dele. Ele vira-a diante dos seus olhos, os seus grandes olhos escuros, pelos quais em tempos se apaixonara, quando ela ainda trabalhava como ajudante de cozinha na Vila dos Tecidos e fugia dele. Contudo, como era evidente, também outros pensamentos o haviam ocupado. Saudades. Necessidades. Afinal de contas, era um homem, não era uma coisa sem importância viver meses a fio como um monge. Certo, podia muito bem ter ido a um daqueles estabelecimentos sigilosos de que alegadamente ninguém tinha conhecimento, mas que, ainda assim, eram frequentados por tantos dos seus conhecidos de Augsburg. Um serviço de qualidade, discreto e profissional. Também podia ter optado por uma rapariguinha inofensiva, não haveria de faltar entre as suas trabalhadoras alguma que tivesse acedido de bom grado a uma tal proposta. Mas com isso só se arranjavam problemas e, além do mais, tinha a certeza de que teria tido pouco prazer nisso. Ele queria Marie, apenas a sua Marie e mais nenhuma.

Incumbira a menina Hoffmann da compra dos bilhetes de comboio e da reserva dos lugares em primeira classe, ficando esta claramente a rebentar de curiosidade, sem no entanto se atrever a perguntar com quem o senhor diretor viajaria para Günzburg na segunda-feira. Mas a verdade é que o seu pedido expresso para viajar num compartimento para não fumadores deverá ter gerado todo o tipo de especulações.

Apesar de já ter os bilhetes no bolso, chegou à estação com meia hora de antecedência. A tremer de frio, ficou parado no vestíbulo da estação, a gola do casaco puxada para cima, as mãos rígidas de frio apesar das luvas de pele forradas. Estava-se no dia 30 de março, daí a duas semanas já seria Páscoa, mas a primavera fazia-se para já esperar. Ontem, Rosa Knickbein, a nova ama, levava o pequeno Johann a passear no jardim pela primeira vez, apesar de, lamentavelmente, terem sido surpreendidos por uma tempestade de neve. Ainda assim, o passeio agradara a todos, também à mãe e a Lisa, que caminharam ao lado do carrinho de bebé, mas sobretudo Dodo e Leo. Depois de o bebé se ter novamente recolhido na Vila dos Tecidos com a mãe, a avó e a ama, ele continuara ainda algum tempo a brincar com os gémeos no jardim. Visitaram os Blieferts e, enquanto as crianças brincavam umas com as outras, fora com Gustav até à estufa ainda por terminar. Analisara a estrutura algo torta e prometera mandar trabalhadores como deve ser. Só raramente Paul vira um trabalho tão mal feito – mas a verdade é que Gustav era jardineiro, não mestre de obras.

Dez minutos antes da partida do comboio, ainda não havia sinal de Marie e Paul viu-se atormentado com a inquietante ideia de que, quem sabe, ela tivesse decidido arrepiar caminho. Que faria ele nesse caso? Ora, entretanto ele tinha a morada de Josef Winkler, sapateiro de profissão e irmão mais novo de Sebastian.

Depois de muito hesitar e de muitos ataques de fúria, Lisa acabara por lha dar.

– E diz-lhe, por favor, que a visita não foi ideia minha. Não tenho nada a ver com isso e quero que ele o saiba! – ordenara-lhe ela.

Ele iria até Günzburg mesmo sem Marie. Devia isso à sua família. Mas com Marie seria muito mais fácil.

Precisamente quando fazia menção de se dirigir para o cais da estação, ela apareceu no vestíbulo. Vestia um casaco vermelho-escuro cintado debruado a pelo, o chapéu moderno quase lhe escondia totalmente a testa e os olhos. Parou um instante e estava a olhar em volta, à procura, quando o reconheceu e se dirigiu rapidamente para ele.

– Bom dia. Temos de nos apressar, não é?

– Sem dúvida.

Precipitaram-se para o cais, sendo volta e meia separados por passageiros a vir em sentido contrário. Quando subiram as escadas, via-se já o vapor da locomotiva a envolver a parte da frente do comboio. Um revisor fardado estava ainda de pé no cais, cumprimentou-os e tratou zelosamente dos seus bilhetes.

– Duas carruagens mais adiante, meus senhores. Tenham por favor cuidado ao subir...

Os seis lugares no seu compartimento estavam vagos, jazia em cima do banco apenas um jornal matutino ao abandono, ali deixado por um passageiro que viajara ainda mais cedo do que eles e que desembarcara em Augsburg.

– Preferes sentar-te no sentido da marcha? – perguntou Paul cortesmente.

– É-me indiferente. Podes sentar-te onde quiseres.

Ela já despira o casaco antes de ele ter a oportunidade de a ajudar e depois sentou-se expressamente contra o sentido da marcha, pelo que ele se sentou à sua frente. Lá fora, no cais da estação, fechavam-se as portas, o revisor do

comboio soltou um apito agudo, o vapor esbranquiçado transformou-se, a silvar, num fumo cinzento, obscurecendo o cais e os edifícios anexos. Logo depois, o comboio pôs-se em movimento.

Marie não tirara o chapéu, pelo que mal se lhe viam os olhos, apenas a boca e o queixo. Era sobretudo a sua boca o que deixava Paul em alvoroço. Não estava pintada, os lábios macios, apenas os rebordos um nadinha gretados devido ao frio, o lábio superior apresentava uma curva em forma de coração. Ele conhecia tão bem a sensação do contacto com aquela boca e era uma autêntica tortura não a poder tocar.

– A Lisa ficou muito furiosa?

Paul teve primeiro de se libertar das suas fantasias, só depois conseguiu responder.

– Bastante. Estou incumbido de informar o senhor Winkler de que ela não tem culpa nenhuma da nossa visita.

Ele sorriu, mas Marie manteve-se séria. Ela disse que tentou telefonar a Lisa, infelizmente sem êxito.

– A governanta não encaminhou o meu telefonema. – Era uma acusação que provavelmente não era injusta. Ainda assim, irritou-o. Era preciso começar já outra vez a discutir? Não seria possível, naquela breve viagem, tratarem-se com simpatia ou, pelo menos, cortesia?

– Lamento muito. Vou pedir-lhe explicações.

Mas agora Marie acabou por sorrir. Divertida e, ao mesmo tempo, com um toque de maldade, assim lhe pareceu.

– Não é preciso. Eu própria deixei bem claro o que penso do assunto.

Ele assentiu e decidiu que não ia de modo nenhum alargar-se naquela questão. A senhora Von Dobern estava naquele momento a lutar visivelmente pela sua posição na Vila dos Tecidos, que dependia unicamente da mãe. Lisa tornara-se sua inimiga declarada, uma posição em que seria sem dúvida nenhuma apoiada por Kitty e seguramente também por Marie, e o pessoal já estava de qualquer modo contra ela desde o início. Paul tinha um pouco de pena de Serafina, já que, ao que parecia, mais cedo ou mais tarde acabaria por perder a batalha. Todavia, tudo nele se recusava a despedi-la. Dessa forma, teria cumprido a exigência de Marie e – apesar de todo o amor e saudade que lhe tinha – ele não era homem para andar pela trela da mulher.

Quem é que costumava dizer isto? Oh, não importa...

– Incomoda-te se passar pelas brasas? Praticamente não dormi esta noite – perguntou ela subitamente.

Olha só, ela também. Bom, se calhar seria melhor ela dormir. Pelo menos assim não discutiam.

– Por favor, não te prendas por mim. Eu também tenho sono.

Ela tirou o casaco do cabide e cobriu-se com ele, como uma manta. Agora, ele já nem sequer lhe via o queixo, mas, em contrapartida, a sua cabeça não tardou a deslizar um pouco para trás. Sob a aba do chapéu, Paul avistou as narinas e os olhos fechados. As escuras e serenas curvas das suas pestanas. De quando em vez, ela tremia, o que se deveria provavelmente ao movimento do comboio. A trepidação sempre igual e monótona das carruagens a embater entre si durante a marcha. Estaria mesmo a dormir ou fingiria apenas para evitar conversar com ele? Indiferente, olhou pela janela, onde passavam a voar arbustos despidos, as últimas casas de Augsburgo, mais tarde surgiu o Danúbio a cintilar, acompanhando a linha do comboio. Verdes prados

alagadiços, pequenos bosques a revelar já o castanho-avermelhado dos rebentos a despontar, pelo meio casas baixas, batelões a arrastar-se lentamente pelo rio.

Estava realmente a dormir. A perna direita já não estava fletida, esticou-se na direção de Paul, o pé, enfiado num sapato escuro de botões, quase tocava o seu. Quando o comboio parou em Diedorf, os seus sapatos tocaram-se e ele mirou-lhe os olhos assustados, ainda meio adormecidos.

– Desculpa.

– Não faz mal.

Encolheram-se ambos, olharam-se acanhados, Marie endireitou o chapéu, puxou o casaco para mais junto do corpo. Ele resistiu a um violento desejo de a tomar nos seus braços. Como fazia antes todas as manhãs, quando ela o encarava de olhos pequenos e ensonados. Porque é que, na verdade, era preciso sempre falar sobre os problemas, discuti-los, querer ter razão? Não era mais simples abraçarem-se? E fazer todas as coisas bonitas e loucas de que ambos tanto gostavam?

– Já pensaste no que lhe queres dizer? – perguntou Marie.

– Gostava de te incumbir dessa tarefa.

– Ah, bom. Nesse caso, depende muito da situação, não é?

– Sem dúvida.

Paul ainda não se sentia capaz de lidar com os problemas de Lisa; ao invés, remoía se não deveria declarar o seu amor a Marie. Se sim, tinha de se apressar, ainda estavam sozinhos no compartimento. O que se poderia alterar rapidamente.

– Para mim, a questão central é – prosseguiu Marie –: porque é que não respondeu à carta da Lisa? Também é possível que ele já não viva em Günzburg com o irmão e que se tenha mudado.

– Mas nesse caso o irmão ter-lhe-ia encaminhado o correio.

Marie encolheu os ombros.

– Só se souber o paradeiro do Sebastian.

– Veremos.

Basicamente, também ele tinha a sensação de que Sebastian Winkler não tinha particular vontade de ser encontrado. Que tipo de pessoa era ele na verdade? Gerava um filho com a irmã e desaparecia de cena. Na verdade, não teria esperado um tal comportamento daquele rapaz decente e honrado. Por outro lado, nessa altura Lisa ainda estava casada com Klaus von Hagemann.

Marie levantou-se para voltar a pendurar o casaco no cabide, ou seja, não tinha a intenção de continuar a dormir. Ele pestanejou face ao sol matinal, que agora entrava obliquamente no compartimento, e esperou até que ela se voltasse a sentar.

– Sabes, Marie, às vezes penso que todas estas conversas e discussões não levam absolutamente a lado nenhum.

Marie disse, sem denunciar nenhuma expressão, o que achava de tal afirmação.

– Infelizmente, também tenho essa impressão.

– Porque nos estamos sempre a esquecer do que nos liga uns aos outros.

– E porque não queres compreender o que nos separa.

Maldição! Não era propriamente simples dizer a uma pessoa tão renitente o quanto ele a amava. Engoliu em seco e fez uma nova tentativa.

– O que quer que esteja entre nós, Marie, não tem importância. Nós vamos chegar a acordo, prometo-te. Mas o mais importante é que nós nos...

Mas ela abanou a cabeça e interrompeu-o energicamente.

– Para mim, querido Paul, não é de modo nenhum sem importância. Tu gostarias de varrer simplesmente todos os problemas com o gesto de uma mão, como quem limpa a vidraça embaciada de uma janela. A geada foi-se, vê-se tudo à transparência; mas o frio que a causou não desaparece.

Ele fechou os olhos um instante e ouviu um rumorejar nos ouvidos. Não, comandou-se a si mesmo. Vais manter-te calmo.

– Que queres dizer com «frio»?

Ela fez um gesto como quem diz que foi uma palavra escolhida ao acaso, sem nenhum significado mais profundo. Mas ele conhecia-a melhor do que isso.

– Queres que eu respeite a tua mãe, certo? Que eu aprove a exposição? É isso que exiges de mim?

– Não!

Ele soltou um gemido e bateu com as mãos nos joelhos.

– O quê, então?

– Nada, Paul. Eu não exijo nada e não te quero obrigar a nada. Tu próprio é que tens de saber o que queres fazer. – Ele fitou-a e tentou perceber o que significavam aquelas palavras. Ela não exigia nada. Ela não o queria obrigar a nada. Que queria ela então? Por que diabo estava ele de novo diante daquela parede que os separava? Aquele maldito muro sem portão nem janelas, demasiado alto para simplesmente o trepar.

– Então explica-me, por favor.

A porta do compartimento abriu-se e um senhor idoso olhou para os dois.

– Números 48 e 49? Ah, já estou a ver. Estamos no sítio certo. Vem, amorzinho.

Arrastou uma mala de pele castanha lá para dentro, fez uma tentativa malsucedida de levantar a mala até à rede da bagagem e, de mau humor, viu Paul a içar a mala sem dificuldade e a colocá-la no devido lugar.

– Muito agradecido, jovem. Muito amável da sua parte. Tens as caixas dos chapéus, amorzinho?

A amorzinho estava envolta num casaco de vison, pelo que primeiro só se lhe via o cabelo louro e os olhos castanho-claros pintados a lápis grosso. Ainda assim, apesar do generoso uso do lápis nos olhos e do rímel, tinha um ar muito infantil.

Mais duas malas, três caixas de chapéus e uma mala de viagem de tecido às flores foram içadas para a rede com a ajuda de Paul. Em seguida, a jovem senhora desfez-se das peles e sentou-se ao lado de Marie.

– São terríveis, estas viagens de comboio – observou o senhor idoso, sentando-se ao lado de Paul. – A minha mulher fica sempre com dores de cabeça.

Marie sorriu-lhe e disse que também ela tinha de tomar um pó com frequência para se livrar das dores de cabeça.

– Antigamente, viajávamos aos solavancos com a mala-posta através das florestas, passava-se por poça de lama atrás de poça de lama e não era raro sermos atacados por salteadores – observou Paul, irritado com a nova companhia.

– Sim, sim, nos velhos tempos.

Marie e a «amorzinho» não tardaram a mergulhar numa conversa sobre a mais recente moda da primavera, chapéus de Paris e tecidos de lã ingleses e Paul admirou uma vez mais a capacidade que a sua mulher tinha para lidar com tanto à-vontade com pessoas mimadas e difíceis. Quando tiveram de sair em Günzburg, a «amorzinho» ficou inconsolável, registou a morada do ateliê de Marie e prometeu que passaria por lá logo que possível.

Sob o sol primaveril, Günzburg oferecia um panorama muito bonito, sobretudo a imponente residência que pairava sobre a localidade, em cima de um monte. Uma construção robusta do século XVIII, erigida como uma fortaleza em torno de um pátio interior, ladeada por duas pequenas torres com o campanário em forma de bolbo. Como era evidente, a estação ficava fora da localidade e – como tantas vezes acontecia – não se via nenhuma carruagem nem nenhum táxi que os pudesse transportar para o centro.

– Bom, vamos a pé – disse Marie sem se importar. – Por sorte, não temos malas nem caixas de chapéus.

Pela primeira vez, sorriram ambos, brincaram em torno do estranho casal do comboio e Paul ousou oferecer-lhe o braço. Marie hesitou, levantou os olhos para ele por breves momentos, e depois aceitou.

Ele não o devia ter feito, já que o contacto desencadeou nele uma perturbação pouco própria. Tudo o que foi dizendo durante o breve passeio pareceu-lhe, mais tarde, perfeita tolice; no entanto, também Marie estava propensa para o disparate, o que ambos, quando se viram rodeados das muralhas da cidade velha, atribuíram ao início da primavera.

– Se calhar devíamos comer qualquer coisa numa padaria? – sugeriu ele, tomado pela alegria.

Mas Marie opôs-se. Tomara um bom pequeno-almoço em casa e, afinal de contas, tinham viajado para cumprir uma missão delicada que de modo nenhum podia ser adiada. Na verdade, ele estava com fome, pois praticamente não conseguira comer nada na Vila dos Tecidos, mas deu-lhe razão.

A pessoas por quem passaram, perguntaram por Josef Winkler, que residia na Pfluggasse, número 2, foram mandados duas vezes na direção errada e vaguearam pela cidade velha até que, por fim, alguém sabia mesmo o caminho.

– O Sepp Winkler. Tem uma oficina de sapateiro mesmo junto à velha torre.

– Ali – disse Marie, apontando com o braço esticado para um sapato de ferro forjado a oscilar a alguma distância num gancho em ângulo reto sobre uma porta.

A oficina de sapateiro de Joseph Winkler era composta por duas velhas casinhas estreitas, unidas por uma passagem. À esquerda, havia uma pequena montra, atrás da qual se viam sapatos de senhora empoeirados, um par de botas de montar e uma série de solas de borracha soltas. A entrada ficava à direita, três degraus desciam para a oficina.

Paul não se deu ao trabalho de bater à porta, já que de qualquer modo não se ouviria, com o martelar constante dentro da oficina. O sapateiro barbado levantou a cabeça quando entraram e continuou a martelar cavilhas de madeira para dentro da sola de um sapato.

– Erika!

O seu chamamento saiu abafado, já que segurava pelo menos dez cavilhas de madeira entre os lábios, mas foi ouvido. Uma mulher alta e ossuda emergiu

de uma sala anexa e perscrutou com olhos curiosos e avaliadores o casal vestido à moda da cidade.

– Em que os posso servir, meus senhores?

– Gostaríamos de falar com o senhor Sebastian Winkler – disse Paul, que antipatizou à primeira vista com aquela ossuda pessoa.

O rosto dela expressava uma desconfiança extrema e uma crescente hostilidade. Trocou um olhar com o sapateiro, que seria provavelmente seu marido, e baixou altivamente as sobrancelhas. Ah, era perfeitamente claro quem usava as calças naquela oficina de sapateiro.

– E que querem os senhores dele?

Soou mais do que fria. Ainda assim, podia concluir-se que a pessoa procurada não andaria longe.

– Queríamos comunicar-lhe uma coisa e conversar brevemente com ele. Não há motivo para se preocupar, cara senhora Winkler.

Paul fez um sorriso encantador, que lá acabou por produzir o seu efeito, já que o semblante da senhora se suavizou.

– Ele é uma pessoa de bem e não fez nada de mal – disse ela, fitando Paul com um ar de aviso.

– Temos a certeza disso, senhora Winkler. Ele está aqui em Günzburg?

Nova troca de olhares com o marido, que logo em seguida começou de novo a martelar vigorosamente. A oficina de sapateiro era composta apenas por uma velha mesa, coberta com todo o tipo de restos de cabedal, ferramentas e caixinhas cheias de pregos. Mesmo ao lado do sapateiro, via-se um molde de madeira e, junto a ele, o desenho de uma sola e um sapato semiacabado de cabedal preto. Nas paredes em toda a volta pendiam alicates,

sovelas e tesouras de todos os tamanhos, e também outras ferramentas cuja utilidade apenas o sapateiro conheceria. A um canto, havia um forno de ferro fundido cujo tubo subia e atravessava o teto; atrás dele, a parede de cor clara estava preta de fuligem.

Uma vez que a sapateira não respondeu à pergunta, ficaram algum tempo parados sem saber o que fazer, até que, por fim, Marie tomou a iniciativa.

– Também vendem sandálias, senhora Winkler? – perguntou, com um interesse amistoso, tirando um dos sapatos de senhora da estante para analisar a sola.

– Sandálias?

– Sim – sorriu Marie. – Com tiras e um pequeno salto. Usam-se sem meias. Mas apenas no verão, claro.

– Não fazemos nada disso.

– Oh, de certeza que o seu marido faz isso com facilidade. Quer que lhe desenhe o que quero dizer?

Logo depois, a ossuda senhora Winkler já desaparecera na sala anexa, onde ficava evidentemente uma espécie de escritório. Pelo menos, sob a luz da iluminação elétrica do teto, Paul discerniu uma mesa e, em cima dela, uma série de documentos. Marie tagarelava torrencialmente, desenhava sapatos com tirinhas com saltos e explicava que ia ser a grande moda no verão. Que tinha um ateliê de moda em Augsburg e – se lhe apresentasse um exemplar modelo que lhe agradasse – poderia fazer-lhe uma série de encomendas. Estava certa, a sua esperta Marie. Paul viu a cobiça no rosto da sapateira, estaria provavelmente a pensar nos preços que iria cobrar aos cidadãos de Augsburg.

– O seu irmão vive aqui em Günzburg? – perguntou Paul ao sapateiro, a meia-voz.

– Ele não está cá.

Agora que saíra da esfera de influência direta da patroa, o sapateiro demonstrava ser mais conversador.

– E onde está? Encontrou trabalho como professor? – O sapateiro abanou a cabeça e olhou de soslaio para a sala das traseiras, onde Marie estava naquele momento a apresentar o terceiro esboço à senhora Winkler. A mulher estava claramente impressionada com tanto talento para o desenho.

– Como professor? Não. Ele trata aqui da escrita e entrega os sapatos acabados. Aos sábados, varre a rua. E depois cuida dos nossos miúdos e ensina-os a ler e a fazer contas. Eles já estão na escola, mas lá não aprenderam nada. São demasiado burros. – Calou-se, desanimado, e dedicou-se novamente ao trabalho. Lá atrás, Marie falava de um par de sapatos pretos com atacadores que uma vez mandara fazer em Augsburg. Paul observou a sapateira a escutar atentamente e a trazer os desenhos para a luz.

Teve uma suspeita.

– Quer dizer que ele mora aqui?

– Sim, claro. Lá em cima. No sótão.

– Chegou alguma carta para ele nas últimas semanas?

– Não sei. A Erika é quem recebe o correio do carteiro.

– Ah, bom.

O sapateiro enfiou um novo lote de cavilhas de madeira entre os lábios e continuou a trabalhar. Era, portanto, possível que a ávida sapateira não tivesse entregado de todo a carta de Lisa. E porque haveria de o fazer? O cunhado

trabalhava em troca de cama e comida, mantinha a contabilidade, emitia as faturas, tratava dos trabalhos sujos e ainda dava conta da miudagem. Não podia ter arranjado uma ajuda melhor nem mais barata.

– E onde está ele agora?

O sapateiro apontou com a cabeça para a porta de entrada.

– Deve estar mesmo aí a chegar.

Ah! Paul sorriu, satisfeito, e fez sinal a Marie, indicando que a pessoa que procuravam já não estava longe. Marie baixou brevemente as pálpebras; compreendera.

Tiveram de esperar ainda vinte minutos por Sebastian Winkler e Marie já desenhara mais quatro novos esboços quando, finalmente, ele entrou na oficina. Pareceu a Paul que estava bastante magro, além de que mancava devido ao pé amputado, e a roupa que vestia escapava a qualquer descrição. Ao que parecia, continuava a usar o mesmo fato puído com que viajara para a Pomerânia anos antes.

Ele ficou sem dúvida alguma absolutamente sobressaltado quando os reconheceu, mas esforçou-se por manter a compostura.

– Senhor Winkler – disse Marie calorosamente, estendendo-lhe a mão. – Espero que se lembre de nós. Marie Melzer, da Vila dos Tecidos. O meu marido.

Paul deu-lhe também um aperto de mão, sugerindo em seguida que saíssem para a rua, para não atrapalhar ali na oficina. A sapateira, que pensava agora sobre o assunto, ficou a vê-los sair com uma expressão soturna.

– Não soubeste manter a boca calada – ciciou ela para o marido. Mas ele, impassível, continuou a martelar o sapato.

O Sol cintilava por entre as casas, estava ainda demasiado baixo para se erguer acima dos telhados da rua, mas em compensação um bando de pardais cinzentos levantou voo com grande alarido e espalhou-se por telhados e muros.

– Deduzo que tenham vindo em nome da... da senhora Von Hagemann – começou Sebastian, que agora estava pálido e agitado. – Eu sei que lhe estou em dívida.

– De modo nenhum – interrompeu Paul. – Dado que não respondeu à carta que ela lhe enviou, a minha irmã faz questão de dizer que não tem nada a ver com esta visita.

– Carta? – perguntou ele, confuso. – A Elisabeth escreveu-me uma carta?

– Não a recebeu? – perguntou Marie, candidamente.

– Isso é... inexplicável. O nosso correio é muito fiável... – Sebastian calou-se, mas parecia agora ainda mais pálido. Tinha os lábios quase azulados, que tremiam. Paul teve sinceramente pena dele. Não era fácil cair nas garras de uma cunhada assim.

– Queríamos apenas informá-lo de duas coisas – retomou então Marie a conversa. – Porque achamos que deve saber. Depois voltamos para Augsburg e não o voltamos a importunar.

Paul tinha outra opinião, teria gostado de apelar um pouco à consciência de Sebastian, mas considerando que, naquele momento, o pobre rapaz parecia realmente sentir-se mal, conformou-se. Tiveram de abrir passagem para duas mulheres que puxavam um carrinho de mão cheio de sacas de farinha e que, a tagarelar muito alto, ocupavam quase toda a largura da rua. Em seguida, ficou a ouvir-se apenas o ruído dos pardais em cima dos muros.

Marie aproximou-se um pouco de Sebastian, falou baixinho, mas com muita clareza.

– Primeiro: a minha cunhada divorciou-se há algumas semanas do senhor Von Hagemann. Está entretanto a viver em Augsburg, na Vila dos Tecidos.

Se Sebastian ficou surpreendido com aquela notícia, não o manifestou. Pelo contrário, ficou totalmente imóvel, apenas os olhos atrás das lentes dos óculos pareciam estranhamente fixos.

– Segundo: em fevereiro, a Elisabeth deu à luz um rapaz saudável, cujo pai, pelo que ela me diz, não é de modo nenhum o seu ex-marido Klaus von Hagemann.

Agora, sim, ele perdeu o equilíbrio. Tropeçou alguns passos para trás, esbarrou contra a parede da loja do sapateiro e debateu-se com falta de ar.

– Um bebé... Ela tem um bebé!

Paul pousou-lhe amigavelmente a mão no ombro.

– Notícias destas podem pôr um homem de rastos, não é? Leve o seu tempo e tome as suas decisões com toda a calma. Afinal de contas, trata-se também do seu... do seu filho.

– Eu juro-lhes – balbuciou Sebastian, completamente agitado. – Eu não fazia ideia. Oh, céus, que pensará ela de mim? Como posso alguma vez voltar a olhá-la nos olhos?

– Se está realmente afeiçoado à Elisabeth, senhor Winkler – disse Marie com brandura –, se a ama, então saberá o que tem a fazer.

Despediram-se e deixaram-no, desamparado e confuso, no meio da rua diante da oficina do sapateiro.

– Teremos agido corretamente? – perguntou Paul, enquanto caminhavam em direção à estação.

– Acho que sim – respondeu Marie. – Ele foi-se embora no meio da noite e do nevoeiro e agora tem de ver as coisas como elas são. E acho que vai tomar a decisão certa.

Paul olhou de lado e sorriu. Intuição feminina? Ou uma observação inteligente? Ele pensava o mesmo e ficou contente por estarem de acordo.

– Vais mesmo encomendar sandálias?

Marie soltou um risinho e encolheu os ombros.

– Talvez. Porque não? Se ela me enviar um modelo de jeito...

Era uma empresária inteligente, aproveitava todas as oportunidades para engendrar e propor novas ideias. O pai, em dada altura, deve ter percebido isso, no final da vida nutria um grande apreço por Marie. Se calhar algumas coisas teriam sido diferentes se ele ainda tivesse encontrado o pai com vida.

Encontraram um carro de aluguer e dirigiram-se para a estação. Numa estalagem que lá havia, almoçaram cedo e conversaram sobre Sebastian Winkler. Também depois, sentados no comboio, falaram sobre como é que eles poderiam ajudá-los.

– Tenho a certeza de que a Lisa ainda o ama – considerou Marie. – E ele também não é indiferente a ela.

Tirara por fim o chapéu e arranjou o cabelo curto com um pequeno pente de bolso. Ele observou-a em tal tarefa e teve a sensação de nunca se ter separado dela.

– Temos de ser muito diplomáticos, Paul. O Sebastian tem um sensível sentido de honra. Não será fácil para ele aceitar a tua proposta. – Haviam

combinado durante o almoço que lhe deveria ser oferecido um emprego de contabilista na fábrica de tecidos.

Paul soltou um suspiro fundo e disse que já é bastante oferecer o emprego a tal pessoa, para ainda ter de se sujeitar a tantas precauções.

– Há outros que fazem fila para terem uma tal oportunidade.

– Tens razão, Paul. Mas seria uma solução fantástica para a pequena família. Não achas?

– Sim, Marie. Temos de tentar.

Quase sentia que, durante aquela manhã, os rebentos das árvores nas margens do rio haviam desabrochado, pois lhe parecia ver que os ramos estavam cobertos por uma fina camada verde-lima. Mas podia também ser uma ilusão. Estava luminoso e quente o pequeno compartimento, que por sorte tinham só para eles, e, enquanto conversavam sobre o futuro de Lisa, teve a sensação de estar novamente em casa. Com Marie. Ela era a sua car metade, quando estava com ela o mundo parecia luminoso, tudo era possível, nada os podia colocar em perigo.

Surgiram na janela as primeiras casas de Augsburg, os novos bairros em Oberhausen, do outro lado o bairro de Pfersee, ao longe viam-se já as cúpulas verdes da Torre de Perlach e a Basílica de Santo Ulrico e Santa Afra – então ele compreendeu que tinha de fazer alguma coisa. Uma tentativa. Mesmo que se arranhasse ao embater contra aquela maldita parede de pedra.

– Marie. Queria dizer-te mais uma coisa: se quiserem fazer a exposição, não vos vou colocar obstáculos.

Ela encarou-o de olhos sérios e ele percebeu que tinha de avançar um pouco mais.

– Entretanto, acho que é o que está certo. É tua mãe. E, além do mais, uma artista invulgar. Ela merece que as suas obras sejam mostradas.

Marie olhou pela janela, o comboio passava em cima da Ponte de Wertach e via-se um bando de cisnes sobre a água pouco profunda. Paul esperou, de coração nas mãos. Porque não dizia nada?

– Pediram-me que te mandasse beijinhos – disse ela, por fim, sorrindo-lhe.

– Beijinhos? De quem?

– Do Leo e da Dodo. Estão ansiosos pela próxima visita à Vila dos Tecidos.

Finalmente uma boa notícia. Mas não a de que ele estava à espera.

– E tu? – perguntou.

Entraram na estação, o comboio sacudiu-se, no corredor estreito passavam pessoas com pastas e malas. Algumas olhavam com curiosidade pelos vidros da porta para dentro do compartimento.

– Ainda não tenho a certeza, Paul. Dá-me tempo. – Ali estava. A abertura. A passagem por entre a pedra dura. Teve vontade de gritar e saltar de alegria. Mas limitou-se a levantar-se e segurou-lhe o casaco, observou-a a pôr o chapéu, ajudou-a a descer do comboio para o cais.

– Até breve – disse ele, no vestíbulo.

Ela foi-se embora apressada para ainda apanhar o elétrico.

Abril de 1925

– Não pode ser – murmurou Auguste entre dentes, para que basicamente ninguém ouvisse.

O cemitério de Hermanfriedhof estava negro com o sem-fim de pessoas a assistir ao serviço fúnebre. Vinham em torrentes por ambas as entradas, distribuía-se pelos caminhos entre as campas, ficavam todas juntas, em grupos, e mexericavam. Mas a maioria dirigia-se para a campa aberta, que ficava não muito longe do muro norte, mesmo atrás da capela do cemitério.

– Ainda bem que não viemos de carro – disse Gustav. – Não teríamos arranjado lugar para estacionar.

Vestia hoje o seu fato bom e ainda os sapatos pretos de couro envernizado com atacadores. Também Auguste se pusera elegante – afinal de contas, todas aquelas coisas haviam sido compradas com o dinheiro de Maria Jordan. Queria prestar-lhe a devida homenagem no seu enterro.

– Olha só, Gustl – disse ela, dando-lhe uma pancadinha no ombro. – Está ali a senhora Brunnenmayer. Credo, vestiu um sobretudo preto, quase nem a reconheci. E mesmo ao lado dela está a Else. A Gertie também veio. E o Humbert, com a Hanna.

– Senhora Bliefert! – chamou alguém atrás deles e Auguste voltou-se. Era Christian, o antigo empregado de Maria Jordan. Sorria para ela e as suas orelhas de abano cintilavam sob o sol primaveril como duas asinhas cor-de-rosa.

– Oh, é o Christian. Como é que vai?

– Vou andando, senhora Bliefert. As crianças estão de saúde?

Enquanto Auguste contava que Liesl tivera de faltar à escola para tomar conta dos pequenos, teve um medo terrível de que ele pudesse começar a falar do dinheiro emprestado. Não era burro, o Christian. Saberla com certeza o que Maria Jordan fazia na sala das traseiras.

– Veio tanta gente – disse ele, olhando em redor de olhos arregalados. – É assim que se vê que a senhora Jordan tinha muitos bons amigos.

– Sim, todos gostavam dela – disse Auguste pouco convictamente.

Estariam ali no cemitério seguramente muitos dos seus devedores, pensou. Se calhar também uma ou outra senhora abastada a quem ela leu um falso futuro. Mas depois também havia os curiosos, afinal de contas a história saía no jornal.

O *Augsburger Neueste Nachrichten* publicara um grande obituário, bem como o *Münchener Merkur*.

LAMENTAMOS O FALECIMENTO DE
MARIA JORDAN

2 DE MAIO DE 1873 – 23 DE MARÇO DE 1925

Todos quantos a conheciam sabem o quanto perderam.

Deus lhe conceda o eterno descanso.

Fora provavelmente escrito por Christian. Não podia ter sido Julius, esse continuava na prisão, o pobre homem. Ou podia ter sido um qualquer parente.

– Vamos tentar chegar até à campa – disse Gustav, que não gostava de ficar muito tempo parado no mesmo sítio. Tinha bichos-carpinteiros, o seu Gustav. Porque agora o telhado da estufa estava finalmente terminado e o vidraceiro começara naquela manhã bem cedo a betumar as vidraças. Amanhã podiam

preparar os canteiros e transferir os vasos com as plantinhas previamente cultivadas. Oh, podia ser tudo tão bom, estava tudo a ir de vento em popa, as coisas estavam finalmente a endireitar-se. Se não fosse o medo permanente. Ainda não acontecera nada, mas de certeza que a polícia teria encontrado os títulos de dívida com a sua assinatura. Que acontecia a uma dívida quando a prestamista morria? Era anulada? Ou acabariam por encontrar uns quaisquer herdeiros a quem Auguste teria de devolver o dinheiro?

– Os amores-perfeitos não valem nada – disse Gustav, que à passagem ia analisando as plantas nas campas. – Crescem demasiado depressa e em dois dias já estão murchos. E olha só para aquilo, Auguste. Um arranjo de narcisos e jacintos; também temos muito disso, temos de os tirar agora para vender.

Como era empenhado quando falava das suas plantas. Ficara irritado ao ver que no redondel do pátio da Vila dos Tecidos ainda havia ramos de abeto. Tinham de ser limpos o mais depressa possível, senão as primulas não iam ter luz. As túlipas e os narcisos amarelos já estavam a nascer por entre os ramos de abeto, uma vergonha!

– Deviam contratar um jardineiro – observou Auguste. – Não podes estar em todo o lado, Gustav. E dinheiro não lhes falta. Já há muito que voltaram a laborar à noite e também deram uma nova demão de pintura nos edifícios da fábrica.

Estavam também ali no cemitério alguns dos órfãos, acompanhados da nova diretora. Há meio ano, a Igreja voltara a abrir o Orfanato das Sete Mártires. Ao que parecia, os pequenos lembravam-se ainda da antiga diretora Maria Jordan. Quem diria? Auguste e o marido estavam agora bem junto à sepultura, via-se o sacerdote, muito ereto nas suas vestes escuras, ao lado do caixão, à espera que a assistência se reunisse.

– Que lindo caixão ela tem! – escapou da boca de Auguste ao ver o féretro castanho-escuro com ornamentos entalhados. No cimo jazia um arranjo de rosas vermelhas e lírios brancos. Teriam seguramente vindo de Munique, ali em Augsburg nenhuma florista tinha rosas assim tão bonitas. Muito menos naquela época do ano.

– Estás com inveja, é? – perguntou Gertie, que se acotovelara a seu lado. – Também gostavas de ter um enterro assim bonito?

– Não, muito obrigadinha – retorquiu Auguste com impertinência. – Eu cá gostava mas é de outras coisas.

Mesmo à frente, junto aos transportadores do caixão, estavam o senhor Melzer com a mãe e Elisabeth von Hagemann. Quer dizer que eles tinham mesmo vindo! A senhora Von Hagemann parecia sinceramente comovida, pois levava constantemente o lenço aos olhos. Do outro lado, em frente ao sacerdote, haviam-se posicionado a senhora Marie Melzer e a senhora Kitty Bräuer, o senhor Von Klippstein estava com elas. Marie Melzer apresentava um semblante realmente triste – o que era estranho. Afinal de contas, Maria Jordan não suportara Marie desde o início e mesmo mais tarde não tinha coisas boas a dizer sobre ela. Mas a jovem senhora Melzer era simplesmente uma pessoa de bom coração. Que pena o casamento dos Melzers estar prestes a desmoronar. Auguste tinha a certeza de que aquilo teria a mão de Serafina von Dobern. Todos na Vila dos Tecidos sabiam que aquela pessoa só causara todo o tipo de infelicidade. Apenas o patrão e a sua mãe não o queriam perceber.

Mas se agora o horto começasse finalmente a avançar, ela também já não precisaria de ir à Vila dos Tecidos pedinchar trabalho. Teriam então o

suficiente para a sua subsistência e podiam mandar à fava a cobra venenosa da Serafina.

– Já viu, senhora Bliefert? – sussurrou-lhe Christian ao ouvido. – Ali, ao pé da árvore. Aquele homem.

Auguste assustou-se um pouco, pois não tinha dado de todo conta de que Christian viera o tempo todo no seu encalço. A árvore para onde ele apontava com o dedo era um ácer ainda despido de folhas e em torno do tronco trepava uma hera atrevida. Um esquilo voou como uma seta sobre um ramo e desapareceu dentro da hera – era provável que atrás dela houvesse uma cavidade no tronco.

– Que homem?

Christian não pôde responder imediatamente, já que o sacerdote começara o seu discurso em voz alta. Falava da vontade insondável de Deus, dos caminhos do Senhor que por vezes nos pareciam incompreensíveis ou até cruéis e da Sua onipotência, que todos guiava e orientava.

– Minha é a vingança, diz o Senhor – exclamou ele muito alto sobre as cabeças das pessoas em volta. Auguste viu que Else e a senhora Brunnenmayer assentiam vigorosamente com a cabeça.

– Um dos inspetores da polícia – ciciou-lhe Christian ao ouvido. – E além está outro. Aquele com o bigode, está a ver?

Auguste fitou na direção do homem de cabelo negro que, encostado a uma faia, tirava notas freneticamente. É verdade, aquele ela conhecia. Fora ele quem a interrogara, o do bigode e da cara pálida.

– Sim, sem dúvida. Que querem eles daqui? – sussurrou ela a Christian.

– Silêncio aí à frente! – resmungou alguém. – Não se sabem comportar?

Gustav voltou-se para trás, furioso. Não deixava que ninguém tocasse na sua Auguste.

– Se volta a ofender a minha mulher, seu... seu malcriado!

Auguste agarrou-o pelo braço e segredou-lhe que deixasse estar. O outro também se calara entretanto, já que, diante da sepultura, os transportadores preparavam-se para descer Maria Jordan à campa do seu eterno descanso. As três cordas que passavam sob o caixão foram esticadas por robustas mãos masculinas, um funcionário do cemitério removeu as tábuas de suporte e o caixão deslizou lenta e solenemente lá para dentro. O sacerdote proferiu um texto da Bíblia que falava sobre a vida eterna e borrifou água benta, ouviu-se alguém a soluçar alto e descontroladamente.

Else, pensou Auguste. Céus, que vergonha. Mas ela era mesmo assim. Todavia, logo depois, reparou que se enganara, já que Else estava hirta como uma estátua ao lado da senhora Brunnenmayer e segurava um lenço à frente da boca. Quem estava a soluçar era um senhor mais velho que segurava na mão um elegante chapéu *homburg* e colocara polainas novas sobre os sapatos de pele pretos. Parecia fora de si de tristeza, aproximou-se tanto da sepultura que recearam que pudesse cair lá dentro e atirou o seu ramo de rosas para a cova, ainda antes de o sacerdote ter acabado a operação com o incensário.

Auguste teve a sensação de já ter visto aquele homem nalgum lado. Quando olhou para a senhora Brunnenmayer e para os outros, pareceu ver-lhes também expressões estranhas de quem estava a matutar. Seria verdade que Maria Jordan tinha parentes? Era só o que faltava, pensou Auguste. Deus Senhor, faz com que este seja um dos seus antigos amantes. Um infeliz devedor. Um cliente que fora iludido com um futuro dourado. Mas, por favor, que não fosse ninguém que lhe pudesse herdar os títulos de dívida.

Com efeito, apenas poucos seguiram o exemplo do homem do chapéu *homburg* e atiraram um punhado de terra ou uma flor para a campa aberta. Fê-lo a senhora Brunnenmayer, Else também, Christian e duas senhoras mais idosas, depois um vizinho e a sua esposa. Em seguida, na sua maioria, as pessoas continuaram ali todas juntas, cumprimentavam-se conhecidos, tagarelava-se sobre todo o tipo de frivolidades e certificava-se de uma vez por todas de que a pobre Maria encontrara finalmente o seu descanso. O homem do chapéu *homburg* e das polainas enfiara um envelope fechado no bolso do sacerdote, murmurara alguma coisa e desaparecera por entre os presentes em direção à saída. Foi acompanhado por olhares curiosos, sussurros, encolheres de ombros. Quando Auguste procurou de novo os dois inspetores, constatou que também eles haviam desaparecido.

– Ainda vens connosco à Vila dos Tecidos? – perguntou a senhora Brunnenmayer. – Vamos passar ainda uma horinha à conversa e a comer bolo. Traz os pequenos à vontade. Para amenizar a tristeza.

Gustav recusou, queria ir para a sua estufa. Quem sabe poderia começar já nessa noite a transportar o húmus lá para dentro. Se ao menos os vidros estivessem finalmente instalados!

– Também queres vir, Christian? – perguntou Gertie, olhando com pena para o rapaz solitário.

Ele pareceu ficar muito contente com o convite, pois as suas orelhas já não luziam num tom rosado, mas sim vermelho-carmim.

– Se me permitem...?

– Mas é claro! – disse Humbert.

Auguste nada disse. Por um lado, gostava de Christian, mas, por outro, preocupava-se que ele pudesse fazer alguma observação infeliz e revelar o seu

segredo. Apanharam o elétrico e viajaram todos juntos até à paragem da Haagstrasse. Aí chegados, Gustav virou logo para a esquerda, em direção ao horto, ao passo que os demais seguiram em frente até ao portão de entrada do jardim. Pelo caminho, foram ultrapassados pelo automóvel dos Melzers, conduzido pelo próprio jovem senhor Melzer. No banco de trás, além da senhora Von Hagemann, vinha a senhora Brunnenmayer. Na qualidade de funcionária mais antiga, fora-lhe oferecida aquela oportunidade. Para grande irritação de Else, que entrara ao serviço na Vila dos Tecidos apenas um ano depois da cozinheira.

– Viram como a jovem senhora Melzer se despediu tão formalmente do marido? – perguntou Gertie, enquanto percorriam o acesso até à Vila.

– Mas até que sorriu um bocadinho – considerou Humbert. – Se calhar os dois até se voltam a juntar.

– Não acreditas mesmo nisso, pois não? – perguntou Gertie com insolência.
– O que acabou acabou, ponto final!

– Em maio tudo renasce – cantarolou Humbert alegremente¹³.

Olhou para Hanna e os dois sorriram um para o outro. Haviam vindo o caminho todo de mãos dadas, como um parzinho apaixonado. Não deixava de ser estranho, pensou Auguste. Sempre achara que Humbert não gostava de raparigas. Mas enfim, uma pessoa podia enganar-se.

– Quer dizer que vocês os dois são uma só alma e um só coração? – perguntou em tom de troça.

– Sim – disse Humbert muito sério. – Eu nunca me devia ter ido embora sem a Hanna.

– Oh, para com isso – disse Hanna a sorrir, dando-lhe um empurrãozinho de lado. – Estás sempre com falinhas mansas.

– E não será talvez verdade? – perguntou-lhe ele.

– Pois sim – admitiu ela, enrubescendo.

No grande redondel florido, Dörthe trabalhava, de tamancos de madeira e um avental azul de linho. Já tirara e desfizera os ramos de abeto que estavam em cima dos rebentos a despontar, para depois os levar no carro de mão e os juntar à lenha. Agora estava a mondar e a soltar afetuosamente a terra entre as flores e mais tarde plantaria os amores-perfeitos que semeara em grandes vasos de flores que colocara na lavandaria.

– Ela já partiu um dos vasos – censurou Gertie com um sorriso matreiro. – Mas de resto está a fazer um bom trabalho, afinal de contas vem do campo e precisa de esgaravatar a terra como uma minhoca.

Auguste disse a Dörthe que fosse até à estufa e que lhe trouxesse os filhos. Depois de beberem café, Liesl e Maxl podiam ajudá-la a plantar, estavam habituados a esse tipo de trabalho.

– Só pensas em pôr a tua pobre filha constantemente a trabalhar? – ralhou Gertie. – É muito ajuizada, a Liesl, tem de ir à escola e mais tarde aprender alguma coisa decente.

– Como tu, por acaso? – retorquiu Auguste, irritada.

Que importava a Gertie se Liesl ia à escola ou não? Teria ela ganho alguma coisa ao fazer um curso caro de camareira? Pelo menos na Vila dos Tecidos, até então ninguém lhe oferecera essa posição. Uma rapariga para todo o serviço, é o que ela era. E enquanto a senhora Von Dobern estivesse naquela casa, assim se manteria. Essa, aliás, não a podia ver nem pintada.

Na cozinha, a mesa comprida já estava posta. A senhora Brunnenmayer estava a servir o café, embora enchesse primeiro naturalmente a cafeteira de Meissen para a senhora Von Hagemann e a senhora Alicia Melzer. Depois, uma pequena cafeteirinha já danificada para a senhora Von Dobern, que fazia as refeições no seu gabinete. E, por fim, a grande cafeteira azul de lata para os empregados. Cheirava tão bem! Gertie e Hanna trouxeram da despensa os bolos de fermento acabados de fazer, e ainda o bolo furado com passas e os quadrados de chocolate de que as crianças tanto gostavam.

– Têm tantos bolos deliciosos – espantou-se Christian. – E café de grão a sério.

Tornava-se claro que aquela avarenta, Maria Jordan, não oferecia café nem nada mais ao pobre rapaz, pensou Auguste, amargurada. É verdade que não se devia pensar mal dos mortos, mas para Christian fora uma sorte ter-se livrado dela! E para ela também!

Sentaram-se, a cafeteira deu a volta à mesa, tal como a leiteira e o açucareiro, o bolo foi distribuído por todos. Logo a seguir, Dörthe entrou de rompante na cozinha com a prole de Auguste, os dedos sujos foram lavados na pia da louça e todos se riram porque as mãos de Dörthe estavam ainda mais negras do que as mãozinhas das crianças.

Fritz e Hansl avançaram determinadamente para Christian e subiram para os seus joelhos, Maxl enfiou-se no colo de Auguste e Liesl correu para Gertie. Ah, pensou Auguste, com inveja. Tenho de ter cuidado para que não me corrompa a miúda. Afinal de contas, precisamos de todos os braços para ajudar no horto. Se calhar podiam depois perguntar a Dörthe se não queria trabalhar para eles. Parecia saber de plantas e também era robusta. E, como vinha do campo, de certeza que não exigiria um salário por aí além. Quem

sabe se em troca de cama e comida? Podia dormir lá em cima, com as crianças. Sim, Dörthe seria talvez a melhor solução. Christian era um querido, mas era – pensava agora melhor – um tanto ou quanto delicado para o trabalho de jardinagem.

– Também me pareceu conhecê-lo de algum lado – disse alguém à mesa e Auguste despertou dos seus pensamentos.

– Aquele do chapéu duro? – perguntou. – É desse que estás a falar? Aquele que soluçava tanto que até metia pena?

Humbert assentiu e deu uma dentada numa fatia de bolo. Hanna verteu leite na sua chávena de café. Parecia saber exatamente quanto devia verter, já que não perguntou.

– Não sei – ouviu-se Else. – Estava vestido de forma tão elegante. Mas também tenho ideia de o ter visto antes. – Mergulhou o pedaço de bolo no café e fez uma expressão tola quando o voltou a tirar, já que metade ficara dentro da chávena.

– Eu cá não o conheço – disse Hanna.

Também Gertie encolheu os ombros, nunca vira antes o tal fulano esquisito. Mas de certeza que tinha bigode até há muito pouco tempo.

– Como assim? – admirou-se Else.

Gertie lançou-lhe um olhar de desdém.

– Porque tinha umas manchas vermelhas esquisitas. Pareceu-me tinha da barba.

– Ui, mil demónios! – gemeu Auguste. – Isso pega-se?

– Com beijos, sim, Auguste – disse Gertie com um sorriso malandro.

Todos se riram, a senhora Brunnenmayer engasgou-se com o café e Humbert deu-lhe pancadinhas nas costas.

Gertie, aquela má-língua, mais dia menos dia ainda lhe torcia o pescoço, pensou Auguste, furiosa.

– Com uma barba grisalha e aquele cabelo ralo e fininho – matutou Humbert, exclamando depois alto: – Sim, já sei!

– Eu também – disse a cozinheira, voltando a pôr a fatia de bolo no prato, tal foi o espanto. – E vocês, Else e Auguste, também devem saber!

Por momentos, fez-se silêncio, apenas Fritz choramingava por não conseguir chegar à leiteira.

– Jesus! – escapou a Else. – O fulano que antes às vezes a vinha visitar. Aquele velho bêbedo. Como se chamava mesmo?

– Sepp, acho eu – murmurou a senhora Brunnenmayer. – Era o marido dela, foi o que ela uma vez disse.

Auguste quase ficou com o bolo de passas preso na garganta. Pois era, por vezes havia um que se esgueirava pelo corredor de serviço. Na altura ela dormia com a Else, mas uma vez, quando teve de sair durante a noite, cruzara-se com ele. Ui, mas que fulano. Quase morrera de susto. O marido! Que coisa horrível. Se fosse verdade, então ia herdar tudo o que era de Maria Jordan.

– Eu também o vi uma vez – contou Humbert. – Veio pelo corredor de serviço e caiu-me diretamente nos braços. Foi repugnante. Ele estava muito sujo. E tresandava. A porcaria e aguardente e a... Bom, é melhor nem dizer. Na altura quase desmaiei de nojo.

Fora ainda antes da guerra, nisso estavam todos de acordo. Fanny Brunnenmayer também sabia que esse tal de Sepp, ou lá como se chamava, fora em tempos o grande amor de Maria Jordan. Quando ela ainda dançava no teatro de variedades.

Gertie arregalou os olhos. Mas que mulher aquela, a Maria Jordan! Bailarina de variedades. Camareira. Diretora de um orfanato. Proprietária de loja. Vidente.

– Não há de haver outra como ela – considerou Gertie, impressionada.

– E não é só isso – interveio agora Christian. Como os dois rapazes haviam deslizado para fora dos seus joelhos para deambular pela cozinha, estava menos ocupado. E antes que Auguste o conseguisse impedir, já ele dera com a língua nos dentes.

– Ela também emprestava dinheiro a juros – contou ele todo orgulhoso. – A senhora Jordan era uma mulher rica, todos os meses os devedores tinham de ir lá pagar-lhe.

– Quem diria – disse a senhora Brunnenmayer, assobiando entre os dentes. Auguste teve vontade de se enfiar num buraco, já que agora todos tinham os olhos postos nela. Else era demasiado tapada para desconfiar de alguma coisa, mas Gertie já há muito percebera e também Humbert começava lentamente a chegar lá. Já há muito que todos achavam muito esquisita a história da herança.

– Quer dizer que esse tal de... esse Sepp apareceu na loja em Milchberg? – precipitou-se Auguste a perguntar a Christian para desviar as atenções de si.

– Vi-o uma vez. Pelo menos acho – disse ele, sem certezas. – Foi nos primeiros dias, um tipo entrou na loja, um vagabundo esfarrapado. Cheirava a aguardente. Eu quis pô-lo na rua, mas ele entrou simplesmente na sala das

traseiras e, quando abri a porta para ajudar a senhora Jordan, ela mandou-me sair. Sim, acho que era ele.

– E ele só lá esteve uma vez? – perguntou Humbert, incrédulo.

Soltou-se uma berraria porque Maxl deu um empurrão a Fritz.

– Ele queria tocar no fogão quente, mamã!

Auguste levantou-se e agarrou no seu mais novo, levou-o ao peito para o consolar, ao que ele logo se voltou a calar.

– Não sei quantas vezes ele lá foi – disse Christian, pensativo. – Ele também pode ter entrado pela porta das traseiras.

Auguste ainda estava como que anestesiada com a notícia de que Maria Jordan tinha marido. Mas os outros já estavam um passo à frente. Como sempre, Gertie foi a mais rápida. Sobretudo a falar.

– E onde foi o tipo buscar o belo fato, o chapéu e as polainas?

– E também entregou um envelope ao padre – ouviu-se Humbert dizer.

Auguste varreu com a mão algumas migalhas de bolo que estavam em cima da mesa e pô-las no seu prato.

– Deve ter herdado dela – disse. – Se é o marido dela...

– E que pode ele ter herdado? – retorquiu Christian. – Já não ficou lá mais nada. Foi tudo roubado. Só os títulos de dívida é que não.

– Se calhar ela tinha dinheiro no banco.

– É possível – admitiu Christian. – Isso já não sei ao certo. Ela era muito discreta no que dizia respeito ao dinheiro.

– E agora calou-se para sempre – disse Else, abanando a cabeça com uma expressão cheia de significado.

Fez-se silêncio à mesa, ouvia-se a chaleira a borbulhar em cima do fogão. Lá fora, no pátio, Dörthe plantava flores com Liesl e Maxl.

– E se não tiver sido de todo o Julius? – perguntou Gertie, baixinho. – E se, afinal, tiver sido esse tal de Sepp? Entrou pela porta das traseiras, apunhalou-a e levou o dinheiro.

– Tsss! – emitiu Humbert, abanando a cabeça. – E achas mesmo que, nesse caso, ele teria ido ao enterro? Com as polainas novas?

Todos concordaram com ele. Roubar e assassinar e depois, no enterro, soluçar pela vítima junto ao seu caixão era coisa que não batia certo. Se tivesse sido ele, já há muito se teria posto a milhas com o dinheiro.

Conversaram ainda um pouco sobre os patrões. Desde que a senhora Von Hagemann voltara para a Vila dos Tecidos, muita coisa melhorara. Sobretudo porque ela pusera a Von Dobern com dono.

– Mais umas semanas e livramo-nos dela – prognosticou a senhora Brunnenmayer. – E sabe Deus como não me vai fazer pena nenhuma!

Christian acompanhou Auguste e as crianças um pedaço quando, mais tarde, regressaram a casa. Ele candidatara-se ao posto de ajudante em duas lojas, na casa de porcelanas Müller e na tipografia Eisele, que também vendia livros. Agora queria ainda tentar nas salas de cinema, gostaria muito de trabalhar lá, porque então poderia ver sempre os filmes.

Quando Auguste seguiu pelo trilho do jardim que conduzia à casa do jardineiro, tiveram de se separar.

– Há ainda uma coisa sobre a qual seria melhor não dizeres nada a ninguém, Christian – começou Auguste, com cautela, olhando em volta para

garantir que Liesl não ouvia. Era já uma grande espertalhona, a Liesl, compreendia muita coisa.

Christian sorriu. As orelhas mexiam-se quando o fazia, tinha um ar engraçado.

– O título de dívida. Eu sei. Olhe, tenho aqui uma coisa para si. – Ele tirou um papel amarrotado do bolso das calças e entregou-lho. Olhou para ela conspirativamente. – Tive-o o tempo todo à frente do nariz, estendido no chão, enquanto me interrogaram. Tirei-o depressa quando o inspetor teve de ir à casa de banho. – O título de dívida! Amarfanhado a ponto de quase não se reconhecer nada, mas era indiscutivelmente o maldito documento que ela própria assinara. Tinha também a data, sexta-feira, 3 de outubro. E a assinatura de Maria Jordan. Auguste quase se atirou ao pescoço do rapaz.

– És um tipo às direitas, Christian! Se quiseres, também podes trabalhar connosco.

– Pode crer que quero – sorriu ele.

¹³ Referência à popular canção infantil *Alles neu macht der Mai*. (N. da T.)

Elisabeth cerrou os olhos com força e susteve a respiração por um momento. Sempre que o garoto agarrava pela primeira vez, sentia subitamente uma dor infernal no mamilo direito. Depois, a coisa ia, já não sentia nada e era simplesmente bom. Ficava a olhar para baixo, para o seu bebé rosado, com um sentimento de ternura profunda. Mamava tão sofregamente. Devia ser um enorme esforço para o pequeno. Estava já todo vermelho e transpirado. Ainda antes, quando Rosa o trouxera, berrava até mais não, tinha uma voz possante. Recentemente, a mãe dissera a sorrir que aquele rapaz trazia mais vida à Vila dos Tecidos do que todos os outros juntos. Lisa ficara muito orgulhosa.

– Oh, Deus do céu – disse Kitty, que se refastelava, de pernas esticadas, no sofá azul-claro enquanto observava a irmã a amamentar. – Que imagem de fertilidade. Posso pintar-te um dia destes enquanto dás o peito ao Johann?

– Nem te atrevas!

– Fotografar? Só um pequenino esboço?

Lisa limitou-se a lançar um olhar de aviso na direção da irmã. Kitty e as suas permanentes ideias sem juízo! Um desenho dela com o peito todo a descoberto numa das exposições de Kitty! Se calhar também com o título «Irmã da Artista a Alimentar o Filho». Como se em Augsburg não houvesse já falatório suficiente em torno da família Melzer.

– Credo, Lisa – gemeu Kitty. – És tão pequeno-burguesa! Não, a sério. É uma imagem tão bonita. Tão... maternal. Estás com um ar tão dedicado. Como uma cadelinha com dez pequenos cachorrinhos agarrados.

Lisa conhecia a sua irmã mais nova desde que nascera; ainda assim, Kitty conseguia sempre pô-la em fúria. Acalmou-a o facto de, exceccionalmente, uma vez na vida, Kitty ter inveja dela. A mãe dissera antes que o pequeno era

já muito parecido com o avô. Sim senhora, desta vez, ela, Lisa, que fora sempre o trambolho da família, conseguira superar a irmã. Tinha posto um rapaz no mundo. Sabia-se lá se um dia não seria ele a assumir as rédeas da fábrica? Leo, pelo menos, não era a pessoa adequada a essa função e só Deus sabia se Paul e Marie teriam mais filhos.

Por falar em Paul e Marie.

– Que se passa realmente com o Paul e a Marie? – perguntou subitamente, estendendo a mão para agarrar na ligadura de gaze que Rosa lhe entregava, para o caso de algum leite verter para fora. – Não consegui compreender lá muito bem toda a história, Kitty. Qual é sequer o tema da discussão? Eles amam-se, não é?

Kitty voltou os olhos para o teto e enfiou mais uma almofada de seda atrás das costas.

– Jesus Senhor, Lisa! Mas é óbvio, não é? E tu já falaste vezes suficientes com a Marie.

Na verdade, desde o nascimento do pequeno Johann, conversara apenas duas vezes com ela ao telefone. E haviam falado essencialmente dos seus próprios problemas. Marie era basicamente uma maravilhosa consoladora e uma amiga sensata e solícita; mas revelava muito pouco sobre ela mesma.

– Em todo o caso, custa-me ver quanto o Paul sofre com isso!

Kitty reagiu como se tal afirmação fosse totalmente absurda e inventada. Mas Lisa conhecia-a melhor do que isso. Kitty amava demasiado o irmão para lhe ser indiferente.

– Ah, Lisa, o Paul afinal é um espertalhão como todos os homens – disse, torcendo as franjas da fronha da almofada. – Não, não são todos assim.

O meu bom Alfons nunca foi tal coisa. Mas a verdade é que era o único.

Lisa limpou com pequenos toques a testa suada de Johann, que mamava sofregamente, e esticou o braço esquerdo. No dia anterior, segurara na criança numa posição tão tensa que o braço ficara totalmente dormente.

– Que queres dizer com isso, «espertalhão»?

Kitty assumiu a expressão de uma professora que dá explicações a uma criança ingénua.

– Bom, a situação é esta. Ouve as queixas da mulher, concorda cheio de compreensão e declara que tudo irá mudar a partir de então. Porque, afinal de contas, ela é a sua mais-que-tudo, ele tem por ela um amor sem fim, não pode viver sem ela... E quando ela, muito comovida, se entrega nos seus braços, não repara que na verdade nada vai mudar. Porque haveria ele de mudar alguma coisa? Ele ama-a. Deveria ser suficiente.

Lisa oscilou a cabeça, em sinal de dúvida. Kitty não estava inteiramente enganada, Paul era capaz de ser muito sorrateiro. Por outro lado: dera-lhe um ateliê. Que marido teria feito tal coisa?

– O ateliê, pois sim! – exclamou Kitty, como se se tratasse de uma bagatela sem valor nenhum. – Mas aqui na Vila dos Tecidos a Marie já não tinha palavra nenhuma a dizer. Até lhe impuseram uma precetora contra a vontade dela.

Lisa era sensível a este ponto, já que fora ela a recomendar Serafina von Dobern à mãe.

– Bom, era preciso alguém para se ocupar dos gémeos.

– Sem dúvida – exclamou Kitty. – Mas uma coisa dessas não se decide nas costas da mãe.

Lisa sentiu frio no peito e logo depois o pequeno Johann começou a chorar, pois perdera o acesso ao alimento. Lisa voltou a enfiar a fonte de leite dentro da boca aberta, ele agarrou e continuou a mamar vigorosamente. A força que aquela criança despendia para encher a barriga.

– Enfim, a Serafina, também eu só agora a conheci como deve ser – admitiu Lisa com relutância. – Antigamente, era uma amiga realmente muito querida. Quem teria pensado que acabaria por se tornar assim?

– Eu! – vangloriou-se Kitty. – Nunca pude com ela, a tua Fi. Foi sempre um mosquitinho asqueroso e insosso.

– Ela nunca deu grande valor às aparências.

Kitty riu-se sarcasticamente.

– Podes crer. A fulana é do mais cinzento que há. Por dentro e por fora.

Lisa olhou para a irmã com inveja, que tinha realmente pintado as unhas. Típico de Kitty, tinha de aderir a todo e qualquer disparate da moda! Entretanto também usava o cabelo ainda mais curto do que antes e punha uma quantidade generosa de rímel.

– Mas o pior é que o Paul disse mal da mãe da Marie – continuou entretanto Kitty a tagarelar. – Como lhe passou tal coisa pela cabeça? Todos sabemos o que a nossa família lhe fez.

Lisa soltou o faminto Johann do seio direito para o passar agora para o lado esquerdo. Tal não se fazia sem gritos, já que o pequeno estava longe de se sentir saciado. Mas que sorte ele mamar tão bem. Depois do nascimento, perdera algum peso, mas entretanto o seu filho já crescera a olhos vistos. E agora, muitas vezes, também já esticava as perninhas e punha-se a espernear com força. No início, limitava-se a ficar ali deitado em posição fetal e, como

Rosa o envolvia sempre numa manta de algodão branca, a princípio Lisa pensara que era minúsculo e que não tinha pernas.

– Sabes, Kitty, consigo compreender o Paul muito bem. A Luise Hofgartner, era assim que se chamava, não era?, deve ter sido uma pessoa difícil. Podia ter simplesmente entregado os planos ao papá e tudo teria corrido bem. Mas não, tinha simplesmente de ser teimosa.

– Em primeiro lugar, era mãe da Marie – bufou Kitty de volta – e, em segundo, foi uma artista extraordinária e, em terceiro, morreu de uma forma muito infeliz. Não, eu acho que o Paul não se esforçou o suficiente. Queria pôr os quadros lá em cima no sótão. Parece impossível!

– Ainda assim, não compreendo como isso pode estragar um casamento tão feliz, Kitty!

– Jesus! – exclamou Kitty, indignada. – E quem é que diz tal coisa? Mais cedo ou mais tarde, o Paulinho vai acabar por ceder, tenho a certeza absoluta. Sabes, Lisa, neste aspeto o Paulinho é exatamente como o papá. Primeiro, casmurro que nem um burro, e depois, ao reparar que assim não ia a lado nenhum, mudava de direção num ápice. Lembras-te de como, no início, ele estava contra o hospital militar na Vila dos Tecidos? E depois não queria, de modo nenhum, que se produzissem tecidos à base de papel na fábrica. E o que aconteceu? O que é que nos permitiu sobreviver aos anos da guerra? Os tecidos de papel!

Lisa não estava convencida. Quem podia sequer dizer que Paul era realmente parecido com o pai neste ponto? Além do mais, esta era uma questão matrimonial, as regras eram outras.

– Espero bem que tenhas razão, Kitty.

– Mas claro que tenho, Lisa – disse Kitty, baloiçando os pés para cima e para baixo. Calçava sapatos de tiras absolutamente encantadores, de pele clara e salto baixo. Os pés ainda algo inchados de Lisa teriam parecido uns balões ali dentro.

– Mas seria bom se pelo menos um dos filhos da mamã tivesse um casamento normal, certo? – prosseguiu Kitty, olhando para a irmã de soslaio.
– Nós as duas somos casos perdidos, não é?

Lisa encolheu os ombros. Estaria Kitty a sondá-la? Após o regresso de Günzburg, Marie mantivera-se tão calada como Paul. Não que Lisa estivesse à espera de grandes resultados. Mas teria contado com pelo menos um pouco mais do que: «Veremos.» Teriam sequer encontrado Sebastian? Nem isso Paul lhe contara, mas, enfim, ela também não perguntara mais nada e agira como se lhe fosse totalmente indiferente. E era. Depois do que aquele cobarde lhe fizera, não podia ser de outro modo. Certo, ela tratara-o mal durante três anos. Mas lá por isso não tinha de fugir a correr como uma lebre só porque fora fraco uma única vez. Não, ela já não queria saber dele. Infelizmente, o seu estúpido coração ainda não compreendera isso. Mas lá chegaria, com o tempo...

– Somos? – perguntou de volta com um tom inocente. – E eu que pensei sempre que terias um sem-fim de admiradores à tua volta, entre os quais, um dia, acabarias por escolher o teu futuro marido.

Kitty achou aquela imagem tão divertida que mergulhou entre as almofadas de seda de tanto se rir. Teve de se agarrar aos braços do sofá para se voltar a sentar.

– Não, Lisa. Ui, mal consigo respirar. És ainda mais pequeno-burguesa do que imaginei. Dever-se-á ao facto de teres respirado o ar são da Pomerânia

durante tanto tempo?

– Oh, esqueci-me de que és uma artista e que levas uma vida livre. Em todos os sentidos.

Kitty procurou o espelho e o lenço na bolsinha de mão para limpar o rímel esborratado. Aquela coisa desfazia-se à mínima lágrima.

– É isso mesmo, Lisa. Eu sou artista. Além do mais, sou uma mulher que trabalha e ganho o meu próprio dinheiro. E é precisamente por isso que não preciso de marido. Ponto final!

Ora muito obrigada, pensou Lisa, ofendida. Mensagem recebida. Aos teus olhos, sou uma parasita porque não ganho dinheiro, vivendo pelo contrário da minha herança e, além disso, às custas da mamã e do Paul. Muito obrigada, irmãzinha, por me esfregares isso na cara!

– De resto, os homens no meu círculo de conhecidos são muito queridos e gosto muito deles – tagarelou Kitty, não colocando no entanto nenhum ponto final na afirmação. – É com certeza problema meu o facto de ter recusado já toda uma série de pedidos de casamento. Não, não me quero contentar com as coisas pela metade. Eu tive direito à grande paixão, que foi o Gérard. E tive um amor ainda maior, o meu Alfons. Homem nenhum no mundo inteiro pode agora oferecer-me mais!

Ui, que conversa mais patética a da sua irmãzinha. Lisa estava cética. Quando Kitty se empolava daquela maneira, na maior parte dos casos isso significava que estava a esconder alguma coisa.

– Sim, compreendo-te muito bem, Kitty. As minhas experiências com homens, infelizmente, foram todas... uma desilusão. É assim a vida. Mas eu achava que tu continuavas a manter o contacto com o Gérard. A mamã disse que trocavam cartas.

Kitty soltou uma gargalhada, mas soou muito artificial.

– Oh, não. Já há muito que não. Ele casou-se.

– Oh! Nunca teria pensado isso dele!

Aí estava então. Não a conseguia enganar. Gérard, o grande amor da sua vida, o jovem francês de sangue quente com quem ela em tempos fugira para Paris, decidira portanto constituir família. Uma família francesa. Compreende-se. Não tinha uma loja de sedas? Uma fábrica? Bom, ele tinha consciência de que aquele era o seu dever.

– Sabes, Lisa, essa história já tinha acabado há muito tempo. O bom do Gérard tornou-se entretanto num velho. Ih-ih, dei-lhe os meus sinceros parabéns e desejei-lhe muitos filhinhos. – A voz de Kitty tornou-se agora algo estridente. Parecia que se estava a convencer a si mesma. – É realmente muito bom ter filhos. Eu estou muito feliz com a minha Henny. Se quiseses, Lisa, também podes vir viver connosco na Frauentorstrasse. Com o teu pequenino, evidentemente. A Tilly também se vai provavelmente juntar a nós quando passar o exame final. Oh, vai ser divertido com tantas mulheres! Para que precisamos de homens? Só nos trazem problemas.

Riu-se e tirou novamente o pequeno espelho, limpou o rosto afogueado com um lençinho, pois o cabelo curto fazia-lhe cócegas na bochecha e no queixo. Depois levantou-se do sofá com um salto espantosamente ágil e endireitou o vestido.

– Ainda quero dar rapidamente um salto a casa dos Bliefert. A Marie pediu-me que lhes levasse algumas coisas que já não usa. A Tilly chega hoje, vai passar a Páscoa connosco. Ah, é tão querido, mama com tanta força. É um grande glutão. Mas tu tens aí que chegue. Até breve, Lisa. Estou tão contente

por já não estares na Pomerânia, naquela quinta feiosa. Até breve, meus queridos.

Lisa ficou aliviada quando Kitty saiu do sofá totalmente amarrotado e fechou a porta atrás de si. No corredor, ouviu-a a perguntar pela mãe.

– Como assim? Ela está a fazer a sesta? Ainda? Não posso esperar tanto tempo. Diz-lhe que a Henny está completamente ansiosa por procurar ovos de Páscoa no domingo.

– Muito bem, senhora Bräuer – ouviu-se a voz de Else.

– Oh, ainda por cima aquele artigo hoje no jornal... Já leram? O pobre Julius é totalmente inocente...

– Sim, minha senhora... Ficámos todos muito contentes... O assassino foi o marido dela... Apanharam-no e ele confessou...

– Oh, Else! – exclamou Kitty alegremente. – Eu soube logo que a mamã jamais contrataria um criminoso... O Julius tem aquele ar todo janota e engomado, mas é uma alma boa. Não é mesmo?

– Sem dúvida, minha senhora...

Lisa constatou que o seu pequeno tesouro adormecera entretanto, saciado e esgotado, e levantou-se para o pousar no berço. Ficou algum tempo ali parada, como que encantada, a observar o bebé a dormir serenamente, a sua boca rosada, as bochechas gordas, os traços delicados das pálpebras fechadas. Era o seu filho. Era mãe, finalmente. Por vezes, quando acordava de manhã cedo, receava que tudo pudesse ter sido um sonho, mas depois os seus olhos procuravam o berço, que, a seu pedido, estava mesmo junto à sua cama, e ficava descansada.

Rosa apareceu e tirou o pequeno do berço para lhe mudar a fralda. Um procedimento a que ele provavelmente se deixaria submeter sem acordar.

– Seria de o levar de novo a passear lá fora? Penso que hoje está sol.

De manhã já haviam passeado pelo jardim e Lisa tivera imenso frio. Mas tal devia-se provavelmente ao facto de, descuidadamente, ter vestido apenas um casaquinho e não um sobretudo quente. Acontecia que o sobretudo ainda lhe ficava apertado a toda a volta.

– Mas a maioria dos caminhos do jardim fica à sombra – considerou, hesitante, deslocando-se até à janela.

Enfim, junto aos arbustos dos juníperos e dos abetos havia sombra, mas as outras árvores ainda mal tinham folhas e deixavam passar o sol. E lá em baixo, no pátio, o redondel estava florido como um fogo de artifício colorido, tudo mérito de Dörthe. Lisa estava agora mesmo muito orgulhosa da rapariga da Pomerânia. Havia ali jacintos lilás e brancos, túlipas vermelhas e amarelas, prímulas de todas as cores e narcisos amarelo-dour...

Lisa esticou o pescoço, pois junto do redondel estavam dois homens mergulhados numa conversa. Era, na verdade, Paul. Porque não estava na fábrica? Verdade, era Sexta-Feira Santa, laboravam menos turnos. E o outro? Oh, céus, era com certeza uma alucinação! O homem parecia-se com... com...

Sebastian!

E usava também o mesmo fato coçado. E, oh, céus, o horroroso chapéu castanho, que segurava na mão, esse também ela conhecia. Os dois homens olharam então subitamente para cima, na direção da sua janela, e ela cambaleou para trás, assustada. O coração era todo ele um violento remoinho

e ficou aliviada ao ser amparada pelo sofá. Ele estava ali. Ela não se enganara. Sebastian viera a Augsburg. Oh, meu Deus! E ela parecia uma bola inchada!

Bateram à porta e Gertie olhou cautelosamente para dentro do quarto, para não acordar o bebê.

– Está aqui um senhor para falar consigo, senhora Von Hagemann.

Lisa reagiu espontaneamente, sem pensar, simplesmente da primeira forma que lhe ocorreu.

– Diga-lhe que desapareça. Já imediatamente. Não o quero ver. Ouviste, Gertie? Vai lá abaixo e diz-lhe isso!

– Sim... muito bem, minha senhora! – sussurrou Gertie com um ar desorientado.

A porta fechou-se, Gertie foi pelo corredor fora e chegou ao vestíbulo. Ofegante, Lisa sentou-se no sofá azul-claro.

Oh, céus, pensou. Ele estava lá em baixo. Sebastian.

O homem que ela amava. Durante três anos, ela ansiara como uma louca por um abraço seu. Durante três anos, ele controlara a sua paixão, queria-a inteira ou não a queria de todo, fizera questão disso. E depois, naquela noite de Natal, o primeiro beijo maravilhoso...

Levantou-se rapidamente do sofá e correu para a janela. Lá em baixo, via-se Gertie, Paul a seu lado, de braços esticados a gritar algo que ela não entendia. Sebastian estava já a alguma distância deles, caminhava apressadamente pela alameda em direção ao portão do jardim. Viu-lhe as costas, o casaco amarrotado, as calças por engomar com as bainhas coçadas. Levava ainda o chapéu na mão.

– Sebastian! – sussurrou ela. – Sebastian, espera... Espera!

Afastou a cortina para o lado, tentou abrir a janela, mas o maldito batente estava outra vez perro.

Ele estava já demasiado longe, pensou, desesperada. Já não a conseguiria ouvir.

– É melhor não abrir a janela – disse Rosa. – O pequenino não pode apanhar correntes de ar.

Lisa passou por ela a correr e saiu do quarto. No corredor, Else vinha com uma pilha de camisas acabadas de engomar quando Lisa lhe apareceu tão de repente que ela teve de se desviar sobressaltada. Lisa passou por ela a toda a brida, de meias e roupa de casa, correu pelas escadas abaixo, até ao vestíbulo. Aí chegada, quase escorregou nos ladrilhos polidos, conseguiu agarrar-se por um triz a um dos pequenos pilares e descalçou as meias para conseguir correr melhor.

– Minha senhora. Mas sem sapatos não pode... – balbuciou Gertie junto à porta de entrada.

– Sai-me da frente!

Lisa viu Sebastian mais lá adiante na alameda. A passo rápido, afastava-se cada vez mais da Vila dos Tecidos. Paul fora atrás dele uma parte do caminho e deve ter tentado retê-lo, em vão, e agora estava ali parado a ver o homem a ir-se assim embora. Lisa desceu para o pátio, precipitando-se pelos degraus abaixo, mal sentia as pedras ásperas sob os pés descalços, o desagradável cascalho que no inverno ali era espalhado para impedir a formação de gelo escorregadio.

– Sebastian! – gritou ela. – Para. Sebastian!

Ele não se voltou. Lisa perdeu a coragem, foi assolada por um desespero puro. É claro que aquilo era de prever, voltara a fazer tudo errado. Mandara-o embora, em vez de lhe dizer que...

– Lisa! – ouviu a voz de Paul. – Olha para ti! Pelo menos fecha os botões.

Completamente sem fôlego, Lisa estacou e apalpou o vestido. Era verdade, depois de amamentar ainda não apertara todos os botões. Porque se irritava ele tanto? Alguém tinha alguma coisa que ver com isso?

– Trá-lo de volta, Paul – soluçou.

– Ele não quer – rosnou ele, irritado. – Agora volta para dentro, vais constipar-te. Vamos encontrar uma solução, Lisa...

– Não!

Começou novamente a correr, mas então ouviu o rosnar de um motor. O carro obsoleto de Kitty entrou no acesso por um dos caminhos laterais do jardim, ela acenou-lhes alegremente e pôs-se a caminho do portão.

A sua irmã mais nova já lhe aprontara das boas. Roubara-lhe Klaus von Hagemann. Troçara da sua aparência. Ficava sempre do lado do papá. Por diversas vezes, Lisa tivera uma grande vontade de torcer o pescoço àquela pequena e encantadora canalha. Mas, naquele dia, Kitty compensou-lhe tudo.

Ao travar a fundo, o automóvel deslizou para a esquerda e foi parar à relva entre duas árvores. Kitty baixou o vidro e enfiou a cabeça fora da janela. Gritou alguma coisa na direção de Sebastian. Depois fez um gesto claro na direção da porta do passageiro e – oh, maravilha – Sebastian obedeceu. Abriu a porta e entrou.

– Inacreditável – murmurou Paul. – E agora não vai conseguir tirar o carro da relva.

Kitty precisou de várias tentativas, o motor rugia como moscardos furiosos, a chapa no lado direito ganhou mais uma moessa. E o para-choques traseiro era já de qualquer modo um veterano à custa de tanto impacto. Após uma feliz manobra de inversão de marcha, o veículo veio aos solavancos de volta para a Vila dos Tecidos e parou mesmo à frente da entrada.

– Desembarcar! – ordenou Kitty numa encantadora e alegre voz de comando.

Ainda demorou um instante, já que Sebastian, com os nervos, não encontrava o manípulo para abrir a porta do carro. Mal ele saiu do carro, Kitty arrancou a toda a velocidade, deixando uma nuvem de fumo atrás de si. O resto teria agora de ficar a cargo de Lisa.

Ficaram os dois parados um diante do outro, confrangidos. Mal ousavam olhar-se de frente, nenhum tinha coragem de proferir a primeira palavra.

– Os teus pés – murmurou Sebastian por fim.

Lisa constatou que estava descalça e que o dedo grande do pé esquerdo estava a sangrar.

– Corri tão depressa – balbuciou ela. – Assustei-me. Não queria que te fosses embora.

– A culpa é toda minha, Lisa. Perdoa-me.

Ele tinha lágrimas nos olhos. Vê-la a correr atrás dele, descalça e com os pés a sangrar, fez o resto.

E então aconteceu. Não era possível discernir quem fez o primeiro movimento, talvez o tivessem feito ao mesmo tempo. Precipitaram-se na direção um do outro e abraçaram-se. Ela soluçava, sentia os seus beijos, primeiro cautelosos, como quem receava que ela o pudesse rejeitar, mas

depois cada vez mais apaixonadamente, totalmente desenfreado, numa cena nada adequada aos olhares dos empregados.

– Deixaste-me sozinha... Tive de passar por tudo sozinha, a gravidez, a viagem terrivelmente longa de comboio, o divórcio.

Lisa ouvia-se a si mesma e assustou-se com o tom queixoso da sua voz. Nunca lhe quisera dizer aquelas coisas. Quisera ser forte. Cumprimentá-lo com condescendência. Lançar ao ar os seus pedidos de desculpa. Mas agora sentia-se fraca e era tão maravilhoso estar nos seus braços. Sentir o seu calor, a sua força. E, ainda assim, saber que ele lhe pertencia. Era total e exclusivamente dela. Porque ele a amava.

– Não tenho nada, Lisa. Não tenho trabalho, não tenho dinheiro, um sítio onde morar. Como podia eu ousar apresentar-me diante de ti nestas condições?

– Vamos arranjar uma solução – sussurrou. – Tens de ficar comigo, Sebastian. Comigo e com o nosso filho. Precisamos tanto de ti. Morro se te fores outra vez embora.

– Eu já não posso ir embora, Lisa. Nunca te voltaria a abandonar.

Ele beijou-a na boca e era-lhes indiferente se entrasse agora no pátio um fornecedor e Paul lhes sussurrasse que seria melhor continuar a «conversa» dentro de casa.

– Tu não consegues andar, querida. Espera – disse Sebastian.

Ela resistiu. Que era demasiado pesada. Mas ele não quis saber de nada disso.

– Não é propriamente a primeira vez que faço isto!

Ele carregou-a até ao primeiro andar e aí desistiu. Subiram de mão dada as últimas escadas até ao quarto.

Leo sentiu-se muito pateta com o cestinho. O que havia de passar pela cabeça da avó! Cada criança recebeu um daqueles ridículos cestinhos da Páscoa com ervas feitas de papel verde lá dentro, até o pequeno Fritz, e também Walter, já que ele e a mãe haviam sido convidados para passar o domingo de Páscoa na Vila dos Tecidos.

– É para porem aí os ovinhos que o coelho da Páscoa escondeu no jardim.

Dodo deu-lhe um encontrão nas costelas, para garantir que não dizia nenhum disparate. Mas, mesmo sem o aviso de Dodo, ele não teria estragado a satisfação da avó Alicia. Os adultos eram muito esquisitos, especialmente os mais velhos. Achavam que eles ainda acreditavam mesmo no coelhinho da Páscoa! Mas ele e Dodo já no ano passado espreitaram lá de cima, do quarto das crianças, atrás da cortina, enquanto Gertie e Julius escondiam os ovos coloridos e os coelhinhos de açúcar no jardim.

Tinham-no contado à mãe, ela rira-se um bocadinho, dizendo depois que era muito possível que o coelhinho da Páscoa tivesse tanto trabalho a acudir a tantas crianças que pedia ajuda às pessoas. Mas como ela fez um ar tão manhoso, ele e Dodo chegaram a acordo de que a mãe recorrera a uma «mentira piedosa».

Aliás, os adultos podiam dizer «mentiras piedosas». As crianças não. As crianças basicamente nunca podiam mentir.

E agora ali estava ele com aquele estúpido cestinho, enquanto todos os outros corriam como loucos pelo jardim, agachando-se debaixo de todos os arbustos, a pisar as flores e a assustar os pobres esquilos. De vez em quando, ouvia-se um grito algures.

– Encontrei! Encontrei!

Depois, todos os outros corriam para lá e havia discussão.

– São meus, vi-os primeiro.

– Cada um recebe só um coelho de açúcar com chocolate. Tu já tens um.

– E depois? Sou mais rápido.

Na maior parte das vezes, vinha ainda Gustav meter a colher, correndo no meio das crianças com Humbert e o papá.

– Dá o coelho à Henny, Hansl! Já!

– Mas fui eu que o encontrei.

– Já!

– Deixe-o lá – disse o papá.

Mas Gustav manteve-se inflexível. Porque Maxl e Hansl eram tão ligeiros de pernas que, de contrário, não ficaria nada para os outros. Fritz tropeçava nas suas pernas curtas pelo relvado fora, com um colorido ovo de Páscoa em cada mão, e Henny, a pequena patife, já tinha pelo menos três coelhos de açúcar no cestinho. Um deles devia-o sem dúvida ao seu amigo Walter, que se deixara levar pela sua conversa, Leo vira-o perfeitamente.

– E tu, Leo? – perguntou a mãe. – Não queres procurar também?

– Não.

Detestava aquela correria parva e todo aquele teatro por causa de meia dúzia de ovos. Podia comê-los de qualquer modo ao pequeno-almoço e não gostava de coelhos de açúcar. Ainda tinha alguns do ano passado, e do outro antes, estavam lá em cima, no armário, porque não lhes conseguia morder as cabeças ou as patas.

Ninguém devia poder fazer isso, não queria causar dor aos seus coelhos.

Por sorte, a mamã não insistiu, também o papá entretanto perdera o hábito de o repreender constantemente, dizendo-lhe que era um rapaz e que, por isso, tinha mas é de trepar às árvores. Só a tia Elvira, da Pomerânia, que viera visitá-los na Páscoa, tinha dito antes que ele era de certeza um rapaz travesso, já que se parecia mesmo muito com o seu falecido tio-avô Rudolf. O tio Rudolf era irmão da avó Alicia. Vira-o numa fotografia amarelada, estava de uniforme e sentado em cima de um cavalo. O cavalo chamava-se *Freya*, a tia Elvira explicara-lhe que era uma égua alazã, um animal lindíssimo. Ficara até com vontade de um dia ir visitar a tia à Pomerânia, já que gostava de cavalos.

– Psst. Leo.

De repente, Humbert chegou-se ao pé dele, tirou-lhe o cestinho da mão e encheu-o com um monte de coisas de Páscoa. Três ovos coloridos e dois coelhos de açúcar.

– Obrigado, Humbert – disse ele, embaraçado.

Humbert sorriu e explicou que tinha aquelas coisas no bolso das calças e não sabia onde as havia de pôr. E desapareceu logo em seguida. Humbert era incrivelmente ágil e um companheiro às direitas. Era bom que ficasse na Vila dos Tecidos. Ele ficara a substituir Julius, porque esse tinha estado na prisão. Todavia, desde ontem, Julius estava de volta. Estava sentado lá em baixo na cozinha a beber chocolate quente. Estava todo grisalho e muito magro e, quando levava a chávena à boca, a mão tremia-lhe. A Brunni dissera que os inspetores da polícia tinham de carregar o pobre tipo na consciência. Que era uma vergonha encerrar um homem inocente na prisão e o deixar aí a apodrecer.

Agora já tinham finalmente encontrado todos os ninhos de Páscoa. Dodo, Walter e Henny correram pelo relvado, de volta ao terraço, onde os adultos

bebião o seu aperitivo, era um vinho vermelho ou amarelo que se servia em copinhos muito pequeninos. Cheirava a verniz de piano e um nadinha a cerejas demasiado cozidas – ele não conseguia perceber como é que se podia gostar daquilo.

– Bom, Leo – abordou-o a senhora Von Dobern, que servia sumo de maçã às crianças numa bandeja de prata –, apanhaste também alguns ovos de Páscoa?

Agora era simpática como um gatinho, a Von Dobern. Mas ele não queria saber, odiava-a do fundo do coração e, quando a via, sentia ainda doer a orelha que ela costumava apertar quando ainda era precetora.

– Sim, alguns – disse ele laconicamente, virando-lhe as costas.

– É um menino tão bonito – ouviu ele a senhora Von Dobern dizer à avó Alicia. – E um grande talento.

– Mais tarde, vai tocar alguma coisa para nós – disse a avó, afagando-lhe o cabelo. Se ao menos pudesse, por fim, cortar aquela estúpida poupa, estavam sempre a troçar dele na escola por causa disso. Chamavam-no de «bonequinha». Uma vez agarraram-no e puseram-lhe um laço, foi o cúmulo da maldade. Haviam fechado Walter dentro de uma sala para que não o pudesse ajudar. Mas depois Maxl Bliefert viera em auxílio de Walter e juntos conseguiram forçar a porta. Maxl era dois anos mais velho e, além disso, era forte. Puseram-se então à bulha e o senhor Urban decretara trabalho de castigo para todos.

Os adultos formavam dois grupos.

A tia Kitty estava com a mamã e a tia Tilly, com elas estava o senhor Klippi, que agora voltou a ter permissão para vir à Vila dos Tecidos, e ainda a mãe do Walter. Este era um grupo. A avó Alicia pusera-se na outra ponta do terraço

com a tia Elvira e a avó Gertrude, acompanhadas também da senhora Von Dobern. Este era o segundo grupo. Só o papá é que alternava entre grupos, conversava aqui, depois ali, e estava sempre a olhar para a mamã. Mas ela não sorriu uma vez só.

Entre os grupos, via-se a tia Lisa sentada numa cadeira de verga, com uma manta de lã sobre os ombros, e a seu lado estava o senhor Winkler. Ele segurava no pequeno Johann ao colo e embalava-o. Leo gostava muito da tia Lisa; mas ainda não tinha como avaliar o senhor Winkler. Tinha sempre um ar tão desalentado e praticamente não dizia nada, ficava-se com a sensação de que se sentia acanhado com as pessoas que ali estavam. Sobretudo porque estava a usar um fato que tinha sido do avô. Leo soube disso por Else, que se mostrara muito desesperada com isso. Mas Dodo dissera que, afinal de contas, o avô estava morto e que já não ia precisar do fato.

Entretanto, os adultos haviam admirado devidamente os cestinhos cheios de ovos, acrescentando as advertências do costume. Não comer tudo de uma vez. Partilhar honestamente com os irmãos. Agradecer aos pais.

– Mas porquê? – perguntou Henny. – Foi o coelho da Páscoa que os trouxe! – Logo depois, gritou «Obrigada, querido coelho da Páscoa!» na direção do jardim, o que, naturalmente, todos os adultos acharam absolutamente encantador. Fizeram-lhe festas nos seus caracóis louros. Ninguém reparou que ela açambarcara cinco coelhos de açúcar. Em contrapartida, ela tivera há pouco tempo dois buracos nos dentes e gritara terrivelmente no dentista. A culpa era de comer demasiadas coisas com açúcar, dissera o dentista. A tia Tilly, que aliás queria ser médica, confirmara-o ao pequeno-almoço e, desde então, Henny não voltara a dirigir-lhe a palavra.

Humbert vestira agora a bonita libré que Julius usava sempre nos dias de festa. Colete cinzento-escuro com botões dourados, calças justas com um pesponto de cor clara nos lados e uma camisa branca engomada. Sussurrou alguma coisa ao ouvido da avó Alicia e ela assentiu. Ah, iam finalmente almoçar. A barriga de Leo já rosnara várias vezes muito alto, Walter dissera que mais parecia o tigre que ele admirara através das grades no jardim zoológico. Estava a soltar na altura um rosnido mesmo estrondoso.

– Meus queridos convidados, o cordeiro pascal espera-nos na sala de jantar. Vamos por favor para a mesa.

Na sala de jantar, a mesa fora posta com o serviço bonito, estava tudo muito lindo, muito embora com a desvantagem de ele ter um medo terrível de estragar alguma coisa. Há dois anos, Dodo deixara cair um prato e por isso a avó Alicia avisava-a em todas as refeições que devia ter cuidado.

As quatro crianças Bliefert haviam regressado a casa com Gustav. Que pena, pensou Leo. Gostava de ter tido pelo menos Liesl com ele à mesa. Walter também gostava dela, perguntara-lhe há pouco tempo se ela não sabia tocar piano. Mas os Blieferts não tinham piano.

– O teu lugar é ali, Leo – disse a mamã. – Olha, a avó escreveu cartões de mesa.

Era verdade, estava ali um cartãozinho de rebordo dourado e tinha o seu nome escrito. Walter ficou completamente fora de si quando descobriu o seu cartão e perguntou se o podia levar para casa. Sentou-se ao lado de Leo e do outro lado sentou-se Dodo. Estava muito bem assim, Leo não queria de modo nenhum sentar-se ao lado de Henny. Essa estava sentada mesmo ao lado de Walter, mas à sua direita era o lugar da tia Kitty. A tia Kitty era a única que percebia os joguinhos de Henny. E então ela tinha de obedecer.

Os adultos sentaram-se e ficaram tal qual estavam já antes no terraço. Lá adiante, à cabeça da mesa, estava a avó Alicia com a tia Gertrude, a tia Elvira e o papá; em frente, estavam a mamã, a tia Kitty e a tia Tilly. Os outros estavam de alguma forma distribuídos pelo meio e a senhora Von Dobern não estava sequer à mesa. Mas que sorte!

A comida estava, como sempre, uma maravilha. A tia Gertrude podia treinar o que quisesse, nunca iria chegar aos calcanhares da Brunni. Humbert servia muito melhor do que Julius, fazia tudo com muita ligeireza, parecia flutuar e estendia as travessas sempre no momento preciso. Além do mais, não tinha um ar tão taciturno, ao contrário da cara que Julius sempre fazia.

– Meus queridos filhos e netos, caros convidados e amigos.

A avó Alicia ergueu o copo e olhou em volta. A tia Lisa ainda se debatia com a carne assada, o senhor Winkler endireitou-se na cadeira e sorriu, confrangido, o papá olhou para a mamã, que estava muito pálida. Provavelmente as couves-de-bruxelas não lhe souberam bem, estavam um nadinha amargas.

– É com imensa alegria que este ano celebro uma vez mais a Páscoa na companhia dos meus mais próximos. E que grande companhia temos hoje sentada à nossa mesa. Sobretudo o riso das crianças, que agora regressou à Vila dos Tecidos, traz muita felicidade a esta velha senhora.

Com efeito, ainda há pouco estavam ali oito crianças. Um belo número. E ainda o bebé. Mas esse estava quase sempre aos berros – risos de crianças, está bem. Uma gritaria daquelas podia estragar a mais bela música para piano. Oxalá depois ele ficasse sossegado enquanto eles estivessem a tocar.

– Ora essa – dissera Walter –, nós tocamos ainda mais alto.

Dodo entornou o copo e assustou-se porque o papá olhou para ela de testa franzida. Mas a tia Elvira voltou a pôr o copo direito e pousou um dos arranjos de flores em cima da mancha de água.

– Sobretudo, fico contente por celebrar esta Páscoa com todos os meus filhos. Minha querida Lisa, tu e o teu filhinho encantador tornaram perfeita a minha felicidade. Meu querido Paul. Minha querida Kitty.

A tia Lisa sorria, transbordante de alegria. Ou melhor, inchada de alegria. Assentiu com a cabeça na direção da avó e pegou na mão do senhor Winkler. Este ficou então muito vermelho e endireitou os óculos.

– Mas há mais um motivo de alegria que tenho o prazer de vos anunciar hoje, meus queridos filhos, familiares e amigos, nesta festa da Páscoa.

De repente, Leo sentiu-se cheio de calor. Será que a mamã, afinal, iria voltar para a Vila dos Tecidos? Olhou para Dodo, estava tão empolgada que ficou com a boca aberta. Por um instante, sentiu uma enorme felicidade. Era bom estar em casa da tia Kitty. Mas, de alguma forma, não estava correto. E, depois, o papá também estava muito diferente.

– Meus queridos, não vos vou submeter mais a esta tortura. Hoje celebramos também um noivado. A nossa jovem estudante de Medicina vai ficar noiva do senhor Ernst von Klippstein.

– Ah, bom – suspirou Dodo, profundamente desiludida.

Também Leo sentiu a perda de uma bonita esperança. A tia Tilly ia casar-se com o senhor Klippi. E depois? A quem interessava tal coisa? A ele e a Dodo é que não interessava nada.

– Tilly! – exclamou a tia Lisa. – Não, mas que boa surpresa! E o senhor Von Klippstein, oh, não, meu caro Ernst, posso atrever-me a brindar à sua

amizade?

Humbert surgira no momento certo com uma bandeja cheia de copos com champanhe e agora dava a volta à mesa para que cada um se pudesse servir.

– Para vocês, copos com vinho a fingir – sussurrou a Leo. Tiveram direito a sumo de maçã num copo de champanhe.

– Bah – disse Henny. – Eu quero champanhe a sério.

– Vais já para casa comigo, é isso? – ameaçou a tia Kitty. Não estava minimamente feliz com o noivado, isso via-se bem. A tia Gertrude e a tia Elvira verteram algumas lágrimas, a mamã sorria, o papá parecia completamente entusiasmado, ergueu o copo ao alto e saudou:

– Bebamos aos jovens noivos. Deus abençoe o feliz matrimónio e lhes dê uma vida longa.

– E muitas criancinhas – disse a tia Kitty. Soou absolutamente maldosa.

Em seguida, o senhor Klippi levantou-se e fez um discurso em que falou de coisas esquisitas como «afeição» e «sensatez» e que se iriam apoiar e ajudar um ao outro.

– Agora têm de dar um beijo! – exclamou Henny em voz alta.

Ninguém a escutou. Dodo disse que isso era um disparate. Afinal de contas, o senhor Klippi era agora o seu noivo, não o amante. Só os amantes e os maridos é que podiam beijar.

– E então o beijo de noivado! – teimou Henny.

– Sossega de uma vez por todas – disse a tia Kitty. – Nos casamentos por conveniência não se beija.

– Mas eles acabaram de ficar noivos.

– Muito menos ainda.

– Tss-tss! – soltou Henny, desapontada. – Se eu alguma vez ficar noiva, vou beijar até mais não!

Walter ficou muito embaraçado, já que ela o olhou com ar triunfante enquanto proferia aquelas palavras. Cheia de fúria de beijar. Walter tinha um medo terrível de tal coisa. Leo também.

– Vê lá se ficas com a boca toda torcida – disse Dodo a Henny, fazendo uma careta feia com a boca toda torta.

– Dodo! – exclamou a avó Alicia do outro lado da mesa. – Não sabes que essa carantonha te pode ficar agarrada à cara para sempre se agora o relógio bater a hora certa?

– Dong! – imitou Henny o relógio de pé do salão vermelho e riu-se perdidamente com a piada.

Era realmente um tormento ter de estar sentado à mesa com as meninas. Mas agora servia-se finalmente a sobremesa, creme de framboesas com pedacinhos de chocolate e *chantilly*. A Brunni acrescentava também sempre um bocadinho de baunilha – se pudesse, Leo comeria apenas as natas. Walter gemeu baixinho e disse estar tão cheio que provavelmente já nem conseguiria segurar no violino.

– Estava a brincar – disse, ao ver a cara horrorizada de Leo a olhar para ele.

Depois da sobremesa, os adultos ficaram ainda algum tempo sentados à mesa, Humbert serviu moca em chávenas pequeninas, a tia Lisa e o senhor Winkler foram para cima, porque era preciso amamentar o bebé.

– E que vai ele lá fazer também? – admirou-se Dodo.

– Deve ter medo de ficar aqui em baixo sem a mulher – disse Walter.

– Ela não é mulher dele – observou Henny.

Walter voltou a sentir-se embaraçado com a forma como Henny lhe sorria.

– Eu... eu pensei que sim. Porque já têm um bebé. – Do outro lado da mesa, o senhor Klippi disse que agora era possível eleger o homem certo para a presidência do Reich. Que Hindenburg apresentou a sua candidatura à presidência.

– O Hindenburg? – exclamou a tia Kitty. – Mas esse mandou milhares de pobres soldados para uma morte sem sentido, só porque não queria nenhum acordo de paz.

– Mas não, minha querida – disse o senhor Klippi, sorrindo um pouco, sabendo provavelmente que as mulheres não percebiam nada da guerra. – O marechal de campo teria com certeza sabido conduzir as nossas tropas à importante vitória se na pátria não tivesse perdido o apoio. Foi uma traiçoeira punhalada nas costas dos socialistas contra o exército alemão.

– Isso é um grande disparate – exclamou a tia Kitty muito alto. – Quem é que ainda queria continuar com a guerra quando já estava tudo perdido? Além do mais, é demasiado velho. Um presidente decrépito. Enfim, combina com esta ridícula república.

A avó Alicia endireitou-se ainda mais um pouco na cadeira e olhou reprovadoramente para a tia Kitty.

– Minha querida Katharina, um bocadinho mais de contenção. Pensa nas crianças. E, por favor, caro senhor Von Klippstein, não queremos falar de política em ambiente familiar.

– Perdão, minha senhora.

Walter ficou contente ao ver que Leo lhe puxava agora pela manga. A avó fizera-lhe sinal, isso significava que ia ser agora. Tinham de ir a correr depressa para a sala de fumo, onde estavam o violino e a partitura, naquela manhã cedo Humbert e Julius já haviam afastado um pouco da parede o piano do salão vermelho. Caso contrário, a parede engoliria o som.

A senhora Ginsberg também se levantara, ia virar as páginas da partitura de Leo. Não era, na verdade, necessário, já que ele há muito que sabia de cor a sonata em mi menor para piano e violino de Mozart. E Walter, de qualquer modo, tocava sem partitura. Mas a senhora Ginsberg dizia sempre: «Pelo seguro.»

Quando entraram no salão vermelho, já lá estavam sentados numerosos ouvintes, apenas a tia Lisa e o senhor Winkler ainda estavam lá em cima com o bebé. Porque estava ele a berrar agora, não devia estar a mamar?

Infelizmente, não havia nada a fazer, teriam de tocar em luta com o chorão. Era irritante, já que Walter começava sozinho com a bonita melodia em tom menor, depois vinha uma frase enérgica em *forte* e então ele entrava ao piano. Aí, pelo menos, já tocavam mais alto.

A senhora Ginsberg dirigiu-lhes um sorriso encorajador, estava tudo bem. Começaram e, logo que mergulharam na música, tudo à sua volta desapareceu. Havia apenas sons, ritmos, melodias. No início, Leo não era particular apreciador de Mozart, já que lhe parecia demasiado fácil. Mas agora percebia que Mozart era o tipo de pessoa que bailava sobre um precipício em cima de uma corda fina. Acima deles o Céu, em baixo o Inferno e, no meio, eles pairavam nas asas de Mozart. Era incrível. Mas era o mais belo que havia no mundo.

Walter cometeu dois deslizes, mas Leo limitou-se então a tocar a sua parte e Walter voltou depois a entrar. Apenas a senhora Ginsberg ficava muito nervosa, Leo ouvia-lhe a respiração pesada, pois estava sentada numa cadeira muito perto dele. Quando terminaram, o aplauso foi tão ruidoso que os dois se assustaram.

– Bravo! Bravo! – exclamou o senhor Klippi.

– Maravilhoso! – gemeu a tia Lisa, que a dada altura entrara de mansinho na sala com o senhor Winkler.

– Dois pequenos Mozarts – murmurou a tia Elvira.

Dodo gritou «Viva, viva, viva!» e Henny apoiou-a, até que a tia Kitty lhe ordenou que se acalmasse de uma vez por todas. Hoje a tia Kitty não estava nada de bom humor, normalmente mal se aguentava de entusiasmo com «os dois meninos-prodígio». Pelo contrário, o papá veio ter com eles, apertou muito solenemente a mão de Walter, da senhora Ginsberg e, por fim, também de Leo, entregando-lhes presentes.

– Hoje desempenho eu a função da menina das flores.

Riram-se todos, até a mamã o achou engraçado. No entanto, só a senhora Ginsberg recebeu um ramo de flores, ao passo que ele e Walter receberam bilhetes para um concerto no Ludwigsbau, no Stadtgarten. Ia aí atuar o pianista Artur Schnabel. Não era apenas pianista, também compunha, disse a senhora Ginsberg. Leo ficou absolutamente empolgado, já que era exatamente isso que gostaria de fazer mais tarde.

Houve ainda para cada um uma dose de gelado, a Brunni fazia-o sempre no congelador e desta vez sabia a cerejas. Podiam verter em cima algumas gotinhas de licor de ovo e Henny tentou mesmo convencer Walter a dar-lhe a sua dose. Mas a tia Lisa estava com atenção, essa tinha olhos de lince.

Depois de esvaziarem as tacinhas de vidro e as terem pousado na bandeja que a senhora Von Dobern lhes pôs à frente do nariz, pegaram na partitura e fizeram menção de ir à sala de fumo. Walter deixara lá o estojo do violino. Brunni e Else estavam ainda no corredor, além de Gertie e também Julius, já que tinham ficado ali a ouvir o «concerto».

– Tão bonito – não parava Brunni de dizer. – E vivi eu o suficiente para ouvir isto.

Estavam muito comovidos e contentes, pois os empregados, quando falavam, diziam a verdade e não bajulavam como os familiares. Quando todos desceram para a cozinha, estava prestes a ir para a sala de fumo com Walter, mas depois parou, já que ouviu a voz da tia Kitty, vinda do jardim de inverno. Soava mesmo muito furiosa.

– Vai indo à frente – disse a Walter. – Eu vou já.

Walter compreendeu imediatamente e desapareceu dentro da sala de fumo, Leo foi cautelosamente até à porta do jardim de inverno e ficou aí parado.

– Não me disseste nada. Nadinha. Oh, foste mesmo cobarde – exclamou a tia Kitty arrebatadamente.

– Eu tentei, Kitty. Mas tu não me deixaste falar.

Ah, era a tia Tilly. Era provável que tivesse razão, com a tia Kitty era muitas vezes difícil abrir a boca.

– Apresentar-me assim o facto já consumado – soluçou a tia Kitty. – Quando combinámos que te ias mudar para Augsburgo quando passasses no exame.

Fez-se silêncio um instante. A tia Tilly teria provavelmente tentado dar um abraço à tia Kitty, pois ouviu-se imediatamente o seu grito.

– Não me toques, sua cobra falsa! Vais ver o que arranjas com esse tipo enfadonho. Sim, certo, ele ajudou-te muito, arranjou-te casa e cuidou de ti. Mas será também um bom amante? Sim?

– Por favor, Kitty. Nós acordámos um casamento de conveniência. Não vamos ter filhos. Sabes bem que o meu coração continua ligado a outro.

Leo agora já não percebia grande coisa, só teve a certeza de que coisas como «noivado», «casamento», «amante», «coração» e «razão» eram um assunto altamente complicado e impenetrável. Era coisa mais para raparigas e mulheres. Na verdade, ele agora poderia ter abandonado o seu posto de escuta, mas teve pena da tia Kitty. Era a mais bonita de todas as suas tias e costumava ser sempre tão alegre.

– Mas então porque é que vão para Munique? – lamuriou-se ela. – Também se podem instalar aqui. E depois também me querem tirar a minha querida Gertrude.

– Oh, Kitty! O Ernst decidiu vender a sua participação na fábrica e investir numa cervejeira de Munique. Tenho a certeza de que o Paul não se vai zangar com isso, até houve alguns atritos entre os dois, não houve?

– Isso não é, de todo, motivo para isto.

– Comprámos uma casa bonita em Pasing. Teremos muito gosto em recebê-los a todos lá. E vai ser a mamã a decidir onde vai querer morar.

– Muito bem! – retorquiu a tia Kitty num tom mordaz. – Se já está tudo assim completamente decidido e determinado. A mim é que não vais pôr a vista em cima na tua casa espetacular.

Ouviu-se um profundo soluço da tia Tilly.

– Sabes, Kitty – prosseguiu –, acho que primeiro tens de te acalmar. Mais tarde vais ver as coisas de outra maneira.

Leo teve apenas tempo de se agachar junto à cómoda do corredor para que a tia Tilly não o descobrisse. Ela foi até ao salão vermelho, onde estariam agora a servir licores e *macarons* de amêndoa. Leo levantou-se de novo com cuidado. Não era correto ouvir atrás das portas. Ele sabia isso. Era mas é tempo de ir ter com Walter à sala de fumo, que se estaria a perguntar onde teria ele ficado.

Estava já prestes a correr quando ouviu a tia Kitty a soluçar de uma maneira que fazia doer o coração. Espontaneamente, deu meia-volta e abriu a porta para o jardim de inverno. Ali estava ela, junto às borracheiras, e os ombros dela tremiam.

– Tia Kitty! – exclamou, correndo para ela. – Não chores. Nós ficamos contigo. A mamã, a Dodo e eu. Nós não te deixamos sozinha.

Ela voltou-se e ele caiu nos seus braços abertos. A tia apertou-o contra si e ele sentiu que ela parara de soluçar.

– Oh, Leo. Meu pequeno tesouro. O meu Leo do coração.

Paul teve grande dificuldade em manter-se descontraído enquanto percorria os pavilhões com Sebastian Winkler. Se não estivesse em causa a felicidade pessoal da irmã, teria posto aquela pessoa difícil fora da sua fábrica. Quando Sebastian apareceu naquele dia bem cedo na antessala, começaram logo as desavenças. Segundo ele, olhara totalmente por acaso por cima do ombro da menina Hoffmann enquanto esta escrevia e descobrira logo um erro ortográfico. Ela escrevera «maquina», sem acento, de certeza por lapso, já que a menina Hoffmann era de confiança.

– Está aí uma coisinha errada, minha querida – observara Sebastian num tom professoral.

– Não é possível.

Mas, evidentemente, o professor tinha razão e então a menina Hoffmann ficara ofendida.

Aquilo começava bem, pensou Paul. E assim continuou. Como era sequer possível que Lisa, de todas as pessoas, que era tão sensível, fosse escolher aquele tipo com a mania de que sabe tudo? Paul sentiu o sangue a ferver quando, no departamento de custos, o senhor Winkler disse que as máquinas calculadoras eram perfeitamente obsoletas e que os candeeiros não iluminavam o suficiente. Assim, os funcionários ficariam com problemas de visão. Não tinha ele reparado que quase toda a gente ali usava óculos?

No piso de cima, na contabilidade, verificou as salamandras, dizendo que não tinham lenha nem carvão.

– Estamos no fim de abril, senhor Winkler. Está calor lá fora, os funcionários têm apenas de abrir a janela. – Sebastian remexeu nas janelas e constatou que, na sua maioria, os batentes se haviam deformado durante o

inverno e estavam presos. Além do mais, o barulho vindo do pátio era intolerável, ninguém conseguia trabalhar com tal volume de ruído.

Fantástico, pensou Paul. Quando agora lhe for mostrar os pavilhões, vai exigir que todas as máquinas trabalhem sem fazer barulho, porque senão todas as operárias sofrerão danos auditivos. E no entanto, quando comprara as máquinas, tivera absolutamente o cuidado de garantir que seriam mais silenciosas do que as anteriores. Mas, afinal de contas, o pavilhão de produção não era propriamente um cemitério.

– Quantos operários trabalham aqui?

– Cerca de dois mil. No escritório temos os números atuais.

– E funcionários?

Queria ele submeter-me a interrogatório? Para que tinha ele de saber isso, aquele professor desempregado? Agia como se estivesse a pensar fazer a Paul uma proposta de compra da fábrica. Se calhar não tinha sido boa ideia oferecer a Winkler uma ronda pelas instalações da fábrica; pelos vistos, agora ele achava que tinha de garantir os direitos dos pobres, subjugados e explorados trabalhadores.

– Cerca de sessenta.

– Há um conselho de empresa?

Ora bem, já estava à espera daquela pergunta!

– Evidentemente. Tal como estipula a Constituição. – Na tecelagem havia demasiado ruído para lhe dar quaisquer explicações, pelo que Paul avançou pelo corredor central, cumprimentou alguns dos capatazes e precipitou-se para a outra ponta do pavilhão. E que fez Sebastian Winkler? Ficou simplesmente parado, abordou uma trabalhadora e encetou conversa. Como é

evidente, o capataz pôs-se de permeio, caso contrário teria sido preciso parar a máquina, já que dois rolos de fio haviam saltado do sítio e era preciso substituí-los rapidamente.

– Ali dentro faz um barulho terrível – gritou Sebastian, ouvindo-se em todo o pátio, quando saíram cá para fora.

– Já pode voltar a falar normalmente – observou Paul.

– Perdão.

Paul decidiu passar ao lado do pavilhão onde estavam os teares contínuos de anéis e que seria melhor mostrar já a Sebastian a cantina. Era o seu grande orgulho, já que tinha uma cozinha que oferecia diariamente aos trabalhadores uma refeição quente e ainda diversas bebidas – sem álcool, naturalmente – e até sobremesa. Mas apenas três vezes por semana. À sexta-feira havia peixe, por norma arenque, salgado ou de conserva, com batatas e beterraba. Ao sábado, fazia-se um ensopado com leguminosas e carne de vaca.

– Muito bom – elogiou Sebastian. – Qual é a duração do intervalo para o almoço? Meia hora? Isso é muito pouco. Como é possível alimentar tantos trabalhadores ao mesmo tempo?

– Os trabalhadores almoçam em horas diferentes. Para que possamos manter as máquinas sempre em funcionamento.

– Ah, bom. É preciso limpar as janelas. E no verão não fica demasiado quente? Talvez se devesse pôr cortinados ou estores.

Paul nada disse, tenso, e tentou perceber se Winkler agora sugeriria a instalação de sofás de pelo e otomanas na cantina.

– Penso que os trabalhadores preferem ter mais dinheiro no envelope do salário do que uma cantina com cortinas de seda e vasos de flores nos

parapeitos das janelas.

Sebastian esboçou um sorriso cativante e observou que se calhar era possível ter as duas coisas.

– Um ambiente de trabalho saudável e agradável não apenas contribui para um mundo mais justo como também promove a satisfação do pessoal no trabalho.

– Seguramente.

E logo a ele havia aquele sabichão de se pôr com aquelas palestras. Não discutira ele em tempos com o pai precisamente por causa destas coisas? Não se opusera a Ernst von Klippstein, que queria baixar os salários das pessoas para vender os tecidos a preços mais baixos do que os da concorrência? Tentou imaginar o que o seu falecido pai teria agora atirado à cabeça do dito Winkler e não conseguiu suprimir um sorriso inadvertido. O pai considerara sempre que não se podia «mimar» os trabalhadores. Quanto mais se lhes desse, mais haveriam de querer – e aquilo só haveria de parar com eles a exigir salários inoportáveis sem terem de comparecer no posto de trabalho.

– Os trabalhadores têm férias pagas?

– Três dias por ano. Os funcionários seis dias.

– Já é um começo.

Paul estava farto. Queria realmente fazer aquele favor a Lisa, tanto mais que tinha a impressão de que Sebastian Winkler era um homem de confiança. E se calhar era mesmo, mas tinha as suas manias.

– Quer dizer, nós não vivemos numa república soviética, senhor Winkler! – disse ele num tom veemente.

Isso era evidente e Sebastian compreendia. Baixou a cabeça e os traços do seu rosto pareceram-lhe amargurados. Ele assumira em tempos, por um breve período, uma função de liderança na república soviética de Augsburg, pagando por isso com a prisão e o desemprego. Mas ainda assim tivera sorte, outros tinham passado muito pior.

– Tenho consciência disso, senhor Melzer – disse ele, muito hirto. – Mas não estou disposto a abdicar dos meus ideais. Preferiria fazer os trabalhos mais abjetos.

Paul viu que toda a sua missão estava em perigo e teria Lisa desfeita em lágrimas. Por isso, esforçou-se por transigir.

– Enfim, havia muita coisa que até estava correta, admito isso. E algumas das propostas dos soviets foram aliás integradas na Constituição da república.

Sebastian assentiu, perdido em pensamentos, e Paul soube que ele agora teria gostado de observar: «Muito poucas.» Mas não se atreveu.

– Mas nunca lamentei que se impedisse a expropriação do grande capital – observou Paul, com um sorriso.

– Eu também não – disse Sebastian, para seu grande espanto. – É uma medida que não se pode implementar de um dia para o outro. Os que, de qualquer modo, já são desfavorecidos seriam precisamente aqueles que mais sofreriam com o caos que daí decorreria.

– Assim é. Permita-me que o convide ainda a subir ao meu gabinete para uma conversa breve, senhor Winkler? Penso que entretanto a menina Hoffmann já superou o susto e estará disposta a oferecer-lhe um café.

Sebastian expressou um arrependimento sincero. Enquanto subiam as escadas do edifício da administração, declarou ser um picuinhas incorrigível. Sobretudo no que dizia respeito à ortografia e à sintaxe do alemão.

– E como se dá com os números?

– Em miúdo queria estudar matemática. Para calcular o percurso das estrelas.

Oh, por amor de Deus. Teria sido melhor entusiasmar-se com a regra de três simples, as frações ou o cálculo do balanço. Mas ele não parecia nada burro, era muito possível que se adaptasse rapidamente. Mas primeiro tinha de o querer, esse era o problema. E, como tal, era um problema também de Paul.

– Para mim, o café por favor não muito forte.

Henriette Hoffmann regressou à antessala para trazer um jarrinho de água quente. Ele agradeceu profusamente, mas ela manteve-se fria. Lamentável: para já, ele não lhe caíra nas suas boas graças.

Sentaram-se nas poltronas de cabedal, pegaram nas chávenas de café e conversaram um pouco sobre ninharias. Que entretanto a primavera finalmente chegara e que também as faias começavam a verdejar. Que o pequeno Johann já ganhara mais meio quilo e que sorria para todos os que se debruçassem sobre o seu berço. Que a economia alemã estava a ganhar balanço e que em breve a região do Ruhr voltaria a ficar sem franceses. Por fim, Paul considerou que era tempo de abordar a questão; afinal de contas, tinha mais que fazer.

– Como possivelmente saberá, o meu sócio, o senhor Ernst von Klippstein, irá abandonar a sociedade em breve.

Sebastian estava ao corrente. Ou a situação se lhe tornara evidente ou teria falado com Lisa sobre o assunto.

– Dado que a fábrica ficará sem o seu capital, nos próximos anos teremos de fazer uma gestão cuidadosa. Não quero de modo nenhum despedir trabalhadores. – É bom que o senhor sabichão saiba isso, pensou Paul. Que não tinha diante de si um capitalista que enriquecia à custa dos trabalhadores, mas sim o proprietário de uma fábrica que era responsável pelo salário de mais de dois mil homens e mulheres.

– É nobre da sua parte.

Sebastian pousou a chávena na mesa e tentou sentar-se direito na poltrona. Não foi muito bem-sucedido, os assentos implicavam uma posição algo descontraída em que o senhor Winkler não se sentia à vontade.

– Senhor Melzer, eu tenho noção de que me está a dedicar hoje uma grande parte do seu tempo. Também estou ciente de que tal não tem tanto que ver com a minha pessoa, mas antes com as invulgares circunstâncias que, por assim dizer, nos colocam numa relação de parentes.

– Não inteiramente – interrompeu-o Paul. – Sempre o considerei um homem competente e lamento sinceramente que neste momento não consiga encontrar trabalho no âmbito da profissão para a qual está qualificado. Por isso, gostaria de lhe dar a oportunidade de aplicar as suas capacidades na minha fábrica.

Pronto, estava dito. Paul sentiu-se aliviado por ter finalmente apontado para o alvo.

– É muito generoso da sua parte, senhor Melzer. – Sebastian olhou-o com um ar extremamente sério. – Dedicar-me-ei com todas as minhas forças a esta tarefa. Se me permite um pedido, eu gostaria de trabalhar na tecelagem. –

Num primeiro momento, Paul ficou estupefacto. Teria ouvido bem? Aquele louco queria começar na tecelagem como mão de obra não qualificada? Para sentir na pele a situação dos trabalhadores? Se permitisse tal coisa, Lisa teria um ataque de histeria.

– Eu gostaria de o convidar a desempenhar outra função, senhor Winkler. Tenho falta de funcionários de confiança na contabilidade.

– Infelizmente, disso percebo muito pouco.

Não fazia ele a contabilidade do irmão, o sapateiro? Nesse caso, devia pelo menos ter alguns conhecimentos básicos.

– Vai adaptar-se rapidamente. O senhor Von Klippstein estará na fábrica ainda até ao fim de maio, ele terá todo o gosto em pô-lo a par dos segredos da contabilidade de partidas simples e partidas dobradas.

Klippi era no mínimo tão picuinhas quanto Sebastian, os dois acabariam por se dar lindamente ou então da pior maneira. Era esperar para ver. Uma coisa era no entanto certa: com aquele Sebastian Winkler, podia contar com uma pilha de problemas.

– Se confia em mim para essa função, senhor Melzer, não digo que não. Ah, sim, queria perguntar mais uma coisa sobre o conselho de empresa. Quantas pessoas o compõem? E quem o preside? Com que frequência se reúnem? São dispensados do trabalho para frequentar as sessões? É evidente que a minha contratação tem de ser aprovada pelo conselho de empresa, não é?

– Sem dúvida.

Com efeito, aquela comissão reunia-se no máximo a cada dois meses e, na realidade, não tinha palavra nenhuma a dizer. Por isso, praticamente não havia voluntários para essa tarefa.

Alegrou-se quando a menina Hoffmann lhe anunciou que o senhor Von Klippstein acabava de chegar, o que lhe dava a possibilidade de se livrar de Sebastian durante algum tempo.

– Excelente! Nesse caso, acompanho-o até lá e poderá receber a primeira introdução à sua futura área de trabalho.

Ernst von Klippstein devia-lhe absolutamente aquele favor. Ainda poucos meses antes, esperneou e esbracejou contra a proposta de tirar o seu capital da fábrica e agora parecia estar cheio de pressa em fazê-lo. Enfim, o amor. Ou o que pudesse passar por isso. Mas ultimamente revelara-se bom tipo, já que demonstrou um genuíno arrependimento.

– Muito prazer, senhor Winkler. Pode já ficar aqui, para nos podermos conhecer um pouco.

– O prazer é todo meu. Muito obrigado, senhor Von Klippstein.

Aliviado, Paul recolheu-se ao seu gabinete, onde já o esperava Alfons Dinter para lhe mostrar um novo padrão de impressão. Paul não estava insatisfeito, mas, ainda assim, o padrão não lhe pareceu particularmente inspirado.

– A sua mulher desenhou na altura padrões tão bonitos, senhor Melzer. O senhor Dessauer, que grava os rolos, ainda hoje só tem a dizer bem.

Paul examinou o seu trabalhador, mas não encontrou no seu rosto sinal de qualquer tipo de maldade. Bem pelo contrário, parecia ser a candura em pessoa.

– Vamos iniciar a produção, Dinter – disse Paul num tom calmo.

O resto da tarde passou a voar, as decisões seguiam-se umas às outras, pelo meio telefonemas, correio, queixas, faturas de valor exagerado, cálculos de

custos à reta, mas que não se haviam revelado satisfatórios. Quando saiu para almoçar, a menina Hoffmann comunicou-lhe que o senhor Von Klippstein e o senhor Winkler almoçariam na cidade.

– Muito bem.

– Os dois senhores dão-se muito bem – acrescentou, denotando uma reprovação dissimulada.

– Que bom!

Aliviado, entrou no automóvel e deslocou-se até à Vila dos Tecidos. O jardim era uma sinfonia de cores que apenas a primavera conseguia criar. Entre o verde-lima das faias surgiam abetos de tom carregado, juníperos verde-escuros, cedros azulados. O verde era entrecortado por arbustos com flores brancas, o esplendor rosado das amendoeiras resplandecia e os amores-perfeitos no redondel diante da Vila explodiam em todas as tonalidades do espectro. Que pena ter de passar os dias na fábrica cinzenta e no seu gabinete igualmente cinzentão. Como lhe pareciam distantes os tempos felizes da infância, quando passava as tardes a deambular com as irmãs no jardim e escapava com os amigos para pescar nos prados...

Os seus filhos, Leo e Dodo. Também deveriam ser livres e felizes naquele jardim, tal como ele antes fora. E Marie, a sua Marie.

Recompôs-se, estacionou o carro como habitualmente à frente da entrada e sorriu ao ver que imediatamente dois empregados zelosos desciam escada abaixo.

– Quando é que alguma vez se viu tal coisa na Vila dos Tecidos? – brincou.
– Dois lacaios, é quase coisa de reis.

Na realidade, nem Humbert nem Julius estavam inteiramente capazes de trabalhar, por isso ajudavam-se mutuamente. Contra todas as expectativas, pareciam dar-se bem.

Lá em cima, no corredor, Lisa veio ao seu encontro. Ainda estava bastante cheiinha, mas a sua atitude mudara nas últimas semanas. Parecia agora satisfeita consigo mesma e com o mundo, tinha o sorriso de uma mulher feliz.

– Trataste do assunto maravilhosamente, Paul – disse ela, agarrando-lhe na mão, entusiasmada. – O Sebastian telefonou há pouco, vai almoçar com o Klippstein e depois conta-me logo como foi. Acho que os nossos esforços foram bem-sucedidos!

– Esforços é a palavra certa – brincou ele, levantando os olhos para o teto. – O teu querido Sebastian é um osso duro de roer para os dentes de qualquer patrão.

Ela gostou tanto daquela apreciação que soltou uma gargalhada feliz.

– Sim, ele tem os seus princípios.

Paul decidiu que não fazia sentido discutir com a irmã por causa de Sebastian Winkler. Uma vez que ela o amava, teria de lidar com ele. Ponto final.

– Como está a mamã? – perguntou, como habitualmente. O rosto de Lisa revelou uma profunda preocupação.

– Muito mal, Paul. Está completamente fora de si. Sobretudo por causa daquele artigo no jornal. E depois também há a Serafina.

– Mais um artigo no jornal? Hoje de manhã não li nada de mal.

Lisa sorriu maliciosamente.

– Porque passaste à frente a secção cultural.

Veio-lhe uma coisa à ideia. Não referira Kitty recentemente que os preparativos estavam a correr a bom ritmo? No final de maio, seria a inauguração e, antes disso, seria grande a publicidade.

– A exposição?

– Adivinhaste!

Inspirou fundo e preparou-se antes de abrir a porta da sala de jantar. Não ia portanto ter direito a um almoço em harmonia familiar.

A mamã já estava sentada no seu lugar, muito ereta, como sempre, diante de si um copo de água, na mão uma colher de sopa em que estava naquele momento a dissolver um pó para as dores de cabeça. Lisa e Paul trocaram um olhar apreensivo e sentaram-se nos seus lugares. A mãe mal deu conta da sua entrada, estava concentrada em beber a substância amarga da colher e depois engolir tudo com água. Em seguida, pigarreou, agradeceu a refeição e indicou a Humbert, que chegava com a terrina da sopa, que hoje não ia comer nada.

– Só um bocadinho de nada, minha senhora. Para que o pó não lhe faça mal ao estômago.

– Obrigada, Humbert. Depois.

Humbert curvou-se, com uma expressão preocupada, e serviu a sopa a Lisa e Paul. Mal saiu da sala, Paul sentiu em si os olhos acusadores da mãe.

– Parto do princípio de que tenhas lido o jornal esta manhã?

– Só as secções de política e economia, mamã. Temos outra vez um chanceler, o que é extremamente...

– Não desvies o assunto, Paul!

– Lamento, mas não li o artigo a que presumivelmente te referes, mamã. É sobre a exposição?

– Exatamente. Oh, Paul, tu tinhas-me prometido que ias impedir esta terrível situação! E depois aparece um artigo destes no *Augsburger Neueste Nachrichten*! Mal conseguia acreditar no que viam os meus olhos. Mais de meia página. Com três fotografias. Um sem-fim de tolices sobre aquela pessoa imoral que levou o teu pai ao limiar da loucura.

Por mais que compreendesse o seu horror, aquilo não podia seguir sem resposta.

– Por favor, mamã. A mãe da Marie era uma artista, vivia segundo regras diferentes dos cidadãos normais. Não quero que a associes ao conceito de «imoral»!

Lisa fixou os olhos no ramo de flores que Dörthe apanhara para adornar a mesa do almoço. A mãe respirava violentamente, as faces pálidas começaram a ganhar cor.

– Então quer dizer que já chegámos a este ponto, em que sou proibida de abrir a boca na minha própria casa. Como descreverias então o modo de vida dessa mulher, Paul? – Por que raio era tão difícil chamar à razão as mulheres quando discutiam? Se calhar as mulheres eram simplesmente assim, mas ele, como homem, sentia em todo o caso que travava uma guerra inútil.

– Vou ler o artigo com atenção – disse ele, esforçando-se por soar calmo. – Parece-me efetivamente exagerado e desnecessariamente longo. Mas os jornalistas são, por seu lado, uma gente muito particular.

A mãe também se viu obrigada a admitir isso, já que haviam vivido muito más experiências com a imprensa durante a infeliz história da pobre Maria Jordan.

– De resto, eu já te disse que prometi à Marie que não faria nada contra a exposição. Sabes bem que gosto ainda muito da Marie e que não a quero

magoar. Afinal de contas, é a mãe dela.

A mãe não compreendia de todo tal deferência. Não disse nada enquanto Humbert servia o prato principal – carne de porco assada recheada com couve-roxa e batatas –, mas a sua fúria não esmoreceu nem um pouco.

– Se achas mesmo que conquistas a tua mulher de volta fazendo-lhe a vontade, estás muito enganado, Paul. Com isso, só consegues que ela perca o respeito por ti.

– Ora, mamã – interveio Lisa. – Já não vivemos no século XIX. Quando a mulher ainda tinha de se submeter ao homem.

Atacada por dois lados, a mãe teimava agora afincadamente na sua posição. Contraiu os lábios e olhou para a janela com a expressão de uma mulher amargamente injustiçada às mãos dos seus entes mais queridos.

– O amor constrói-se a partir do respeito – disse ela com ênfase. – Era assim antes e assim continua a ser!

– Do respeito mútuo, mamã – observou Lisa, sorrindo amavelmente. – Seguramente é isso que queres dizer?

– Obrigar o marido a mergulhar a sua própria família na vergonha. Isso não revela propriamente respeito! E amor de certeza que não!

Paul decidiu não acrescentar para já mais nada ao assunto, para pelo menos poder terminar a refeição em sossego. Lamentavelmente, a mamã tinha na manga um segundo tema polémico.

– Para que mais tarde não fiques surpreendido, Paul: a Serafina despediu-se. Vai abandonar-nos já na sexta-feira, pois inicia as suas novas funções no dia 15 de maio.

Paul reparou num sorriso de satisfação nos cantos da boca de Lisa e isso irritou-o. Que teias secretas teria a sua irmã tecido para conseguir afastar a sua antiga e indesejada amiga daquela casa? E tudo, é claro, nas suas costas. Desta vez, conseguia na verdade compreender a indignação da mãe.

– Ah! Só assim, sem o período de aviso prévio? E que novas funções são essas?

A mãe bebeu mais um gole de água e deu permissão a Humbert para que servisse a sobremesa. Bolo de maçã quente com creme de baunilha, delicadamente polvilhado com açúcar em pó. Ao que parecia, recuperara o apetite, depois de ter ventilado a sua fúria.

– Vai ser governanta do advogado Grünling. A senhora Wiesler falou-lhe do cargo.

Ah, pensou Paul. Nesse caso, é Kitty quem está por trás desta história.

Com um suspiro regalado, Lisa espetou o garfo no bolo de maçã, que, sob uma fina crosta, escondia uma massa macia e pedaços de maçã agri-doces.

– Humbert, porque não está a servir o café?

– Perdão, minha senhora. Trago já.

Depois do almoço, Paul recolheu-se com uma edição do *Augsburger Neueste Nachrichten* no seu escritório, que ficava mesmo ao lado da sala de jantar. Abriu a secção cultural em cima da secretária, começou a ler e foi ficando mais zangado a cada frase que lia.

«... a extraordinária pintora, um talento há muito ignorado, viveu em tempos na nossa cidade. A nossa querida Augsburg pode dar-se por imensamente feliz por ter albergado uma artista tão invulgar e talentosa. Vemo-nos assim ainda mais impelidos a questionar como ocorreu a morte

trágica e absolutamente precoce da jovem. Por que motivo a jovem Luise Hofgartner, tendo diante de si uma tal e tão singular carreira como pintora, teve de morrer na mais amarga pobreza? Vêm-nos à mente os artistas de Montmartre, que vivem, passam fome e frio, escrupulosa e unicamente pela sua arte, alcançando assim obras grandiosas. Também Luise Hofgartner seguiu a sua vocação, com todo o seu ser, estava ao serviço apenas da nobre arte e, no entanto, sucumbiu. Porque não recebia encomendas em Augsburg? Como é possível que tenha caído na mais profunda pobreza, juntamente com a filha pequena? Não queremos acusar ninguém. Mas deve ser-nos permitido perguntar qual terá sido a relação entre Luise Hofgartner e Johann M., um conhecido empresário de têxteis de Augsburg...»

Enfurecido, Paul amarfanhou o jornal. Mas que conversazinha infame. Quem fornecera aqueles pormenores à imprensa? Diabos, é claro que ele sabia que haveria falatório. Mas não que aqueles mexericos maldosos começassem a espalhar-se assim tão claramente ainda semanas antes da inauguração da exposição! O telefone tocou. Mecanicamente, pegou no auscultador, presumindo que seria Sebastian Winkler para contar a Lisa como se tinham passado as coisas. Explicar-lhe-ia, curto e grosso, que as conversas telefónicas entre a fábrica e a Vila dos Tecidos custavam dinheiro e que estavam reservadas a ocasiões importantes.

– Paul? Sou eu, a Marie.

Precisou de um instante para recuperar a compostura.

– Marie. Desculpa, não estava a contar que fosses tu.

– É muito rápido. Sabes que a minha hora do almoço é muito curta. É sobre o artigo no jornal.

– Ah, sim? – saiu-lhe num tom irado. – Foste por acaso tu que encomendaste aquela coisa mal enjorcada?

Foi tomado pelos nervos, seria seguramente por causa das chatices que o atacavam desde aquela manhã. Marie pareceu assustada, já que começou por não dizer nada.

– Não, não fui eu. Bem pelo contrário, queria dizer-te que não concordo de modo nenhum com esta forma de apresentar as coi...

– Então porque é que não o impediste? – resmungou ele. – Eu esforcei-me genuinamente por aceder aos teus desejos. E é assim que me agradeces? Com uma vingança póstuma da Luise Hofgartner contra os Melzers?

– Estou a ver – disse ela baixinho. – Continua tudo na mesma.

Paul sentiu a sua fúria a desmoronar. Porque é que a tinha atacado daquela maneira? Ela não lhe tinha telefonado para lhe dizer que não era culpa dela? Ele tinha de lhe dizer que ficava contente com o seu telefonema. Que esperara constantemente e cheio de saudades um sinal da parte dela. E, sobretudo, que já não queria saber daquela maldita exposição. O importante eram eles os dois. O seu amor. O seu casamento. As frases atropelavam-se dentro da sua cabeça e, como não sabia bem como haveria de começar, não conseguiu proferir qualquer palavra.

– Tenho de ir trabalhar – disse Marie com frieza. – Adeus.

Antes que ele tivesse oportunidade de responder, ela desligou. Paul ficou a olhar para o auscultador preto do telefone na sua mão, como que para um réptil feio, e pensou ouvir o som de uma rocha a esboroar-se. A casa onde albergava as suas esperanças não fora construída com alicerces muito sólidos – soprava uma brisa e desmoronava-se.

– Chá para a senhora Von Hagemann e dois cafés – gritou Humbert para dentro da cozinha.

Fanny Brunnenmayer levantou-se para tirar a chaleira do fogão, as cafeteiras já estavam prontas em cima da mesa, bastava deitar água por cima.

– A Rosa é que está cheia de sorte – observou Gertie com inveja. – Bebe café lá em cima com os patrões e depois vem cá para baixo ter connosco e bebe outra vez uma grande chávena de café com leite.

– Se achas divertido passar as noites com o pequeno berrão a atormentar-te os ouvidos... – fez notar Humbert, que não era particularmente apreciador de bebés.

Gertie tivera de fazer isso mesmo durante alguns dias, antes de se ter trazido Rosa Knickbein para trabalhar como ama na Vila dos Tecidos. Não tinha saudades nenhuma desse tempo.

– Não, muito obrigada – disse ela, rindo-se. – Nesse caso, antes ser camareira.

Gertie conseguira. A partir do mês seguinte entraria ao serviço como camareira da senhora Von Hagemann. Primeiro à experiência durante três meses e, se se mostrasse competente, seria definitivamente contratada para esse cargo. Mas que grande triunfo! O curso caro acabara por valer a pena. Fim àquela vida de ajudante de cozinha, fora promovida e estava absolutamente determinada em progredir ainda mais.

– Bom, se fizeres como a Marie, daqui a vinte anos, quem sabe, podes casar-te com o Leo e tornares-te na senhora esposa do diretor Melzer – troçara Else com maldade.

Que Else tivesse inveja de Gertie não era surpresa para ninguém. Afinal de contas, ao longo de trinta anos, ela não passara de criada de quarto. Dörthe entrou na cozinha a arrastar os pés, tinha obedientemente descalçado os tamancos de madeira do lado de fora da entrada de serviço e enfiara pantufas de feltro. É que a cozinheira já a ameaçara duas vezes que ainda lhe dava com a colher de pau grande nas orelhas se a voltasse a ver, uma vez que fosse, com os tamancos de madeira sujos dentro da cozinha.

– Cheirou-te a café? – perguntou a senhora Brunnenmayer com candura. – Mas primeiro vai lavar as mãos, estás outra vez encardida dos pés à cabeça.

Dörthe sorriu e dirigiu-se à pia da louça. Agora, no início de maio, andava ocupada no jardim de manhã à noite. Por vezes, pedia ajuda a Humbert ou Julius, já que não conseguia aparar sozinha os relvados que medravam exuberantemente. Todavia, na maior parte das vezes, fazia tudo sem ajuda, podava os arbustos, limpava os caminhos de cascalho, plantava canteiros e arrancava as ervas daninhas. Até começara a peneirar uma das grandes pilhas de compostagem, para distribuir pelos canteiros a terra fértil assim obtida.

– Meia dúzia de ovelhas, isso é que manteria os prados sempre aparados. E ao mesmo tempo também fertilizavam – opinou.

Agarrou na chávena de café com as duas mãos e levou-a à boca. Ela sorvia sonoramente quando bebia e também arrotava alto depois de comer e coçava-se abundantemente em sítios que nem sequer se podia pronunciar em voz alta. Para ela, estava tudo certo. Mas como, de resto, ela era muito afável, ainda que também desastrada, os outros limitavam-se a rir e não lho levavam a mal.

– Bem podes esperar sentada até que o senhor Melzer se ponha a fazer criação de ovelhas – riu-se Else entre dentes.

Humbert pegou na bandeja com as chávenas, as cafeteiras e as tacinhas de biscoitos e levou-a até ao início das escadas. Julius continuava na lavandaria, ocupado a limpar os sapatos. O mês de abril despedira-se com sol, mas maio presenteou a terra com uma copiosa chuva, que, isso era sabido, era bom para o crescimento das plantas.

– O céu já nos vai cair em cima outra vez – disse Dörthe, apontando com o polegar por cima do ombro para a janela da cozinha.

Com efeito, estava cada vez mais escuro; Gertie, que queria esfregar ainda um tacho muito rapidamente, teve de pôr os olhos em bico para não lhe passar nenhum resto de leite queimado.

– Vamos ter temporal – opinou Else, receosa. – Olhem! As nuvens tremeram.

– Maio chuvoso torna o ano formoso – observou Gertie, olhando de fugida lá para fora. Logo depois, voltou a pousar o tacho na pia da louça e secou rapidamente as mãos ao avental.

– Olhem ali! – exclamou, correndo para a janela. – Vai a correr. Com mala e saco de viagem!

Todos, à exceção de Dörthe, compreenderam. Humbert já lhes contara, dias antes, que a governanta se demitira.

– Bendito seja Nosso Senhor Jesus Cristo! – exclamara Brunni. – Espero que seja mesmo verdade, Humbert!

Precipitaram-se todos para a janela da cozinha, Dörthe com a sua chávena de café, Else, que acabara de barrar manteiga no pão branco, ainda tinha a faca na mão. Também Julius, que entrara agora na cozinha após terminar o trabalho, se juntou aos outros.

- Que se passa?
- Bah, cheira a graxa, Julius.
- Afasta-te para o lado, Dörthe! Estás a tapar a vista de todos!
- Que se passa aqui, perguntei eu!
- A Von Dobern está a ir-se embora!
- Deveras?
- Não. De casaco. E de chapéu.

Acotovelavam-se todos uns aos outros até que, por fim, Julius abriu a janela, pois a antiga governanta já alcançara a alameda e afastava-se a passo estugado.

– O casaco recebeu da senhora Alicia – constatou Else com irritação. – E o chapéu também. Só os sapatos gastos é que já vieram com ela.

– Ela que fique à vontade com aquelas coisas antiquadas – considerou Gertie. – Não ia querer que me oferecessem aquele barrete! – Um violento trovão fez com que todos se encolhessem.

Logo depois, o jardim foi varrido por uma rajada de vento que sacudiu os abetos e fustigou os ramos das faias e dos velhos carvalhos. Algures, no pátio, ouviu-se um estrondo.

– Oh, Virgem Santíssima – disse Dörthe –, a enxada boa.

O céu escuro foi perpassado por relâmpagos, pareciam ziguezagues brancos incandescentes.

- Espero que não nos acerte.
- Deve evitar-se os carvalhos.
- Pode ser que lhe caia uma árvore em cima da cabeça.

- Ou que seja fulminada por um raio!
- Agora que já se está a ir embora já não importa.
- Mais vale tarde do que nunca – rosnou Julius.

O céu teve contudo piedade da senhora Von Dobern, pois foi poupada aos relâmpagos. Em compensação, tombou-lhe em cima um vigoroso aguaceiro e viram-na a procurar abrigo do dilúvio sob um ácer.

- Encharcada até ao tutano. E é assim que deve ser. Ela estava a pedi-las.
- Agora fechem a janela, senão fica tudo molhado – advertiu Julius.
- Jesus, a massa do pão! – lamuriou-se a cozinheira. – Agora ficou fria e já não vai dar em nada. Tudo por causa daquela bruxa. – Julius fechou a janela e debruçou-se uma vez mais para olhar lá para fora, mas a chuva era agora tão intensa que mal se distinguia o canteiro murado no centro do pátio. Dörthe queixou-se de que a maldita chuva lhe ia amassar os miosótis e os amores-perfeitos e que as tagetes que acabara de plantar iam basicamente escorrer dali para fora. Mas ninguém a ouvia. Humbert regressara e mandara Else subir, pois havia um cesto cheio de roupa suja de bebé que era preciso levar para a lavandaria.

– A senhora Von Dobern arrumou o quarto e fez as malas hoje bem cedo pela calada – contou Humbert. – Mas eu vi-a.

- Nem sequer se despediu de nós – disse a cozinheira, abanando a cabeça.
- Passo bem sem isso – disse Gertie.
- Ainda assim, não se faz.

Else voltou à cozinha, a bufar. Viera a correr com o cesto da roupa para não perder pitada.

– Chove até mais não. E são cá uns trovões – suspirou, sentando-se à mesa diante da sua chávena de café.

– É mesmo tenebroso – murmurou Julius.

Gertie encolheu os ombros e pegou numa fatia de pão com manteiga.

– É só um temporal – disse ela, barrando compota de morango em cima da manteiga. – Não há de ser muito agradável lá debaixo da árvore. Mas quando chegar ao novo patrão já terá oportunidade de se secar.

– O Grünling – disse a cozinheira em tom de desdém. – Que quer ele com uma mulher assim? Sabe-se que ele gosta mas é de franguinhas de peitos macios e ancas voluptuosas.

Humbert revirou os olhos para cima e enfiou o nariz na chávena de café. Gertie riu-se com gosto. Else levou a mão à boca, Julius fez um sorriso matreiro e achou que era uma piada muito bem conseguida.

– Mas olhem que a Von Dobern não vai propriamente encher as medidas do senhor doutor advogado – disse ele, com alguma inveja.

Gertie acabou de mastigar e, entretanto, olhou para todos em volta a piscar os olhos e com uma expressão pensativa.

– Os homens com mais de cinquenta, de qualquer modo, já não dão mais nada – declarou, bebendo um longo trago de café com leite. – No máximo, ficam-lhes as costas rijas, mas é só. E como não querem passar vergonha com as rapariguinhas novas, arranjam uma senhora compreensiva da mesma idade, de princípios firmes e o cabelo piamente apanhado na nuca. Uma espécie de «fruto da fé».

Soltaram-se risadas. A senhora Brunnenmayer achou piada ao «fruto da fé». Logo de seguida, todavia, um raio ofuscante estrepitou novamente e por

segundos puderam ver o jardim e a alameda sob a fantasmagórica luz azulada. O trovão que se seguiu foi tão violento que Else deixou cair o pão em que acabava de dar uma dentada. Humbert ficou pálido de morte. Deixou-se escorregar na cadeira e encolheu-se no chão a tremer.

– Impacto... Acertou em cheio... Às armas... Atacar.

– Humbert! A guerra já acabou há muito tempo!

Fanny Brunnenmayer ajoelhou-se a seu lado e falou-lhe amavelmente, mas ele tapou os ouvidos e continuou a balbuciar todo o tipo de loucuras. Trovejou uma vez mais e depois ouviu-se a porta do pátio a abrir-se. Uma figura ensopada com uma capa de chuva cinzenta apareceu na cozinha, com o capuz pontiagudo puxado a tapar a cara. Uma aparição do outro mundo, já que Maria Jordan, que antigamente usava uma capa exatamente igual, já não se encontrava entre os vivos.

Else soltou um grito histérico, Julius levou a mão ao pescoço, os olhos de Gertie paralisaram. Apenas Dörthe, que nunca vira Maria Jordan com vida, disse simpaticamente:

– Muito bom dia.

– Bom dia – disse Hanna, puxando para trás o capuz –, mas que tempo horrível.

Else relaxou os músculos e recostou-se, esgotada, na parede, Julius libertou num sibilo o ar que prendera na garganta.

– Credo, Jesus Senhor – disse Gertie. – Pregaste-nos cá um susto. Onde foste tu buscar essa capa?

– Comprei numa venda em segunda mão. Porquê?

Gertie hesitou, já que tinha na verdade vergonha de ter sido tão burra. Acontecia que não fora a única.

– Assim de repente, achámos todos que a Maria Jordan tinha ressuscitado.

– Credo! – exclamou Hanna, assustada.

Despiu então depressa a capa de chuva molhada e correu para Humbert, agarrou-o pelos ombros e sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido. Viram-no então a relaxar, a encostar a cabeça para trás e até a sorrir.

Continuava pálido, mas a crise passara. Hanna era uma feiticeira. Pelo menos no que dizia respeito a Humbert.

Julius levantara-se para analisar a capa de chuva mais de perto. Virou-a de frente e do avesso, segurou-a diante dos olhos e examinou também o lado de dentro.

– Seria possível – murmurou.

Suspirou e pendurou a peça de roupa no cabide.

– É muito bem possível que o aldrabão tenha entregado as coisas dela para venda em segunda mão – murmurou a senhora Brunnenmayer, que lhe observara os gestos. – Mas que traste, o Sepp. Espeta uma faca na barriga e deixa que outro vá para a prisão por ele.

Julius sentou-se, calado, à mesa e fixou os olhos no vazio. Pouco falara sobre a situação desde que regressara à Vila dos Tecidos. Que a polícia havia entretanto detido e transferido o verdadeiro assassino era coisa que todos sabiam pelo jornal. Fora efetivamente Josef Monzinger, o marido. Ao que parecia, já se haviam separado há anos, mas ele continuava atrás dela, a pedir-lhe dinheiro. No quarto que ele arrendava, a polícia encontrou vários estojos com joias de grande valor que pertenciam à assassinada, além de uma grande

quantia em dinheiro. Sepp estava a cair de bêbedo quando foi detido, uivava alto e bom som e gritava continuamente que estava arrependido do que fizera.

– Quem será que vai ficar com aquele dinheiro todo – refletira Gertie. – Se o Sepp agora vai passar o resto da vida atrás das grades.

Ninguém sabia dizer. Talvez Maria Jordan tivesse mais algum parente. Ou filhos.

– Estavas com esperança de te casar com ela, Julius? – perguntara Else, com pouco tato. – A verdade é que andavas atrás dela desde que se tornou rica.

Julius fitara-a com fúria, sem nada dizer, ao que ela ficou com medo e disse que não perguntara por mal.

– Tens um coração cruel, Else – atacara-a a senhora Brunnenmayer.

Depois, não se voltara a falar no assunto durante muito tempo, já que tinham pena de Julius. O tempo passado na prisão e o medo de morte de ir para o cadafalso como assassino haviam deixado nele grandes marcas. Ainda que todos estivessem convictos de que ele estava a fazer olhinhos a Maria Jordan apenas pelo dinheiro, um tal castigo era demais.

Todavia, o facto de Julius ter analisado tão minuciosamente a capa de chuva, soltando depois um tão profundo suspiro, era na verdade sinal de que também houvera ali algum sentimento.

– As coisas não deviam ser assim – disse baixinho, apoiando o queixo nas mãos. – A vida é um jogo e o destino é quem baralha as cartas. E não as podemos trocar, também não há batota possível: temos de ficar com o que nos é dado.

– Jesus, estás a dar em poeta, Julius?

Ele piscou os olhos na direção de Gertie e disse que era muito possível.

– Um dia vou escrever as minhas memórias. E aí vão ficar todos de boca aberta!

Gertie pegou na última fatia de pão e fez menção de se servir de mais café, mas a cafeteira já estava vazia.

– E sobre que vais tu escrever? Sobre as tuas paixões, se calhar? Bom, não há de sair grande coisa.

Julius fungou com desprezo e ergueu as sobrancelhas.

– As minhas experiências a lidar com patrões da nobreza, é isso que quero contar. E acho que vou encontrar leitores interessados!

Nenhum dos sentados à mesa expressou entusiasmo, nem mesmo Else, que – Gertie já há muito reparara – nos dias de folga devorava histórias de amor cujos protagonistas eram apenas nobres.

– Isso não é correto – sentenciou Fanny Brunnenmayer. – Expor os patrões e espalhar mexericos. Já estou com pena do senhor Von Klippstein por levar para casa uma pessoa assim!

Julius fez um gesto desdenhoso com a mão, mas via-se que estava um pouco preocupado. Ernst von Klippstein propusera-lhe que o acompanhasse até Munique para aí assumir a função de lacaio na sua nova casa em Pasing. Julius dissera que sim de bom grado, pois tinha razão em temer não conseguir encontrar em Augsburg um trabalho à sua medida.

– Estava só a brincar – anunciou, olhando para todos. – É claro que nunca me ocorreria cometer tais veleidades.

Dado que, com exceção de Fanny Brunnenmayer e Humbert, ninguém sabia o que significava aquela palavra, assentiram e guardaram os pensamentos para si. Além do mais, era tempo de voltar ao trabalho. Era

preciso preparar o jantar, cozer e refrigerar os pés de porco para o dia seguinte e ainda havia a louça por lavar. Naquela tarde, Gertie ia limpar e lubrificar o fogão, Else tinha a roupa de bebé para lavar e estender na corda, já que a lavadeira só voltava a passar na segunda-feira.

– Ainda está a chover? – indagou Else.

A chuva amainara, aqui e ali até se esgueirava um tímido raio de sol por entre as nuvens. O jardim parecia lavado de fresco. As folhas e os relvados cintilavam, o azul e o lilás dos amores-perfeitos surgiam mais vigorosos do que dantes, entre eles resplandecia o amarelo caloroso das tagetes.

– O Senhor teve a bondade de me regar as plantas – disse Dörthe. – Vou num instante semear as últimas tagetes e revolver a terra dos canteiros ao pé do muro. A terra vai estar como manteiga.

Dirigiu-se energeticamente para a saída do pátio, arrastando as suas pantufas de feltro. Logo depois, tocaram lá em cima no salão vermelho – era preciso levantar a louça do café.

– Eu vou, Humbert – disse Julius, saindo a correr.

– Às vezes até sabe ser simpático – disse Gertie com um sorriso. – Vamos sentir-lhe a fal...

Bateram à porta do pátio. Todos os que estavam na cozinha estremeceram de susto.

– Queres ver que já está de volta? – sussurrou Gertie.

– A Von Dobern? – cochichou Else. – Deus nos guarde. – Fanny Brunnenmayer estava já a caminho da despensa. Mas então parou e abanou a cabeça diante daquela conversa tonta.

– Deve ser o Franzl Kummerer, da fábrica de farinhas de Lechhausen. Abre, Dörthe. E diz-lhe que tenha cuidado com os degraus, para não lhe cair a saca dos ombros como da última vez.

– Muito bom dia, meu caro senhor – ouviu-se Dörthe dizer e Gertie, que punha rapidamente a sua chávina na pia da louça, não conseguiu evitar sorrir. Ela disse «meu caro senhor» ao rapaz da saca de farinha. Se calhar também lhe fizera uma vénia.

– Um muito bom dia também para si – disse alguém à porta. – Venho à procura da Fanny Brunnenmayer. Ela ainda trabalha aqui?

A cozinheira ficou cravada ao chão mesmo antes de entrar na despensa, como se lhe tivessem lançado um feitiço.

– Virgem Santíssima – ouviu-se Else exclamar. – Não pode ser verdade. Mas é o... é um fantasma. Ou... és mesmo tu?

– Robert! – disse a senhora Brunnenmayer, só agora ousando virar-se. Passou a mão na testa como se tivesse de endireitar alguma coisa na cabeça. – Pois é, Robert! Quem diria que te voltaria a pôr os olhos em cima!

Entrou então na cozinha um senhor elegantemente vestido, que tirou o chapéu e sorriu alegremente para as duas mulheres espantadas. Gertie não arredara pé. Mas que homem tão bem-parecido. Meia dúzia de mechas grisalhas no cabelo louro-escuro, bem escanhado, o nariz não demasiado grande, os lábios finos, mas sensuais.

Sem rodeios, abraçou a roliça cozinheira, como se fosse sua mãe ou avó, fazendo depois o mesmo com Else, que quase desmaiou de embaraço.

– Estou a passar alguns dias na bela Augsburg – contou ele – e não quis deixar de voltar a ver esta cozinha.

Voltou-se então para Hanna e Humbert, que o olhavam espantados e um nadinha desconfiados.

– Eu trabalhei aqui como lacaio há uma série de anos – explicou. – Se me permitem: Robert Scherer.

Estendeu-lhes a mão por cima da mesa e parecia invulgarmente bem-disposto. Comportava-se de uma forma muito descontraída. Caminhou pela cozinha, olhou para os armários e as estantes, tirou um tacho aqui, um prato ali, voltando a colocar tudo no devido lugar.

– Isto não mudou grande coisa – disse então. – Está tudo ainda como dantes.

– Senta-te – ordenou a senhora Brunnenmayer. – Ou agora és tão fino que já não te podes sentar connosco na cozinha?

Ele riu-se e desabotoou o casaco, pousou o chapéu na mesa e sentou-se no banco.

– Venho de um país em que já não há diferenças de classes. O que não quer dizer que as pessoas lá sejam todas iguais.

Começou a falar da América. Um mundo novo e diferente, para onde ele em tempos viajara cheio de vontade de fazer coisas e de coração ferido.

– Não, não é a terra de todas as oportunidades, Else. A maioria tem de passar fome, trabalhar duramente e em troca receber um parco salário. Mas quem tiver coragem de ousar fazer alguma coisa tem a sua oportunidade. –

Bebeu o café com leite acabado de tirar e o seu rosto contorceu-se num sorriso feliz.

– Mesmo como antigamente. Sentávamo-nos também a esta mesa e ficávamos à conversa.

Gertie estava espantada com o que se estava ali a revelar. Era certo que já tomara conhecimento das extraordinárias qualidades de Eleonore Schmalzler. Mas aquela visita inesperada tinha toda uma série de histórias a contar sobre ela. Também sabia coisas sobre a ajudante de cozinha Marie, que no início fazia tudo mal e a senhora Brunnenmayer ralhava com ela muito zangada. Mais tarde, Marie conquistara a Vila dos Tecidos na função de camareira. Robert também sabia que ela era entretanto a senhora Melzer. E também era do seu conhecimento alguns outros acontecimentos da Vila dos Tecidos.

– Como? Há anos que mantenho correspondência com a menina Schmalzler.

Que estranho, pensou Gertie, examinando Robert Scherer de lado. É verdade que se ria muito, mas pelo meio, muitas vezes, parecia um pouco triste. Porque teria regressado da América?

– E encontrou a sua felicidade lá na América?

Ele sorriu-lhe e ela teve de travar o coração. Oh, céus, fora apanhada. Conhecia aquele sentimento que lhe roubava o raciocínio e a levava a fazer coisas disparatadas. Até então, as coisas corriam mal sempre que era tomada pela paixão.

– Fui bem-sucedido, Gertie – disse ele, o que a fez derreter-se toda, já que ele identificara tão bem o seu nome. – Sim, pode dizer-se que construí muita coisa. Sou independente e não tenho de contar tostões. Se lhe quiseres chamar felicidade, então, de facto, não pode haver pessoa mais feliz do que eu!

Riu-se de novo, mas Gertie achou que foi algo artificial. Seria um costume americano, terem sempre de se rir alto de tudo? Como se a vida inteira fosse sempre uma grande diversão?

Quando depois Else contou a morte terrível de Maria Jordan, ele parou de se rir. Conhecera-a bem e abanou a cabeça, com tristeza.

– Foi sempre uma mulher fora do comum – disse ele. – Às vezes, deitava-nos as cartas. E também tinha sonhos. Oh, mas isso é terrível.

Bebeu o seu café e disse então que não lhes atrapalharia mais o trabalho. Que foi bom voltar a ver a senhora Brunnenmayer e Else e que agora passaria num instante a visitar os Blieferts.

– Quero sem falta cumprimentar a Auguste antes de seguir viagem.

Não disse para onde pretendia viajar. Mas Gertie presumiu que regressaria à América. Porque aí fora tão bem-sucedido e encontrara a sua felicidade.

Se calhar é melhor assim, pensou. De qualquer modo, só teria trazido problemas.

– Tudo de bom. Para todos e cada um.

Apertou todas as mãos, mirou-os com um brilho nos olhos e pôs o chapéu ainda antes de passar a porta.

Lá fora, no pátio, estava um automóvel de cor descaradamente vermelha, com bancos pretos e raios das rodas brancos.

– Um *Tin Lizzie* – disse Humbert com inveja. – O *Ford Modelo T*.

Maio de 1925

Marie passara o dia inteiro a sentir-se adoentada. Fechou o ateliê duas horas mais cedo do que o habitual, mandou as funcionárias de fim de semana e tentou pôr alguma ordem no seu gabinete antes de voltar à Frauentorstrasse. Tinha a cabeça a estalar, as pálpebras martelavam-lhe, as mãos estavam geladas.

A tensão, pensou. Não era de admirar. Mas não havia nada a fazer. Eu concordei e agora as coisas seguem o seu caminho. Estava feito, agora era arcar com as consequências.

Depois de ordenar a pilha de encomendas duas vezes sem sentido nenhum, deixou-se cair na cadeira e encostou a cabeça às mãos.

Ao fim do dia ia ser a inauguração da exposição «Luise Hofgartner – Uma Artista de Augsburg». Porque se estava a enervar tanto? Afinal de contas, já estava decidida há meses e, no início, ela ansiara muito pela chegada deste dia. Só hoje, no dia da inauguração, estava uma pilha de nervos. Teria provavelmente que ver com o facto de todas as suas clientes lhe terem falado do «grande acontecimento». Que iriam lá estar sem falta, que levariam os maridos, os sogros, tios e tias e bons amigos. E, como é evidente, desde aquele incrível artigo de jornal, sabiam todas quem fora Luise Hofgartner e que Marie Melzer era a sua filha. Dizia-se por aí à boca pequena que o «velho Melzer» quisera obrigar a viúva do seu antigo sócio Burkard a fazer todo o tipo de coisas. Não era coisa que, por uma questão de discrição, as suas clientes lhe mencionassem a ela, mas dentro das suas cabeças circulava este tipo de coisas, isso Marie sabia perfeitamente. Oh, hoje teria dado tudo para poder simplesmente cancelar a exposição.

Marie recompôs-se e obrigou-se a olhar em frente. Como podia ser tão cobarde. Cancelar a exposição! Assim não teria feito justiça a Luise Hofgartner. A sua mãe fora uma mulher corajosa, por isso ela também não podia agora arrepiar caminho.

Tomou um pó para as dores de cabeça, pôs o chapéu e vestiu o casaco do fato. O sol da tarde deslizava sobre as montras da loja, teve de piscar os olhos enquanto fechava a porta, e depois correu para a paragem do elétrico.

– Boa tarde, senhora Melzer! – chamou alguém de um automóvel. – Permite-me que a leve?

Marie preparava-se para recusar a oferta quando reconheceu Gustav Bliefert e não quis rejeitar a sua amabilidade.

– É mesmo muita simpatia sua. Sim, para a Frauentorstrasse. Como vão as coisas? O horto está a correr bem? – Agora estava contente por poder conversar com ele, já que os seus modos tranquilos lhe acalmavam os nervos.

– Corre lindamente – contou ele com orgulho. – Primeiro, os rebentos, esses, voaram como as cerejas. E agora vêm as flores. A Liesl faz cá uns ramos de flores, só acredita quem vê. A miúda faz aquilo muito melhor do que a Auguste. No mercado, as pessoas acotovelam-se para comprar os nossos ramos.

Liesl, pensou Marie. Alguma vez lhe contariam que Gustav não era o seu pai? E seria ela mais feliz por saber isso? Quem poderia saber?

Gustav levou-a até à porta de casa e saiu rapidamente para abrir a porta do carro à sua passageira.

– E muito obrigado pelas coisas que nos enviou. O Maxl e o Hansl estão muito orgulhosos por poderem usar a roupa do Leo.

– Fico muito contente – disse Marie enquanto descia do carro. – E muito obrigada pela boleia no seu bonito automóvel.

Ele sorriu a transbordar de orgulho e fechou a porta do carro.

– Sempre ao seu dispor, senhora Melzer. E hoje à noite também vamos, eu e a Auguste. Porque no jornal dizia que ia ser o acontecimento do ano.

Marie sorriu-lhe e ficou com a desconfortável sensação de que os dois fiéis amigos ficariam horrorizados com os quadros da sua mãe. Bom, não seriam os únicos.

Henny estava já à porta de casa, impaciente, saltitando de um pé para o outro. Apesar de puxar para cima os dois lados do vestidinho cor-de-rosa, pelo que ficava enfunado como duas asas.

– Tia Marie... Tia Marie. A mamã não quer que eu dance hoje à noite. Mas na escola deixaram-me fazer a dança da ave-do-paraíso.

Em Santa Ana, os novos alunos haviam sido recebidos depois das férias da Páscoa com um bonito espetáculo e Henny participara com grande entusiasmo. E agora entregava-se à esperança de um dia vir a ser bailarina.

– Hoje não vai haver dança, Henny. As pessoas só vão olhar para os quadros, falar sobre eles e depois vão-se outra vez embora. Vai ser muito aborrecido, não é para crianças.

Mas Henny não se deixava convencer tão facilmente a abandonar o seu projeto. Empurrou o queixo para a frente e encarou Marie com os seus enérgicos olhos azuis.

– Mas o Leo pôde tocar piano na Vila dos Tecidos.

– Na Vila dos Tecidos também podes dançar, Henny. Mas hoje vamos estar no Grémio das Artes, na Hallstrasse.

Não havia grande coisa que Henny pudesse dizer para contestar tal facto, franziu o nariz e empenhou-se em garantir pelo menos o resultado alcançado.

– Mas na Vila dos Tecidos posso dançar, não é? Na festa de verão?

– Isso o melhor é combinares com a tua mãe, Henny. – Henny soltou um profundo suspiro e rodopiou então sem sair do lugar para enfunar a saia. – Hoje a mamã está nervosa.

Não admira, pensou Marie. Afinal de contas, fora ela a instigar tudo aquilo. Sempre com boas intenções, a sua querida Kitty. Fizera-o por si. E, evidentemente, pela arte.

– Eu vou lá conversar um bocadinho com ela – disse a sorrir para Henny. – Pode ser que a consiga acalmar um bocadinho.

Kitty estava sentada na cadeira de verga, de telefone em cima das pernas, o auscultador junto à orelha. Quando Marie entrou, assentiu-lhe brevemente com a cabeça, acenou com a mão livre e continuou a falar.

– ... é claro que a senhora Melzer estará disponível para uma entrevista... Como? *Nürnberger Anzeiger*? Muito bem, esforçamo-nos sempre por promover a vida cultural da província... Sim, abrimos às dezanove horas. Mas é claro que haverá bebidas e um *buffet*... Não, a imprensa não poderá entrar mais cedo... Muito obrigado a si também. Como é mesmo o seu nome? Zeisig? Muito simpático... Então até logo, senhor Reisig.

Pousou o auscultador no gancho e colocou o telefone na titubeante mesa de latão.

– Meu Deus do céu, Marie! – exclamou, e os seus olhos brilhavam de entusiasmo. – Imagina só: vêm de Nuremberga. E, em todo o caso, de Munique. De Bamberg vem um escultor e traz o cunhado, que é jornalista. E

nem vais acreditar: até o Gérard vem até Augsburg para estar presente na exposição. Com a sua jovem esposa, porque afinal de contas estão em lua de mel. Para te ser sincera, estou-me nas tintas para eles os dois. Sobretudo para o Gérard, esse hipócrita e cobarde. A mulher não tem culpa nenhuma, temos antes de ter pena da pobrezinha.

Marie deixou-se cair numa cadeira, exausta, e tapou os ouvidos.

– Por favor, Kitty, cala-te só por um instante. Os meus nervos...

– Ah, e achas que também não os tenho? – gemeu Kitty. – E que faço eu se de repente tiver o Gérard à minha frente? Como me pode ele fazer uma coisa destas? Vem até aqui com a mulher a reboque. Será que lhe devo contar sobre as nossas belas noites de amor em Paris? Oh, era bem capaz de fazer isso.

A porta abriu-se e Gertrude apareceu com uma terrina de sopa a fumegar.

– Vamos lá comer alguma coisa, minhas senhoras artistas. Caldo de vitela com pastéis recheados, para dar força ao corpo e à alma.

Marie levantou-se mecanicamente para pôr na mesa as bases para quentes de madeira e dispor os pratos da sopa. Kitty esticou os dois braços e gemeu.

– Não consigo comer nadinha, Gertrude. Leva por amor de Deus essa terrina de volta para a cozinha. Estou enjoada só com o cheiro.

– Nem pensar! – rosnou Gertrude, tirando as colheres de sopa da gaveta do armário. – Esta noite vão beber champanhe, precisam de uma base sólida, caso contrário ficam abananadas logo ao primeiro copo.

Kitty alegou que conseguia beber garrafas e garrafas de champanhe sem se embriagar. Ficava só um pouco alegre. Mas sempre no controlo das suas capacidades.

– Pronto, está bem, eu fico a fazer companhia. Mas não vou comer nada. Onde estão as crianças?

– O Leo ainda está em casa dos Ginsbergs e a Dodo está entretida com engenhocas lá em cima no sótão. Comem depois, quando vocês as duas saírem. Prometi-lhes panquecas com puré de maçã.

– Uh! – disse Kitty, pousando uma mão na barriga. – Só de pensar.

Ainda assim, acabou por se deixar convencer a comer algumas colherezinhas de caldo. E um pastelzinho recheado muito pequenino, como que um pastel bebé. E quem sabe ainda mais metade, já que a outra metade ficou ali tão solitária, por isso também tinha de ser comida.

– Agora já me sinto bem outra vez – disse ela, recostando-se na cadeira, aliviada. – Ontem trabalhámos ainda pela noite dentro. Mas agora está tudo maravilhosamente exposto, Marie. Vais ficar encantada... Quando se entra, os olhos dão imediatamente com o quadro das montanhas azuladas, as Splitterbergen, pusemos os nus na sala do lado. Credo, sei muito bem como são pudicas as mulheres de Augsburg... E os entediantes retratos estão todos no pavilhão.

Marie nada disse. Deixara a disposição dos quadros entregue a Kitty e aos seus conhecidos, que se empenharam nesta exposição com altruísmo e gratuitamente. Mas é evidente que ela teria preferido começar por apresentar os quadros mais conservadores, os retratos e os desenhos de paisagens disponibilizados por diversas coleções privadas de Augsburg. A mãe pintara-os após a morte de Jakob Burkard, quando precisava de dinheiro.

– Vais ver, Marie, vai ser um êxito gigantesco! O pessoal de Munique vai ficar pálido de inveja. E estou muito curiosa para ver se pelo menos a Lisa virá. Ela não disse nada.

Tilly já telefonara no dia anterior, dizendo que, infelizmente, não poderia viajar até Augsburg para a exposição, já que tinha um exame importante muito em breve.

– Passo bem sem a futura senhora Von Klippstein – disse Kitty. – Mas a Lisa, isso seria bom. Quem sabe se o seu querido Sebastian a convence. É um homem de coragem, eu na verdade não o acho assim tão mau. Visto assim de fora, bom, meu Deus, não é propriamente um adónis. Mas quando me ponho a imaginá-lo sem camisa...

– Kitty! – ralhou Gertrude. – Ninguém nesta mesa quer saber isso.

Marie obrigou-se a comer um pouco de sopa com um pastel recheado, de resto deixou Kitty falar. Sentia-se mais em baixo do que antes, já que não conseguia evitar pensar em Paul. É claro que ele não viria, não podia fazer isso à mãe. Especialmente depois daquele horrível artigo no jornal. Estava tão zangado ao telefone, cortara-lhe inclusivamente a palavra, fora muito pouco cortês. Comportara-se de modo autoritário e ela percebera claramente que o fosso que se abrira em tempos entre os dois ainda estava patente. Tornara-se até mais fundo e abrupto. Um precipício que já não se voltava a fechar, que dilacerava o seu amor, o seu casamento, e impossibilitava qualquer reconciliação. Como podia viver com um homem que desprezava a sua mãe? Que se envergonhava das suas origens?

– Sabes, Marie, quando isto tudo passar e vocês se reconciliarem, vamos todos juntos para a Vila dos Tecidos...

Marie despertou dos seus pensamentos e olhou, confusa, para Kitty. Que acabara ela de dizer? Oh, Kitty!

– Porque é que te espantas? – exclamou Kitty, divertida. – Refleti sobre tudo muito bem, Marie. Se a Tilly tem assim tanta falta de consideração a ponto de

se casar com o Klippi e de se mudar com ele para Munique, também não quero pôr a querida Gertrude numa situação difícil.

Agarrou com tanta força o braço da surpreendida Gertrude que o pedaço de pastel recheado quase caiu da colher para a toalha de mesa.

– O teu lugar é com a Tilly, Gertrude. Afinal, é tua filha e ela precisa de ti. Eu também tenho uma mãe e por isso vou regressar com a Hennyzinha à Vila dos Tecidos. Agora que aquela bruxa da Serafina não está lá, já nada me impede.

– Mas que belos planos – observou Marie com um sorriso indulgente.

Conhecia Kitty há tempo suficiente para saber que logo no dia seguinte ela haveria de engendrar alguma ideia diferente. Não valia por isso a pena discutir o assunto. Também Gertrude o sabia, pelo que continuou a comer tranquilamente, dizendo apenas que se sentia na verdade muito bem ali na Frauentorstrasse. Tocaram a campainha da porta, ouviu-se Henny a descer as escadas aos saltinhos e a abrir a porta.

– Sim, é aqui. Pode entregar-me.

Logo depois, um enorme e colorido ramo de flores de verão abriu caminho pela porta da sala de jantar, com Henny lá no meio.

– Mamã, o senhor está à espera da gorjeta.

– Oh, Deus do céu! – exclamou Kitty, dando um salto para recompensar o estafeta. – Já começam a chegar as primeiras felicitações, Marie.

– Não temos nenhuma jarra que dê para este trambolho – rosou Gertrude, que pegara no ramo. – Traz um cartão.

Marie, que alimentara todo o tipo de esperanças loucas e totalmente sem sentido, ficou desiludida. O ramo de flores não era para ela. Era para Kitty.

– O quê, para mim? Espero que não seja do Gérard. Se for, atiro já estas ervas pela janela fora.

Kitty tirou impacientemente o cartão de dentro do envelope, passou os olhos pelas poucas linhas e abanou a cabeça, sem compreender.

– Não faço ideia de quem seja. Deve ser alguém a brincar comigo.

Marie não estava curiosa. Levantou-se e anunciou que ia mudar de roupa e que depois ia a pé até à Hallstrasse. Kitty enfiou o cartão de novo no envelope.

– Isso está totalmente fora de questão, Marie. Vamos juntas no meu carro. Estou pronta em dez minutos. Gertrude, sê uma querida e põe este ramo numa qualquer jarra de flores.

– É sempre cá uma pressa – resmungou Gertrude. – Ainda são só dez para as cinco.

Marie não teve de pensar muito, usaria o vestido preto que dava pelas barrigas das pernas, com um corte justo que lhe realçava a silhueta, com decote em V, sendo um nadinha ousado. Combinaria com um colar de pérolas brancas comprido, com duas voltas em torno do pescoço, segundo a moda. Sapatos pretos simples. Um casaco leve de comprimento médio e um chapeuzinho atrevido que se usava inclinado.

Kitty veio evidentemente de branco, seda com bordados delicados nos punhos das mangas, a combinar com sandálias de tirinhas com saltos. Examinou o vestido de Marie com a testa franzida.

– Parece que vais para um enterro. Tão negra.

Na verdade, era assim que Marie se sentia. Mas não tinha propriamente de o revelar a Kitty.

– E tu pareces que vais a um casamento – brincou.

Kitty achou graça à piada, soltou risadinhas e observou que só faltava a coroa de murta. Mas que, de qualquer modo, ela nunca usara tal coisa.

É claro que o «querido carrinho» de Kitty voltou a dar problemas, sacudia-se, soltava um fedor a borracha queimada e cuspiam água, fazendo Marie sentir-se já arrependida por não ter mesmo ido a pé. Mas Kitty estava tão empenhada em resolver o assunto com palavras ternas e pequenos truques que Marie não teve coragem de sair do carro.

– Estás a ver, conseguimos! – exclamou Kitty, triunfante, quando parou o carro na Hallstrasse, em frente do Grémio das Artes. – E ainda temos meia hora até à abertura das portas.

Não havia muita gente na Hallstrasse e também os jardins – que antes pertenciam ao senhor Euringer, um banqueiro de Augsburg – jaziam serenos sob a luz quente do Sol de fim de tarde. As velhas árvores estendiam os seus ramos protetores sobre o pavilhão antiquado que agora voltava a poder ser usado para exposições.

– Se calhar não vem ninguém – disse Marie, com esperança.

Contudo, mal entraram no corredor de entrada, começaram a ouvir a agitação de vozes, o tilintar de copos, Marc veio ao seu encontro, o cabelo louro hoje escovado e esticado junto à cabeça, provavelmente untado com brilhantina.

– Os abutres da imprensa já cá estão. Querem a Marie. A senhora Wiesler está ao telefone... E o Roberto está podre de bêbedo.

Abraçou primeiro Kitty, depois Marie, empurrou as duas para a sala adjacente, onde estavam os quadros com os nus e vários jovens senhores e senhoras estavam mergulhados em acaloradas discussões. Um fotógrafo esforçava-se por captar imagens de interiores com o seu enorme *flash*.

– Posso fazer as apresentações? A senhora Marie Melzer, filha da artista.

Marie viu-se imediatamente rodeada por todos os lados, jorravam perguntas na sua direção, estalavam clarões de luz, lápis deslizavam sobre blocos de apontamentos, pares de olhos curiosos, importunos e ávidos apontavam como setas na sua direção. Subitamente, Marie era a calma em pessoa, selecionava, respondia a algumas perguntas, deixava cair outras, sorria, garantia constantemente como estava contente por a sua mãe receber finalmente o reconhecimento que merecia.

Pelo meio, alguém lhe entregou um copo de champanhe, que ela segurou na mão durante muito tempo, acabando por fim por levá-lo à boca. De repente, a sala do lado estava terrivelmente cheia de gente, mas, quando abriu caminho por entre as pessoas para se dirigir para a sala grande, aí estava-se muito melhor.

– Senhora Melzer! É absolutamente maravilhoso.

– Marie, minha querida. Parabéns! Que quadros fantásticos.

– Minha querida senhora Melzer. Estou inteiramente impressionado. Mas que grande talento.

Marie cumprimentou todos os conhecidos e amigos possíveis, também aqueles que só conhecia superficialmente ou que não conhecia de todo. Os rostos deslizavam por ela, olhos arregalados, lábios esticados para a frente, ouvia sussurros empolgados, via expressões indignadas, senhoras que levavam a mão à boca, algumas davam meia-volta e procuravam a saída.

– Senhora Melzer? Sou do *Münchner Merkur*. Se depois tiver tempo para uma breve entrevista...

– Ah, é a filha da artista! Bom, é verdadeiramente invejável esta sua herança...

O advogado Grünling estava à conversa com o neurologista doutor Schleicher, ambos inclinaram cortesmente a cabeça na sua direção quando passou por eles. Os Manzingers, entretanto proprietários de vários cinemas, ergueram os seus copos para lhe fazerem um brinde. Herrmann Kochendorf, genro dos Manzingers, sorriu confrangido, a mulher Gerda falava agitadamente com ele.

– Medonho – disse alguém ao lado de Marie. – Mas que grandes disparates.

– Isto é supostamente arte? Horrroso! Totalmente sem sentido.

– Uma degeneração.

– Que falta de gosto.

– Obsceno!

– Mas sabia desenhar bem. Já estive no pavilhão?

Marie esvaziou o copo e ficou contente ao descobrir Lisa e Sebastian Winkler num canto.

– Marie! Fica aqui connosco. Vão fazer o elogio já a seguir – chamou Lisa.

Marie abriu passagem pela multidão mergulhada em conversas e cumprimentou os dois. Lisa conseguira enfiar-se num vestido azul-celeste que Marie lhe costurara há anos. Sebastian usava um fato do velho Johann Melzer.

– Não fica bem com ele? Serve que nem uma luva. Seria mesmo uma grande pena se esta bela peça ficasse para sempre perdida na coleção da mamã, não achas?

– É claro. Acho que o papá ficaria contente.

Sebastian fez um sorriso torcido, estaria provavelmente a sentir-se muito desconfortável naquele fato. Que estranho: nalgumas coisas, era teimoso e incorrigível, mas depois, por Lisa, fazia algumas coisas que seguramente não lhe seriam fáceis.

– Há umas semanas, a senhora Wiesler espremeu-me como um limão – disse Marie com um sorriso. – Esforçou-se imenso a redigir o elogio.

– Bom, nesse caso, mal posso esperar para ouvir.

Marie descobriu Kitty, uma mancha branca resplandecente no meio do alvoroço. Acenou na direção de alguém, o cabelo caía-lhe da testa quando lançava a cabeça para trás e exclamava alguma coisa por cima das cabeças das pessoas à sua volta.

– É agora! Entrada em cena! Toi, toi, toi!

Diante do grande quadro ao centro da sala – a representação abstrata de uma paisagem montanhosa agreste e coberta de neve –, abriu-se espaço à volta da senhora Wiesler. Estava ainda mais opulenta, o cabelo cuidadosamente pintado, mas o vestido verde-lima largo realçava-lhe as formas de um modo que não a beneficiava.

– Excelentíssimos e queridos amantes de arte – ouviu-se a sua robusta voz de contralto. – Meus queridos amigos. É uma honra... – Esticou teatralmente os braços e um senhor de fato escuro destacou-se da multidão para se colocar ao seu lado.

– Agradeço-lhe – disse Paul Melzer, fazendo uma pequena reverência na sua direção. Voltou-se então para a assistência admirada. – Meus queridos amigos, estarão seguramente surpreendidos por ouvir da minha boca o elogio da artista Luise Hofgartner. Permitam-me que lhes explique...

Marie ficou paralisada a olhar, incrédula, para aquela aparição, que só podia na verdade ser um produto da sua imaginação. Um só copo de champanhe tê-la-ia realmente deixado alterada? Não podia ser Paul quem ali estava, com tanta naturalidade, à frente de toda a gente, prestes a proferir um elogio. O elogio de...

– A ligação entre a família Melzer e Luise Hofgartner nasceu há muitos anos, sendo que muitas coisas boas e algumas más foram acontecendo nesse período; e quero dizer agora, diante de todos vós, que a pintora Luise Hofgartner faz parte da nossa família. Não apenas é a mãe da minha querida esposa Marie, como também é minha sogra e avó dos nossos filhos.

Era mesmo ele. Não era uma aparição fantasmagórica nem o efeito do champanhe. Ali adiante, em frente das montanhas azuladas cobertas de neve, estava Paul e falava a todos sobre Luise Hofgartner. Disse coisas que nem a ela quisera admitir. Marie sentiu uma ligeira tontura, deixou de repente de sentir as pernas e ficou contente por Sebastian Winkler lhe agarrar no braço para lhe dar apoio.

– Não te disse? – sussurrou Lisa. – Ainda bem que a apanhámos a tempo.

– Não se quer sentar? – perguntou Sebastian baixinho.

Marie recompôs-se. Inúmeros convidados haviam-se virado na sua direção, estava a ser atravessada por olhares curiosos.

– Já passou. Muito obrigada.

Fora tudo combinado, pensou. Estavam todos ao corrente. Kitty também. Mas qual era a ideia dele?

– Nascida em Inning am Ammersee, a jovem Luise Hofgartner foi para Munique e aí estudou, durante um ano, na Academia das Artes, onde, no

entanto, não se sentiu bem. Inúmeras viagens a acompanhar um mecenas levaram-na a conhecer toda a Europa. Em Paris, conheceu Jakob Burkard, que viria a ser seu marido.

Paul deixou habilmente de fora alguns pormenores e começou a falar do legado artístico de Luise Hofgartner. Que fora uma artista de grande talento, uma pessoa sempre à procura de algo, optando por diversas orientações e que em cada uma delas deixara a sua marca própria.

– O que aqui vemos é apenas uma parte da sua grande obra. Está incompleta, já que não teve tempo de alcançar o amadurecimento da idade. Mas mesmo esta pequena amostra da sua criação é impressionante e não pode cair no esquecimento. O seu talento continua vivo na filha e, tanto quanto consigo avaliar, também nos netos. É para todos nós um enorme orgulho termos na família esta mulher tão invulgar.

– Agora já está a exagerar – murmurou Lisa.

Marie tinha dificuldade em manter-se ereta. No seu interior, bramia uma louca algazarra feita de desespero, felicidade, indignação, esperança e dúvidas. Não estava capaz de dizer uma palavra que fosse, os lábios tremiam-lhe como se o termómetro tivesse descido às profundezas da Sibéria.

– Ergo agora o meu copo à admirável Luise Hofgartner e à sua grande obra!

Marie viu o cristal cintilante na mão de Paul, o seu sorriso triunfante que ela tão bem conhecia e que agora se dirigia a toda a sala. Ouviram-se o tilintar dos copos, aplausos cada vez mais ruidosos, até um grito de «bravo» aqui e ali. O fotógrafo navegava pela multidão com a sua câmara, afastava pessoas para o lado, queixava-se de que deviam abrir espaço. Paul continua a sorrir, respondia a perguntas, apertava mãos, e as pessoas que para ele se precipitavam ocultaram-no da vista de Marie.

De repente, tinha Kitty a seu lado, a beijá-la nas duas faces, a sacudi-la.

– Não foi espantoso, o nosso Paulinho? Oh, ele discursa maravilhosamente bem. A pose dele ali à frente. Tão descontraído. Diz alguma coisa, Marie! Abre a boca de uma vez por todas! Ele fez tudo só por ti. Ontem teve uma discussão terrível com a mamã.

– Por favor, Kitty – gemeu Marie. – Eu... eu preciso de um copo de água.

– Oh, céus – exclamou Kitty, agarrando Marie pelos ombros. – Anda num instante ali ao *buffet*, lá podes sentar-te e eu trago-te uma aguinha. Deixou-te abananada, não é?

– Um pouco – murmurou Marie.

Acompanhou Kitty até ao fundo da sala, onde haviam sido dispostas algumas cadeiras para as pessoas mais idosas. Todavia, poucos passos depois, estacou. Não era Paul quem abria passagem por entre a multidão? Viria ter com ela? Por um instante, não soube o que fazer, pois estava ainda demasiado desnorteada. Mas Paul não se aproximou dela, rumou à saída e logo a seguir desapareceu da sala.

Eu devia ter ido falar com ele. Dizer-lhe que nunca lhe teria exigido tal coisa. Que o admiro infinitamente. Mas à frente de todas aquelas pessoas... De repente, receou que fosse já demasiado tarde. Ele fora-se embora. Para onde? De volta à Vila dos Tecidos? Zangado e desapontado com ela? Ou estaria por ali algures na propriedade do Grémio das Artes?

– Aqui tens, Marie, a tua água. Senta-te aqui ao meu lado. Não tarda nada chega aí um dos abutres da imprensa e...

– Obrigada, Kitty. O abutre da imprensa fica para mais tarde, por favor. – Voltou-se e correu para a saída. Foi abordada por conhecidos, que lhe

gritavam isto ou aquilo, mas ela não lhes deu atenção e passou por eles a correr. Lá fora já estava escuro, viam-se as luzes da rua, as janelas iluminadas das casas, os contornos de automóveis estacionados. Para onde fora ele? Porque tinha tanta pressa? Procurou com os olhos no pavilhão iluminado, que cintilava no meio do jardim escurecido, através dos ramos, como uma gaiola cheia de pirilampos. Estaria ali? Sobressaltou-se, já que um homem vinha na sua direção pelo trilho sombrio do jardim e quando a viu abrandou o passo e parou.

– Marie.

Ela ficou atónita. Seria aquela a noite de todos os prodígios e truques de magia?

– Perdão – disse ele, tirando o chapéu, parecendo tão confuso quanto ela –, o que eu quis dizer foi, naturalmente, senhora Melzer. Ainda se lembra de mim?

Ela aproximou-se um passo e olhou-o no rosto. Inacreditável. Era mesmo ele.

– Robert... Quero dizer: senhor Scherer. Está aqui em Augsburg?

– Como pode ver.

Por um momento, ficaram parados, indecisos, Marie sentiu os seus olhares de admiração e compreendeu que ele ainda a guardava na memória como a ajudante de cozinha.

– Eu... infelizmente, cheguei demasiado tarde. Saberá dizer-me se a senhora Bräuer ainda está lá dentro?

– A Kitty? Sim, sem dúvida. Ainda agora estava junto ao *buffet*.

Ele agradeceu à pressa e fez menção de se ir embora, mas ela travou-o.

– Por acaso... viu o meu marido? Refiro-me ao Paul Melzer.

– O senhor Melzer? Sim, sei que é o seu marido. Está lá adiante, no pavilhão.

– Muito obrigada.

Cumprimentaram-se com um aceno de cabeça, passaram um pelo outro, cada um rumo ao seu destino.

Mas que visita do passado, pensou Marie. Um sonho. Um sonho de noite de verão, em pleno mês de maio.

Abriu caminho por entre os ramos dos arbustos e aproximou-se do pavilhão pelo relvado. A erva estava húmida, o jardim descuidado cheirava a aspérulas e a trevos, a terra quente e à resina dos arbustos de junípero. Dali viam-se os visitantes do outro lado das vidraças, passavam à frente dos desenhos expostos, paravam aqui e ali, apontavam com os dedos, falavam entre si.

Um homem encostou-se à janela e olhou para fora, para o jardim mal iluminado. Era ele. Marie viu o seu cabelo claro, as suas mãos distraidamente encostadas ao vidro, como se quisesse empurrá-lo, os seus olhos cinzentos pousados nela. Quando ela se mexeu, ele desapareceu subitamente.

Uma porta bateu, ela ouviu-lhe os passos e o coração bateu desamparado. Naquela encantada noite de verão, ela não lhe conseguiria resistir, não ali, naquele jardim escuro que cheirava a uma doce fertilidade...

– Marie.

Ele estava mesmo junto dela, aguardava uma reação, a sua respiração acelerada e agitada. Ainda antes de saber bem o que lhe pretendia dizer, a sua boca começou a falar.

– Paul, foi esmagador... Não sei mesmo o que dizer. Estou completamente virada do avesso.

Marie sentiu a tensão de Paul a dissolver-se. Teria ele receado que ela se zangasse com a sua aparição? Parecia agora infinitamente aliviado.

– Demorei muito tempo a compreender, Marie. Perdoa-me. A tua mãe faz parte de nós.

De repente, as lágrimas escorreram pelo rosto de Marie. O peso que a atormentava há tanto tempo fora-lhe finalmente tirado. Estava livre e, quando ele a tomou nos braços, sorriu no meio das lágrimas.

– Eu amo-te, Marie – ouviu ela aquela voz que lhe era tão familiar. – Volta comigo. Por favor, vem...

Ele nem sequer se atreveu a beijá-la. Abraçava-a simplesmente com força contra si, como se receasse que a poderia perder no momento seguinte.

– Por favor, Marie.

– Já imediatamente?

Ele afastou-a um nadinha dele e viu que ela o estava a provocar. Os olhos dele relampejaram de felicidade.

– E poderia lá ser de outra forma? – exclamou ele, agarrando-lhe a mão.

Aquela clareza típica das primeiras horas da manhã, antes de acordar. Imagens a deslizar à frente dos olhos, uma sensação de imponderabilidade, de ascensão, um céu em tons pastel. Teias de pensamentos que se dissolvem e flutuam, em fios ligeiros, o canto de pássaros a saudar a manhã. Marie abraçou a almofada e voltou-se regaladamente para o outro lado.

– Estás acordada?

Ela sentiu a sua mão que lhe tateava ternamente o ombro, o cabelo. Afagou-lhe a nuca, fez cócegas no lóbulo da orelha, deslizou dois dedos pelo queixo, que depois desceram o pescoço.

– Que estás a fazer? – riu-se ela.

Começou a usar a outra mão e, quando ela se deitou de costas, já nada o podia travar. Paul, o homem que ela amava, que a desejava, que na noite anterior a tomara com tanta paixão. E ela também já não sabia o que fazia, agarrara um canto da almofada com a boca, por vergonha do seu prazer. No quarto ao lado, dormia a sogra e, na outra ponta, ficavam os aposentos de Lisa e Sebastian.

Agora, ainda de manhãzinha, amou-a cuidadosamente, saboreou todos os pequenos contactos que ele sabia que lhe davam prazer, entregou-se às carícias dela. Marie sentiu o quanto ele tinha de se dominar para prolongar o máximo possível aquela agradável ocupação.

– Cuidado, meu amor. Deixaste-me sozinho demasiado tempo, isso é perigoso. Marie!

Apesar do seu grande esforço, a brincadeira terminou mais depressa do que desejara, o êxtase que os assoberbou aos dois foi ainda mais intenso do que na

noite anterior, além de que foi mais longo. Ficaram quietos algum tempo, permaneceram na sensação de serem um, dois seres que se fundiam um no outro, duas almas que se abraçavam com amor. Então, no quarto das crianças, ergueu-se a voz exigente do mais jovem residente da casa e os dois olharam-se a sorrir.

– Tem as suas vantagens os nossos dois já serem crescidos – considerou Marie.

– Oh, eu não me importava nada de começar outra vez do início.

– Gémeos outra vez? – riu-se ela.

– Por mim, podem até ser trigémeos.

Riram-se os dois, viraram-se de lado sem se largar. Paul afastou-lhe o cabelo do rosto, sussurrou que estava mais bonita do que nunca, beijou-a na ponta do nariz, na boca. Lá fora, ouviam-se agora os resmungos irritados de Lisa enquanto falava com a ama, Sebastian tentava acalmá-la e foi despachado sem cerimónias. Ele aceitou e calou-se.

– Pura felicidade familiar – brincou Marie.

Lembrou-se de que Paul tivera de partir para a guerra poucos dias após o nascimento das crianças. Não os vira crescer. Quando voltou, já tinham quatro anos.

– Sabes que a Lisa e o Sebastian se vão casar no outono? – perguntou ele.

Marie ainda não sabia. Lisa só lhe contara que Sebastian a pedira finalmente em casamento. Fizera-o porque agora tinha emprego e ganhava o suficiente para alimentar uma família. Paul levantou a cabeça para espreitar lá para fora, pela estreita frincha dos cortinados. Os raios de sol brilhavam, desenhavam manchas cintilantes nos cortinados de cor creme e atravessavam

o quarto de dormir como estreitas listras douradas. Um olhar na direção do despertador disse a Marie que já eram nove horas.

Espreguiçaram-se os dois, soltaram risinhos, deliciaram-se novamente com a maravilhosa e recuperada vida a dois a que se podiam entregar tão à vontade ali no seu quarto. Infelizmente, era demasiado tarde para aquecer a salamandra da casa de banho e tomarem juntos um banho absolutamente indecente. Além do mais, agora que também Lisa, Sebastian e o bebé usavam a casa de banho, já não se podiam dar ao luxo de longos rituais.

– Podemos adiar para a tarde – sugeriu Paul. – Quando a mamã estiver a fazer a sesta e a família Winkler e respetiva ama estiverem a passear no jardim.

– Estou a ver que tem grandes planos, senhor Melzer – disse Marie alegremente.

– É que temos muito para recuperar, senhora Melzer – retorquiu ele com um sorriso matreiro.

Quando entraram na sala de jantar, ela vestida, ele barbeado, ela penteada e ambos com um semblante inocente, a sua aparição foi recebida de maneiras muito diferentes. Alicia dirigiu a Paul um olhar acusador e desejou «bom dia» com frieza na voz, sendo que Marie não percebeu claramente se também estaria incluída no cumprimento matinal. Alicia passara mais ou menos os olhos por ela. Lisa, pelo contrário, levantou-se para abraçar Marie e o irmão, Sebastian sorriu com simpatia, mas não ousou manifestar a sua opinião naquela difícil circunstância familiar. O que era certamente muito sensato da sua parte.

– Ontem acabámos por nos deitar um pouco tarde – disse Paul para Alicia.
– Tomámos a liberdade de recuperar o sono. Espero que não o leves a mal,

mamã.

Dado que Alicia nada respondeu e, ao invés, deitou uma colher de compota no prato, Paul endireitou a cadeira de Marie para que ela se pudesse sentar.

– Posso depreender que decidiste voltar para o teu marido? – perguntou por fim Alicia, lançando a Marie um olhar penetrante.

Marie sentiu a mão de Paul pousada com preocupação no seu joelho. Ela manteve-se descontraída: aprendera muito cedo a deixar transparecer o menos possível os seus sentimentos.

– Depreendes bem, mamã. E espero muito que isso também seja do teu agrado. A seguir vamos à Frauentorstrasse para trazer as crianças e a bagagem.

O semblante de Alicia tornou-se um nadinha mais benevolente – a referência às crianças foi inteligente. Mas Marie sabia bem que não iria recuperar tão facilmente as boas graças da sogra.

– De certeza que a mamã está contente, Marie – disse Paul, num esforço para mediar entre as duas. – Só precisa de um pouco mais de tempo.

Como Alicia nada respondeu, presenteando o filho apenas com uma expressão de preocupação maternal, Lisa meteu-se então na conversa.

– Sabem porque é que ontem à noite o Klippi não veio? Está em Munique a ajudar a sua futura noiva a estudar. Ela tem de saber de cor a anatomia do ser humano. Uma vez espreitei um dos livros dela e era um monte de imagens com pessoas nuas.

Calou-se, já que Humbert entrava nesse momento com uma segunda cafeteira e pãozinhos acabados de sair do forno. Ficou radiante ao ver Marie. Quando lhe estendeu o cestinho com os pãozinhos, disse baixinho:

– Que bom tê-la de volta, minha senhora. É o sentimento de todos os empregados. A senhora Brunnenmayer, em especial, manda cumprimentos.

– Está bom, Humbert! – disse Alicia. – Pode ir.

Ele fez uma reverência, colocou o cestinho dos pães no *buffet* e saiu sem pressa.

– Quando o vosso pai ainda era vivo, ao domingo tomávamos o pequeno-almoço ainda antes das oito para chegarmos a tempo à missa com toda a família – fez notar Alicia, olhando em volta da mesa. – Infelizmente, esses bons hábitos estão entretanto fora de moda. Hoje em dia, os jovens passam o santo domingo no quarto e aparecem para tomar o pequeno-almoço quando já é quase meio-dia.

Marie teve de conter um sorriso, Paul e Lisa trocaram olhares, apenas Sebastian decidiu por fim abrir a boca.

– Também o lamento muito, cara Alicia. Uma rotina diária regular, mesmo ao fim de semana, é muito importante para uma família. Sobretudo as crianças precisam de horas estabelecidas e...

Sebastian calou-se, pois lá em baixo, no vestíbulo, ouviram-se ruídos e vozes animadas. Logo depois, Julius assomou à porta e anunciou que as senhoras Bräuer haviam chegado e também as crianças.

– Henny, não empurres! – ouviu-se Dodo a resmungar.

– Eu cheguei primeiro às escadas!

As vozes e o bater de pés aproximaram-se a toda a velocidade.

– Henny, esqueceste-te das tuas asinhas! – gritou Kitty.

– Tia Kitty, ela amassou-me a partitura!

– Silêncio! – bradou Gertrude. – Quem gritar vai para a cave ter com os ratinhos e as ratazanas!

– E quem acreditar é santinho! – disse Henny com desprezo.

A porta abriu-se de par em par e a vaga rebentou sobre quem estava sentado à mesa a tomar o pequeno-almoço. Primeiro Henny, que se atirou aos braços de Alicia, depois Dodo, que correu para Lisa, Leo hesitou entre a mãe e o pai, mas acabou por optar por Paul. Assim, Kitty teve a possibilidade de cair em cima de Marie.

– Oh, Marie, Marie do meu coração! Que bom ver-te outra vez juntinha com o Paulinho. Não, mas que noite a de ontem. Estava lá a cidade inteira. Vai estar amanhã nos jornais todos. Até de Nuremberga e Bamberg. E em todo o caso de Munique. A Luise Hofgartner é a descoberta do ano. Não é maravilhoso? Oh, estou tão feliz... Bom dia, mamã. Dormiste bem? Pareces-me muito cansada, mamãzinha.

Alicia fora tomada por inteiro por Henny, que lhe contava o seu grande espetáculo na escola.

– Eu era um anjo. E a Marie fez-me duas asas, de cartão e penas de ganso verdadeiras. Depois danço para ti, avozinha, sim? Se dançar bem, tenho direito a uma recompensa?

Humbert e Julius puseram a mesa para mais cinco, endireitaram-se cadeiras, trouxeram-se pãozinhos frescos, leite e chocolate para as crianças.

– Ela participa na dança de roda da ópera *Hänsel e Gretel* – informou Leo. – Do homem com o nome esquisito. O Humperdinck. E eu tenho de a acompanhar. Infelizmente, papá. Porque ela me está sempre a chatear. Só o faço pela avó.

– É muito decente da tua parte.

De repente, quebrou-se a frieza do ambiente, uma algazarra alegre espalhou-se pela sala, mãos de crianças entornavam copos de leite, cortavam pãozinhos de qualquer maneira, faziam migalhas, nódoas, agarravam na compota com as mãos.

– Henny, cuidado com o vestido! – avisou Kitty.

– Avó, um dia quero ser primula. Uma primula bailarina... O quê? Sim, primeira bailarina.

Leo perguntou se podia dar aulas de piano a Liesl. Kitty contou que a senhora Wiesler achara o discurso de Paul «inesquecível», que ficara profundamente comovida e que mal conseguira dizer palavra o resto da noite.

– Isso já me parece um exagero – disse Lisa.

Sebastian declarou que os quadros de Luise Hofgartner não eram, de facto, para pessoas débeis, era preciso uma certa maturidade e firmeza moral para sentir o seu efeito da forma correta.

Marie ia ouvindo e olhando sempre para Paul, que agora conversava com Leo sobre um concurso de música para crianças. Estava tão entusiasmado. Oh, era tão bom ver como ele entretanto valorizava o grande talento do filho e até o promovia.

– Um planador? – perguntava agora Lisa. – Estás a construir um planador?

– Estou, sim senhora – disse Dodo com orgulho. – É muito fácil. Duas asas, uma fuselagem e o leme de profundidade na cauda. Recortei as peças em cartão. O papá trouxe-mo da fábrica.

Sebastian perguntou se ela teria usado um esquema de construção e Dodo contou orgulhosamente que vira todas as peças num livro e que depois as

passara para um papel.

– Tudo sozinha?

– O papá ajudou. A mamã também. Porque sabe desenhar moldes. Mas eu recortei tudo sozinha.

Ela tinha o grande plano de levar o avião para a eira de secar a roupa da Vila dos Tecidos, para aí o montar e pôr a voar no jardim.

– Mas tem de estar alguém lá dentro – disse Leo, pensativamente. – Para pilotar.

– Pomos a boneca grande lá dentro, aquela que recebi no Natal.

Marie ficou pouco empolgada com aquele plano audaz. Naquele momento, Alicia estaria pouco disposta a aceitar piadas daquele tipo.

– A boneca bonita? – exclamou Henny, horrorizada. – Estás doida?

– Ou então sentas-te tu lá dentro, Henny!

Henny encostou o dedo indicador direito contra a têmpora, o que significava que não estava de acordo com a sugestão de Dodo.

– Ah, as crianças – suspirou Alicia, alisando o vestido que padecera sob o ataque de Henny. – É realmente uma vida muito diferente quando a Vila dos Tecidos está assim cheia de gente. Não disseste que também querias voltar para cá com a Henny, querida Kitty?

Kitty atirara-se aos pãezinhos ainda quentes do forno e ao presunto fumado fresco. Mastigava pressurosamente, fazia com as duas mãos gestos para dizer que estava quase e estendeu a mão para agarrar a chávena de café.

– Faço tenções disso, mamã. Desde logo porque a Henny gosta tanto de estar com o Leo e a Dodo. E porque quero estar perto da Marie do meu coração.

Riu-se e envolveu ternamente Marie com um braço, ao que agora também Alicia dirigiu um sorriso à sua nora.

– Fico contente por os teus caminhos te terem trazido de novo para nós, Marie! – disse cautelosamente. – Foram tempos difíceis para todos nós. E desejo do coração que tenhamos agora um futuro melhor pela frente.

– Teremos de certeza – observou Paul, contente, com um rasgado sorriso jovial. – A partir de agora, somos todos uma grande família feliz.

Humbert entrou e sussurrou algumas palavras ao ouvido de Lisa.

– A cria esfomeada – suspirou. – Deem-me licença.

Dirigiu-se depois a Kitty, que estava naquele momento a atar as asas de anjo à volta da filha.

– Uma visita para si, senhora Bräuer. Devo acompanhá-lo até cá acima?

Kitty largou o atilho, a segunda asa ficou torta e pendurada nas costas de Henny.

– De modo nenhum, Humbert. Eu desço. Desculpem-me, por favor.

Estava subitamente cheia de pressa, beijou Marie na face, acenou na direção da mãe, deu uma pancadinha no ombro de Paul. E saiu de pé ligeiro.

– Quem é que chegou, Humbert?

– Um antigo empregado, minha senhora. O senhor Robert Scherer.

– Ah! – disse a mamã, espantada.

Paul e Marie levantaram-se ao mesmo tempo e pediram licença. Foram até à biblioteca, abriram as portas de batente pintadas de branco e passaram à varanda.

– Ontem falei rapidamente com ele – disse Paul. – Está muito mudado. Um *self-made man*, como se costuma dizer. A título pessoal, no entanto, já não teve tanta sorte.

Pousou o braço sobre o ombro de Marie e puxou-a para mais perto de si, enquanto olhavam, sobre a balaustrada, lá para baixo para o pátio. Estava ali um automóvel vermelho de capota aberta e bancos de pele pretos. Robert pegou na mão de Kitty enquanto ela subia graciosamente para o banco do passageiro. Lá de cima não se conseguia discernir o seu rosto, mas a forma como se movia indicava claramente que aquela viagem havia sido combinada.

– Já na altura ele gostava dela – disse Marie baixinho. Paul beijou-lhe a nuca e não o incomodou o facto de agora, atrás deles, também Sebastian e Alicia terem entrado na varanda.

– A Kitty é sempre uma caixa de surpresas – disse ele.

– Desejamos-lhe felicidade. Já a merece.

Grupo  Planeta

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL

Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º

1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2016, Blanvalet Verlag, uma divisão de Penguin Random House
Verlagsgruppe GmbH, Munique, Alemanha

Direitos negociados através de Ute Körner Literary Agent

© 2023, Planeta de Livros Portugal

Título original: *Das Erbe der Tuchvilla*

Adaptação da capa original de Blanvalet: Penguin Random House Grupo
Editorial

Imagem da capa: Yolande de Kort/Trevillion e Richard Jenkins

Edição em epub: Agosto de 2023

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-769-1 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

 www.planetadelivros.pt

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)

 [planetaportugal](#)

 [planetadelivros_pt](#)



Titãs da História

Montefiore, Simon Sebag

9789897777721

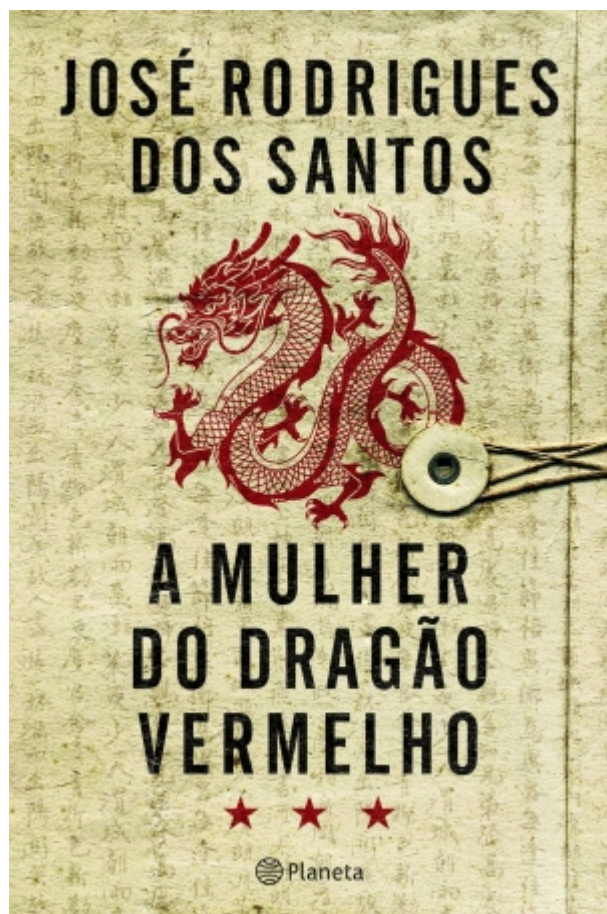
552 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mais de 170 pequenas biografias dos heróis e vilões que fizeram a história do nosso mundo, pela mão do prestigiado autor, Simon Sebag Montefiore. Rainhas, imperatrizes e atrizes, reis, sultões e conquistadores, profetas, artistas, cortesãs, psicopatas e exploradores. As suas vidas fizeram-se de dramas surpreendentes, de coragem e aventura, de libertinagem e matança, de virtude e

crime, de heroísmo e traição. Atravessando mais de três mil anos de história, esta obra começa com Ramsés II, um dos maiores imperadores do Egito, e chega até aos nossos dias, com vilões como Saddam Hussein e Osama Bin Laden. Pelo meio, Sebag Montefiore convida-nos a descobrir mais, sobre personalidades extraordinárias e intrigantes como Buda, Genghis Khan, Nero, Winston Churchill; Catarina, a Grande, Anne Frank, Martin Luther King; Mozart, Mao, Jesus Cristo, Shakespeare, Einstein, Elvis Presley, entre tantos outros. Através das suas extraordinárias vidas, o premiado historiador reconta os eventos mundiais mais importantes, desde os tempos antigos até às Cruzadas, passando pelo Holocausto e pela Guerra do Golfo.

[Compre agora e leia](#)



A Mulher do Dragão Vermelho

Rodrigues dos Santos, José

9789897776441

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

Madina nascera no Turquestão Ocidental, estudara chinês, lera Marx, Engels e o Manifesto Comunista, pertencia ao Partido Comunista Chinês e exaltava, sempre com entusiasmo, o grande líder, no entanto não sabe ao certo porque está presa e todas as noites confessa crimes que não cometeu. Tomás de Noronha recebe uma mensagem da mulher a pedir ajuda: acabara de ser raptada

juntamente com uma mulher misteriosa de lenço preto na cabeça que se autointitula Dragão Vermelho. O historiador rumo à Índia decidido a resgatar a sua Maria Flor e percebe que esta foi apanhada numa história demasiado perigosa. Graças a Charlie Chang, um operacional da CIA, destacado para encontrar o Dragão Vermelho, Tomás de Noronha é confrontado com uma realidade que não sabia existir. Descobre a ambiciosa e perigosa estratégia da Nova Rota da Seda, os mecanismos de vigilância e repressão que existem no país e a máxima do Partido: «wai yuan nei fang», ou seja, dissimulação. José Rodrigues dos Santos, o autor mais lido em Portugal, traz-nos um romance atual, empolgante e com um ritmo frenético que nos alerta para os perigos e contradições do mundo onde vivemos.

[Compre agora e leia](#)



As Filhas da Vila dos Tecidos

Jacobs, Anne

9789897776540

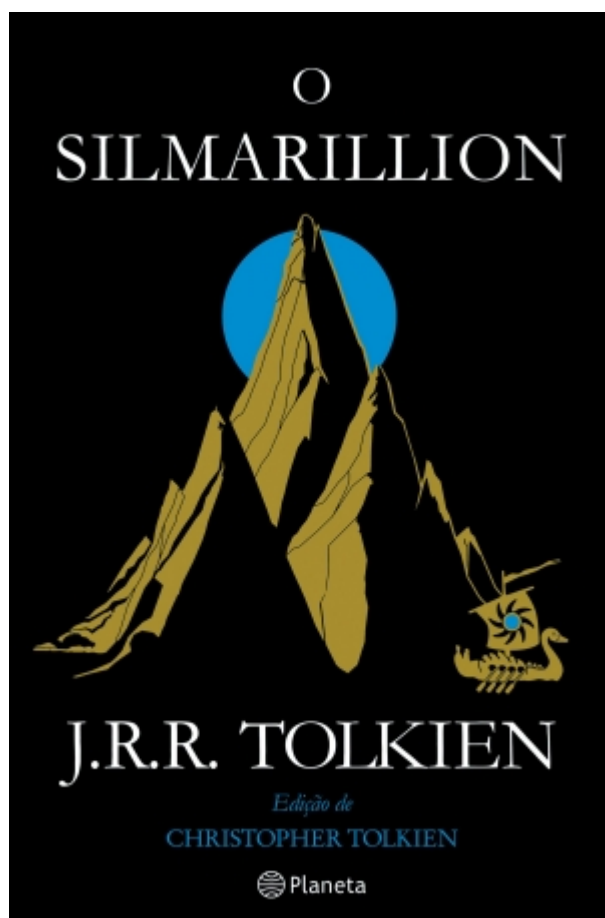
600 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma família poderosa Uma guerra terrível Uma mansão que esconde mais de um segredo... O destino de uma família em tempos conturbados e um amor que tudo supera. Augsburg, 1916. A mansão da família Melzer transforma-se, por necessidade, num hospital militar. As filhas da casa, ajudadas pelos empregados, tornam-se enfermeiras e tratam, cuidam e ouvem os feridos em

combate. Enquanto isso, Marie, a jovem esposa de Paul Melzer, assume a direção da fábrica de tecidos na ausência do marido. No entanto, chegam notícias terríveis: o seu cunhado morreu na frente de batalha e o seu marido é feito prisioneiro de guerra. Marie recusa-se a ser derrotada pelas circunstâncias e luta com todas as suas forças para preservar a herança da família. Mas, enquanto ela não perde a esperança de voltar a ver Paul vivo e dá tudo o que tem para manter a fábrica a funcionar, o elegante Ernst von Klippstein aparece à porta da mansão, determinado a não perder de vista a jovem e bela mulher que assegura, com as suas próprias mãos, o destino da família Melzer. Depois de o sucesso de A Vila dos Tecidos chega a segunda parte desta apaixonante saga familiar que já conquistou mais de dois milhões e meio de leitores.

[Compre agora e leia](#)



Silmarillion

Tolkien, J. R. R.

9789897777059

456 páginas

[Compre agora e leia](#)

As Silmarilli eram três joias perfeitas criadas por Fëanor, o mais talentoso dos Elfos Superiores. Quando o primeiro Senhor das Trevas, Morgoth, rouba as joias e as coloca numa coroa de ferro na impenetrável fortaleza de Angband, Fëanor e os seus familiares pegam em armas contra os deuses e travam uma longa e terrível guerra para recuperá-las. Esta é a história do heroísmo de Elfos e

Homens na Primeira Era da Terra-média, a fundação do mundo e dos seus povos, antes dos grandes eventos revelados em O Hobbit e O Senhor dos Anéis.

[Compre agora e leia](#)



Torna-te o amor da tua vida

Gentil Martins, Joana

9789897776717

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, a psicóloga clínica Joana Gentil Martins apresenta tudo o que precisamos para desenvolvermos a nossa autoestima e começarmos a viver uma vida mais feliz. Enfrentando os nossos medos e passando a ser mais confiantes, a ter uma melhor relação connosco próprios, com o nosso corpo, e a desenvolver mais amor por nós mesmos. Com dezenas de técnicas e exercícios usados em

consulta, a autora ajuda-nos a descobrir todas as componentes da autoestima, desde o autoconceito, ao autocuidado, autoimagem e autocompaixão, e a identificar os sabotadores e como os enfrentar. Assim, aprenderemos a diminuir a autocrítica e a dizer que não e a colocar limites, a combater a procrastinação e ainda a saber lidar com as comparações. Inclui mais de 50 exercícios práticos, vídeos explicativos de técnicas e estratégias essenciais, frases inspiradoras e motivacionais e informação fidedigna e útil baseada em estudos científicos atualizados.

[Compre agora e leia](#)